
DINASTIA BASH | 01
AUGUSTA
um romance escrito por
THEODOSIA

DINASTIA BASH | 01

AUGUSTA

um romance escrito por

THEODOSIA

COPYRIGHT © 2024 THEODOSIA
Todos os direitos estão reservados
1ª Edição

Está proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios eletrônicos, mecânicos, fotocópias, gravações sem o devido consentimento. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal. Esta obra literária é uma ficção. Qualquer nome, lugar, personagens e situações são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa: Gialui Design
Diagramação: Isadora Lacerda e Theodosia
Revisão: Evelyn Fernandes e Sophia Ferreira
Ilustracao: @umianny
Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



NOTAS

Eu nunca achei que chegaria até aqui. Eu nunca achei que poderia publicar algo que eu tinha escrito. Eu nunca achei que alguém gostaria e se apaixonaria pelas coisas que eu escreveria.

Eu nunca achei que escreveria uma nota de autora e pudesse dizer o quão feliz e grata estou por finalmente estar realizando um sonho.

São muitos eu nunca, e várias evidências contestando cada palavra escrita.

Eu gostaria de contar uma história: Era uma vez uma garotinha com depressão que usou pela primeira vez a escrita para se aliviar. Foi a melhor escolha da vida dela, porque os livros a salvaram da morte, logo nos primeiros dias que ela pensava em se cortar.

Todo mundo tem uma história por trás dos livros, e essa é a minha, elas me salvaram da morte, elas me salvaram de mim mesma, e naquela época, da minha própria família.

Então publicar esse livro é muito mais do que expor meus sentimentos e uma parte de mim que por tanto tempo foi guardada, é sobre a garotinha que não sabia de nada da vida e que encontrou nos livros refúgio, amor, amizade e elementos suficientes para sobreviver a vida cruel que tinha sido expostas cedo demais.

Augusta não é minha primeira mocinha a ganhar vida, mas é a primeira a ser vista por outras pessoas. E sinceramente? Eu precisava muito dela, precisava que ela me ensinasse sobre medo e coragem, sobre ser uma mulher forte e que corre atrás dos seus sonhos. Eu precisava principalmente que Dominic me ensinasse que apesar de toda tragédia, sempre tinha um caminho melhor a tomar, porque você não precisa ser uma pessoa amarga pelo pior que tivesse acontecido a você.Então bem, esses são eles, uma bagunça, um acerto, um suspiro e uma lágrima.

Espero que eles conquistem o coração de vocês como tem feito com o meu há meses. E bem, estou pronta para compartilhá-los.

A obra contem linguagem imprópria, abuso de poder, sexo, bebidas alcoólicas, gatilho para abordo, luto e agressão física.

O livro é indicado para leitores acima dos 18 anos.

Boa leitura, nos vemos em breve.

XOXO,
Theo

Ao meu pai, por achar que o único jeito de resolver problemas é gritando conosco. Pai, você pode ter razão nas coisas que o senhor diz, mas quando nos agride verbalmente, todas as suas falas se tornam erradas, e palavras uma vez ditas, não tem como ser engoli-las pelas boca.

E esse foi o nosso erro, achar que algum de nós iria quebrar. Porque já estávamos despedaçados, e não se quebra algo que já está em estilhaços.

HIERARQUIA DA AAB

ASSOCIAÇÃO ARISTOCRÁTICA DA CIDADE DE BASH

Assembleia: Reunião de pessoas que têm algum interesse comum, com a finalidade de discutir e deliberar sobre temas determinados.

Pacto Nupcial: Contrato regido pelos fundadores para os noivos com o propósito de estabelecer o regime que entrará em vigor após o casamento entre ambos.

Famílias Fundadoras: São quatro no total. A primeira geração de Bash fundou a cidade anos atrás e criou o pacto nupcial entre eles. É a família com o maior poder aquisitivo e é responsável pela decisão final e desempate na Assembleia. São considerados a família real devido à herança sanguínea.

Apoiadores: São cinco homens eleitos pela Assembleia que oferecem ajuda e dicas estratégicas para que um projeto dentro da AAB seja bem realizado e concluído. Servem como apoio e, às vezes, quando há dúvidas em algum projeto, tem o poder de definir o que é melhor para o Império — isso se aplica somente dentro da AAB — cada um tem o poder X5 — cinco vezes maior — em Assembleias e reuniões.

Cheffts: Há um Chefft em cada organização empresarial, eles são representantes de seu império. Ex: O dono da empresa X responsável por Y produção é um Chefft, pois sua produção tem alta relevância no modo como a economia de Bash gira. Para se tornar um Chefft, a sua empresa tem que atingir um número específico na tabela de lucros e produção. Cada Chefft foi convidado para fazer parte da AAB e tem o poder X2 em Assembleias e reuniões.

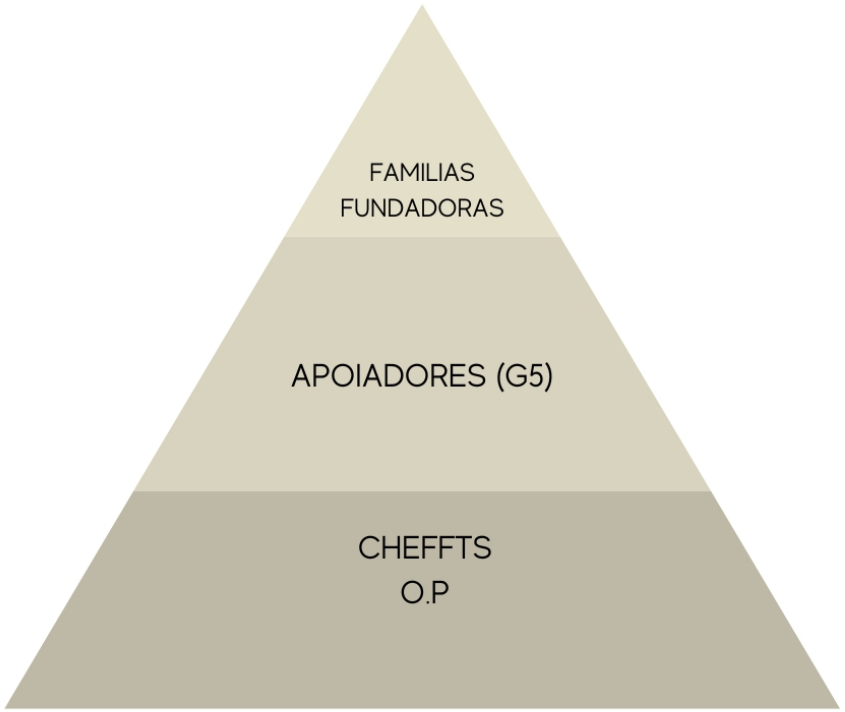
O.P: São os órgãos públicos, militares, prefeitos ou qualquer entidade estatal presente na cidade, tem poder X3 sobre votos em

Assembleias e reuniões.

Pilar: Dentro de cada pilar há uma dinâmica de controle, e os cidadãos estão incluídos em cada Pilar, que é dividido pelas áreas da cidade. Os pilares são controlados por executivos.

Executivos: São responsáveis pelo direcionamento da organização, diante de cada tomada de decisão são eles que estão atrelados a gestão dos polos. Eles não têm poder de decisão na Mesa, mas podem presenciar se forem convidados e opinar em direcionamentos que envolvem seus setores.

A Mesa: É o jeito figurativo dos personagens retratarem as reuniões e assembleias realizadas na cidade.


FAMILIAS
FUNDADORAS
APOIADORES (G5)
CHEFFTS
O.P

PRÓLOGO

Cruel.

Tão cruel e linda.

Gostaria de saber se o seu gosto ainda tem o mesmo sabor de traições e mentiras.



A MELHOR MENTIRA

AUGUSTA VENDETTA

— Podíamos tentar ouvir a conversa deles. — A sugestão de Polly me pegou desprevenida. Soltei uma risada sincera, bebericando o delicioso coquetel *Salvatore's Legacy*.

— Sabe quantas vezes isso deu certo para mim? — Cerrei os olhos, dobrando o pescoço para direita. — Nenhuma.

Estávamos como dois postes, paradas na parte mais alta do Salão Dourado, recebendo olhares curiosos, e observando a valsa sincronizada das debutantes no meio do salão, que seguiam perfeitamente como tínhamos planejado o verão todo.

Era o primeiro do ano, o *baile* de iniciação. Uma data importante para nós, já que era como um marco de que finalmente o ano havia começado na alta sociedade de Bash. Quase todos tinham um sobrenome importante, contas abundantes, um nome influente ou *apenas* um rosto bonito e estavam ali garantindo mais um ano na lista de convidados da casa.

— Mas eu preciso saber se é verdade, não posso me casar *assim*.

Beberiquei mais alguns goles do líquido vermelho, totalmente satisfeita com a apresentação na nossa frente. Todos no salão tinham parado

para olhar a valsa e o meu ego foi amaciado quando a primeira dama da cidade me saudou de longe, parabenizando-me.

A Primeira-dama tinha me deixado responsável pelo QueenKey esse ano, como presente e como uma representação singela das suas *lamentações* a mim. Todos ali no meio tinham sempre um jeito de me agradar nos últimos meses.

— Você não vai se casar, não faz sentido — pensei. — E o seu pai não é do tipo que arruma casamentos para o seu *bebê* — zombei e Polly revirou os olhos um pouco irritada. Seu temperamento afetando drasticamente o seu humor desde que ouviu uma conversa de seu pai dizendo que haveria um casamento em breve.

— Ele disse quem? — continuei.

— Não consegui ouvir mais, mas disseram algo sobre a reunião de hoje ser importante e que a fariam aqui. — Ela me olhou e senti meu peito apertar. Eu sabia o que estava pensando, e sabia como isso mexia com ela. — *Eu não posso*.

E eu sabia o porquê.

— Acha que é alguém que conhecemos? — perguntei em um murmúrio, tentando desviar seus pensamentos do amor que a deixou.

— Eu não sei, papai odeia quase todos os caras. Eu não faço ideia de quem ele pode achar *digno* de mim. — Ela comprimiu a boca em uma risada sem graça.

O pai de Apolline era muito protetor em relação à filha, e eu também estava surpresa por ele colocá-la em um *negócio*. Esse acontecimento era, no mínimo, interessante.

— Talvez a sorte esteja ao nosso lado dessa vez, e sejam apenas terceiros e quartos planos para um futuro distante — falei, também curiosa para descobrir que *negócio* era esse que o tio Carl havia feito com a sua filha. — E os nossos pais sabem as filhas que têm — Polly deu uma risadinha, mas imaginei como ela queria acreditar que seu pai não faria algo que a machucasse assim.

— Eu tenho certeza de que eles sabem disso!

Saboreei o líquido na língua, travando uma batalha interna. As possibilidades ruminando minha decisão. Ouvir conversas que não devia, tinham me arruinado uma vez.

Observei as onze debutantes ensaiarem para sair em fila, cada uma com o seu par, quando a música chegou ao fim. Sorri quando elas passaram

por mim dando *tchauzinhos* depois dos aplausos. Uma música instrumental voltou a se mesclar com as conversas paralelas que aumentaram o tom.

— Então? — Polly insistiu. — Se você não for comigo, eu vou sozinha.

— Está querendo me chantagear, *senhorita* Polly Pocket? — zombei, usando seu apelido de Ensino Médio.

— Jamais faria isso, *senhora* — seu sorriso cínico me fez revirar os olhos e prestar atenção no movimento à nossa volta. A agitação do local estava de volta assim que o meio foi liberado.

Procurei pelo Salão Dourado rostos conhecidos, todos ali pareciam leões famintos prontos para devorarem qualquer deslize.

— Temos quantos minutos? — perguntei baixo, cedendo sem muito esforço à curiosidade de saber o que se falava nessa reunião.

— Três — Polly confirmou com os dedos animada e esboçou um sorriso felino, que me fez lembrar da nossa época no instituto. Dobrei o pescoço pensativa.

Eu tinha três minutos para atravessar um salão lotado de pessoas. Uma missão quase impossível, uma vez que eu seria parada a cada segundo.

— Já estão todos lá? — perguntei apreensiva, não seria fácil *olhá-lo* mais uma vez.

Polly dobrou a cabeça indicando o homem alto e já velho que atravessava de longe o salão, com seu falso fiel escudeiro que o seguia por todo lado.

Balancei a cabeça novamente. Faltava Frederico Clifford, a pessoa mais importante da mesa.

Cerrei os olhos, abrindo um sorriso de lado.

— Vamos fazer isso.

A noite estava longe de acabar, embora tivéssemos chegado no salão bem mais cedo que os convidados para a organização das debutantes para o comitê de honra da noite.

— Quer ver quem chega primeiro ao outro lado? — desafiou, animada.

— Você vai escapar pelos fundos — acusei.

— Enquanto você vai passar no meio de todas as pessoas, cada um com suas escolhas.

— Quem não é visto não é lembrado — zombei, como se a *cara* de Apolline não estivesse estampada em quase todas as revistas de moda atual.

— Hoje, eu passo — afirmou, ansiosa.

— Vamos lá! — Acenei com a cabeça, seguindo sozinha à frente com passos precisos. Apolline desapareceu atrás de mim.

As pessoas se dispersando a cada passo que eu dava em direção ao outro lado do salão não me incomodava. Os murmúrios sendo escutados, mesmo com o acústico clássico de um piano no fundo, e os olhares cada dia mais espertos em direção às minhas ações também não, essas tinham sido reações automáticas há quatro longos meses.

Mantive os passos decididos enquanto atravessava. Adorava isso. Adorava poder ser uma mulher de destaque em uma sociedade que não aceitava ninguém que não tivesse um sobrenome relevante marcado pelo sexo masculino. O poder me excitava, e eu ficava extremamente satisfeita por seus olhares desviarem e acenares fracos de cabeça serem direcionados a mim.

Três pessoas vieram em minha direção antes que eu virasse o rosto e continuasse com o caminhar firme para a entrada. Sem nenhuma interrupção. Tudo estava nos detalhes.

Cheguei ao corredor largo e decorado onde Polly já estava me esperando.

— Você demorou — repreendeu, cruzando os braços.

— Você pegou um atalho — ralhei, abrindo uma das portas que sabia que estavam vazias. — Vem.

— Como vamos escutar uma reunião em outro cômodo? — sussurrou quando entramos, e tranquei a porta.

O cômodo era uma sala simples com um sofá duplo, uma estante cheia de livros e documentos, um guarda-roupa de madeira que ocupava uma parede toda e uma mesa marrom que também ocupava uma boa parte do espaço. Eu a usava quando precisava guardar algo ou ter um momento particular com um cliente.

— Eles estão em cima. — Levantou a mão como se não fosse óbvio onde se reuniam. A sala do anfitrião era a única que estava no andar de cima. — E nós estamos embaixo, como vamos fazer isso? Achei que você ia nos levar para cima e nos enfiar em um buraco escondido. Foi por isso que te convidei, você conhece o salão melhor que todos! — se indignou e eu ri do seu *estresse* sem motivo.

— Não confia em mim? — debochei, divertida. Fazia algum tempo que não abria a passagem.

— Difícil, pois nesse momento há uma placa em minha cabeça me dizendo que não vou saber quem será o *infeliz* a compartilhar um sobrenome comigo.

Ignorei seu comentário e abri a porta do guarda-roupa que dava em um banheiro pequeno. Esse era um dos cômodos mais antigos do salão, e um dos poucos que não passam por frequentes reformas.

— O que vamos fazer no banheiro? — Polly alfinetou com os olhos atentos atrás de mim, e antes de me encaminhar até o piso que levava ao banheiro, parei no curto espaço dentro do guarda-roupa, onde havia dois grandes espelhos ladeando-o.

Puxei a moldura bege do meu lado direito, abrindo um caminho estreito para uma escada ingrime.

Sorri para um rosto horrorizado de Apolline que enfiou a cabeça no meu pescoço para ver a passagem à minha frente.

— Você tá de *sacanagem* que nunca me contou isso? — gargalhei alto do seu linguajar.

— Segredos reais — justifiquei rindo, mas Apolline não perdeu tempo e se enfiou na minha frente com seu corpo magro e subiu as escadas de ferro, rapidamente sumindo no escuro.

Procurei o meu celular no bolso oculto do vestido e liguei a lanterna, fechando a porta em moldura atrás de mim e fiz os mesmo passos de Apolline, só que mais devagar. Ninguém merecia escadas, ainda mais tão estreitas que faziam meu corpo se sentir apertado demais.

Subi os degraus curtos em caracol, com meu vestido roçando na barra de ferro. Isso com certeza parecia mais divertido aos dezoito anos de idade.

— Por que não estou surpresa por *sua* sala ter um acesso direto ao cômodo Clifford? — Polly sussurrou perplexa quando cheguei ao piso liso de mais um corredor comprimido. Ela já estava no final dele, cerrando os olhos e tentando enxergar pelos buraquinhos que filtravam a luz presente no cômodo seguinte.

Cheguei mais perto, visualizando a mesa retangular com todos os assentos ocupados, inclusive a cabeceira. Tinha se passado mais de três minutos.

— Estamos atrasadas. — Comprimi os olhos, identificando todos na mesa, pareciam ter iniciado naquele momento, mas seus murmúrios

eram baixos e não dava para escutar perfeitamente o que conversavam. Bufei, frustrada.

O lugar que estávamos dava para uma das entradas de ar falsas, que ficava atrás de uma das estantes de parede do lado de dentro. Para passarmos para o outro lado, bastava rodar a alavanca localizada no lado direito, logo abaixo de nós em algum lugar por ali.

Do lado de dentro, não dava para ver se tinha alguém os observando, embora fosse provável que ninguém soubesse dessa passagem, a não ser os próprios anfitriões da casa. O anfitrião estava de costas para nós naquele momento e ninguém iria imaginar que naquela noite havia duas pessoas curiosas atrás da porta.

Eu não me sentia mal em nenhum sentido por estar tentando ouvir ou ver uma reunião que era para ser secreta. Na verdade, eu me sentia um pouco eufórica com tudo isso, me fazia lembrar quando era mais nova e me esgueirava para debaixo da mesa do meu pai para ouvir suas conversas, porque aquilo era muito mais divertido do que fazer roupinhas para minhas bonecas ou brincar com minhas irmãs.

— Mas não o suficiente. O que não muda muita coisa, já que não conseguimos ouvir nada — Apolline respondeu depois de um tempo em silêncio, externando meus próprios pensamentos. Seu olhar encontrou com o meu, dividindo a atenção entre nossa conversa baixa e os movimentos atrás da falsa parede. — Daqui a uns dias, os encontros da AAB não serão mais aqui.

— Você tem razão, a reforma da mansão Willians foi finalizada — pensei alto. — Mas por que você acha que mudariam de lugar?

— É território neutro, e provavelmente virão pessoas de outras zonas nos próximos dias, ouvi até que os casamentos agora seriam lá. — Fiz uma careta. Ritos e seus mandamentos antigos.

— Bem, tinha uma planta da mansão em cima da mesa do meu pai na semana passada com todos os detalhes da reforma. — Pisquei, tentando lembrar detalhes. — O papel estava cheio de assinaturas, acho que são de todos os machos alphas que compõem essa merda de sociedade.

— Faz sentido. — Ela fez uma careta também.

Alguns rapazes mais novos serviram bebidas em seus copos, enfeitando a mesa com comida farta e vinho caro. A reunião havia começado.

Meu pai estava fielmente ao lado do tio Carl, pai de Apolline, e vi alguns primos de longa data os cumprimentar com respeito. O prefeito da cidade também estava ali, como os *Cheffts* e as autoridades estaduais locais.

As poltronas eram marcadas e cada um tinha seu lugar.

Tínhamos na cabeceira o Senhor Clifford, um homem na casa dos 70, que não importava se estava prestando atenção ou não, se tinha ouvido ou não sobre alguma coisa, ele sempre tinha a palavra final quando tudo terminava.

Algumas reuniões, por exemplo, eram somente de *fachada*, pois quem eram seus seguidores de verdade sabiam como manipular o jogo, e o velho decidia se queria ser subornado ou não.

Ali, tudo era por interesse, ninguém fazia nada nesse mundo se não saísse ganhando. E ganhava quem tinha a melhor lábia, a *melhor mentira.*

Porém, ninguém estava realmente preocupado com Frederico Clifford, afinal, ele era velho e estava perto de deixar tudo aquilo para trás, mas sim com o seu neto, a quem ele entregaria seu legado: O príncipe da cidade. O anfitrião da noite.

Depois que seus pais morreram, seu avô o criou, trouxe-o para a cidade e o coroou como seu novo herdeiro. O que alimentou muito falatório na época, visto que quase toda sua família estava morta, e precisavam de vínculos para manter o poder.

O que vinha *a questão de milhões,* e era até ridículo pensar *nisso.* Ele não podia simplesmente pegar o que tinha por direito e começar a tomar decisões por conta própria. Não sem antes se casar e garantir uma boa aliança. *Tão antiquado e antigo.* Essa cidade tinha um jeito estranho de preservar tradições.

E é claro que também não só quem se unisse aos Clifford sairia ganhando, eles também precisavam de apoio, isso mostrava que uma mão lavava a outra.

Em resumo, você só se tornava rei depois que o acordo beneficiasse a todos na mesa. E isso, no momento, era completamente ridículo e frustrante, levando em conta que todos os Cheffts tinham filhas mulheres na idade de se casar — 19 anos completos. Eu, por exemplo, não duvidava que meu pai me usasse para subir no poder.

E realmente não ligaria de ser a rainha da cidade, se isso não significasse passar por cima de *mim*. Balancei a cabeça, bloqueando memórias que deveriam ficar no passado. Ser rainha não poderia estar nos

meus planos e sentia minhas entranhas se remexerem apenas pelas lembranças que *ele* me trazia.

Encarei o rosto de Polly, assimilando as palavras que ela ouviu de seu pai com a reunião que acontecia agitada na nossa frente. Sentia meu estômago pesar com o resultado dos meus pensamentos. A AAB procurava uma nova rainha, e se ela tinha ouvido que se casaria com alguém, provavelmente seria com o anfitrião.

Ela me encarou de volta, seus olhos negros e transparentes. Ela era tão linda, sempre amei o tom da sua pele negra e como deixava seu cabelo sempre puxado para trás, marcando todas as suas fortes feições.

Era até engraçado quando seu rosto se contorcia na tentativa de transparecer em seus olhos o que sua mente esperta trabalhava. Ela não precisava se esforçar, seus grandes olhos redondos refletiam seus sentimentos de forma genuína e seus esforços transformavam seu rosto em uma careta engraçada.

— Eu não vou me casar com *ele* — ela disse desesperada, falando do príncipe. — Não tem como, você sabe. Isso seria ridículo. Pelo amor de Deus, Augusta!

Balancei a cabeça, dispersando pensamentos negativos. Negócios. Eu sempre soube que isso poderia acontecer, e fazia sentido. *Eu o deixei*. E Apolline tinha ouvido sobre um casamento e a mesa estava à procura de uma herdeira para uma aliança real.

Cerrei os olhos, voltando minha atenção para o móvel retangular totalmente ocupado.

— Merda, não consigo ouvir nada — reclamei frustrada, pois via que suas taças estavam esvaziando cada vez mais rápido, e uma euforia mexia com os homens no local.

Prestei atenção nos movimentos e em suas expressões, alguns não estavam nada felizes e batiam a mão na mesa, folheando páginas de um documento que estava no centro.

Frederico Clifford apenas observava calado, encarando várias vezes o seu neto, que mantinha uma posição firme e balançava a cabeça negativamente para a maioria das coisas que lhe eram apontadas.

— E eu achando que iria saber de tudo dessa vez — Polly zombou da nossa decepção. — Pelo menos agora sei que tem uma passagem secreta.

Continuei concentrada quando cada um dos Cheffts levantava da cadeira e falava algo incompreensível, inclusive o meu pai, que tinha um

sorriso satisfeito quando provavelmente levantou pontos importantes da empresa. Franzi o cenho quando o único homem que não havia se levantado era o pai de Polly.

O tilintar fraco anunciou que algo tinha sido decidido.

Vimos todos se levantarem e uma pasta amarela com um W na capa foi posta na frente do *meu* pai. Senti meu coração acelerar com os movimentos a seguir.

Realmente iria haver um casamento.

E papai estava com a mão no ombro do senhor Clifford e dando sorrisinhos falsos para os Cheffts à mesa.

A mentira dele tinha convencido o rei, e eu sabia que, de alguma forma, eu estava envolvida nela.

— Merda!

Alguém realmente iria se casar, e esse alguém não era Apolline.



SUA RAINHA

AUGUSTA VENDETTA

Eu não era covarde.

Na verdade, encarava as coisas ao meu redor muito bem, obrigada. Sempre tinha boas resoluções para os problemas à espreita, e tentava *sempre* ter um bom plano de ação para imprevistos e falhas. Pelo menos era o que achava que tinha feito nos últimos meses.

Mas isso não pareceu ser verdade quando minha voz se exaltou em surpresa e eu *soube* que tinha chegado ao outro lado de alguma forma.

Porque o anfitrião virou o pescoço e olhou diretamente para onde estávamos. Diretamente para a parte da estante onde havia frestas de ar falsas. Minha respiração falhou e engoli em seco, arregalando os olhos.

— Merda, merda, merda — praguejei, completamente em desespero. Meu coração quase saiu pela boca.

Polly me olhou desconfiada

— Pare com isso, não é como se fosse a maior revelação do ano! — disse em um tom bravo, com os braços cruzados, e ficou bons segundos me encarando *surtar* internamente. — Ah, Santa Afrodite, não é como se isso nunca fosse acontecer! Pare com isso!

Então cerrou os olhos tentando enxergar mais alguma coisa através das frestas de luz e desistiu, voltando para o mesmo caminho onde tínhamos entrado.

— Como se não fosse claro quem seria a nova rainha de Bash! — Seu tom era bravo quando sumiu escada abaixo, me deixando sem a menor cerimônia.

Ainda estava travada no lugar quando voltei a olhar para os pequenos buracos, agora a sala se esvaziava rapidamente e podia ouvir os passos grosseiros descendo as escadas.

O anfitrião ainda olhava na direção do lugar escondido que eu estava, como se soubesse exatamente quem estava ali. Seu olhar era curioso. Como se estivesse intrigado com algo. Eu conhecia aquele olhar. O maldito rio de olhos pretos.

Dominic Clifford era o seu nome. Dominic Clifford era o príncipe da cidade, que logo viraria rei. Dominic Clifford era o dono das *minhas* primeiras vezes. Dominic Clifford era o homem que eu tinha quebrado o coração e que me odiava amargamente.

Refiz meus passos de volta ao cômodo no primeiro andar, aturdida.

Teria que conversar com o meu pai urgentemente, porque isso não estava *no combinado*. Me casar com Clifford não poderia estar nos nossos planos naquele momento. Não mesmo. O gosto amargo de traição me atingiu, me deixando com raiva e amargura. Isso não poderia estar acontecendo.

Não. Tinha que ser uma conversa muito mal interpretada. Porque nem sequer tínhamos ouvido, então supor um casamento só pela pasta dos fundadores ter sido lida e o meu pai estar ao lado do Senhor Clifford não dizia nada. Ele tinha que ter outros planos de interesse. Não um contrato nupcial. Essa reunião não poderia ser sobre isso. Eu disse a ele que não poderia me casar com o príncipe da cidade. Eu fui clara.

Então, não iria surtar com hipóteses.

Uma Polly impaciente digitava furiosamente no seu celular quando alcançamos o piso desenhado do térreo.

— Chuck me disse que o meu pai planeja mesmo um casamento para mim, mas ele não diz com *quem.* — Seu tom nervoso me fez arquear as sobrancelhas.

— Seu primo está te dando informações fáceis assim? — Destranquei a porta para voltarmos ao Salão Dourado que parecia tão

normal quanto antes. A conversa alta e a música instrumental invadiram meus tímpanos, me dando boas-vindas novamente.

— Não, ele só me disse que não aprovava essa ação, mas que não podia fazer nada — bufou frustrada, batendo o salto no chão sem dó, seguindo em frente pelo corredor largo de entrada.

— Não desconte sua raiva em um *Louboutin* — ralhei, olhando para os seus passos rápidos e impecáveis.

— Tenho primos imprestáveis!

Chuck e Chris eram seus primos de primeiro grau, que viviam no seu pé como dois irmãos mais velhos mandões. Talvez Apolline ser filha única levou os gêmeos Nkosi a adotarem como sua *bebê*, já que eles não saíam de sua casa.

— Não poderia concordar mais sobre isso. — Dobrei o pescoço, procurando meu pai pelo salão. — E vamos descobrir sobre o que te incomoda, não se preocupe. Amanhã tratarei disso.

— Tudo bem, senhora *C.E.O* — zombou amarga, mas sabia que ela só queria resolver o seu conflito.

E bem, eu sabia que não podia fazer nada para impedir qualquer coisa que fosse negociada com seu nome. Somente Polly poderia impedir sua própria sentença, porque, afinal, ainda tínhamos que dizer *sim*, por mais que fosse um contrato de negócios. Mas isso não impedia seu pai de coagi-la a dizer, e eu sabia que isso a incomodava.

Porque seu pai atingiria seu calcanhar sem piedade.

— As meninas estão no segundo piso nos esperando, temos que dar os parabéns pela bela apresentação.

Concordei com a cabeça seguindo seus passos, o salão parecia mais vazio do que quando saímos. Polly estancou no lugar após cruzarmos o arco do corredor.

— Maravilha! Eu estava mesmo querendo ver vocês — acusou, apontando o dedo de uma forma mal-educada e arregalei os olhos. Ela realmente estava *muito* brava com a ideia do casamento.

Semicerrei os olhos para onde ela apontava, vendo cinco malditas pessoas em um pequeno círculo. Cinco.

Engoli a respiração travando o maxilar.

Os gêmeos Nikosi estavam de braços cruzados quando Apolline, sem se preocupar com nada, atravessou as pessoas em sua frente para falar com eles, acusando-os de algo. Dobrei a atenção para Zaki, que se divertiu

com a reação dos primos. Cerrei o punho, caminhando com passos lentos e ignorando as duas outras pessoas que compunham o círculo.

— Olha, se não são as primeiras-damas da cidade — Zaki disse animado, bagunçando seus cabelos dourados.

— Eca, para isso teria que me casar com o senhor Wilson. — Torço o nariz em uma careta.

— Poderia se casar comigo, em alguns anos me elegeria prefeito e faria de você a primeira-dama mais *gata* da cidade — Chuck abriu um sorriso largo e malicioso, deixando sua prima bufando e furiosa. Provavelmente eles não tinham dado o que ela queria.

— Parece um cargo baixo — desdenhei e meu olhar se encontrou com o de Zaki, o qual tinha um sorriso travesso nos lábios. Como se soubesse todos os meus segredos. Enxerido.

— É uma pena que seu gêmeo tenha mais dignidade, Chuck — Apolline alfinetou e ele lhe deu uma olhada nada bonita. Ela levantou os braços. — Ainda bem que isso não é de família.

— Não posso ser julgado por crimes do passado! — defendeu-se e soltei uma risada.

— Ah, pode sim — falei e segui para o lado de Christoph, seu irmão. — Por que não dá o que sua prima pede? — impliquei e ele revirou os olhos.

Os gêmeos Nikosi tinham os traços fortes como sua prima Apolline, e a diferença entre os dois eram nítidas, pois tinham estilos e portes diferentes.

Chris fez academia militar com Zaki, já Chuck preferiu seguir fielmente os passos do pai na faculdade e na empresa. Apesar dos dois terem direitos iguais na empresa, seus destinos não tinham nada de iguais.

— Informações se conquistam, gatinha. — Chris pegou a minha mão e a beijou, como um cafajeste sedutor. — E sua amiga não fez por merecer.

— Vocês são impossíveis, mas eu arrancarei as informações do pior jeito.

— Tente. — Seus olhos brilharam, divertidos, como se me desafiasse. Senti minhas costas queimarem.

Eu tinha ido para o lado de Christoph propositalmente. Não queria encará-lo e procurar algo em seu rosto que não gostaria de encontrar. As últimas duas pessoas no círculo eram uma mulher e *ele*. Dominic.

— Polly Pocket — Zaki cantou o apelido de Apolline e a ouvi bufar. Ela odiava que uma brincadeira de quinta série tivesse se prolongado por tanto tempo. Gargalhei, tampando a boca com a mão. — Me diga qual roupa vamos trocar hoje…. Ou tirar.

Ele riu da própria piada e os meninos o acompanharam.

— Se arrependimento matasse, eu… — Polly ameaçou, recebendo olhares zangados dos seus primos. Acho que eles ainda não tinham superado esse fato do grupo.

— Não se atreva — Zaki bradou e quis rir do desespero fingido.

Zaki era lindo, alto, tinha olhos cor de mel, um porte atlético impecável devido aos anos na academia militar, e tenho certeza que Apolline não se arrependia de ter ficado com ele, porque ele também era bom de cama. Palavras dela.

— O que estão fazendo aqui? — perguntei, esperando que minha voz não saísse esganiçada. — Não deviam estar em alguma reunião ou algo do tipo?

Eu gostaria de saber o que tinham conversado, e não importava em deixar claro que sabia da reunião.

— Não éramos nós que devíamos perguntar como você sabe disso? — Zaki respondeu e depois brincou: — Por acaso, estava ouvindo a conversa alheia, linda?

— Eu deveria? — Dei-lhe um olhar divertido. Gostava de Zaki, apesar do seu atrevimento em querer meter o nariz em assuntos que não era chamado, ele era um bom amigo. — Talvez a noite dos meninos estivesse mais animada que a noite das garotas…

Ele abriu a boca em um “o” como se quisesse me dizer algo, e a curiosidade me invadiu. Ele não estava brincando. Soltou um sorriso largo:

— Você não faz ideia…

— Talvez eu queira saber…

Então, ele começou a dar passos com cautela em minha direção e estreitei meus olhos quando ficou muito perto.

— Não se atreva a me abraçar, Zaki. — Dei um passo para o lado e seu sorriso aumentou. — Nem pense nisso.

Riu de algo *atrás* de mim e levantou as mãos em rendição.

— Você tem sorte! — acusou.

— Eu tenho — confirmei sem culpa, com as costas ainda queimando.

— Querem sair depois daqui? — ofereceu. — Vamos apostar!

— Sim — comemorou Chuck, em um barulho estranho que me fez franzir o cenho. — Temos um novo lugar favorito!

— Um novo vício? — inquiri, tomando conta da sua vida.

— Eu tenho vários vícios, então não se torna verdadeiramente um perigo, já que minha atenção é dividida.

— Mas não deixa de ser um vício — Polly apontou sem paciência e arqueou as sobrancelhas para mim. Um sinal.

— Vocês são impossíveis — desdenhei, pronta para abandonar o grupo sem me importar em olhar para mais ninguém. Não era necessário.

Pronto. Agora iria atrás do meu pai e tiraria o peso hipotético da cabeça.

Dei passos seguros para sair da roda.

Não era impossível dar alguns passos, agarrar o braço de Polly e sair dali o mais rápido possível. De fato, não era. Só se tornou *difícil*, porque fui pega de surpresa quando meu olhar traidor quis ver o que queimava minhas costas *só por alguns segundos*.

A raiva crepitou em milésimos, fazendo-me travar o maxilar e o punho. Minhas unhas arranhando a minha palma. Cacete.

Eu odiava isso. Odiava que meu olhar tivesse ido diretamente para um par de mãos pálidas com unhas curtas e pintadas de azul-marinho. Mãos que estavam nele. Em seu peito. No maldito anfitrião que esboçava um sorriso perverso nos lábios como o inferno.

Merda.

Era inevitável.

Nossos olhos se encontraram, e eu vi seu rosto mudar quando os mesmos me acharam, seu maxilar travou e eu pude sentir o clima leve mudar consideravelmente.

Raiva. Sua cara entregava que a minha presença ali era a última que gostaria de ter, e diante a sua raiva aumentando, eu sentia o meu coração acelerando.

Seu escrutínio era pesado, nunca deixando nada passar. Eu sentia seu olhar me pinicando, me atravessando, queimando meu ser. Minha pele esquentava com o sangue correndo mais rápido que o normal. Ebulindo. Meu sangue fervia e eu mal lembrava da última vez que tinha respirado.

Seu olhar era quente, sempre era, e eu via a raiva transpassando por ele, lutando contra os seus sentimentos. Eu sabia o que havia ali dentro, do

mesmo jeito que ele sabia o que havia aqui.

Era sempre assim, esse desconcerto por apenas estar no mesmo ambiente, por isso eu evitava. Pelo menos quando eu não estava na minha zona de conforto.

Então, eu fazia o que sabia fazer de melhor, era uma filha da puta porque nesse ponto eu era covarde demais para encarar os fatos. Não tinha coragem.

Sentia olhos em mim. Esperando a minha reação. Meus olhos estavam no peito do anfitrião. Queimando as mãos femininas que o seguravam.

— Ouvindo conversas atrás da porta, *bruxa*? — Dominic Clifford disse de um jeito grosso, chamando minha atenção. E encarei seus olhos, depois que vi suas mãos passando *gentilmente* pelas mãos *dela*. Retirando-as.

A garota tinha cabelos castanhos, um rosto fino, olhos verdes e traços conhecidos pelo salão. Senti meu coração disparar.

— Não posso evitar — disse áspera, fazendo questão que meus lábios despejassem segundas intenções sob eles.

Ele apenas me encarou sem dar nenhuma resposta. Aposto que não queria travar uma batalha ali, eu também não queria. Porque era sempre assim quando nos encontrávamos, um transbordar de raiva e sentimentos mal resolvidos. Porque era isso que eu e o anfitrião éramos, uma sobra do passado incompleto.

Eu só queria sair dali e ir atrás de respostas. Porque se o que vi fosse verdade… Encarei Dominic, que falava baixo, algo que não consegui entender. Meu sangue ferveu.

— Qual o seu nome, garota? — perguntei irritada, eu não precisava saber, mas queria irritá-lo. Meus olhos estavam em Dominic.

— Augusta — Dominic me repreendeu, e olhei para sua mão agora na cintura dela. Engoli em seco. Observei a garota sem nome, esperando minha resposta. Ela me encarava em dúvida.

— Precisa de permissão? — disse furiosa.

Eu não tinha nada contra ela, nem a conhecia, queria ficar o mais longe possível deles. Mas aquilo me incomodava, e eu não ligava por minha boca estar cheia de veneno e más intenções. Não com ele. Não para ele.

— Talvez precise…

Dominic deu passos cautelosos para a frente e vi quando os outros garotos ficaram tensos. Engoli minhas palavras. Foquei nele, que agora estava à minha frente, e seu perfume me atingiu como álcool em uma ferida aberta.

— Para com isso — ele disse entredentes e as palavras escapuliram com ar.

— Cadê o respeito com a sua rainha? — Sua expressão mudou por segundos e eu não soube dizer se era raiva ou surpresa.

— Augusta — disse novamente e pude sentir seu corpo vibrando. De raiva. Ele me odiava. E eu amava isso.

Eu amava que ele me odiaria todas as vezes que olhasse para mim.

— Dominic — falei no mesmo tom. E senti meu corpo tremer quando chegou mais perto, ficando em alerta.

Senti meu sangue escorrer como lava, e observei o seu corpo. Encarei seu rosto, tão decorado por mim. Seu queixo estava tenso e seus olhos não desviaram dos meus. Me segurando. Observei sua boca, as pintinhas que estavam escondidas logo acima, seu nariz fino, suas sobrancelhas grossas e finalmente seus olhos de novo. Escuros e fatais.

Trinta centímetros entre nós. Era o nosso máximo. Nada além.

De repente, memórias antigas queriam vir à tona, e eu sabia que não conseguia controlá-las por muito tempo. Não com ele assim na minha frente. Era perigoso. Nós dois éramos perigosos. Cada pequeno espaço entre nós era um sinal vermelho de que tudo poderia ruir. De novo. Senti meu coração acelerar e meus olhos arderem.

Pisquei, colocando a língua no céu da boca. Era demais.

Dei passos para trás e fitei furiosa o grupo que eu estava deixando. Polly seguiu ao meu lado em silêncio

Eu poderia fugir dele por hoje, porque talvez essa noite esteja longe de acabar.



Meu pai me fez esperar severamente e eu o odiei por isso. Então, eu fui embora, porque estava me sentindo atacada e a minha mãe mandou melhorar a cara se quisesse continuar ali. E não tinha como melhorá-la. Assim, eu fui para casa dos meus pais.

Todas as possibilidades já haviam me assombrado enquanto fazia o caminho pelas ruas de Bash, e quando entrei no condomínio, mal dei tchau à Polly ao sair do carro e marchar rapidamente para casa, eu não tinha visto o tempo passar. Depois do clima estranho deixado no salão, ninguém falou nada, como sempre, ninguém se atrevia a comentar. E minha mente não parava de pensar quando meu pai chegasse em casa.

Não estava tão tarde, ainda assim, quando entrei, só havia silêncio. Minhas irmãs não tinham ido ao baile de iniciação e não fui ao quarto delas para ver se estavam. Ella, a mais nova, provavelmente não estaria em casa. Toda oportunidade que tinha de estar fora dos nossos olhares, ela agarrava. Já Miriam, embora fosse a mais velha e devesse estar no baile ao lado do meu pai como a primogênita, eu previa encontrá-la dentro de algum livro se fosse até o seu quarto.

Então, simplesmente entrei no meu quarto, deixando as roupas pelo chão, e tomei um longo banho, vestindo um short e uma camiseta simples. Não costumava vestir jeans no meu dia a dia, até porque os lugares que frequentava não me permitiam mostrar a bunda aos quatro ventos — e diga-se de passagem, o meu corpo chamava muito atenção.

Eu gostava de ser uma mulher séria, imponente e respeitada, e para isso funcionar, eu deveria sempre estar bem-vestida e não vacilar em minhas ações e em meus gestos.

Livre de toda burocracia, me senti livre e à vontade para andar pela casa com roupas básicas. De qualquer modo, já estava indo dormir daqui a algumas horas, amanhã, no domingo, tinha planos deliciosos, só precisava conversar com o meu pai antes. Eu não poderia deixar para amanhã. Nunca. Caso contrário, eu não conseguiria pregar os olhos.

Desci as escadas querendo esperar na sala central, mas a luz acesa no escritório me chamou atenção. Bati na porta e ouvi um “entra”. Ele voltou mais cedo do que esperava. Empurrei a porta e entrei, encontrando meu pai em pé encostado na mesa, mexendo no celular.

— Não sabia que já estava aqui.

— Cheguei agora mesmo. — Seus olhos me encararam e ele franziu o cenho ao observar minhas roupas. — Já ia te chamar, precisamos conversar.

Assenti e sentei-me na sua poltrona que havia atrás da mesa. Ela era tão confortável, lembro que sempre fugia para cá quando era mais nova, para fazer qualquer coisa que poderia me prender por horas e precisava de

um lugar mais aconchegante. Hoje, eu tinha a minha, mas a dele nunca deixava de ser a melhor.

Observei os papéis na mesa esperando que falasse. Cruzei as pernas, parando de balançar o pé.

— Soube que hoje tivemos uma reunião? — Ouvi sua voz mansa. Ele sabia a resposta, mas estava me testando. Olhei para as minhas unhas grandes e vermelhas, procurando uma resposta que já estava na minha mente.

— Talvez…

— Então, pode adivinhar sobre o que conversamos? — Senti seus orbes em mim e foi inevitável não olhar de volta sob meus cílios.

Fiz uma careta.

— Talvez.

— Talvez? — meu pai repetiu. Apertei os olhos para não revirá-los. — Por que está tão apressada com a nossa conversa?

— Apolline irá se casar? — perguntei, com receio de outra resposta que queria muito. Marllon Vendetta me observou divertido.

— Quer realmente saber *isso*?

— Talvez?

Ele suspirou e guardou o telefone no bolso, me encarando por alguns segundos. Olhei seu rosto esperançosa, buscando em suas feições uma resposta mais rápida aos meus pensamentos. Impassível. Seu rosto não demonstrava nada.

— Mas, então…? — Minha ansiedade falou mais alto.

Marllon era minha inspiração, pelo menos em parte. Não admirava a maioria das suas atitudes, mas também não o julgava, pois sabia que tinha altas chances de fazer o mesmo a qualquer hora da vida.

— Eu nunca tentei esconder de você a parte feia do mundo que vivemos, filha — começou. — Você sabe, não há espaço para erros, apenas para a perfeição. E eu confio em você, não é à toa que está na empresa, mesmo tendo atitudes imaturas que poderiam levar o nosso nome à lama. Mas, por incrível que pareça, não… — meu pai me dá um sorriso duro. — Eu não me orgulho das coisas que fiz no passado, e sei que há abismos dentro dessa família, contudo, não sei se faria alguma coisa diferente.

Ele pausou e deu uma risada sem humor, enchendo seu copo. Tudo tinha seu preço, como o *status* que nossa família tem hoje que lhe custou

muitas coisas que ele nunca admitia, embora, vez ou outra, uma sombra do passado aparecesse na sede da Stilk petróleos, à sua procura.

— Mas quem é inteiro nesse mundo? Antes de tudo, saiba aqui que não há uma preferida, que não há e não terá uma competição dentro dessa casa. Esse império é *nosso.* Família. Não importa as sequelas.

Concordei com a cabeça, porque era isso que ele sempre falava. Família acima de tudo. E quando falava sobre *preferências*, ele dizia que era para Miriam ocupar este lugar, não eu.

— Onde o senhor quer chegar?

— Eu também nunca escondi o meu desejo de estar no topo, de sermos a primeira geração — o tom da sua voz tinha mudado para algo mais duro, e embora ainda continuasse caloroso, vi o fio dos sentidos se romper, me mostrando a verdade. Senti meu coração apertar.

— Não, isso não tem a menor chance de acontecer — neguei prontamente, sentindo meu rosto esquentar. — Já conversamos sobre isso, *pai*. Não irei me casar com Dominic Clifford. Você sabe que não posso! — acusei.

— As coisas mudaram — disse frio, saindo do papel do pai caloroso de minutos atrás. — Foi decidido na reunião, o contrato nupcial será refeito.

Engoli em seco, digerindo todas as palavras amargas que eu não podia lhe dizer. A raiva salpicou minha pele, deixando meu coração acelerado.

— Augusta, eu não estou *esquecendo* de forma alguma o *passado*. Mas quero que entenda que precisamos fazer sacrifícios, cada um de nós. — Levantou o olhar para mim. — Nada mudou entre nós, mas precisamos dos Cliffords.

— *Você* precisa!

— *Nós* precisamos, ou esqueceu que foi *você* que quase morreu? — Seu tom foi cruel, e senti meu coração se partir. Merda, eu nunca iria vencer uma guerra com meu próprio pai.

Travei o maxilar, cheia de raiva.

— Eu não aceito isso, e eu não vou dizer sim — desafiei, respirando pesado. — Eu não preciso de um contrato nupcial para estar protegida!

— Eu não me importo com o que acha, você vai dizer sim.

Nossos olhares se cruzaram e eu vejo o porquê de frequentemente travarmos batalhas. Somos completamente iguais. Nenhum de nós aceita ser mandado.

Somos interrompidos com um bater na porta apressado e fecho os olhos pensando nas próximas palavras. Um casamento não resolveria nada, se resolvesse, eu já teria feito isso eu mesma.

Sinto arrepios pelo meu corpo sem saber direito de onde o estímulo vem. Abro os olhos e meu pai levanta o indicador para mim, batendo o dedo em sua cabeça sem dizer uma palavra. Entendo o recado.

Ele manda entrar. Eu espero.

A porta se abre.

Prendo a respiração. Ah, merda. Cacete.

Ouço a voz rouca e gasta do velho que tem mais poder em mãos do que deveria. Ele entra na sala em passos vagos.

— Espero que não estejamos atrasados, meu neto teve um imprevisto, mas aqui estamos. — Aperta a mão do meu pai e me olha. Me sinto estranhamente invadida pelo seu olhar.

— Dominic — chama. — Não seja malcriado e enfrente seu futuro.

Mas ele não estava sendo malcriado, ele só não queria entrar na sala e encontrar a mulher que tinha partido seu coração. Pelo menos foi o que pensei antes de ver o brilho perverso nos seus olhos ao cruzar o portal e fechar a porta atrás de si.

O frio na barriga me embalou me deixando gelada, e arregalei os olhos quando um sorriso forçado pintou seus lábios. Não. Meu coração disparou com a resposta antes mesmo da sua boca dizê-la.

— Oi, noiva, acho que vamos finalmente nos casar.



PETRÓLEO

AUGUSTA VENDETTA

15º Academia Dell Marshall — Distrito da cidade de Bash
7 anos atrás

— Está sabendo da nova? — Fran entrou animada no pequeno quarto que dividíamos. Olhei para ela de cima do beliche em que estava deitada, dando-lhe toda a minha atenção. Observei-a enquanto amarrava seus longos fios loiros em um rabo de cavalo, depois pegando o protetor solar que estava jogado nos pés do meu colchão e passando na pele em que o macacão bege não tampava.

Já havíamos feito os primeiros exercícios do dia, o que significava que tínhamos mais meia hora até a segunda chamada.

— Aposto que tem olhos bonitos.

— Oh, sim. — Abanou as mãos fingindo estar com calor. — Com certeza os olhos são intrigantes. Juro que senti todo meu corpo queimar com sua avaliação.

— Uhum.

— Oh, não desfaça das minhas palavras, o seu momento vai chegar. E vou estar no vip para te ver rendida.

Ri alto da sua empolgação, não dando muita confiança para suas palavras. Eu não estava interessada em garotos, não até atingir meus objetivos pessoais. Garotos eram distrações ruins, confundiam seus sentimentos e faziam da sua vida uma verdadeira montanha-russa. O sofrimento das minhas amigas era o suficiente para me fazer ficar de olhos abertos.

Em Bash, havia três caminhos por qual você desejava ir: para a Academia de Artes, para a Academia de Filosóficos ou para Academia Dell Marshall, que era uma extensão militar… Só que um pouco menos pior… Se tirarmos a parte do ensino físico, é claro. A elite da nossa cidade não permitia erros, e para ter uma mente estratégica e brilhante, aquele tempo era essencial. Pelo menos, era o que eu pensava. Eu queria ser que nem *eles*, poderosa, ter o meu lugar de respeito na mesa. E para isso, a brutalidade e exigência era primordial para minha mente em construção.

Então, ali era o lugar ideal, sem nenhuma distração e no meio de brutamontes que me faziam repeli-los cada dia mais que convivíamos juntos. É claro que nem todas pensavam como eu, pois se deixavam levar muito fácil pelas testosteronas ambulantes que amavam visitar os quartos das meninas à noite. Mas eu tinha foco e nada me tiraria dele, nem mesmo a tão famosa *pegada bruta* que as meninas cochichavam pelos corredores.

Ouvi um murmúrio de reclamação de Polly na cama de baixo. Tombei minha cabeça, indicando nossa amiga que estava enfurnada na cama. Fran fez um joinha com o polegar e desci a estreita grade para me juntar a ela.

— No três… — Fran sussurrou e começou a contar nos dedos. — Um… Dois…

Pulamos na cama de Polly, uma de cada lado, a agarrando e tirando o edredom de sua cabeça. Ela xingou baixinho ainda de olhos fechados, mandando a gente sair de cima dela.

— Hoje não… — Polly reclamou mais uma vez. — Eu preciso recompor minhas energias, suas putas. Aposto que nem são dez ainda, pelo amor de Afrodite! — Voltou a tentar se cobrir.

— Na, na — Fran repreendeu, a puxando pelos braços. E eu comecei a rir da bagunça que ela estava.

Bufando frustrada depois de Fran lhe fazer *cosquinha*, Polly começou a tirar o pijama e eu encarei Fran, que tinha a mesma expressão no rosto enquanto olhava as costas de Polly.

— Oh, oh, oh — exclamei, chamando atenção delas para mim e a olhei com malícia. — Parece que a noite ontem no *QGH* foi agitada.

Polly arregalou os olhos, virando de costas para o pequeno espelho que tinha grudado na porta do guarda-roupa marrom.

— O QUÊ?! — ela gritou, soando desesperada, parecendo despertar por completo do sono que embargava há poucos minutos. — Aquele filho da puta não fez isso. — Tentou passar a mão pelas marcas escuras nas costas e fez uma careta. — ELE NÃO FEZ ISSO. EU VOU MATÁ-LO! DESGRAÇADO!

Rimos do seu desespero enquanto ela praguejou alto todos os nomes feios que vinha à mente. Rimos porque amigas eram para isso também. Recebemos um olhar mortal dela enquanto seguiu para o pequeno banheiro que também dividíamos no quarto e bateu a porta com força, enquanto gritava aos quatro ventos que hoje alguém seria morto.

Então rimos mais ainda, nos jogando na cama de Polly enquanto esperava ela terminar seu ataque no banheiro.

— O ano mal começou e ela já está com faltas no primeiro exercício — Fran sussurrou e a olhei de esgueira. — De novo.

Suspirei pensando.

— Tenho a impressão de que ela ama ficar até mais tarde cumprindo carga horária. — Olhei significativamente e ela deu um sorrisinho, entendendo. Mas logo ficamos sérias, tentando entender a bagunça que Apolline trazia para sua vida.

— Eu não quero vê-la sofrendo — sussurrou. — Dói.

— Dói — sussurrei também e peguei sua mão.

Polly chegava tarde quase todas as noites, e eu sabia que não tinha nada a ver com os seus castigos por faltar aos primeiros exercícios do dia. Porque não havia como burlar ou fugir de nenhuma lição naquele lugar, mais cedo ou mais tarde você tinha que cumprir sua carga e escala do mês. E claro, seu sorriso bobo e sua cara de apaixonada pelos corredores não enganava a ninguém.

Cochichamos enquanto esperávamos a dona do QG. — Um apelido que surgiu depois que reparamos como ela estava sempre rondando o acampamento dos garotos. Parecia que tinha chegado um garoto novo na

Academia, e que tinha aflorado o interesse de uma quantidade significativa de garotas.

Segundo Fran, os murmúrios sobre seu atraso no ingresso da escola eram de curiosidade, visto que os anos dentro da academia eram recorrentes e sem pausas. Era muito raro alguém entrar no meio do ano, pois as matérias eram intensas e nem todo mundo conseguia acompanhar o ritmo.

Eram quatro anos de formação integral — três no Instituto e depois mais um dentro das bases dele, que é onde as mentes brilhantes ficam. Estava ansiosa para isso. Entrávamos depois do fundamental e fazíamos ali cursos de extensão, preparação, reforços e um pouco de simulações, que eu torcia para nunca precisar praticar. Isso, fora as disciplinas tradicionais que não podemos abandonar, mais as práticas físicas. Sim, isso era assustador, então imagina minha reação ao saber que as pessoas ali ainda arranjavam tempo para se pegar?

Quando Polly voltou do banho, ela estava mais calma e com uma roupa que a cobria dos pés ao pescoço. A olhamos desconfiada, mas antes de fazermos nossas piadinhas maliciosas, ela começou a contar o plano que tinha montado no banho e como seu amante estava ferrado em todas as línguas.



— Uau, isso realmente ficou bom — Fran sorriu para sua arte. — Devíamos pôr alguma câmera escondida, uma grana a mais sempre é bem-vinda.

Nós três estávamos na área estritamente proibida para mulheres: acampamento masculino. A divisão da Academia era clara: meninos do lado de fora e meninas do lado de dentro. Nessas horas, eu realmente agradecia por ter nascido mulher, não imaginava como era ter que dormir sempre em alerta e abraçada pelo mato. Não que os nossos quartos tivessem algum tipo de luxo, considerando que tínhamos um colchão para cada uma, o resto era tudo dividido aqui.

Senti um arrepio cortante em minha espinha, verifiquei a porta mais uma vez. Ninguém vinha. Suspirei. Mas ainda mantive meus olhos em alerta. Ao meio-dia era nossa melhor hora para pegar os quartos vazios, segundo Polly, era quando os meninos tinham que fazer o exercício de rota

antes de se sentarem para comer, levava em média quarenta minutos a corrida ao redor do lago, e contando com os que andavam mais rápido ou trapaceavam, podia diminuir até dez, o que nos dava trinta minutos para entrar, fazer a nossa travessura e sair.

Era o horário perfeito, pois todos os garotos eram obrigados a cumprirem com a rota, do contrário, não tinham direito a comida. E eu não me dignei a perguntar como sabia exatamente cada minuto que tínhamos e qual tenda era especificamente a dele.

Eu estava nervosa, esse não era meu ambiente, e por mais metódica e forte que eu parecia ser por fora, sentia-me uma manteiga derretida por dentro. Então, tentava convencer o meu cérebro que isso era apenas mais uma experiência positiva para o meu futuro de sucesso.

Eu era uma piada.

Com medo de a qualquer momento um professor aparecer, observei mais cautelosamente por entre as tendas grudadas umas as outras…

— PRONTO — Polly se animou, assustando-me.

— Shiii… — murmurei, alarmada.

— Toma essa, cara de bunda, quero ver o que seus *manos* acham de uma pele marcada.

Ouvi a risada de Fran.

— Cuidado, aqui também coloquei uma armadilha.

— Oh, oh, espera, espera, tenho outra ideia. Quantos minutos temos, gatinha Gussie?

Olhei no relógio de pulso.

— Temos três minutos antes de entrarmos em risco.

— Mais do que suficiente.

Polly riu, e depois ouvi barulho de durex sendo arrancado.

Depois de dois minutos inteiros, Fran chamou:

— Qual a nossa nota de proficiência, professora?

Obriguei meus pés a darem passos e entrarem na tenda, cautelosos. Em dois anos, nunca tinha chegado a entrar em um repouso masculino, pois geralmente a entrada era meu limite. O lugar tinha um cheiro forte e balancei meus ombros. Homens eram tão nojentos.

Entrando mais um pouco na tenda, o braço de Fran interrompeu meus passos.

— Chão.

Paro e olho a linha quase transparente na altura dos meus joelhos. Então, analiso o local. Varrendo por alto, tudo parecia normal aos meus olhos: uma verdadeira bagunça com roupas no chão, cobertas mal arrumadas, livros e papéis espalhados pelas camas… Eu não tinha perdido nada em nunca ter vindo aqui.

Fran apontou para os filetes de linhas quase invisíveis esticadas, e apontou para cima, para as barras de ferro que seguravam a lona, onde tinha algumas pequenas bolinhas beges que eu não soube identificar o que é. Fran apontou para o travesseiro, para os vidros violados e outros pontos específicos da tenda, onde qualquer passo em falso alguém estaria ferrado.

— Como conseguiram colar tudo isso em tão pouco tempo? — murmurei em aprovação. Estava realmente impressionada com a habilidade das duas.

— Faço tanta coisa em menos tempo que ficaria surpresa — Polly provocou e revirei os olhos.

Eu ainda era a única das três que não tinha tido relações tão íntimas com garotos. Beijos e algumas mãos bobas pelo jeans não contavam.

— Aprovado? — Fran sussurrou.

Olhei no rosto das duas, rostos ansiosos que esperavam minha aprovação. Eu ainda não sabia como me sentir em relação a elas sempre arranjarem um jeito de me incluir em tudo que faziam. Mesmo que suas ações não tivessem nada a ver comigo.

— Parem de me olhar assim, vocês são umas putas *fodonas.*

— *Nós* somos fodonas — Polly corrigiu e nós três rimos. — Agora, vamos lá, estou pronta para o meu primeiro exercício do dia.

— Não sei como não te expulsaram.

— Como assim? — sorriu maliciosamente. — Eu cumpro todas as lições direitinho.

— Acho que temos visões diferentes, Polly — Fran me empurrou levemente para que eu seguisse um caminho oposto do que tínhamos vindo. Começamos a andar por trás das tendas. — Vamos evitar confusão, não quero receber *lições* desnecessárias.

Continuamos nossa caminhada silenciosa pela terra, entre a cortina de cipós, galhas e folhas verdes derramadas pelas grandes árvores ao redor das tendas. Normalmente, estamos tão ocupadas com os exercícios de escalas e estudando que mal tínhamos tempo para apreciar a beleza verde que cercava a academia.

Durante o mês, éramos realocados duas vezes em dormitórios diferentes, tudo dependia da sua escala do mês e qual função iria realizar. Toda a comida que comíamos, os lugares limpos que usávamos, os “mimos” que recebíamos, dependia somente de nós. Da nossa própria mão de obra.

Todo o luxo que tínhamos durante toda a vida, desde nosso berço, ali era apagado. Ninguém tinha mais do que ninguém naquele lugar. Tudo era conquistado. O condicionamento das nossas mentes eram testados a todo momento.

Esbarrei no ombro de Polly quando ela parou de repente. Fiquei tensa.

— O quê? — sussurrei, mas a mão de Fran tampou minha boca.

Direcionei minha atenção para onde elas estavam olhando. Senti meu coração disparar com um sentimento desconhecido. Era um garoto, estava sentado em um tronco e fazia alguns desenhos indecifráveis na terra. Ele estava de cabeça baixa, o que deixava seus cabelos pretos balançarem mais livremente com os movimentos mínimos que fazia com a cabeça. Depois de alguns minutos, inclinou a cabeça para o céu, dando-nos a vista do seu rosto.

— Oh, oh, é o novato misterioso — Fran se animou e observamos o garoto por um tempo.

— Como vamos passar sem sermos vistas? Ele vai escutar nossos passos — cochichei. — E eu não estou a fim de est-

— Estragar seu currículo perfeito — Fran cortou, zoando-me. Depois piscou o olho e riu. — Entre nós, só há uma pessoa que gosta de punições, Gussie.

— Vão à merda — Polly ralhou e voltamos a olhar o garoto. — Ele é um gatinho.

— Um estrago para minha concentração em sala de aula — Fran suspirou, e depois de alguns segundos, estalou a língua, como se uma ideia tivesse despertado ela. — Tão sozinho… — As duas se encararam e franzi o cenho.

— Oh, sim, parece meio perdido, não?

— Não? — falei incerta.

Mas as duas riram baixinho e algo nos olhos de Polly se iluminou quando me encarou, e eu tremi quando as duas me olharam sugestivamente

— Eu tenho um plano.



Quando minhas amigas resolveram que *eu* seria o melhor plano para distrair um garoto para que elas passassem despercebidas?

Sinceramente, queria saber qual o sentido desse plano falho.

— Eu ainda não entendi por que eu? Por que não tiramos no *jokenpô*? — OK, eu podia estar um pouco nervosa e desesperada. Mas não era justo elas terem decidido por mim, sem eu saber que estavam decidindo algo.

— Eu me ofereci para ser guia dele mais cedo, ele não vai acreditar que sou novata aqui. E ainda mais que estou perdida.

— Eu também — Polly se apressou a dizer. — Ele não vai acreditar que estou perdida. Estou de faixa amarela hoje. — Olhei indignada em sua direção, ela nem se importava em mascarar a mentira deslavada que saía de seus lábios. Ela estava dormindo hoje de manhã, pelo amor de Deus! Sua tarefa na cozinha já havia se encerrado há muito tempo.

— E se formos vistas juntas, vão desconfiar — Fran continuou. — Mas se for só você, ele estará tão concentrado em seu corpo que nem notará a *mentirinha* que sair dos seus lábios.

— Esse é um plano horrível — murmurei. — Eu sou a pior de todas aqui, essa confiança em mim é questionável.

— Aaah, shiii, seu melhor ano de todos começa agora, gatinha Gussie. — Polly empurrou meus ombros, me instigando a dar os malditos passos para a morte.

— Você é a melhor, confiamos em você!

— Eu odeio vocês — murmurei enquanto caminhava distraidamente para o centro das tendas. Esse era um plano horrível, horrível!

Já um pouco longe do lugar onde estávamos escondidas, arrastei meus pés pela terra seca e folhas sujas, fazendo minha presença ser notada.

Estava nervosa, não tinha confiança em mim o suficiente para esse tipo de interação. Não quando se tratava de *garotos*, então não sabia o que esperar e como reagir. Não lidava muito bem com o desconhecido.

Sempre via minhas amigas se dando melhor no quesito garotos e provocações, então apenas observava suas artimanhas e joguinhos,

imaginando que talvez não achasse tão divertido assim. Na verdade, tinha até tentado entrar *nessa* vibe um tempo atrás… Beijei alguns carinhas legais… mas nada que me despertasse a fantasia de ficar falando sobre ele dia e noite. Então, estava tudo bem em ficar de fora, não me sentia confortável em flertar. Eu gostava do meu lugar de espectadora.

Ou talvez eu só não tivesse uma obsessão suficiente para ativar esse meu lado. Aarrg, esse pensamento era tão idiota. Francesca sempre estava me atormentando com ideias sobre meninos, podia ouvi-la em *looping*.

Jogando no *agora ou nunca*, deixei a covardia de lado e empinei o rosto para observar à frente.

Quase perdi o fôlego.

Gelei meus pés no mesmo instante, sentindo uma palpitação diferente no peito. Minha respiração acelerou, e sem entender como, fui sugada pela imensidão escura de seus olhos, e por um momento ali parecia o lugar perfeito.

Embora sua fisionomia fosse relaxada, sobrancelhas grossas, lábios cheios, fios pretos e desarrumados. Não casavam com as expressões faciais. Eles exploravam algo mais além.

Um arrepio me atingiu quando firmei minha atenção em seus olhos. E senti-me consumida pelo desconhecido e por incrível que parecesse, aquilo não me assustou, minha pele estava queimando, sentia-me quente. Uma nuvem de calor pairava acima de mim, nublando sentidos, tampando meus ouvidos, me inundado e deixando cega. Meu sangue corria e corria rápido em minhas veias. Era quase excitante.

Era viciante.

Eu não conseguia me desgrudar.

Petróleo.

Olhos petróleo.

Seus olhos me queimando.

Olhos inflamáveis.

— Perdida? — sua voz me tirou do torpor e gostaria de saber quantos minutos perdi o secando. Passei a língua pelos lábios e sorri genuinamente.

Talvez agora eu quisesse ter uma obsessão por um garoto.

04

OSCAR

AUGUSTA VENDETTA

O mundo estava dando passos para trás e eu sentia o clima se adaptando aos destinos traçados por dois homens que achavam que poderiam salvar a pátria com um acordo de casamento.

Eu tinha plena ciência da ganância do meu pai, sabia que ele tentaria de tudo para conseguir o que queria, mas eu queria acreditar que meus limites iam ser respeitados. Eu merecia isso, e lutava por isso todos os dias.

— Não vai haver um casamento. — Cruzei os braços em uma posição defensiva.

Os três homens na sala me olhavam atentos.

Frederico Clifford limpou a garganta anunciando suas próximas palavras.

— Não gosta mais do meu neto? — sua pergunta tinha um tom de desaforo.

Mordi os dentes para não responder o que meus pensamentos acusavam. Dominic cerrou os olhos esperando a minha resposta, o jogo

mesquinho na ponta da língua. Ele estava me deixando ser atacada.

— Não é sobre isso — trinquei o maxilar. — Eu ainda tenho direitos sobre a minha vida, e a minha resposta é não.

Olhei para o meu pai, que não se atreveu a interromper o discurso do Clifford mais velho. Traidor.

— Não há nada que possa te convencer do contrário, então? — Frederico continuou sua investida.

— Não — disse firme.

— Nem uma posição na AAB?

Travei todo meu corpo e depois soltei uma risada irônica. Eles iam jogar baixo.

— Por um contrato nupcial?

— Seria a *primeira* mulher — Frederico barganhou sem medo e me perguntei até onde o seu poder ia. Porque uma posição na AAB era impossível pela lei dos fundadores.

Cerrei os punhos. Todos naquela merda de sala sabiam que eu desejava uma posição como essa.

Ainda assim, era meu orgulho em jogo.

Deslizei o olhar para Dominic, que mantinha fielmente sua concentração em mim, com uma expressão fria. Me senti encurralada.

— Vocês são ridículos me ameaçando com *essa* posição — desafiei: — Por que não me ofereceram antes?

— Antes você queria ser uma Clifford — foi Dominic que respondeu, e toda minha pele zumbiu com o tom seco que depositou em suas palavras.

— *Antes* você também não tinha falado nada sobre *isso* — desafiei fria, travando o maxilar, sabendo que não tinha sentido nenhum minhas palavras naquele momento e que elas estavam ali somente para machucar.

Dominic cerrou os olhos.

— Uma rainha não precisa de uma posição em uma associação medíocre — vociferou baixo, a raiva pingando em cada canto de sua boca.

Eu me calei, engolindo todo o veneno que encharcou minha língua.

Não porque *eu* não tinha uma resposta, mas porque isso *era* a verdade. E contra ela, eu só fracassava, porque pessoas mentirosas não sabem lidar com a verdade.

— E vai deixar outra pessoa tomar um lugar que *é* seu? — Frederico voltou a pressionar, tentando mexer com meu ciúmes. — Não

achei que fosse *dessas*.

Meu sangue esquentou em minha pele, trazendo todos os sentimentos destrutivos que guardava. Grunhi de *raiva*. Idiotas do caralho. Me levantei para deixá-los.

— Querem saber? Eu não vou dar nenhuma resposta. Hoje vocês não irão ter nada de mim a não ser um seco *não.* — Fuzilei meu pai que mantinha o silêncio. — Traidor. — Apontei para ele que não se mexeu.

Bati a porta sem me importar com a educação. A minha paciência estava esgotada. Decidi que só não sabia dar uma resposta válida naquele momento, e que precisava clarear minha mente e pensar melhor. Daria uma melhor resposta outro dia. Um dia que não tivesse os olhos de Dominic Clifford me pressionando.

Um dia que tivesse uma mentira melhor.

O medo de tomar uma decisão sem pensar nas consequências me assombrou. E tinha também o fato de eu ser uma cadela egoísta, pensar nele casando-se com outras pessoas não me fazia bem, sentia meu estômago embrulhar.

Não gostava dessa sensação. A raiva estava me comendo pela impotência. Olhei para as longas escadas que levavam para o meu quarto. Merda, hoje era sábado.

— Hoje é sábado — a voz de Dominic me fez fechar os olhos.

Coloquei a mão no peito, e encostei a testa na parede do corrimão. A raiva salpicando nos poros do meu corpo.

— O que está fazendo aqui, Dominic? Não foi o suficiente jogar na minha cara uma coroa bordada de ouro? — Não queria encará-lo. Só por isso mantive os olhos fechados, ignorando sua presença. Temia estragar minhas unhas em seu rosto bonito.

— Não tenho nada a ver com as palavras do meu avô — disse simples, com um tom completamente mais leve que minutos atrás.

Soltei uma risada amarga.

— Mentiroso — sussurrei para ninguém em especial. Mas sabia que ele tinha ouvido. Minhas costas começaram a esquentar com a sua presença. Seu olhar provavelmente devorava tudo que via. Era sempre assim. Sem pudor.

— Você *ainda* consegue diferenciar verdades e mentiras, *bruxinha*? — Sua voz provocativa saiu baixa e rouca, fazendo meu punho cerrar. —

Olhe pra mim e diga quantas verdades ainda consegue identificar ou vou pensar que tudo que sai da sua boca é mentira.

Mordi os dentes e abri um sorriso falso, engolindo o bolo que tinha se formado na garganta.

— Você é uma perda de tempo — cuspi as palavras.

Mas seus lábios abriram em um sorriso bonito que fez toda minha atenção se concentrar ali.

— Uma perda de tempo? — Sua língua passeou nos seus dentes superiores em um gesto sedutor, zombando da minha fala. — Assim você me desvaloriza, *amor*.

Trinquei o maxilar.

— O que quer? — fui rude, engolindo a respiração acelerada.

— Hoje é sábado, você tem um compromisso comigo.

Abri a boca incrédula.

— Oscar não está aqui — disse firme.

— Está mentindo de novo? — provocou e dei alguns passos para trás para me afastar do calor que seu corpo emanava.

O quão ruim eu era por esconder um filho?

Meu coração traidor batia cada vez mais rápido enquanto seu perfume me atingia e parei estagnada quando, em um erro, sua mão puxou meu braço, me impedindo de subir as escadas.

Ele sabia o risco, então se afastou no mesmo momento, mas já era tarde demais. Toda minha pele ficou quente, e a antecipação me matava na ansiedade de querer sentir de novo o seu toque.

Era sempre assim, esse risco constante de estar próximo ao fogo sem querer nos queimar.

Seus olhos me acharam e eu vi o clima se quebrando. Oscar era como uma palavra-chave para o embate sufocante entre nós.

— Quero vê-lo, você não pode me tirar esse direito. — Sua voz saiu firme e um pouco mansa, nada semelhante aos olhos que colocavam fogo em mim e me repeliam mais cedo. Continuei com o rosto virado para qualquer lado que não fosse as esferas escuras que via mais do que devia em mim. — Você está o escondendo de mim, sabe que ele sente meu cheiro de longe — suspirou. — Isso não é muito maduro, você prometeu.

— Eu prometo muitas coisas. — Me virei, olhando seu rosto agora sério.

— Esse final de semana, ele é meu, você está há um mês com ele e sinto saudades. — Continuei calada porque não tinha o que falar. Por mais que eu soubesse quão tolerável e paciente ele era em relação ao meu apego com Oscar, sabia que ele também sentia sua falta, e como era uma parte essencial do seu coração. Como o meu.

— Essa semana…

— Augusta — me repreendeu sério e respirei fundo, pensando na semana horrível que ia ter sem a presença de Oscar. Muitas vezes me sentia uma garotinha estúpida e egoísta, a qual sempre dava motivo para ser repreendida. Especialmente por ele, o que odiava.

— Ok, tudo bem. — Se afastou, dando mais alguns passos e respirei melhor, fuzilando-o com o olhar. — Vou buscá-lo…

Mas Dominic saiu na minha frente, subindo as escadas primeiro.

— Eu sei o caminho.

É claro que sabe. Revirei os olhos em uma longa respiração, seguindo-o em silêncio, enquanto ele subia a passos largos as escadas, e virava pelo lado direito ao final da escadaria. Confortável demais para o meu gosto, fazendo com que não admirar as suas costas largas fosse impossível.

Sempre gostei do seu porte físico, sempre foi algo que me agradou, principalmente quando estava com raiva e suas veias saltavam desenhando toda sua pele bronzeada pelo sol. Não que eu fosse fã de sua raiva, mas o efeito que o sentimento tinha em seu corpo era *delicioso*.

Então, mesmo ele vestido com uma blusa social preta, eu conseguia imaginar as largas costas nuas completamente expostas. Estalei a língua, cerrando os olhos para seus passos largos que se aproximava do quarto que eu dormia.

Ouvimos os latidos e andei com passos mais lentos quando ele passou em frente ao quarto de música, e logo depois estacou na última porta do corredor.

— Para quem estava tão confiante… — zombei quando sua posição desconfortável ficou clara. Ele levantou o rosto, me dando um sorriso falso de lado.

— Eu entendo de limites.

Passei por ele um pouco irritada, e mal abrindo a porta quando Oscar pulou para fora latindo, passando direto por mim e pulando em Dominic, que deixou ser derrotado no chão, enquanto recebia *lambeijos* do

nosso *filho*. Compartilhar a guarda de um cachorro era mais difícil do que parecia ser, especialmente quando a outra pessoa era alguém que tinha que se manter distante.

Um enxame de insetos rodou na minha barriga quando ouvi sua gargalhada, o clima parecia mudar levemente, e meu nervosismo parecia ir embora, só ficando a saudade que imaginava sentir na próxima semana. Oscar tinha esse efeito em nós. Transformava completamente o clima.

Ele era um Doberman preto, que tinha suas patas e focinho marrom. Ainda não estava em sua fase adulta, embora seu crescimento me assustasse a cada semana. Ele era ótimo em fazer bagunça.

— Saiam do corredor, Oscar vai acordar minhas irmãs.

Os dois obedeceram e foram para o lado de dentro do quarto, onde tinha paredes que vedavam os sons. Por um milésimo de segundo, me senti mal por não ter cumprido no último mês o nosso acordo sobre Oscar, pois já estava pensando em como não iria acordar toda babada de manhã por uma semana. Já estava doendo.

Sentei no puff, observando a interação dos dois. Dominic começou a falar com o cão, que parecia entender tudo, pois latia cada vez mais alto. Semicerrei os olhos, cachorro traidor…

Oscar e Marllon Vendetta tinham me traído no mesmo dia.

— Oi, *nego*. — Mais *lambeijos* e mais carinhos… Eu estava começando a sentir ciúmes. — A mamãe te deixou de castigo, sim? — Mais latidos. Oscar parecia entender realmente o que Dominic falava. Mais *lambeijos*… — Eu também senti saudade, filho. — Mais carinho…

Revirei os olhos e embarquei em assistir à troca de carinho dos dois, e minha pele formigava a cada vez que Dominic olhava de Oscar para mim, em uma mensagem clara. E eu comecei a reviver seu toque de minutos atrás, calculando quão perigosamente estávamos perto um do outro. E só me desconectei do momento quando Oscar veio pra cima de mim, colocando as patas em minhas coxas.

O cão tentou lamber meu rosto e eu quis prendê-lo para que não saísse do meu quarto. Fiz carinho na sua cabeça, sabendo que ele estava se despedindo. Uma semana…

— Te trago na quinta. — Sua voz era doce e arregalei os olhos. Senti o enxame em meu estômago. Quinta….

Concordei com a cabeça, não conseguindo falar nada. Observei seus lábios abrirem levemente e meu coração traidor disparou, antecipando

o que iria sair dos seus lábios.

— Augusta, sobre…

— Não quero falar disso agora — disparei, mesmo sabendo que precisávamos, sim, falar. Mas… informações demais por uma noite. Eu só precisava de distância para pensar direito.

Ele balançou a cabeça, se levantando do chão, e foi até o meu banheiro. Levantei do puff indo até a porta, querendo pôr logo alguma distância entre nós. Observei Oscar sentado na porta do banheiro, esperando Dominic, que logo saiu. Ele procurou preguiçosamente algo no quarto, e depois observou o lugar de defesa onde eu estava.

Dominic entendeu o recado, mas não cumpriu. Porque abriu um sorriso sacana de deboche, como se a ideia em sua cabeça fosse boa demais para não pôr em prática.

Senti o clima mudar drasticamente quando vi a expressão dos seus olhos escurecerem e que seu rumo não era o corredor.

— O que você está fazendo? — Sinto meu coração disparar assim que seu olhar se encontra com o meu e sou arrebatada e ferida mais uma vez pela mistura dos seus perfumes caros, que marcava passagem por onde ia.

Respirei pela boca quando senti meu corpo atender prontamente aos pré-estímulos que o cretino trazia a cada passo. O ar sumiu aos poucos ao nosso redor. Engoli em seco. Seus olhos me seguravam.

— Já acabamos por hoje. — Tentei miseravelmente fugir, dando *passinhos* para direita, saindo do rumo da porta.

— Já? — Seus lábios se abrem e vejo um sorriso provocador sair deles. Passo a língua pelos meus automaticamente. Mais um passo dele e mais um meu para trás. Sinto a parede em minhas costas. Perto demais.

Minha pele se arrepia quando Dominic levanta uma das mãos e passa seu dedo indicador em seus lábios molhados, e em seguida passando pelos meus. Fecho a boca instantaneamente, não deixando que seus dedos entrem.

Solto mais uma longa respiração, agora pelo nariz, e tenho a impressão que ele ouve o meu coração disparado martelar fortemente em meu peito, pois arqueia as sobrancelhas e tomba a cabeça para o lado, curioso.

— Tira esses dedos imundos de mim — digo firme, cuspindo as palavras como mais cedo.

— Não gosta *mais* deles? — me provoca e fecho os olhos por um momento, me rendendo ao seu cheiro, decorando mais um pouco cada partícula invisível entre nós.

— Eles estão *sujos* — digo, querendo transmitir o resquício de raiva que ainda estava ali, antes que tudo fosse apagado pela sua presença, como sempre. E ele entende, pois arqueia as sobrancelhas de novo e semicerra os olhos.

— Não fique chateada, *aquilo* não foi nada — diz simplesmente e pisco meus olhos algumas vezes, tentando entender se a nossa compreensão era mútua.

Dominic passa os dedos pelo meu braço direito, e sei que ele quer quebrar a barreira que criei. Ele tenta isso há seis malditos meses.

Mas a cena de mais cedo repassa em minha mente e aquele resquício de raiva que estava indo embora, de repente, pesa demais no meu julgamento. Minha pele esquenta e me afasto do seu toque, vendo por segundos a decepção clara ali. Era melhor assim.

— Você vai mesmo me dizer que não foi nada? — Sinto minha voz quebrar enquanto meu coração dispara mais uma vez em busca de respostas que vão me machucar.

— Augusta…

— Não, você não tem esse direito. Não quando é você o primeiro a *surtar* quando a situação se inverte — vocifero e sinto que tudo explode dentro de mim. O ciúme da cena mais cedo me encharcando.

— É diferente, eu não estava-

— Eu acho melhor *pararmos* por aqui — interrompo, e ele me olha com a raiva queimando seus orbes pretos. — Quero que saia do quarto, não há mais nada *aqui* que te interesse, Dominic. Vá embora!

Travo a batalha e sei que foi a deixa para jogar tudo para o ar quando ele me encurrala na parede, levando a mão ao meu pescoço, e me prensando com seu corpo, devorando minha pele com os olhos. Tudo nele era feroz, seu olhar, sua respiração, seu cheiro, seu aperto. Seu coração.

Sinto seus dedos entrarem no meu cabelo por trás, minha pele se arrepia e meu coração martela em meu peito cada vez mais rápido quando sinto seu nariz passar em meu pescoço. E quando consigo respirar direito, seu perfume me arrebata, me corta, e me embriago em seu cheiro amadeirado, misturado com menta e canela.

Sinto minhas pernas fraquejarem e meu ventre se contrair quando seus dedos passam por cima dos meus lábios abertos.

— Isso não vai acontecer — sussurra, completamente louco perto do meu ouvido e engulo em seco. — Entende do que estou falando? — Balanço a cabeça fielmente, concentrada nas sensações que sua voz causa em mim. — Você gosta de me ver assim? Gosta quando explodo por sua causa? — Puxa levemente alguns fios de cabelo, inclinando minha cabeça para que nossos olhos se encontrem. — Eu já te disse, bruxinha. Você não vai embora tão fácil assim.

— Eu *já* fui embora — vocifero, ferindo seu ego, e trazendo o passado para a mesa. — Ou esqueceu? Está tão perturbado assim? Esqueceu que fui *eu* que te deixei?

Seus olhos abaixaram, fatais, escurecendo cada fibra do meu corpo com a promessa secreta.

— Eu nunca me esquecerei disso. — Seu tom amargo e sombrio me faz fechar os punhos. Minhas pernas mexeram inquietas. O efeito da sua ameaça causando estragos diretamente na minha calcinha.

Então, eu esperei o pior, como sempre. Esperei o ataque mortal de suas palavras que iria destruir mais um pouco do meu coração.

Mas, ao invés disso, eu vi desafio brilhar em seus olhos, e foi isso que me desestabilizou. Toda a merda da sua determinação em acabar comigo, em me destruir. Meu coração pulsava acelerado com a expectativa.

Um sorriso diabólico brotou em seus lábios e o aperto em meu cabelo me causou arrepios por todo corpo.

— Você adora isso, *hum*? Adora me ver com raiva.

Não respondi, porque aquela batalha eu havia perdido. Porque meu corpo já não estava com tanta raiva assim, e a minha boca lutava sozinha com palavras vazias. Seus olhos brilharam perversos.

— Pronto, você conseguiu, *amor*, te vejo no jantar de boas novas. Coloque um vestido bonito para o seu *noivo*.

Então, me deu um sorriso vingativo e saiu com meu filho em seu calcanhar. Levando, como sempre, mais de mim do que deveria.



JOGOS

AUGUSTA VENDETTA

15º Academia Dell Marshall — Distrito da cidade de Bash
7 anos atrás

— Para de encarar.

— Eu não estou encarando.

— Então por que a única pessoa em que seus olhos estão focando é Dominic Clifford?

Parei de olhar o dono do redemoinho de cabelos negros e foquei na dona dos cabelos longos e dourados.

— O quê?

Ela me deu um sorrisinho zombeteiro, como se estivesse me pegando no pulo.

— Quando vai falar com ele?

Fiquei em silêncio, não iria admitir que, desde o dia que fomos na ala masculina, minha obsessão por esse garoto tinha aumentado em proporções altíssimas. Fiz o meu dever de casa, pesquisando sobre o novo

príncipe de Bash, e digamos que agora sabia de quase todos os passos que ele dava no Instituto, até os recentes quartos que estava frequentando secretamente.

Não iria admitir que fui pega tão fácil por olhos perdidamente escuros.

Fran me olhou divertida.

— Ou ainda está procurando algum defeito para poder desistir antes de tentar?

Fiz uma careta. Eu já achei, e nem isso me fez parar.

— Não estou interessada — forcei um sorriso. — Você sabe, garotos não são meu lance, números e estratégias, sim.

Estávamos sentadas no refeitório, uma de frente para outra. Francesca estudou meu rosto e desviei os olhos para a mesa retangular à nossa frente, onde testosteronas ambulantes almoçavam. Observei atentamente quando uma garota ruiva sentou ao seu lado, e o abraçou. Acho que o quarto dela era três depois do meu.

— Não vai me contar o que está tramando?

— Não estou tramando nada.

— Claro que está, já peguei você o cercando várias vezes. Eu sei como *age* e sei que tem algo rolando.

Revirei os olhos. Ela não ia desistir.

— Talvez, só talvez, eu esteja curiosa, ou entediada o suficiente para ficar perdendo meu tempo o observando.

Fran me olhou um pouco horrorizada. E depois gargalhou.

— Amiga, sinto dizer que você pode estar qualquer coisa aqui dentro, menos entediada.

Dei de ombros. Parecia que se eu admitisse toda a loucura da minha cabeça pareceria mais patético do que tendia a ser.

Ela continuou me perscrutando:

— Não… é mais do que isso… Já peguei você observando vários caras, mas sempre desiste. E já tem algumas semanas que você o tem cercado — ela falou. — Você está jogando?

— Não.

— Você sabe que só é possível jogar quando as duas partes estão cientes, certo?

Me calei novamente, não iria admitir que esperava que ele me notasse e sacasse o que estava acontecendo ao seu redor sem pistas óbvias.

Queria testá-lo, ver a sua reação.

— Então, vai me dizer que *você* não tem nada a ver com os casos das garotas que foram parar na enfermaria devido a uma misteriosa alergia na pele?

Olhei para ela de esgueira, semicerrando os olhos.

Não disse nada. Ela gargalhou.

— Você é a pior, achava que Apolline era vingativa, mas olha você com dotes incríveis de *possessividade*

— Não sei do que está falando.

— Dominic está tão ferrado.

Riu mais alto ainda.

— Cala a boca, não há nada rolando.

— Isso é o que mais me assusta.

Revirei os olhos.

Poderia ser coisa da minha cabeça, mas eu era observadora demais para não notar que ele também me olhava de esgueira. Notava quando eu passava em sua frente, ou percebia a sutileza do clima mudando a cada vez que a gente se encontrava pelos corredores do Instituto, nas alas de serviço. Seu olhar intrigante sempre me prendia e sentia uma vontade enorme de me aproximar.

Dominic passou a ser a primeira pessoa que eu reparava em qualquer lugar e que fazia "questão" de ser notada.

Eu não sabia o que tanto me atraía nele, mas queria muito descobrir. A curiosidade tinha gosto de adrenalina, fazia meu coração saltar e criar cenas imaginárias que provavelmente nunca sairiam da minha mente.

Bufei.

Eu estava ficando louca. Era uma possibilidade. Mas se ele não tomasse uma atitude e viesse falar comigo primeiro, desistiria e iria fingir que nada tinha acontecido.

Afinal, por que eu daria uma importância maior para ele sem receber qualquer coisa em troca?

— Errado — engasguei-me com o suco que já estava no meio da garganta. Quase cuspi. Meus olhos lacrimejaram.

Pisquei rapidamente, não querendo crer que a minha imaginação tivesse materializado um Dominic Clifford sentado ao meu lado e com o cenho franzido, mexendo a boca para formar alguma frase que não entendia.

Meu Deus, Dominic veio conversar comigo? Ou eu também tinha ficado surda, além de estar levando a sério demais as *fics* com o garoto novato?

— Entendeu? — Continuou. E a sua voz era grossa, mas suave. Ele estava sendo delicado?

— O quê?

— Terra chamando Augusta! — Ouvi estalos de dedos e olhei para uma Francesca com os olhos brilhantes de excitação. — Dominic estava perguntando qual era o nosso toque de recolher.

Analisei a pergunta e revezei o olhar entre Francesca e Dominic. Isso só podia conter duplo sentido, já que o toque de recolher tinha o mesmo horário para todos.

Com certeza ia rolar algo clandestino.

— Não, você disse outra coisa. — Concentrei-me em seu rosto. Suas sobrancelhas estavam arqueadas e seu olhar tinha um ar de desafio.

Eu tinha perdido algo.

Ele molhou os lábios.

— Disse?

Então, ele mexeu os lábios novamente.

… *segunda fase?*

Concentrei-me no seu sorrisinho nada discreto me perdendo por alguns segundos ali , fascinada pela expectativa. Semicerrei os olhos para minha amiga, que acompanhava atentamente nossa interação.

Balancei a cabeça, não acreditando no que estava rolando.

Dominic me lançou uma piscadela antes de voltar ao seu covil.

— Vão com calças e botas, não se sabe o que pode encontrar em uma mata à noite.

Abri um sorriso largo nos lábios.

— Parece que finalmente vamos jogar.

E… Caralho! Ele finalmente veio falar comigo!



— Quem inventou essa merda?

— Cadê a coragem que vi transbordando pelos corredores?

— Ela transbordou tanto que foi embora.

— Engraçadinha. — Fran puxava minha mão enquanto Polly puxava a dela, levando-nos para perto da fogueira.

Era um lugar dentro da mata, um pouco afastado dos alojamentos, não tinha muitas pessoas, mas uma quantidade suficiente para fazer barulho e arrumar alguns problemas. Bebidas alcoólicas e qualquer coisa ilícita era proibido de portar dentro da Academia, mas eu tinha certeza que o líquido dentro dos copos azuis nos condenaria a uma sentença severa por semanas.

Pequenos estalos de lenha queimada ressoavam pelo lugar e passei meus olhos brevemente pelos cantos iluminados pela lua.

— Ele se adaptou bem. — Polly me cutucou nas costelas com seu dedo. E a fumaça saiu de seus lábios carnudos direto para os meus olhos. E não precisei olhar para onde apontava para saber de quem falava. Dominic Clifford.

Empurrei-a, sentando no tronco que estava de frente para o fogo.

A temperatura baixava em graus absurdos durante a noite, então era bom estar perto de um elemento tão quente.

Polly sentou colada em mim, e fiquei entre as duas. Entrelacei nossos braços. Foquei minha atenção nos garotos do outro lado da fogueira.

— E também não parece ter dificuldade em alcançar seus interesses — Fran completou quando Dominic aproximou-se da orelha de uma garota, a qual de imediato ofereceu seu copo.

— Ou até mesmo desperta o interesse de *outras* — Polly deu uma risadinha e eu sabia que os olhos das duas estavam em mim.

— Dominic parece ser gostoso — continuaram, sugestivamente.

— Eu ouvi algumas coisas nos corredores… Sabe, eu ando muito por lá…

— Oh, e tem alguns boatos rondando…

Respirei alto e molhei os lábios.

— Como é a sensação de não conseguirem extrair nada de mim? — cochichei e elas bufaram, rindo alto, e demos um abraço triplo. Acho que não era só eu que estava com a pele gelada, mesmo debaixo de roupas quentes.

Tinha que admitir, eu também estava intrigada por Dominic ter se adaptado tão fácil no nosso meio, esse foi um fato que chamou drasticamente a minha atenção. Em geral, os novatos demoram um semestre ou até um ano para se agruparem e terem sua própria voz no Instituto. Éramos pessoas difíceis e extremamente chatas em relação a pessoas de

fora. Mas Dominic parecia… Confortável. Chegava a ser familiar o modo com que ele levava e dobrava tão bem algumas regras.

Eu já o peguei fazendo isso várias vezes na área alimentar.

Eu estava intrigada por Dominic.

E fascinada.

E culparia a intensidade que o Instituto exalava, pois ficar trancado em uma escola por tanto tempo, vendo as mesmas pessoas todos os dias, sem dúvida alguma afetava o psicológico de todos os alunos matriculados. Mas não reclamávamos.

A vida perfeita que exalamos nas revistas mais caras era desmanchada quando dávamos o primeiro passo para dentro do nosso lar e eu tinha certeza que, para muitos aqui, a academia tinha um significado que nenhum de nós podíamos descrever melhor que: fugir de uma realidade que não era tão boa assim.

Então, nos envolvermos temporariamente em merdas, que nos faziam sentir donos do controle dentro do limite da academia, era o que fazíamos de melhor.

Um pequeno grupo se reuniu no centro e o aperto das minhas amigas afrouxou.

— Acho que essa noite temos o seu, sim, não é mesmo? — Polly se animou.

— Tudo ou nada, não é mesmo?

Fran abriu um sorriso tão largo que quase não precisaríamos da lua para clarear o lugar.

— Finalmente o ano começou. — Polly levantou em um pulo e foi se aproximando do grupo.

Seguimos ela e aos poucos outras pessoas também foram se aproximando. Era nessa hora que teria que decidir se queria me queimar ou não. Porque depois do, sim, não havia espaço para arrependimentos. Ou a noite seria longa, divertida e ficaria em nossas mentes, com detalhes secretos que ninguém nunca poderia saber; ou seria curta, divertida e teríamos histórias para contar aos nossos filhos de quando boa parte dos adolescentes ficaram em detenção por três semanas.

Era um risco. Tudo ou nada. Ou morre pelo êxtase, ou desiste pela segurança.

— Não faz tanto tempo que eu não jogo, vocês que são viciadas demais. Sinceramente, gosto de esticar a minha mente em outras coisas que

não envolvam "h-o-m-e-n-s".

Fran me olhou com o cenho franzido, ofendida.

— Guarde um pouco das suas peculiaridades para você. — Deu um tapinha no meu ombro. — Hoje vamos ser apenas adolescentes que não tem um cérebro tão inteligente, e que tem uma única função…

— … CAÇAR TESOUROS, entenderam? — alguém gritou e senti minha pele pinicar, como se estivesse sendo observada. Procurei por alto, olhos escuros e não achei, estavam todos prestando atenção no garoto loiro em pé num tronco cortado para lhe dar altura.

— É bem simples, tenho algumas caixinhas dessas espalhadas pela mata. — O garoto levantou com os braços uma caixa quadrada vermelha. — Cinco caixas com cores diferentes: vermelha, roxa, branca, azul e preta, e cada uma contém um vale especial, que pode ser um benéfico na academia, um vale com benefícios materiais ou benefícios que podem ser usados aqui entre nós… Se é que vocês me entendem. — Risadinhas foram ouvidas e a curiosidade para saber que tipo de benefícios eu poderia ter na academia me atiçou.

Uma vez, eu ganhei um vale de água quente por uma semana, e *não* posso negar que toda adrenalina que passei na madrugada para ganhar o vale, valeu a pena.

Caça ao tesouro era um jogo divertido e até tranquilo em vista dos desafios feitos em outras noites, senão fosse os lugares que eram postos os vales e o que acontecia no caminho até encontrarmos o “tesouro”.

— Agora, vamos as regrinhas que são fundamentais ressaltar, soldados: sem barulhos, pois sabemos que nossos superiores têm uma audição bem apurada… — ele deu uma risadinha e continuou com um sorriso malicioso. — Teremos obstáculos por aí… — o sorriso cresceu: — Por favor, sejam espertos em suas jogadas. E claro… se um for pego, isso não se aplica aos outros. Jogo é jogo, protegemos uns aos outros e a nossa honra vale mais do que um tesouro. É isso, pessoal. Iniciará uma contagem de três minutos a partir de agora, e irei contabilizar todos que ficarem ao redor da fogueira.

Percebi algumas pessoas se afastarem e os murmúrios estavam no ar.

— Depois contaremos até trinta e se até o despertar vocês não encontrarem os vales, sinto muito, mas o problema será todinho de vocês — então o garoto contou no pulso os minutos e logo em seguida iniciou a

contagem regressiva em voz alta: — Começando em, cinco… quarto… três…

Afastei-me do grupo, indo em direção à fogueira.

— Huhuu, parece que temos alguém determinada aqui — Polly cantarolou.

— Tenho um fraco por *tesouros* que beneficiam.

— Observou que Dominic não estava por perto?

Claro que sim. Eu o tinha procurado e falhado.

— Isso significa que ele pode estar por aí… Atrás das árvores te observando — sussurrou Francesca e alguns cenários muito intensos nublaram meus pensamentos.

— Acho que alguém vai ficar com o melhor prêmio essa noite.

— Às vezes, vocês são tão bobas, esquecem o que vem primeiro.

— Oh, claro que sabemos. Sabemos que você tem um cérebro genioso e que provavelmente acharia as cinco caixinhas — Polly sorriu sugestivamente.

— Então? Hoje eu vou pegar o prêmio. Ponto.

Eu estava animada por alguns benefícios na academia.

— Claro que vai, não duvidamos disso. — Fran estreitou os olhos para Polly e elas acenaram uma para outra. — Só estamos falando que… talvez o seu benefício possa vir premiado.

Segurei o sorriso. Eu sabia o que rolava na mata onde ninguém estava vendo, e sabia exatamente o que elas estavam insinuando.

Não era que eu não contasse ou não gostasse de compartilhar minhas coisas com as minhas amigas, mas eu era assim, às vezes não precisava dizer ou olhar mais do que duas vezes para elas me entenderem. Até porque enquanto nada me ebulia o suficiente para colocar para fora, estava tudo bem.

Sorri comigo mesma.

Okay, eu estava animada para descobrir o que poderia ganhar essa noite, ainda mais com a possibilidade de aplacar a curiosidade em relação ao garoto de olhos petróleo.



BOAS NOVAS

AUGUSTA VENDETTA

O sentimento de ódio nunca foi o meu preferido, embora fosse um bom combustível para ações que te levariam para a morte.

Porque era isso que a raiva causava. Morte. Destruição. Feridas abertas incapazes de serem curadas.

Eu sentia o meu próprio coração sangrar quando era dominada.

Repassava os acontecimentos do final de semana, e cada maldita palavra sobre o possível casamento entrava como faca em meu peito, sangrando barreiras de sentimentos confusos que não estavam prontos para serem expostos.

Ainda não.

Era como estar em cima de uma tábua velha, andando em linha reta sem saber quando ou *se* ela iria quebrar. Um período de incertezas e medos no qual sabia que somente *eu* poderia decidir os próximos passos, e estava cada vez mais apreensiva sobre meu tempo ter acabado. Medo das minhas desculpas já não serem o suficiente para mantê-lo longe.

Suspirei. Eu precisava de *planos*. Organização. Só precisava seguir o cronograma, não importando quão amarga a minha boca estava com um

sentimento de aflição, espalhando-se em meu peito por saber que havia uma ameaça perto demais corroendo toda a minha vida.

Quando o carro se aproximou do local, consegui ver a grande bandeira dourada com uma águia em uma das pequenas torres no topo do salão. Franzi o cenho. Sempre que havia um evento era levantado a marcação de território indicando os *membros* presentes, indicando que boa parte do conselho estava aqui essa noite.

A velocidade do carro diminuiu e os paralelepípedos foram substituídos pelo asfalto, os canteiros passavam devagar sob meus olhos, juntos com homens prostrados em trajes pretos, concentrados em cada pessoa que transitava por ali.

Suspirei ansiosa, olhando nada em específico no breu escuro. Em todos os momentos da minha vida, aprendi que focalizar nas coisas externas era a única coisa que mantinha a minha mente sã e me proibia de entrar em uma espiral de sentimentos confusos, cortando a melancolia e focando *somente* no externo.

Porque sabia que uma vez *lá*, não conseguiria sair tão fácil.

Fui recebida por *flashes que machucaram meus olhos* ao descer do carro, e uma enxurrada de informações me saudou ao pôr os pés dentro do saguão principal, onde as recepcionistas estavam a postos para nos receber.

Estava de volta ao Salão Dourado, mas dessa vez, ele se encontrava completamente diferente. Não era um baile, era o jantar de boas novas.

Segui pelo corredor largo e iluminado, cheio de lustres em espiral e paredes beges e detalhes dourados. Eu conseguia ouvir notas de um piano ao fundo, sentindo os pelinhos dos meus braços se arrepiarem e um gosto metálico invadir minha boca.

Um cheiro forte de rosas me embalou cada vez que me aproximava mais do final do corredor. Todo pequeno detalhe era pensado no condicionamento do lugar, como o grande tapete bordado pelo corredor, no qual caminhei rapidamente a passos largos; ali havia desenhos, símbolos e nomes das famílias fundadoras da cidade.

O barulho de conversas e risadas altas me saudou ao empurrar a larga porta branca e entrar no salão. E como sempre, perdi o fôlego com a decoração do ambiente, era magnífico. Meus olhos devoraram tudo. Mesas retangulares decoradas em dourado, e grandes arranjos de flores brancas no centro. As cadeiras eram poltronas altas revestidas de veludo e *bouclé*

dourado com braçadeiras brancas, fazendo jus a todo conforto que o evento prometia.

Eu conseguia ver os reflexos das luzes no piso extremamente brilhante e branco.

Como no saguão, lustres ainda maiores adornavam o teto alto do salão, cheios de cristais padronizados, deixando somente um imperial maior ao centro. E eu me senti sendo minuciosamente observada quando parei os meus passos no meio do lugar.

O olhar de outras mulheres e homens também não me passaram despercebidos. Eu nunca passava despercebida.

Eu gostava de chamar atenção, mostrar a confiança que tinha pelo meu próprio corpo, mostrar que eu poderia usar a roupa que quisesse e mesmo assim ser tão respeitada como qualquer um que tinha um pau entre as pernas. Nem que pagasse para isso. O que eu não ligava, ninguém ligava, na verdade, era tudo sobre aparências e, se você estivesse bem *ali*, era isso o que importava.

E naquela noite não foi diferente, o meu vestido vermelho marsala com o fundo preto não deixava muito para imaginação, não quando tinha uma grande abertura na coxa e era razoavelmente aberto na frente de cima a baixo. Não me deixava nua, mas havia aberturas sobre a minha pele recentemente beijada pelo sol.

Minha atenção foi roubada para a mesa central, e arqueei as sobrancelhas, estudando os lugares marcados. Era sempre muito decisivo seu lugar na mesa, pois ele lhe dizia como sua noite seria ditada e quais privilégios poderia levar.

Senti minha espinha gelar quando encarei as plaquinhas.

A mesa central era a maior, comportando as pessoas por uma pequena regra: as primeiras gerações, a família honrada, políticos de apoio e o Chefft de interesse da noite.

O gosto metálico em minha boca voltou quando vi que meu pai se encontrava na terceira cadeira à direita do senhor Clifford, que estava fielmente em seu lugar, na cadeira ao meio da mesa. No centro.

Suspirei, incomodada com a cena a seguir: Miriam ocupava o lado direto do nosso pai, e Ella ao lado da nossa mãe, que parecia muito confortável na cadeira à frente conversando com o senhor Clifford.

Não fico surpresa ao ver meu lugar marcado ao lado do meu pai. Senti meu sangue esquentar de raiva quando percebi que hoje nós éramos a

família honrada. Tínhamos interesses em discussão, então claro que meu pai usaria até o último fio de benefício. Ele não tinha desistido da ideia, mesmo eu dizendo vários *nãos*.

Cerrei a mandíbula, eu não iria sentar ali.

Captei os duros olhos do meu pai que me repreendiam antes de qualquer coisa. *Isso não estava combinado,* eu quis dizer. Olhei para ele da mesma forma, soltando fogos pelos olhos, e ele apenas parou de me olhar, como se o meu pedido não fosse nada de mais.

Não tive tempo de conversar com ele novamente depois da reunião que tivemos no seu escritório. Eu temia ser uma filha mal-educada e isso não era algo que gostaria de ser. Não importava o quão ruim toda essa merda fosse, o peso do respeito pelos meus pais inundava cada poro de obediência.

O que não impedia da raiva penetrar minhas atitudes cegamente.

Varri com os olhos as pessoas presentes, procurando Apolline, que já devia ter chegado.

O mesmo acústico do corredor tocava ao fundo, e vi um grande piano em um canto mais afastado do salão. Meus dedos das mãos coçaram e apertei com firmeza a taça, que parecia tão frágil quanto os meus sentimentos escondidos pelo medo.

Meu celular vibrou na pequena bolsa, peguei-o para ler a mensagem na barra de notificação:

Polly modelo top 10: *Espero que tenha chegado porque estou furiosa.*

Polly modelo top 10: *Você não vai acreditar o que descobri.*

Polly modelo top 10: *Prepare meu caixão, pois Bash não terá a honra de me ver nas passarelas nos próximos dias.*

Polly modelo top 10: *Eu odeio homens.*

Ri da sua mensagem e guardei o celular sem respondê-la, pronta para ir ao seu encontro no mesmo lugar que adorávamos ficar: no segundo piso. Longe dos olhares críticos de Bash.

Endireitei os ombros em uma posição de defesa, pronta para atravessar o salão. Mas senti todo meu corpo quente e foi como ímã para que eu me virasse e *o* encontrasse me devorando com os olhos.

Um arrepio familiar perpassou todo meu corpo quando senti no meu ventre a intensidade dos seus olhos. Ferozes e famintos. E senti-me

desesperada quando tudo que vi através das íris cor de petróleo foi calor. Como se estivesse pronto para atacar. Como um leão.

Merda, Dominic estava bem ali, observando-me como um bom predador que sabia exatamente como sua presa iria agir. As palavras amargas do nosso último embate me alcançaram, me alertando que ele não estava com a bandeira da paz levantada e que eu teria que ter cuidado com os meus próximos passos.

Principalmente ali no meio do salão, onde eu estava sendo minuciosamente observada por olhares traiçoeiros.

Engoli em seco e senti o ambiente diminuir de tamanho. Meu coração bombeava em antecipação. O ar-condicionado não parecia esfriar o lugar suficiente. Meu pescoço e rosto queimavam com sua avaliação. Vi seus olhos quando me escanearam, me comendo e desejando lentamente. Cada molécula do meu corpo. Levando meu ar e fazendo meu mundo se estreitar em suas mãos.

Como uma Maria-mole. Era assim que me sentia sempre que ele me olhava *assim.* Eu odiava esse olhar, odiava o calor e a luxúria que seus olhos me presenteavam. Odiava. Odiava porque o meu corpo amava, e eu não podia lidar com *isso*.

E foi como uma avalanche, uma memória antiga, penetrando como um ramo daninho, seco e cheio de espinhos. Machucando-me. Eu me lembrava da pureza de seu olhar, da curiosidade e da coragem do novo mundo que batia em sua porta quando éramos mais novos.

Quando ainda éramos *nós*.

De repente, minha pele pinicou ao ver a máscara vazia nublar perfeitamente seu rosto. E suspirei baixinho, tentando ignorar as palpitações agitadas do meu coração. A promessa secreta que tinha feito no quarto, explícita demais em seus olhos.

Ele tinha raiva. Todo o encanto inocente que um dia tinha sido criado foi quebrado. Seus olhos reluziam o quão furioso ele estava apenas por eu estar a alguns passos dele. Por eu estar tão perto e estar tão longe ao mesmo tempo.

Me sentia engolida pela sua amargura, pelo seu desprezo. Eu queria fugir, correr e *talvez* dizer que não gostaria mais de seguir por esse caminho que eu mesma tinha escolhido. Porque doía. Sempre doía. Ele não me poupava de nada, nunca.

Mas eu não podia. Eu era uma puta covarde. Era uma avalanche, um furacão em risco. E eu tinha que o afastar.

Ele se esforçava para me levar ao limite. Sempre me empurrando, me impelindo. Eu via o vislumbre de orgulho em seu semblante quando vencia uma batalha que eu mesma nos metia, então ele não ia parar. Era o jogo preferido dele, a caça, e ele fazia questão de assistir cada partícula se deteriorar dentro de mim.

Seus olhos, antes tão vívidos e dóceis, hoje obtinha o feixe obscuro de dor que eu covardemente me negava a tirar. Porque assim era o melhor *pra mim. Eu merecia.*

Eu o destruí para mim.

Porque eu tinha feito isso, o transformado. Tinha feito a única coisa que ele me pediu para não fazer: criei espaço entre nós.

Virei uma chavinha perversa em sua cabeça quando quebrei o seu coração, sem me importar quão amargo poderia ser a dor de uma vingança.

Segurando o fôlego, também fiz o meu trabalho, não deixando de absorver cada pedacinho do seu ser com meu olhar.

Dominic trajava roupas claras e sociais, o que deixava bem marcado os ombros largos e o seu corpo forte. O cabelo castanho-escuro de fios grossos e grandes estava bem-arrumado para minha surpresa, já que seus dedos eram inquietos o suficiente para não deixá-los em paz. Sua barba estava aparada e quando fixei meus olhos em seus lábios vermelhos, tive que virar o restante da taça para molhar a minha garganta seca.

Estreitei os olhos quando vi de relance o brilho da sua abotoadura.

Fixei brevemente em seus olhos e absorvi um brilho nada genuíno neles, *cretino*. Endireitei o tronco aumentando as minhas barreiras, e tentando não encarar, pois sabia que não conseguia enfrentar duas batalhas seguidas.

E eu também sabia que tinha atingido meu objetivo ao perceber o calor do meu colo e a respiração acelerada. Tinha deixado um decote generoso de propósito, e o efeito desse ato veio quando o espaço entre nós diminuiu e vi a luxúria em sua expressão mudar para algo sombrio, quase raivoso.

Pisquei alarmada, o coração disparado. Ele não estava mais com seu sorriso debochado, seu maxilar estava travado e me senti em transe quando via suas longas pernas atravessarem o salão.

Ele estava vindo em minha direção, devorando e sondando cada pedacinho do meu corpo como uma presa fácil. Tive que pensar rápido. Não poderia ter esse embate. Não *agora*, tão exposta a *todos*.

Assim que um homem de terno preto o parou, tive a minha chance. Procurei o primeiro rosto familiar que encontrei pelo salão e saí do meu lugar, pegando outra taça no caminho, deixando um Dominic possivelmente *irritado* para trás quando percebeu que não estava mais parada em seu encanto.

Pisquei surpresa quando Nikolai Reaper se aproximou de repente, atravessando a minha visão, invadindo meu espaço com um brilho desconhecido nos olhos.

A sensação de mal estar me cobriu quando meus braços ficaram tensos.

— *Bela* Augusta, é sempre um grande prazer estar em sua presença — disse galanteador com uma voz suave, e pegou minha mão direita para beijar.

Revirei meus olhos, desfazendo-me da conformidade. Eu não tinha muito apreço pela sua pessoa, mas estava curiosa com sua presença, a última vez que ouvi sobre ele, estava cursando faculdade em outro estado.

Nikolai trajava uma elegante roupa social, de gravata azul-escuro, camiseta, colete e uma calça bem alinhada da mesma cor da gravata. Seu cabelo escuro estava em um perfeito corte militar, juntamente com sua barba bem aparada.

— Achei que tínhamos deixado a falsidade no Ensino Médio — alfinetei e ele arqueou as sobrancelhas. — Sem formalidades, por favor. — Ele levantou os dois braços em rendição e abriu um sorriso nada genuíno. — Férias? — sondei. — Estou surpresa por te ver aqui, achei que *essa coisa de bailes e socialites* não eram a sua praia.

Ele pensou por alguns segundos antes de soltar tranquilo:

— Chamado do *capitão* — sorriu maliciosamente. — E não fique surpresa, bailes e socialites podem ser o melhor lugar para se estar em uma noite. — Balançou a cabeça para o lado em que algumas debutantes estavam conversando, deixando claro suas intenções. Claro… *Garotas*, era por elas que ele estava aqui.

Me remexi inquieta. Nikolai era o filho mais novo de Martinez Reaper, e o meu estômago embrulhou quando vi em seus olhos algo que repelia amargamente.

Frequentavam o *Salão Dourado* os sobrenomes e socialites com bolsos mais cheios e influentes da cidade, o que tornava o local de caça perfeito para quem gostaria de desfrutar de um cardápio recheado de belas mulheres e negócios. Negócios que muitas vezes eram casamentos por conveniência. Provei um gosto amargo em minha língua com o sentimento de objetificação.

Poderia parecer cruel aos olhos de fora, mas grandes *negociações* já foram fechadas assim. Casamentos significavam poder, eles eram alianças poderosas que construíam impérios sólidos, e que funcionavam muito bem há anos.

Então, sim, o jantar de *boas novas* poderia ser um verdadeiro expositor de mulheres na sociedade. E não é como se houvesse uma rivalidade entre quem ficaria com quem no final, mas, sim, um jogo de poder entre homens de ternos por trás de uma mesa, que usavam suas filhas como cartas coringas em um baralho sujo e cheio de truques.

— Achei que não compactuava com esse estilo de vida — tentei apurar respostas indiretas.

— Eu também achava que você não, e olha onde está. — Franzi o cenho para sua alfinetada e minha língua coçou para lhe dar uma má resposta.

Mas Nikolai abriu um sorriso perverso e me deu uma piscadela… Ele estava me paquerando? Dois passos cautelosos foram dados. Também o olhei com cautela. Ele sabia que tinha me pegado e que a minha resposta a seguir definiria o quão condenada eu estava.

O quão fundo ele sabia dessa bagunça toda? Mas eu não precisei pensar muito, pois todas as minhas entranhas paralisaram ao sentir a *presença dele* e a sua voz atrás de mim.

— Mal chegou em território inimigo e já quer roubar a noiva do *dono* da festa. — Dominic debochou e meu coração quase saiu pela boca em choque.

Não. Meu sangue esquentou de raiva. Não estávamos noivos, merda. Não estamos! E mesmo que isso fosse uma possibilidade, ele não tinha o direito.

Senti meu rosto esquentar quando encarei seus olhos petróleo, que não esboçavam nenhuma reação além da provocação explícita no rosto.

Vi Nikolai mudar a postura, e se nós não estivéssemos tão perto, não tinha o visto afastar seu corpo do meu instantaneamente, alguns

centímetros. Ele olhou para Dominic, que se apossou do meu lado direito, me invadindo com sua prepotência orgulhosa, e fuzilei sua mão quando ela tocou em meu braço e, devagar, deslizou para as minhas costas.

Meu sangue ferveu quando a merda do meu ventre vibrou com o contato de sua pele na minha. *Idiota do caralho*, como se eu fosse uma posse ameaçada.

Não, não, não, não. Isso. Não. Podia. Estar. Acontecendo. Não na frente de Nikolai.

Raiva nublou meus sentidos e afastei alguns passos para pegar uma nova taça, dando espaço entre nós para que minha vontade de estrangulá-lo não fosse maior do que o meu controle. Queria estar alucinando quando ouvi sua risada baixa.

O rosto divertido de Nikolai analisava nossa interação com atenção, e soube que ainda queria uma resposta. Dominic também queria uma resposta. Ele estava me desafiando a negar.

Senti o olhar dos dois sobre mim e novamente estava sendo encurralada por homens com reis na barriga. A diferença ali era que só um deles realmente obtinha o poder.

Se Dominic achava que eu não iria negar sua tentativa babaca de marcar território, estava redondamente enganado.

A gente não estava noivo, porra, o desespero gritava na minha mente.

— Noiva? — Nikolai incentivou curioso e o fuzilei. Grandes filhos da puta. Tomara que fossem para o inferno…

Suspirei e empertiguei a coluna, pronta para soltar todo veneno acumulado na língua.

— Não estamos noivos, po-

— Pelo amor de Afrodite, até que enfim! — a voz de Polly cortou o clima, levando meu protesto embora. Virei-me de imediato para olhá-la, não gostando do seu desânimo quando deu um longo suspiro. — Você não vai acreditar no que meu pai fez, eu juro por Afrodite que se eu me casar com aquele merd… — mas novamente a voz foi interrompida quando mirou através de mim, notando que não havia somente eu e Dominic ali.

Seus orbes escuros se arregalaram para Nikolai e vi seu rosto balançar meio perdido.

Ela deu um pequeno passo para trás, um pouco aérea, dando-nos a visão completa do seu vestido prata, que abraçava maravilhosamente bem o

seu corpo curvilíneo. O vestido ia até seus joelhos e era de um ombro só, sendo segurado pelo esquerdo somente por uma fina alça que deixava sua clavícula exposta. Ela estava sexy para um caralho.

— O quê, amiga? — incentivei-a a continuar, porque ignorar Dominic era muito melhor do que respondê-lo.

Polly abriu e fechou a boca, aturdida, e me olhou significativamente. A preocupação me inundou me tirando da nuvem alarmada de segundos atrás.

— A gente precisa conversar sobre *aquilo* — falou baixo como se não quisesse que ninguém escutasse. Franzi o cenho.

Apolline não era o tipo de pessoa que tinha vergonha de falar as coisas.

Então assenti, pronta para sair daquele lugar. Talvez Nikolai esquecesse da informação falsa que Dominic havia despejado. Mas antes que eu pudesse perguntar algo sobre sua expressão assustada, o barulho de uma taça calou o falatório, e fomos impelidos a olhar para a mesa central, onde todos estavam sentados em seus devidos lugares e somente dois ainda estavam vagos.

O meu e de Dominic.

Os olhares da mesa nos encontraram rapidamente, em uma clara acusação. O braço de Dominic endureceu, apertando minha cintura em posse.

— Acho que está na hora, amor — o sussurro malicioso chegou ao meu ouvido de um jeito grosseiro. — Não podemos deixá-los esperando.

— Eu não vou me sentar ao seu lado — falei entredentes com um sorriso falso.

Entre os convidados, notei o olhar duro da minha mãe que exigia uma resolução de conflitos.

Todos estavam nos esperando.

— Você vai sentar ao meu lado, bruxa, querendo ou não.

— Não! — Eu não me importava se todos ali no salão aguardavam curiosos, esperando que fôssemos para os nossos lugares para dar início ao jantar. — Vai. Sozinho!

— Augusta — disse felino.

— Dominic — mordi os dentes, enfrentando seu olhar duro.

Tudo nele emanava autoridade naquele momento e eu o odiei por isso. Mas ele não esperou outra resposta, e quando achei que tinha desistido

e iria sem mim, senti um leve empurrão nas minhas costas e fiquei horrorizada.

Olhei feio para sua mão que me segurava firme, e senti a raiva borbulhar quando o rio petróleo me inquiria a ir em frente e fugir do seu aperto. Belisquei a sua mão quando tentou me guiar pelo braço, não abrindo mão de mim por um segundo sequer.

Minha espinha pinicava com sua presença e bufei em passos largos, fugindo do seu calor. Os olhares pesados vigiando nossa interação até que nos sentamos nos únicos lugares vazios da extensa mesa.

— Boa noite a todos! — A voz fria soou no microfone para que todos o ouvissem.

Era Martinez Reaper quem anunciava, um homem na casa dos 40 e um pouco grisalho.

Meu coração acelerado demorou a se aquietar.

Ele era membro da associação, e trabalhava *diretamente* para o senhor Clifford, sendo sua voz ativa e braço direito. Ele era quase parte da família, pois havia tantos anos que estava dentro da casa Clifford que já tinha um lugar na mesa e dentro das particulares vidas dos homens que carregavam o sobrenome. O fato fez meu estômago se revirar pela adrenalina. Travei o maxilar, desviando os olhos dele e encarando meu pai.

— Pelas palavras do senhor Clifford, saúdo com grande alegria as *boas novas*, que iniciemos um novo ano tão cheio de fartura como terminado o outro. Que possamos criar alicerces e rochas firmes em nosso meio.

Por alguns segundos, Martinez continuou a falar seu monólogo de boas-vindas e recepção, explicando os pontos altos do ano e como devíamos nos preparar. E a todo momento, analisei a reação do meu pai. Ele me ignorava e analisava mortalmente Martinez.

— Como sabem, a mansão terminou as suas reformas, e teremos nossos eventos sociais nas terras Willians a partir de hoje. Então, sintam-se convidados a marcar seu nome no caderno de agenda… — Ouvi risos e murmúrios baixos. Ninguém conseguia marcar nome na agenda se a primeira-dama não quisesse, ela era responsável por isso e usava e abusava desse poder o quanto quisesse. O tom de voz do anunciador havia mudado, e levantei meus olhos, encontrando os seus em mim. — E por último, mas não *menos* importante, sabemos que alianças são formadas constantemente, isso faz parte do nosso meio. Negócios, impérios e *promessas*.

Quase cuspi o líquido de volta ao copo quando senti o braço quente de Dominic em minhas costas, encarei-o com raiva. Idiota do caralho… Levei minha mão para beliscar sua pele novamente, mas meu corpo paralisou com as próximas palavras cuspidas de Martinez:

— E é por isso que com grande *honra*, anunciamos o noivado de Dominic e Augusta, o senhor Clifflord expressa seus mais sinceros parabéns!

Foi como um tapa na cara.

Não, pior. Um milhão de facas jogadas ao mesmo tempo, nas minhas costas.

— E que o ano comece e termine em abundância — Dominic disse alto ao meu lado, brindando com seu copo de *bourbon* e um sorriso perverso nos lábios.

— E afortunados sejam os mais astutos, que produzem em rocha sem deixar o outro cair — e todos responderam.

Todos, menos eu. Porque encarava cada pequeno detalhe da taça na mão do meu pai e sentia-me pesada. De repente, um peso foi derramado sobre mim e não sabia se poderia aguentar. Estava pesado.

Era pesado o sentimento amargo da traição.

Então, as conversas abafadas encheram o lugar e meu torpor não tinha passado quando pessoas chegavam até mim e apertavam minhas mãos, ou minha bochecha, ou meus ombros, ou apenas balançavam a cabeça.

Eu estava puta, sentia-me traída e enganada, como se a conversa de sábado não tivesse servido para nada, como se a minha opinião ali não importasse. Diminuída. Fingiram que precisavam do meu *sim* para depois atropelarem minhas escolhas como se não fosse nada.

Não conseguia olhar para nenhum lado, não conseguia encarar ninguém. Não sabia qual sentimento doía mais. Impotência ou medo pelo que poderia vir daqui pra frente.

— Pai — chamei sem conseguir esconder a mágoa. — Por quê? Por que não me falou?

— Era o melhor para você.

— O melhor para mim? — quase gritei e seu olhar me repreendeu. — O melhor pra mim era saber de tudo, saber o que está acontecendo. Eu preciso me-

— A gente já conversou sobre isso, você tinha concordado.

— Não, eu não disse que aceitava. — Minha voz soou desesperada.

— Você já teve muito tempo para pensar sobre isso. — Sua voz me cortou e segurei meus lábios para não desabar. — Precisa lidar com o seu futuro. Se não for agora, não será nunca. — O olhar fraquejou por alguns segundos. — Você é mais forte do que imagina, lide com *isso*. A partir de *agora*.

Engoli em seco, recebendo suas palavras diretamente no coração. Ouvi o *bip* do meu celular, mas não me importei. *Lide com isso*. O problema era que eu não queria lidar *com isso.*

Mais algumas pessoas chegaram para me cumprimentar e mesmo assim não o olhei. Eu não queria ver o *seu* rosto, tinha medo de ver sua vitória estampada aos quatro ventos.

Minha mente começou a repassar em cada detalhe do início da semana, e a minha ficha finalmente caiu, ele não queria uma resposta minha, estavam apenas me avisando o que ia acontecer. Novamente sendo prensada por homens e ficando de mãos atadas.

Uma última respiração me cortou.

Puta merda.

Eu estava noiva de Dominic Clifford *novamente*.



LIMITES

AUGUSTA VENDETTA

Noiva.

Uma realidade distorcida que nos levaria para a *morte*.

Uma vez eu sonhei com esse dia, Dominic me pedindo em casamento e nós sendo reverenciados como a nova família real que construiria o maior império de Bash. Éramos bons juntos, e eu faria *qualquer* coisa por ele.

Esse sonho, no entanto, havia sido destruído e uma parte da nossa história havia sido rasgada em pedaços, deixando o puro e pavoroso rancor.

Uma gargalhada baixa me tomou e os olhos dispersos da mesa em que estávamos sentados me encontraram curiosos.

Cerrei os olhos para o homem ao meu lado que despertava o meu pior, suas esferas brilharam de expectativa esperando a minha reação.

Então, naquela noite, eu olhei firme para o meu *pesadelo* e sorri. Porque se o senhor Clifford sabia das intenções do casamento, *ele* também sabia. Ele queria brincar comigo de novo.

Os olhos atentos se arregalaram levemente quando me levantei da mesa.

Dominic parecia extasiado ao meu lado, seus orbes tinham um brilho conhecido e me perguntei o que mais lhe agradava: a surpresa das pessoas ou me ver como centro das atenções.

Todos aguardavam a minha primeira reação. E eu não poderia ser menos fria.

Porque minha voz já não valia de nada naquele momento. E o meu pai sabia disso, pois não se importou quando o fuzilei furiosa pronta para desmanchar toda essa merda.

Um sorriso orgulhoso brotou nos lábios de Dominic e a raiva crepitou amarga em mim. Ele não estava nem aí para a minha reação ou para o que eu achava do noivado forçado. Ele apenas observava diabólico os murmúrios que explodiam ao seu redor. Adorando o caos.

Saboreando a confirmação da coroa que, em breve, assentaria em sua cabeça. Porque era isso que ele queria. A coroa que conseguiria através do casamento.

Travei o maxilar pisando duro quando afastei a cadeira e segui para qualquer lugar que não fosse o centro.

Eu tinha que respirar.

Fui para sala que tinha como minha e a tranquei. Encarei o grande quadro que tinha atrás da mesa. Dominic e Augusta em seu primeiro baile de debutantes. Por que merda aquele quadro ainda estava ali?

Fechei os olhos, atordoada. Meu celular apitou em mais mensagens que eu não queria ver. Mensagens que me atormentavam como um maldito *pesadelo*.

Fuzilei a foto registrada anos atrás. A maçaneta da porta mexeu e rangi os dentes quando ela abriu sem nenhuma dificuldade. Cabelos pretos atravessaram para dentro junto com uma frieza inabalável.

Dominic era o anfitrião, ele tinha *todas* as chaves. Engoli em seco quando a sala diminuiu de tamanho com a sua presença.

— Você não pode entrar *aqui*.

Um sorriso maldoso.

— Eu já entrei, bruxa.

O trinco da porta mexeu novamente, dessa vez trancando nós dois para dentro. Cerrei os punhos, as unhas machucando minha palma.

— Por que está aqui?

— Minha noiva não pode estar sozinha.

— Não estamos noivos.

— Claro que estamos.

— Por acaso a loucura chegou mais cedo? — debochei e seus passos felinos se aproximaram. Medi a distância perigosa entre nós. Estava encostada na mesa e ele a bons cinquenta centímetros de mim. — Por que está fazendo isso? O quão louco ficou com essa história toda?

A loucura era a única resposta que eu encontrava.

— Desde quando você sabia disso?

— Eu não sabia.

— Mentiroso da porra.

Seu sorriso rugiu diabólico.

— Aprendi com a melhor.

A fúria me consumiu, despertando todos os meus sentidos.

— Eu sinceramente achei que os genes eram hereditários, seu avô parecia tão inteligente. Mas esse seu cérebro parece ter a capacidade de raciocínio igual a um mer-

— Augusta — disse sombrio e explodi.

— Agora está me repreendendo? Você não vê o quão babaca se torna a cada dia que passa? Eu não sei o que vi na sua cara quando me apaixonei por você! — Avancei e levantei a mão para empurrar seu corpo da minha frente. — Pare de jogar comigo!

— Para! — Dominic segurou meus pulsos com força. Não me deixando sair.

— Parar? — *Parar*? Puxei minhas mãos das suas e aproximei meu rosto do seu com fúria. — Quer saber? Tem razão, temos que parar, isso foi longe demais. Eu vou acabar com isso agora mesmo!

Decidida, mergulhei em suas íris escuras querendo despejar fúria dentro dele, querendo arrancar a sua reação mais selvagem. Estava fervendo. Não aguentava mais. Ele só poderia estar louco, todos estavam loucos. Então, apertei meus punhos e segurei o baque. Mesmo sem saber se estava preparada para as consequências.

Tentei me manter firme e não cair quando me senti sendo invadida, quando Dominic não me poupou nada, me entregou tudo dentro do seu abismo infinito. Perdi o fôlego quando sua mão alcançou o meu pescoço, me devolvendo para a mesa e me prendendo com o seu corpo.

Seus olhos me consumiram, me deixando presa. Fazendo com que lembranças do passado ameaçasse quebrar a barreira de mentiras que tinha construído entre nós.

E foi como uma avalanche, todas as informações estavam ali, puras, selvagens. Senti minhas pernas fraquejarem com a ciência da nossa proximidade. Meu coração batia descontrolado e respirava agora o ar fresco de menta que saía pelos seus lábios entreabertos.

Fechei os olhos, não podia perder o foco.

Agora não. Não podia deixar isso acontecer.

— Tá se queimando no seu próprio fogo, pequena bruxa?

Seu sorriso era diabólico, e senti minhas entranhas se remexerem. *Não*. Abri os meus olhos para encontrar raiva e malícia nos seus, ele me olhava atentamente.

— Você age como se fosse a porra de uma vítima, mas quer saber? — Sua voz reverberou por todo meu corpo. Rude e grosso, rompendo barreiras frágeis demais. — Está surtando *à toa*. Porque você poderia ter negado o noivado na frente de todos que ninguém iria se impor contra a sua fala. Você é a herdeira mais cobiçada de Bash, amor, e sabe que nem mesmo seu pai poderia ir contra sua recusa. — Uma risada sensual soou arrepiando todos os pelinhos do meu corpo. — Então, sabe por que não negou a imposição? — O aperto em meu pescoço aumentou e senti meu coração disparar. — Porque você *quer isso*, bruxa, quer isso tanto quanto eu. Você *adora* a sensação de adoração, adora ser o centro. Você não é a vítima, bruxinha, então me agradeça pela coroa.

Meus olhos lacrimejaram de raiva e os dedinhos do meu pé se contorciam de excitação. Porra, estava completamente embriagada.

— Desde quando você sabia disso? — sussurrei atordoada, ainda paralisada em seu aperto.

— Eu não sabia.

— Para de brincar comigo, Dominic. O cacete que você não sabia. — Engoli em seco para dizer as próximas palavras: — Essa é uma péssima ideia porque corações machucados não sabem o querem.

— Eu não me importo.

— Não somos bons. — Senti sua respiração mais perto do meu rosto. Estava pronta para despejar toda nossa merda no ar. — Cada loucura dura o suficiente para nos manter sãos.

Dominic vacilou por segundos antes de falar:

— Lembra da nossa primeira festa no Instituto?

— Não.

Eu não queria relembrar o passado. Balancei a cabeça negando.

— Presta atenção — falou firme, então puxou os fios de cabelo da minha nuca, e fez com que eu respirasse todo o ar que ele exalava. Puxando minha cabeça, fazendo meus olhos prestarem atenção em cada maldita palavra de sua boca. — Foi uma das noites mais insanas da minha vida. — Sentia meu mundo girar com a lembrança. — Foi a nossa terceira aposta. Eu nunca me esqueci, porque foi quando tive certeza que você estava por trás de tudo. Sempre. Foi quando te vi e tive a certeza de que, o que estivesse acontecendo naquele momento, era para sempre. A nossa loucura era para sempre, e depois que entramos por aquela porta, nada seria igual. Nosso mundo nunca seria igual ao dos outros.

Seus olhos eram fatais, me desafiavam a lembrar de coisas que eu tinha guardado a sete chaves. Porque eram momentos, os melhores. Guardei-os para manter minha sanidade a salvo, e eu não estava disposta a lembrar com ele o que a gente tinha perdido.

Todo o clima agitado tinha ido embora, o sangue quente que corria de raiva pela situação, agora corria em brasa pela proximidade.

Ele tinha avançado as barreiras.

— Desfaça esse noivado — sussurrei e meu coração quase saiu pela boca quando seu hálito soprou meus lábios.

— Isso é impossível, bruxa.

— Dominic…

— Não — ele soou amargo. — É impossível te deixar ir embora, você não entende?

Molhei meus lábios. Minha mente estava confusa, com raiva, mas queria respostas, queria saber o porquê insistia nesse noivado, e ainda tinha que lidar com meu corpo traidor querendo ceder.

Por um tempo fomos bons… Não, na realidade, éramos perfeitos juntos. Onde um começava o outro terminava. Éramos uma extensão um do outro. Até que um dia não fomos mais, e éramos egoístas demais para deixar o outro ir. Eu era egoísta demais. Como um maldito cão que não consegue largar o osso. Então começamos com os joguinhos mentais, o partir de corações e feridas passadas sendo abertas cada vez mais.

— Pare. Eu preciso que paremos com isso.

— Eu não estou fazendo nada, amor. — Seus olhos brilharam em malícia, e saltei para o lado. Sabia o que iria fazer. Mas ele avançou novamente, entrando no meu espaço. Eu senti a mesa em meus quadris.

— Não… — Dominic ia jogar com a tensão, dispersar meus sentidos e tentar jogar meu objetivo para longe, precisava me manter afastada.

Pelo menos por ora, até eu ficar longe o suficiente.

— É humanamente impossível estar no mesmo cômodo que você e não querer te tocar.

— Eu te odeio — disse entredentes, e ele apenas esticou seus lábios fechados.

— Quantas maneiras você pensa em me matar antes de me querer grudado em suas costas?

Dominic estava jogando baixo.

— Cala a boca.

Ele abriu um sorriso sem dentes e procurei seus olhos em completo desespero, e encontrei tudo aquilo que me foi prometido um dia: a mais bela e genuína raiva, misturado com toda dor que um dia sentimos.

Uma grande onda estava se formando, ameaçando destruir o resquício de força que ainda tinha. Eu sabia que em algum momento tudo viria à tona e teria que pôr todos os *pingos nos is*, e todo jogo doentio entre nós teria um fim. Tínhamos contas demais em atraso, e talvez ainda não estivesse pronta para pagá-las. Não sozinha.

Então riu amargo, sem humor, ele estava me provocando.

— Jogue comigo uma última vez, bruxa, e talvez a ideia de te deixar em paz comece a parecer interessante.

— Não.

Mas ele não parou, continuou avançando. E sentia a mistura de raiva com adrenalina, queria sair daqui, mas também queria enfrentá-lo.

Havia pura fúria entre nós.

— Dominic... — engoli em seco, tentando uma última vez.

Mas ele somente me olhou com aquele semblante fechado, bloqueando tudo que eu estava procurando.

— Eu não posso fazer isso com a *gente* — uma tranquilidade assustadora o embriagava.

— Isso não vai ficar assim — desafiei.

— Estou contando com isso.

Então, antes que eu percebesse, sinto minha mão sendo puxada junto do meu corpo, e sou empurrada para o centro do quarto.

— Dominic — chamo, percebendo sua intenção. — Não se atreva.

— É como nos velhos tempos — disse loucamente e meu coração saltou desesperado.

Merda.

Luto para tirar minha mão da dele, mas é tarde demais para isso também, meu corpo está muito ciente do seu. Todos os meus sentidos são nublados e nós estamos tão colados um no outro que sinto seu corpo musculoso me enlaçando. Sinto minhas pernas fraquejarem e o ar sair com dificuldade dos meus pulmões quando sua mão faz um caminho tortuoso de conhecimento pelas minhas costas.

— O que está fazendo?

— Dançando com a minha noiva.

Ele estava louco.

— Pare com isso — ameacei e ele ignorou. — Não estamos noivos.

— Você tem bons meses para aceitar a coroa, bruxa.

— Eu não vou usar uma coroa — quis ser firme, mas tudo pareceu doer fisicamente quando a frase teve um gosto amargo na minha língua.

Sua mão, que segurava meu cabelo com possessão, ficou firme, trazendo minha atenção novamente.

— Um dia, quando *parar* de mentir, verá que um trono será a única coisa que te restará.

— Você está louco.

Então, ele sorriu loucamente.

— Eu vou te perder de qualquer jeito, por que não me assegurar de que você terá seu inferno para sempre?

Engoli em seco, o arrepio perpassando todo meu corpo.

A nossa ruína estava próxima, não aguentaríamos outra batalha. Armaduras gastas nunca prometiam uma boa defesa.

Elas eram falhas. Meu celular tremeu no meu bolso e rangi os dentes.

Então, eu jogaria. E, quando tudo terminasse, deixaria *todos* destruídos.



QUENTE E FRIO

AUGUSTA VENDETTA

15º Academia Dell Marshall — Distrito da cidade de Bash
7 anos atrás

Andar sozinha à noite em um lugar escuro, cheio de folhas no chão, com árvores a cada passo que dava, barulho de grilos no fundo, e somente a lua como luz, poderia ser perturbador.

Mas me soava mais como *solitário*.

Isso.

Não encontrar ninguém estava me deixando louca. Não que eu estivesse com medo de estar no escuro sozinha, o que não poderia negar totalmente, só estava incomodada. Porque me sentia observada, embora não houvesse qualquer evidência que confirmasse minha loucura.

Me separei das garotas assim que adentramos a mata, cada uma com seu objetivo específico em mente. Não as julgava, cada uma tinha uma maneira diferente de diversão. E a minha nessa noite era conseguir um benefício concreto.

Então tinha que ser mais específica onde procurar.

O perímetro verde era vasto, grande demais para uma procura arrastada por poucas pessoas, então eu previa que não estaria em *qualquer* lugar.

E como a criatividade dos homens, às vezes, *deve* ser questionada, fui para onde mais fazia sentido estar; debaixo de seus narizes.

Ouvi o estalar de galhos e a sensação de ver uma sombra me assustou, me fazendo parar de súbito. Estava a poucos passos dos dormitórios masculinos, e tinha um bom palpite de que alguma caixinha estaria debaixo de suas gavetas. O que explicava, talvez, o mistério dos vigias noturnos estarem ausentes, ou apenas em um lugar diferente naquela noite.

Meu corpo entrou em modo alerta quando o barulho de folhas chamou a minha atenção mais uma vez, meus músculos estavam tensos e controlei minha respiração.

Se eu não estava louca, com certeza estava ficando paranoica. Sentia que não estava sozinha. Esperei estática que alguém aparecesse ou algo acontecesse, mas nada.

Nada.

Olhei ao meu redor em busca de algo atrás das árvores, mas em segundos, quando, outra vez, ouvi o farfalhar de folhas perto demais de mim, afastei os pés para trás em um modo de me afastar de algo invisível, pisei em falso e a minha bunda foi ao chão no mesmo instante. Senti o meu pé preso imediatamente e tateei rápido para encontrar o que estava incomodando.

Uma corda estava enrolada no meu pé, prendendo-a. Minhas duas pernas estavam presas.

Tinha caído em uma armadilha. Merda. Merda. Merda. Como?!

Fechei os olhos pensando no que tinha em mãos. Será que conseguiria arrebentar a corda com as mãos? Tentei. Claro que não. Senti minha mão queimar pela força e cheguei a quebrar uma unha. Merda duas vezes. O laço nos meus pés estava forte. Que porcaria.

Como tinha esquecido dessa merda? Armadilhas filhas da puta. Frustrada, tentei ser racional. Me desesperar não ia me ajudar, o que não parecia que daria certo, pois aquele fiapo de medo tentava se entranhar por trás da minha mente. *Que falta um celular me faz.* Não era permitido eletrônicos no Instituto, e a maioria das pesquisas ou tarefas eram feitas manualmente.

Fiquei em alerta quando passos foram ouvidos e uma sombra masculina se fez presente. Não reconheci quem era, então paralisei meus movimentos da mão e esperei que falasse algo.

Eu tinha em mente que era tudo um jogo, que ninguém *desconhecido* estaria dentro dos limites do Instituto. E provavelmente seria um dos *batedores* que rondavam durante à noite. Mas o desespero de ser pega e não saber o que aconteceria criava cenários horríveis na minha cabeça, e o medo novamente ameaçava me sufocar.

— Precisa de ajuda? — a voz era grossa e tentei identificar na memória, mas meus sentidos estavam aflorados demais para tentar reconhecer de primeira.

— Não. — Não queria que se aproximasse. No momento, eu queria desatar os meus pés e sair correndo.

Acho que ouvi uma risada baixa. Estava rindo de mim? Isso era ruim. *Tinha sido pega.*

O que não deveria parecer ruim, já que os joguinhos noturnos deixavam muito explícito suas atividades, porém, naquele momento, estar presa não me relaxava em nada e não deixava nada divertido.

Então, ele deu um passo saindo da sombra, deixando que a lua iluminasse seu rosto, e reconheci quem estava diante de mim, e não sabia se estava feliz ou triste.

Dominic estava diante de mim.

Era possível controlar emoções? Meu coração foi à boca.

Um agito de ansiedade me fez lembrar de ser cautelosa.

Espiei seu rosto, procurando seus próximos passos. Estava presa e esse fato martelava alto na minha mente, o que me fez voltar a puxar a corda, estava em um laço firme, e desconfiava que o meu nervosismo estava prejudicando minhas habilidades.

Encarei seus olhos por longos segundos.

— Difícil?

— Eu dou conta.

— Não vai pedir ajuda?

— Não sou do tipo que pede ajuda.

Dominic me olhou curioso, mas não rebateu. E minha língua coçou para deixá-lo me ajudar. Mas eu sabia como *isso* funcionava. O que me fazia me questionar, não era isso que eu queria? Estava assustada.

Mas ele ficou me encarando nos próximos minutos enquanto lutava com a corda. Sem falar nada. Sentia-me nervosa por estar sendo observada, queria sair logo do chão. E o seu olhar pesado não ajudava em nada no meu nervosismo.

— Até quando ficaremos aqui?

— Até quando eu conseguir desatar o nó. — Eu já estava ficando irritada. Ouvi seus passos. — E agora você está na frente da luz. — Eu também poderia estar ficando um pouco grossa.

— Eu sou bom com as mãos, sabe? Tiraria fácil essa corda do seu pé.

— Não.

— E sou ótimo com cordas, posso até *arriar* uma égua em poucos segundos. — Parei meus movimentos.

— Por acaso está me chamando de égua?

— Não — falou depressa e vislumbrei seus dentes brancos. — Só estou tentando falar que as minhas habilidades com cordas são muito boas.

— Estou quase conseguindo. — Eu não estava conseguindo.

Ele esperou mais alguns minutos calado e eu machuquei minha mão por mais algum tempo.

Dominic se remexeu inquieto novamente.

— Então, não vai pedir *mesmo* que eu te ajude?

Desisti.

— Eu sei como isso funciona, e eu não vou barganhar com você.

— Acho que você tem uma ideia errada sobre mim.

— Diga que quer *somente* tirar a corda do meu pé. — Dominic ficou calado. Eu já estava ficando frustrada, se ele quisesse realmente me ajudar, teria tirado a maldita corda do meu pé. — Viu? Eu conheço esses joguinhos, e eles estão *batidos*.

— Então, por que está aqui, se acha esses joguinhos *batidos*?

— Porque estou realmente interessada em ter água quente por uma noite.

— Só isso?

— Sim

— Justo. — Dominic se aproximou e se abaixou ficando na minha altura, meu coração deu grandes saltos ornamentais e sei que meus olhos se arregalaram quando os seus me encararam por alguns segundos. Era verídico, eu estava nervosa e não sabia como agir. Minhas mãos coçaram e

fiquei tensa com a sua observação. Ansiedade revirava meu estômago. — Tenho uma proposta.

— Não estou interessada.

— Tem medo de falhar?

— Eu não tenho medo de nada.

— Não quer nem ouvir? — Fiz pouco caso e remexi meus pés. — Sei que já achou uma caixinha.

Arqueei as sobrancelhas.

— Oh, achou que ninguém perceberia?

Dei de ombros, não confirmando e nem negando. Vi novamente o vislumbre de um sorriso.

— Vou te mostrar onde está a outra. — Encarei seu rosto, desconfiada, e me senti presa por alguns segundos. — Mas terá que usar a que tem. Você sabe, não quero ser injusto com os outros.

— Por que quer me ajudar?

— Banhos quentes são bons.

— E o que você ganha com isso?

Sorriu malicioso.

— Eu já disse, terá que usar a que tem.

— Eu não tenho nada comigo.

— Não? — Dominic aproximou nossos rostos e engoli em seco. Respirava pela boca. — Então não se importa de eu conferir, certo?

— Você não vai tocar em mim — desafiei e vi seu sorriso aumentar.

— É claro que vou, você vai pedir.

— Sempre soube que os loucos estavam mais próximos do que imaginávamos. — Um vento gélido soprou meus cabelos. — Eu não preciso de ajuda.

— Mas eu *quero* te ajudar — sua voz soou intensa e os meus pelinhos arrepiaram.

— Eu não.

Dominic grunhiu.

— Por Deus! — Não pude deixar de rir pelo nariz. Talvez eu possa concordar com ele em algumas coisas. Relaxei a expressão. — Ok, vamos fazer assim. Eu vou te soltar e contar até vinte e seis, e nesse tempo quero que se esconda. Seja criativa — pontuou. — Se eu não te encontrar em uma hora, você fica com a caixinha que está e deixo na sua cama amanhã cedo a

caixinha roxa. Mas se eu te encontrar, eu te falo onde a segunda caixinha está e você *tem* que usar a que está com você.

Meus olhos brilharam. Um escape.

— Comigo.

Semicerrei os olhos. Eu poderia fazer isso, era o que eu queria, certo?

— Por que até vinte e seis?

— É o meu número favorito.

Balancei a cabeça mordendo os lábios, Dominic estava muito perto, sentia a sua respiração no meu rosto e o seu hálito tinha gosto de menta. Não respondi, mas também não o proibi de desatar o nó da corda. Pareceu tão fácil. Em nenhum momento senti o toque de suas mãos na minha pele.

— Consegue se levantar?

Balancei a cabeça passando as mãos na calça.

— Pronta? — sua voz soava divertida e passei alguns trajetos na cabeça, tentando achar um bom lugar. — No três…

Mas eu não esperei ele começar a contar, saí do seu campo de visão esperando ser mais ágil que verdadeiramente era.

Meu corpo se agitou e o frio na barriga se fez presente. Mesmo com pressa, não deixei de ver e *sentir* o seu olhar pesado em mim.

Dominic iria me caçar.



Okay, talvez o meu melhor talento não seja correr. Apesar das atividades físicas do Instituto, e ter uma média de boas notas altas, o quesito físico deixava a desejar quando tinha que pôr à prova.

Os jogos de esquadrias às quintas eram exemplos vivos, pois fazíamos uma série de atividades físicas em um perímetro quadricular de 20 mil metros e eu não era uma das primeiras a concluir as tarefas. Não que eu me orgulhasse dessa parte, mas estava feliz com meu intelecto e sentia que não seria relevante no meu futuro alguns tipos de esportes.

O que no momento era completamente irônico, eu precisar fugir e essa agilidade não combinava comigo. Tendo então que optar pela

criatividade, já que *assim* eu seria mais útil. Pelo menos em parte, já que meus objetivos de me esconder haviam mudado.

Eu pensei em desistir de me esconder, estava disposta a abandonar o que nem tinha começado pelo simples fato de estar com medo. Era estranho sentir adrenalina no sangue sem realmente precisar fazer algo radical. Sentimento parecia algo perigoso.

Se antes eu estava obcecada sem nem mesmo ter um diálogo com Dominic, e agora? Não confiava nas minhas emoções, e mantê-lo longe era a melhor opção. Então, repeti que era apenas um joguinho irrelevante e que não era nada de mais esse disparar de coração.

O que também não deu muito certo porque, quando estava a caminho do meu quarto, desisti, e decidi que eu poderia seguir as minhas emoções por esta noite e somente esta. Afinal, era somente uma noite, e eu não teria outra chance de estar tão perto dele de novo.

Então, recostei-me no tronco, à espreita, pois o jeito era procurar um lugar que me tirasse do seu campo imediato de visão.

Pensei em subir em um pinheiro por ser mais alto, mas eu teria que ter o senso de humor muito grande para escalar a árvore em poucos segundos. Então, eu estava completamente esticada e deitada em cima de um dos troncos de uma árvore grande e cheia que encontrei a poucos metros, ela se entrelaçava com outras que tinham galhos mais finos, mas as suas várias ramificações de troncos grossos e cheios de folhas me deram segurança para tentar me camuflar nela.

Tentava ficar o mais parada possível, querendo prender a respiração para não denunciar a minha presença. Evitei a todo custo olhar para baixo, era alto demais.

Enquanto imaginava em que momento aprendi a escalar uma árvore, a rigidez tomou meu corpo ao me atentar no som de passos quebrando galhos no chão. Fiquei rígida ao ouvi-los arrastando a terra. Eu não tinha certeza, mas achava que haviam se passado eternos trinta minutos.

Soltei o ar pela boca.

Era um sentimento estranho, toda essa expectativa de querer ser encontrada, mas, ao mesmo tempo, não querer ser pega. Ansiedade zumbia meus ouvidos, deixando que o meu coração fosse ouvido em todo meu corpo. Os meus sentidos estavam aflorados, conseguia sentir o vento gélido que soprava por cada fio do meu corpo e tudo parecia mais intenso. Até a

noite pareceu mais escura e a lua mais brilhante daqui de cima, ela estava tão perto, como se eu pudesse tocá-la e guardá-la somente para mim.

Fechei os olhos por alguns segundos, tentando manter o equilíbrio que o meu coração descontrolado não tinha.

Estava sendo caçada, meus pelinhos se arrepiaram e uma ânsia gostosa preencheu meu íntimo.

Não queria pensar em como vim parar nessa situação, nem no que isso implicava. Porque todo o sentimento da espera, do desconhecido, da incerteza… Chegava a ser excitante. Mordi meus lábios tentando controlar minhas mãos.

Eu odiava esperar, mas esperar por Dominic parecia valer a pena.

Ouvi mais passos e uma voz soprou um pouco longe, mas ainda assim audível. Relembrei todo meu corpo de não se mexer.

— Eu sei que está por aqui. — Os passos se arrastaram e parei um pouco de respirar. Queria vê-lo. — Quero te dizer que te dei mais de vinte e seis segundos — riu sozinho. — Fiquei feliz por não ter te encontrado em nenhum dormitório. — O barulho de folhas cessou. — Porque eu fui até lá.

Estava de bruços no tronco, então inclinei minha cabeça um pouco. Dominic ainda não estava no meu campo de visão.

— O que significava que você estava aqui fora, e isso me animou… — continuou falando e revirei os olhos. Sua voz estava mais próxima, mas ainda não conseguia vê-lo, e tinha receio de me inclinar mais e ser vista, ou até mesmo cair. — Saber que você poderia estar em qualquer lugar, e isso me soava instigante, na companhia do escuro e ninguém mais por perto — soou provocativo e sabia que ele tinha se aproximado, sua voz estava mais clara. Era quase como se estivesse do meu lado. Dominic devia estar debaixo da árvore onde estava.

— Isso soa bom para você também, Augusta? — Não sabia que o meu nome poderia soar tão bem, era quase melódico saindo de sua boca. — Porque, para falar a verdade… — Fiquei mais estática do que já estava e quis arrancar meus próprios lábios por saber que um sorriso estava crescendo. Meu coração estava disparado de ansiedade e queria realmente saltar da árvore e acabar com essa aflição. — Para falar a verdade, me soa mais como *quente* olhando daqui. — Meu coração parou ao ouvir a sua voz perto demais de mim, virei o rosto como reflexo e quis lhe socar a cara pelo susto. Me remexi rapidamente, sentando no tronco.

Dominic estava atrás de mim, sentado no tronco do meio da mesma árvore que eu estava.

— Puta que pariu. Quer me matar?

Estalou a língua.

— Você estava concentrada demais no barulho dos meus pés.

Meu coração ainda estava acelerado pelo susto e sabia que estava longe de acalmar quando Dominic se mexeu e sentou no mesmo tronco que eu estava. Estávamos montados nele, um de frente para o outro, e mordi os lábios quando nossas pernas encostaram. Minhas emoções se misturaram em um bolo colorido, o susto se transformando em excitação.

Encarei suas infinitas íris e elas me presentearam com calor. E já não sentia mais necessidade de esfregar as mãos para afastar o frio.

Soltei a respiração pela boca. Ansiedade me cutucando. Queria chegar mais perto dele, então reuni coragem suficiente para arrastar minha bunda e colocar as minhas pernas por cima das dele. Dominic segurou minhas mãos, cruzando nossos dedos, e colocou-as no meu colo. Eu gostaria que ele falasse meu nome novamente.

— Você queria ser encontrada?

— Eu queria ser encontrada — soltei em suspiros, satisfeita em falar o que estava me atormentando nos últimos minutos.

Dominic sorriu, agora muito perto do meu rosto, podia sentir a sua respiração se mesclando com a minha. Será que as batidas do meu coração eram audíveis? Eu as ouvia fortemente em meus tímpanos.

Sem desgrudar nossas mãos, ele roçou seu nariz no meu, e as malditas borboletas voaram sem a minha permissão. Seu toque em meu rosto era delicado e fechei os olhos automaticamente. Estava sendo levada por ele, não sentia somente meus pés flutuando, mas todo o meu corpo. Eu queria que Dominic me beijasse. Queria me afundar em seu perfume inebriante e abraçá-lo como nunca quis. Era diferente, a maldita expectativa me causava pensamentos ansiosos e toda a minha pele o chamava. Queria ser tocada por suas mãos.

— Pronta para procurar seu *tesouro*? — sussurrou e fiquei um pouco frustrada pela quebra do momento.

— O que tem em mente? — Abri os olhos e Dominic estava concentrado no meu rosto. Tinha um leve sorriso nos lábios e eu desconfiava que a minha voz não tinha saído mais animada.

— Eu tenho uma ideia. — Seus olhos brilharam em malícia e algo no meu ventre se remexeu.



— Definitivamente, não. — Ouvi a minha voz soar alta demais. — Eu não vou vendar os meus olhos, nem ferrando!

Dominic tinha me levado para o dormitório masculino, não tinha certeza se era aqui que ele dormia, mas tinha um palpite que sim. O ambiente estava claro, tinha o seu cheiro, havia três camas de solteiro bagunçadas, um armário bege, prateleiras com objetos e livros, uma pequena janela de vidro, duas caixas encostadas na parede e uma cadeira giratória. Era um pouco diferente do quarto que estive com as meninas.

Dominic realmente tinha cumprindo sua parte e falado onde eu poderia encontrar a segunda caixinha, mas o idiota só não disse onde realmente estava. O que fazia parte do seu plano *para essa noite*. A sua brilhante ideia estava em me vendar enquanto eu tateava em busca do objeto desejado.

Ele suavizou sua expressão e tombou a cabeça para o lado, me observando. Ainda estávamos de mãos dadas e isso não passou despercebido pelo meu coração acelerado. Nem o fato de que a sua atenção era somente minha em todos os momentos que caminhamos até aqui.

— Vai ser divertido, relaxa. Não vou deixar nada te acontecer. Vou estar o tempo todo aqui.

— Não estou confiante nessa ideia, na verdade, acho ela um pouco idiota.

Não pude deixar de rir e Dominic me acompanhou.

— Tente. Não vai se arrepender.

Suspirei. Não queria parecer ranzinza, então… Como o velho ditado… Está na chuva, é para se molhar.

— Eu realmente espero não me arrepender. — Fechei os olhos depois de dar uma rápida olhada pelo pequeno cômodo.

Ele tampou os meus olhos e senti-me atordoada por alguns segundos. *Eu estava mesmo sendo vendada por Dominic em seu quarto.* Respirei fundo e mordi a língua. Isso podia dar tão errado, e se alguém entrasse e me visse assim? Uma coisa era estar lá fora, além do horário,

onde poderia esconder ou pensar em uma fuga. E, aqui, onde a explicação para uma presença feminina às duas da manhã, na ala masculina, não tinha nenhuma desculpa?

Meu coração estava acelerado e todo meu corpo entrou em alerta. Fiquei um pouco rígida por ter que contar com o meu sentido auditivo e comecei a ouvir a minha respiração pesada.

Por um momento, não ouvi nenhum passo perto de mim e parecia estar sozinha, a única confirmação que ainda tinha companhia era o seu perfume amadeirado em todo quarto. Dominic tinha mesmo o dom de camuflar a sua presença. Ainda pensava em como não tinha o ouvido subir na árvore em que eu estava.

Comecei a dar passos cautelosos pelo cômodo, e bati o pé em algo duro.

— Achei que ia estar perto.

— Eu estou — sua voz soou muito perto e não soube dizer se isso era bom ou ruim. Eu estava à sua mercê e o sentimento de entrega me dava boas-vindas.

Sem medo, fui caçando às cegas, não tinha uma imagem gravada na memória do lugar, mas me arrisquei, enfiando a minha mão no que sentia.

Em determinado momento, comecei a sentir sua presença nas minhas costas, e minha espinha arrepiou no instante em que sua respiração bateu em meu pescoço. Meu coração nesse momento já tinha vida própria, caminhava sozinho em seu próprio ritmo. Fiquei surpresa por ele não ter pulado da minha boca.

Passaram-se alguns minutos e a minha procura foi inútil. Sentia-me perdida em um espaço desconhecido, tinha zero chances de eu encontrar algo com os olhos vendados.

— Isso não é justo — bufei, já um pouco irritada. — Estou pior que barata tonta.

Acho que estava mais concentrada em onde ele estava do que realmente onde o objeto deveria estar.

Dei dois passos para direita.

— Frio.

Continuei indo para direita, parecia ter uma cama, toquei em algo macio.

— Você vai congelar.

— Eu gosto do frio.

— Você se estressa rápido.

Revirei os olhos com sua alfinetada.

Dei passos cautelosos para a esquerda.

— Morno.

Continuei reto topando, acho, em prateleiras.

— Morno, quase frio.

Virei-me, voltando para esquerda.

— Morno quase quente.

Segui reto, indo onde sua voz ecoava.

— Está ficando quente.

Sua voz estava próxima e continuei com passos lentos e incertos, com medo de topar em algo.

— Quente.

Sua voz estava muito perto e pelo tato, senti que Dominic estava na minha frente.

— Parece que as coisas vão esquentar.

Arqueei as sobrancelhas e toquei no que parecia ser seus ombros. Desci o toque pelo seu torso e senti sua respiração no meu rosto.

— Muito quente — soprou.

Passei a mão por Dominic, em sua lateral, seus braços, bíceps, coluna, e quando desci para sua barriga senti algo. Enrolei sua blusa em minhas mãos, puxando para cima, e algo caiu no chão quando toquei sua pele.

Parei meus movimentos.

Senti nossas respirações lutarem por espaço.

Receosa, tirei a venda e, ao contrário do ambiente claro que deixei quando entrei, estava totalmente escuro.

— Não achei justo você ficar no escuro sozinha.

Tentei tirar minhas mãos da sua pele, mas as suas me seguraram. Encarei seus olhos e eles me chamaram. A lua estava refletindo pela janela.

— Por que demorou tanto? — Abri a boca para lhe responder, mas a sua proximidade me calou. O seu perfume me engolia, e o meu corpo estava ciente demais do seu. Mordi os lábios.

— Por que *você* demorou tanto?

Ele sorriu e eu achei isso lindo.

O sorriso de Dominic era lindo.

Seus braços serpentearam minhas costas, me aconchegando em um abraço acolhedor. Era gostoso tê-los em mim.

— E agora?

Meu coração saltava disparado no meu peito. E a cada sinal de sua mão, sentia-me mais ansiosa.

— E agora? — sussurrei, seu rosto estava cada vez mais perto. — Agora…

Dominic roçou nossos narizes.

— Sim… — sua respiração era rápida como a minha.

— Agora quero muito te beijar.

Senti seu sorriso em minha pele.

— E por que não beija? — Ele soltou uma risadinha e senti sua respiração pesada. Eu estava ansiosa por isso.

— Quando estivermos só nós dois não haverá jogos, tá?

— Tá — disse com pressa e Dominic soltou uma risada gostosa. — Agora me beije logo, se não vou morrer de ansiedade.

Ele soltou outra risadinha antes da sua mão entrar no meu cabelo e todo meu corpo se acender de vez.

— Sua ordem é meu melhor prazer, Augusta.

Então Dominic me beijou, e soube que ali estávamos arruinados.



O PIOR PRA ELA

DOMINIC CLIFFORD

— É serio isso, porra? Vocês não têm outro lugar para *fornicar* a não ser no meu apartamento?

Ouço murmúrios em meus ouvidos e abro os olhos, dando de cara com Zaki McCall com uma colher na mão, levantando uma calcinha fio dental na cor vermelha na frente do meu rosto. Bocejo, não entendendo nada do que foi dito.

— Fornicar? De onde saiu isso? — bocejei novamente, abrindo os olhos

— Isso é fetiche? — reclamou de novo e me espreguicei no sofá, procurando pelo meu celular.

— O quê?

Ele bufou e eu franzi o cenho, não entendendo o *porquê* da irritação. Olho a tela do celular vendo que estou quinze minutos atrasado, meu avô iria me matar. Odiava perder a hora. Comecei a fazer a rota mentalmente até a mansão, com sorte teria um copo de café me esperando.

— Incrível o poder de uma boceta — ralhou e empurrei sua mão para longe de mim, me sentando.

— Cala a boca, estamos atrasados. O trânsito deve estar uma merda.

— Atrasado pra onde?!

— Porra, pra onde? Bebeu? Eu que estou com *delay* e você que não sabe que tenho que me encontrar com meu avô às seis?

Zaki tombou a cabeça para o lado e abriu a boca rindo da minha cara. Mostrei-lhe o dedo do meio.

— Cara, que porra aconteceu com a sua mente? Que viagem louca é essa?

Levantei o dedo médio da outra mão.

— Hoje é sábado, e pelo que me lembre, suas responsabilidades terminaram há duas horas.

Peguei o celular novamente, notando que tinha olhado errado as horas, e que não eram seis da manhã, mas sim seis da tarde. Porra. Desde que voltei a morar com meu avô, ele estava se esforçando *bem* para preencher todo o meu tempo livre, deixando somente que a função respirar sobrepusesse na minha cabeça fodida.

Bem no estilo velho rabugento de ser.

Bufei, voltando a me deitar no sofá. Tinha perdido o treino também, puta merda. Eu nunca faltava a nenhum treino. Balancei a cabeça. Tinha valido a pena. Sorri vitorioso. Meu *ego* agradecia pela noite passada. Me lembrei dos seus lábios carnudos ao redor do meu pau. Ela era perfeita de todas as formas.

Tentei me lembrar se tinha anotado o *número* que peguei no seu telefone quando ainda dormia.

— Dominic está sorrindo, *iihh*.

— Vai se foder! — Fechei os olhos, me lembrando o que tinha para fazer hoje. — Por que me acordou?

— Cara, sério? Eu desisto. Porra!

— Se não me acordou de manhã que era *extremamente necessário*, por que agora à noite eu teria algo importante para ir? Nunca marco compromisso pra noite.

— É definitivo, mulher faz mal à sua mente!

— Cara, vai se foder.

Estava longe de ficar irritado, mas minha paciência não era muito longa. Não para isso.

— Primeiro, eu tinha que te acordar porque aqui *não é a sua casa*, e você tem que ir embora em algum momento. — Revirei os olhos. Como se

isso fosse verdade. — E segundo, não temos cabelos castanhos, mas você também tem um compromisso com seus *brothers*, e temos que compartilhar as *novas*.

Isso significava beber e encher o saco um do outro até o dono do lugar nos expulsar. Franzi o cenho. Eu não tinha nada de novo na minha vida, que merda eles inventaram agora? Dei de ombros, avisando que tinha que ir em casa.

Distrações caíam bem no momento, mas tinha que passar na casa do meu avô de qualquer maneira. Precisava contar a ele o que tinha descoberto. Agora, eu tinha um número para ir atrás. Dois, na verdade.

Enquanto procurava minhas chaves e carteira pelo apartamento, sentia o olhar curioso de Zaki.

Bufei.

— O que foi dessa vez?

— Cara, você tá bem!?

— Por que eu não estaria? — Franzi o cenho.

— Porque você está… Tipo *noivo*?

Ah! Isso. Augusta. Merda. Agora faz sentido a sua esquisitice. Eu sabia que tudo mudaria, que as perguntas viriam e rostos de desconfianças seriam frequentes. Eu estava preparado para isso, e pretendia contar de alguma forma, não *tudo*, mas o suficiente. Ele entenderia.

Mas, por enquanto, fiz pouco caso.

— O que tem?

— O que tem? Cara, depois de quinta-feira você sumiu, não deu mais notícias, e depois te encontro no meu apartamento às cinco da tarde dormindo e fedendo a sexo. Cara, se os papéis aqui estiverem invertidos, você tem que me avisar, só um de nós pode sofrer.

Bati a mão na testa. Era só o que me faltava. Os papéis não tinham sido invertidos, seu caso era *muito diferente* do meu. Zaki não sofria de amor, ele sofria porque não deixavam ele *viver* o amor, a princesinha intocável que ele desejava nunca estaria ao seu alcance. Pelo menos, não enquanto sua família a protegesse.

Me solidarizei com seu sofrimento. Balancei a cabeça, decidindo que tinha que tomar um banho antes de sair.

— Cadê eles?

— No saguão, esperando o *princeso*.

Me apressei no banheiro para encontrar meus amigos.



— Por que Zaki está com cara de bunda? — Chris quis saber assim que sentamos os quatro no bar.

— Porque não liberei informação da sua amada — diverti-me, provando o novo whisky que tinham trazido especialmente para mim, segundo os irmãos Nkosi. O gosto do álcool era mais suave.

— Zaki não desencanou até hoje? Achei que isso era assunto passado. — Chuck batucou os dedos na mesa. — Uma obsessão assim não é saudável, irmão.

— Não com alguém que não pode ter — pontuei.

— Você poderia me ajudar! — bradou novamente, repetindo o mesmo repertório de sempre desde que viu a joia escondida dos Vendettas. — Está sempre em sua casa.

— Eu não me meto com as irmãs, uma por si só me dá bastante trabalho — Dei de ombros.

— Poderia me dar dicas de como conquistar Marllon Vendetta, então — idealizou, como se fosse a melhor ideia do mundo. — O pai dela te *adora!*

— E vai deixar de me adorar quando souber que estou apoiando isso.

— E não está?

— Depende de quanto isso irá me beneficiar.

Zaki revirou os olhos e eu sorri satisfeito.

— Poderia falar com Augusta, aposto que ela adoraria saber que você quer foder sua irmã mais nova — Chris gargalhou alto, zombando da própria fala. Tive que acompanhar, porque era a hipótese mais fodida que já tinha ouvido até agora.

Zaki fez uma careta.

— Não é bem assim.

— Você poderia tentar, eu acho uma boa ideia — sugeri e Zaki me olhou horrorizado, como se doesse uma parte do próprio corpo. Provavelmente doeria se ela descobrisse.

— Você acha que sou doido? — bufou alto e coçou a cabeça. — Sinto calafrios só de pensar em Augusta descobrindo uma coisa dessas.

— Pense que se passar por ela, conseguira conquistar Marllon — Chris disse como se realmente fosse uma hipótese boa e balancei a cabeça

— Ele tem razão, passe pela irmã do meio e o caminho estará livre.

— Eu não acredito que isso realmente é uma possibilidade. — Chuck fez uma careta nada feliz. — Você irá morrer, meu amigo, desista enquanto ainda dá tempo. Nada de mexer com o *Cristal*.

— Obrigado pelo incentivo — murmurou Zaki sem ânimo nenhum. Mas logo revirou os olhos bufando alto, como se descartasse todas as ideias de sua mente, então nos encarou firme e apontou o dedo para ninguém em específico: — Um dia eu me sentarei junto com Dominic na mesa dos Vendettas, aí saberão que venci na vida!

Revirei os olhos e imaginei a cena.

— Quando isso acontecer, eu não estarei do seu lado, amigo, será você contra Marllon. Não me peça ajuda em momento nenhum.

— Você é um grande amigo, cara — debochou e dei de ombros.

— Cada um tem a cadeira que merece.

— No caso, a sua não é uma cadeira, é um trono, *mané* — Chris zombou, rindo abertamente, e sorri sem mostrar os dentes.

— Bom, é o que esperamos até o fim do ano. — Tentei não pensar em toda burocracia que teria que desenrolar até a coroação chegar. Revirei os olhos internamente. Que merda de monarquia.

— Mas agora não é só marcar a data da cerimônia? — Chuck perguntou sério.

— Augusta ainda precisa assinar o contrato nupcial.

Os rostos dos meus amigos se estreitaram em uma careta.

— Bom, cara, agora eu que te desejo boa-sorte — Zaki devolveu o sorriso maldoso. — Eu realmente não queria estar na sua pele.

Revirei os olhos, não querendo pensar nela naquele momento.

— Entretanto, estamos aqui para comemorar

— De novo — Chris riu da piada interna e revirei os olhos.

— Esperamos que seja o seu último noivado, pois não beberemos como da primeira vez, cara.

Bem, isso era o que íamos ver.

Os grandes pinheiros na entrada da mansão eram famosos por chamarem atenção em alguns pontos da cidade.

Lembro-me bem quando cheguei nesse mundo, tinha perdido a minha mãe e a responsabilidade pesou como nunca, pois eu só não tinha um irmão para cuidar. Eu tinha uma posição a zelar.

Parei o carro em qualquer lugar do jardim e subi depressa as escadas que levavam à entrada da mansão. Tinha escurecido, então já conseguia ver o chafariz e o gramado longo bem iluminado que regava a entrada.

Subi às pressas para chegar logo ao meu quarto.

A casa estava silenciosa, e culpei isso por já ser noite. A mansão era diurna, todas as suas atividades se davam com a clareza do sol, pois nenhuma das duas pessoas que moravam nessa casa se davam bem com o anoitecer. Grunhi. Eu deveria ter estado aqui mais cedo, deveria não ter me arriscado mais uma vez. Mas, às vezes, a mente não tem o controle de tudo. E eu precisava vê-la.

Parei em frente à porta aberta, com o coração apertado, vendo Damian arrastar os dedos pelas teclas do piano, fazendo sons distintos e sem sentido, mas com um grande sorriso no rosto. Imaginava que ele estaria em seu quarto, não tão ativo como agora. Me repreendi. Ele estava me esperando. Tentei não ficar tão culpado por não dar toda a atenção que ele merecia.

Damian sempre sorria, e gostava de observá-lo às vezes na tentativa falha da sua inocente alegria me contagiar.

— Olha ele, a responsabilidade bateu na porta — a voz rouca do meu avô cortou o silêncio e Damian notou nós dois. Ele levantou as mãos me chamando e fiz um gesto de espera com as minhas, mostrando que iria até ele em breve. Ele sorriu e mostrou-me o piano.

— Eu não fui embora. — Dei-lhe as costas indo para o meu antigo quarto, que tinha voltado a habitar recentemente. Podia ter ido morar em um dos apartamentos no centro da cidade, mas parecia *errado* voltar a morar sozinho.

— Pensei que não ia dar conta do recado. — Tranquei a mandíbula e ele continuou: — Posso falar que fiquei surpreso por todos os talheres na mesa terem ficado intactos?

Comecei a desabotoar a camisa, não querendo pensar na noite de quarta.

— Eu dou conta do recado.

— É o que veremos, você sabe que Augusta tem tendências a atitudes *radicais*

— Eu. Dou. Conta. Do. Recado.

Odiava que falassem dela, seja uma vírgula sequer, ela era problema meu e ninguém tinha o direito de intervir. Não se eu não quisesse.

Com passos devagar, meu avô sentou na beirada da cama, e observou enquanto eu me livrava das roupas e ia para o banho.

Eu tinha uma boa relação com Frederico, ele e Damian eram a minha única família. A mudança foi boa para mim, novos ares, novas distrações, novos ciclos de amizade… Eu era grato por tudo o que ele tinha feito por nós, principalmente por Damian, já que todo o cuidado e atenção com ele era pouco.

Mas tudo parecia ruim nos últimos anos, tudo que eu amava e tinha aprendido a gostar estava cobrando um lado meu que não tinha certeza se ainda estava vivo.

Eu amava meu avô, ele me ensinou tudo que eu precisava para sobreviver, mas sentia que dessa vez eu não poderia lhe dar o que ele pedia.

Tudo tinha mudado.

Quando voltei do banho, ele ainda estava sentado na minha cama me esperando. Senti um aperto no peito por ter sido rude, mas não podia ser menos do que isso quando se tratava dela.

— Se quiser conversar ainda consigo pensar racionalmente, estou velho, mas minha memória é boa.

Eu sabia que era, Frederico Clifford era o que chamávamos de *vaso ruim não quebra nunca*. Me arrastei para o closet, me vestindo para não precisar olhar para ele.

— Não quero conversar, este noivado é só a ponta do iceberg. Temos que temer os próximos dias. Preciso de planos, Augusta não vai aceitá-lo tão fácil assim, eu a conheço.

— E o que pretende fazer para convencê-la? — perguntou curioso, com os olhos baixos e cansados pela idade. Suas íris eram tão pretas quanto as minhas.

Fiquei em silêncio, sem querer revelar nada. Meu avô desistiu rápido, sabendo que não ia conseguir nada de mim.

— Conseguiu a resposta que queria? — mudou a pergunta e o olhei, cerrando os olhos.

— Sim, o noivado foi a confirmação. Gonzales veio falar comigo novamente sobre escolher outra pessoa para me casar e sua cara não foi das melhores quando Martinez anunciou.

— Então, está mesmo disposto a mexer com o G5 — constatou o fato que eu batia na tecla há meses.

— Alguém terá que falar uma hora ou outra, mentiras não duram tanto assim — fui rude e não me senti culpado pelo tom de voz usado. Meu avô firmou os olhos em mim. Era uma ordem.

— Marllon Vendetta está próximo, não podemos perder essa oportunidade. Ele e a filha escondem coisas, você sabe. Não tente protegê-la. Ela não teve consideração quando te expulsou da vida dela

Travei o maxilar, a raiva querendo se fazer presente em cada poro do meu corpo.

— Acha que ele sabe quem é o ceifador?

— Tem boas chances dos dois saberem, o pai e a filha. Mas são só hipóteses. — Sua voz era ácida. — Temos que trabalhar com tudo se quisermos dar fim a uma maldição.

Engoli em seco, fatigado com toda a situação. Eu odiava meu sobrenome e o estrago que ele tinha causado em minha vida.

— Eu sempre gostei da sua determinação, Dominic, isso sempre me deixou satisfeito — meu avô divagou antes de me olhar com seus olhos fundos. — A sua garra me fez querer te dar muito mais do que dava conta naquela época, porque sabia que não importava o desafio, você ia passar, ia derrubar e saltar até chegar aos seus objetivos. Eu nunca errei nesse quesito, você deu conta do recado. — Sua voz ficou mais rouca pelo esforço, e aguardei paciente suas próximas palavras.

No início, foram anos doloridos, fui ao meu máximo e nunca pensei que poderia ficar tão satisfeito com meu resultado. Testar meus limites nunca foi tão satisfatório.

— Mas agora é diferente — ele falou mais baixo, e comecei a interromper a sua fala, não querendo ouvir as próximas palavras. — Não, deixa eu falar — me calou. — Agora é diferente, seus limites mudaram e temo pelo resultado final. Estou velho, mas eu me lembro de tudo, Dominic, sei que isso vai mexer com você, e quero que me diga quando não der mais conta. Porque *eu* não vou parar. Não agora.

Os últimos meses passaram como um borrão na minha mente e a mais genuína raiva me transpassou. Eu iria até o fim. Não me arriscar não

era uma opção.

— Ela *merece* isso, e vou dar o meu melhor para o pior acontecer.



ALINHAMENTOS

AUGUSTA VENDETTA

— Resolveu sair do esconderijo? — fui saudada pelo meu pai ao entrar na sala presidencial. Bradou divertido: — Finalmente.

— Precisamos conversar!

— Demorou quatro dias para decidir isso? Está ficando lenta, filha.

— Preciso de respostas claras. — Sentei-me na cadeira em frente à sua mesa e meu pai cruzou as mãos sobre o colo, esperando.

Suspirei alto.

— Por que deixou Dominic anunciar o noivado? — uma pergunta idiota, sabendo exatamente o que viria em resposta. Mas eu tinha que fazer, ainda me sentia enganada e traída. Mesmo com a plena noção do peso da soberba em nosso meio, estava com o orgulho ferido. — Eu sei que sabia, por que não me contou?

Quando o senhor Clifford e o meu pai sentaram para conversar naquela noite, os objetivos finais de ambas as partes ficaram muito claros, e por isso eu disse *não* tantas vezes. Eu soube que ali o meu fim estava próximo, e as chances de escapar de um futuro planejado eram mínimas.

A união das nossas famílias foi idealizada alguns anos atrás, quando tudo ainda era bom. Quando ainda não sabíamos que um coração era capaz de se partir em tantos pedaços.

E a nossa ruína deveria ter sido o fim do acordo.

Eu deveria ter me casado com Dominic em algum momento, mas mesmo que concordasse com a união na época, mexer com o sobrenome Clifford tinha uma pequena burocracia. Porque o casamento ainda dependia de uma aceitação geral dos Chefft, éramos uma sociedade de membros, e não bastavam apenas duas famílias quererem.

O acordo tinha que estar na mesa, onde todos opinariam e ofereceriam o seu melhor *produto*. Então, tivemos que esperar, e estava tudo bem, éramos um casal de objetivos iguais e Dominic tinha bons argumentos, esperaríamos a oportunidade perfeita.

Mas a espera não aconteceu como planejamos, porque nos separamos e eu *desisti*.

— Para você fugir? Eu conheço a filha que tenho.

Cerrei os olhos, fuzilando o CEO da maior empresa de petróleos do país, que não se importava em jogar a filha para os lobos.

— Acha que vou estar protegida assim? Sendo uma Clifford? — ataquei, decepcionada.

— Eu preciso que você *seja* rainha.

— Eu *não* preciso da *proteção* Clifford — rosnei e Marllon Vendetta não se abalou. Era isso que ele estava fazendo ao concordar com o casamento. Me protegendo das minhas merdas.

— Eu não me importo com o que você acha — disse rude e senti o meu coração partir.

— Você ficou louco depois que descobriu sobre a noite do incêndio, está louco igual Dominic. Não sei qual de vocês é pior! — E eu odiava como ele tinha descoberto o meu segredo há alguns meses. Odiava amargamente.

— *Espero* que Dominic descubra e te faça parar — ameaçou sem um pingo de culpa e eu sabia que ele desejava isso.

— Eu não vou parar, eu só preciso que o senhor não arranje casamentos com pessoas que me odeiam e me dê as respostas que prometeu.

Uma gargalhada cruel soou de sua boca.

— Casar com Dominic pode te ajudar a conseguir respostas.

— Você não está me ajudando, pai. — Meu coração sangrou.

— Eu nunca disse que iria, eu só te protejo, essa é a minha função no jogo. Avisei a você quando voltou para casa e decidiu virar as costas para Dominic. E, bem, esse é o melhor caminho que acho que deva tomar.

Bufei de raiva e meu pai me analisou em silêncio, seus olhos claros tão parecidos com os de Ella, a minha irmã mais nova que tinha herdado toda a genética do meu pai. Cabelos claros, o corpo esguio, os lábios mais rosados e um tom de pele mais claro. Apesar de que os nossos tons se misturavam facilmente.

Tudo em mim queimou de raiva. Me sentia uma garotinha impotente em suas mãos ainda.

— Eu não posso me casar com Dominic — sussurrei como um mantra. Era perigoso demais e ele sabia disso. — Não pode usar o meu desejo contra mim.

— Eu posso quando você está em perigo, brincando de ser ameaçada. Não vou te assistir morrer, filha.

O olhei decepcionada.

— Você nunca me disse que eu teria que pagar para saber onde está a localização da mina.

— Casar-se com Dominic não é um pagamento, é um benefício.

Casar com ele era muito mais do que estar perto de todas as mentiras que contei e não poder revelar. É imaginar todas as vezes o quão partido ficaria ao descobrir que a mulher que já amou, fez o pior que podia quando tudo desmoronou.

— E você pode jogar a culpa em mim quando o ceifador vier cobrar a sua dívida. Eu não me importo com aquele merda.

Fiquei em silêncio, engolindo em seco. Tomar as minhas dores foi a primeira missão de Marllon Vendetta, depois, garantir a sua morte.

A chateação me saudou.

— Eu não posso ser noiva de Dominic Clifford — disse firme e ele sabia que eu não estava falando sobre negócios. — Se a sua função é me proteger, por que atrapalhar, concordando com Dominic?

— Você não está sendo inteligente achando que consegue fazer as coisas sozinha. E ter a ameaça de um casamento vai te manter entretida até o rito.

— Eu sobrevivi aos últimos meses, não foi?

— Sorte.

— E agora quer me enfiar em um casamento porque acha que estou em perigo.

— Eu acho que não sabe a profundidade do buraco que se meteu — atacou. — Você não quer se meter com o passado, Augusta, e tem alguns limites que não pode cruzar.

— *Você* me apresentou o passado, estou só seguindo o meu papel — acusei de volta e ele se calou. Engoli em seco, odiava estar nessa posição com o meu próprio pai.

Depois de um tempo, seus olhos castanhos suavizaram.

— Você sabe que o Dom não se casaria com outra pessoa, e quando ele propôs, eu não tive *poder* para recusar.

Engoli em seco. Eu sabia. Meu pai respirou pesado e me olhou sério.

— E tem mais uma coisa

Esperei o golpe final, que tinha certeza que ele ia dar.

— Dominic está investigando novamente; ele sabe que há algo. Ele está trabalhando com um investigador. E tenho minhas suspeitas que o Clifford mais velho está o apoiando dessa vez.

Prendi a respiração por alguns segundos, na esperança de ser um golpe contra mim, na esperança de ouvir que também havia alguma possibilidade de não ser sobre a maldita noite do incêndio.

— Ele não parou de procurar, Augusta, Dominic só mudou de investigador. Ele ainda procura o que você esconde. O que nós escondemos.

Droga, Dominic.

— Ele não faria isso. Ele não pode fazer isso, eu *saberia*. Estou observando ele.

Fechei os olhos, de repente, senti meu coração sangrando.

— Como sabe disso?

— Homens falam. — Eu odiava homens. — E tenho bons ouvidos.

— E quem é?

— Está interessada?

Semicerrei os olhos, nada feliz com sua jogada. Às vezes, odiava que ele jogasse comigo e me tirasse do meu lugar.

— Prossiga com o noivado, descubra quem é o investigador e te darei as respostas que precisa para sua vingança. — Eu sabia que ele estava me manipulando.

— Eu não vou me casar com Dominic, nem vou ser noiva dele para ficar próxima. Não use *isso* contra mim. Vou acabar com essa investigação de outra forma. Eu preciso do nome.

— Não tenho o nome — soou sincero.

— Como vou saber que não está mentindo? Um noivado não dura o suficiente. — Tombei a cabeça para o lado, juntando informações. — Como sabe que Dominic está investigando sobre o incêndio? Como sabe que tem um novo investigador entre nós?

— Algumas perguntas interessantes no hospital estavam sendo feitas, mas para o nosso azar, o intrometido não foi identificado. Então, sem nomes.

Mordi os lábios.

— Fique noiva de Dominic, descubra o que ele sabe e deixe-me terminar as minhas planilhas com o senhor Clifford.

— E depois?

— Você quer mesmo saber o que vem depois de um noivado? — *Eu não vou me casar com Dominic Clifford. Trinquei o semblante.*— Você não vai fugir desse acordo, estou apenas te ajudando a ter uma relação melhor com seu noivo — soou otimista e eu sabia que não estava dando a mínima para essa parte do processo.

Meu pai tinha parado de se importar com o que tinha acontecido entre mim e Dominic há muito tempo.

— Isso foi baixo — alfinetei, me levantando. Decepção correndo em minhas veias.

— Devia saber que ninguém liga muito para isso.

— Você é o meu pai, devia querer o melhor para mim, não a minha morte.

— Ninguém vai se machucar se não quiser. E você já faz isso muito bem.

Mordi os lábios.

— Eu não serei noiva de Dominic, eu não posso — repeti para que meus ouvidos gravassem essa frase e passassem a informação para o meu coração. — Isso vai ser um desastre, vou acabar com tudo assim que tiver um nome. E, só por *isso,* irei concordar.

Meu pai me olhou com desafio, como se duvidasse de minhas palavras.

— Mais do que já é, tenho certeza que não. — Sorriu divertido: — E você dá conta, é especialista em brincar com fogo.

Fiquei o encarando durante alguns minutos e pensei seriamente em fugir. De novo. O quão covarde eu tinha me tornado?

— Posso te esperar para o jantar?

— Não.

Saí e bati a porta.



Ainda pensativa, caminhei a passos lentos para minha própria sala, no vigésimo oitavo. Ela não era tão grande, mas com paredes marrons, alguns quadros pendurados, arranjos de flores e uma sacada com a vista para o centro movimentado de Bash, sentia-me confortável.

Havia vários papéis espalhados pela mesa e lembrei-me que tinha quase uma semana que não punha os pés aqui. A Vendetta Stilk era o prédio matriz, onde compunha todas as áreas da empresa, sendo que tinha uma Stilk espalhada em cada ponto central de Bash. Estávamos entre as primeiras empresas na produção de petróleo, e como coordenadora geral, assumia a responsabilidade de contratos e vendas.

Poderia deixar metade das coisas que faço para qualquer funcionário qualificado, mas gostava de ter o que fazer. *Manter a mente ocupada.*

Vislumbrei uma embalagem amarela no meio dos papéis, mas antes de eu pegá-las, batidas na porta soaram.

— Sim?

Era Fanny, coordenadora do setor de marketing. Acenei para que entrasse.

— Bom dia, Augusta — ela sorriu e mexeu em suas madeixas ruivas. — Pediram para que eu te chamasse na sala de reunião.

— Algum problema?

Fanny abriu a boca algumas vezes e senti que ela ia falar algo importante, mas desistiu e abaixou os ombros.

— Está sendo requisitada sua presença, só pediram para eu chamá-la — sorriu sem graça e assenti.

Eu precisava contratar uma pessoa nas próximas semanas, porque não era a primeira vez que acontecia de Fanny ter que me lembrar de algo.

— Obrigada, Fanny, diga que irei logo.

Ela assentiu e sorriu. Esperei que falasse o que seus olhos ansiosos estavam procurando em mim.

— Mais alguma coisa?

— Ah, não. — Balançou a cabeça, agora saindo do lugar e abrindo a porta. — Parabéns pelo noivado, sabia que iam se acertar.

Abri a boca, sem palavras para respondê-la. Eu iria negar? Sorri amarelo ao lembrar que convivíamos no mesmo meio, e isso se seguiria por alguns dias. Para a minha sorte, não precisei criar uma resposta, pois ela saiu fechando a porta atrás de si.

Eu iria mesmo compactuar com essa loucura? Mordi os lábios e fui ao espelho ver como estava. Não usava maquiagem naquela manhã, pois meu intuito de vir aqui era somente confrontar o meu pai, meu cabelo estava bonito em ondas longas e firmes que tinha feito, e meus lábios carnudos estavam rosados pela mania de mordê-los. Belisquei levemente as bochechas para dar mais tom ao rosto.

O vigésimo quarto andar era o ambiente mais claro do edifício, todas as salas eram de vidro, sendo clareadas totalmente pelo sol da manhã. Fiquei tentando imaginar porque havia sido chamada, não me lembrava de ter marcado algo, e eu era boa de memória.

Senti um frio na barriga quando atravessei o elevador, e com o som dos meus saltos estalando pelo corredor, passei entre as salas rumo a maior que tínhamos no andar. Mas parei na porta quando avistei quem estava dentro.

Não. Fiquei alguns minutos paralisada, medindo meus próprios passos. Fanny me paga…

Comecei a ouvir minha respiração e dei um leve passo para trás. É claro que eu iria dar meia-volta, talvez eu devesse pensar mais um pouco sobre o que fazer com Dominic Clifford. Porque ter um embate com ele, sem planos de jogo nenhum, me levaria à ruína. E ele com certeza tinha um plano.

Dei passos cautelosos para trás, sem barulho. Ia fugir. Eu era especialista nisso.

Mas eu não tinha muita sorte quando se tratava dele, porque tudo era de vidro naquele andar e Dominic me viu quando meus passos tinham

dado meia-volta no corredor. Eu não iria correr, apesar de querer muito. Dominic me alcançou antes do elevador chegar. Cruzei os braços, dando mais um passo para trás.

— Por que me chamou?

— Não posso mais querer ver a minha noiva?

Olhei incrédula para ele. Essa palavra já estava me *irritando*.

— Não estamos noivos — rosnei entredentes.

— É claro que estamos, deixei meu avô minutos atrás na sala do presidente. Que, aliás, estava muito feliz, e disse que você estava *radiante* com a ideia de *finalmente* unir nossas famílias — soou cínico e trinquei o maxilar.

Meu pai era rápido. Senti um gosto metálico na língua. Como ele conseguia? Engoli em seco. De repente, estava enojada comigo mesma e com minhas próprias atitudes.

Porque eu não tinha coragem para enfrentar o passado e Dominic lutava arduamente para buscá-lo. Era um caminho contrário, onde eu escondia e ele achava. E naquele momento, quando vi seus olhos escuros, enxerguei a mesma determinação de seis meses atrás.

Ele não ia parar.

Não ia parar até me ter completamente.

Era tudo ou nada. Então, eu teria que afastá-lo de novo, e dessa vez, teria que ser pior.

— Você tem certeza que quer fazer isso?

— Como poderia não querer passar o resto da vida com a mulher que conseguiu foder com o meu psicológico?

Prendi a respiração.

— Não pense por um minuto que eu concordo com esse noivado — ameacei.

— Estou *muito* ciente disso — soou contente e não pude deixar de odiá-lo mais um pouco.

— Você vai ser a pessoa mais infeliz do mundo.

— Por favor, se esforce nisso.

— Quando estivermos casados, você vai se arrepender de não ter me deixado morrer.

— Que bom que já está pensando em *quando* estivermos casados. Estou ansioso pela lua de mel, bruxa.

Olhei para ele com desprezo e as suas íris me cortaram. Soltei o ar dos meus pulmões e a minha respiração acelerou, o grande elefante estava novamente crescendo entre nós.

Me sentia quente, meu rosto com certeza estava vermelho. Minha pele pinicava e a ânsia pelo toque se fez presente. Eu esperei que Dominic me tocasse. Na verdade, eu *quis*, quis que meu coração voltasse a bater em sincronia com o seu e todas as minhas dores fossem apagadas.

Algo ardia dentro de mim. Fechei os olhos.

Parecia que dessa vez eu teria *mesmo* que encarar a nossa verdade para não colocar em risco a minha mentira.

Me virei para partir e ignorá-lo nos próximos longos dias. Seria difícil me recuperar dessa. Porque estava ferrada.

Parecia que realmente estava noiva.

Senti seu aperto forte em meu braço.

— Onde pensa que vai?

— Planejar a sua morte.

— Engraçadinha — sorriu sério, me puxando para perto, roubando todo o meu ar. — Eu ainda não terminei.

— O que você quer?

Seu sorriso não chegou aos olhos:

— Um ato de *paz*.

— Descobriu uma palavra nova? — Tentei soltar meu braço da sua mão.

— Quero que tenhamos uma boa convivência.

— Eu não acredito em você.

— E eu não me importo se você acredita.

Soltou o meu braço.

— Esse casamento não só é vantajoso para sua família, você sabe, precisamos *disso* também, então tenho que fazer dar certo. Prometi ao meu avô — explicou, como se isso amenizasse tudo. — E como um ato de paz, te apresentarei aos sócios como minha direita. Eu te darei todo o poder que quiser. Só preciso que colabore. Meu avô prometeu, lembra? Uma coroa.

Semicerrei os olhos.

— Eu não acredito.

— Um ato de paz.

— A que custo?

— Um ato de paz.

Dominic estava tramando, eu sentia isso, sentia de verdade. Estar perto dele era um jogo perigoso, uma vez que não media esforços para conseguir o que queria.

Mas não poderia deixar de admitir que a coroa era tentadora. O poder era tentador, e deixar meu orgulho de lado parecia um ato fácil. Eu poderia fingir, *por enquanto*, até descobrir o nome. E enquanto isso, só esperava que conseguisse combatê-lo à altura.

Fiquei rígida quando me deixei levar pela sua mão, que me puxou de volta à sala de reuniões onde estavam todas as peças importantes que compunham a pirâmide monarca.

Se fosse para encarar, tiraria o band-aid de uma vez. Sem medo. Eu podia desafiar meu *pesadelo* e depois veria as consequências desastrosas do meu ato.

Como era a única mulher no local, fui recebida com sorrisos pequenos. Eu diria que seus cumprimentos eram de pura obrigação, vendo que Dominic permanecia com os olhos em cada um, os desafiando a debochar de mim.

Me mantive rígida e cautelosa. A minha presença pesando em graus absurdos e significativos.

Passei os olhos sobre cada um, o prefeito tinha um rosto impassível, como quase todos os Chefft presentes. Meu pai não estava ali, nem Frederico Clifford. Era somente Dominic e eu, contra os ataques frios de seus olhares mortais. Dominic parecia frio. Ele sempre foi bom em lidar com as pessoas.

Então, não me deixei abalar, eu também era uma mulher poderosa no nosso meio, lidava com mais homens mal-educados do que gostaria. Meu pai tinha costume de me chamar de Cavalo de Troia, e eu ficava com raiva porque odiava essa possibilidade, e abominava pensar que ser um Cavalo de Troia implicava em ser uma caixinha de surpresas infinitas.

Eu não queria ser surpresa nenhuma. Eu queria que eles soubessem que não tinham ninguém atrás de mim, era só eu e *eu*. Teriam que lidar com o rosto de uma mulher para fechar contratos bilionários.

Com maxilar travado, me preparei e passei os olhos sobre cada um, o jogo começava quando o primeiro demonstrava fraqueza. Eu não era fraca. Não mais. Decorei o olhar de cada um e fiz uma nota mental de suas expressões, eu queria esmagar todos ali, principalmente os conselheiros do rei que me olhavam autoritários. O famoso G5.

Davis, Hernandez, Garcia, Gonzales e Martinez, todos vestidos com ternos perfeitos e com a aparência já madura. Embora eu pense que suas mentes estejam longe de ser. Esses cinco nomes eram responsáveis por apaziguar muitos conflitos que eram gerados por opiniões desiguais dentro da AAB. Os seus votos tinham peso triplo em relação aos *Chefft*, então se quisesse ter sucesso em algumas discussões, o primeiro passo era convencê-los.

E se quisesse um inimigo, o primeiro passo era contradizê-los.

Eles não viam pessoas, viam apenas os investimentos perfeitos que elas representavam.

A Associação Aristocrática de Bash (AAB) era um grupo composto por várias empresas e bens de alto valor com um único interesse em comum: manter a pirâmide econômica de Bash completamente estável e favorável para seus bolsos. O *rico ficava cada vez mais rico,* ou apenas *nunca pobre,* o pacto de finanças entre eles era levado totalmente a sério, não havia espaços para um rendimento baixo, porque se uma empresa que fazia parte do grupo ameaçava cair, os dados analíticos faziam o trabalho impecável de reverter a situação.

Não havia espaço para falhas em seus investimentos e aplicações.

O que não impedia Bash de ser uma metrópole, considerada uma das cidades mais desenvolvidas no mapa, Bash transportava e movimentava as principais mercadorias do mercado de maior qualidade. A AAB era a base da cidade, e a troca de valores entre eles era o que mantinha a saúde, economia, fome, educação, entre outras necessidades da população de Bash em níveis excelentes na tabela.

Dominic me soltou e caminhou rapidamente até o seu assento na cabeceira. Observei seus próximos passos.

— *Amigos*, Augusta e eu estamos noivos — Dominic falou alto, feliz, e desconfiei da sua mudança de humor. Lancei-lhe um olhar de morte. — Quer dizer, ela quer um pedido mais romântico, mas como teremos o mesmo sobrenome daqui a alguns dias e seremos um só, eu decidi que seria extremamente necessário a presença da minha noiva aqui hoje. Porque vocês sabem, Augusta tem uma queda por números, e não quero excluí-la de nada da minha vida — e piscou para mim, como se tivesse falado a coisa mais linda do mundo. Se fosse em outros termos, meu ego teria inflado. — E, querida, já estou providenciando o nosso encontro.

Cínico. Dominic era louco. A coroa tinha enlouquecido o rei.

— Sente-se aqui comigo, querida, tenho certeza que ninguém vai se importar.

Ninguém falou nada. Ninguém ousaria.

Seus olhos brilharam em desafio. Ele tinha pegado no meu calcanhar. Eu não abriria mão desse momento. Então, com o corpo duro, segui até o final da mesa. O barulho dos meus saltos tilintava e senti todo meu corpo queimar.

Como eu o odiava.

Puxei a cadeira do seu lado esquerdo que estava livre, pronta para me sentar e acabar com essa caminhada da vergonha.

— Não. — Dominic arrastou sua cadeira para trás e indicou sua perna direita. — Como minha noiva, tenho certeza de que não se importa em sentar no meu colo. Não é, querida? Quero ficar *pertinho* de você.

Nem fodendo. Tremi de raiva e mordi meus lábios. Eu queria esganá-lo. Enfiar todas as canetas que estavam em cima da mesa em sua perna.

Balancei a cabeça lentamente, negando. Eu não ia sentar no colo de Dominic. Não mesmo. Eu morreria antes.

— Não quero te incomodar, querido.

— Você não me incomoda. Eu gosto de te *ter* pertinho de mim.

Com o maxilar duro, engoli em seco. Senti meu rosto quente. Sentia olhares em mim. Sentia o olhar do meu *pesadelo* em mim.

De punhos cerrados, dei dois passos para trás, disposta a sair da sala. Mas foi o suficiente. Seu braço laçou minha cintura e fui direto para o seu colo.

Eu estava sentada no colo de Dominic.

Eu estava sentada no colo de Dominic na frente deles. Na frente daquele homem.

Isso não me faria forte, me tornava sua posse.

— Bem-vinda de volta à realeza, bruxa — sorriu entredentes, alisando meu cabelo, antes de seguir com a reunião e fingir que uma cena humilhante não havia acontecido.

Será que tudo isso realmente valeria a pena no final? Fiquei extremamente rígida durante os próximos minutos. Dominic não tinha declarado paz, ele tinha se afundado ainda mais na nossa guerra particular.

Todo esse conflito não compensaria tamanha humilhação. Mas sabia que, de forma alguma, Dominic Clifford poderia descobrir sobre a

noite do incêndio. Eu não sobreviveria a isso.

Talvez um dia teríamos verdadeiramente a paz e um casamento bonito, mas eu sabia que, antes disso, teríamos muitos corações partidos.



AÇÕES FUGITIVAS

AUGUSTA VENDETTA

15º Academia Dell Marshall — Distrito da cidade de Bash
7 anos atrás

— Terra chamando Augusta. — Dedos finos estalaram no meu rosto e levantei a cabeça buscando a dona deles.

Era segunda-feira de manhã e estava pensativa sobre o que tinha ouvido por trás das portas do escritório do meu pai no domingo.

Uma semana havia se passado, e eu gostaria de não ter queimado a minha língua, quando na sexta à noite, o carro da minha família estava me esperando para me levar para casa. Gostaria de ter tido autonomia sobre mim naquele momento, e ter passado mais um final de semana dentro dos limites do Instituto. Mas isso não foi possível, o comando do meu pai foi muito claro e não tive como contestar sua ordem dessa vez.

O que de certa forma me surpreendeu, o clima em casa não parecia pesado, e o meu pai estava bem-humorado, o que era incomum. E isso contribuiu para que eu pudesse aproveitar as minhas irmãs e ficar confortável ao estar à mesa com a minha família.

— O que se passa nessa cabeça? Está há meia hora olhando para o teto, levanta essa bundona daí que ninguém irá fazer as suas tarefas por você — a loira ralhou, mas não saiu do seu lugar.

Encarei o seu rosto, pensando.

Francesca De Martino era filha de David e Leonara De Martino, um dos maiores empresários na indústria farmacêutica. O nome da sua família estava há alguns anos no topo da tabela de finanças da região, dando-lhes um verdadeiro título honrado na mesa pelos lucros abundantes que estavam trazendo para a AAB. O que fez o rumor de um possível acordo nupcial ganhar força nos últimos dias.

Sempre que uma empresa se estabilizava com bons números, a Associação Aristocrática de Bash dava um jeito de manter essa posição por longos anos. E manter uma boa posição financeira durante anos, na linguagem deles, significava fazer um bom acordo entre eles, visando fundar mais um império bem-sucedido entre dois polos em alta. Resumindo, iria acontecer um contrato nupcial entre duas famílias super ricas, porque não podiam deixar que o poder saísse de suas mãos. E quando um casamento era bem-visto por todos na mesa, todos saíam ganhando de alguma forma.

O que me levava à Francesca, pois ter ouvido *contrato nupcial* e *De Martino* na mesma frase, me fazia criar caraminholas na cabeça. Atualmente, sua família era o sobrenome de peso no nosso meio, o que significava que tinha grandes chances da sua falsa escapatória da realidade em Bash ter a ver com seu futuro. Francesca poderia estar em um contrato de casamento e isso fez algo dentro de mim se quebrar por imaginá-la em um futuro não desejado. Fran era uma alma livre, estar presa a algo, não combinava com ela

Encarei seu rosto fino e rosado pelo sol. Ela era uma das minhas melhores amigas, junto com Apolline, desde que me conhecia por gente.

Nossos pais eram amigos, o que permitia em quase todos os finais de semana estarmos juntas em algum canto da cidade. Havíamos criado um laço de amizade desde muito novas, pois estivemos na mesma escola em Bash, nos mesmos cursos de idiomas, nas mesmas festas e eventos... Praticamente nos mesmos lugares a vida toda. E agora estávamos no Instituto juntas. Éramos inseparáveis.

Então, desde que começamos a andar com nossas próprias pernas, tínhamos feito questão de honrar todos os quesitos da pirâmide de uma

amizade forte e duradoura, porque claro que existia uma. Tínhamos criado. Nos recusamos a deixar o que tínhamos se quebrar tão fácil. E não podia negar que havia se instalado uma certa fama sobre o nosso trio, que muitas vezes era terrivelmente irritante.

Francesca ainda estava parada ao lado do beliche esperando que eu reagisse, então arrastei minha bunda pelo colchão, descendo na pequena escadinha. Era a primeira vez que a via desde que tinha ido para casa.

— Finalmente! — soou irônica e rabugenta, e não pude deixar de rir pelo nariz.

— O que se passa com você? O que te picou? — perguntei curiosa enquanto ajeitava o macacão preto.

Verifiquei se eu estava apresentável no pequeno espelho estreito que tinha na porta do guarda-roupa.

Ouvi um bufar baixo e cerrei os olhos em sua direção. Arqueei as sobrancelhas em uma pergunta clara.

— Talvez porque as minhas melhores amigas tenham me deixado sozinha no fim de semana? — Ainda soava emburrada, mas algo me dizia que não era sobre termos a deixado no Instituto, pois já havia acontecido isso outras vezes.

— Você não quis vir — acusei sem rodeios, mesmo que minha vontade fosse de ter ficado. No sábado, Apolline acabou indo também, mas ela voltou assim que terminamos os deveres do evento que tivemos no Salão Dourado. — Perdeu uma sessão magnífica de fotos da Polly, acho que temos um prodígio da moda como amiga.

Francesca cerrou os olhos, desconfiada. Apolline tinha um verdadeiro dom com câmeras fotográficas, aos dezessete anos esteve em mais capas de revistas de que me lembro. Ela amava isso, a exposição, o momento gravado em lentes e eternizado. Os flashes eram como um ímã em seu encalço. Mas o seu pai, claro, não concordava com esse caminho, odiava as passarelas e a exposição que Polly tanto amava, deixando seu sonho em segundo plano, por enquanto. O que não impedia que ela o afrontasse, aparecendo em eventos e marcando uma verdadeira presença, provocando uma infelicidade proposital nele.

— Fomos a uma festa no sábado. Acho que era aniversário de um dos membros — completei.

— O que mais fizeram sem mim?

— Falamos mal de você, e listamos todas as vezes que você foi inconveniente.

Francesca revirou os olhos, mas ainda estava um pouco tensa e franzi o cenho, querendo descobrir o que tinha de errado.

— Alguma aventura clandestina?

Pensei em comentar sobre o que tinha ouvido atrás da porta, mas resolvi que não. Não tinha uma informação completa e só criaria minhocas na cabeça das minhas amigas sobre algo que estava em hipótese.

— Devia ter ido, foi interessante ter um quarto só para mim.

— As paredes do Instituto pareciam mais seguras.

Sorri, concordando.

— Isso não posso negar. Na verdade, tenho minhas dúvidas se os muros são realmente uma barreira ou um esconderijo para adolescentes com hormônios aflorados.

Francesca riu abertamente e senti que ela tinha relaxado.

Arrumei minha cama e caminhei para a porta, lembrando-me que minhas tarefas eram no refeitório essa semana.

— Acho que tudo depende do ponto de vista. — Fran me acompanhou pelo corredor, continuando o assunto. — Aposto que no último final de semana que estava aqui, você não sentiu que estava presa. — E rapidamente seus olhos brilharam em uma malícia não identificada.

Franzi o cenho, mas logo me lembrei do que Francesca estava insinuando.

Dominic. O garoto que não deixou de atormentar os meus pensamentos na última semana.

E estaria tudo bem, pois eu fui atrás disso, dei corda para a minha obsessão adolescente, enchendo-me de expectativas e emoções que possivelmente não soube lidar. Porque talvez eu tenha fugido após ter uma sessão muito quente de amassos com Dominic.

Eu era mestra em embaralhar e criar confusões com meus próprios sentimentos, porque, em tese, não havia um motivo concreto para as minhas ações fugitivas, apenas medo.

Tentei ignorar a ansiedade que os meus pensamentos traidores traziam em relação à última semana.

Dei de ombros, sabia que as minhas amigas estavam curiosas, eu não disse nada sobre a noite de jogos no domingo e fingia que nada estava acontecendo.

Francesca encarava meu rosto, e sentia ter uma interrogação gigante no seu, quase podia ouvir sua pergunta no ar.

— O que aconteceu? — perguntei despreocupada, ajeitando a alça do macacão, imaginando o que viria a seguir.

Fran cerrou os olhos e diversão tocou meus lábios.

— Código 04, não esconda cartas das suas melhores amigas. Já tem uma semana.

— Código 34, não irrite sua melhor amiga

— Esse código não existe!

— Acabei de inventar.

Dei passos mais rápidos, chegando ao quadro de afazeres que ficava no pátio. Já tinha tido as primeiras aulas da manhã, e estava feliz por ter conseguido responder todas as questões de história na prova surpresa.

Olhei para o objeto, conferindo meu nome e minhas atividades. Tinha aulas de reforço hoje à noite, então teria que ser o mais ágil possível nas tarefas da tarde.

— Augusta — Fran disse, impaciente, chamando minha atenção e me segurei pra não rir. — Não mate sua amiga de curiosidade. O que há? Está fugindo há uma semana, não dá assunto para as nossas perguntas e sempre foge quando o vê. Precisa nos dizer o que está acontecendo, não temos uma bola de cristal.

— Não há nada — simplifiquei.

— Oh, não, não venha com essa. Invalidar suas vontades não está ajudando a termos o melhor último ano no Instituto.

— Não sabia que tinha um plano sobre isso.

— Sempre teve.

Revirei os olhos, estava quase chegando ao refeitório, e já conseguia ver outras garotas começarem seus trabalhos. Francesca impediu meu caminho, cruzando os braços.

— Fale, demos tempo o suficiente para resolver seus pensamentos, e não é possível que o beijo de Dominic tenha sido tão ruim — pressionou e mordi meus lábios. Eu odiava seu jeito irritante de não saber receber uma simples resposta.

Suspirei, desistindo, e seu sorriso cresceu.

O beijo com Dominic não tinha sido ruim, *longe disso.* Tinha sido mais como algo *perigoso*.

Isso.

Tive uma conversa comigo mesma, e tinha decidido que era melhor se eu diminuísse minhas expectativas em relação a ele. Uma grande covardia para alguém que estava obcecada há alguns dias. Na segunda, depois da noite que tivemos, me deparei com meu coração pulando de ansiedade quando vi sua cabeleira preta de longe, eu estava animada e disposta a ir até ele para talvez continuar a nossa sessão de amassos. Então, quando estava caminhando em sua direção, um sentimento amargo inundou minha boca quando um grupo de garotas se aproximou dele e iniciou um assunto muito engraçado, pelo modo como tiraram gargalhadas de Dominic.

Eu definitivamente não tinha gostado da cena no refeitório, e eu podia estar tendo uma crise de posse por achar que ter trocado olhares durante alguns dias e depois o beijado, tivesse o direito de tê-lo como meu, como se tivéssemos selado algo na noite passada.

O que influenciou a minha coragem de enfrentar as minhas vontades e me fez escapulir mais uma vez.

Não estava a fim de quebrar a cara ou ter o coração partido, e sabia que poderia acontecer pelo rumo que as minhas emoções estavam. Porque eu tinha gostado demais da nossa noite, tinha gostado demais da sensação de estar perto dele, e acho que tinha me assustado com o quão disponível eu estava por alguém por somente uma troca de beijos.

Então, sim, estava verdadeiramente assustada com os meus sentimentos.

Ficar observando Dominic durante semanas com certeza não me ajudou a ter um comportamento simples.

Como a minha obsessão não acabou depois do beijo? Eu já havia feito isso outras vezes, e tudo terminou quando o toque aconteceu. Era como se eu perdesse o encanto e as expectativas fossem quebradas. Mas com Dominic não. Quando o vi no outro dia, novas expectativas foram criadas e as borboletas malditas voaram como pragas.

Não queria parecer emocionada demais e patética por ter beijado um garoto e não saber superar quando o vi na manhã seguinte. Pessoas se beijavam a todo momento e nem por isso ficavam juntas. Isso parecia um pensamento completamente covarde? Sim, e eu não ligava.

Então, a solução era diminuir os pensamentos sobre ele, com a simples intervenção de não tocar mais no assunto. Eu achava essa solução ótima, na verdade. Quanto menos me lembrar ou falar, mais fácil seria superar.

Não que estivesse dando certo, já que sempre que podia ainda o espiava.

— Foi somente uma noite divertida.

— Hummm, divertida? — Fran balançou as sobrancelhas.

Revirei os olhos.

— Sim... E também não acho que vá ter continuidade.

Fran cerrou os olhos.

— Acho que tem algo que não está sendo exposto aqui.

— Acho que não sei ser como vocês — admiti e encarei seus olhos claros, querendo verdadeiramente que ela lesse meus pensamentos, porque parecia patético externá-los.

Acho que não sabia *mais* beijar um garoto e esquecê-lo no outro dia.

Mas algo em seu rosto se iluminou e suas sobrancelhas arquearam. Continuei meu drama:

— Não quero me iludir porque ficamos uma noite, não é como se tivéssemos que namorar ou algo do tipo, eu apenas acho melhor...

Parei nas minhas palavras quando não sabia o que era melhor. Até agora eu só estava fugindo, porque tinha sentido demais, tinha me sentido entregue demais por um garoto. Nunca havia sentido isso antes. Não sabia lidar com algo assim.

— Acha melhor? — Senti um verdadeiro frio na espinha, e podia sentir meu coração na boca com a voz recém-decorada.

Cerrei os olhos para minha *cobra amiga*, que sorria satisfeita.

Virei meu corpo, encontrando Dominic com o semblante leve e um pouco sorridente. Francesca passou em suas costas, indo embora e mandando beijinhos.

Eu odiava Francesca, iria esganá-la.

— Oi!

— Oi!

— Bom dia.

— Bom dia, Augusta.

Engoli em seco, encarando seu rosto, e sabia que minhas bochechas estavam vermelhas.

— Acho que estou atrasada, foi bom te ver — falei rápido, dando passos para trás. — Te vejo por aí-

Queria me poupar de uma estranheza que sabia que viria, e quase pude sentir o sopro de alívio quando dei um passo para trás… Entretanto, sua mão foi mais ágil em meu braço, e meus movimentos foram estabilizados.

— Você não vai fugir dessa vez. — Sua voz era mansa, mas ainda assim sentia uma certa acusação no tom.

Endireitei os ombros.

— Eu não estou fugindo. — Minha voz saiu aguda.

— Claro, escapulir sempre que chego em algum lugar depois que praticamente abandonou nossa sessão de amasso tem outro sinônimo? — divertiu-se.

E quis enfiar minha cara na terra. Certo, talvez eu também tenha me precipitado e fugido do seu quarto quando as coisas esquentaram demais. Estava assustada comigo mesma e talvez até precisasse de um tempo maior para superar.

O que, de qualquer modo, não o respondi, se eu não o respondesse, a minha chance de escapar das suas perguntas seria mais rápida.

Dominic ainda segurava meu braço, mas não havia força alguma ali.

— Há algum tipo de jogo dessa vez que não estou sabendo? Porque se há, você tem que me avisar.

— Não há nenhum jogo.

— Então há o quê? — perguntou sincero, me fazendo parar meus pensamentos confusos. — Primeiro, estamos em um jogo de olhares, depois nos beijamos, depois me deixou no quarto às pressas, e agora você foge sempre que me vê? Fiz algo que não gostou? — Sua voz soava preocupada?

Prensei os lábios, não querendo admitir minha fuga.

— Estava muito ocupada essa semana — menti descaradamente, e não me preocupei quando ele me olhou me dizendo que não acreditava em nenhuma outra palavra da minha boca.

Cerrou os olhos, me analisando.

— O que vai fazer hoje à noite?

— Tenho aula de matemática.

— Aulas são durante o dia — disse desconfiado, e realmente eram. As matérias obrigatórias eram distribuídas em turnos matutino e vespertino.

— Reforço. — Mas não estava mentindo, eu realmente tinha. Era oferecido para os alunos do último ano aulas de reforço e preparatório na

parte da noite. Não que fosse obrigatória, mas não conseguia perder.

Seus olhos brilharam. Apertei minhas mãos.

— Então, eu gostaria de ter um reforço com você hoje à noite — se animou e seu olhar era de desafio. — Para me dizer o que você acha melhor.

— Melhor?

— Sim, você disse que não quer se iludir porque nos beijamos, quero saber o que acha melhor. E espero que esse melhor inclua nós dois.

Soou provocativo e decidido, e quis enfiar minha cara na terra outra vez. *Muito* direto e reto. Eu realmente parecia estar prestando um papel covarde aqui.

Encarei seu rosto tranquilo que esperava uma resposta minha. Dominic parecia animado, e nem um pouco preocupado com as coisas ao ser redor. Era como se nada perturbasse sua mente, e as coisas eram do jeito que eram, e ele não fazia questão de mudá-las.

Sorri sem graça, com as palavras fugindo da minha mente. Como iria explicar que tinha medo dos meus próprios sentimentos?

Me senti quente quando encarei seus olhos e minha pele esquentou onde sua mão me segurava. Em segundos, consegui mergulhar em um abrigo desconhecido, que trouxe paz aos meus pensamentos confusos e acelerados. Então, encarando os rios petróleo, vi minha decisão ali. Eu não poderia fugir deles por tanto tempo, seu olhar me fazia querer ficar e parecia que tudo se tornava *simples*. Acho que estava *um pouco* arrependida de ter fugido do seu quarto.

Suspirei em desistência, e Dominic viu quando cerrei os olhos e um novo desafio surgiu entre nós.

— Você me pegou, não tenho nada a dizer sobre a última semana — admiti minha derrota e esperei que ele comemorasse.

Mas um sorriso aberto surgiu em seus lábios e algo se mexeu dentro de mim:

— Me encontra hoje à noite depois das tarefas e falo o que eu acho melhor depois de beijar você novamente.

Sem evitar morder a boca para cessar um sorriso, não o respondi e apenas balancei a cabeça, não sabendo bem como responder.

Acho que meu plano comigo mesma havia falhado, pois estava querendo muito faltar o reforço e encontrá-lo.

E esse pensamento me atormentou a tarde toda.



Fui cumprir os meus afazeres, limpei as mesas retangulares, varri os restos de comidas do chão, limpei as cadeiras, colhi cenouras e beterrabas, cortei melancias em cubos, molhei a horta verde e ajudei a lavar os tambores de reserva de água.

Fiz tudo que estava no painel de serviços que me cabia naquela tarde, e no final do dia, as minhas colegas de atividades murmuravam de cansaço querendo suas camas e eu que as minhas energias estavam mais cheias do que nunca.

Naquele dia, eu percebi como a ansiedade poderia ser minha pior inimiga, porque enquanto arrumava os cadernos e tomava banho, a minha mente criava planos e cenários de como escapar de uma aula sem ser prejudicada.

O que de fato não me impediu de desejar que o professor faltasse.

Não aconteceu como desejei, depois de tomar banho e me trocar, passei às duas horas fritando meu cérebro em contas matemáticas e noções básicas de econometria. O que fez minha cabeça doer, pois mal tínhamos começado o ano e a preparação intensiva estava comendo meus neurônios.

Mas fui boa comigo e assisti até os últimos minutos de aula, porque por mais que meu coração acelerasse de ansiedade, eu não conseguia deixar o meu lado *cobranças comigo mesma* ser menor que as vontades do meu corpo.

Quase suspirei em alívio quando o relógio em cima do quadro rodou pela última vez e o professor dispensou a classe, nos mandando direto ao pátio central para que pudéssemos guardar o material e seguir o caminho para nossos quartos. Não havia muitos alunos naquele turno, pois eram aulas complementares de grade e nem todos os alunos do último ano estavam dispostos a sacrificar suas noites de descanso.

Esse semestre estava no dormitório na ala interna do Instituto, o que me poupava de uma boa caminhada até a parte externa, onde ficavam outros dormitórios femininos. O que não nos proibia de ir ou vir nessas alas se quiséssemos, a única regra clara que eles levavam à risca era não entrar em dormitório masculino e vice e versa.

Entrei na área aberta do pátio, avistando de longe as luzes acesas dos nossos quartos. Esfreguei as mãos no macacão preto que vestia querendo controlar minhas emoções. Caminhei mais devagar, percebendo que os vigias já não me observavam tanto. Dobrei a primeira quadra entrando no corredor largo que levava aos quartos.

Mas antes que o detector de movimentos sentisse a minha presença e as luzes começassem a se acender automaticamente, meus olhos foram tampados e um aroma forte masculino invadiu minhas narinas.

— O que há de tão interessante em matemática?

Ri pelo nariz com seu comentário e saboreei sua presença perto de mim. Suas mãos foram tiradas dos meus olhos, mas eu ainda os mantive fechados. Continuei parada, respirando Dominic.

— Eu gosto de matemática — sussurrei, não sabendo muito bem o porquê. — Na verdade, acho lindo como não importa o tamanho da conta ou quantos sinais tenha, o resultado é somente um. E sempre exato. É belo como posso fazer contas de trás para a frente ou de frente para trás chegando ao mesmo resultado.

— Acho que isso foi o mais próximo de matemática que cheguei — disse com diversão e senti seu hálito fresco em minha boca. Abri os olhos, vendo o rio de petróleo sorrir para mim.

— O que está fazendo aqui?

— Está mesmo me perguntando isso?

— Claro, faltam alguns minutos para o toque de recolher e não acho que esteja dentro das regras a sua presença aqui — disse com um toque de diversão nos lábios.

— Você quer que eu diga que fiquei esperando que saísse da aula mais cedo para me ver? Ou que fiquei intrigado por você preferir matemática a beijar na boca?

Abri os lábios, mas não tive resposta para o seu atrevimento.

— Estou confortável com a matemática.

— E eu ainda não estou disposto a entendê-la.

— Justo — mordi os lábios e ficamos quietos por alguns segundos. Sabia que a decisão de ir era totalmente minha, e por mais que o medo e a apreensão estivessem me comendo, tomei mais outra decisão naquele dia. — Aonde vamos?

Dominic apenas sorriu.



— Acho que algo tem que ser esclarecido entre nós — falei um pouco sem fôlego quando chegamos à árvore exata onde estivemos há algumas noites.

Dominic franziu o cenho e escorou nela, esperando que eu falasse. Me senti um pouco intimidada pelo seu olhar.

Soltei o ar dos pulmões e cruzei os braços.

— Admito que passo alguns minutos do dia te observando e tenho que dizer que admiro a sua disposição em fazer as tarefas braçais tão bem — limpei a garganta, tentando soar séria e vi seu rosto relaxar com um pequeno fragmento de diversão em seus lábios. — Isso não é um elogio ao seu físico — frisei, embora eu o admirasse muito. Continuei séria, validando meu assunto: — Entretanto, é uma crítica sem mudanças a minha disposição em subir em árvores — finalizei em uma falsa diplomacia, recebendo um brilho nos olhos que ainda não sabia identificar o que significava. — Se você ainda não entendeu, eu espero que seja mais criativo e não me leve para o mato para beijar a minha boca.

Ele tentou se manter sério, mas seus lábios já haviam se separado e seu semblante ganhado um ar divertido.

Dominic descruzou os braços e me chamou com o dedo indicador. Diversão pingava de seus lábios e por um momento também quis rir, mas eu realmente não estava disposta a subir em árvores para ter um encontro com um garoto. Ainda com os braços cruzados, aproximei meu corpo do seu e fui enlaçada por ele. Inspirei seu perfume gostoso, ficando ciente da nossa proximidade.

Seu rosto era tão bonito.

— Não fique chateada comigo. Achei que seria divertido voltar aqui. — Sua voz era mansa e me senti confortável. — Eu gosto de fazer memórias em lugares que acho que valem a pena.

— Uma árvore é um bom lugar para fazer memória?

— Queria saber se ficaria surpresa ao saber o que se pode fazer em cima de uma.

Fiz uma careta.

— Isso soou um pouco estranho.

— Na minha cabeça soou divertido.

— Claramente temos cabeças diferentes.

— Com certeza temos cabeças diferentes. — Seus olhos sorriram em malícia e segundos depois percebi a minha mancada.

Senti meu rosto quente e apertei meus braços, esmagando meus seios. Esse ato não passou despercebido pelos olhos de Dominic.

— Isso não é a questão — argumentei. — Quero que entenda que não sou adepta a exercícios físicos extras que não envolvem obter uma verdadeira recompensa.

Poderia parecer preguiçoso da minha parte, mas eu sinceramente não ligava. Eu odiava atividades físicas e não estava disposta a ultrapassar as metas estipuladas pelo Instituto.

Mas, novamente, minhas palavras fizeram sentido para mim tarde demais, os lábios de Dominic estavam abertos e queria não ter gostado da reação que meu corpo tinha dado ao seu malicioso sorriso.

Suas mãos correram por meus braços. Notei sua inquietação com elas e pensei se isso era uma mania ou se ele gostava mesmo de estar tocando em algo a todo minuto.

— Acho que temos um impasse — ele disse.

— Não há um impasse, porque não há situações a serem resolvidas. Somente fatos.

— Já entendi que você é do tipo ignorante, mas… — Sua voz pingava diversão e arqueei as sobrancelhas em uma clara pergunta, querendo saber onde iria parar. — Sinto que tenho um dever a ser cumprido.

— Sinto informar que você tenha que desistir desses pensamentos antes que eles se transformem em algo relativamente sério.

Ele prensou os lábios antes de mordê-los, e um novo sorriso os pintou. Eu também estava assim? Sorrindo sempre?

— E sinto informar que estou particularmente inclinado a fazer você gostar de exercícios extracurriculares.

Levantei as sobrancelhas e não pude deixar que um sorriso me escapasse.

— Estou curiosa.

— Veja bem — arranhou a garganta para falar, como se ele se preparasse para um discurso: — Eu não sou adepto à matemática e você não é adepta a exercícios extracurriculares, é muito fácil fazer as contas.

— Por acaso está me dizendo que estudaria matemática só para que eu subisse em uma árvore?

Dominic fez uma careta.

— Isso soa muito ruim no meu ponto de vista, na verdade, acabo de perceber que foi a ideia mais tosca que tive. — Apontou um dedo entre nós, argumentando. — Mas, ainda assim, estudar matemática com você me parece realmente divertido.

— Você não vai achar divertido, irá abandonar na primeira aula e eu terei escalado uma árvore sem fins lucrativos.

— Ok, estou entendendo que fazer negócios com você não é a melhor escolha do mundo.

— Está desistindo?

— Estava pensando mais em pedir *por favor*.

Não consegui segurar a risada.

— E acha que é um bom plano?

— Claro! — Seu tom era firme.

— E o que estava pensando? — inquiri, curiosa, e por um momento acreditei em suas palavras.

— Estava pensando em algo como “por favor, Augusta, podemos subir nessa árvore para ter uma boa noite e espiarmos as estrelas silenciosamente na presença um do outro?” — Uma tentativa de voz fina soou dos seus lábios e não consegui me segurar quando suas mãos se juntaram em um sinal de pedido.

A minha risada foi alta e senti o meu corpo leve, Dominic também estava rindo, e estava feliz naquele momento.

Neguei com a cabeça, descruzando os braços e juntando minhas mãos com a dele.

— Vamos ver o quanto de matemática consegue entrar na sua cabeça.



Ao contrário da última vez, não tive dificuldade para subir na árvore, ou arranhei o braço, ou bati a cabeça. Dominic estava ali, e ele com certeza fez as coisas serem mais fáceis quando me ajudou a escalar e me

deu as mãos para ter firmeza em segurar os galhos que pareciam inexistentes no breu escuro da noite.

— Doeu?

— Não.

— Está vendo? Não é tão ruim quanto parece. Você foi excelente.

Sentamos no mesmo tronco que estivemos uma semana atrás, minhas pernas em cima das suas, e suas mãos segurando as minhas no espaço entre nós.

Soltei o ar dos pulmões, controlando meu nervosismo. Parecia algo tão normal estar aqui, como se já tivéssemos feito esse mesmo trajeto milhões de vezes. Um frio na barriga me embalava de expectativas. E queria saber se Dominic sentia minhas mãos geladas.

— Então?

Levantei meus olhos, vendo que os seus me encaravam. Seus lábios se repuxaram em humor.

— Devo me preocupar com você pulando da árvore a qualquer momento?

Cerrei os olhos, recebendo a sua provocação em relação à minha fuga.

— Devo me preocupar com você me trazendo a uma árvore para não ter que pular a qualquer momento?

Dominic gargalhou e senti um pouco da tensão ir embora. Meu peito estava leve e fiquei grata por isso. Porque tinha visto em seu rosto algumas perguntas óbvias quando no caminho para cá ainda fez piadinha sobre a minha fuga da semana. Mas eu realmente não estava a fim de falar sobre e continuei negando o meu surto emocional.

— Me diga algo sobre você — perguntou e começou a mexer na minha mão, com um carinho diferente.

— Não há muito de interessante para contar — falei. — Tenho duas irmãs, a minha mãe tem uma linha de maquiagem, o meu pai está à frente da Stilk depois que o meu avô faleceu e estamos-

— Espera. Você é dona da Stilk? — falou, surpreso. — Tipo, dos postos Stilk? Stilk petróleos?

— O meu pai.

— Isso é interessante — soou animado.

— Será interessante quando eu me sentar na cadeira presidencial — brinquei, mesmo que o meu coração batesse com a vontade de realizar esses

pensamentos um dia.

— Ow, isso soou um pouco ambicioso — provocou e não soube identificar o seu olhar.

Mordi os lábios pensando sobre o Instituto e me lembrando que Dominic era novo aqui, o que fazia sentido ainda não saber com quem estava *lidando.*

— Entre os diferentes tipos de alunos do Instituto, ainda há uma coisa que nos junta nesse mesmo espaço: poder. Os alunos da Dell Marshall fedem a dinheiro, e todos aqui almejam uma boa aquisição na cidade de Bash. Não é à toa que o ensino é tão rígido aqui.

Mas Dominic ficou pensativo e algo me dizia que seus neurônios estavam em ação.

— Então, se pensar assim, todos aqui têm algo interessante — ri, tentando descontrair seus pensamentos.

— Agora, você, por que está aqui na Dell Marshall?

— Essa é uma pergunta que pode ter várias respostas.

Revirei os olhos. Por mais que soubéssemos seu sobrenome, ainda não sabia quem Dominic Clifford era. Só sabíamos que ele tinha ido morar há pouco tempo com seu avô, e que era o primeiro na linha de sucessão da sua família. O que estava causando um verdadeiro desenrolar de conversas nas reuniões sobre o rumo do patrimônio.

Os Cliffords estavam à frente do ramo financeiro há muitos anos, pois além de serem os donos do banco com os maiores ativos nos últimos tempos, era uma das famílias mais antigas de Bash, com uma quantidade relevante de propriedade pela cidade.

Até então, iria acontecer uma consolidação do capital sobre o patrimônio Clifford e a divisão de bens, pois não havia quem continuasse a administrar os negócios, logo que toda família estava morta e não tinha para quem passar. Mas agora com o surgimento de um herdeiro jovem, os planos mudaram. E a instabilidade do futuro em gráficos financeiros preocupavam os membros da alta sociedade.

— Não é como se todos já não soubessem sobre mim.

— Talvez sobre o seu sobrenome, mas sobre você? — Balancei a cabeça.

Dominic titubeou antes de pegar novamente minhas mãos e franzir os olhos.

— Acho que tenho um segredo a compartilhar.

— Espero que eu ganhe uma boa grana por isso — brinquei e Dominic sorriu.

— Eu ainda não entendo muito desse mundo — começou, molhando os lábios. — Por mais tranquilo que eu pareça estar, ainda tem algumas coisas que me deixam confuso.

Balancei a cabeça, acompanhando seus pensamentos.

— Eu só sei que em um final de semana, a minha vida mudou completamente.

— Você fala quando veio morar com seu avô?

Dominic fez uma careta, mas sua voz era suave e tranquila.

— Passei a minha vida toda em Finali Ville, vivia com minha mãe e meu irmão em uma fazenda, trabalhávamos lá e tínhamos um barracão para dormir à noite. Eu gostava de lá.

— E o que aconteceu?

— A minha mãe, ela se foi.

— Sinto muito. — Eu realmente sentia, não podia entender como era perder uma mãe.

— Antes de ela partir, estava com dores no corpo e andava gripada. Ela era durona, se recusava a nos ouvir e disse que era apenas cansaço do sol e resfriado do sereno. Então sua teimosia em ir à cidade para se consultar nos custou sua vida. Porque quando conseguimos levar o médico até ela, o seu estado de saúde estava muito grave e lhe restavam poucos dias.

— Oh! — Meu coração estava doendo e queria muito dar o abraço mais confortável do mundo nele. — E teve que vir para Bash em um ambiente totalmente diferente?

— Foi o suficiente para que minha vida perdesse completamente o sentido.

Passei a mão em suas bochechas e parecia que outro Dominic tinha aparecido em minha frente. Entretanto, sua voz ainda era tranquila, não havia amargura e dor, parecia mais ter saudade e amor.

— A minha mãe disse que alguém viria por mim e meu irmão, e eu acreditei que fosse alguma irmã dela distante. Não um velho totalmente desconhecido que dizia ser meu avô.

— Você não sabia de nada?

— Mamãe nunca se importou em dizer algo sobre a família do meu pai, e eu também não fiz questão de saber. Só sabia que o relacionamento

deles não tinha sido bom, pelo jeito que ela respondia das vezes que perguntei sobre. Teve uma noite que estava muito revoltado por não ter um pai — riu pelo nariz. — A minha mãe já estava em seus últimos dias, mas, mesmo assim, fraca, sentou comigo dizendo que ele não se importava com a gente, disse como se conheceram brevemente, falou seu nome, onde morava e que se eu quisesse procurá-lo, não poderia me impedir.

— E você não foi.

— Não — riu novamente. — Mas eu fiz minhas malas e fui até o ponto de ônibus disposto a encontrá-lo e tirar satisfações com ele. Eu tinha uns 15 anos e pensei que poderia fazer isso.

— O que te fez não ir?

— Percebi que era feliz como vivia, e a presença paterna não era algo que me fazia falta. Porque percebi que queria dedicar o meu tempo a todos os momentos finais da vida da minha mãe. E não estava disposto a dividi-los.

— Isso me soa um pouco possessivo — provoquei.

— Isso me soa mais como cuidadoso com o que é meu.

— Possessivo.

Rimos juntos.

— Em um dia, era um garoto que acordava cedo para tirar leite, e em outro, estava dormindo em algodões egípcios.

Cerrei os olhos.

— O mais novo príncipe de Bash.

— Confesso que ainda não sei como isso faz sentido — confidenciou. — O que me faz ter privilégios que há alguns dias nunca pensei em ter?

Mordi os lábios, se havia algo que me fazia perder o sono era a política de Bash. E mergulhando nos olhos petróleos, naquele momento, eu quis lhe ensinar tudo que sabia sobre o nosso mundo. Queria lhe ensinar tudo que havia aprendido andando sorrateiramente pelos cantos escondidos e proibidos de Bash. Me agitei com a ideia.

— Tenho que te dizer que estou intrigada com a sua história. Não tenho dúvidas de que as coisas poderão ser mais divertidas.

Ele arqueou as sobrancelhas em diversão.

— E acho que posso te ensinar uma coisa ou outra sobre nosso mundo.

— Isso parece bom, uma professora particular de matemática e agora uma guia particular de sobrevivência em Bash. Acho que posso lidar com isso.

Então, vi uma simplicidade em Dominic que nunca tinha visto em ninguém. Ele não teve medo de falar quem era ou tentou esconder suas origens. Ele era ele e não se importava com o que eu ia achar sobre sua pessoa.

E acho que ali, naquela árvore, onde contamos nossos segredos familiares, eu percebi que uma noite não seria o suficiente para desvendar todos os cantos do rio petróleo que fazia as borboletas voarem descontroladamente dentro de mim.



TENTE DE NOVO

AUGUSTA VENDETTA

Venha me dar os parabéns depois do jogo, querida noiva.

Cínico. A mensagem me fazia querer jogar o celular no lixo.

Dominic não demorou com suas provocações depois do nosso último encontro, e os meus planos de me afundar na minha própria angústia foram novamente adiados. Ele sabia onde encontrar o meu *calcanhar.*

Estávamos começando de novo, e de um jeito pior.

— Você tem certeza que quer estar aqui? — Polly perguntou com as sobrancelhas arqueadas.

— Sim, por quê?

O campo de polo, um pouco afastado da cidade de Bash, era um campo grande, todo gramado e bem cuidado. Sempre andava lotado por pessoas da alta sociedade. Eu não entendia muito bem suas obsessões por cavalos, mas sabia que homens montados nesses animais poderiam ficar peculiarmente *atraentes.*

Poderia ser o calor absurdo que queimava nossas cabeças? Ficarei devendo essa resposta, mas não poderia deixar de apreciar a energia deliciosa do campo invadir meus poros e o vento limpo bagunçar meus cabelos. O sol beijava minha pele e ficava agradecida pela manhã estar mais

fresca, deixando que os raios solares não a maltratassem tanto. Era um dia perfeito.

Apolline reforçou:

— Você tem certeza que quer estar *aqui*? Aqui onde eles, isso inclui Dominic Clifford, está com frequência?

— Sim.

— Tem algo que precisa me contar? — Polly me observou e vesti a minha melhor máscara.

— Não que seja importante suficiente — disse firme, sem abertura para discussão.

Respirou fundo.

— Está em negação novamente?

Não respondi e Polly me fuzilou com suas bolas redondas e escuras.

Não voltei para casa depois de quarta, não tive coragem. Ainda estava muito decepcionada com toda a situação, e me sentia cega em relação ao meu pai e Dominic. E isso era péssimo.

Péssimo porque amanhã teria que encarar os fatos reais, querendo ou não. Péssimo porque não conseguia enxergar além, e isso me assombrava, pois só me restava olhar para o agora, ou para o passado. O que definitivamente não era o plano.

O plano era *ignorar.*

Isso soava bom.

Eu ainda poderia estar no estágio de negação. Mas quem se importava?

— Okay, então. — Abandonou o assunto *fácil demais*. — Vamos rápido porque a terceira *Chukka* já começou.

Sorri feliz para minha amiga, gostando demais do jeito que os shorts e o top verde caíram perfeitamente nela. Coloco meus óculos de sol e subo no carrinho de golfe, que está disponível para nós.

Percorremos todo o campo pelas beiradas, passando em frente às arquibancadas lotadas de pessoas assistindo ao jogo.

O polo era um dos jogos mais atrativos e antigos da cidade, reunia multidões e era quase sagrado quando havia um campeonato. A elite levava muito a sério o esporte.

O jogo parecia prático por fora: quatro membros em cada equipe com o objetivo de marcar o maior número de gols com um taco de três

metros. Não demorava mais de uma hora e era dividido por períodos chamados *chukkas*, que tinha um pequeno intervalo entre elas.

Eles faziam tudo isso em cima de um animal. Parecia prático, mas o treino constante e a dedicação às atividades físicas davam um novo olhar a caras em um campo, em cima de cavalos, correndo atrás de uma bola de 8 centímetros.

— Então o bom humor de hoje é por ser domingo? — alfinetou e semicerrei os olhos, não querendo ler o duplo sentido da frase. Ela estava tentando arrancar informações de outro jeito.

— Talvez.

— Você também não falou nada sobre os doze minutos de atraso.

— Ainda é de manhã, minha paciência está de bateria cheia.

— Hum…

Revirei os olhos e parei o carrinho em uma tenda próxima onde nossas amigas já estavam nos esperando.

Estava parcialmente de bom humor. Parcialmente. Se pensasse na semana que tinha acabado e na próxima que estava para chegar.

Enquanto pegava minha garrafinha de água e ajudava Polly em suas caixas de *macaron*, me atentei a sua inquietação de repente:

— Fala.

— O quê?

— Por que está inquieta?

Ela abriu a boca, mas logo desistiu, revirando os olhos.

— Qual a probabilidade de eu ser expulsa da temporada se for acusada de assassinato?

— Seu pai ainda insiste no casamento?

— Hurg, sim — grunhiu e fez uma careta, tentando tapar o sol com a mão livre.

— E, novamente, tenho que destacar, estou verdadeiramente surpresa com seu pai te envolver em seus acordos. O que mudou com o “ninguém é digno da minha filha”?

Entramos na tenda de descanso e coloquei as caixas amarelas na mesa disponível.

— Hoje me perguntei se o meu pai realmente me ama — murmurou triste. — Chris e Chuck não gostaram muito de saber que ele estava citando meu título em reuniões. Pelo menos, eles estão do meu lado.

— Ficaram bravos com seu pai? — perguntei surpresa. Eles amavam o senhor Phillips, diziam ser o seu tio favorito.

— Não com o meu pai, mais especificamente com quem estava negociando.

Apolline fez cara de nojo e antes de abrir a boca para perguntar quem tinha sido o *inferlizardo* da vez, algo atrás de mim chamou sua atenção, seus olhos arregalaram e vi seus punhos cerrados.

E antes que eu pudesse alcançar o alvo da sua visão, minhas amigas me cercaram.

— Quando eu crescer, quero ter a sua confiança — Alana disse animada, cruzando seu braço com o meu. — Você foi *divina* no jantar!

— Concordo — palpitou Chiara, o reflexo solar vibrando nas joias douradas que cercavam sua pele negra.

— Todos estavam esperando um surto e você entregou elegância, amiga — Alana continuou e ri pelo nariz.

— Eu fui pega desprevenida.

— Se aquilo foi uma reação de surpresa, não quero nem saber como você age quando não está — Nina riu e seu grande cabelo loiro estava enrolado em um coque elegante.

— Eu não sabia — disse seca, fazendo pouco caso.

— Claro que não, nenhuma noiva tem essa reação quando sabe que vai se casar — Alana alfinetou.

— Pelo menos, não *de novo* — Apolline zombou e as risadinhas vieram. Revirei os olhos.

— Odeio vocês.

— Odeia nada — Isla chegou afobada, pegando um macaron colorido de Polly. Seu cabelo vermelho brilhando no sol. — Aliás, achei que diria um não e sairia correndo. Ficamos todas tensas.

— Por que eu faria isso?

— Talvez porque você é a única que negaria a proposta do queridinho de Bash? — provocou, maldosa.

— Você sabia que tinha debutantes perguntando se vocês ainda estavam juntos? — Nina disse horrorizada.

Cerrei os olhos.

— Quem?

— Karen Smith, acho que ela é nova na cidade. Ela é péssima, pisou no pé do coitado do Nolan o baile todo.

— Não lembro do seu nome na lista de inscrição — pensei alto. — Fico feliz que seu irmão tenha aceitado o convite esse ano.

— Ela foi uma das últimas aceitas, foi a pedido da primeira-dama. — Deu de ombros. — Seu tio viaja muito e quase nunca está nos bailes.

— Mas não se preocupe, já falamos com ela. E ela seria burra em se aproximar do Clifford — divertiu-se Chiara.

— Fiquem atentas — ordenei, porque tinha a leve impressão de que ela era a mesma garota que estava pendurada em Dominic no baile de iniciação.

— Ontem conversamos sobre o evento beneficente — Chiara disse animada, vestida em um top amarelo com alcinhas. — Eu tenho certeza que você vai amar a ideia, vai ser o dinheiro mais fácil que iremos arrancar da *burguesia*.

Sorri empolgada, achando seu tom divertido. Porque éramos a própria burguesia.

— O que pensaram?

— Um leilão! E algumas joias expostas em pescoços bonitos — Chiara brincou com as sobrancelhas grossas. — E, claro, um voucher especial por uma noite.

— Tipo um jantar, ou um passeio, é claro. O nosso mercado ainda não é tão baixo — Isla frisou e rimos.

Eu amava aquelas garotas, eram parte de mim como uma família. Foi nelas e com elas que passei um dos piores momentos da minha vida. E me sinto grata por nos entendermos diante de tantos conflitos que enfrentamos diariamente. Afinal, o poder era um frequente risco de desordem.

Quantos grupos e fraternidades foram destruídos por desentendimentos e pela falta de compreensão? Não éramos perfeitas, longe disso, beirávamos a vadias ingratas que esbanjavam luxo infinito em uma elite muito falada. Soberbas era o que éramos chamadas, ou, mais precisamente, as princesinhas da cidade.

Mas nada importava, porque, acima de tudo, nos respeitávamos. Tínhamos base. Sempre seríamos nós.

— Então, estamos indo bem com o QueenKey?

— PERFEITO, claro! Administrar doze debutantes que estão disputando por quem vai carregar a chave da cidade no baile dos

fundadores é *mole*! Os testes e atividade? — a ironia era clara nos lábios de Chiara. — Somos uma máquina de perfeição!

As doze meninas ainda faltam passar por todos os testes e atividades para carregar a chave da cidade. O que nos torna uma máquina de perfeição — a ironia era clara nos lábios de Chiara.

— Isso está um pouco perfeito demais — pontuei e cerrei os olhos. — Acho que estão no caminho certo.

— A primeira dama tem sido bondosa conosco, ela apareceu no domingo trazendo várias ideias e relembrando de como foi a entrega da chave do ano passado. — Concordei com a cabeça, Antonia tinha sempre boas ideias e se esforçava para nos ajudar.

Acho que por sua filha não gostar nem um pouco dos nossos eventos, a primeira-dama tenta suprir essa ausência em nós.

Chiara continuou:

— Depois do baile de debutantes, tivemos a entrevista individual. E, particularmente? Achei que seria pior. Mas parece que nossas garotas estão realmente animadas para carregar a chave da cidade.

— Mas é especial — Polly chegou ao meu lado depois de um tempo, e a encarei. Seu sorriso não chegava aos olhos. Franzi o cenho.

— Todas nós já fomos as QueenKey um dia, então pode ser que tenhamos perdido um pouco do encanto com os anos. E é bom ver garotas tão animadas, talvez estejamos precisando de um *up* no nosso club.

— Oh, sim, afinal, a coroa é passageira.

— Com exceção da Augusta — Isla provocou. — Ela vai virar a *queen* de Bash por definitivo, *finalmente*. — Algo em meu peito se apertou com a sua fala. Mas mordi os lábios, entrando na brincadeira e sabendo exatamente o que viria depois.

— Sabe como é, né? É muito difícil abandonar um posto tão concorrido.

— Ow, parece que alguém aqui está tomando posse de algo. — Alana pegou o celular e apontou para o nosso grupo de mensagens no aplicativo. — Devemos esquecer o seu surto de *não estou noiva* em negrito?

— Espero que o convite chegue antes do casamento. — Apolline balançou as sobrancelhas.

Bufei e levantei as mãos. Há alguns dias, o meu celular não parava quieto por culpa de mensagens excessivas sobre *"Augusta está noiva e não fomos informadas oficialmente, será que ainda somos suas amigas?"*

— Estão todas bloqueadas.

— Augusta está em negação — Apolline voltou a atacar.

— Ah, não, precisamos de detalhes, amiga — Chiara reclamou, rindo, e fui dando pequenos passos para trás. Ela apontou o dedo em minha direção, me fuzilando com seus olhos grandes. — Você não vai fugir de nós para sempre, quando menos esperar, estaremos fazendo o maior chá de lingerie que Bash já viu.

Dei as costas e comecei a me distanciar delas, eu não iria falar sobre *isso*. Quanto menos comentar, mais superficial *isso* poderia ser.

De fato, ignorar o elefante na sala nunca foi o melhor método para se resolver um problema. Sorte a minha que eu não queria resolvê-lo.

Um Damian sorridente apareceu no meu campo de visão, dispersando todo o momento. Sorri de volta e lhe dei um abraço carinhoso, mostrando que estava tudo bem.

— Oi, querido. — Passei a mão sobre suas bochechas rosadas. — Está sem protetor solar? Vai se queimar assim.

Ele refletiu o mesmo gesto nas minhas bochechas.

— Por que você não apareceu mais?

Sua pergunta foi como uma facada na coxa, porém continuei sorrindo. Eu sabia que por um bom tempo seria assim com ele. Sempre sincero demais. Perceptivo demais.

— Você não foi mais me ver, eu fiquei esperando. Eu fiquei querendo te ver pra gente tocar piano juntos.

Esse era o seu jeito de dizer que sentia falta de algo. De mim. Damian era um jovem especial, ele era trissômico — uma condição genética caracterizada pela presença de um cromossomo extra —, então amávamos e cuidávamos dele em dobro. Sabíamos que ia ser difícil para ele dizer adeus à nossa rotina, *me* dizer adeus. Mas fizemos o melhor e fomos o mais sinceros que pudemos.

— Eu aprendi uma nova nota. Quero que você veja.

— Oh, parabéns, querido. — Enchi-me de amor e o meu peito inchou de culpa. — Eu gostaria muito de ver.

Damian sorriu mostrando os dentes e senti o peso da promessa.

Sentia-me culpada por lhe causar angústia, mas às vezes ser egoísta era tudo que eu conseguia ser. E era inevitável causar danos que normalmente não gostaria de provocar.

Damian se distraiu quando algumas pessoas entraram na tenda e lhe ofereci um macaron.

Os irmãos Clifford tinham um traço que me chamava atenção, pois apesar dos cabelos finos e lisos de Damian e suas próprias características, eles apresentavam o mesmo tom escuro de fios, e tinham algumas manias parecidas. Como, por exemplo, partir ao meio e até mesmo cheirar qualquer alimento antes de ingerir. Com certeza a convivência entre pessoas é algo estranho a se discutir.

— Oh, se não é a noiva — um tom de provocação soou atrás de mim. Me virei para os olhos cor de mel. Seu rosto estava vermelho do lado direito.

Eu quis negar o título, mas percebi que não faria diferença para ele.

— Devo me preocupar com suas aparições?

— Só se você achar que deve.

Estreitei o olhar em desconfiança e Nikolai me jogou uma piscadela. Eu realmente gostaria de investigar mais sobre essa sua volta repentina, pois não gostava nada de como ele estava sempre nos mesmos lugares que eu. Principalmente depois de descobrir seu envolvimento forçado com Polly.

— Relaxa, gata, eu também gostaria de estar fazendo várias outras coisas ao invés de estar aqui.

— E o que te impede? — rebati e ele sorriu sacana. — Lembro de alguma fala sobre “ficar mais longe o possível da hipocrisia de Bash”.

— Okay, você me pegou. Talvez eu goste de ser o centro das atenções… Ou apenas testar os nervos alheios.

Seus olhos brilharam e o receio encheu meu estômago. Ainda assim, me mantive neutra. Ele era só mais um filho da elite dourada. Tentei me apegar a isso.

— Testar os nervos dos Phillips, no caso? — alfinetei, ganhando um arquear surpreso.

— Então, a notícia já está se espalhando? — Algo perverso brilhou em seus olhos.

— Notícia ruim se espalha rápido.

Nikolai não se abalou e apenas balançou a cabeça, rindo e dando de ombros.

— Algumas decisões são impossíveis de serem revertidas — soou sincero e analisei seu perfil. Minha amiga estava sofrendo e ele era o culpado.

Ou seu maldito pai.

Uma ideia maldosa passou pela minha cabeça e decidi testá-lo. Se ele não soubesse de nada, não veria problema. Recordei a sua fácil disponibilidade em provocar Dominic no passado e sorri quando sua atenção estava em algo atrás de mim.

— Ainda tem culhões para acompanhar uma noiva em um passeio?

Nikolai franziu o cenho, analisando a minha fala.

— Um passeio ao trampolim da morte, senhorita? — riu sem graça.

— Um pouco de adrenalina não faz mal a ninguém.

— Percebo que a minha honra está sendo usada em benefícios que não me envolvem — soou diplomático e arqueei as sobrancelhas. — Quero dizer que gosto de ser avisado quando sou *usado*.

— Infelizmente, temos um impasse sobre a sua honra.

Nikolai se animou.

— Justo.

— Então, vai me acompanhar?

Desafio brilhou em seus olhos.

— Tudo depende do tamanho da recompensa.

Oh, a diversão me inundou.

— Está me dizendo que você tem um preço?

— Todos nós temos um preço, só basta descobrir qual. E, bom… Estamos falando de provocar alguém que eu não gostaria de *topar*.

Arqueei as sobrancelhas, curiosa.

— Eu gosto dos seus pensamentos, apesar de não querer pensar no que isso implica.

Hesitei por alguns instantes, já pensando em várias possibilidades.

— Mais algum apontamento, senhor?

— Só peço que meu lindo rostinho fique intacto, e se isso for preciso para conquistar a sua confiança, farei.

— Justo. — Assenti, divertida. Mas eu não podia prometer nada, e ele sabia. Eu não tinha controle algum sobre que rumo o clima poderia tomar. Ainda mais se tratando de Dominic. — E, aliás, por acaso tem

andado com o rosto virado só de um lado para o sol? — Indiquei a pequena marca em seu rosto que estava se apagando.

Nikolai sorriu com diversão sombria.

— *Leves consequências de um ato de amor*.

Nikolai não prestava, anos se passaram e ele era o mesmo.

— Oh, isso vai ser divertido. — Eu sabia que meus olhos estavam brilhando.

***

A quarta chukka já havia iniciado, e claro que fui para mais perto para assistir. Encontrei Ella debruçada sobre o encosto de madeira, que protegia as beiradas da pequena tenda elevada, que ficava em um ponto estratégico do campo. Seu olhar de surpresa foi nítido quando percebeu a minha presença.

Ofereci meu binóculo.

— Os detalhes também são importantes — eu disse, cerrando os olhos para onde ela *olhava*.

Minha irmã mais nova pegou o objeto e logo se envolveu no jogo, me dispensando.

Eu também poderia me concentrar nos *detalhes*, se estivesse em um dia bom. Mas resolvi fazer *algumas coisas mais* importantes, como: entrelaçar meus braços no de Nikolai e ficar conversando sobre qualquer coisa que nos deixássemos em constante contato.

Extrair dele toda informação que precisava.

Eu era uma verdadeira cadela provocadora, porque em todo momento eu sabia que estava sendo observada. Não só pelo público curioso que morria para saber o que estava acontecendo comigo, mas por Dominic em específico. *Ele sempre via tudo*, mesmo em cima de um cavalo a metros de distância.

Depois de mais três chukkas a partida acabou, e quando o apito soou, desci a curta escadinha de madeira. Iria parabenizar os jogadores pela vitória.

Fui a passos largos ao vestiário, estava animada.

Mas antes de atravessar as portas duplas, dei de cara com Zaki na porta, que me recebeu com o semblante fechado e nada feliz.

— Você não vai passar aqui — disse firme e lhe dei um sorriso como resposta.

— É claro que eu vou. E você vai deixar — ameacei.

— Hoje não, gatinha Gus — barrou minha entrada e colocou o taco que estava em mãos encostado no portal. Zaki ainda estava com a roupa do time e os equipamentos.

— Tem algo aí que eu não possa ver?

Ele abriu a boca duas vezes e se calou.

— Tem algo aqui que *ele* não gostaria de ver.

— Desde quando virou seu guarda-costas? — impliquei.

— Desde que as suas ações impliquem significativamente em um jogo importante.

Sorri mais ainda.

— Eu não me importo.

— Devia. — Ele olhou atrás de mim. — Olha, sei que provavelmente o meu comentário não irá fazer nenhuma diferença, mas não acho uma boa ideia isso que está prestes a fazer.

— Realmente, eu não me importo.

— Mas, novamente, eu tenho que tentar, então estou disposto a manter a paz e o restante do humor de Dominic por hoje. — Sua voz era firme, como se estivesse frustrado por algo.

— Oh, então o capitão está de bom humor?

Zaki semicerrou os olhos me medindo.

— Você não vai estragar o clima, Augusta.

— Eu não quero estragar nada, eu só preciso…

— Me ver? — Algo se mexeu dentro de mim com a sua voz. E por um segundo, *segundos*, a minha coragem falhou.

— Dominic. — Forcei o meu melhor sorriso ao me virar para encarar o seu rosto.

Dominic não estava dentro do vestiário, ele tinha acabado de chegar. E ainda estava vestido com os equipamentos do jogo. Não me importei de analisar cada objeto que o comportava: estribos, bota de montaria, uma calça branca, o cinto com a fivela desenhada, blusa verde império, cotoveleiras, o taco na mão esquerda e o capacete na mão direita… Cheguei ao seu rosto e…

Eu odiava essa parte, era quase doloroso.

— Augusta — ele não se importou em despejar amargura no meu nome. Depois me analisou de cima a baixo, também fazendo um check-up completo.

— É bom te ver aqui. — Desprezo cercava minha voz.

— Eu sempre estou aqui, e não, eu não acho bom te ver — soou rude.

— Isso foi indelicado da sua parte, Dominic.

— Eu não me importo.

— Dia ruim?

— Pessoa ruim — soou amargurado e dobrou a cabeça para o lado, me analisando calmamente. — Veio dar os parabéns ao seu noivo? — provocou. *Cínico*. — Tenho um jeito perfeito de você me agradar…

Mas eu vi o seu sorriso desmanchar em seus lábios quando notou a mão masculina deslizar em meu ombro.

Então, a expressão dos seus olhos mudaram. E o vi contar mentalmente alguma sequência numérica. Ansiedade me tomou.

Sorri, mostrando os dentes.

— Sim, vim lhe parabenizar pelo jogo. Como você pediu!

— Eu gosto de pensar que você gosta das suas mãos — Dominic ameaçou Nikolai, trazendo um clima tenso ao ambiente.

Mas Nikolai não soltou, olhei sua expressão tranquila.

— Gosto das minhas mãos — respondeu sem medo.

— Augusta — chamou e não tinha percebido que minha respiração estava presa, até cometer a burrada de olhar em seus olhos. Um olhar de desafio e, em instantes, suas íris escuras transbordaram centenas de promessas.

Então, ele sorriu.

Um sorriso louco que transbordava frieza.

— Está ficando previsível, bruxa, tente de novo — arrogância pingava de seus lábios. — E dessa vez, traga alguém digno de uma batalha. Não ratos.

Abri a boca para rebater, mas desisti. Dominic já não estava em seu lugar, tinha entrado no vestiário.

Dominic tinha me dado as costas.

Dominic tinha ignorado a minha ação.

Incrédula com o seu controle, cerrei os punhos.

As ações de Dominic estavam ficando imprevisíveis, e isso era péssimo. Instável. Ele estava fazendo de novo.

A diversão foi trocada pela raiva, e senti meu rosto hiperventilar. *Merda*, eu não tinha conseguido. Ele ainda estava na frente.

Olhei para Zaki que se mantinha calado, ele também ainda estava equipado, só que suas mãos estavam livres do taco. Bufei alto com raiva.

— Fique longe dela, você não vai querer entrar nessa — foi a última coisa que ouvi antes de sair às pressas.

Eu estava com raiva por não ter conseguido deixar Dominic com raiva.

Cínico. Idiota. Babaca. Eu estava o odiando naquele momento e sentia meu corpo em fogo. Frustrada, quis revidar.

Andei por um bom tempo debaixo do sol, e quando percebi, estava no estacionamento. Eu poderia esperar por Apolline aqui, ou até mesmo chamar um carro pra ir embora…

Fechei os olhos e encostei as mãos no vidro de um carro preto. Era o Jeep preto. Semicerrei os olhos para o adesivo prata na lateral.

Curiosa, puxei a maçaneta dianteira. Babaca. Nada surpresa com esse deslize, pois sabia que isso acontecia com frequência, encontrei dentro do carro alguns equipamentos de jogo, um terno pendurado na alça e dois tacos espalhados no banco.

Idiota do caralho.

A amargura me tomou, e eu só percebi de fato o que fiz quando o alarme do Jeep disparou.

Eu havia estourado o vidro do carro de Dominic Clifford.



MANSÃO WILLIANS

AUGUSTA VENDETTA

— Te vejo à noite, querida. Se comporte como uma noiva.

Se comporte como uma noiva.

Mas que caralhos era isso?

Ficava cada vez mais frustrada comigo mesma e como as coisas estavam *desandando*. Eu sabia quem era, e claro que eu ia me comportar bem. Bem como uma perfeita dama que não devia satisfação a *ninguém*.

Ainda estava remoendo a cena na sala de reunião, sentia-me enojada de sua atitude e tentava montar peças de um quebra-cabeça que há muito tempo havia se perdido.

Sabia que provavelmente os presentes naquela mesa tiraram suas próprias conclusões com a nossa hipotética ideia de paz. Nunca tivemos paz e ver Dominic sendo tão baixo me fez perceber que talvez tínhamos ido longe demais. Talvez estivéssemos definitivamente no fim.

O ar fresco da noite soprou meus cabelos quando os saltos tocaram o caminho de pedras que levava à entrada da mansão Willians. Era a noite da inauguração oficial do palácio e gostava de pensar que com novos ambientes viriam novas lembranças.

Fico feliz por não ter um amontoado de pessoas na entrada da mansão, isso significava que boa parte dos convidados da noite já teriam chegado. Desfaço do meu sobretudo preto e entrego a uma das *hostess* que me saúda no saguão. Solto o ar dos meus pulmões e aprumo a coluna, entrando deslumbrada com a decoração magnífica por dentro.

Os bailes de gala eram sagrados para nós, e desde pequena havia aprendido a amar cada pedacinho que eles compunham. Era tudo sobre *glamour*, encontros, planos, vestimentas excepcionais, elegância, poder… A noite poderia durar horas, e muitas vezes ia até a manhã seguinte.

Gostava de como a decoração dourada sugava toda a nossa essência e brilhava expondo tudo que havia de mais belo em nós. Era sobre charme, conquista e um pouco de sensualidade. Era prazeroso poder ver sorrisos disfarçados e olhares trocados no meio do salão, ver como poderíamos colocar um vestido bonito e ser a nossa versão mais áspera sem ter verdadeiramente alguém para te julgar.

Porque os bailes tinham essa magia, nos teletransportar para a parte bela da sociedade, nos fazer flutuar em máscaras douradas que cada um escolhia pôr.

Era uma sensação viciante.

Senti olhares pesados e sorri satisfeita com o impacto da minha presença. Havia uma boa quantidade de pessoas ali, e sorrisos discretos e abaixar de cabeças foram recebidos por mim em cumprimentos de longe. Alimentei o meu ego com suas admirações silenciosas, sabia que tinha chamado atenção ao passar pelo portal decorado.

Saudei-os antes de adentrar o espaço com a pesada sensação de estar sendo observada.

A mansão estava linda, a decoração dourada do salão foi transpassada para a casa, o que pareceu valorizar cada pedacinho do lugar. Como um grande palácio cor de ouro. Os lustres brilhantes, a grande escada central com enormes flores no mesmo tom, transbordando do corrimão, tapetes bordados com o símbolo da AAB, as grandes cortinas nas janelas, o teto, os pilares e até as janelas e portas de vidro desenhadas… Percebi que o primeiro andar todo estava disponível e decorado, e que tinham deixado as escadas restritas aos andares de cima.

A sala estava cheia, muitos rostos conhecidos, alguns falavam mais alto e outros apenas cochichavam em busca de serem discretos. A primeira sala de entrada, a maior da mansão, tinha se transformado em um salão de

recepção perfeito, no segundo cômodo que fazia ligação com a sala tinha duas grandes mesas compridas, ladeando a passagem e os portais largos que faziam ligação entre as salas.

Vi algumas carinhas conhecidas sentadas na mesa posta, entre eles o meu pai e a minha mãe ao lado do senhor Bash. Sorri amarelo, acenando quando me chamaram e fingi não ter entendido. Tinham muitas pessoas ao nosso redor, como ia saber que era comigo?

Adiando o encontro com a minha família, continuei pelo andar movimentado. Eu me sentia em um verdadeiro palácio. Havia mais duas salas um pouco menores abertas e coligadas, o que me fez lembrar um pequeno labirinto. Tinha muitas portas e saídas ali, dando um total conforto e acesso de movimentos a quem estava circulando.

Meu coração saltou quando voltei para a primeira sala e vi o instrumento de cauda ao lado dos pés da escada. Havia um piano, isso realmente era belo. Eu amava tocar, participava da orquestra principal da cidade e era muito satisfeita por ser o instrumento destaque.

Uma música agitada tocava ao fundo, e estava pegando a minha primeira taça de champanhe quando um corpo másculo, revestido de calça social preta e uma camisa clara com os primeiros dois botões abertos, entrou no meu campo de visão.

— Tenho para mim que como seu noivo, e o *único* homem a quem pertence, deveria lhe dar os devidos elogios — provocou com olhos divertidos e nada inocentes. Travei o maxilar.

Eu tinha o visto seguir os meus passos com os olhos enquanto eu cumprimentava as pessoas e recebia elogios e comentários como: “Parabéns pelo salão!”, *“Soube da nova!”*, *“Você deve estar tão feliz!”*, *“Vocês formam um casal lindo”*. Fiz um verdadeiro esforço para não ranger os dentes e ser mal-educada.

Cerrei a mandíbula nada contente com a sua presença ao meu lado, a raiva da sua cara cínica não tinha passado. Entretanto, não fiquei amargurada com as suas palavras grotescas por ter me colocado como propriedade. Apenas sorri, falsa. Eu tinha acabado de conseguir o que queria para essa noite.

— É claro que eu iria vir com a minha melhor roupa, eu não queria decepcionar o *meu noivo* e não estar a altura — provoquei e ganhei um olhar duro. Eu sabia que Dominic já tinha varrido todo meu corpo antes mesmo dos meus dois pés tocarem completamente o mármore de entrada.

Um vestido preto abraçava cada curva do meu corpo até o calcanhar em um estilo mid, um pouco das minhas costas estavam de fora, pois a única alça grossa circulava o meu pescoço, segurada por um broche no centro da garganta. Eu o classificaria como comportado, sem motivos para grandes alvoroços, se não fosse a grande abertura na frente, que começava pelo broche, indo até meus quadris, deixando à mostra minha barriga e parte dos meus seios.

Não hesitei em pôr a prova o seu controle essa noite, pois sabia que o meu corpo chamava atenção, e sabia mais ainda o quanto Dominic reagiria quando visse o meu vestido. Ele podia ser um completo babaca e sem noção com as situações, mas eu ainda conseguia as minhas coisas quando queria.

Ainda sabia onde cutucar e receber uma resposta imediata. E tinha decidido que poderia fazer *desse tempo* o *melhor*.

Não que estivesse contente com o rumo da minha bagunça, mas tinha conversado comigo mesma hoje de manhã, tinha colado um adesivo rosa nos meus pedaços soltos e decidido que, por ora, eu poderia sorrir e acenar ao lado da pessoa que um dia jurei amar infinitamente.

Não havia como negar o peso que fomos um para o outro, nem fugir da nossa história. Não que eu quisesse, pois as próprias pessoas que nos rodeavam faziam o favor de me relembrar como *já fomos um belo casal* e como *sabiam que tudo ia ocorrer bem.*

Patético.

Eu não sabia o que mais mexia comigo, se a certeza de acharem que íamos nos resolver algum dia ou o destino rindo da minha cara pela ironia de estarmos *em título*, juntos.

Dominic riu pelo nariz, mas seu sorriso perverso não combinava com o brilho dos seus olhos. Claro que eu sabia que meu corpo mexia com ele. Eu adorava isso.

— Não gostou do meu vestido? — Abri o meu melhor sorriso e sabia que ia vir algo baixo de sua boca. Mal tinha colocado os pés no salão e o nosso embate havia começado.

Dominic pesou o olhar em mim.

— Gosto desse vestido em você — tranquilidade soava em sua voz. — Me faz pensar que qualquer um pode te admirar, mas, ainda assim, só eu posso tocá-la.

Meu sangue esquentou e foi impossível não querer esganar o seu pescoço. Arrogância pingava de sua boca e eu sabia que era ele querendo me marcar.

Idiota do caralho.

Sabia que meus orbes teriam furado sua pele se fosse possível.

Dominic balançou a cabeça e vesti minha melhor armadura para entrar. Hoje eu estava pronta.

Por um momento, senti o meu corpo vibrar.

Era quente, provar a sua essência era extremamente quente. Eu consegui sentir o gosto de menta em meus lábios. Era quase impossível não sentir cada camada ser afetada e desmanchada pela ligação. Era quase impossível não querer me afundar no rio turvo e secreto dos seus olhos.

— Posso garantir um bom espetáculo — provoquei em um sussurro.

— Você subestima a minha capacidade de controle, bruxa.

— Você provou a sua capacidade de controle quando foi o primeiro a vir a mim, querido.

Um empate de olhar e várias promessas se quebrando.

— Eu gosto de pensar que estou apenas acompanhando a minha *noiva*, em um gesto simpático de não deixá-la sozinha. — Sua voz era calma e franzi o cenho, desconfiada.

— Eu não estou sozinha.

Estudo seu rosto e ele o meu. A nostalgia ameaça meus pensamentos e vejo por segundos sua hesitação. Sua língua fez um estalo e um garçom veio rapidamente ao seu comando quando sua mão foi erguida. Todos estavam ali o servindo.

— Você sabe o que implica em estarmos *noivos*? — pontuou sem intenção.

— Que agora vou ser muito *bajulada*? — zombei.

— Que agora somos um casal, e casais andam juntos, casais *se tocam*. Inclusive, respondem às mensagens um do outro — alfinetou.

— Oh, pare de me mandar mensagens, você sozinho está sustentando a operadora.

— Eu gosto de pensar que alguém está sendo beneficiado com isso.

— A falência começa pelo descontrole.

— O descontrole é bom.

— Pare.

Dominic arqueou as sobrancelhas grossas.

— O que quer? — exigi.

Dominic não fazia nada sem segundas intenções, e agora não seria diferente. Observei o seu gesto quando pegou a taça da minha mão, ainda cheia, depositando em uma bandeja, depois pegou um copo, despejando o líquido âmbar da garrafa de vidro, e pegou uma taça com um líquido familiar, me entregando.

Bebi, apreciando o *Salvatore's Legacy* na minha língua, sentindo o gosto de laranja e do licor doce. Comecei a dar passos devagar pelo ambiente, a acústica não estava tão alta quanto as conversas ao nosso redor.

— Fale, Dominic. — Senti sua presença atrás de mim.

— Precisamos entrar em um acordo.

— Não vamos entrar em um acordo — falei, simples. Para mim, esse noivado estava muito claro, famílias com ótimas potências se unindo e construindo a nova era empreendedora de Bash. Só. Por enquanto.

Conversei comigo mesma sobre isso hoje de manhã, e havia criado até alguns planos sobre como sobreviver a *ele* novamente. Sim, eu estava me preparando para a derrota. Pois, após passar a semana toda em uma busca cega pelo investigador que o meu pai jurou que Dominic tinha, me afundei na decepção cruel de não ter achado nada.

Não houve um dia em que não surtei, deixando todos ao meu redor tensos, pois eu não podia acreditar que havia uma singela possibilidade desse noivado acontecer.

Então, depois de 24 horas em total estresse, decidi qual era o melhor plano a seguir: seguiria com o noivado e me apegaria aos mínimos detalhes de Dominic, não deixaria nada passar, pois se fosse verdade o que meu pai disse, algo tinha que aparecer uma hora e eu simplesmente tinha que estar pronta para reconhecer o meu fim.

— Nós *vamos* entrar em um acordo. — Cerrei os olhos para o tom insistente e mandão, e por um lapso de memória, lembrei-me da nossa primeira noite juntos.

Fiz uma careta, expulsando as lembranças da minha mente.

— Que tipo de acordo quer fazer? Não venha me dizer que quer *fingir* algo na frente de alguém. Não precisamos provar nada a ninguém, Dominic. Ainda podemos seguir nossas próprias vidas *solteiras*. Ninguém liga para o que tem por trás dos números.

Dominic riu pelo nariz, como se algo fosse muito engraçado.

— Por que *esse* tipo de acordo passou pela sua cabeça? Por acaso está interessada em me agarrar na frente de todos?

— Claro que não — me exaltei rápido demais, lhe arrancando um arquear de sobrancelhas novamente.

Bufei e ameacei lhe dar as costas.

— Não, espera — bebi mais da bebida doce, aguardando. — É da ciência de todos que ainda não posso tomar por direito a minha cadeira, não sem antes o contrato nupcial ser assinado — começou rápido, me impedindo de partir. — Ter bons aliados ainda não é o suficiente para mudar algo dentro da AAB

— O que eu tenho a ver com isso?

Dominic sorriu forçado, como se tivesse que explicar o óbvio.

— Digamos que estou com *planos* de fazer *algo* que não vai agradar *algumas* pessoas. E que um voto influente facilitaria as coisas para o meu lado. Um apoio que poderia ganhar muitas vantagens em cima do meu sobrenome por somente concordar em mudar algumas políticas no contrato empresarial.

— E o que eu tenho a ver com isso? — repeti, cínica.

— É válido lembrar que tenho uma noiva com uma opinião muito influente, e que eu poderia alcançar meus objetivos se ela apoiasse minha solicitação.

— Uma solicitação para eu assinar mais rápido o contrato nupcial. Você quer antecipar a coroação.

— É só um contrato, bruxa.

Trinquei o maxilar e respirei fundo.

— Está pensando em se rebelar? — disse irônica, desfazendo de suas palavras.

— Eu estava pensando em mais uma *mudança radical* de algumas pessoas do conselho — ele foi sincero e me perguntei com que poder ele faria isso.

— Quem você quer pôr para dentro?

Dominic não pensou muito antes de falar:

— Fabian.

— Está louco? Você não vai conseguir mexer com essa estrutura, a Coolp é independente, eles têm o seu próprio jeito de administrar a produção rural. Na verdade, o plano de tabelas deles é incrível, duvido aceitarem as regras.

— Você deveria ser a primeira a concordar com Fabian entrando para AAB, já que parte das terras Tangáaras são dele e o interesse pela expansão petrolífera já não é mais segredo.

Parece que meu pai estava comentando aos ventos sobre o projeto Savana.

— Não importa, Fabian está disposto a entrar, ele quer um lugar na mesa. E um acordo de terras pode ser conversado se você mostrar simpatia pela ideia.

Fabian era uma verdadeira mina, era o agrícola mais rico da região, o sistema de controle de suas fazendas era surreal de bom, produziam, vendiam e comiam em suas próprias terras com um custo baixíssimo de imposto.

Dominic tinha sido criado em sua fazenda antes de vir para Bash, e tinha ganhado um certo carinho da família quando esteve lá, então era óbvio que qualquer coisa ligada a Fabian, ele estaria a seu favor. Ele era um homem experiente, muitos comentavam de sua bondade e inteligência.

O que não impediu que discutíssemos algumas vezes por causa de produção e espaço, ele afirmava que a Stilk estava roubando seus produtores e sujando seus pastos. Eu tentei avisar sobre lugares muito próximos a terras petrolíferas, mas o seu orgulho lutava em deixar uma mulher ter razão.

— Obrigada, mas não, estou feliz com o meu título. Que, aliás, eu deveria agradecer por fazer parte da primeira geração de Bash? Acho que devia agradecer pela coroa.

— Augusta — disse sério e parei meus passos. — Eu sei que não irá conversar comigo sobre essa merda toda, nem estou pedindo isso. — Levantou as mãos. *Essa merda* ele queria dizer a minha negação sobre o noivado. Ou sobre nosso passado. Dava na mesma. — Você é uma pessoa influente e o seu apoio é forte, e se concordarmos em algo, você pode conseguir o *que quiser* me apoiando.

— Acho que chegou meio atrasado com isso, não acha? Ou devo me preocupar com segundas surpresas essa noite? — Queria mesmo era dizer como me senti enojada com a cena na Stilk, mas para chegar até isso, precisaria avançar em um diálogo com ele que não estava disposta.

Dominic passou a mão livre em seus fios pretos, isso significava que estava ficando impaciente.

— Eu falei sério sobre a sua posição, e talvez eu também queira tirar uma ou duas pessoas do conselho.

Dominic tinha influência o bastante para não precisar de opiniões terceiras, para não precisar de mim.

— E por que não esperar até a coroação?

— Por que alcançar o poder depois se podemos tê-lo agora?

Então, aí estava. Poder. Tinha me perguntado o porquê insistia em um noivado com a pessoa que devia manter distância. Com a pessoa que tinha o machucado. E bom, aí estava a resposta. Não era só sobre se casar comigo, me contradizendo e fazendo da minha vida um inferno.

Era sobre casar com a mulher que odeia para obter um poder supremo.

Era uma armadilha, eu sabia. Ele tentava arrancar a verdade de mim há meses e eu sabia que não podia confiar em suas intenções primárias.

Entretanto, talvez tenhamos também uma ou duas coisas em comum além do recíproco sentimento amargo. Ambição. Ambição por ter a chance de ter algum tipo de poder. Talvez eu pudesse concordar só um *pouquinho* com ele.

Se Dominic quer me dar a sua cabeça, quem sou eu para negá-la?

— E o que exatamente ganho com isso?

Seus olhos se iluminaram:

— Parece que vai haver uma barganha entre nós — Dominic se animou e meus pensamentos voaram. Era claramente mais uma de suas armadilhas. — O que quiser — disse simples, e meu sorriso cresceu rápido demais e a sua resposta veio rápido demais também, junto a uma carranca: — Contanto que não atrapalhe e nem desfaça o nosso contrato matrimonial.

Jogar com Dominic nunca era bom, sempre tinha segundas intenções escondidas em cada vírgula de palavras. Ele estava tranquilo e sua expressão não o entregava.

Talvez eu pudesse mudar um pouco *o meu jogo.* Porque mesmo que Dominic estivesse blefando, enfeitando palavras falsas com doces coloridos, o que poderia perder? Mesmo que fosse uma barganha falsa e Dominic tivesse outros objetivos por trás, não havia nada que ele pudesse me tirar além de doces mentiras.

— O que preciso fazer? — estalei a língua.

Seu rosto se abriu e um sorriso diferente brotou em seus lábios. Franzi o cenho, eu não conhecia esse sorriso.

— Por hoje, somente aceitar o nosso título da noite.

— O quê? — me exaltei.

— Esqueci e acabei deixando de contar que agora temos algo a cumprir — sua voz soou provocativa e cheia de segredos. — Se anime, bruxa, as obrigações da coroa estão mais perto do que imagina!

Paralisei no lugar enquanto Dominic exercia um brilho desconhecido no olhar. Ele estava aprontando algo, tinha que estar. Talvez ele já tenha descoberto sobre tudo e tenha iniciado uma cruel vingança contra mim.

Isso fazia sentido? Mordi os lábios com meus neurônios fritando.

Bufei de raiva.

— Não nascemos grudados, você pode ser gentil e sair do meu pé *agora* — disse, querendo espaço, eu iria procurar as minhas amigas para falar mal dos meus sentimentos.

— Gentileza é outra palavra que aprendeu? — Ele continuou ao meu lado.

— Preciso respirar um ar que não está contaminado por você, e isso só é possível com você a bons passos de distância. Está atrapalhando meus movimentos.

— Você pode ir embora se quiser — sugeriu.

Semicerrei os olhos, com os seus olhando para qualquer lugar no meu corpo, menos para o meu rosto.

Diverti-me:

— A minha presença te afeta tanto que teria coragem de deixar a sua própria *noiva* ir embora?

Sua resposta foi um semblante sem emoções e o maxilar travado.

— Vou aceitar isso como um elogio.

Continuei meus passos devagar e coloquei as mãos para trás, em uma postura segura.

A noite corria magicamente através dos meus olhos, e a música vibrava em um tom perfeito depois que fui até o pianista dar algumas dicas de notas. Fui até o meu pai, que me presenteou com meia hora de discussão sobre novas escavações. As minhas amigas vieram até mim e alinhamos pontos sobre o QueenKey.

E tudo isso aconteceu com o cão de guarda ao meu lado. Revirei os olhos quando nos afastamos de mais um grupo de Cheffts do norte.

— Fique perto de mim — Dominic disse rígido, parando os passos depois de um tempo em silêncio.

— Da última vez que verifiquei no espelho, não havia nenhuma coleira em meu pescoço.

— Eu posso te pôr uma, se quiser. — Seu tom era de provocação, mas completamente enfadonho.

— Que bom que ainda tem senso de humor — respondi azeda, incomodada com seu olhar sério que não deixou as minhas costas.

Então segui a direção dos seus olhos, encontrando os apoiadores da família Clifford vindo em nossa direção.

Cerrei a mandíbula, engolindo a respiração. Franzi o cenho, lembrando que não estava só, e fitei Dominic que parecia esperar por eles com um semblante sério, mas decidido. E ao voltar a atenção para os homens que já estavam à nossa frente, algo dentro de mim se incomodou, e precisei firmar mais as pernas no chão para não ir embora.

Davis, Hernandez, Garcia, Gonzales e Martinez, todos vestidos com um perfeito terno e com a aparência já madura. Foi impossível não sentir olhares pesados em mim. Ou no meu decote. Sorri, irônica. Ao contrário de Dominic, que arrumou a postura e deu um passo à frente. Fuzilei sua nuca querendo que saísse laser dos meus orbes para provocar um buraco em sua pele.

Dei mais um passo também, ficando ao seu lado. Jurei ter ouvido um grunhido.

— Boa noite, Dominic — Martinez deu a voz, e com um leve inclinar de cabeça, veio o meu cumprimento também. — Augusta.

— Boa noite — desgosto pingava da voz de Dominic e me perguntei o porquê da sua chateação. Eles eram os mais próximos de Dominic pela pirâmide.

— A aliança entre as suas famílias é muito bem-vinda por nós, tenho certeza que Bash está em festa por vocês — uma cabeleira loira disse, Davis, e eu soube que sua fala era verdadeira. Não que *eles* estivessem felizes, mas a cidade em si.

Como disse, não havia escapatória para fatos, a nossa união matrimonial levaria Bash para novos números no gráfico econômico do estado.

Havíamos tomado proporção dessa informação assim que começamos a ser vistos juntos quando éramos mais novos, mas estávamos

cegos demais um pelo outro pra perceber o que de fato significava ter sentimentos na alta sociedade de Bash.

— Acredito que nos próximos dias a gestão deva entrar em conflito pela mudança solicitada. — A voz de Gonzales, o homem que parecia o mais velho do grupo, foi direcionada a mim. Arqueei as sobrancelhas, intrigada. — Mas se mantenha firme, não os deixe te intimidar. *Estaremos* aqui.

— A presença de uma mulher sempre foi um dilema questionável — Hernandez complementou, acho que ele me suportava, para não dizer coisa pior. — Não que não achemos suas opiniões válidas, mas sabe como é?

Eu não sabia como era. Continuei calada. Porque temia as minhas palavras contra eles.

— Confesso que estou animado com essa mudança — Davis disse animado. — Dominic sempre nos tirando da nossa área de conforto — eles riram como se houvesse algo escondido entre eles. Mas estava apegada demais às suas últimas palavras para tentar decifrar. E estática demais com toda a interação educada.

— É claro que ficamos com medo de não dar certo, sentimentos às vezes podem ser muito voláteis. Mas que bom que estão juntos agora. — Martinez levantou a taça em um brinde e engoli o caroço que havia se formado em minha garganta com a ameaça do seu tom seco nos saudando. Ele brindou sozinho. — Vida bela ao rei e a *rainha*.

— Mal posso esperar — sorri amarelo enquanto os via partir depois de trocar breves palavras com Dominic sobre a sua agenda da semana.

Mas que merda?

Consolo não era algo que eu esperava ouvir de suas bocas. Nem a disposição de uma mudança que por tantos anos foi rígida entre eles, e somente entre eles: os homens.

Cerrei meus olhos para Dominic, que tinha a expressão neutra observando o G5 se afastar de nós. O nó em minha garganta ainda estava ali, e poderia vomitar a qualquer momento se tivesse que continuar olhando para os homens que não me tinham como uma das pessoas favoritas de suas vidas.

— Por que sinto que deveria saber de algo?

Dominic arqueou as sobrancelhas em um gesto zombeteiro, mas totalmente sem graça. Algo dentro de mim se agitou.

— Porque deveria — falou simples e naquele momento ele não pareceu a pessoa que eu tinha construído em minha cabeça nos últimos meses.

Isso me deixou incomodada, porque era um ataque diferente.

Abri a boca pra começar uma discussão sobre o que estava escondendo de mim, mas já era tarde. Dominic tinha me abandonado no meio do salão, me deixando mais confusa sobre o que realmente estava havendo entre nós.

14

CASAL DE HONRA

AUGUSTA VENDETTA

Eu não era verdadeira com os meus sentimentos. Mentia e me escondia nos cantos mais escuros da minha mente. Estava tão afundada em minhas negações e mentiras que esquecia quem realmente éramos. Quem Dominic, de fato, é. E apesar dos nossos combates diários, admitia que nunca deixava de doer, e que *nunca* era mais suportável olhar para nossos cacos e só encontrar resquício de uma essência que jamais seria encontrada.

Tínhamos uma história, *uma marca*, uma cicatriz que eu escondia a sete chaves dentro de uma caixinha verde no fundo do meu guarda-roupa, na quarta porta do segundo andar. Tínhamos algo a lembrar sempre que chegamos perto demais um do outro.

Fazia nove meses que eu tinha trancado a pequena caixa. Nove meses. Nove meses que eu não sabia o que era ser sincera comigo. Nove meses que tinha escolhido não lutar. Nove meses que o tinha destruído. Nove meses do começo do nosso fim. Nove meses que havia posto o espaço entre nós.

Tinha virado *expert* em driblar a dor e me esconder atrás de palavras vazias e sentimentos covardes. Porque encarar os nossos pedaços

era tornar real o meu calvário, assumir uma verdade que andei escondendo nos últimos meses.

Então, ver Dominic com planos que me destruiriam, incomodou-me. E eu tinha que fazer algo sobre isso. Eu tinha que afastá-lo de novo para que conseguisse seguir nessa nova linha que traçamos em busca da coroa.

Logo, alcancei Miriam e Ella, que estavam sentadas na mesa oposta que nossos pais estavam, elas conversavam baixinho. Meu coração se encheu ao vê-las.

— Vocês deveriam estar dançando, não aqui fofocando.

As duas levantaram a cabeça na mesma hora e me saudaram com sorrisos abertos.

— Eu gostaria de não ter que ir a um baile para ver a minha própria irmã — Ella cutucou minhas costelas, me alfinetando. E sentei na cadeira ao seu lado.

— A sua irmã tem mais o que fazer.

— *Aham*. — Miriam levantou as sobrancelhas em um comentário de duplo sentido. — Estávamos vendo *bem* há poucos minutos.

Franzi o cenho e mirei o olhar para onde ela estava olhando.

— Já deveriam saber o diagnóstico da loucura de Dom Clifford. — Ele estava com o corpo virado para nós três, com seus amigos ao seu redor o *bajulando*. Seus olhos passeavam aqui vez ou outra. — Ele tem uma mania obsessiva.

— Deve ser a convivência. — Deu de ombros, como se fosse óbvio o motivo.

Tombei minha cabeça para o lado, pensando na última semana.

— Dominic está *tramando* algo. — Recebi uma revirada de olhos de minhas irmãs quase ao mesmo tempo. — Ele está perturbando o meu espaço. Ele passou a semana inteira na Stilk — me derramei em frustração, algo que tinha me atormentado a semana toda.

— Pelo que me lembre, Dominic tem um certo favoritismo pelo bloco de reuniões do prédio, sua presença deixou de ser estranha há algum tempo — Ella comentou confusa, como se estivéssemos dizendo coisas óbvias. — Não é normal que ele esteja lá de vez em quando?

— Exato, *de vez em quando*, não todos os dias da semana. — Tomei da minha taça que agora tinha água. Bufei. Não era por causa da sua

presença constante que a minha frustração vinha, era sobre ele estar chegando perto demais.

— Ele tem uma empresa para cuidar e insiste em ficar na minha. A desculpa da vez é sobre adicionar as cláusulas do contrato nupcial. Todos os dias há um batalhão entrando por nossas portas.

— Pense que agora vocês têm *uma desculpa* para estarem juntos no mesmo ambiente — a minha irmã mais velha alfinetou. — Não sei como esse jogo *esquisito* entre vocês funciona.

— Não quero *desculpas* para estar no mesmo ambiente que Dominic. — Minha voz saiu aguda, mas o arquear de suas sobrancelhas permaneceu. — Eu não…

— Dorme em paz, *pequeno Pinóquio*. — Ella apenas levava sua cabeça para um lado e para o outro, acompanhando nossa implicância. — Ninguém realmente liga para as suas guerras internas.

Suspirei. Fechei o semblante, ficando um pouco emburrada. Minhas irmãs nunca foram boas em estarem do meu lado.

— Acredita que quase escrevi uma carta pra você? Acho que as mensagens on-line que te enviei *a semana toda* não chegaram até você.

— Não seja dramática, Miriam, só não tive tempo pra voltar pra casa ainda.

— Você quer discutir sobre drama? — Fechei os olhos. Ela não ia parar, ela era mestre. — Aliás, como vai o grande dia? Estamos empolgadas. Ops, esqueci que ninguém foi avisado, inclusive suas irmãs de sangue.

— Você deveria ser a primeira a saber que isso tudo não é *de verdade*. O pai está forçando essa merda.

— Você fala do seu casamento com Dominic? — Ella disse alto e praguejei por ouvir essa frase.

Balancei a cabeça.

— Poderíamos ignorar um *pouco* esse fato?

— Está em negação? — Minha irmã mais velha se divertiu e eu quis sair no tapa com ela.

— Não.

— Oh! — Diversão enchia seus olhos. — Está emburrada por não contribuirmos com as suas mentiras?

Trinquei o maxilar, sentindo meu coração palpitar frustrado. Poderia falar que senti um pouco de raiva pelo total de zero importância

para o meu drama, embora soubesse que o sentimento não tinha nada a ver com as minhas mentiras e sim com o fato de Dominic estar tão disposto a destruir todas as minhas tentativas de mantê-lo longe.

— Então, o quê? — A voz de Miriam tinha amaciado e senti a mudança em seu tom. Rápido demais, meu escudo estava aberto, com ela era sempre assim. — Qual o obstáculo da vez?

Franzi o cenho, ainda chateada.

— É sério que vocês não veem nada de estranho em um noivado entre duas pessoas com sintomas destrutivos? Duas pessoas que deveriam ficar o mais longe possível uma da outra e não criar um laço para o resto da vida?

Uma sinceridade peculiar saiu de meus lábios e fiquei um pouco tensa, porém, aliviada por ter falado o que comia os meus pensamentos desde que o noivado foi anunciado. Às vezes, era impossível não deixar escapar pela minha boca o que tanto minha mente tentava esconder.

— Não quando são vocês dois — Ella soou leve e gostaria de ter a sua leveza naquele momento.

Bufei.

— Não deveria pelo menos ser *vergonhoso?*

O arquear de sobrancelhas das duas sincronizou-se novamente.

— Augusta, o papai deixou de ter ordens sobre você há muito tempo. Ele só foi corajoso o suficiente para meter a colher no meio da sua bagunça. Acho que quase estamos *gratos.* — A sinceridade de Miriam me cortou e quase me sufoquei na minha própria respiração.

Minha irmã mais velha com certeza sabia me pôr no meu lugar.

— Vocês não deveriam estar… *Tristes* por mim?

As duas riram. Elas riram da minha cara. Abri a boca.

— Acredite quando digo que *tristeza* é a *última* coisa que iremos sentir com o seu casamento.

— Ow, não precisam dizer como me querem longe de suas vidas.

— Triste eu vou ficar quando o papai decidir ignorar as *minhas* birras — Miriam pensou alto. — Já pensou, eu tendo que casar com alguém que não conheço?

— O papai não vai fazer isso.

— Está vendo? Você tem uma autonomia, e se algo está te levando, é porque *quer*. Não há o que achar estranho. Somente… Confuso. — Ela

franziu o cenho. E embora soubesse de toda história e não concordasse em nada com ela, seus sentimentos falavam mais alto quando eu pedia socorro.

Mordi os lábios, tentando mais uma vez.

— Não soa maníaco? — Os olhos das duas me pegaram mais uma vez. — Quer dizer, *esse noivado* não parece sem sentido quando nem mesmo conseguimos ficar no mesmo cômodo sem nos ofendermos? Não acha que já estamos saturados? Não é loucura prolongar algo que já devia ter terminado há meses?

Perguntei sincera e aguardei uma resposta sincera também.

Precisava dela, precisava ouvir com meus próprios ouvidos o que éramos e me pôr em meu lugar.

Eu reconhecia o ciclo vicioso que me colocava todas as vezes que me sentia ameaçada. Era quase como uma reação automática. E sabia também que Dominic tinha uma reação automática a mim, uma mania doentia de tentar me salvar. O que me levava ao ponto de desconfiar de cada pequena ação diferente que ele tinha sobre mim. Como poucos minutos atrás.

— Estranho seria ele não lutar por você — alfinetou e me calei.

Miriam nunca pegava leve comigo, nunca me negava a verdade, nunca fazia questão de contribuir com as minhas mentiras. Essa era ela, sempre verdadeira com ela mesma e com as pessoas ao seu redor.

Então, aceitei sua verdade, mesmo sabendo que as minhas ações não honrariam meus sentimentos. E foi o bastante. O bastante para saber que ele estava tentando de novo e eu não deveria me enganar.

O silêncio se fez presente entre nós, abrindo portas para conversas altas e um acústico ambiente invadir meus tímpanos. Enchi a minha taça com um suco de laranja que foi servido.

— Lembre-se de mim no final da noite, gostaria de tirar uma foto com as minhas meninas. — Fui presenteada com o seu perfume familiar quando minha mãe apareceu do meu lado, acariciando meus cabelos.

Olhei de relance para ela, sabendo que tinha fugido do seu encontro mais cedo. Seu cabelo estava em um coque baixo, com uma trança embutida dos dois lados, e uma presilha prata com pedrinhas delicadas brilhava combinando com suas luzes loiras.

Minha mãe e eu éramos muito parecidas, na verdade, nós quatro tínhamos o rosto muito parecido. O formato arredondado, rastros de sardas

na bochecha e no nariz, os olhos grandes, as sobrancelhas grossas, a boca cheia e os cabelos castanhos eram todos herdados da minha mãe.

A genética de altura na nossa família foi abundante, o que mudava mesmo entre nós era que Miriam e Ella tinham a cor dos cabelos muito mais claros que os meus e os da mamãe, herdando o tom quase loiro do meu pai.

— Se a senhora não esquecer de mim no final da festa, quem sabe? — brinquei, mas me arrependi de ter comentado na mesma hora.

— Está sem carro? — minha mãe perguntou sem pestanejar e vi minhas irmãs prestarem mais atenção na nossa conversa. Curiosas.

Dei de ombros, fazendo pouco caso.

— Hoje sim.

Bebi mais um pouco do suco de laranja.

— Então, vai para casa hoje?

— Uhum.

Minha mãe me olhou como se soubesse todos os meus segredos e fiquei tensa por um instante. O meu pai poderia me pôr no lugar quando eu surtasse, ou poderia quebrar a minha *crista* quando eu achasse que tinha o rei na barriga. Mas era ela quem colocava ordem em nós somente com o olhar. Eu nunca me enganei com o rosto e a voz simpática de Marcella Vendetta, a mulher tinha pulso para sustentar um conflito quando a coisa ficava feia.

Inclusive dar uma ordem sobre limites através do olhar.

— Se atente às regras. — E foi tudo antes de alisar meus cabelos com as mãos e partir.

Acho que ouvi um leve suspiro da boca de Ella.

— Então, vai para casa hoje? Interessante… — Miriam provocou, mas Ella pulou, me abraçando.

— Vamos dormir nós três juntinhas. — Apertou o meu pescoço e o de Miriam com seus braços finos. — Levará Oscar? — Seus olhos brilharam.

— Claro, não existe Augusta sem Oscar.

Pensei nele dormindo no apartamento de McCall, passaria para buscá-lo assim que saísse daqui. Ella se exultou e sorri de leve, provando da sua alegria.

— Estou realmente feliz em não precisar ter usado o meu *super poder* de irmã mais nova.

Uma voz ao microfone se destacou, e percebi que havia um homem nas escadas falando algo. O som parou, deixando que todos ouvissem os cumprimentos da noite.

— Boa noite, espero que estejam tendo uma noite agradável. — Enruguei a testa, ouvindo o que parecia ser a voz enjoativa do prefeito. — Está oficialmente aberta a mansão Willians para eventos locais! Todos sabem que há tempos queríamos reabri-la e transformar o que era velho em novo, foi uma reforma demorada e cheia de surpresas, com todas as burocracias locais e papelada. Respeitamos as memórias da casa, e tentamos manter *quase* tudo igual, com toques mais modernos, é claro. — Algumas risadas foram ouvidas. — No entanto, espero que estejamos juntos nesse novo ciclo, essa casa é *nossa* e espero honrar a tradição da cidade e permitir que novas memórias felizes sejam criadas a partir de agora — continuou e palmas foram ouvidas, eu estava feliz por termos ganhado mais um espaço. — E ah… — exultou alegre, mas não pude saber o porquê, não conseguia vê-lo. Mas a minha curiosidade foi sanada assim que o prefeito terminou a sua saudação. — Parece que temos algo a cumprir, uma tradição não é tradição sem a parte mais importante da noite, certo? Sejam gentis com o nosso casal de honra e abram o salão, porque a primeira valsa é deles!

Se tivesse com algo na boca, com certeza teria cuspido tudo para fora. *Merda*. Olhei alarmada para as minhas irmãs que franziram o cenho, não entendendo.

Um silêncio estranho começou a se instalar quando ninguém se levantou ou se mexeu. Não quando quem devia fazer isso era eu.

Desejei que pudesse queimar alguém somente com os olhos quando a cabeleira preta ameaçou se aproximar da nossa mesa. Seus olhos me procuraram e me acharam sem nenhuma dificuldade, e uma expressão perversa sombreava seus olhos e seus lábios.

Éramos o casal de honra da noite e, de certa forma, eu *tinha* que iniciar uma valsa com Dominic. Que merda tinham na cabeça por acharem isso uma boa ideia? Um silêncio incômodo rasgou a sala, e sabia que os olhares ao nosso redor estavam esperando por uma reação nossa.

Uma reação *minha*.

Porque Dominic estava de pé e eu ainda estava sentada, nada disposta a me levantar. Pude sentir a tensão se formando ao nosso redor. Isso era o que *nós dois* causávamos. O misto infinito de surpresas. As

pessoas esperavam e aguardavam pela nossa interação pública. Porque já havia visto mais de uma vez rostos curiosos e ansiosos quando o assunto se tornava Dominic e Augusta.

Me imaginei levantando da cadeira, com um sorriso nos lábios, com passos firmes, e saindo pela outra porta e deixando Dominic ali sozinho, deixando todos ali. Eu poderia fazer isso, *poderia mesmo.* E poderia até afirmar que Dominic sabia disso pelo olhar que me presenteou.

A sua expressão de desafio atiçava o incômodo e uma raiva genuína dentro de mim, era como se ele zombasse de mim, me instigando a fazer tudo ao contrário. Me desafiando a dar a *eles* um espetáculo.

Babaca, queria derramar o restante do meu suco de laranja em sua cabeça por despertar um sentimento que nublava a minha razão e me fazia querer entrar em seu joguinho perverso.

— Levante a bunda daí e faça algo — Miriam ralhou e encarei seu rosto, acho que sua vontade era de me dar alguns tapas. Eu era o centro das atenções, e estava perto dela, o que significava que a sua imagem também estava sendo observada. Levantei minha bunda da cadeira.

E jurei, jurei mesmo, ter ouvido suspiros e murmúrios.

Há um certo segredo de comportamento entre os bailes de gala de Bash, uma certa cobrança e regra não intencionada que ao não identificá-las, estaria facilmente perdida no fluxo diário que os eventos da cidade apresentavam.

Lembro-me da minha mãe a ralhar conosco sobre sermos mais atentas aos detalhes, sobre aprendermos mais com as ações dos outros. E não foi à toa que ela criou três crianças extremamente curiosas e atrevidas. Ela nos levava a bailes desde de muito novas, querendo que entendêssemos sobre coreografias, gestos, como se portar, usar nossos dons, de como falar e se impor diante do inesperado.

Então era esperado que eu lidasse com a merda de uma valsa sem que tivesse sido antecipada e devidamente comunicada. Olhei no rosto das minhas irmãs uma última vez, vendo que seus olhos me observavam atentamente. Um pouco de admiração e incentivo.

Eu poderia fazer isso. Franzi o cenho enquanto dava passos precisos, me atentando ao meu vestido nada apropriado para uma dança. Isso não iria dar certo.

Caminhei na frente de Dominic, guiando-o para o centro, ele me encarou, provavelmente imaginando a minha vontade de abandonar essa

formalidade. Ele não esboçou nenhuma reação diante de mim e soube que tinha que dar o primeiro passo. Tinha que lhe dizer o que fazer.

Virei-me de costas para ele quando os acordes iniciais tomaram forma e uma roda se formou ao nosso redor. Nos esperando. Enchi meus pulmões de ar acalmando meus nervos.

Eu não estava nervosa ou tímida, nem com vergonha de fazer alguns passos que poderia sair errado na frente daquelas pessoas, longe disso. Eu não era assim, não tinha uma bola de preocupação sobre o que a sociedade iria achar de mim ou das minhas atividades. Mas estava *com certeza* receosa pela aproximação entre nossos corpos que logo viria. Quase preocupada, na verdade, com o quão perto ficaríamos.

Um misto de emoções assolou meu estômago quando senti a mão de Dominic em meu braço esquerdo, encarei seu gesto desconfiada enquanto ele levava o dorso da minha mão à sua boca e depois rodou o meu corpo, deixando que somente nossas mãos direitas ficassem coladas na altura de nossos rostos.

Suspirei.

Encarei seu ombro, não olhando nada mais ao meu redor. Meu corpo entrou em conflito com a minha mente, dando início a cansativa luta contra a nossa proximidade.

— Lembra de alguma coreografia fácil? — Sua voz era baixa e me atentei às notas do piano, tentando identificar.

— Dar meia-volta e ir embora é fácil.

— E perder uma foto na capa da *Dior*?

Começamos a rodar com as mãos grudadas quando reconheci *You Are The Reason*, foi impossível não esticar os meus dedos que estavam soltos. Tocar era muito mais agradável do que dançar.

Encarei seu rosto com a mente ciente das nossas mãos suspensas.

— Não achei que ligasse para uma revista de fofoca.

— Eu não ligo. — Deu de ombros, me rodando e deixando que ficássemos lado a lado, com uma de suas mãos em minha cintura e a outra segurando meu braço esticado e colado em seu peito. — Mas vou estar com você, e eu verdadeiramente ligo em posar ao seu lado como noivo.

Demorei poucos segundos para entender o que estava dizendo. Fuzilei seus olhos quando Dominic me rodou, deixando meu corpo leve com passos simples de troca de braços. Não vestia algo rodado que pudesse voar livre no meu corpo e provocar alguma entrada de ar em minhas pernas.

Sentia que algo estava se formando dentro de mim, talvez um pouco de adrenalina por querer saber como terminaríamos essa noite.

— Uma foto não diz nada e não marca nada em mim — fui rude.

— Talvez não para você, mas para *eles*…

Dominic me rodou novamente e dessa vez juntou nossos corpos, apoiando meu braço esquerdo com o dele e sustentando o direito com a sua mão esquerda. Eu estava ciente do seu corpo.

— Eu ainda não sei o porquê de ainda não terem te amarrado em uma camisa de força.

Começamos a rodar pelo salão, com passos firmes, o que me deixava segura em relação a movimentos rápidos demais. Algo eu tinha que admitir em certo momento, o que me deixava parcialmente irritada, Dominic sabia me segurar, e odiava como ele tinha ciência disso e aproveitava da brecha para me alfinetar.

— Talvez o manicômio não seja *páreo* para mim.

Ficamos alguns segundos nos encarando e fui em busca de um conflito em seus olhos, e não achei. Os olhos de Dominic naquele momento não me diziam nada, mas um puxar de lábios enfeitava sua cara.

— Do que está rindo?

— Estou lembrando quando aprendemos essa coreografia. — Franzi o cenho. — Não venha me dizer que não foi engraçado, éramos o pior casal debutando.

— Talvez.

Dei duas voltas soltas antes de voltar para os seus braços novamente. Dominic tinha sido o meu par quando participei pela primeira vez do QueenKey. Uma das últimas etapas era a dança romântica, tínhamos que convidar alguém especial para debutar, e é claro que a minha primeira opção tinha sido ele.

A nostalgia ameaçou me comer, fazendo meu coração tropeçar em um passado não muito distante. Dançar com Dominic nunca era bom, não quando com o mínimo contato entre nós, os meus sentimentos ameaçavam transbordar, me dizendo o quão patética eu era por afastá-lo.

Olhei desconfiada, querendo saber aonde ele queria nos levar.

— Não podemos negar que se a sua pontuação dependesse de mim, você teria perdido — alfinetou.

— Eu teria ganhado do mesmo jeito se a minha pontuação dependesse de você.

Ele arqueou as sobrancelhas e me rodou, parando nossos corpos em uma posição frontal, depois rodou à minha volta e olhou para baixo. Para as minhas pernas. Meu coração e ventre se comunicando rapidamente com a expectativa de ter as mãos de Dominic em mim. Engoli em seco querendo apertar qualquer parte do seu corpo. Minhas unhas afundando na minha palma.

— Não se atreva — ralhei antes que fizesse o próximo passo, querendo queimar suas mãos.

Assim, Dominic uniu nossas mãos com nossos braços cruzados, e fizemos a troca de lugar, para a frente e para trás, para a frente e para trás, rodei debaixo dos seus braços e paramos poucos passos na frente um do outro, me deixando um pouco tensa. Porque, de repente, seus olhos estavam queimando ardentemente minha pele desnuda. Ele estava olhando fixamente para a abertura do meu vestido.

Algo tinha ficado quente e soltei o ar pela boca, regulando a respiração.

— Tenho uma péssima informação pra te dar — murmurei quando, ainda com uma das mãos ligadas, abrimos os braços em um passo leve, repetindo três vezes o movimento antes de Dominic me rodar novamente e me enrolar dentro dos seus braços, dessa vez, ficando com o rosto muito próximo ao dele.

Prensei os lábios, tomando mais ciência do seu corpo.

— Acho que sou bom com péssimas notícias — ele sussurrou e demos alguns passos naquela posição, com a frente aberta. Passei o olhar à nossa volta, percebendo que ainda éramos o foco, ninguém tinha desgrudado de suas posições e um flash brilhou em algum lugar.

Seus olhos me capturaram de novo e sua mão, que estava segurando somente meus braços, passou de leve na minha pele exposta. Mordi minhas bochechas, começando a sentir meu corpo inquieto.

Recuperei o fôlego me desenrolando e rodando, levando meu braço esticado enquanto contornei seu tronco, passando os dedos por seus ombros. Eu tinha que fazer algo antes que meu corpo vencesse a minha razão.

— Parece que não estou sendo clara o suficiente e algo dentro de mim me diz que está *acontecendo* novamente. — Minha voz saiu firme e baixa. Dominic ficou quieto, e dei mais uma volta mirando seu rosto. — Pare o que está tentando fazer agora mesmo, Dominic. Eu não sei o que

acha que vai conseguir com esse noivado, mas espero que esteja disposto a falhar novamente.

— Eu não estou fazendo nada — um pingo de ironia sussurrava de seus lábios.

Aprumei minha coluna, colocando meus dois braços em seus ombros, recebendo de imediato o arrepio na espinha quando seus braços rodearam minha cintura em um aperto firme. Começamos a andar em passos mais lentos pelo espaço. Rodando levemente.

— Você sabe o que estou dizendo.

— Eu não sei sobre o que está dizendo

A raiva ameaçou se instalar por ele estar negando. Fechei os olhos.

— Você *sabe* do que estou falando.

— Não.

Dominic levou a dança novamente e começamos com a troca de mãos, comigo passando por baixo do seu braço estendido, que segurava uma das minhas mãos livres. Fizemos esse passo algumas vezes antes de cruzarmos nossas mãos e braços na altura de nosso rosto e eu ser girada, voltando para posição inicial de valsa.

Mas dessa vez, seus braços estavam amarrados em minhas costas e sua mão segurava a minha com os braços mais estendidos. Como se ele quisesse me ter o mais exposta para ele naquele momento.

— Quantas vezes vou ter que destruí-lo para entender que não quero que você *tente.*

Seus olhos me pegaram novamente e me mantive neles.

— Eu não sei do que está falando — disse, sem nenhum peso ou culpa.

E continuou a levar meu corpo pelo salão, me rodando diversas vezes e provocando a minha pele com suas mãos ásperas. Inspirei pesado e acalmei o meu peito, deixando-me levar.

Nos últimos meses, Dominic tinha desenvolvido um certo mecanismo de ataque em relação a mim. Ele havia obsessivamente se adaptado às minhas crises emocionais e criado formas maníacas de me fazer baixar a guarda.

Na primeira vez, eu achei fascinante o seu esforço em me trazer de volta, porque tinha algo dentro de Dominic que me despertava, fazia me *querer* viver. E ele trabalhou nisso, mexendo com meus sentimentos e me

desestruturando, abrindo brechas no muro que lapidei com rochas sólidas, feitas na mais singela dor.

Eu quase desejei poder deixar as barreiras caírem, mas no último segundo, a covardia foi mais forte e eu não pude deixá-lo entrar. Não quando o medo assombrava meus pensamentos, me deixando volátil a tudo que chegasse perto demais.

Então iniciamos um ciclo vicioso de autodestruição, ele apertando a minha mente e tentando atravessar o meu orgulho com jogos baixos e perigosos, e eu destruindo as suas esperanças que eram mascaradas com atitudes cruéis em uma tentativa vã de me arruinar, tentativas de penetrar os muros construídos ao redor das minhas mentiras.

Aprendemos a ser assim, quebrados e defeituosos com nossos sentimentos, tornando feio e inabitável o que um dia fora o mais belo jardim.

Porque isso era tudo o que nos restava.

Os passos ficaram um pouco mais rápidos, mas ainda dentro do perfeito ritmo do acústico do piano. Fizemos novamente a troca de braço e passei as duas mãos por seus ombros e pescoço, mas dessa vez com os dedos mais leves, arrancando de Dominic uma reação corporal, dei passinhos pequenos para o seu lado direito, deixando minhas mãos escorregarem em seu dorso.

Ainda de frente para o seu corpo, deixei que apenas nossos ombros encostassem e segurei com firmeza seu corpo com uma mão, deixando que a outra ficasse livre. Ele copiou meu gesto, mas sua pegada era mais intensa dessa vez também. Sorri um pouco comigo mesma, aproximando nossos corpos, e respirei perto do seu pescoço, percebendo que ele tinha ficado tenso.

— Você está sentindo, Dominic? — sussurrei enquanto o final da música nos embalava, apertei seu corpo contra o meu mais um pouco antes de me soltar e, segurando apenas sua mão, dando outra volta no mesmo lugar e voltando a ficar com meus braços ao seu redor, aproximei mais nossos corpos. Seu rosto estava atento e totalmente focado nas minhas ações. — Pare de tentar me achar — sussurrei mais uma vez. — Pare de tentar me comprar com títulos — engoli em seco quando seu agarre aumentou em minha cintura. — Pare de tentar me *salvar*.

E sem pensar nas consequências que o meu ato poderia causar, me aproximei do seu ouvido e gemi baixinho, vendo os pelinhos da sua nuca se

arrepiarem. Seu agarre em meus braços quase me fundiu com sua pele e a ânsia em meu estômago aumentou, liquefazendo meu sangue. Desejando destruir minhas barreiras por alguns segundos.

— O poder me excita, mas…

Vi seu pomo de Adão descer e aproximei meus lábios dos seus, sentindo seu hálito gostoso em minha boca. Rocei meu lábio inferior no canto da sua boca, sentindo arrepios me atacarem e uma eletricidade vibrar em minha pele.

Então, meu coração pulou ao sentir que ele estava chegando perto demais. Quente demais. Ele estava revidando.

Passei minhas mãos nos seus fios curtos da nuca e seus olhos se fecharam em reflexo, sorri com a sua reação, e cheguei mais perto, ouvindo meu coração retumbar cada vez mais forte. Senti a maciez da sua boca, fazendo a minha encher de água.

— A minha capacidade de te provocar ainda é maior do que a sua de se controlar, *amor*.

Então, saí do seu encanto, dando dois passos para trás, a música havia acabado e aplausos estouraram ao nosso redor. Eu podia sentir outros casais entrando no círculo para começar a próxima valsa.

Mas meus olhos estavam vidrados no nosso momento, na nossa energia desastrosa. Vi exatamente quando seus olhos se abriram e a percepção do momento caiu em seu entendimento.

A raiva brilhou em seus orbes, entendendo o joguinho baixo que eu havia me colocado. Algo se mexeu dentro de mim quando um sorriso sujo pintou seus lábios e Dominic balançou a cabeça, como se admirasse algo. Meu sangue correu mais rápido, esquentando meu corpo e transbordando excitação.

Porque eu sabia que estava ferrada, e tinha um grande palpite que estava adorando isso.



EQUIPE

AUGUSTA VENDETTA

15º Academia Dell Marshall — Distrito da cidade de Bash
7 anos atrás

— Sua letra é horrível.

Dominic abriu a boca horrorizado e não pude deixar de rir. A letra dele era realmente deplorável, tinha que ser sincera.

Era quinta-feira à noite, e estávamos novamente naquela árvore. Mas agora no meio dela, onde os troncos se encontravam, deixando que pudéssemos nos apoiar melhor e escorar nossas costas, ou me ajoelhar atrás de um Dominic que estava sentado virado para o tronco e se mantinha concentrado em sua missão.

Dominic tinha me explicado que a árvore era um tipo de gameleira, o que fazia sentido por ser tão grande. E agora podia entender o que realmente podia se fazer em cima de uma árvore.

Acho que ali tinha virado algum tipo de esconderijo, já que era a terceira semana consecutiva que nos encontrávamos depois do toque de recolher. As minhas inseguranças em relação aos meus sentimentos? Foram por água abaixo. Eu tinha certeza que estava encrencada quando esperava

ansiosamente para as aulas acabarem para nos encontrarmos. Fora que estávamos cada vez mais próximos durante o dia, pois em cada intervalo ou atividade que fazíamos juntos, estávamos trocando piadinhas internas e flertes descarados que faziam minhas bochechas esquentarem.

— Então ter uma letra bonita faz parte dos requisitos para ser parte *da elite*?

Ri pelo nariz com o tom de brincadeira. Dominic fazia várias piadinhas e comparações cinematográficas quando eu dizia ou explicava algo sobre a política de Bash.

— Nunca se sabe quando precisará expor seus dotes de escrita.

— Não é para isso que servem os textos digitais?

— Isso parece um tanto preguiçoso. — Inclinei meu corpo para a frente, iluminando com a lanterna a parte da árvore que Dominic tentava furar com uma pequena faca que furtou da cozinha.

Os seus ombros balançaram e inclinei meu corpo mais um pouco por cima deles, querendo ver seu rosto.

Ele tinha um sorriso zombeteiro nos lábios. Levei a luz até sua boca e seus olhos se fecharam em reflexo do brilho forte.

— O que há de tão engraçado?

— Você quer que nossas iniciais gravadas em uma árvore saiam perfeitas.

— Sim, qual o problema?

Seus olhos brilharam sob a luz da lua e seu semblante era um tanto *divertido* quando levantou os braços em rendição.

— Faça melhor então. — Apontou para o buraco raso que tinha começado a fazer no tronco. Era a sua terceira tentativa, as outras duas tinham sido deploráveis. Risquei com a faca no instante em que ele terminou de tão torto que havia ficado.

Arqueei as sobrancelhas, claro que ia fazer melhor.

Afastei meu corpo para que trocássemos de lugar, pois a árvore não favorecia muito os movimentos. Mas Dominic somente afastou seu corpo *um pouquinho* para trás, deixando um espaço minúsculo para que eu enfiasse minha bunda. Lancei-lhe um olhar de indignação e ele somente abriu os braços, com o sorriso inabalável, indicando que iria me segurar enquanto eu passava por cima dele.

Soltei o ar pela boca, mordendo os lábios. *Idiota*. Balancei a cabeça e segui com cuidado, levantando-me, passando minhas pernas para a sua

frente, me sentando de costas para ele.

Estiquei minha mão para trás, levando a pequena lanterna para que trocássemos os objetos.

Apesar de não estar tão escuro, Dominic repetiu a minha ação anterior e iluminou outro lugar no tronco quando segurei a pequena faca com firmeza e comecei a raspar o tronco, tentando formar a primeira letra. A casca era grossa, o que tornava um pouco difícil enfiar a ponta cega, mas quando consegui fazer a primeira curva da letra *A* tomei mais cuidado para não partir a casca toda, e ela sair inteira.

Estava concentrada, era como se eu tivesse que ter força suficiente para furar o tronco, firmeza para a faca não escapulir da mão e delicadeza para o corte não abrir muito e perder o formato.

Arrepiei-me quando Dominic soprou minha nuca, fazendo com que meu corpo se arrepiasse inteiro.

— Isso me parece um jogo sujo — repreendi em um tom baixo, enquanto fazia a outra perninha do *A*.

— Cada um usa as armas que tem.

— Engraçadinho. — Cutuquei-o com o cotovelo de leve, enquanto fazia a letra desenhada. Eu tinha uma letra bonita, e mesmo que o lugar fosse horrível de escrever, eu daria o meu melhor.

Enquanto me concentrava em fazer um *A* perfeito, Dominic se concentrava em mexer no meu cabelo e soprar atrás da minha orelha. E não preciso dizer como minha respiração ficava cada vez mais pesada quando suas mãos faziam carinho na minha coluna.

— Eu não estava te atacando na sua vez.

— Mas eu não tinha uma letra bonita na minha vez.

Cerrei os olhos, olhando para trás e lhe entregando minha desaprovação. Dominic apenas deu de ombros como se fizesse sentido.

Voltei a me concentrar nas linhas que agora tinham uma coloração mais clara e atentei-me a cada movimento que Dominic fazia com suas mãos. Agora estava fazendo o *D*.

— Você vai para casa esse final de semana? — perguntou, distraído com alguns dos meus cachos.

Fiquei tensa por um momento antes de lembrar que Dominic observava minhas costas.

— Ainda não sei. — Eu sabia que não ia, mas quis saber aonde iria a sua pergunta. — Você vai?

Sua resposta demorou a vir.

— Vai ser a primeira vez que irei para casa depois que entrei no Instituto.

— Você quer ir?

— Quero ver o meu irmão.

— Oh, sim — mordi minhas bochechas. — Acho que esse final de semana devo passar dentro da segurança de *Dell Marshall* — brinquei, lhe dando uma piscadela.

Raspei a faca na árvore novamente e alguns segundos de silêncio depois, sua voz soou um pouco incerta.

— E vai ser a minha apresentação. — *Oh*, parei meus movimentos. — Eu queria que você fosse.

Virei minha cabeça para encará-lo e seus olhos estudavam minhas costas, depois alcançaram meu rosto. Eles estavam me dizendo algo, estavam me convidando para fazer parte desse momento com Dominic. Tinha algo ali que me fez amolecer, porque me lembrei que talvez ele nunca tivesse ido a um baile. E de repente os meus problemas diminuíram com o seu pedido.

Mordi meus lábios um tanto receosa, mas balancei a cabeça e lhe dei um sorriso sem dentes.

— Não precisa implorar, vou ver se tem um espaço na minha agenda — brinquei, quebrando a tensão, e vi um sorriso brotar em seus lábios. Meu peito se enchendo com a visão do seu rosto relaxado.

Desviei meus pensamentos de casa e como seria meu final de semana, focando em finalizar o *D* lindamente. Passei as mãos sobre a protuberância, sentindo as letras marcadas na árvore.

Tinha ficado muito bom, mil vezes melhor do que o que Dominic fez.

Ri com meu pensamento, trazendo a atenção dele para a marca.

— Isso ficou bom.

— Claro que ficou, fui *eu* que fiz.

— Somos uma boa equipe.

Arqueei as sobrancelhas.

— Não me olhe assim, se eu não tivesse te proporcionado *bons estímulos*, você não estaria tão inspirada. Foi um trabalho *em dupla*.

Abri a boca para argumentar *o meu* lindo trabalho, porque tinha feito isso sozinha, mas Dominic selou sua boca na minha, me dando um

selinho, me calando e despertando as borboletas que estavam dormindo. Apoiei minha mão desocupada no tronco onde estava sentada e virei meu corpo, ficando de frente para ele.

— Você estava me atrapalhando, não me ajudando. E desde quando somos uma equipe? — Cheguei minha bunda para trás para escorar no tronco que tinha marcado com nossas iniciais, e Dominic aproveitou o momento para chegar seu corpo mais perto do meu, enrolando nossas pernas como sempre fazíamos.

— Você está me ajudando nas minhas matérias enquanto eu estou te ajudando a ser uma aluna aplicada em *física disciplinar* — um sorriso travesso pintou seus lábios. Não tínhamos essa matéria, mas ele dizia que nossas caminhadas depois do toque de recolher era uma aula extracurricular para nossos corpos. — É como matemática, um mais um é igual a uma equipe formada por Augusta e Dominic.

Não pude deixar de rir e estremecer o corpo quando suas mãos encontraram meus cabelos. Pensando assim, realmente fazia sentido, já que nos últimos dias tinha me esforçado para ser didática e passar para Dominic os conteúdos atrasados que ele tinha perdido.

Fiquei um pouco surpresa quando realmente se dispôs a aprender matemática, e brinquei no dia seguinte, no pátio de refeição, que estava cobrando *o nosso acordo*. Mas Dominic estava atrasado em algumas matérias, ele tinha me contado ali, pois o ensino que tinha antes de se mudar para Bash era muito inferior, e estava disposto a enfiar conteúdo em sua cabeça e tentar acompanhar a sua turma. Então, tentava sugar todas as fórmulas que achava importante para que tivesse um bom desempenho. Estava me esforçando para que ele realmente conseguisse ser o melhor.

— Seus argumentos não fazem sentido nenhum.

Ele também riu.

— Não precisa fazer, somente aceitar.

Balancei a cabeça, rindo, enquanto suas mãos encontraram as minhas. Meu coração bobo errando cada batida enquanto Dominic beijava meu nariz e minhas bochechas.

— Você é linda, Augusta. — Mordi meus lábios sem resposta, o rio petróleo esquentando cada molécula do meu corpo. Estava tão ferrada, acho que meu coração soletrava seu nome mais vezes do que me dava conta. — E é a minha melhor equipe.

Então, Dominic me beijou até que eu admitisse em voz alta que *éramos uma boa equipe.*



— Aconteceu alguma coisa no Instituto? — Miriam alisou meu cabelo enquanto passava o pequeno pincel sobre as pálpebras, havia escolhido um tom laranja para combinar com o batom, e tinha esfumado bastante para não ficar marcado nem forte.

— Não? — selei meus lábios, espalhando o batom mate que logo secaria.

— Essa cor é linda, a mamãe vai amar vê-la usando.

Sorri para minha irmã mais velha pelo reflexo do espelho. Quando cheguei ontem à noite, na sexta, havia uma sacola vermelha com três paletas da nova coleção da *Mave*. Desde muito pequenas, os nossos brinquedos eram as maquiagens da nossa mãe, crescemos no meio de paletas e batons, e quando completamos quinze anos, cada uma de nós ganhamos uma penteadeira abastecida de maquiagens e uma linha de cosméticos com nossos próprios nomes.

— Apenas estava com saudades de casa — disse simples, recebendo um olhar desconfiado. Ela sabia que era mentira, mas não queria explicar ou pensar muito sobre.

— Como está indo o último ano? — sua mudança de assunto foi bem-vinda e meu semblante se transformou em uma careta com um misto de ansiedade e expectativas.

— Um pouco ansiosa para vir para a sede de Bash, talvez? — Espremi os olhos. — Acho que vou lidar melhor com o ambiente urbano.

Por mais que parecesse *divertido* estar trancada em uma escola interna de segunda a sexta, estava *mais animada* por poder estar em um ambiente mais favorável, onde poderia ir para casa todos os dias. No último ano do Instituto, o quarto, iríamos para a base na cidade, onde colocaríamos à prova tudo que aprendemos nos últimos três anos.

Miriam riu da minha careta e me virei, levantando do *puff* bege, procurando sapatos confortáveis. Tinha uma parte no closet somente para sandálias e botas, e apesar de ainda não estar completamente confortável em usar saltos, pois sentia que poderia tropeçar em meus próprios pés a

qualquer momento, cobria-os em plataformas baixas e bonitas, combinando sempre com o vestido escolhido.

— Tenho certeza que está ansiosa para fugir da água gelada e um quarto conjunto — minha irmã zombou, ganhando de mim um rosto sofrido.

— Tenho saudades da minha cama. — Eu realmente tinha saudades da privacidade do meu quarto e o conforto de lençóis macios.

Ela riu e suas sobrancelhas dançaram em diversão quando um olhar malicioso pintou seu rosto.

Miriam arrastou a voz:

— *Garotos*?

Normalmente rolava os olhos e fazia pouco caso da sua provocação. Minha irmã sabia que eu era péssima com garotos e os afastava mais do que ficava animada em me aproximar. Porém, desviei os olhos para a prateleira de bolsas quando meus pensamentos voaram para Dominic, escondendo qualquer sinal diferente que o meu rosto poderia entregar.

— Espera… — Miriam se aproximou de mim e colocou o rosto bem pertinho do meu, diminuindo os olhos enquanto eu afastava seu corpo para longe.

— Sai, Miriam — ralhei, segurando seu ombro, mas ela apenas abriu a boca e arregalou os olhos, provocando surpresa.

— Augusta Vendetta, você tem um *crush*?

— Não — a resposta veio rápido demais, junto com um tom quebrado que me fez fechar os olhos.

Miriam se animou, batendo palminhas.

— Finalmente vamos falar de garotos! Adeus, *Arturo Toscanini!* — Tampei o rosto com as mãos quando Miriam citava um dos maestros que amava. — Oh, oh, oohh, ele vai estar hoje no baile? — Abri a boca, mas a fechei no mesmo instante. Estava sem reação. — Eu conheço? Ele está estudando com você? — disse eufórica. — Estou tão animada! Augusta apaixonada é um evento! Esperei tanto, já estava na hora, quase dezoito anos e sem nenhum drama amoroso? — Bateu palminhas, sorrindo para mim.

Mordi as bochechas achando graça da sua felicidade, não querendo pensar realmente nas *suas palavras*. Então, apenas desisti e caí na gargalhada enquanto Miriam fazia uma fanfic baseada na sua imaginação sobre como estava sendo meu comportamento no Instituto.

Miriam era assim, amava qualquer que fosse o indício de um romance ou aventura à sua frente. Acho que seus livros de romance davam asas e combustível para sua imaginação fértil.

Rolei os olhos enquanto ela tentava arrancar informações de mim e eu apenas ria de sua curiosidade. Mas logo nos calamos quando nossa mãe apareceu na porta do closet nos chamando para ir, fazendo com que Miriam fosse o caminho todo, me lançando olhares divertidos enquanto eu rolava os olhos, esperando que nossos pais não a escutassem.



Cruzei a porta do Salão Dourado, preenchendo meus ouvidos com uma música monótona horrível e conversas altas.

— Parece que todos de Bash estão aqui. — Miriam cutucou minhas costelas, estancando na minha frente com uma taça na mão. Pensei nos Cosmopolitan que tinha visto na mão de uma moça com um vestido elegante, eu devia ir atrás de um, já que não podia beber nada que continha álcool publicamente, *ainda*.

Balancei a cabeça concordando, realmente. Apesar dos bailes estarem sempre cheios e movimentados, hoje parecia que todos tinham sido intimados a marcarem presença.

Miriam começou a andar pelo salão e eu acompanhei seus passos, seguindo-a. Seus passos eram firmes em cima do salto prateado, seu vestido rosé abraçava seus quadris largos, radiando uma elegância admirável. Eu a admirava, ela era um dos meus exemplos de força, e por mais que ralhasse por odiar toda essa formalidade e sobre a falsidade estampada em muitos rostos pelo salão, seu comportamento era metódico.

Ela agia e fazia tudo em perfeita ordem, não deixava que seus pensamentos e sentimentos interferissem em suas ações. Ela sabia lidar com mudanças, e sorrir e acenar quando era necessário.

— Achei que não ia vir. — Virei-me, encontrando um Dominic de blusa social azul-bebê e uma calça preta. Segurei a respiração por alguns segundos antes de soltar e encher meus pulmões com um perfume amadeirado. Dominic estava lindo, roupas sociais lhe caíam bem para caramba.

Abri um sorriso verdadeiro, feliz por encontrá-lo.

— Não poderia te deixar sozinho com os leões.

Rimos baixinho, senti seu olhar percorrer meu corpo e meu rosto ficou quente.

— Acho que laranja é a minha cor favorita.

Revirei os olhos e mexi meus pés indo para o seu lado. Meu vestido era um salmão e não tinha certeza se sabia lidar com um elogio mais direto, então desviei o assunto e apontei para a minha irmã que tinha um olho curioso em nós.

— Essa é minha irmã, Miriam. — Dominic pegou em sua mão, beijando-a e revirei os olhos quando Miriam arqueou as sobrancelhas. — Miriam, esse é Dominic.

— Olá, Miriam, fico feliz em conhecê-la — Dominic disse.

— Eu que fico feliz em conhecê-lo, Dominic. — Ela abriu um sorriso. E mordi a língua para não mandá-la cuidar da sua vida. — Isso vai ser interessante, juízo, *crianças.* — Revirei os olhos quando Miriam jogou beijinhos, me provocando.

— Está aqui há muito tempo? — Puxei Dominic para o segundo piso do salão, querendo ir atrás de alguma coisa para beber.

— Tenho quase certeza que fui o terceiro a chegar.

Dobrei meu pescoço em sua direção, sua expressão estava tranquila, não parecia estar chateado.

— Isso me parece ruim.

— Também acho que conheço quase todos que estão aqui — Dominic zombou e não pude não rir novamente. — Fred disse para ser receptível e tentar me ambientar, fazendo com que me conheçam. Disse que eu receberia muitas perguntas sobre onde morava e por que me mudei para Bash.

— E como está indo essa missão de *conhecer o máximo de pessoas possível?* — inquiri curiosa, era sua apresentação na sociedade, então era de se esperar que seu avô fizesse com que todos do meio o conhecessem.

— Nada mal, eu tenho uma boa memória, em alguns anos posso verdadeiramente saber o nome de cada pessoa.

— Isso me parece confortável, se não tivesse me dito que era seu primeiro evento, diria que está praticamente em casa. Não te vejo querendo fugir.

— Não me julgue por ser bom em controlar meus instintos — brincou e estudei seu rosto que não me dizia nada. Talvez com os anos eu

também aprenderia sobre suas expressões. Dominic falou em um tom mais baixo: — Mas em caso de dúvidas, talvez eu precise tomar um ar mais tarde, e você poderia me acompanhar, já que tenho certeza que conhece aqui melhor do que eu.

Ri, empurrando seu ombro, e chegamos a uma estreita mesa de vidro, onde tinham algumas frutas enfeitando e ponche em uma jarra de vidro.

— O que mais aconteceu enquanto eu não estava?

— Ah, eu acho que fui convidado para entrar no time de *Cow* — Dominic se inclinou para o meu ouvido, rindo baixo. — E tenho a terrível sensação de não saber exatamente o que isso é.

Ri do seu gesto de querer esconder algo.

— Isso me parece importante — admirei e balancei as sobrancelhas. — Parece que há um jogador de polo entre nós.

Dominic cerrou os olhos e alguns segundos depois eles saltaram.

— Ok, acho que preciso de um reforço daquela aula particular sobre como sobreviver em Bash versão resumida.

Não pude deixar de rir da sua empolgação quando cruzou nossos braços e me puxou com ele enquanto fazia o que seu avô tinha lhe pedido.

Dominic era bom, aprendia rápido e sabia administrar a surpresa quando algo que não conhecia era falado. Eu o acompanhei em suas conversas pelo salão, ajudando sua memória quando seus olhos me pediam ajuda sobre algo que não fazia ideia. Eu estava admirada, quase orgulhosa de como ele lidou com uma situação que nunca tinha vivido, se adaptando e aprendendo sem medo de errar.

Alguns minutos depois, seu avô lhe chamou e observei como seu olhar ficou perdido enquanto Frederico Clifford enfeitava belas palavras sobre Dominic, sobre como agora as coisas seriam diferentes e como seu herdeiro honraria seu sobrenome daqui para a frente. Mas bastou um breve momento para que seus lábios tomassem um sorriso lindo quando seus olhos me encontraram.

Eu não queria me iludir achando que fiz alguma diferença no seu dia, já que Dominic tinha aparentado lidar tão bem com o desconhecido, mas seus sorrisos travessos e olhares quentes enquanto ouvia publicamente sobre seu futuro fizeram coisas dentro de mim voarem. Mexerem comigo.

Era tarde demais, estava definitivamente apaixonada por Dominic Clifford, e não saber como explicar que estava politicamente

comprometida, aterrorizou meus pensamentos.

16

ALIADO

DOMINIC CLIFFORD

— Outro chip?

Dei de ombros, apoiando o celular na mesa e usando um palito para fazer a troca de número no meu celular.

Zaki observava atentamente o meu movimento, enquanto Charles e Christoph tinham os olhos vidrados em algo que estava acontecendo no campo verde à nossa frente.

O dia estava quente para um caralho, e a tenda não parecia fazer o serviço de tampar a merda de nossas cabeças, já que sentia o inferno comer minha pele. Bash não costumava ser tão quente, o clima era mais fresco e baixo em dias normais, o que significava que provavelmente iria chover em algum momento.

— Augusta me bloqueou.

Zaki franziu o cenho, provavelmente criando várias teorias para o meu comentário. Ele tinha essa péssima mania de estar julgando as pessoas por atitudes imprudentes ou fora do eixo que elas tomavam. Como a merda de um juiz.

Dei de ombros, eu realmente devia estar sustentando a merda da operadora. Depois de configurar meu número, observei o jogo que estava se desenrolando no extenso gramado.

O polo estava tão enraizado na tradição da cidade que era quase impossível alguém em Bash não saber o básico que envolvesse o esporte. Em épocas de campeonatos locais, ou até mesmo em outros lugares, a cidade se enchia de propagandas anunciando o jogo.

Como as apostas no *jockey club* em cavalos de corridas, era quase uma tradição estar com as bundas grudadas nas arquibancadas apostando rios de dinheiro.

A última *chukka* acabou e depois de um tempo, três moleques ainda equipados correram para debaixo da nossa tenda, eufóricos.

— Hora dos autógrafos — Charles zombou.

— Pelo menos tenho quem gosta de mim.

— Ai — Zaki dramatizou, colocando a mão no peito. — Poderia ter dormido sem essa cara.

Christoph gargalhou do irmão, nos fazendo rir também.

— Meu público alvo é diferente — Charles se defendeu, e os moleques que nos beiravam, esperando que eu os olhasse, se aproximaram da mesa de madeira redonda que estávamos escorados.

— Bom trabalho, rapazes, foi um bom jogo — elogiei, mas vi seus rostos murcharem.

Franzi o cenho não entendendo.

— Sabemos que fomos péssimos — o mais baixo do trio respondeu, mal-humorado. — Não precisamos de consolo.

— É, precisamos de bons macetes para sermos tão bons como vocês. — Havia admiração no tom, mas a chateação em seus rostos fez com que nós nos entreolhássemos.

— Cara, todo mundo é péssimo antes de se tornar bom — Chris interveio, apaziguando, e o olhei horrorizado querendo rir. Que merda? Os garotos pareciam do mesmo jeito. — Você acha que nascemos montados em cavalos? Claro que não, somos bons porque treinamos, e vocês estão indo bem... É claro que temos aquele dom natural de... — Cerrei os olhos, calando-o e ele limpou a garganta.

— O que o babaca quer dizer é que estão no caminho certo. Não há ganho sem dor — Chuck tomou a frente enquanto entrava em uma guerra de implicância com seu irmão gêmeo, e os garotos prestaram atenção. — É

óbvio que vão errar o gol até pegarem o jeito com o taco, mas é normal. Continuem treinando em grupo e testando em quais posições se dão melhor.

— Minha camisa é igual à sua. — Um dos garotos virou as costas para mim, apontando o número "01"

— Temos um atacante em potencial aqui? — vibrei pela sua animação e conversamos com os moleques até dar o horário de também entrarmos em campo.

Eram moleques, provavelmente entre quinze e dezessete anos, se divertindo em cima de cavalos e errando todas as bolas. Lembrei-me de quando era eu ali, aprendendo as regras do jogo pela primeira vez. Eu sempre amei cavalos, e quando me vi no meio de animais que eu havia crescido, não soube explicar como agradeci aos céus por ter no meio de tanta estranheza um momento de conforto.

Porque era por isso que era tão apaixonado pelo polo, me lembrava casa e conforto. Provavelmente era por lembrar a minha mãe, e trazer-me lembranças de quando era somente nós. A saudade *moía* meu peito e tentava sufocá-la em coisas que sei que ela gostaria de me ver fazendo.

Então, era verdadeiramente apaixonado pelo esporte, sentia-me livre ali e conseguia resgatar as minhas melhores partes, esfriando a cabeça e me concentrando em ser bom e preciso nos comandos em campo.

O polo consistia em quatro jogadores por time, dois atacantes, eu e Christoph; um meio de campo, Charles; e um defensor, Zaki. Éramos uma equipe dentro e fora de campo. O objetivo era marcar o maior número de gols com um taco, sendo o jogo dividido em seis *chukkas* a cada partida.

Cada *chukka* dura sete minutos e é feito um intervalo de três em cada uma delas, devido aos cavalos. E temos que fazer a troca dos animais a cada uma das pausas. O jogo se torna muito estressante para o animal, e se a condição física deles forem julgadas ruim, eles são eliminados do jogo, podendo voltar ao esporte somente depois da alta dos veterinários de plantão.

Todos os animais são rigorosamente acompanhados.

Desde que decidi me esforçar para ingressar nessa política, temos nos destacado no time de *Cow* que representava a cidade no esporte. Não que o jogo fosse tão valorizado, ou seja, não é uma modalidade de esporte em Olimpíadas, mas ainda tinha cidades vizinhas com as mesmas tradições, e era um bom hobby para me lembrar de quem eu, de fato, era.

Porque às vezes era fácil esquecer que um dia eu já estive do lado de fora.

Era grato por ter esses caras ao meu lado, por mais babacas que fossem, eles eram leais e faziam acontecer. Era até engraçado pensar em quão unidos nos tornamos, se levar em conta que no meu terceiro mês no Instituto entrei na minha primeira briga porque Zaki não sabia perder e decidiu tirar satisfação.

O que não deu muito certo quando os gêmeos entraram para separar e todos levamos porradas uns dos outros.

E trocamos socos mais quatro vezes naquele ano. Acho que só nos aproximamos mesmo quando fomos estudar no Instituto em Bash e montamos um time oficial de polo. Tínhamos achado um gosto em comum: cavalos. A troca de socos persiste até hoje, pois não deixamos os problemas de hoje ficarem para amanhã. E acho que isso tem fortalecido cada vez mais o laço contra as merdas que rondam ao nosso redor.

O apito foi ouvido e a última *chukka* havia encerrado, meu companheiro trotou para fora de linha e desci da sela, alisando seu pelo suado pelo esforço de minutos atrás. Os cavalos atingem altas quilometragens dentro do campo, e por isso a necessidade de troca de animal a cada tempo, a exaustão os corroem rapidamente ao correr pelo extenso campo.

— Meu garoto — Martinez me saudou animado quando estava a caminho para o vestiário para trocar de roupa e tomar uma ducha. Sentia os equipamentos grudados em minha pele por cima do tecido.

Franzi o cenho, era difícil suas visitas ao campo, mas não deixavam de ser boas.

— Martin.

— Precisamos conversar — disse um pouco incerto e franzi o cenho, tentando adivinhar o que era.

Provavelmente era sobre o contrato, o G5 estava pegando no meu pé nas últimas semanas, pois não tinha mais o que esperar para tomar posse por completo dos bens da família, para que eu tenha por fim a palavra de peso na mesa.

A hierarquia em Bash era muito específica, e por mais que a política pública influenciasse nas decisões estruturais da cidade, os sobrenomes fundadores e um pacto muito antigo prevalecia acima de tudo. Não que fôssemos donos da cidade e pudéssemos mudar o que queríamos

nas regras, mas uma palavra bem desenvolvida e estruturada poderia mudar o percurso de muita coisa.

No final, o poder e influência tinha mais peso do que ter uma conta cheia no banco.

— Claro, só vou me trocar.

Gostava de Martinez, ele foi quem me ensinou boa parte do que eu sei hoje. Ele foi ganhando a minha confiança com o tempo e hoje eu o considero também um membro da família, sabia que podia confiar nele todas as minhas coisas. Não foi fácil mudar meus ciclos de amizades quando me mudei, mas ele fez parte das coisas boas que chegaram.

Mesmo que envolvesse muita dor de cabeça.

Sempre me foi falado como agir e como me portar, e até como devia falar em determinado lugar. Não que eu tivesse raiva de alguma coisa ou de alguém, na verdade, era mais grato pelo conhecimento do que realmente incômodo. Mas chegou um momento que ouvi tanto sobre o que ia me tornar que acabei acreditando.

E poder era uma merda tentadora do caralho, era quase impossível dizer não. E eu queria muito dizer sim. Estava ansioso para isso.

Por muito tempo, o meu avô teve esse papel na AAB por sermos a única família da primeira geração — como as famílias fundadoras eram chamadas. Ele tinha o voto de peso nas discussões políticas de Bash, e eu tinha trabalhado duro para segui-lo. Aprendi tudo que pude e tirei todos os proveitos que o meu sobrenome me deu quando cheguei.

Não foi fácil, foi mais doloroso do que posso admitir, porque estar nessa posição exigia muita dedicação mental, e por muitas vezes foi cansativo ter que quebrar as minhas próprias barreiras para expandir a mente. Para aprender de verdade o que números e gráficos significam. Aprender sobre algo que um dia pareceu existir somente em outro mundo. Mas eu fiz, fiz por mim, pela minha mãe e pelo meu irmão, principalmente. Porque ele merecia e fazia valer a pena cada suor.

— Quer ir conversando enquanto passo na Stilk? Posso te deixar no caminho. — Já propriamente arrumado, Martinez pareceu surpreso quando o encontrei na porta do vestiário.

— As cláusulas ainda não foram fechadas?

— Augusta ainda não assinou nenhuma página. — Meu olhar subiu para a recente cicatriz acima da sua sobrancelha. E não soube identificar sua expressão. — Na verdade, nem sequer está abrindo os e-mails.

Martinez titubeou.

— Se ela não assinar e ler os termos rubricados, não há casamento. Não importa se há um noivado exposto na mídia.

— Eu sei disso.

— Talvez um pouco de pressão? — falou como se fosse uma ideia brilhante e quase ri. Quase, porque sabia que pressão para Martinez tinha um significado diferente.

Não o respondi, caminhando para o carro.

O casamento, o maldito contrato nupcial, pensar nisso fazia meu sangue esquentar de raiva. Porque às vezes tudo se resumia a essa merda. Ter um bom sobrenome e garantir alianças e um império próspero. Carregar uma maldição.

— Tem encontrado Augusta esses dias?

Claro, nunca deixava de vê-la.

— Não. — Menti, sem receio de que Martinez acreditasse ou não. Não importava se ele acreditava.

Ele cerrou os olhos e fingi não ver sua cara feia. Martinez não gostava de ser contrariado, e eu amava o contrariar. Não ligava mesmo para os seus murmúrios.

Entrei no Jeep aguardando a porta do carona ser fechada para dar partida no carro.

— Ainda acha que ela está escondendo algo de você? — Apertei as mãos no volante, esse era um assunto que arrancava tudo de mim. Martinez achava que eu não conseguia largar o osso por não ser capaz de aceitar o fim do nosso namoro. Talvez ele estivesse coberto de razão. — Não quero que perca tempo com coisas que não vão dar em nada, já tem meses, precisa dar um fim.

— Quer que eu desista do contrato?

— Claro que não, mas talvez da pessoa, sim — sempre direto. Suspirei, engrenando o carro.

Outra coisa, a pressão pela coroa envolvia os Chefft da AAB me empurrando suas filhas de qualquer modo, mesmo eu afirmando que já estava com o contrato pronto, mesmo que nenhuma página ainda tenha sido assinada por ela. E Martinez fazia questão de lembrar disso, lembrar das minhas opções. Mas não era bem assim que as coisas funcionavam, não comigo.

Semanas atrás, quando meu avô me trouxe a transferência que aconteceria em breve, não pude deixar a bela oportunidade passar quando usei do interesse do senhor Vendetta com o meu avô para firmar um desastroso noivado com sua filha do meio.

Desastroso porque tudo que nos envolvia sempre resultava em frustrações e uma bela rodada de ofensas criativas.

Eu podia admitir ter sido um pouco babaca por fazer com que ela soubesse na frente de todos que iríamos retomar um acordo matrimonial que um dia ambos tínhamos ansiado, e que hoje era nosso martírio. Mas eu também não ligava muito, não por pressioná-la.

— Eu não vou me casar com outra pessoa. — Uma tranquilidade excessiva pintava minha voz. Essa era uma decisão que eu tinha muito clara na minha mente, por mais que parecesse um suicídio estar no mesmo ambiente que ela.

— E prefere alimentar uma obsessão por uma pessoa que te deixou? — alfinetou sem dó, e fuzilei-o, querendo jogá-lo do carro.

Eu quase fiz isso. *Quase*.

Quase porque gostava da sua companhia e ainda podia suportá-lo.

— Você sabe minha opinião sobre isso, não preciso lembrá-lo.

Ouvi um bufar alto.

Porque não era a distância com Augusta que me faria procurar outros rostos a não ser o dela. Mesmo que ela tivesse nos ferido tão profundamente alguns meses atrás. Mesmo que o ódio e raiva me consumissem tão intensamente que cegavam minha razão e limite, me transformando em um verdadeiro masoquista.

Augusta me partiu, e eu não negava em nenhum momento esse fato. Eu também não estava em negação com meus sentimentos, na verdade, era muito claro sobre eles. Sobre meus objetivos. Mesmo que eles não fossem tão bons quanto os que desejei. E não era que não sentia ou não ligava para as coisas que tinham nos acontecido. Eu só aceitei.

Ainda que em todas as noites as chamas consumissem meus pesadelos e o barulho do meu coração se partindo ecoasse em todo canto do meu corpo, me assombrando, ainda era sincero e verdadeiro com o que sentia. Ou com o que queria, especificamente.

— Essa sua obsessão irá te matar.

Revirei os olhos.

Talvez matasse.

Mas tinha passado por merda demais para poder me dar ao luxo de viver em negação ou fugir das minhas próprias verdades. E vê-la fazendo exatamente o contrário do que prometemos nunca fazer, alimentou algo em mim que desconhecia. Eu não podia acreditar em suas palavras, não depois de tudo.

Um verdadeiro masoquista.

Depois daquela noite, meu chão ruiu, e ver meu apoio ir embora me fez perder a cabeça e tomar medidas das quais não me orgulhava. Mas também não deixava de realizar, porque em parte deixava a raiva me consumir, deixava a decepção me guiar e a perversidade tomar minhas palavras em defesa de algo que um dia foi partido.

Nosso mundo era ganancioso demais e eu tinha aprendido da pior forma que não se deve brincar de casinha em terras onde castelos eram construídos.

Então, eu a pressionava, e não estava nem um pouco culpado por isso. Não me sentia culpado por tentar desmascarar as suas mentiras, que um dia eu deixei que construísse.

— Talvez esteja sendo pouco pressionada. — Cerrei os olhos pelo tom que foi despejado de sua boca. Era um tom seco e amargo. — Ou talvez seja um sinal para não levar para a frente. Augusta é inconstante, não sei como ainda a deixam na frente de uma empresa...

— Chega — cortei.

Sabia que Martinez não era fã número um de Augusta. O que não era uma surpresa, já que quase nenhum homem na AAB simpatizava pela mulher que ocupava o lugar de controle da Stilk. E digamos que o seu pai não se importava quando sua filha fazia o que queria com as rédeas da empresa.

Mas acreditava que Martinez a suportava somente por mim, sempre foi assim.

— Augusta irá assinar quando quiser. — Sabia que só de estarmos publicamente noivos as coisas ao nosso redor ruiriam.

Inclusive, as máscaras que eu ansiosamente esperava cair.

Meu avô tinha me avisado que era um caminho perigoso a seguir, mas eu não me importava, ainda estava disposto a lutar. Mesmo que perdesse tudo.

Estava sendo pressionado a tomar a coroa, meu avô estava fazendo questão como nunca, e eu temia saber a sua motivação por trás. Porque algo

ainda não estava certo, e não era só sobre a recusa de Augusta em assinar o contrato, tinha algo a mais. Eu podia sentir no clima e nas reuniões semanais na AAB.

— Quem avisa amigo é, garoto. — Sua voz tinha cautela e tentei ligar isso ao seu desgosto pela situação. Ele também tinha presenciado cada caco que foi partido quando o fogo inundou a casa que morávamos. — Eu só espero que saiba o que está fazendo.



Fabian, uma das pessoas que confiava minha vida, me esperava na sala presidencial do banco central de Bash, com seu costumeiro chapéu preto e a merda de um palito na boca. Ele se escorava tranquilo em uma poltrona preta, franzindo o cenho para o seu celular.

Meus passos ocos anunciaram minha presença e sua atenção foi captada rapidamente para mim.

— Já faz um tempo, amigo — o saudei respeitoso e um largo sorriso se abriu.

— Já faz muito tempo, porra — Fabian levantou, me dando a merda de uma abraço caloroso. Achei graça quando deu tapas fortes nas minhas costas.

Era um costume intrínseco abraçar um amigo, mas aqui onde vivia, um aperto de mão era o bastante.

— As coisas da cidade realmente deviam ser mais interessantes — disse de uma forma grossa e abri um sorriso cheio de dentes.

— Com certeza, sim.

Fabian grunhiu, achando graça, e sentou na poltrona novamente, colocando os pés em cima da minha mesa. Cerrei os olhos, apontando o dedo, mandando tirá-los dali.

Ele só riu, cruzando os braços e mastigando o palito.

Os traços em evidência em seu rosto denunciavam a exaustão do trabalho. Ele era um homem já maduro, cabelos pretos e a pele amaldiçoada pelo sol não deixava dúvidas do seu esforço árduo durante anos.

Mesmo que mantivéssemos um contato por linha telefônica, não me lembrava quando o tinha visto pela última vez.

— Já encontrou com ela? — perguntei curioso, relaxando na poltrona larga e confortável que era nomeada como minha.

— Sim — disse mal-humorado e não segurei uma risada. — Acho que fui indiretamente enxotado de sua sala.

— Você foi até a MV makeup? — Meus olhos se encheram de diversão.

— Claro. — Cerrei os olhos em diversão. — Eu tinha que dizer que estava na cidade — disse, despreocupado.

— Eu disse para vir direto para o banco. — Minha voz não conseguia conter o quão engraçado achava da situação.

— Mas eu precisava perguntar se ela tinha interesse na nova colheita de lírios.

Cerrei os olhos novamente e Fabian bufou rindo. Miriam Vendetta era seu pesadelo e ele adorava irritá-la.

Explodi em gargalhada.

— Foi atrás da única filha que faz questão de manter distância da Stilk para falar de campo? — gargalhei abertamente. Era um idiota mesmo.

— Precisava conferir se ainda continuava ardilosa, porque se vou mesmo entrar nessa loucura toda, preciso ter momentos de glória.

— Você sabe que precisa ganhar sua confiança, não irritá-la, certo? — Fabian apenas deu de ombros, como se isso não fosse muita coisa.

Eu não disse mais nada, não seria louco de palpitar em qualquer coisa sobre as irmãs. Mas o assunto logo se foi e uma carranca debochada brotou em seu rosto.

— No entanto, ainda estou curioso para saber como consegui o apoio da outra irmã. Nunca achei que receberia um e-mail dessa mulher.

— Charme — me gabei.

— O garoto que criei não tinha um ego tão grande assim.

— O garoto que você criou não imaginava que um sobrenome custava tão caro assim.

Fabian espalmou as mãos na mesa e seu semblante, que há pouco estava divertido, tomou uma incerteza e apreensão.

— Eu sinto muito. — A sinceridade de suas palavras me confortaram. E senti que, verdadeiramente, dessa vez nada me impediria de concluir os meus objetivos.

— Eu também.

Há nove meses o nosso desastre aconteceu, e desde então cada dia tem sido uma batalha. Eu não tenho medo de falar como fui destruído por palavras que assombram meu sono até hoje.

No começo eu me fechei, não suportava a ideia de tê-la perdido. Não daquele jeito. Sempre fomos sinceros e confidentes um com outro, e ver um muro se construir entre nós me quebrou.

Augusta diz que provocou o incêndio que quase nos matou, ela escolheu nos destruir de uma forma cruel e dolorosa. Mas ela se esqueceu que a dor não me assusta, a morte menos ainda.

— Então? O garotinho da cidade não consegue resolver suas próprias merdas?

Ri amargo, cruzando as mãos na mesa cheia de papéis.

— O garotinho da cidade se meteu em uma grande merda.

— Briga de gente grande? — Cerrou os olhos, instigado.

— Briga antiga de pessoas idiotas.

Fabian ficou sério, e respirou fundo antes de relaxar na cadeira novamente.

— E aquela investigação?

Quase chiei de decepção. Tinha comentado por alto sobre os últimos meses, pois precisava de um norte. E uma visão de fora era o que precisava. Uma visão confiante e que não me esconderia nada além da verdade. Fabian poderia não viver conosco e com nossas políticas fodidas, mas com certeza tinha um senso justiceiro.

E eu confiava nele.

— Foi tão fadada quanto as outras três antes, nada. Não sei o que acontece que eles simplesmente desistem.

Fabian franziu o cenho, provavelmente juntando alguma merda de informação.

— Mas tenho uma última tentativa.

Eu tinha uma nova pessoa investigando nosso passado. Uma nova pessoa porque as últimas cinco haviam sumido ou desistido do caso, dando desculpas esfarrapadas que a minha mente não conseguia acreditar.

Não quando o que seus olhos me diziam eram o suficiente.

Então dessa vez tinha resolvido não contar a ninguém, nem mesmo a Martinez. Ele provavelmente arrancaria minhas bolas por estar gastando tempo em algo que, para ele, era fútil.

— Acha que é alguém próximo? — perguntou.

— Acho que pode ser um membro especificamente.

— Desconfia de alguém?

Respirei fundo, pensando.

— Várias pessoas poderiam estar tentando nos matar, mas em uma visão fria, a pessoa teria que estar muito perto de nós para passar sem ser percebido.

— Posso perguntar como tem tanta certeza que o ceifador está próximo?

— Eu não sei — disse simples. — Atingirei todo mundo, o primeiro que pedir socorro será executado.

Fabian riu, negando com a cabeça.

— Não tem medo de perder um reinado? — Sua voz era como um corte fino, testando suas barreiras mais grossas.

— Eu já perdi meu castelo, não me importo com as aldeias.

— Um rei não despreza seu povo.

— O seu povo não deveria querer matar o rei.

— Certo, e a sua relação com ela? — Quase gargalhei pela palavra *relação*.

— É complicado. — Não me daria ao trabalho de explicar como eu e Augusta funcionávamos, se nem nós sabíamos. Éramos, em essência, um imprevisto. Fabian arqueou as sobrancelhas.

— Em que pé estamos?

— No pior, me sinto vendado, por mais que as cartas estejam abertas na minha mesa.

— Me dê um desconto, não entendo palavras difíceis.

— Uma coroa, um casamento e vários suspeitos que *a* rondam.

— Não, você não tem nada disso. Tem no máximo uma lista. — Mesmo com o rosto sério, Fabian alfinetou. E ri pelo nariz.

A lista ladeava nomes que estavam envolvidos com os Clifford e os Vendettas há anos, como possíveis sobrenomes que queriam usurpar a cadeira máxima da associação. O casamento dependia totalmente de uma assinatura.

E a coroa eu só teria depois do casamento.

O casamento parecia ser a chave para todos os problemas.

Uma ideia saborosa passou por meus lábios quando me lembrei qual era o último passo a dar antes de subirmos a um altar. Mas antes, tinha

que seguir com a linha de raciocínio contra o ceifador que cercava meu sobrenome.

— Bem, isso terei que solucionar depois. Agora temos que nos preparar para você assumir o novo cargo de conselheiro do rei.

Fabian se animou.



CLÁUSULAS

AUGUSTA VENDETTA

— Sabe quem está voltando? — Fanny me perguntou enquanto eu aguardava o café expresso preencher o meu copo.

A máquina apitou com o aviso e beberiquei, soprando o líquido.

Observei o corpo relaxado na poltrona marrom que tínhamos ali no pequeno cômodo onde era usado para a pausa do café.

— Quem?

Seus olhos brilharam.

— Aleksander.

— Tio Alek está na Stilk?

— Ainda não, mas ouvi que ele está para chegar a qualquer momento.

Aleksander Vendetta era irmão do meu pai. Ele é o mais novo dos irmãos Vendetta, e o advogado oficial da Stilk. Ele também prestava serviço para AAB quando era solicitado.

Franzi o cenho, desconfiada, ele estava vindo prestar assistência ao contrato nupcial que estava sendo feito. O contrato que estava me tirando a paz. Só essa semana, tinha recebido 39 e-mails de Dominic com o assunto

CLÁUSULAS NUPCIAIS. Eu não abri nenhum, não precisava lê-lo de novo.

— Esse *a qualquer momento* me soa como “fique preparada, pois longos dias estão por vir” — brinquei e Fanny riu, balançando a cabeça.

— Oh, está mais para “fique preparada, pois os dias divertidos virão”.

Foi minha vez de balançar a cabeça e rir. Não queria pensar no que *divertidos* implicava. Eu sabia que o tio Alek tinha *uma fama*, por mais que parecesse sério e reservado para pessoas de fora, a sua educação e simpatia em tratar as mulheres, e como *sempre* havia alguém para falar *bem* dele, era de se admirar. *Para não falar estranho.*

— Augusta. — Levantei a cabeça, encontrando meu pai na estreita porta. Ele acenou em um chamado silencioso e retirou-se do mesmo modo que chegou, silenciosamente.

Fui rápida em dar um último gole no café.

— Que venha os dias *tenebrosos*, então — disse.

Fanny sorriu para mim e fez uma falsa careta.

— Boa sorte com o chefe.

— Vou precisar.

Não demorei a alcançar meu pai na porta do elevador. O botão do vigésimo quinto andar brilhava.

— O tio Alek chega quando?

— Essa é uma boa pergunta.

— Por que ele não diz onde está de uma vez? Parece que sempre quer chegar de surpresa.

— Talvez seja de família não querer deixar rastros — meu pai me alfinetou e tombei a cabeça.

— O que quer dizer?

Aguardei com paciência, mas ele não respondeu, e ficou em silêncio até chegarmos em sua sala.

Movi meus pés até o vidro que cobria a lateral por completo. Bash era cercada por duas montanhas rochosas que podiam ser vistas de qualquer ponto alto da cidade, era como uma marca de Bash. Quando a temperatura descia, as montanhas eram as primeiras a darem sinal de como o tempo iria mudar, enfeitando-se de uma neblina densa que rapidamente flutuava pelos cantos da cidade.

O vidro da sala do meu pai parecia uma televisão gigante, porque além da bela vista da montanha, conseguia ver os prédios e as avenidas que cruzavam o centro.

— Chegou cedo — falou, sentando na poltrona atrás da sua mesa que comportava um *macbook*, muitas pastas, um porta-canetas, uma xícara e muitos papéis espalhados.

— Tenho uma reunião às nove com Leonardo Tavares.

Meu pai franziu o cenho.

— Ele sabe que é uma mulher que estará à sua frente?

Dei de ombros, com um sorrisinho travesso.

— Espero que ele não fique magoado pela confusão de sobrenome. Talvez eu tenha colocado no *e-mail* somente *Vendetta*.

Ele arqueou as sobrancelhas e sabia que viria uma reprimenda. Então, me apressei a justificar:

— Não se preocupe, às vezes eu também sei ser *meio grosseira.*

Meu pai bateu os dedos na mesa, me medindo, mas então balançou a cabeça e se desfez do assunto. No momento seguinte, ele virou a tela do computador e pude visualizar o último *e-mail* recebido.

— Por que diabos Fabian está me mandando agradecimentos e honras por e-mail?

— Fabian é rápido — pensei alto.

— O que você fez?

— Mostrei simpatia.

— E até onde isso dura?

— Até quando nos vermos?

Seus dedos alcançaram a ponte de seu nariz e saboreei a sensação de saber que seus neurônios estavam *fritando* com a confusão que fiz.

— O que não estou sabendo?

— Dominic disse que Fabian está disposto a negociar as terras Tangáaras, desde que eu estivesse inclinada a apoiar suas mudanças.

A expressão de surpresa do meu pai não passou despercebido.

Um dos motivos de Fabian não receber o convite para estar na AAB era a hostilidade entre nós. O meu pai tinha uma opinião de peso na mesa, e não arriscaria trazer um conflito entre membros, mesmo que fosse financeiramente favorável. Então se eu — a Stilk — mostrasse simpatia ao seu acordo de terras, a ideia de um convite poderia ser aceita.

— E desde quando faz acordos com Dominic?

— Ele quer mexer na estrutura — expliquei. — Ele vai tirar todos do lugar.

— Ele te contou isso? — disse desconfiado.

— Sim.

Suas sobrancelhas dançaram para cima e um tipo de compreensão o atingiu, pois seu único movimento foi um gesto rápido em seus cabelos castanhos.

— Ele quer Fabian na Associação?

— Sim.

Meu pai gargalhou alto em um rompante e o olhei horrorizada.

— Esse garoto é genial.

Havia um brilho esquisito em suas íris e eu só pude assistir, perguntando-me o que diabos estava passando em sua cabeça.

Trinquei o maxilar.

— Era para ser um incentivo?

— Uma oportunidade — disse, ainda com um ar risonho e dobrei a cabeça, indignada. — Dominic está pondo o tabuleiro em suas mãos.

Um misto de ansiedade me atingiu, eu sabia disso, mas ainda estava me negando a acreditar. Primeiro a coroa, depois uma posição, agora a falta de estabilidade na AAB? O que ele pensa que pode fazer me dando tudo isso?

— Dominic está procurando brechas — estalei a língua, nada feliz. — Está tentando chegar a mim de alguma forma.

— Ele é um Clifford querendo vingar seu sobrenome, e você cruzou o seu caminho, não deveria ficar surpresa com sua sede por respostas.

Mordi a língua, pensando nas minhas palavras. Odiava essa merda, sentia tudo queimar dentro de mim.

— Bom, há mais alguma coisa que queira me falar? — perguntou, concentrado no computador.

Dobrei a cabeça, eu tinha muitas coisas.

— Acho que não. — Movi os ombros, tentando soar inocente.

— Então a retirada de 50 mil reais na conta da Stilk não foi você?

— Oh, isso me parece um bom dinheiro — fingi uma falsa surpresa, que não deu muito certo, pois recebi um olhar duro. — Acha que estamos sendo roubados?

Suspirei, desviando os olhos para minhas unhas.

— Ou talvez alguma enfermeira tenha tirado férias antecipadamente na segunda? — sugeri.

Sua face se manteve intacta e a ironia oscilou entre nós.

— Vai lidar com as coisas assim, agora? Comprando todos e os mandando embora de Bash para te cobrir?

— Pelo menos alguém está sendo feliz.

Então, travamos uma batalha ali, a sua preocupação novamente tomando conta do espaço e mordi a bochecha quando o medo ameaçou se instalar. Engoli em seco, travando o maxilar.

Meu pai olhou nos meus olhos, como se quisesse que eu vacilasse. Era cruel ser testada sempre, mas continuei firme.

— Porque fez isso? — Seu tom não havia espaço para desculpas esfarrapadas.

— O ceifador soube do novo investigador, e eu não queria correr o risco de mais alguém ser machucado.

Meu pai observou cada milímetro de movimentos que a minha respiração pesada provocou no meu rosto e me esforcei para não vacilar. Seu aviso soando muito claro em minha cabeça: ao *menor sinal de perigo, eu irei interromper*.

— São nove meses, Augusta, uma mentira não deveria durar tanto tempo.

— O senhor sabe bem, hum?

Desviei o olhar, fazendo pouco caso do assunto. Ele não disse mais nada sobre.

— Acho que já está na minha hora.

Caminhei para a saída e meu pai não me proibiu. Apenas me olhou com um olhar de aviso, que recebi *bem*.

— Não esqueça de ler as cláusulas e assiná-las.

Fechei a porta.



Subi para o andar de reuniões, encontrando Leonardo Tavares escorado em um dos vidros. Ele estava usando uma calça e camiseta social, seu pouco cabelo ruivo estava penteado para trás, evidenciando as suas

entradas, e uma pasta transparente grossa estava pendurada entre seu corpo e braço.

— Leonardo — chamei sua atenção e ele me encarou curioso, me analisando de cima a baixo.

Esperei que seus olhos encontrassem os meus e ele logo abriu um sorriso falso.

— Augusta Vendetta.

— A própria — lhe devolvi o sorriso falso. — Vamos? — Mostrei a sala à frente e caminhei, esperando que me seguisse.

— Aceita algo? Uma água, café?

— Uma água.

— A jarra está ali, fique à vontade. — Indiquei com a mão.

O homem franziu o cenho e vi seu rosto vacilar enquanto segui para a minha mesa. Parecendo confuso, ele andou em passos arrastados até o aparador e encheu um copo para si, adicionando cubos de gelo em seguida.

— O senhor Vendetta não está? — Sua voz soou crítica.

— Sim, está.

— Ele não pode estar conosco?

— Não é preciso.

Caminhando com lentidão, vi sua mente trabalhar, observando quando escorei uma mão na mesa e com a outra indiquei a cadeira ao meu lado.

— Sente-se, vamos começar.

Vi seu sorriso morrer quando me sentei na cadeira presidencial e esperei que o homem à minha frente ocupasse o lugar na mesa que havia indicado.

Incerto de seus passos, ele sentou e se acomodou, apoiando o copo de água e sua pasta na mesa.

Só havia nós dois ali e tinha quase certeza que isso o incomodava. O fato de ser uma mulher representando uma empresa de grande porte.

— Não sabia que estava na frente do setor financeiro da Stilk.

Relaxei na cadeira e estalei a língua, dando de ombros.

— Estou onde é necessário, não há uma regra específica na minha empresa.

O homem aprumou a coluna e balançou a cabeça, concordando. Logo abriu a pasta, retirando alguns papéis.

— Então?

Coçou a garganta antes de falar:

— Estava conversando com o senhor Vendetta pelo e-mail e ele me disse para trazer-

— Fui eu mesma que mandei os e-mails — lhe corrigi e recebi uma cara não tão boa.

Mas Leonardo logo aprumou a coluna e enfeitou seu rosto com uma simpatia falsa, abrindo um sorriso que não conhecia, mas sabia que não tinha boas intenções.

— Certo. — acenou com a cabeça para as folhas em suas mãos. — Creio que gostaria de ver os documentos da propriedade, então.

— Claro.

Folheei as páginas grampeadas, lendo e analisando as longitudes e latitudes do local. Estava escrito a antecedência dos proprietários, documentos legais, inscrições de venda e algumas fotos recentes em preto e branco.

— É uma boa localização — comentei.

— Oh, sim! — um curioso brilho passou por seus olhos. — O terreno está sendo valorizado, acredito que em dois anos esteja valendo o dobro.

Arqueei as sobrancelhas.

— Ow, isso parece bom.

— É uma *ótima* localização — afirmou, exaltando o lugar e franzi o cenho.

— Qual o valor?

— Setecentos mil.

Prensei meus lábios para não rir.

O centro de Bash era um pouco agitado, trazia pessoas de todo tipo. O que também poderia ser perigoso, porque não tínhamos controle sobre quem passava ali, mas ainda era o lugar mais movimentado por conta da alta concentração de edifícios e estabelecimentos, o que tornava os terrenos valiosos e bons investimentos.

O terreno oferecido para venda ficava na ponta leste, próximo ao centro, o que aumentava um pouco o valor. A via que atravessava o centro indo para o leste tinha uma péssima fama. O leste de Bash era uma área de baixas, já que os malandrinhos da cidade tinham um certo domínio por essa área. Era a parte feia, onde eram escondidos os ratos da cidade.

Tínhamos bastante interesse no terreno, *eu* tinha, gostava da área e o acesso era rápido. Colocando um posto ali, com certeza levaríamos mais movimento à via.

No entanto, o terreno não valia tanto, e com certeza não dobraria de preço daqui a dois anos.

— Não está muito caro? Parece valer menos — tentei soar mansa.

Seu sorriso não vacilou.

— Você é muito jovem, ainda não tem noção do mercado que te cerca. Mas confie em mim, aqui estão os dados do terreno. É um ótimo lugar, eu poderia colocar um preço muito maior do que vale, mas *estou sendo bom* e te oferecendo o melhor.

— Oh, sim! — Cerrei os olhos, estalando a língua, e batuquei as unhas na mesa pensativa.

Eu sabia sobre o que ele falava de mulheres fazendo negócios, eu tinha feito algumas pesquisas. Ele achava que a maioria de nós não tinha cérebro e que éramos alvos frágeis.

— Quanto tempo demorou para decorar o mapa da cidade? — Soltei as folhas na mesa e me concentrei em seu rosto. — O senhor é corretor, certo? É o *seu dever* saber cada canto de Bash.

Ele tinha um ar arrogante, e me deu um sorriso estranho.

— Um mês ou mais? É uma pergunta difícil quando se vive em uma cidade que cresce vários quilômetros todo mês.

Respirei, controlando minha voz.

— Eu demorei uma semana e revejo o mapa quase sempre — fui direta. — Tenho tabelas e uma boa memória sobre cada lugar que estou interessada em comprar.

Ele arqueou as sobrancelhas e sabia que isso era dúvida. Mas não me abalei.

— Então, por que acha que não sei o valor de cada imóvel disponível para compra nesta região?

— Eu sou corretor há dez anos, minha *jovem*, tenho certeza que *sei* sobre o que estou vendendo. Estou te oferecendo um preço justo.

— Por acaso está tentando fazer a minha pessoa de idiota, senhor?

Seus olhos arregalaram.

— Por acaso acha que só porque sou mulher, sou burra e não sei o quanto vale um terreno de seiscentos metros quadrados?

— Eu não estou…

— Não me subestime, senhor, não sou eu que estou precisando vender algo — o cortei, querendo que o aviso explícito em meu tom fosse recebido.

Vi o seu pomo de Adão descer e seus punhos se fecharem.

Então, o encarei com olhos firmes, sem desviar a atenção. Despejando todo meu desprezo por homens como ele.

Mas Leonardo não baixou a guarda, apenas respirou, fechou os olhos alguns segundos e colocou outro sorriso falso nos lábios.

— Perdoe-me, senhorita — soou cínico, e não desfiz minha postura. — Acho que me lembro de ter mencionado algo ao seu pai sobre fazer um melhor preço na propriedade…

Passei mais quarenta minutos discutindo valores e condições com Leonardo Tavares sobre a propriedade. Eu sabia que ele não daria o braço a torcer em nenhum momento, sabia que não admitiria derrota. E eu gostei disso, da sua insistência em me driblar, mesmo que todas as vezes eu desfizesse seus argumentos e mostrasse que era ele que precisava de mim.

Quando voltei para minha sala, havia um pequeno post-it escrito em uma letra horrível:

Jantar hoje às 19:30



CAIXINHA DE VELUDO

AUGUSTA VENDETTA

Eu odeio Dominic Clifford.

Cada célula do meu corpo gritava isso.

Por alguns segundos, desejei que fosse ele me entregando o buquê de lírios que o florista gentilmente colocou em minhas mãos com um sorriso aberto. Com certeza o entregador achou que era um gesto romântico. O que não era. Eu odiava flores.

Gostaria de ter esfregado essas flores na sua cara, fazendo-o comer toda raiva que me fazia passar.

Amassei o bilhete escrito com letras impressas e joguei no lixo no canto da minha sala, onde vários outros tinham tomado o mesmo rumo.

— Isso me parece bastante coisa — Apolline se divertiu, sentada na minha cadeira.

Acho que a minha mesa era o único lugar salvo na minha sala, uma vez que havia vários arranjos de flores de todo tipo por todo chão.

Depois que voltei da reunião com Leonardo, a cada trinta minutos chegava um novo arranjo de flores, que eu odiava, e um bilhete dentro de

uma caixinha de veludo enrolado e pregado em um pequeno broche redondo com as iniciais *DC*.

Na primeira vez que recebi, me perguntei se ele tinha feito broches de ouro com seu nome, pois o brilho do objeto polido parecia muito ser uma peça de valor. Mas na segunda e terceira vez que recebi outros bilhetes ridículos com o mesmo broche, deixei de me importar.

Eu tinha passado o dia fora da minha sala, querendo ficar o mais longe possível, o que não resolveu a fuga dos malditos presentes, pois os floristas me procuravam em qualquer buraco de sala que eu estava. E quando Polly disse que estava na Stilk, imaginei que a perturbação de Dominic em me entregar flores havia parado, pois já eram quase oito da noite.

Ledo engano, a minha sala não só havia vasos de flores horríveis e milhares de caixinhas de veludo vermelha por todo canto, havia post-its pregados em toda parede com diversas ofensas à minha moral que não prestei meio minuto para ler. Aquilo não me atingia facilmente, nossas ofensas já chegaram a ser bem piores.

O que me deixou uma pilha de nervos e raiva foi quando, passando os olhos por outra parede que também havia um post-it, estava escrito em palavras curtas descrições sexuais e frases possessivas, cujo tom podia ouvir nitidamente em minha cabeça.

E, claro, foi somente eu entrar pela sala para a porta bater novamente segundos depois com mais uma *delicada* frase de ameaça. Já estava ficando cheia dessa brincadeira ridícula.

— Dominic está garantindo que eu vá encontrá-lo hoje à noite. — Revirei os olhos, vendo suas sobrancelhas arquearem curiosas. — Ele acredita que se me deixar irritada o suficiente, irei ceder e ir encontrá-lo para esbofetear a sua cara.

O que eu poderia realmente fazer, o dia cansativo de reuniões e cobranças traziam uma carga estressante para as minhas emoções.

Seus olhos se arregalaram levemente, mas seus lábios ainda continham diversão:

— Isso não seria *ruim*? Você não está indo porque quer.

— Para Dominic, isso não faz diferença.

Polly riu abertamente enquanto meu sangue esquentava de impaciência. Eu não iria, mesmo que os seus bilhetinhos ridículos me irritassem cada vez mais.

— *Se não posso trazê-la de boa vontade, então a trarei com raiva* — citei um dos recados que havia recebido. Fechei os olhos, vagamente me lembrando de alguns.

"Não pense por um segundo que irá fugir de mim". "Devia ler os meus e-mails e vir me encontrar". "Raiva é um bom combustível para se chegar na hora certa do nosso jantar". "Jantar…". "Hoje é sexta, sabe o que isso significa?"

— E por que não vai?

— Não é uma boa ideia.

Não consegui esconder a dureza nas minhas palavras. E não era mesmo, eu tinha decidido ignorar seu recado antes mesmo de terminar de ler as letras ridículas que marcavam os post-its.

O que fez Apolline apenas balançar a cabeça e me olhar mortalmente, como se quisesse dar dois tapas na minha cara. Eu não a julgava, muitas vezes queria fazer isso comigo mesma, e não duvidava que metade de Bash um dia já sonhou em fazer o mesmo.

Por mais que compartilhasse tudo com a minha melhor amiga, tinha uma pequena parte dentro de mim que escondia algumas atitudes dos últimos meses. Sabia que ela não iria me julgar por ter sobrevivido, mas duvido que deixaria eu continuar com a minha farsa no minuto seguinte que descobrisse a verdade.

Ela fingia que não tinha nada acontecendo, enquanto eu fingia que as minhas mentiras não estavam me afastando das pessoas que amo.

Porque mentiras fazem isso, afastam pessoas.

Quebrei o contato, pondo os arranjos na sacada, poderia jogá-los do alto se lá embaixo não houvesse pessoas circulando sem parar.

— O que aconteceu com a moça que te ajudava? — Apolline indicou a bagunça de papéis na mesa.

Dobrei o pescoço, franzindo o cenho.

— Dominic a levou.

— De novo?

Dei de ombros, suspirando alto.

— É por isso que desisti, eu as ensino o trabalho perfeitamente para que ele as pegue. — Isso era tão ridículo. — Dominic acha que sou seu serviço de *RH*.

— Não há uma multa por isso? Quebra de contrato entre funcionário e empresa?

— Ele paga todas.

— Isso parece ruim. — Olhei-a como se dissesse “jura?”

Mas Apolline somente levantou as mãos, em rendição.

— Devia contratar um garoto, aposto que ele não ficaria tão animado para levá-lo.

Lutei para controlar o impulso de revirar os olhos.

— Fiz isso uma vez, mas ele o pegou na segunda semana. O garoto tinha um fanatismo por Dominic, acho que ficou sabendo que era um louco.

— Devia fazer o mesmo, então, lhe roubar seus funcionários.

A ideia era boa, mas…

— Já pensei nisso, mas creio não ser tão generosa quanto.

Apolline me encarou por alguns segundos e depois caiu na gargalhada.

— Creio não poder discordar. — Abri uma expressão fingida enquanto ela listava meus defeitos.

— Desculpe por não ter o dom de ser simpática.

— Você *é* quando quer!

Fiz pouco caso da sua provocação, sentando-me na poltrona branca que tinha ao lado da sacada. Tinha desistido de arrumar qualquer bagunça. Poderia facilmente mudar de sala.

— O que aconteceu com *aquele* assunto? — Voltei a atenção para os seus problemas. Sabia que um dos motivos de seu sumiço na última semana era o seu pai lhe azucrinando com a ideia de um acordo nupcial.

— Não te contei da última? — Seu tom era azedo e triste.

Balancei a cabeça, negando, receosa com suas próximas palavras.

— Bom, ao que parece, o candidato perfeito para mim tem acesso aos nossos jantares de família agora.

— Você *tá* brincando comigo?

— Eu queria estar — suspirou alto e algo dentro de mim se incomodou com esse fato.

Nikolai Reaper tinha acesso à casa dos Phillips.

A minha amiga pareceu cansada, e por um minuto inteiro minha mente tentou juntar informações vazias que tinha sobre, mas nenhuma solução pareceu saudável.

— E sabe qual é o pior?

— O quê?

— Ontem eu senti que, de alguma forma, ele também não queria isso tanto quanto eu. Mas acho que estou ficando doida, a minha mente deve estar criando recursos para não me sentir sozinha nisso.

— Por que você fala isso?

— O seu pai, ele estava lá também. E não acho que eles tenham uma boa relação.

— Sério? — disse surpresa.

— Mas não importa, ele fará tudo que o pai pedir.

Mordi os dentes. Realmente. Sentia repulsa sempre que ouvia o nome dele.

Engoli em seco, tentando não pensar muito. Então mudei o rumo da conversa.

— Como isso é possível? Tenho certeza que seu pai não é burro, Nikolai não é o melhor cara para se casar.

Os olhos de Polly me encontraram e seus segredos vibraram em um sorriso sem brilho.

— Acho que ele não se importa mais.

Não lhe respondi, era coisa demais para querer salvar.

— Ele está me cozinhando em molho quente, me fazendo encontrá-lo de propósito. Fazendo-me odiá-lo.

— E o que está impedindo de finalizar o contrato?

— Parece que o seu noivado está mais interessante no momento — Polly estalou a língua. — Pelo menos posso usar isso a meu favor. E não estou nem um pouco culpada, se quer saber.

Não pude deixar de rir pelo nariz.

— Me use como quiser, *Polly Pocket.* — Ela revirou os olhos para o apelido.

— Pelo menos uma de nós faz o que quer.

— Ou consegue o que quer com um sobrenome importante — devolvi a alfinetada, cortando minha pele com minhas próprias palavras

— Estou ansiosa para isso — brincou, mas Apolline sabia que não era tão simples.

Ela também esteve lá e viu a nossa ruína.

A porta bateu outra vez e meus olhos queimaram a madeira de onde vinha o som. Esperei alguns segundos.

— Não vai abrir?

— Não quando sei exatamente o que me espera. — Deixaria a porta bater até que quem quer que estivesse ali, desistisse.

Os olhos de Polly remediaram entre mim e a porta, e lhe lancei um olhar em um aviso claro. Mas ela era curiosa demais e estava disposta a deixar o caos nos inundar. Eu vi isso quando seu sorriso ampliou.

Cerrei os dentes quando a minha ~~cobra~~ amiga levantou-se da sua cadeira e caminhou até a porta, abrindo-a de imediato. Tombei a cabeça para trás, não querendo enxergar o que tinha chegado.

A raiva ameaçando se instalar no meu âmago, se houvesse mais flores horríveis iria fazê-lo comer todas.

Dobrei a cabeça quando uma Apolline silenciosa ainda estava na porta, estagnada.

O que Dominic havia aprontado desta vez? Arrastei meus pés até a entrada, querendo saber o que tinha de errado.

Incredulidade me encheu junto com uma faísca perigosa de raiva queimando meu corpo.

O corredor estava interditado e, por cima de um dos arranjos que estava na porta, havia uma foto de Oscar em uma polaroide recente, em frente a uma torre antiga que conhecia bem demais.

"*Se quiser Oscar, terá que buscá-lo comigo agora. Ou não haverão mais bons-dias feitos de lambeijos*"

Respirei fundo, lendo o papel três vezes. Eu podia ignorá-lo e enfrentar as próximas semanas dolorosamente sem Oscar. Não duvidei que ele faria isso, pois como eu já tinha o sequestrado por semanas, ele também já havia feito. E era uma merda. O que me fez bobear na minha decisão foi a falta de paciência em saber que ele não pararia.

Então, calculando provavelmente a minha derrota, fui ao encontro do motivo que Dominic havia interditado a porra do meu corredor, de caixinhas de veludo vermelhas e lírios-roxos.



A raiva era uma perigosa emoção a experimentar quando se está prestes a assassinar alguém. O tempo no carro tinha feito estragos nos meus pensamentos.

— Eu espero que o que esteja armando, seja muito importante porque eu juro, Dominic, eu juro que o seu rosto não vai estar tão perfeito em alguns minutos — foi a primeira coisa que despejei quando pulei do carro e o encontrei na larga calçada com um olhar desafiador. Bati os dedos em seu peito, nervosa.

Ele estava me esperando, o idiota estava me esperando. Claro que estava. Respirei fundo, me preparando para enfrentá-lo. Meu coração retumbando em meus ouvidos. Meu sangue correndo quente pela expectativa do embate.

— Que bom que chegou, bruxa. — Mas havia algo em seu tom que me fez parar.

Hesitei por alguns segundos enquanto observava seu rosto e tentava entender em que pé estávamos.

— O que caralhos acontece com a sua cabeça?

— Gostaria que jantássemos juntos — disse simples e controlei minhas mãos para não voarem em seu rosto cínico.

— E onde está escrito que o que *você quer,* é o que *eu quero?*

Dominic molhou os lábios, fazendo pouco caso das minhas perguntas:

— Por que ainda não leu os meus e-mails?

— Cadê o Oscar?

— O seu carro está estacionado de um modo ridículo — acusou, me ignorando novamente.

E fechei os olhos, não querendo surtar. Em seguida, o encarei com uma calma fingida.

— Hoje é um ótimo dia para eu não me importar.

— Ele vai ser rebocado — continuou o assunto e cerrei meus olhos, medindo-o.

Jantar com Dominic poderia dar tão errado.

Abri um sorriso falso e bati a chave em seu peito:

— Ótimo dia para ser um Clifford.

Então, quando sua mão foi de encontro à minha, que estava apoiada nele segurando a chave do carro, soltei-a, lhe dando as costas e caminhando para dentro do grande portal que tinha como recepcionista uma moça ruiva com um uniforme vermelho-vinho.

Suspirei alto ao entrar no restaurante, impossibilitada de deixar que a raiva atrapalhasse toda minha minuciosa admiração que suspirava sempre

que cruzava as portas de um dos meus lugares favoritos em Bash.

BellRios era um dos restaurantes nomeados e criteriosos no centro da cidade, e sua estética clássica era uma extensão do imenso teatro que havia ali agregado. Era um lugar bonito, com o teto desenhado em vidros e lustres no tom ambiente, trazendo um certo conforto. Nas paredes, grandes obras estavam expostas em quadros retangulares, com bordas trançadas combinando com todas as molduras bordadas em cada canto do lugar.

Não estava muito cheio, o que me levava a pensar que alguma apresentação ainda estava acontecendo ao lado. Eu era uma fã do espaço, e sempre que era possível dedicava todo meu tempo e dinheiro às perfeitas sinfonias que se faziam presente no palco.

A ópera era uma boa atração para se ver em Bash, como os concertos ou musicais de ballet. Lembrei-me de quantas vezes tinha feito essa mesma programação, e como a energia caótica do restaurante surgia após sairmos extasiados e sem fôlego de uma apresentação recente.

Era uma experiência única assistir algo no Teatro BellMonte. E eu era suspeita para falar, pois era um dos meus lugares favoritos em Bash. Era uma paixão.

A presença forte de Dominic invadiu meu lado esquerdo e a calmaria que estava começando a se instalar foi embora em um rompante, deixando que a rispidez tomasse as rédeas dos meus sentidos, lhe presenteando como meu melhor olhar *"faça alguma merda e ateio fogo em você"*.

O que com certeza não mudava em nada seus possíveis planos para essa noite.

Ainda não sabia porque tinha me infernizado para estar aqui, havia tantas possibilidades… Eu sabia que poderia ser difícil estar em um dos meus lugares favoritos com Dominic, mas não achava que seria perigoso seguir o seu roteiro até entender em que pé estávamos.

Atacar sem saber o alvo era um tiro no pé.

Suas sobrancelhas arquearam, como se tivesse entendido minha linguagem, e o movimento dos seus lábios em um repuxar perverso e cheio de segundas intenções me confidenciaram seus próximos passos.

— Não se atreva — rispidez abraçava minha voz, e me apressei a procurar uma mesa vazia para sentar. Dominic não ia encostar em mim.

Logo uma *hostess* veio ao meu encontro, informando que havia uma mesa separada para nós, e não me censurei em lançar vários olhares de

morte para Dominic enquanto caminhava entre elas que estavam cobertas com forros nas cores branca e dourada. Passei pelos dois degraus que separavam outro piso mais reservado, até chegar às mesas embutidas que tinham estofados conjuntos, mais afastadas da entrada.

Agradeci a moça gentilmente — com ela eu poderia ser muito gentil — e logo Dominic ofereceu o banco à sua frente, indicando para que eu me sentasse. O fuzilei com os olhos. *Nem a pau.*

Em desafio, sentei-me no banco oposto, que era um conjunto estofado ao invés de lugares particulares. Eu não ficaria de costas para surpresas futuras.

O que pareceu um grande erro quando me dei conta do que tinha feito.

Dominic sorriu e empurrou meu corpo para o lado, para que ficasse na ponta, me fechando. Minhas unhas afundaram nas palmas. Tentei empurrá-lo para que saísse.

— Você pode se sentar do outro lado, há lugares suficientes. — Travei o maxilar, sentindo sua perna queimar a minha. — Ou saia da minha frente que irei mudar de lugar.

— Está com medo de ficar tão próxima? — O tom era provocativo, e o seu sorriso estava longe de ser amigável.

Sim.

— Saia — eu disse.

— Estou bem confortável aqui

— Eu não estou confortável aqui!

— Esse problema é inteiramente seu.

Sentia meu sangue quente, minha respiração estava acelerada e quis me bater por ter sido tão burra. Mas eu o esganaria primeiro, com certeza.

A moça que nos recepcionou retornou com uma garrafa de vinho em um balde de gelo e duas taças. Ela nos serviu com tamanha gentileza que quase a expulsei da mesa de tanta lentidão.

— Anda, e saia do meu lado. Não vamos ficar no mesmo lugar.

— Eu não te forcei a sentar *aí*.

— E eu não falei que você poderia sentar *aqui!*

— Fatalidades da vida. — Deu de ombros.

— Dominic, estou lhe avisando, não irá sobrar nenhum dente se não trocar de lugar!

Mas seu olhar cínico me disse que ele não estava nem aí para minha ameaça.

Respirei fundo, enchendo meu peito. Se ele não saísse, eu iria sair. Eu não podia ficar aqui à sua mercê. Não depois de tê-lo provocado na mansão Willians. Era certo que ele daria o troco. Porque era o que eu faria se fosse ele. É o que faço quando ele me aperta.

Levantei-me, ficando um pouco inclinada, porque o espaço entre o estofado e a mesa era curto, e recebi um arquear curioso de Dominic, que pareceu ficar estático me observando. O lugar não estava tão cheio, e ali onde estávamos era mais afastado de olhares curiosos. Meus movimentos passariam imperceptíveis.

Eu podia fazer isso.

Dando mais uma olhada ao redor, virei-me de costas para a mesa.

— Idiota — sussurrei alto quando seu corpo relaxou no encosto, me dizendo que assistiria de graça a palhaçada que estava me submetendo. Mas era melhor do que ficar aqui presa pelo seu corpo à sua mercê.

Com a mão estendida para baixo, preparada para arrumar a minha saia midi, caso levantasse, passei uma perna cuidadosamente por cima da direita dele e não olhei para baixo quando senti suas pernas se mexendo, abrindo mais. Ele estava tentando dificultar minha passagem, mas eu ia passar de qualquer jeito.

Mesmo que a proximidade de nossos corpos começasse a trazer um calor involuntário às minhas pernas, quase podia sentir sua palma próxima a minha pele, queimando.

Com as duas pernas por dentro das dele, fingi que não senti ou vi suas mãos se abaixando para me cercarem também. Segurei um fôlego e tentei me equilibrar para não correr o risco de cair direto em seu colo. Isso seria terrível. Só mais uma perna e estaria livre. Fácil. Não arrisquei olhar para o seu rosto, não queria provar do seu olhar ameaçador ou perverso. Não queria perder o compasso do coração e perder a atitude ao me deparar com os orbes escuros.

Deslizei mais uma perna, ficando com a sua esquerda entre as minhas. Perfeito. Quase lá.

— Da próxima vez que me mandar lírios, irei te fazer comer toda terra de seus vasos idiotas — alfinetei quase comemorando a minha vitória.

Levantei devagar a outra perna para que nada fosse comprometido. Perfeito. Tinha conseguido. Estava livre da prisão corporal de Dominic. Lhe

presenteei com um sorriso forçado. Poderia ir até embora e deixar o idiota aqui, se enchesse demais minha paciência. Enchi o peito, preparada para lhe mandar se ferrar.

Mas cantei vitória cedo demais.

Dominic agarrou minhas duas coxas, pois ainda estava perto o suficiente, fazendo um arquejo sair por meus lábios. Arregalei os olhos. O lugar pegou fogo e meu coração deu um pulo, estava quase sendo derrubada pela gravidade para cima dele, e algo perverso passou por suas íris, fazendo com que minhas pernas colassem uma na outra. Tentei controlar a respiração.

— Gosta de estar por cima? — Suas mãos desceram para trás dos meus joelhos e os balancei involuntariamente, na tentativa que elas soltassem. Seu aperto era firme, não o suficiente para machucar. Ainda assim, me senti presa pela força.

— O que está fazendo?

— Quantas ameaças vazias sairão da sua boca até que perceba que a única ameaça aqui é você?

Meu rosto nublou em confusão e balancei minhas pernas para me afastar. Seu aperto se manteve.

— Dominic, o que-

Meu coração dava galopadas fortes.

— Me diga o valor de suas ameaças e o quão insignificante foi descartar uma pessoa inocente por estar no seu caminho? Ou melhor, quem *ceifa* seus pesadelos, bruxa?

Como um corte afiado na espinha. Como um mergulho em águas congeladas. Como álcool em uma ferida feia e infeccionada. Meu coração estava batendo forte por vários motivos e nenhum deles era pela sobrevivência.

Eu tinha entendido rápido demais a sua insinuação.

— Eu não sei sobre o que está falando — engoli em seco.

De repente, todo o meu corpo estava ciente demais do espaço entre nós, e o era muito pequeno para nós dois.

Precisava fugir.

Dominic se aproveitou do momento em que minha mente paralisou todos os meus movimentos de surpresa e dedilhou minhas pernas expostas, comendo o meu orgulho com os olhos. Me desnudando. Cretino da porra.

Ele estava falando das enfermeiras que eu paguei, e no momento não sabia até que ponto ele iria. Ou que ele sabia. Ele estava jogando verde?

— Lábios mentirosos. — Seu tom era ameaçador, o que causou arrepios por todo meu corpo. Não era medo, nunca, era expectativa e excitação.

Fui nocauteada para o estofado novamente, Dominic me sentou ao seu lado esquerdo.

Ainda estava um pouco paralisada. Não esperava por esse golpe. Não esperava que ele tivesse optado por ser tão aberto. Eu não conhecia esse jogo. Ele estava me expondo e esperava que eu o ajudasse.

Senti a raiva queimar minha garganta e uma súbita queimação se fez em meu estômago. Algo estava se quebrando dentro de mim.

Com uma força que não tinha, tentei me levantar, mas o cretino, ainda com as mãos em minhas coxas, me segurou. Travei o maxilar e iniciamos uma batalha silenciosa. Seus olhos me desafiando a atravessá-lo enquanto eu lutava miseravelmente para manter minhas barreiras.

— Me deixe ir — eu poderia facilmente ter rosnado como um cão raivoso.

— Não.

Mordi minhas bochechas, engolindo toda amargura que havia se esticado entre nós.

— Por que estamos aqui?

Mas o seu semblante, ainda sério, despejou:

— Vamos comemorar.

— Comemorar a data do seu velório?

— Comemorar. Apenas… Comemorando — havia algo não dito.

Quando tentei me mexer para tentar afastar o milímetro de espaço entre nós, Dominic passou o braço atrás das minhas costas e grudou nossos corpos, apenas para depois esticar o outro braço e levar uma taça, que ainda estava cheia, aos lábios.

Como se a sua falta de educação com o meu espaço não fosse nada.

Queria fazê-lo engasgar com seu próprio vinho.

Estava acuada.

E antes que a minha imaginação começasse a discorrer várias respostas mal-educadas para lhe presentear e iniciar outra tentativa para sair dali, dois rostos idênticos entraram pelo arco da entrada, com passos relaxados, acompanhados de uma cabeleira loira.

Ótimo, combate ao fim do mundo.

Fiquei rígida enquanto esperava nossos amigos se aproximarem, e não fiz nenhum movimento para lhes cumprimentar quando chegaram até nós.

O que, claro, causou olhares curiosos e divertidos em nossa direção. Já que Dominic também não se levantou para fazer seus honrosos apertos de mão. Dominic não ia correr o risco de me soltar e eu ir embora. Então quis queimá-lo por inteiro com meus olhos por estarmos nos prestando a esse papel ridículo.

Chuck me lançou um sorriso divertido enquanto Christoph balançava as sobrancelhas em um gesto totalmente zombeteiro.

— Meu casal favorito — veneno escorria da boca de Christoph.

— O nosso. — Zaki pôs a mão no peito, como se estivesse ofendido.

— Muito piadista, vocês — lhes dei um sorriso falso. — Calem a boca.

Chris levou a mão ao peito, como se tivesse doído a minha fala, e foi o último a sentar, jogando-me uma piscadela e ficando na minha frente.

— Estou todo arrepiado — Zaki disse sério, chamando minha atenção.

Gostava de como Christoph tinha virado um bom amigo, mesmo com piadinhas escrotas, elogios indecentes e a mania incessante de dar em cima de qualquer pessoa que não estivesse ao seu alcance. Ele era essa pessoa que não tinha papas na língua.

Seu irmão e Zaki sentaram ao seu lado, ambos com o semblante em completa diversão, quase podia ouvir suas gargalhadas altas e horrorosas.

Então revirei os olhos, não podendo ficar com a cara amarrada por tanto tempo. Por mais estranho que Dominic e eu estivéssemos, por mais distantes e completamente machucados e magoados que estivéssemos, eles ainda eram nossos amigos, e não mereciam minha amargura. Porque tinha um grande carinho por eles, ainda que fossem meio babacas.

Como agora.

— O que há de tão engraçado? — disse ríspida, desistindo, chamando a atenção dos três à minha frente.

— A vida é muito engraçada. — Zaki deu de ombros e dobrei o rosto para Dominic, que mantinha o semblante sem expressão. Seus braços firmes ao meu redor.

— Muito engraçada — Chuck concordou e levantou a mão, chamando o garçom.

Estreitei os olhos entre os quatro.

— Eu espero *mesmo* que a piadinha interna não tenha meu nome no meio.

— Isso é quase impossível, gata. — Chris balançou as sobrancelhas. — Esqueceu que somos obcecados por vocês? — zombou.

— Vocês são péssimos mentirosos.

— Não pior que vocês — Zaki alfinetou e não me prestei ao trabalho de procurar o que queimava o lado direito do meu rosto.

Tentava não pensar muito em como minhas costas estavam quentes ou em como suas mãos estavam relaxadas demais em mim. Tentei consertar meu corpo, afastando alguns centímetros, com o pensamento de que ele estava atento a outras coisas… Meus movimentos pararam antes mesmo de se concretizarem. Um palmo de distância para o lado e fui puxada novamente.

Um jovem rapaz, que também usava um uniforme vinho, anotou nossos pedidos. E as risadas silenciosas não pararam.

— Vocês vão falar agora — exigi e todos se calaram, olhando para Dominic, que não falou nada. — Todos agora ficaram mudos?

Chris abriu a boca e sorriu, me olhando.

— Temos um apaixonado entre nós — ele disse sorridente e Zack o olhou, horrorizado.

— Não ficou sabendo? — Chuck divertiu-se e aproximei-me mais da mesa, curiosa.

— Zack está namorando?

— Por que seria eu? — Zack ralhou com uma cara fechada.

— Você foi o único que disparou um olhar de morte.

— Eu não tenho nada a dizer — finalizou o assunto.

— Um dia vamos conhecê-la? — perguntei, esperando que fosse uma boa garota.

Então Chris e Chuck explodiram em risadas e revisei os olhos entre os dois machos.

— Vocês estão brincando comigo? O que há de errado com vocês?

Mas todos, de repente, se calaram e eu vi por milésimos de segundos, *milésimos,* cada olhar desviar rapidamente para minha direita.

Eu havia entendido o recado. Uma ordem.

— Ficou sabendo do novo membro da *Speak*? — Chris fugiu do assunto e cerrei meus olhos, fuzilando-o.

Era sempre essa palhaçada, jogavam a bomba e fingiam que estava tudo bem. Encostei meu corpo no estofado, me esquecendo do braço de Dominic. Voltei a posição ereta ao mesmo tempo.

— Ele é lindo, vai ser nossa aposta esse ano. Espero que o nosso *Jockey* faça bom uso.

Speak era o *jockey club* da região, ficava a alguns quilômetros da cidade e tinha como sócios fiéis os cavaleiros na mesa.

— Precisamos de bons músculos para o Turfe esse ano. — A voz de Dominic sou firme e percebi que ele não havia falado em nenhum momento até agora.

— Um lindo puro-sangue inglês — Zaki admirou.

— Acho que há uma certa obsessão por animais com quatro patas — impliquei. — Devo me preocupar com a falência de vocês?

— Ninguém está julgando o valor absurdo que você leiloou em uma bolsa de quinze centímetros há algumas semanas.

— Bolsas são investimentos — me defendi.

— Cavalos também são *investimentos* — Chuck afirmou, ajudando o amigo.

— Vocês estão comparando corridas de cavalos com bolsas?

Ouvi um murmurar baixo ao meu lado.

— Você já viu alguma bolsa precisar de manutenção? Enquanto a minha bolsa de quinze centímetros está dobrando de preço com os anos, os seus cavalos gastam metade do seu valor em menos de um ano — expliquei sucinta e ganhei quatro reviradas de olhos.

Nesse momento, um verdadeiro banquete foi posto na mesa, e fiquei observando enquanto olhos atentos brilhavam e davam olhadas generosas para o decote das duas moças que nos serviam. Eu não merecia isso. Bufei, dobrando a cabeça para esquerda e encontrando Dominic mexendo no celular. Uma espiadinha…

Seus olhos encontraram os meus, me queimando, e desviei o rosto.

O clima mudou para um rumo sobre apostas, competições e jogos com cavalos. Era o assunto que mais rendia brincadeiras e perda de dinheiro entre eles. Então começamos a comer enquanto eu caía em uma espiral de pensamentos sem respostas, a qual refazia meus passos até o momento, me perguntando o que Dominic sabia. Já tinha entendido o recado sobre o

convite da noite, ele queria me confrontar e ver o que tiraria de mim. E eu até me senti fraca em sua presença, o seu olhar mexendo comigo e me deixando sentir o que várias vezes tentava esconder.

Ao dar o último gole na taça de vinho, percebi que Dominic já não estava mais me prendendo. Minhas pernas e corpo estavam livres.

Olhei para minha direita, espiando seu rosto. Seu maxilar movimentando-se em lentidão, o pomo de Adão subindo e descendo com as goladas do líquido vermelho, os lábios pressionados numa vã tentativa de não dar crédito a alguma baboseira que seus amigos idiotas disseram.

— Seu carro está no estacionamento — falou sem olhar pra mim.

Poderia ouvir aquilo como uma ofensa por ele estar me dispensando, mas o sentimento de alívio correu pelo meu corpo. Dominic deve ter reparado em meu olhar pesado sobre seu rosto. E quase ri comigo mesma, porque, no final, ele também não suportava ir até o fim. Era demais.

Quebrando meu contato com seu rosto, revirei os olhos e levantei. Por hoje era só. Chegaria em casa o mais rápido possível e pensaria com clareza nos meus próximos passos.

Sem muitas despedidas, deixei-os para trás, seguindo para onde eu quis ir à noite toda: ao teatro. Não sabia se havia acontecido alguma apresentação, já que o clima do restaurante se manteve estável, mas não me apeguei a isso, só desejava entrar no meu lugar favorito.

Assim que empurrei as portas do teatro, meus orbes seguiram para o teto, como sempre. Observei com calma os desenhos, redecorando os detalhes que tanto amava. Apesar das portas destrancadas, não tinha uma só pessoa além de mim; o que não era uma reclamação.

Caminhando pelo chão forrado em um tapete crespo rubi, fui adentrando a enorme estrutura que abrigava os melhores talentos de Bash.

Eu tocava algumas vezes na semana junto à orquestra local, ou sozinha quando conseguia me encaixar em suas grades. Não importava o que *me* acontecia, não conseguia deixar a música, ela era como um ar fresco em uma queimadura muito feia. E andar pelo teatro me trazia uma espécie de paz. Quase podia ouvir sinfonias e acordes vibrando através das paredes.

Quando cruzei a porta do auditório, onde ficava o palco principal, um frio na espinha me embalou e atentei-me a ouvir algum barulho diferente. Não parecia ter ninguém aqui, e embora o teatro fosse um lugar

seguro, não era ingênua para achar que estava salva de qualquer maldade entre a sociedade de Bash.

Desci os curtos degraus acarpetados que levavam para o palco abaixo. Era um corredor estreito e longo, e não me impedi de caminhar. Estar sozinha aqui me causava pequenos calafrios. A mistura de estranheza e felicidade contornou meu corpo

A nostalgia me embalou quando atingi os últimos degraus. Acho que também tinha uma certa fascinação por concertos, pois conseguia imaginar a minha posição no palco.

Então fiquei alguns minutos ali sozinha, com a cabeça pensando muito mais do que dava conta.

Respirando fundo, eu sabia que estava na hora de ir embora, não queria ser acusada por estar invadindo locais alheios. Mesmo que considerasse como casa, sabia que tinha que ter autorização para estar aqui. E poderia ficar presa se alguém decidisse ir embora sem conferir se tinha mais alguém no teatro.

Mas quando estava subindo, ouvi o barulho de algo sendo arrastado e então passos apressados. Fiquei estática, tentando ouvir mais, meu corpo entrando em alerta. Franzi o cenho olhando para trás e tive que piscar duas vezes para me convencer do que estava vendo.

O meu cachorro estava no meio do teatro sentado e com a boca aberta.

Paralisei por alguns segundos, assustada, imaginando se poderia ser outro animal. Mas a coleira dourada com um *strass* de letras específicas e desenhadas em prata A e D o marcava.

Seu latido ecoou pelo teatro, me tirando do transe, e desci os degraus que tinha subido e preparei-me para receber o baque do seu pulo quando o vi correr em minha direção.

— O que está fazendo aqui? — Abaixei para acariciá-lo e perguntei, mesmo sabendo que não ia ter alguma resposta.

Com certeza tinha dedo de Dominic nisso, e estava curiosa e intrigada em saber o motivo do surto dele para trazer um cachorro a um teatro. Mas que merda? De todo modo, levaria Oscar para casa.

Ele se entranhou em mim, quase me derrubando.

Segurei sua coleira, impedindo de rolar para cima de mim e algo em sua coleira me chamou atenção, na parte de baixo, uma pequena embalagem

de veludo branco. Puxei-a de Oscar, tateando para saber o que tinha ali antes de abrir.

Era outra caixinha de veludo.

Rolei os olhos, *sério isso?*

Logo percebi que não estávamos sozinhos, e um Dominic quieto aguardava do lado direito, perto do palco, de onde Oscar havia saído decerto.

Ele tinha um olhar sombrio, e querendo acabar com sua provocação, abri a caixinha para ver o que tinha escrito dessa vez.

Meu sangue esquentou e uma raiva genuína me atingiu em cheio ao perceber o que estava acontecendo quando a joia brilhou com o reflexo da luz acima de nós e um pedaço de post-it grudado na parte superior chamou minha atenção.

“Você não vai fugir de mim”

Era a porra de um anel de noivado.

Dominic estava me pedindo em casamento e eu não sabia o quanto eu tinha me ferrado.

19

ANEL(AR)

AUGUSTA VENDETTA

Eu devia ter imaginado que algo bom não viria dessa noite.

— O quê…? — Queria externar todo o horror que passava pela minha mente, sentia minhas mãos gélidas e engoli em seco, tentando afastar o nó que se formava ali. Palavras fugiram da minha boca.

— Aposto que não é burra para me perguntar o que um anel de noivado significa, bruxa.

Cerrei os punhos e permiti que a raiva inundasse cada poro, cada célula do meu corpo.

— Não.

— Pelo menos nisso concordamos, porque sabemos que um cérebro burro não faz perguntas óbvias.

— Não.

Dominic arqueou as sobrancelhas.

— Não?

— *Não*.

Algo estalou em seus olhos e seu semblante não era nada menos que *cruel*. Dominic gargalhou. Depois deu três passos largos em minha

direção.

— Acho que temos que rever o *QI* do seu cérebro. Achei que tínhamos concordado.

Bufei, ventilando raiva.

— Minha resposta ainda é não.

— Você vai aceitar.

— Eu não sou obrigada a aceitar.

Dominic gargalhou novamente.

— Não faça isso consigo mesma.

— Podemos assinar o contrato nupcial sem precisar usar um anel.

— Eu faço questão.

— Eu posso viver sem *isso*. — Agora eu estava tratando a joia como algo que me queimaria se eu ousasse encostar muito.

A joia ainda estava aberta na palma da minha mão e a vontade de jogá-la longe me assolou. Dominic deu um passo em minha direção e senti Oscar se agitar em meus pés.

— Coloque o anel.

— Não.

— Me dê sua mão para que eu coloque, então.

— Não. — E assim como uma criança que esconde doces, lancei minhas mãos nas costas e fechei a caixinha dentro da palma.

Senti o focinho de Oscar xeretar entre meus dedos.

— Não torne isso difícil, bruxa, eu não me importo de enfiar esse anel no seu dedo de *qualquer* modo.

Mais alguns passos dele e meu coração pulou em ansiedade pelo que estava por vir. Ele estava próximo demais. Engoli em seco, sentindo seu perfume em meus poros. Odiava ter sempre as mesmas reações diante dele. Odiava me trair quando se tratava dele.

— Pelo que me lembro, os *meus* dedos ainda são meus — batalhei, hoje não era um dia de perdas. Sempre que ele se aproximava demais, conseguia arrancar algo de mim e não estava disposta a lhe dar o que queria. Não depois de sua insinuação mais cedo no BellRios.

— Se não me der a sua mão, Augusta, eu não vou me importar de pegar a porra do anel e enfiar na porra do seu dedo anelar. Eu não me importo com o que saia da sua boca mentirosa, só me importo que esse anel esteja colado em seu dedo.

— Vou arrancá-lo antes que isso aconteça.

— Isso me parece um desafio.

— Isso me parece uma rejeição que você não está lidando muito bem.

Sua língua estalou e algo dentro de mim tremeu. Soltei uma longa respiração, sentindo meu coração bater em todas as partes do meu corpo.

Nos encaramos e decidi que não iria ceder, mesmo que o meu corpo traíra reagisse às suas provocações mais rápido que meu cérebro.

— Você quer que eu me ajoelhe? — Um tom perverso ainda tocava seus lábios, e tudo começou a ruir lá fora. Me remexi inquieta, impossibilitada de sair do lugar. Eu não conseguia me deslocar, os olhos de Dominic me aprisionaram e a cena dele ajoelhado diante de mim me fez hesitar alguns instantes. E ele me leu. Os lábios abriram e depois se prensaram, contendo algum sorriso que ele não quis me dar: — Parece que tenho algo a fazer.

— Não se atreva — quase rosnei com o coração alcançando minha garganta.

— Eu não me importo de me ajoelhar se é isso que você quer, *amor.* — O tom parecia doce, mas as intenções não tinham nada disso. Era perverso, maldoso e vil. — De novo. — Sorriu sacana.

— Dominic…

Era tarde demais para mim e eu soube disso no instante em que seu joelho direito foi ao chão e um brilho cruel assombrou seus olhos. Os meus estavam arregalados e o meu corpo tentava se mexer, sem sucesso. Estava vidrada, não conseguia desviar os olhos do homem à minha frente. Não conseguia não trazer o passado à tona quando já tinha imaginado essa cena tantas vezes e nenhuma tinha doído tanto. Tinha me ferido tanto.

Porque não era sobre amor, era sobre vingança.

Era sobre a minha covardia de ter desistido de nós.

Ainda atordoada, encarei seus olhos que me diziam que ainda ajoelhado, era ele quem estava por cima, era ele quem estava ganhando. Dominic não tinha medo de mexer com seu orgulho, não tinha medo de expor a verdade mais dura, em busca de qualquer resquício de mim. E isso o fazia ganhar todas as batalhas. Nada o atingia.

— Gosta de me ver assim?

Brasa se alastrou em minha pele quando duas mãos grossas seguraram minhas coxas e minha respiração engasgou ao perceber quão

perto estávamos. Um risco desnecessário e um ato amador. O veludo queimava em minhas mãos e a raiva me encheu de frustrações e amarguras.

— Não me admira que, mesmo depois de eu tê-lo quebrado, ainda goste de se ajoelhar para mim — ataquei, tentando buscar um resquício de orgulho.

Esperei que o seu sorriso vacilasse, mas a minha fala pareceu só despertar mais ainda a perversidade em seus olhos.

— Corações partidos batem mais forte do que você imagina.

Como álcool em uma ferida aberta. Nada era sobre como ele tinha se machucado, mas, sim, sobre *como eu* o tinha machucado.

Dominic era cruel, usava sua dor para me atingir porque sabia que ao menor sinal eu fugiria. Ele estava aberto a superar, e isso fazia com que ele fosse melhor em suas artimanhas, já eu, não. Ao menor sinal de sentimentos mal resolvidos, eu fugia.

E era o que eu iria fazer.

Em um estalo de segundos, dei um passo para trás, despertando do êxtase.

Se não pode vencer, fuja.

E foi o que fiz, em um instante, estava parada encarando suas mãos que grudavam minhas coxas, em outro, estava jogando a caixinha em seu colo e dando passos largos para longe dali. Quase correndo.

Sem olhar para trás, subi a passadas largas os pequenos degraus acarpetados que me levavam para saída do auditório, e não me arrisquei a olhar para trás.

E apenas uma gargalhada alta e nada divertida foi ouvida. Meu ventre pesou com a adrenalina e meu coração saiu pela boca.

Oscar latiu atrás de mim, mas não me virei para saber se estava me seguindo ou não.

Meus passos eram firmes e até considerei tirar os saltos para caso precisasse realmente correr. Eu me sentia a pessoa mais ridícula, correndo pelo teatro após ser pedida em casamento. Seria cômico, se não fosse trágico. E eu até riria por meio ano se não fosse menos covarde.

Porra, eu o tinha deixado, por que merda ele ainda insistia nessa maluquice toda?

Por que merda ele ainda queria casar com a pessoa que tinha partido seu coração?

Me apressei, despertando meus pensamentos confusos. Eu teria que dar um basta nisso. Não tinha mais tempo de descobrir o que Dominic sabia sobre a noite do incêndio, não tinha tempo para brincar de apagar pistas enquanto Dominic me sufocava com sua presença.

Quando estava próxima das duas longas portas que dava saída para rua, ouvi Dominic de longe, ele estava cantando meu nome em um tom irônico. A minha respiração engatou.

Levei as duas mãos para abrir passagem para a liberdade. Correria para o carro e aceleraria com toda velocidade para casa. Quase podia sentir o alívio em meu peito. Fugir é melhor que ficar.

Dei um longo suspiro quando cheguei ao hall, então empurrei a porta pesada para fora, ar puro e liberdade… Meu coração disparou quando ela não se mexeu. Empurrei o outro lado e tentei puxá-la para trás. *Talvez ela abrisse dos dois lados.* Nada. O pânico me tomou. Balancei a porta, provocando um leve estremecer da madeira polida, mas nada, nem um sinal de que abriria.

Não, não, não, não. Ele não tinha feito isso.

Eu senti mais do que ouvi a presença densa de Dominic atrás de mim.

— Não consegue sair, *amor*?

Engoli em seco e desejei ter super força para derrubar aquela merda de porta. A raiva preenchendo cada poro.

— Está tão desesperado assim que precisa me prender para garantir que eu use uma porcaria de anel?

— Assim você me insulta — disse com uma voz ofendida, fingida. E não me arrisquei a olhar para trás, olhar para a madeira me dava mais coragem. — De forma alguma, eu precisaria te prender para enfiar um anel no seu dedo.

O cheiro amadeirado misturado com menta e canela me inundou, e soube que estava a poucos passos das minhas costas. Cerrei os punhos, tentando controlar os batimentos.

— Mas, talvez… — sua respiração estava próxima do meu pescoço. Soltei o ar pela boca, querendo desesperadamente que o meu corpo me ouvisse. — Talvez eu precise te prender para outras coisas, já que sabemos que você tem algumas *manias de fuga.*

Eu estava lutando para me manter em pé. Mas sabia que não duraria muito. Eu nunca durava. E odiava isso.

Então, de novo, eu tentei fugir, escapulir para longe dele. Rumei para o corredor em busca de espaço, poderia ficar circulando o teatro a noite toda, se fosse para não ficar perto de Dominic. Mas não fui rápida o suficiente, ele me pegou no quarto passo, só para me prensar no corredor largo, e segurar minhas mãos perto da minha cabeça. Seu rosto estava tão perto que as nossas respirações se mesclavam. E um brilho perverso transpassou seus olhos. Tentei soltar minhas mãos, mas o agarre era firme. Estava presa.

— Estou começando a achar que seus movimentos querem me dizer algo.

— Ir embora é um deles.

Vi o vislumbre de Oscar no hall de entrada, Dominic devia ter dado ordem para ele ficar, pois estava deitado com as patas cruzadas. Encarei seus olhos de forma felina, pronta para atacar e tentar me soltar. Se eu não fosse embora, as coisas não terminariam bem. Pelo menos, não para o restante estilhaçado do meu coração.

— Ainda não sabe que *quem procura demais acha*? Não tem medo do que pode encontrar aqui? — despejei toda raiva que estava transbordando do meu peito. — Talvez a sua busca maníaca por algo que não vai encontrar esteja fadada ao fracasso.

— Minha bruxinha, eu nunca terei medo do que posso encontrar. — Levou o dedo ao queixo. — Eu nunca terei medo de te desnudar por inteira.

Tentei mexer meus braços, mas estavam firmes na parede. Minhas pernas balançaram inquietas, e meu fôlego foi se perdendo eventualmente por causa das expectativas de nossos próximos passos.

— Me deixa ir — rangi os dentes, com o sangue liquefazendo.

— Não — sussurrou, abrindo os lábios e soprando os meus com seu hálito de menta. — Vamos jogar.

Meu coração tropeçou nas batidas.

— Não — me desesperei.

— Está com medo, pequena bruxa?

— Não.

Dominic abaixou o rosto, ficando na minha altura, seu corpo agora me cobria todo. Suas mãos estavam presas na parede segurando meus dois pulsos, então ele só tinha os lábios para me tentar.

— Então, o quê? Quer que eu comece a te interrogar sobre a quantidade absurda de dinheiro que anda saindo da sua conta? Ou podemos

ir mais longe com as suas mentiras?

Sentia que nossas vozes carregavam mais peso que o necessário.

— Invasão de privacidade é crime.

— Causar um incêndio também é crime, e vejamos, nenhum de nós está atrás das grades.

Dominic soprou meus lábios, me fazendo engolir em seco. Podia sentir seu gosto em minha boca, a maciez dos seus lábios molhados e a sua língua áspera lambendo cada pedacinho de mim. Apenas segundos depois, reparei em minha língua deslizando pelo lábio inferior para umedecê-lo de modo inconsciente. Dentro das minhas sandálias, meus dedos se escolheram em união assim que seu nariz se enfiou no meu pescoço, me cheirando, fazendo arrepiar todo o meu corpo.

Engolindo em seco com a ansiedade, me comendo.

Dominic estava alerta aos movimentos do meu corpo, como se estudasse as minhas reações e decorasse todas em uma parte secreta em sua cabeça.

— Vamos fazer assim, eu vou colocar esse anel no seu dedo de qualquer jeito, mas posso te dar uma escolha de como iremos atuar. — Havia animação em seu tom e meu ventre se contraiu com as possibilidades. Me atentei aos seus lábios convidativos. — Vou contar até vinte e seis e vou dar a chance que se esconda, se eu não te achar em cinco minutos, abrirei a porta e te deixarei partir…

Me remexi inquieta. A ansiedade criando cenários eróticos na minha mente onde os seus lábios molhados encontrariam os meus. Mesmo que soubesse que isso não aconteceria, não enquanto eu não pedisse, essa era a regra. E eu não ia pedir.

— … mas se eu a encontrar… — Meu coração estava em todas as partes do meu corpo. — Espero que jogue fora todos os anéis da sua mão, pois o diamante será a única peça que brilhará no seu dedo.

Colei uma perna na outra, querendo criar algum atrito. Com certeza a minha calcinha estava estragada, poderia até sentir meu líquido escorrer. Meus pés se remexeram inquietos.

Dominic se aproximou do meu rosto novamente, cheirando meu pescoço mais uma vez. Soprou o meu ouvido e ficou alguns segundos preso ali, enquanto eu me embriagava em seu perfume e cruzava as pernas de inquietação.

— Augusta? — sussurrou no meu ouvido.

— Sim?
— Corre.
Então, eu corri.



Eu gostava de conhecer o teatro, gostava de saber para onde ir sem precisar pensar muito.

Porque *pensar* era a última coisa que estava fazendo naquele momento, era puro instinto. E isso era uma terrível escolha, porque me fazia esquecer dos meus limites e planos.

Deixei que a adrenalina corresse solta no meu sangue enquanto tentava me convencer de que as coisas não tinham voltado ao normal e que eu ainda era uma traidora de merda.

Fui para os bastidores, onde sabia ter camarins e armários de roupa. Podia me esconder lá. E não foi estranho andar pelo prédio vazio, estava tão concentrada em não ouvir os passos de Dominic atrás de mim que o ambiente escuro passou a ser um simples borrão.

Bufei de raiva. Odiava que Dominic fizesse isso, me sentia uma adolescente tola correndo no pique-esconde com o garoto que implicava. Mas era impossível não entrar na sua pilha, não ceder aos seus jogos. Lá, no fundo, sabia que somente nesses momentos eu ainda poderia resgatar um pouco de nós. E era egoísta demais para aceitar que estávamos fadados ao fracasso.

Resolvi tirar os saltos e deixá-los no corredor, buscaria na volta. Por mais que o piso não fizesse barulho devido ao tapete que o cobria, ainda assim poderia ser um sinal de denúncia. E se fosse me esconder, faria direito.

Depois de ter subido as escadas e virado dois corredores, encontrei a porta que me levava aonde parte da Orquestra se preparava para subir no palco. O cômodo não era grande, era confortável, tinha um grande espelho grudado na parede oposta à porta, com uma extensa penteadeira.

Havia luzes rodeando todo espelho, suportes de pincéis e um vaso de flores falsas enfeitavam o espaço. Tinha pequenos quadros nas paredes, trazendo coloração ao lugar, muitos *puffs* e um sofá grande do lado

esquerdo. As araras de roupas com casacos bem arrumados tampavam a estreita porta branca que tinha na parede direita, onde estava o armário.

Ao entrar, comecei a contar minha respiração, querendo acalmar meu coração para que ele não denunciasse minha presença.

Olhei as horas no celular, contando quantos minutos tinham se passado. Exatamente uma e vinte e seis da manhã. Tinham se passado quatro minutos. Aguardei o tempo se arrastar enquanto nenhum barulho era ouvido do lado de fora.

Era excitante a espera, meu coração não cabia na boca. Ficava tentando ouvir barulhos e ruídos baixos que poderiam denunciar sua presença.

Então, esperei.

Nada.

Bufei frustrada e balancei a cabeça. Abri a porta do armário para ver se ele estava ali.

Nada. Sorri feliz. Idiota. Saí do armário, sete minutos haviam se passado, eu tinha ganhado.

Mas tudo estava silencioso, e os meus sentidos me alertavam que ainda não tinha acabado. Porque a merda do perfume de Dominic exalava por todo cômodo. Ele havia passado por ali.

Cerrei os olhos, vendo se tinha algo diferente na sala e demorei alguns segundos antes de abrir a porta sorrateiramente. Fui pega antes de dar mais um passo para fora, pega e prensada com todo seu corpo de volta para dentro do cômodo.

Arquejei surpresa, levando minhas mãos ao seu peito. O coração na boca.

— Te pegar de surpresa sempre me garante vitória. — Sua voz era baixa e a inquietação em meu ventre voltou a pulsar.

— Passou cinco minutos, eu ganhei. — Tentei escapar.

— Mas eu te peguei.

— Você está roubando

— Você sempre mente para mim, e nem por isso deixa de perder. — Em um movimento rápido, suas mãos agarraram meus pulsos.

— Me solta — ameacei.

Seu sorriso se ampliou.

— Não.

— Porco

— Mentirosa.

Dominic se abaixou, soprando meu pescoço, e senti toda minha determinação derreter. Minha respiração estava quente, se mesclava com a sua e eu já não sabia qual parte do corpo prestar mais atenção. Se eram minhas mãos presas, meu pescoço em chamas, ou minhas pernas que estavam sendo abertas pelo seu joelho direito.

— Está parecendo um maníaco atrás da minha mão.

— O que posso fazer se estou extremamente determinado a pôr um anel no seu dedo?

Segurei um pouco mais do fôlego quando uma de suas mãos soltaram meus pulsos, e agora somente sua esquerda me prendia, enquanto a outra descia pelo meu rosto e encontrava a pele sensível do meu pescoço que o sopro dos seus lábios tinha deixado. Engoli em seco, fechando os olhos automaticamente. As sensações me engolindo.

— Por que fez eu me esconder se não pretendia me deixar?

— Depois de anos ainda não aprendeu? É muito mais gostoso quando todos os seus sentidos estão ativos.

Meu corpo estava entregue quando Dominic pintou dois dedos sobre minha garganta e os arrastou pelo meu colo exposto. Seus dedos eram uma ameaça ao meu equilíbrio. Abri os olhos, sendo pega de uma só vez pelo rio petróleo. Era selvagem como seus olhos me comiam e tiravam todo o meu ar sem culpa alguma. Intenso demais, sufocante demais. Me sentia sem fôlego.

— Ainda se lembra do que prometi? — sussurrou na minha pele.

Os dois dedos de Dominic, que serpenteavam meu colo, desceram pela minha lateral, despertando cada célula por cima do cetim. Meu corpo estava estático, aguardando ansiosamente cada movimento, como se dependesse do seu toque para respirar nos próximos segundos.

Queria desviar os olhos para saber onde a sua mão estava indo, mas Dominic beijou meu pescoço enviando ondas de eletricidade violentas para o meu baixo ventre. Meus pés descalços se encolheram e meu corpo sobressaltou com o contato. Eu teria fraquejado se as suas mãos não tivessem me mantido no lugar.

Minhas pernas se mexeram e senti meu líquido escorrer nas minhas dobras. Queria esfregar as pernas uma na outra para aliviar a tensão, mas sua perna direita impediu antes que eu começasse a expelir seu corpo para longe. Desviei os olhos para cima, mordendo a língua.

— Há algo te incomodando?

Sim, muito.

— Preciso ir embora.

— Tão orgulhosa… Não consegue admitir que deseja aliviar toda essa tensão em meus dedos?

— Precisamos parar.

— Boca mentirosa.

Ainda no limite, fui empurrada para o precipício quando seus dedos pincelaram por cima do meu ventre. Minhas pernas se fecharam de imediato e foram presas agora por seu corpo, ele era mais forte e conseguia tudo que queria. E naquele momento, não estava mesmo ligando. Estava quase, *quase* cedendo. Seus dedos eram como uma carícia direta ao meu ponto de prazer, onde meus músculos sabiam exatamente o que esperar das suas mãos.

Com toda minha atenção presa em seus movimentos, minha respiração tremeu quando seus dedos tocaram minhas coxas, subindo mais a minha saia, que já estava bem acima da coxa pela tentativa falha de fechar as pernas. Meu coração estava batendo em cada parte da pele que Dominic tocava. Sentia seu cheiro misturado com o meu e o ar parecia mais quente a cada segundo.

Mordi os lábios, evitando falar. Eu não podia falar, se dissesse algo ou pedisse, ele venceria. Mesmo que o meu corpo estivesse gritando em alto e bom som como o desejo havia me tomado.

Minha saia estava em meus quadris, e tenho certeza que o sorrisinho satisfeito e cruel fora resultado do meu arregalar de olhos e da visão da minha calcinha branca. Como se aprovasse a peça e o estado que ela estava.

Eu queria alívio, queria que a sua mão fizesse tantos estragos em mim como tinha feito em todas as vezes que eu havia cedido, mas hoje não ia ter. Porque sabia que para isso precisava falar, pedir. E eu não estava disposta. Não hoje. Tremi de frustração, porque poderia gozar somente com o leve toque dos seus dedos por cima da minha calcinha.

— Eu poderia ser bom com você hoje, *amor*. Poderia te dar passe-livre por estar motivado a conseguir o que quero — um sussurro em meus ouvidos, como um gatilho para o meu corpo. — Você sabe como esse jogo funciona, você fala e eu faço. Não tem como adivinhar qual parte do seu

corpo dói mais e qual pede mais por mim… — soprou nos meus lábios: — Se você não me falar…

Fechei os olhos com força, tirando proveito das sensações que seus dedos me causavam por cima do tecido fino que cobria minha boceta. Eu poderia aproveitar os últimos segundos…

— Mas estou me lembrando de algo, bruxa. — Sua voz também estava pesada, e eu queria pensar que ele não tinha domínio nenhum sobre seu controle e que seus dedos escorregariam para dentro do pequeno pano que impedia minha felicidade.

Tive raiva do seu autocontrole. Tive raiva porque eu não tinha nada disso, não sabia dizer *não* quando meu corpo só faltava implorar para ser tocado por ele.

— Estou me lembrando do porquê não consegui ter uma boa noite de sono depois de uma *certa* valsa.

Engoli em seco quando seus dedos ameaçaram a borda, e senti quando mais do meu líquido escorreu, molhando-os, agora que tinha afastado minha calcinha. Só um pouquinho para cima…

— Estou me lembrando que devo lhe dar um motivo por ter gemido em meu ouvido no meio de uma plateia inteira — pontuou com a voz carregada de luxúria. — E como não pude te mostrar como gemidos verdadeiros são muito mais gostosos que falsos.

Senti um gosto metálico em minha boca pela força que prendia meus lábios. Estava me afogando, minha pele clamava pelo seu toque. Mas eu não iria falar. Se não tivesse controle do meu corpo, da minha boca eu teria.

— Orgulhosa do caralho.

Então, Dominic cumpriu com o que prometeu, pois seus próximos passos foram certamente calculados. Assim que soltou meus punhos da sua mão e passou por cima da minha calcinha, arrepiando o meu corpo todo. Seus dedos ameaçaram entrar e faziam carinho nas minhas dobras molhadas.

Dominic puxou a minha calcinha para baixo e os meus batimentos cardíacos estavam desenfreados. Seus olhos me alcançaram sedutores e perversos, então ele chegou perto até que nossos narizes se encostassem, e passou o nariz por todo meu rosto, depois meu colo. Meu pescoço.

Sentia meu corpo vibrar.

Seus dedos voltaram a passear com lentidão perto da minha boceta, arrepiando toda minha pele apenas com a intenção. Passaram por cima da minha pélvis e alisaram os meus lábios sensíveis. Tão devagar que estava a um passo de revirar os olhos profundamente. Arfei, levando minhas mãos abertas para o seu ombro, buscando equilíbrio.

Quis morder algo quando eles brincaram com a minha sensibilidade, os dedos dos meus pés se espremiam e me levantavam do lugar cada vez mais. Um braço passou ao meu redor enquanto me concentrava em prestar atenção em cada mínima ação da sua mão.

Eu precisava de mais. Muito mais. Precisava do seu corpo inteiro para me aliviar. Precisava ser invadida.

Então, enquanto eu segurava seu corpo, me apoiando, sua mão agarrou meu pulso esquerdo, levantando-o novamente. E algo brilhou em seus olhos. Algo perverso. Franzi o cenho, querendo entender o que tinha acontecido quando seus movimentos pararam e seus olhos focaram em meu rosto.

Meu coração deu batidas fortes quando sua mão abandonou minha boceta e lentamente subiu para encontrar a outra que segurava minha esquerda.

Estava tão concentrada nos movimentos e em não perder a batalha que não previ seu *outro* passo. Meu reflexo em cerrar os punhos veio tarde demais, pois a mão que me segurava entrelaçou as minhas, e o agarre aumentou enquanto sentia a joia queimar pelo meu dedo anelar.

— Te vejo no nosso jantar de noivado, *amor*.

Dominic tinha conseguido pôr o anel de noivado no meu dedo.

Novamente.

UMA RAINHA SEM COROA

As minhas mentiras estavam me deixando confusa, eu já não conseguia mais identificar o que era eu e o que era ela.

A mentira.

Estava perturbada, sem rumo e sem saída. Sentia-me sufocada. Sufocada por mim mesma. Sufocada pelas minhas mentiras.

Eu não queria mentir. Eu não queria fingir. Eu não queria ter criado essa confusão toda dentro de mim.

Mas, às vezes, mentir era questão de sobrevivência. Porque mentir naquele momento era o que eu fazia de melhor.

Porque eu também não queria encarar os fatos.

Os fatos que ela, a verdade, estava rasa demais. Perto demais.

Lá, no fundo, eu sabia que aquela Augusta que amava, que cuidava, que sorria, que não suportava qualquer tipo de mentira estava pedindo socorro.

Sabia também que em algum momento as máscaras cairiam e só sobraria a mais pura e dolorosa verdade.

Mas a verdade ainda doía e eu ainda era egoísta demais.

Era egoísta demais com os meus próprios sentimentos.

Então, não, eu ainda não podia salvá-la

Continuaria a mentir, até que tudo acabasse.

UM PRÍNCIPE VAZIO

Gosto de pensar que existem tipos de estágios emocionais quando uma pessoa enfrenta um trauma psíquico. Eu li uma vez sobre traumas, estava tão desesperado por uma solução que era capaz de ler a Bíblia inteira se soubesse que ela me traria uma resposta imediata. Porque eu queria uma cura imediata, doía saber o quão desastroso poderia ser o processo de uma alma machucada.

Mas a verdade é que não há uma solução imediata para confusões emocionais, não tem uma chavinha onde apenas desligamos as lembranças ruins e superamos o que nos machucou. Porque tudo acaba se resumindo ao maldito tempo.

Tempo para digerir.

Tempo para processar.

Tempo para entender.

Tempo para superar.

Tempo para reconhecer que você tem uma longa vida pela frente e que ainda não acabou.

Tempo. Tempo. Tempo. Tempo.

O maldito tempo.

Mas tudo bem, eu sou paciente.

Tenho que ser.

Eu podia ser por nós dois.

Por enquanto.

Todos se calaram quando sua magnitude atravessou o palco, e com delicadeza, afastou o pequeno estofado e se sentou em frente à orquestra, ficando parcialmente de costas para nós.

A plateia do teatro estava lotada, todos ansiosos para ouvi-la tocar. Fazer magia com seus longos dedos.

Eu estava na cadeira dezesseis da primeira fila.

Sabia que era proposital o horário que ela escolhia para tocar ali, sabia também que ela não tinha compromisso e obrigação alguma em ser a estrela da noite. Essa era uma das vantagens de ser *ela*. Poder transbordar em notas aquilo que não conseguia em palavras.

Eu fazia questão que ela pudesse viver isso.

Ela vinha sempre na parte da manhã, onde deduzia que teria menos gente na plateia e não atrapalharia a rotina dos músicos. Mas as pessoas falam, e as notícias, infelizmente, correm rápido demais na cidade de Bash. Então, ela sempre tinha espectadores assíduos e fiéis que não perdiam uma oportunidade para vê-la derramar todo seu êxtase musical.

Hoje ela usava um vestido azul-claro que estava muito colado ao corpo, para minha alegria cobria todo o colo em uma gola alta e ia até abaixo dos joelhos. Mas, em contrapartida, à parte do seu corpo coberta, as suas costas estavam desnudas, e eu conseguia ver suas lindas curvas com perfeição.

Eu amava o seu corpo. Era a obra de arte mais linda que eu havia apreciado na minha vida e continuaria com honra a adorando pelo resto dela.

Observei com cuidado seus longos dedos, eles passaram com delicadeza pelas cordas e depois apoiou a queixeira entre o pescoço e o ombro. Ela fechou os olhos, abriu levemente a boca e os mordeu.

Então, passou a vareta nas cordas e começou a tocar, e foi inevitável não sentir a pontada aguda em meu peito. Como um vulcão em erupção, senti o meu coração sangrar, jorrando todas as lembranças que aquela canção nos trazia. A minha garganta estava seca.

A porra de um masoquista, era o que eu me tornava.

Eu tinha decorado cada nota da canção de ninar. E mesmo sabendo o que viria nos próximos seis minutos e quarenta e oito segundos, eu não pude deixar de sentir cada segundo.

Eram pequenas agulhas perfurando meu peito, enquanto tentava respirar um ar que vinha poluído de fumaça e fogo.

Doía.

Doía muito.

Meus olhos ardiam e o meu coração se quebrava mais uma vez por todas as últimas vezes que tínhamos perdido. Era demais.

O sentimento me puxava para baixo e a vontade de me deixar levar me embriagava. Eu só queria parar.

Fechar os olhos.

Desistir.

Vê-la se machucando fazia meu coração sangrar mil vezes mais. Era demais. Eu só queria parar.

Desistir…

Não.

Eu não podia desistir.

Eu não podia me afundar.

Éramos mais do que esse momento.

Os minutos foram passando e as notas foram ficando mais pesadas e fortes.

Era como se ela estivesse tocando sozinha, em seu próprio mundo, enquanto outros instrumentos presentes apenas saudavam complementando seus tons.

Todos estavam em silêncio, fascinados enquanto a ouvia tocar, pois era naquele momento que a sua alma ficava mais exposta e vulnerável. As lágrimas em seus olhos eram perceptíveis, a dor em seu rosto era angustiante e o som produzido por seus dedos era a melodia mais encantadora da porra do mundo todo.

Ali, naquele palco, não tinha mentiras, não tinha escudos e nem máscaras. Não tinha desculpas.

Era ela em sua mais pura essência. Todos os seus pedaços estavam ali, expostos para rostos desconhecidos, que não faziam ideia. Seus sentimentos espalhados em suas mãos sobre as cordas que eram transformados em uma obra sinfônica perfeita, mas que fazia doer cada parte do meu ser.

Eu quis ser o seu ar naquele momento. Quis ser a nuvem que juntaria todos os seus retalhos. Quis ser aquele que lhe devolveria o pedaço da sua alma que lhe foi arrancada. Mas eu não podia, porque eu não podia salvá-la. Não dela mesma.

Então, eu a assisti, eu assisti seu desastre iminente e as suas emoções confusas transbordando em cima de notas musicais.

Em cima de uma canção de ninar.

A música parou e aplausos foram ouvidos, e muitos suspiros e lágrimas de emoção derramados. Por fora, era lindo, mas por dentro, era impossível contar quantos destroços haviam se quebrado *novamente*.

Ela se levantou e fez reverência à plateia, suas lágrimas ainda estavam no rosto e ela não fez questão de limpá-las.

Ninguém esperava que ela dissesse algo. Então, ela esperou sozinha enquanto todos se despediam.

E o final foi como sempre: eu fui o último a sair da plateia, ela foi a última a sair do palco.

Ela gritou silenciosamente com os olhos.

Eu esperei por ela.

Ela saiu do palco sem olhar para trás.

E eu fui embora mais uma vez, esperando pelo seu retorno.

20

GERAÇÕES

DOMINIC CLIFFORD

— Você tinha razão

Essas foram as primeiras palavras para o meu avô assim que cheguei em casa e o encontrei ao lado de Damian no piano.

Sentia-me perturbado, eufórico pelo embate com Augusta e com raiva por ela ainda resistir tanto.

Fred apenas me olhou com aquele olhar baixo, que tinha uma firmeza, que dizia que ele não se incomodava, ou não precisava se esforçar nem um pouco para ser respeitado.

Então saiu andando a passos lentos até o nosso escritório no térreo, ao mesmo tempo em que eu me preparava para uma conversa cansativa.

— Vai chorar? Precisa me dizer por onde vamos começar hoje. — Sua voz fraca e rouca cortou o silêncio e me juntei a ele na poltrona de três lugares.

Meu avô não tinha começado da melhor forma, pois eu já estava sendo atacado por suas palavras.

— O senhor sabe que não choro.

Sua risada sem nenhum pingo de graça me fez travar a mandíbula.

— Então devia aprender, não há nada melhor que um banho de lágrimas para lavar a alma.

— O senhor quer que eu chore? — Estava sem paciência, mas não podia fazer nada a não ser ouvir. Ele ainda era o mais velho ali na sala.

— Se tirar essa sua cara de coração partido, sim.

Fechei os olhos, massageando meu semblante. Frederico Clifford habitava um corpo velho, mas a sua língua continuava afiada.

Desisti da batalha antes mesmo de começar, entregando meus sentimentos como ele gostava de ver. Frederico nunca aceitou que eu escondesse qualquer coisa dele, nem mesmo meus *vários* corações partidos.

— O quão ruim estou?

— Não está pior do que da primeira vez, e está melhor do que a última.

Fred tossiu, limpando a garganta. Passei a mão nos cabelos e fui até a mesinha de encosto, enchendo o copo de whisky.

— Eu odeio essa merda. — O líquido desceu como fogo, inflamando a dor que me corroía de dentro para fora. — Nem perder minha mãe doeu tanto, cacete. Eu odeio perder Augusta e continuar encontrando-a. Eu odeio o que ela está fazendo. Eu odeio essa *merda*.

Olhei para o enorme quadro que tinha atrás da mesa central, era uma foto de Frederico Clifford sentado em uma poltrona dourada, como um rei que tinha acabado de usurpar o poder. Me perguntava quando teria a minha foto ali.

— Como suporta?

— O ódio é bom quando é bem direcionado, e eu não suporto, apenas sou velho demais para lutar por mim.

— E quer que eu lute por mim e pelo meu irmão quando nem ao menos sei qual inimigo enfrentar.

— *Todos* — enfatizou. — Eu disse que todos eram nossos inimigos.

Uma lufada de descrença me invadiu. Fechei os olhos, a raiva batendo na porta, querendo fazer estrago, querendo novamente invadir o espaço que há um bom tempo tinha criado morada. Encarei seus olhos, que estavam direcionados a mim. Pretos, iguais aos meus.

Os Cliffords eram a *última* família viva, por enquanto, porque todas as outras tinham sido mortas pelo ceifador que jurou exterminar a nossa família e todos aqueles que eram escolhidos pelo sangue. Anos atrás a promessa de prosperidade entre os fundadores havia sido quebrada quando

um dos membros declarou traição depois de extraviar parte dos bens que eram exportados do país.

O comércio foi fechado e com os anos a localização foi perdida quando o ceifador prometeu dar fim a todas as linhagens das famílias fundadores. Depois de alguns anos, foi descoberto um padrão entre as mortes, desde então vivíamos sobre o pacto e proteção dos fundadores.

Pagávamos com nosso sangue o ódio nascido há muito tempo. Eu nunca compreendi porque diabos o ceifador levaria a promessa de morte por tantos anos ou se de fato buscava vingança pelo passado.

— O que há de tão *precioso* que alguém *mataria* para conseguir? — pensei alto, chamando atenção do meu avô que parecia estar com a cabeça tão aérea quanto a minha. — Porque esses anos todos, não consigo achar motivo suficiente para um rancor ser tão profundo para atravessar gerações.

— Às vezes, não precisamos saber de tudo, mas o suficiente para nos mantermos vivos.

— Saber que sempre teremos um alvo nas costas é realmente reconfortante, vovô — disse ácido.

— O poder tem um preço, já devia saber disso.

— Um preço alto demais

— Não escolhemos nosso destino.

— Destino ou maldição? — ri amargo e estressado, sabendo que não chegaria a lugar nenhum. Meu avô escolhia muito bem que informações oferecer, e se soubesse de qualquer coisa a mais, não parecia a hora certa de me contar.

— Já conversamos sobre isso, não seja injusto com seu avô e o acuse de coisas que não estão sob meu controle.

— E você acha que era uma boa ideia trazer Damian e eu para seu império para que pudéssemos nos casar e seguir com o legado da família — alfinetei, mas me arrependi no mesmo instante.

A frustração me consumia e me fazia querer odiar todo mundo pelas merdas que não tinha controle nenhum. Algumas dúvidas também foram sanadas quando perguntei o porquê do meu *pai* nunca ter me procurado, ou o porquê tinha largado minha mãe. Eu obviamente estava cheio de raiva quando perguntei isso, e lembro-me bem de Frederico Clifford dizendo que nunca havia conhecido a minha mãe, e que seu único filho tinha morrido em um acidente de carro, pelo que parece, na mesma época que mamãe tinha engravidado.

— Em minha defesa, eu era um homem sozinho, e não tinha muita perspectiva de vida antes de encontrar as cartas da sua mãe para o seu pai.

Balancei a cabeça e tomei quase a metade do copo inteiro de uma vez.

— É insano alguém estar constantemente com um alvo nas costas sem saber ao menos quem é.

Frederico se remexeu na poltrona, sua voz mais baixa que o normal.

— Eu achei que a vingança tinha parado em mim, as coisas estavam mornas, e ninguém tinha tentado contra a minha vida. Então o acidente do seu pai, não tinha nenhuma prova que dissesse que foi um atentado. Sinceramente, achei que estavam seguros.

— Até o incêndio.

Meu avô se calou, ele não poderia negar. O nosso histórico familiar não ajudava em nada. E apesar de tudo, eu não poderia ser ingrato, nunca. Nunca seria grato o suficiente ao que Frederico fez por mim e por Damian.

— Desculpa, só é… difícil. Às vezes, mal consigo respirar.

Meu avô apenas balançou a cabeça e passamos alguns minutos em silêncio. Perto dele, eu realmente me sentia um garoto dramático, como ele falava que era. Mas pelo menos ele me escutava, o único que continuava ouvindo as minhas lamúrias e tentando achar sentido no meu coração em pedaços.

Ao que parece, Fred não tinha nenhum suspeito que desconfiasse ao ponto de me contar, mas ainda assim ficava cada vez mais afastado da sociedade, como se de alguma forma o medo tivesse o pegado dessa vez.

Quando me mudei para Bash, ouvi comentários sobre a frieza de Frederico Clifford, embora em casa, ele tentasse sempre estar presente e fazer com que eu não me sentisse sozinho. Foi sutil o modo que nos aproximamos e criamos um vínculo familiar, quase como se fôssemos neto e avô a vida toda, não só depois dos meus dezoito anos.

Augusta também começou a frequentar mais a nossa casa, e parecia que o homem frio que todos temiam, tinha se tornado um avô orgulhoso que comemorava as mínimas conquistas do neto.

Então tudo aconteceu, e tinha certeza que o incêndio o perturbou de uma forma irreparável.

— A reunião está marcada?

— Sim, eu solicitei a inserção de Fabian como Chefft na Associação — relatei, já que meu avô não ia mais a eventos sociais desde o

anúncio do noivado. — Augusta participará.

— Você está colocando ela no meio deles.

— Só assim verei quem a observa.

— Marllon não vai gostar de saber que está usando a posição para expô-la.

— Talvez ela esteja sendo ameaçada.

— Se ela estivesse sendo ameaçada, ela já tinha entregado as informações. Augusta tem tudo aos seus pés, não seria uma ameaça que a pararia.

— Se ele quer tanto proteger a filha, não entra na minha cabeça o porquê esconder quem é o ceifador. Sendo que poderíamos desmascará-lo juntos.

— E voltamos para o local de partida — meu avô murmurou pensativo. — Depois da reunião, algumas coisas poderão ficar esclarecidas. Podemos não saber quem são nossos inimigos, mas saber quem é nosso amigo é importante.

— Eu espero.

— Trazer Fabian foi uma boa ideia para bagunçar seus sentidos. Qual foi a reação deles ao saberem que uma mulher estará lá?

— Acham que estou louco, mas não podem fazer nada — Meu avô riu pelo nariz — O G5 não está feliz, Martinez tentou me convencer do contrário e Gonzales disse que eu era burro por me casar com uma Vendetta.

— Gonzales nunca suportou Marllon — disse mal humorado.

— Nenhum dos Vendettas, na verdade.

Meu avô se calou por um instante e quis acreditar que ele não esconderia informações que nos mataria de alguma forma.

Eu não queria pensar que Gonzales poderia ser o ceifador, apesar da sua implicância com tudo, eu tinha crescido com ele no meu ouvido me dizendo tudo que eu tinha que saber. Todo o G5.

Ri amargo, enchendo mais uma vez o copo e me queimando de dentro para fora.

— Eu preciso saber quem está ameaçando Augusta, depois disso, caçarei o culpado por tirá-la de mim.

Porque era isso que pensava e era por isso que estava mexendo com todos ao meu redor. Sabíamos que tinha um ceifador à espreita do nosso

sobrenome.

— Como anda nossas provas? — perguntou, resgatando uma lembrança que fez seu rosto se contorcer.

— Estão sendo montadas.

— Espero que a pessoa não fuja dessa vez. — Sua voz tinha dúvida. Mas não arriscaria dizer que eu também tinha minhas dúvidas, provas eram essenciais para derrubarmos quem estivesse por trás de tudo.

— Não duvide da minha capacidade de ir até o fim, meu avô.

— Não duvido, só espero não ter que te enterrar primeiro.

— Até agora eu fiz tudo que prometi, não?

— Teremos essa conversa novamente?

Respirei fundo e aquietei-me, pois com certeza suas palavras ficaram mais afiadas com o tempo. Como ele nunca me deixou esquecer: o pensamento tinha que ser cada vez mais ágil, lúcido e astuto.

— O investigador está tentando identificar o número anônimo que estava mandando mensagem para Augusta.

— Devo me preocupar em como conseguiu acesso à privacidade do seu celular?

— Eu não clonei, se é nisso que está pensando, violar seus dados no banco foi a única vez que fiz isso. Augusta só nunca trocou a senha do seu celular e uma vez que ainda estava dormindo, percebi que ela ainda não tinha apagado a mensagem anônima da noite anterior.

Em minha defesa, Augusta também pegava meu celular e não se importava de vasculhar-ló na minha frente. Parte de mim se quebrava quando pensava realmente *onde* estávamos e como o incêndio tinha nos mudado, mas sabia que ela precisava disso, e eu podia dar isso a ela, e não me importava de apaziguar internamente suas inseguranças que sabia aflorar quando me via perto de outra mulher.

— Parece que o nome laranja, que está por trás do contato, está marcado em várias outras cenas. Por exemplo, em uma busca ativa de evidência em nome da polícia civil, três dias depois do incêndio.

— Estavam buscando provas.

— Ou um contrato.

Fred me olhou sem entender.

— Eu ainda acho que alguém esteve com ela antes da casa pegar fogo.

— Você investigou isso e não chegou a nada, eu acredito em você, mas sem provas não temos nada, você sabe.

— Malditas provas. — A pressão do casamento com Augusta tinha sido a primeira forma de atrair quem quer que fosse para mais perto de nós, porque com certeza *tentariam* intervir, pois o meu matrimônio sempre foi a chave para o início ou o fim dessa guerra.

Eu tinha esperança que a farsa que cobria as mentiras de Augusta fossem desmascaradas quando a pressão sobre a verdade fosse ameaçada. Alguém estava a pressionando, e eu sabia que era pelo meu sobrenome, mas eu só não sabia o porquê do motivo *dela* lutar tanto para esconder o culpado.

— Se Augusta tivesse assinado o contrato no passado, teria sido aberta uma investigação na mesma hora pelas leis dos fundadores.

— Mas ela não sabe disso. — Tínhamos conversado sobre a história de Bash várias vezes quando andávamos pela mansão, e ela nunca citou alguma rixa entre as famílias. — Na verdade, duvido que saiba. Ela e Marllon podem até saber sobre a maldição, mas não teria como saber da proteção. Ela não leu o contrato, ele foi queimado antes de assinar.

Encarei a pasta amarela com os nomes dos membros da AAB que meu avô também encarava. Ali regia a linhagem das famílias fundadoras. Todos os contratos eram baseados nesse documento.

— Bom, então nos resta uma única dúvida: o que os Vendettas estão escondendo?

ADD COMPLEMENTO

21

FUNDADORES

AUGUSTA VENDETTA

15º Academia Dell Marshall — Distrito da cidade de Bash
7 anos atrás

— Já disse pra ele? — Pisquei, focando minha atenção na loira que *brotou* do meu lado. Quase gritei, agarrando seu pescoço.

— O que está fazendo aqui?

— É um baile de apresentação, todos deviam vir — Fran disse sugestivamente e cerrei os olhos, querendo identificar a intenção por trás.

— O que aconteceu com "os muros ao nosso redor me parecem bem confortáveis"? — provoquei, querendo tirar a sua verdade.

— Acho que estava com saudades — informou e eu apertei ainda mais as pálpebras, desconfiada, não tinha muitas semanas que estávamos brindando o Ano-Novo em um baile tão elegante quanto esse. Fran revirou os olhos, confessando: — E Max não parava de encher o meu saco.

Prensei os lábios para não rir alto. Os dois irmãos Martino viviam em pé de guerra para saber quem mandava mais no outro. Apesar da minha amiga ser mais nova e de estrutura corporal mais baixa, não deixava nada intimidá-la, nem mesmo o carrancudo Maximillian De Martino.

— Que bom que veio, Polly me trocou por uma câmera.

— Pelo menos ela está ganhando dinheiro.

Rimos como tolas e Fran puxou meu braço, dizendo que iríamos atrás da nossa amiga. Dei mais uma *olhadinha* em Dominic, vendo que engatava uma conversa animada com Martinez.

— Então, já admitiram que gostam um do outro ou ainda estão na fase do *queropassarmeutempotodocomvocêmasnãogostodevocê?*

— Quê? — Não pude guardar a gargalhada.

Francesca revirou os olhos.

— Já disse para Dominic que gosta dele?

Abri a boca para tentar explicar os meus pensamentos, mas a fechei no mesmo instante.

— Estava pensando nisso quando você chegou.

— Não me diga que ainda tem dúvida de alguma coisa, vocês vivem juntos no Instituto. Não sei por que ainda não estão dormindo na cama um do outro.

Senti minhas bochechas arderem com essa possibilidade.

Os beijos de Dominic eram terrivelmente tentadores, e sentia-me queimar só com o toque dos seus dedos. Eu gostaria de ser dele por inteira, mesmo que tivesse que vencer um pouco das minhas inseguranças comigo mesma. Mordi os lábios, não tínhamos falado sobre sexo, por mais que o clima já tivesse ficado quente muitas vezes, sempre havia um limite. Ou estávamos em algum lugar péssimo para amassos ou tinha o toque de recolher e as regras de convivência. E eu não me achava radical o suficiente para passar a noite no seu quarto.

— Não é isso… — Senti meu estômago embrulhando com a possibilidade. — Estava pensando nos nossos sobrenomes.

Francesca franziu o cenho.

— O que tem a ver? Pelo que sei, ainda somos livres para ficarmos com quem quisermos.

Fiz uma careta nada satisfeita com o rumo da conversa.

— Eu tenho uma péssima mania de ouvir atrás da porta…

— Isso não é segredo — cantarolou.

Hesitei alguns segundos, mordendo os lábios, Francesca pareceu notar e paramos quando o céu coberto de estrelas surgiu em nossas cabeças. No segundo piso, um degrau abaixo no principal, tinha uma claraboia no centro, era redonda e havia *leds* nas bordas do gesso.

Olhei por alguns segundos para cima antes de dobrar o pescoço, admitindo meus medos.

— Acho que *estamos* comprometidas e isso está me corroendo.

As sobrancelhas de Fran arquearam de curiosidade e em um pico de coragem, resolvi despejar os pensamentos assombrosos que me comiam.

— Em um dos finais de semana que estive em casa, ouvi sobre nossos sobrenomes e acordos nupciais, fiquei tão abismada que não soube como digerir. Eu sei como os negócios funcionam, mas não deixa de ser difícil. Eu não quero me casar com qualquer pessoa que não seja quem *eu* escolher. Merda, só temos dezessete anos, não quero me casar, isso é absurdo. Eu não quero me casar com seu irmão.

Nada surpresa, Francesca também fez uma careta, como se algo azedo pintasse seus lábios. Ela inspirou alguns segundos e estalou a língua, resmungando algo inaudível.

— Merda, não queria que você soubesse assim.

— Soubesse sobre…?

— Não me assusta o fato de sermos meros *arranjos* nas mãos dos nossos pais, já *superei* isso. — Superar significava não fazer nada que lhe era mandado. Uma perfeita rebelde. — Mas me assusta o rumo como possivelmente os nossos caminhos podem se cruzar.

— Não entendi.

Francesca tomou outro fôlego e senti sua dor antes mesmo de suas palavras se formarem.

— Estou bem ciente das exigências do meu pai, estou bem ciente sobre o que ele quer que eu *faça*. — Sua voz tinha cautela quando continuou: — Há uma discussão de contratos não só entre você e Max, mas entre mim e Clifford.

Algo congelou minha espinha e fiquei estática.

— Eu achei que você ia comentar alguma coisa sobre o último final de semana que foi para casa, fiquei louca esperando um surto. Mas você não havia falado nada sobre, então achei que ainda não tinha chegado até você e estava pensando em um jeito de te dizer sem te magoar.

Engoli em seco. Ok, por essa eu não esperava.

— E também você estava tão feliz com Dominic que eu não quis ser a responsável por atrapalhar isso. Desculpa ter escondido essa informação — Francesca respirou fundo como se tivesse retirado um peso de si. — Eu me odeio por estar tendo que dizer isso para você.

— Eu não sei o que pensar.

Acho que quero ir embora.

— E não tem o que pensar, porque não vou me unir a Dominic, de jeito nenhum. E não só por sua causa, é por mim também. Você sabe que nunca aceitaria um absurdo desse, e não ia ser agora que isso ia mudar.

Tomei uma longa respiração, não conseguia juntar pensamentos racionais. Havia somente um enorme branco e receio. *Merda*. Francesca e Dominic? Acho que eu estava me partindo. Era pior do que estar comprometida politicamente.

— Ei, não é para ficar assim. — As mãos de Fran cobriram minhas bochechas e me perguntei quão azedo meu rosto estava. — *Somos mais do que apenas sobrenomes.*

Somos mais do que apenas sobrenomes. Tentei enfiar isso na minha cabeça.

— Eu não sou um empecilho no meio de vocês dois, você me entende? Nunca pense isso. Nunca.

Eu realmente não sabia o que pensar sobre essa questão, mas sabia que confiava na minha amiga. Confiava nas suas palavras porque a conhecia e sabia que era verdade. Mas… merda.

— Antes de Dominic chegar ao Instituto eu fui avisada, meu pai tentou plantar merda na minha cabeça.

Cerrei os olhos.

— Você me jogou para cima dele.

— Você precisava de uma distração. — Deu de ombros sem um pingo de culpa.

— Me usando como desculpa.

— Vocês deram certo, não?

Encarei seu rosto fino, uma expressão tranquila banhava seus olhos claros. Eu não conseguia me sentir mal. Não conseguia pensar que faria diferente. Francesca sabia que se unisse nós dois, a probabilidade de sair dessa *enrascada* que seu pai havia lhe posto era grande.

— E o seu irmão? — Mesmo que conseguisse driblar seus pais, era seu irmão que tomava conta dos dois na maior parte do tempo, seus pais viajam muito e Max era seu responsável. E digamos que ele não era uma pessoa fácil.

— Max não pode me forçar a nada, mesmo que seja meu responsável legal, eu o mataria antes de me arrumar um casamento idiota.

Naquele momento eu invejei a sua força.

— Queria ser como você, forte.

— Você pode ser igual a mim, só precisa ligar aquela chavinha — sorriu gentil, balançando as sobrancelhas. — E realmente Dominic não faz o *meu tipo,* tudo bem que aqueles olhos são uma perdição. Mas, amiga, você já me viu com alguém? Dominic parece ser romântico demais. — Fez uma careta e ri com ela.

Eu gostava de coisas românticas, ou pelo menos estava descobrindo que sim. Os números eram legais, mas beijar na boca era realmente divino.

Suspirei, com a esperança soprando meus medos.

— O meu pai não vai achar uma boa ideia — pensei alto. — Vou acabar com isso, não posso deixá-lo traçar meu futuro.

Francesca sorriu.

— É isso aí, nada de seguir regras de antepassados. Que se foda toda politica de merda.

Não pude segurar uma risada audível.

Eu sempre fui imparcial quando meu pai me dizia sobre responsabilidades e decisões, ouvia tudo calada e concordava com suas decisões, porque não sentia vontade de retrucá-lo ou tomar uma decisão que não fazia diferença. Talvez fosse obediente demais, ou tinha medo demais das consequências. Mas diante de algo que eu não queria que acontecesse, ou soubesse que me atingiria e faria diferença, algo em mim despertou. E eu não gostei do sabor azedo que essa sensação me trazia.

Observei minha amiga tão forte e destemida, ela que tinha se desprendido das regras há muito tempo, ela e Apolline, e viviam me atiçando para que eu fizesse o mesmo. Que a vida era melhor quando *você* tinha o controle sobre ela, *ou em certos casos, nenhum.*

Voltamos a andar pelo salão, dessa vez estava mais atenta ao meu redor, querendo captar o máximo de estímulos que pude. Entre vários rostos, encontrei o *dele.* E abri um sorriso aberto quando sua mão me chamou para perto.

Talvez eu realmente pudesse tomar as rédeas do meu destino.

Meu coração trovejava tão alto que pensei ser capaz de escutá-lo, e não tinha certeza se mais alguém poderia também. Ele batia muito alto. E rápido. Como as asas de um passarinho.

Achei que vomitaria.

Segurei a respiração e tomei coragem para sair de trás da porta do escritório do meu pai. Estava ali há meia hora, senão meio ano.

Estava nervosa. Ansiosa.

O medo comia minha coragem pouco a pouco. Era inevitável. Tomar decisões causavam danos, senão morais, com certeza físicos.

Em um pico de loucura, choquei as juntas da mão na madeira, provocando um som horrível para os meus ouvidos.

— Entra, Augusta.

E eu entrei. De mansinho.

— Por que está parecendo um gatinho acuado? — Meu pai estava com os cotovelos apoiados na mesa, esperando que eu me aproximasse. — O que há de errado?

As palavras pesaram em minha boca e meu estômago estava conturbado. Eu não tinha medo do meu pai, não era por isso que sentia meu corpo doente de ansiedade, muito pelo contrário, admirava-o bravamente. Ele que lutava pela minha honra, ele que tomava as melhores decisões para nossas vidas. Mas agora…

Engoli o nó que se formava na garganta.

— Temos que conversar sobre o meu futuro — soltei um pouco ofegante.

Meu pai arqueou as sobrancelhas, curioso. Sua expressão relaxada me dizia que somente *eu* estava uma pilha naquela sala.

— O que você quer dizer com isso, minha filha? — A voz suave me fez relaxar um *pouquinho*. Mas não perdi a coragem.

Hora de verbalizar o discurso. Quanto mais adiar, menos coragem teria.

— Não posso estar politicamente comprometida. — Suas sobrancelhas se uniram mais ainda, o que me fez pensar novamente nas minhas palavras antes de soltá-las. — Eu entendo que há uma regra, *o pacto*, eu sei que há algo sobre acordos nupciais entre famílias nomeadas, mas não posso me casar, pai. — Acho que desespero abraçava minhas palavras. Mas não parei. — Não posso fazer parte disso, ouvi você dizendo meu nome e falando sobre um acordo em breve, e sei o que isso significa,

eu não posso fazer parte. Eu não posso fazer parte de algo que não quero. Eu sei que conversamos sobre isso, e que o senhor me explicou tudo que eu precisava saber. Mas não posso fazer parte disso, não posso estar envolvida com alguém que não seja do meu interesse.

Meu pai ouvia tudo em silêncio, enquanto eu despejava eufórica a minha indignação. E não importava quão bravo fosse ficar com a minha intromissão, não deixaria meu futuro em outras mãos que não fossem as minhas.

Respirei, enfiando todo ar que me faltava para dentro dos pulmões. Esperei. Hoje estava tomando a primeira decisão de peso da minha vida, e não importava o rumo que o meu coração escolhesse, eu lutaria para seguir o meu orgulho.

Encarei seu rosto, que não me dizia nada. Mordi as bochechas, nervosa.

Ele poderia me castigar por estar ouvindo atrás da porta. Por tirar conclusões precipitadas por algo que talvez eu nem sabia. Mas eu não conseguia evitar, saber de tudo era mais forte do que eu.

Senhor Marllon deu um grande suspiro.

— Ouça com atenção, Augusta. — Seu tom era manso, calmo, carinhoso. Mas me atentei fixamente. Sempre quando ele usava esse tom, vinha uma lição em seguida. E estava pronta para receber as consequências. — Não faz bem ficar ouvindo atrás da porta, uma hora irá ouvir o que não gosta ou interpretar errado uma mensagem que não era para ser ouvida. Lembre-se de quem procura demais sempre irá achar algo que não deveria ser encontrado. E admiro a sua coragem, apesar de que jamais te forçaria a fazer algo que não queira.

Acho que meu sorriso rasgava meu rosto. Meu pai se levantou de sua poltrona e sentou no sofá de dois lugares, me chamando para sentar com ele.

O espelho dos seus olhos refletindo uma Augusta ansiosa.

— Quando você completou 15 anos e te chamei para nossa primeira conversa, esperei que entrasse em *pane*.

Rimos juntos porque me lembrava como meu pai montou uma reunião formal me mostrando *de verdade* o que éramos e o que fazíamos. Acho que foi ali que me apaixonei pelos números.

— Mas não, você foi simplesmente *você*. — Senti um leve toque de orgulho, o que me deixou feliz. Lavou todo medo e insegurança que tinha

criado até ali. — Eu tenho orgulho da filha que tenho e da sua coragem em lutar pelo que quer. E para o desencargo da sua consciência, há uma certa regra a ser cumprida antes de um acordo nupcial ser assinado em ambas as partes.

Quase podia ouvir meu corpo relaxar na cadeira. Toda minha agitação sendo acalmada.

Eu não estava comprometida.



— Aonde estamos indo? — Dominic perguntou curioso enquanto puxava sua mão, guiando o caminho pela larga calçada de pedrinhas.

— Já estamos chegando. — Senti um aperto firme de sua mão na minha e fiquei feliz pelo voto de confiança.

Assim que saí do escritório do meu pai, fui até a mansão Clifford na esperança de encontrar meus olhos favoritos ali. Eu não tinha seu número de celular para mandar uma mensagem, no Instituto estávamos sempre tão perto e sempre em contato que não tinha sentido falta de aparelhos *eletrônicos*. Mas ali fora, sem nenhum meio de comunicação para encontrá-lo, tive que optar pelo modo antigo.

A mansão Clifford ficava em um bairro afastado, rodeado por reservas, onde a distância entre uma residência e outra dava bons quilômetros. Eu nunca tinha ido até lá, e fiquei aliviada por não precisar esperar muito quando toquei o interfone e chamei por Dominic.

Descemos do carro no centro da cidade, dizendo ao motorista que ficaríamos por ali. Meu pai não gostaria de saber por onde eu andava, e tinha certeza que Keven — o motorista — iria comunicar todos os lugares por onde eu pisasse.

— Você está animada hoje, há algo que queira compartilhar? — Um sorriso malicioso brotou em seus lábios.

— Talvez? — Levantei os ombros, tentando parecer indiferente. Tentando. Porque não conseguia parar de pensar que estávamos *sozinhos.*

Era inusitado estar fora dos muros do Instituto com Dominic, era como se a liberdade fizesse cócegas na minha barriga me dizendo que poderíamos fazer o que quiséssemos e ninguém poderia impedir.

Tentei não pensar muito no fato de que estávamos pela primeira vez sozinhos, sem nenhum risco de sermos pegos ou interrompidos.

Dominic passou o braço direito pelo meu ombro e juntou nossos corpos enquanto nossos passos ficavam mais devagar.

— Estou ansioso — sussurrou no meu ouvido e tentei esconder minhas bochechas quando seus lábios molhados a beijaram.

Caminhamos mais alguns metros pelo quarteirão sem vizinhança. Era um longo perímetro de parede branca que cercava a mansão Willians. A residência antiga, ainda que ficasse em um lugar movimentado da cidade, expulsava qualquer movimento comercial com seus longos quarteirões, não deixando visível muitas casas por perto.

— Estamos chegando. — Avistei o portão de grade desenhado, o abandono marcando uma forte presença na pintura.

Espiei os dois lados da rua em busca de alguma presença, parecia estar somente nós dois. A rua estava sem movimento.

— Achei que íamos tomar sorvete — especulou enquanto me aproximei do portão fechado, espiando lá dentro também. — Mas percebo que fui raptado e levado com boa vontade para algum esquema de vandalismo.

Encarei seu rosto que tinha um leve puxar divertido nos lábios, de zombaria.

— Nós *estamos* tomando sorvete.

Dominic gargalhou, mas seu olhar cerrado me esquentou antes de suas próximas palavras.

— Ok, então, ansioso para provar os sabores *desse* sorvete.

Virei-me, escondendo meu rosto, e medi os espaços entre as grades para pôr o pé. Ia ser um salto rápido e limpo, esperava não cair de bunda do outro lado.

— Para quem não gostava de subir em árvore…

E vi os olhos curiosos de Dominic queimarem minhas costas enquanto pulava a grade da mansão. A grade era baixa, então facilitava meio mundo, mas tive que tomar cuidado com as pontas em flecha que desenhavam um arco acima. Tomei fôlego antes de olhar para trás, encontrando um Dominic muito concentrado em minhas ações.

— Você não vem? — Algo divertido pintou seu rosto e logo ele pulou a grade, com muito mais agilidade.

Trocamos sorrisos significativos quando a ciência real de estarmos dentro da propriedade nos atingiu momentaneamente. Dominic tinha me seguido sem pestanejar o caminho todo, não perguntou para onde iríamos ou tentou opinar em alguma rua diferente para virarmos. Somente me seguiu, e acho que esse fato recaiu em seus ombros, pois algo iluminou seu rosto enquanto seu braço novamente tomou meus ombros, nos juntando.

Ele era alto e agradeci aos céus por isso, eu também tinha uma estrutura alta e forte, então ver que seu corpo poderia cobrir o meu fazia minhas inseguranças silenciarem.

— Devo me preocupar com tendências a invadir casas abandonadas? — sussurrou no meu ouvido e caminhamos pela grama alta.

— Isso te faz querer fugir? — provoquei e me atentei a guardar os detalhes da mansão enquanto caminhávamos em direção à entrada.

— *Duvidosamente*, não. Estou mais curioso.

— Eu também — concordei. Eu sempre quis ir à mansão Willians, mas por sempre estar com um pé atrás ou não ter a oportunidade, ou *motivo*, suficiente, deixava esse desejo de lado.

Era bons metros de distância do portão até lá. Conseguia ver de longe uma larga fonte de pedras à esquerda, provavelmente seca pela falta de cuidado. Já ouvi histórias e planos o suficiente para saber que aquele lugar estava longe de ser restaurado.

— Espero que isso não se transforme em um filme de terror — sussurrou e ri quando passamos a andar nas pedras que faziam caminho até a entrada.

Junto com a grama sem corte, algumas árvores sem poda forravam o chão com folhas verdes e secas. As estações claramente estavam passando e nenhum reparo estava sendo dado. O jardim — ou o que era para ser — estava sujo, os bancos de cimento estavam com a cor apagada e a fonte que tinha avistado estava seca.

Ela estava abandonada, mas ainda era linda. A estrutura externa continuava majestosa e cumprindo o papel de uma das construções mais antigas da cidade. Subindo os pequenos degraus de pedra, tentei empurrar a porta dupla principal, ouvindo o barulho de correntes se mexendo pelo lado de dentro. Cerrei os olhos para fechadura.

— Tenho que dizer que estou feliz que a porta esteja trancada, seria muita *bizarrice* se encontrássemos ela aberta.

— Eu gostaria de encontrar ela aberta.

— Isso soaria como uma armadilha para ladrões.

Franzi o cenho.

— Ninguém ousaria roubar nada aqui dentro, é como se fosse *um pecado*, nem a *ralé* de Bash se atreve a ser tão ousada. A casa é antiga, aqui foi onde grandes acordos foram selados, é tipo um território neutro em Bash. Geograficamente, fica no centro.

— Então por que há trancas se ninguém vai roubar nada?

— Precaução?

Dei de ombros, saindo da entrada coberta e rodeando a casa pelos fundos. Devia ter algo ali, uma janela talvez.

— Está decidida mesmo a entrar aqui. — O tom de Dominic me acompanhava enquanto testava algumas janelas.

— Não gosto de ter meus planos atrapalhados.

— Então *há* um plano para *nós*?

Não precisei me virar para decifrar um rosto radiante, diante da sua resposta. Mordi um pequeno sorriso que pintou instantaneamente.

— Talvez.

Depois de mais três janelas em vitrais coloridos, uma cedeu, e abriu para dentro, revelando um cômodo clareado somente pela fresta aberta por mim.

Sorri, balançando as sobrancelhas para Dominic, que tinha um semblante curioso e atento.

— A nossa aventura acaba de começar.

Coloquei as mãos no beiral da janela me preparando para usar força nos braços e pular, sentando minha bunda na beirada. Mas as mãos de Dominic me alcançaram antes e arrepiei os pelinhos da nuca quando sua respiração me pegou por trás, congelando meus braços.

— Deixa eu te ajudar. — Não pestanejei quando suas mãos foram para minha cintura e meu coração quase saltou da boca quando calor envolveu minhas pernas. — Se apoia em mim.

Obedeci, catatônica. Apoiei meu pé em suas mãos em concha, pegando impulso para sentar no beiral e passar as pernas para dentro. A altura da janela no cômodo era muito menor que por fora. Logo Dominic pulou a janela também e ficamos nos encarando, as nossas ações caindo drasticamente. Dei de ombros, saindo do cômodo que parecia um pequeno quarto. Não havia móveis ali, somente um armário de madeira empoeirado. Passei longe para não espirrar.

Do lado direito do corredor largo, havia várias outras portas abertas, formando quase um círculo em cômodos. Cerrei os olhos para o lado esquerdo, avistando luzes e reflexos no final do corredor.

Dominic me puxou para dentro dos seus braços novamente, nos guiando pelo corredor. Não deixava nada passar de minhas vistas, a construção era diferente e antiga, pelo barulho do piso em que andávamos e as paredes em cores surradas que observamos. Pensei na quantidade de cômodos que tinha para cima, se aqui embaixo já havia esse emaranhado de quartos e portas, imagina nos três andares superiores?

Um salão espaçoso nos recebeu, e parecia que estávamos em outro século, muitos vitrais e lustres com teias de aranha. O chão e o teto coloridos, ainda que forrados com poeira. Tinha poucos móveis, e os que tinham estavam com forros já amarelados e antigos.

— Isso é incrível — Dominic admirou e concordei.

Realmente, era algo inusitado. *Lindo*. Muito lindo.

— Como um tesouro escondido sob os pés de Bash — sussurrei, porque parecia errado falar em um tom alto.

Estava silencioso e somente o som de aves do lado de fora era ouvido.

Andamos pelo salão, levantando os forros para ver os móveis antigos, tinha uma cadeira-balanço toda estofada e muito bem conservada. Dominic ameaçou sentar e revirei os olhos.

— Não sabe que não deve mexer em nada quando está invadindo uma casa?

Mas ele apenas riu e cobriu novamente o objeto.

— Sem nenhum rastro, entendido.

Havia uma larga escada de granito em caracol grudada à parede, com a lateral de grade desenhada em preto e dourado. Não demorei três segundos para subir. Segurei a mão de Dominic, puxando-o para cima, mas parei na metade do caminho quando quatro quadros chamaram minha atenção.

— Quem são? — Dominic perguntou um degrau abaixo e dobrei o pescoço, relembrando os nomes que um dia fora me apresentado.

Cerrei os olhos.

— Preparado para uma aula de história?

Dominic arqueou as sobrancelhas.

— Estou sempre pronto.

— Lembra de algo que te disse na última semana sobre nossas famílias?

— Se estávamos na árvore, eu não lembro de nada. — Revirei os olhos. — Ei, eu tinha algo mais interessante para pensar.

— Estou percebendo.

— Mas eu tenho uma boa memória, me provei digno ontem à noite.

— Ah, claro, me perguntar a cada minuto se a informação estava certa é um ótimo sinal de segurança

Dominic gargalhou, tirando um suspiro admirado de mim.

— Ok, então, o que vamos aprender hoje, *professora*? — Cerrei os olhos pela provocação.

— Sobre as famílias fundadoras de Bash.

— Ow, isso parece interessante.

— É uma das minhas histórias favoritas — a animação me tomou.

Encarei o quadro retangular que cobria boa parte da parede manchada. Tinha quatro homens em pé segurando uma taça na mão direita. Estavam com o semblante sério e trajavam camisetas claras, blazers cinza e uma gravata vinho.

Dominic me puxou para ele, colocando as mãos em minha cintura.

— Na década de setenta, quatro homens irlandeses decidiram sair pelo mundo dispostos a gastarem todo dinheiro que possuíam em conta — lembrei-me da história, já surrada entre os cidadãos de Bash. — Haviam trabalhado duro para encherem suas poupanças durante anos, e em um plano juvenil juraram descobrir o que o mundo tinha de mais prazeroso a lhes dar.

— Isso parece um jeito divertido de viver a vida.

Olhei em seus olhos que prestavam atenção em mim.

— Em uma noite, quando estavam perto da costa, nos limites do Uruguai, ficaram sabendo de um pequeno vilarejo que era como uma ilha do outro lado da fronteira, ao sul.

— Estavam bem longe de casa — Dominic pensou e balancei a cabeça, concordando.

Realmente, eles estavam gastando todo seu dinheiro, não tinham noção de quanto era para fazer viagens tão longas nessa época.

— Dizem que eles ficaram por três semanas na pequena ilha, gastaram com tudo que queriam e nem isso os fez diminuírem os bens que tinham. Seus sobrenomes ficaram famosos pelas bandas e depois de um

mês, estavam com fazendas bem formadas em um vilarejo perto, começaram com exportação de ouro pouco depois. Pareciam ter encontrado uma verdadeira mina.

— Uma mina de verdade?

Balancei a cabeça. Eu tinha ouvido essa história desde criança.

— Então, há uma mina em Bash?

Meus lábios se abriram.

— Dizem que sim, mas há tempo que não se fala mais nisso. Houve um tempo que Bash estava infestada de pesquisadores loucos atrás de uma história antiga.

— Então, você acha que é falsa a história da mina?

— Passei minha infância ouvindo essa história, então já pensei em várias possibilidades. Acho que de fato houve um lugar onde extraíram suas riquezas, mas talvez não aqui. A história tem muitas vírgulas, muitas pessoas contam ela de formas diferentes. Mas essa é a essência, quatro homens que encontraram riqueza e fizeram o pacto de aliança.

— São eles no quadro?

— Sim, Beneditt Clifford, Andreas Jones, Santiago Torres e Hélio Franco — Dominic arqueou as sobrancelhas e ri. — Não me diga que ainda não sabia que seu sobrenome era de uma família fundadora? — zombei.

— Não, não é isso. — Pensou por alguns segundos. — Martinez está me ajudando na adaptação, me contando tudo que precisava saber. Só achei que éramos a única família fundadora.

— Mas é, todos estão mortos. Menos os Clifford.

Algo assombrou seu rosto, e senti seu corpo tenso.

— O pacto são os casamentos?

— Tem feito a lição de casa? — zombei, mas algo em meu peito se contorceu. — A associação é para preservar a promessa dos fundadores, porque dizem que prometeram manter a fortuna sempre em seus nomes, porém, ainda há uma certa burocracia.

— E eu, como último herdeiro Clifford, devo fazer aliança com outra família — não foi uma pergunta.

Abri a boca para falar algo, mas as palavras fugiram. Engoli em seco e resolvi terminar de subir as escadas. Não queria *mesmo* pensar sobre isso. Eu não *deveria* pensar sobre isso. Não tínhamos nada sério, certo? Só passávamos muito tempo juntos por causa do Instituto e tinha começado a gostar *muito* dele. Quase obcecadamente.

Tentei e falhei colocar isso na minha cabeça.

— Martinez me disse sobre isso ontem, sobre alianças. — Sua voz me alcançou enquanto arrastava meus pés pelos degraus.

Não queria saber sobre o que conversaram, provavelmente não conseguiria esconder minha cara de merda.

— E o que acha sobre?

— Acho que tivemos nosso primeiro desentendimento.

Antes de alcançar o topo da escada, espiei Dominic por cima do ombro. Seus olhos me alcançaram no mesmo instante. Deixei que visualizasse o ciúme horrível estampado no meu rosto. Eu sentia que Dominic era meu, e tentava não pensar no que faria se ele me dissesse que estava comprometido.

Eu era uma vaca, estava há poucas horas discutindo com meu pai sobre isso. Francesca tinha me falado dessa possibilidade. Meu estômago se afundou imaginando se um possível casamento entre eles fosse oficializado.

Dominic apertou minha mão e arqueou as sobrancelhas, como se me desafiasse a compartilhar meus pensamentos.

Apenas dei de ombros. Tinha que reformular meus pensamentos antes de externá-los. Ter ele como posse no Instituto era algo, fora dos muros parecia que as coisas seriam muito mais reais.

O próximo andar era um corredor largo, e também havia várias portas. Entrei em um dos cômodos e abri a larga janela, deixando ar puro entrar.

Procurando algo para sentar, peguei um forro branco e manchado para limpar uma parte do chão amadeirado. Pelo menos tirar um pouco da poeira, porque era isso que tinha ali, nada além de poeira pelo tempo sem visitas.

Sentei-me no chão, pondo o lado do forro interno para cima. Logo Dominic imitou a minha ação, e seu braço alcançou meus ombros, nos aproximando. Sua mão foi para minha nuca e meus olhos tremeram ao se fechar. Seus lábios molhados beijaram minhas bochechas, depois meu nariz, meu queixo, acima de minha boca. Seu nariz tocou o meu e respiramos o mesmo ar.

— O que te incomoda?

Abri os olhos, encontrando o rio petróleo, então terminei de me deitar no forro. Iria me preocupar com a sujeira depois.

Dominic apoiou um cotovelo no chão para segurar seu peso e cobriu meu corpo com o seu, soprando meus lábios e passando a língua por eles, pedindo passagem. As borboletas voaram soltas.

Ainda com nossos olhos conectados, sua boca encontrou a minha, beijando cada cantinho dela. Seu hálito de menta me fez salivar quando me sentia sugada por ele, que despertava todas as minhas moléculas com apenas leves toques. Leves, suaves, apenas lábios com lábios, como se me provar fosse a coisa mais gostosa do mundo. Senti todo meu ser vibrar quando sua mão encontrou minha barriga, fazendo carinho. Queria chupar seus lábios e não mais parar. Queria agarrá-lo e sugar tudo para mim.

— Eu gosto de você — confessou e pisquei aturdida. Seus olhos dançaram em uma canção perfeita e meu coração disparou querendo acompanhar.

— Eu também gosto de você — sussurrei, sentindo minha boca um pouco inchada.

Dominic se afastou, escaneando meu rosto.

— Achei que *isso* já estava claro entre nós.

— Isso o quê? — Franzi o cenho.

— Sobre nós.

Fiquei calada.

— Eu te vejo, Augusta. — Suas mãos encontraram as minhas. — E não sou muito de fazer joguinhos quando se trata do que quero.

Meu coração pulou em galopadas rápidas.

— Então, você é do tipo sincero?

— Sou do tipo que fala o que quer — sussurrou no meu ouvido e meu corpo reagiu numa velocidade impressionante.

Senti seus lábios molhados abaixo da linha da orelha. Apertei sua mão na minha, usando-o como âncora.

— E o que você quer?

Sua risada baixa me estremeceu.

— Você.

A boca de Dominic encontrou a minha novamente, e dessa vez o meu medo foi embora. Seus lábios macios chuparam os meus com vontade, enquanto sua mão fazia carinhos em minha barriga, arrepiando-me. Senti sua língua procurar a minha, me saboreando e incitando-me a acompanhar seus movimentos. *Pedindo*. Não tive paciência antes de enfiar minhas mãos em seu cabelo e abraçá-lo com meu corpo, desesperada por mais.

Sua boca era tão gostosa, seus lábios eram divinos, sua língua era perfeita. Sentia-me beijada pelo corpo todo. Avancei bravamente, fazendo os mesmos movimentos que ele, beijando-o como se dependêssemos disso para viver. Era gostoso demais. O movimento das nossas bocas molhadas me incendiava. Disparava cargas por todo meu corpo, incitando-o a se mexer, pedindo mais. Sempre mais. Os beijos de Dominic faziam isso comigo, me levavam à loucura. E eu esquecia de tudo.

Quando nos afastamos brevemente para tomar ar, Dominic continuou beijando minha pele. Seu aperto tinha ficado mais firme, como se quisesse me manter naquele lugar. Seu corpo dominava o meu, como posse. Me reivindicando como sua. E eu sentia tudo. Queria tudo.

— Mas eu sei esperar — sussurrou em meu ouvido enquanto distribuía beijos pelo meu pescoço e colo. — Eu percebo suas fugas sempre que as coisas *esquentam*. — Minhas bochechas deviam estar pegando fogo. As coisas estavam quentes e eu ainda não tinha nos parado.

Sua boca encontrou a minha em um leve carinho, e seus olhos me confortaram com um brilho intencional.

— E tudo bem, eu sou paciente, não preciso de sexo para querer estar com você. Porque gosto de você, não só porque é uma bela amante, mas porque é minha amiga.

Meu peito se encheu e abracei o seu corpo. Eu sentia que Dominic era meu, de verdade. Aspirei seu cheiro delicioso, querendo me fundir com ele, querendo ficar guardada ali dentro para sempre.

— E não estou muito inclinado a te deixar passar. — Levantei a cabeça, encontrando novamente seus olhos. Havia um pouco de diversão e malícia.

— Então temos, tipo, uma *coisa séria*?

Dominic arqueou as sobrancelhas.

— Namorados, Augusta, quero que sejamos namorados. Não tenho medo dessa palavra. Achei que estava claro o quanto eu já estou na sua.

Ri pelo nariz e sei que meus olhos estavam brilhando. Como os dele.

— Eu também estou muito na sua.

Sorri feliz.

Eu estava namorando Dominic Clifford.

22

NOIVADO

AUGUSTA VENDETTA

Olhava furiosamente para o anel com uma enorme pedra em cima da minha cama. Cercava-o como um animal enjaulado, como se a ideia de uma ameaça estivesse bem à minha frente, pronta para atacar.

Estava obcecada por observar a joia, quase que com medo que ela criasse pernas próprias e se alojasse em meu dedo.

Podia sentir o descontrole rir da minha cara me dizendo que eu não tinha condições nenhuma de domá-lo e que eu falharia.

Era sempre assim, desde que declarei fim a nós dois, viramos essa bagunça de sentimentos e humilhações. Incansável, Dominic buscava o motivo para eu ter nos afastado, e eu lutava para esconder a verdade que visitava meus pesadelos diariamente.

Me sentia fraca, tinha vergonha de mim mesma.

Vergonha da minha covardia.

Vergonha de admitir que a cada vez que Dominic se aproximava, eu deixava ele me despir, sendo egoísta demais para afastá-lo. Egoísta demais para não cumprir com a minha palavra, porque sabia que a qualquer momento as coisas poderiam ruir.

Eu me tornava uma verdadeira cadela no cio e não tinha vergonha de admitir. Não, eu tentava me enganar dizendo para mim mesma que poderia resistir e ser forte.

Um espírito de raiva me queimou e me senti indefesa.

Eu não tinha forças para afastá-lo, ele tinha ficado bom demais em me enganar nas *minhas* próprias mentiras. Ele estava cada vez mais perto, e isso me dava medo. *Medo por ele*. Medo do que ele veria. Porque tudo agora era feio e amargo.

A cada vez que Dominic agia *assim*, um pouco de mim se desfazia e mais forte os meus sentimentos vinham à tona, mostrando para mim que eu não era totalmente forte e que não conseguia lidar com as coisas do meu jeito.

Que não conseguiria fugir por tanto tempo.

Mordi os lábios e fui até o meu celular em cima da cômoda que tinha dentro do closet. Queimei-o com os olhos ao pegá-lo e visualizar a mensagem desconhecida mais uma vez antes de apagá-la:

Desconhecido: *Um noivado? Imagina como fiquei surpreso com a notícia do ano.*

Desconhecido: *Espero que não esteja desistindo por ser fraca demais.*

Desconhecido: *Está com medo? Aposto que sim, o que seu noivo fará quando descobrir o que você planeja? Ele ficará decepcionado ou mais louco ao saber que planeja a morte do rei?*

Respirei fundo. Sabia que a partir de agora as coisas se tornariam mais difíceis, as minhas mentiras não sustentariam a minha máscara. Uma máscara que tão *dolorosamente* tinha construído. Uma máscara que me lembrava dia após dia como tinha sido capaz de destruir as partes mais bonitas de mim.

Eu era culpada. Culpada. Tinha provocado o incêndio que nos destruiu e escondido as provas que me condenariam. E eram essas provas que Dominic procurava. Ele estava atrás dos meus rastros. Atrás das provas que exporiam minhas mentiras.

Atrás dos pesadelos que visitavam meus sonhos todos os dias.

O pesadelo tinha pernas, voz, usava terno e tinha um poder em mãos *quase* impenetrável. Era difícil não recordar das promessas mentirosas que fiz. Que pintei. O *pesadelo* estava cobrando sua dívida e eu

ainda não estava pronta para abrir mão de mim. Os meses tinham passado e ao invés de ficar mais fácil dizer adeus, tornou-se uma tarefa árdua.

Abri a gaveta pela qual era obcecada desde que saí do hospital, o objeto de aço brilhou me dizendo que estava pronta para fazer o seu pior e lembrei-me de todas as aulas de tiro ao alvo que tive no Instituto. Soltei um longo suspiro, e me perguntei se terei coragem para matar o meu pesadelo como ele fez comigo.

Fechei a gaveta, dizendo a mim mesma que eu poderia esperar mais um pouco, e poderia ser uma vadia mentirosa mais um pouco.

Peguei a joia brilhante que queimou em minhas palmas, e a guardei, não tendo coragem de pôr em meus dedos. Eu não tinha arriscado nenhuma vez. Não me sentia digna. Não dele.

Cadela egoísta, era o que eu me transformava ao terminar de alisar meu cabelo perfeitamente, não deixando nenhuma ondulação pelas mechas castanhas. Passei as mãos pelo vestido branco, sorrindo para o espelho que refletia a imagem de uma mulher que tentava se esconder atrás de um maxilar travado, um rosto oval, lábios cheios e agora pintados de um vermelho-escuro, sobrancelhas feitas, olhos um pouco cerrados e uma seriedade que me perguntava: quando foi que tinha me transformado nessa mulher?

O vestido branco era sustentado por alças de argolas prateadas que compunham um curto corpete que amassava meus seios, as argolas também fechavam a costura do lado direito do meu corpo, começando abaixo dos meus seios e indo até a metade da coxa, no qual uma enorme fenda se abria seguindo o comprimento do vestido até o chão.

Me apressei para seguir o horário certo, mas encontrei meu pai antes de sair, ele estava no escritório e eu precisava falar com ele

— *Finalmente* resolveu sair do quarto? — Ele mexia apressado em papéis que estavam em cima de sua mesa.

— Estou noiva, vim atrás das minhas respostas.

Ele cerrou os olhos.

— O que quer saber?

— A localização da mina.

— Eu não vou te dar *essa* resposta agora, você sabe.

Cruzei os braços, com a minha garganta secando. Suspirei. Teria mesmo que assinar a merda do contrato.

— *Ele* acha que não vou cumprir com a minha palavra e vou desistir.

Meu pai tensionou sério.

— E você vai cumprir?

Meus olhos arderam e pisquei rápido, pensando nas minhas palavras que não iriam sair. Meu pai guardou os papéis em uma pasta e a enfiou debaixo do braço.

— Você não pode usar seu poder de pai agora?

— Seria muito fácil me culpar pelas suas escolhas — soou amargo e mordi a língua. O momento que temia havia chegado.

— Algum progresso com o mapa?

Meu pai sorriu, e arqueei as sobrancelhas, curiosa.

— Um problema de cada vez.

Bufei, seguindo para o corredor.

Eu tinha um noivado para ir.

O meu noivado.



Cheguei à mansão Willians em poucos minutos, sendo presenteada por cumprimentos saudosos, sorrisos contidos e um leve arregalar de olhos. Sorri instantaneamente. A última reação eu diria ser pelo meu vestido ousado e nada formal para uma *noiva*.

Coloquei meus pés a se moverem pelo salão, parando mais vezes do que gostaria, sendo parabenizada como se eu tivesse acabado de inaugurar meu novo império. Como se *agora* eu realmente fosse ganhar reconhecimento pelas coisas que *eu* fiz por ter um sobrenome importante ao meu lado. Sentia minha pele pinicar ao sufocar o incômodo que a situação fazia em mim.

Saindo da sala principal, cruzei o portal em arco que dava para a segunda sala, agora com uma grande mesa. Estavam todos ali, todos os meus amigos e familiares. Senti meu peito se partir em uma dor antecipada. A ansiedade me comendo, me afogando da forma mais cruel possível.

A *primeira* pessoa que meus olhos procuraram foi o dele. O olhar da morte, o olhar da coerção. O olhar dos meus *pesadelos*. Eu o odiava com

todas as minhas forças e todo o meu ser. Tinha nojo. Repulsa. Um dia o inferno o comeria e eu agradeceria de joelhos.

Mas esse dia *infelizmente* não era hoje, porque hoje ele ainda estava aqui na mesma sala que eu, na mesma sala que Dominic. O terror ainda estava aqui, cobrando minhas palavras que há nove meses lhe ofereci. Lhe prometi. Porque hoje eu ainda testaria sua paciência ganhando tempo para o meu coração.

Era uma merda a hipocrisia das pessoas ao nosso redor, como aparentavam saber de tudo da nossa vida, mas não sabiam o necessário. Não sabia a coisa mais importante: o caráter. Quem a pessoa era por trás do dinheiro, por trás do poder. Por trás de um sobrenome.

Como um terno bonito poderia cobrir tanta podridão?

Desviei meus olhos rapidamente, não demorando mais que cinco segundos, eu tinha entendido seu recado, tinha recebido sua mensagem. Engoli em seco para sufocar a vontade de me dopar em qualquer álcool que encontrasse pela frente.

Chegando mais perto da mesa, meu pai foi a *segunda* pessoa que meus olhos escanearam. E eu soube que minhas feições não eram as melhores quando um semicerrar de olhos me interrogaram.

E a *terceira* pessoa… Abri meu melhor sorriso quando cabelos pretos apontaram e um sorriso diabólico pintou seus lábios. Havia uma semana que não nos encontrávamos, desde que ele tinha me deixado plantada no camarim do teatro, tornando os dias longos e conflituosos.

Eu demorei um tempo para sair do transe, demorei para perceber que tinha que dar comandos para que minhas pernas encontrassem a saída e depois meu carro. Não encontrei ninguém pelo caminho, e a primeira coisa que fiz quando cheguei em casa foi atirar longe a joia que queimava não só meu anelar, mas meu cérebro com meus pensamentos mais secretos.

Mudei o peso do meu corpo de perna, a ansiedade querendo dar sinal, incomodando o meu coração.

No entanto, não me apressei a seguir o destino da noite, e uma *quarta* pessoa chamou minha atenção quando, no canto afastado da parede, o homem de trajes peculiares saboreava o belo bourbon que encarava em uma mão, e na outra segurava o copo com a bebida. Ele parecia estar lendo o rótulo.

— Parece que está se adaptando bem — chamei a atenção de Fabian, que me olhou surpreso, e logo deixou o vidro na estreita estante que

compunha outras bebidas alcoólicas.

Fabian era um homem alto, de olhos verdes e tinha uma estrutura muscular forte e muito bem definida. Conseguia ver o cordão preto com uma cruz prateada na abertura dos dois primeiros botões que a camiseta preta de cetim deixava. A calça também era preta, com um cinto preto de metal que brilhava como se estivesse sido esculpido.

Ele era um homem bonito para caramba.

— Noite de caridade? — Empertiguei o queixo, arqueando as sobrancelhas.

— Estou me sentindo piedosa com os fracos.

Fabian me olhou divertido, o que foi estranho. Observou algo em meu rosto e riu. Uma risada de verdade, como se *eu* fosse a própria graça.

— Devo me sentir honrado?

— Certamente— respondi, dobrando o pescoço. — Quanto tempo vai ficar?

— Está querendo me mandar embora? — diversão corria da sua boca — *Dessa vez* não estou na sua casa para me expulsar.

— Está bem-humorado, isso é um sinal de rendição? Devo me preparar para tomar mais terras suas?

— Tomar terras minhas te faria feliz?

— Muito.

— Então encontre felicidade em outro lugar — alfinetou com um tom grosso, e bebeu mais um pouco do líquido que segurava em mãos.

Senti que minhas palavras estavam sendo cuidadosamente analisadas. De burro Fabian não tinha nada.

— Qual a probabilidade de Dominic desistir do noivado? — testei.

Fabian riu.

— Qual a probabilidade de algum membro da AAB sair e *eu* entrar?

Cerrei os olhos, querendo decifrar suas palavras. Fabian era seu aliado, a pessoa que ele confiava de olhos fechados.

— Vocês acreditam mesmo nisso? — alfinetei.

— Com toda nossa fé.

Estalei a língua e arqueei as sobrancelhas, sorrindo mais que o necessário. Fabian fez uma careta.

— Acho que posso ser gentil e te dar o meu voto — afirmei simples, embora o meu voto fosse casado com o de Dominic, e não valeria de nada sozinho.

— Está levando mesmo a sério sobre fazer caridade? — debochou.

— Não pense um segundo que estou te fazendo um favor.

— Homens grandes nunca me intimidaram.

— Está avisado — sorri falsamente e não me importei em me despedir porque logo fui alcançar o único lugar na mesa que me cabia. Sentei-me com elegância sem desviar os olhos da taça que foi preenchida por um líquido vermelho.

Seria uma longa noite.



A minha mão foi a primeira coisa que ele olhou quando ocupou o lugar à minha esquerda.

— Precisa de uma super bonder? — Sempre tão *amável*.

— Não ia usar uma coisa *horrenda* daquelas. — Veneno e escárnio encharcaram minhas palavras, querendo feri-lo com algo que sabia ser importante para ele. A joia *era* importante pra ele. Ou deveria ser, já que uma expressão perversa e nada bondosa tomou seu rosto.

— Achei que preferia pedras pequenas e de alto valor.

— Está enganado, gosto de pedras grandes e valiosas.

Dominic arqueou as sobrancelhas e abri a mão em sua frente, revelando a peça que estava cravada dentro do meu punho esquerdo.

— Mas essa dá para o gasto. — Ofereci-lhe a joia, que queimava minhas mãos, e Dominic não demorou dois segundos para pegá-la e deslizar no meu anelar. Minhas mãos estavam trêmulas e frias, mas ele não disse nada sobre. Levantei a mão esquerda: — Feliz?

— Satisfeito.

Fugindo de um embate com Dominic, desviei do seu olhar analítico, porque ainda precisava de tempo para articular meus próximos passos da noite. Então, dei atenção à minha taça que logo ficou vazia, me atentando aos nossos amigos que nos rodeavam, nos presenteando com grandes sorrisos divertidos.

Oh, sim, nossos próprios amigos foram os primeiros a entrarem nessa psicopatia toda.

Eu tinha um palpite que eles estavam amando, na verdade.

Em alerta, percebi que Ella escapuliu da cadeira ao meu lado e rodeou a mesa, se sentando à minha frente, ao lado de Zaki e Christian. O seu gêmeo estava do lado de Dominic. Polly estava no extremo direito, conversando animada com nossas garotas, e avistei Miriam em outra mesa com nossos pais.

Puxei minhas mãos para o colo quando notei o movimento inconsciente que meus dedos começaram a fazer na mesa.

Sentia-me ansiosa.

Uma voz alta e aguda me chamou a atenção e me concentrei na conversa à minha frente. Seu vestido era ousado, um azul-marinho decorado, com pérolas no corpete. Estreitei os olhos para o fino colar de pérolas que rodeava seu pescoço. Agucei meus sentidos em curiosidade.

A garota que estava com as mãos em Dominic era a mesma que estava debutando no QueenKey. Karen. Mas ela não pareceria nenhuma garota, olhando-a assim, suas expressões eram cansadas e o tom maduro do seu rosto me pegou.

— Você devia tentar, é realmente algo que toda mulher devia fazer pelo menos uma vez na vida.

— Eu aposto que sim — Dra. Janine soou incerta quando olhou a mulher de pérolas com cautela, tinha um vislumbre de julgamento em suas íris.

Olhei a cena com mais curiosidade, Janine Greenwood era uma das médicas mais conceituadas da cidade, alta, de pele negra, cabelos pretos e extremamente lisos, eu a considerava uma mulher séria e de poucas palavras.

A Dra. ouvia atentamente a mulher de azul, balançando a cabeça algumas vezes e em outras somente escutando. Seu corpo estava rígido, mantinha a taça em sua mão na altura dos seus seios, e não se mexeu em nenhum momento até que depois de minutos a sua postura relaxou. E um vislumbre de um sorriso manchou seus lábios. Uma mão delicada tocou seus ombros. Era a sua esposa, a Dra. Melissa.

Então, voltei minha atenção para a mulher que tinha me chamado a atenção, incomodada. Assim, nessa posição, ela parecia muito mais velha do que quando estava debutando entre as QueenKey no salão. Havia um boato que ela dormia com homens por dinheiro, e não gostei de saber disso. As minhas damas não podiam ter essa reputação. Fiz uma careta inconsciente. Ela era a garota que rondava Dominic.

Seus tons de voz diminuíram, e acompanhei com o olhar seus passos sumirem de vista.

Minha taça foi enchida novamente e tomei todo o líquido. Engolindo a enxurrada de sentimentos. Merda. Respirei fundo.

— Ouvir conversa alheia é o seu novo esporte favorito?

Quase bati a coxa na mesa ao sentir uma mão quente na minha pele, por um momento, *quase* havia me esquecido quem estava ao meu lado. *Quase*. Porque meu corpo era bom em identificar quem estava por perto. Olho pra minha esquerda, vendo sua cara lavada também concentrada nas conversas à nossa frente. Provavelmente ouvindo as mesmas coisas que acabei de ouvir.

— Não precisa ouvir, é só me perguntar. Posso te falar todos os detalhes de como *ela é*.

O quê? Travei meu olhar em seu rosto, tentando não voar em seu pescoço.

— Você dormiu com ela?

— Agora gostaria de saber sobre a minha vida?

— Achei que prostitutas não fossem o seu *lance.* — Senti que minha voz subiu alguns tons, e não me importei em verificar se alguém estava prestando atenção em nós.

Seus olhos se estreitaram em minha direção, depois abriu os braços, confortável demais, ignorando meu ataque.

— Calma, *bruxa*, não precisa *disso* tudo. — Seu tom malicioso pingava deboche. Senti meu rosto quente, meu coração já começando seu trabalho favorito. Calor ferveu em minha perna e travei o maxilar. Seu rosto impassível.

— Tira a mão da minha coxa — falei sorrindo, entredentes.

— Você é minha noiva, é meu dever verificar se está bem. — Deu de ombros, como se a ação fosse algo corriqueiro. — Você pode perguntar, não precisa me apalpar. — Balancei a perna para que sua mão fosse embora.

— Eu sou do tipo que precisa sentir para crer.

— *Tira* — disse em um tom baixo para que somente ele escutasse, tentando puxar suas mãos com a minha. Nada aconteceu. — Tira a porra da mão. — Sinto sua mão apertar mais forte a minha coxa. Filho da puta.

Esbravejo e tento levantar da cadeira, o que não dá muito certo com o peso da sua mão em mim. E ficamos nesse embate, eu tentando me

levantar sem parecer desastroso e Dominic agarrando minha cintura para que eu permaneça na mesa. Eu poderia até rir da cena se o babaca não fosse tão convencido em achar que conseguiria me controlar.

Parei meus movimentos quando ele soltou irônico:

— Você parece ansiosa, *amor*, precisa de ajuda em algo?

— Eu preciso que você tire essas mãos porcas de mim!

— *Agora* minhas mãos são porcas?

Cerrei os olhos pela ousadia de sua boca, e estava decidida a esganar seu pescoço bem ali e agora. A ansiedade me comia de dentro para fora e o estresse mexia com minha percepção. Eu podia chamá-lo para um embate lá fora, e talvez descontasse toda a minha raiva nessa cara bonita, exalando um sorriso que aparentava saber exatamente o que eu queria.

De repente, o peso do nosso último encontro se fez presente no ar e a minha respiração falhou quando sua mão quente na minha coxa exposta, espalhou calor pelo resto do meu corpo. Naquele momento, eu podia muito bem deixar me levar pelas minhas emoções, sentir o seu toque em mim e me embriagar nos seus beijos molhados, que deixavam marcas tão profundas nas minhas memórias que meu ventre se contraía e meus pés se remexiam inconscientemente em busca de mais contato.

A raiva que engolia todas as minhas outras emoções ameaçou dar voz aos meus hormônios.

Lutar contra mim mesma era cansativo e estava a um *pico* de mandar tudo a merda mais uma vez. Só mais uma vez, era o que eu pensava quando ele estava muito perto. Só mais uma vez, era o que eu falava comigo mesma quando Dominic pedia para que eu cedesse. Só mais uma vez antes de ser a última e ele descobrir tudo e me mandar embora de vez.

O brilho em seus olhos me disse que ele sabia o que estava pensando. Babaca. Eu nunca fui muito boa em guardar meus desejos para mim mesma, e Dominic sempre foi muito bom em decifrar meu corpo primeiro que eu. Porque eu sempre estava em uma luta constante com a minha mente, e pensar demais, às vezes, era *demais.*

Ainda mergulhada em seu rio petróleo, mexi a coxa vendo que sua mão estava firme ali no meio, despertando cada fibra possível. Cruzei as pernas, incomodada, sua mão adentrando mais. Acho que mais alguns centímetros e Dominic sentiria a minha calcinha. Os dedinhos dos meus pés se espremeram no salto.

Suspirei, sem paciência nenhuma.

O tilintar de uma taça fez todos se calarem e percebi que não ouvia esse barulho externo. O meu coração já não bombeava de ansiedade por pensar demais, ele bombeava de expectativas em estar com Dominic.

— Boa noite! — Era a voz de Martinez, engoli em seco quando *obrigava* meus olhos a olhar para o portal em arco. — Tomando as palavras do senhor Clifford, estamos muito *contentes* com essa noite, é uma dádiva estar *finalmente* começando essa nova etapa no nosso meio. Sabemos que foram longos anos de espera, e Dominic que o diga — risadinhas baixas foram ouvidas. Um pouco tensa pelas palavras, franzi o cenho, ingerindo mais vinho. Agora era um ótimo momento para banquetear o jantar que estava sendo servido.

— No entanto, aqui estamos nós, contemplando a união de duas família fortes, a construção de um império novo. E de um novo chamado que a AAB irá abraçar. Antes de passar a palavra para os noivos, adianto que sejam *breves* — uma risadinha o cobriu e travei o maxilar. — Já que temos o nosso *rito* para cumprir e estamos muito ansiosos — mais risadinhas e foi impossível não revirar os olhos. — Pois bem, não queremos prolongar mais, certo? Noivos, as palavras são suas.

Se eu já estava incomoda com a palavra *noivos* antes, ela desceu como fel, amargando e queimando meu interior naquele momento. De repente, algo primitivo gritou dentro de mim e soube que naquela noite eu estaria decidindo *nosso* futuro mais uma vez.

A minha primeira opção era destruir esse noivado, dar um fim ao nosso sofrimento e expor toda merda enraizada ali, mas talvez, só talvez, ainda não estivesse pronta para deixá-lo, e levar meus pesadelos para morte parecia muito mais apetitoso do que deixar que a morte me levasse sozinha sem nenhuma barganha para ficar.

Então, mais uma vez, ou a última, optei pelo sentimento mais fácil. Pela emoção menos complicada de lidar, pelo caminho egoísta de achar que ainda poderia ter tudo que queria. Fingir mais uma vez, como tinha feito nos últimos meses.

Optei por achar que ainda tinha algum controle, porque ainda era uma cadela egoísta que gostava de brincar com fogo, gostava de pintar os escudos do meu ego, o tornando impenetrável.

Uma última vez. Depois levaria à morte para debaixo da terra. E, no final, pegaria a minha coroa.

23

RITO

DOMINIC CLIFFORD

O formigamento na espinha era uma das primeiras reações fisiológicas que tinha quando seu perfume me atingia.

Porra.

Eu já devia ter me acostumado, devia mesmo. Tipo, de verdade. Porque era uma merda desgraçada sentir cada molécula dentro de mim se agitar ao observar seus passos firmes e decididos a adentrar a mansão. Como uma rainha cruel.

Porra.

Naquele momento, eu queria não ter aprendido a observar *tão bem* o ambiente à minha volta, gostaria de não ter notado *cada* olhar direcionado a ela. Cada vírgula de olhar.

Gostaria mesmo de ser só mais um leigo ali presente.

Os primeiros cumprimentos vieram, fazendo-a parar algumas vezes, distribuindo facetas diferentes para cada qual que a intervia. Analisei calmo e curioso, viciado em apreciar as reações causadas por aquela rainha. Porque era óbvio como a sua presença fazia o ar girar diferente. E ficava aliviado por não ser o único afetado pelo magnetismo da sua expressão corporal impecável, mesmo que os motivos fossem diversos.

Ela dizia não saber ser simpática, mas carregava uma legião de admiradores. Os seus escudos não deixavam ela perceber o efeito que causava nas pessoas, ou às vezes sabia e se fingia de tola. Apesar de tola não ter nada.

Tomei mais um gole do meu whisky, aceitando de bom grado o líquido queimar minha garganta. Aliviador. Troquei o copo vazio por outro que foi me oferecido por uma bonita moça que servia a mansão naquela noite. Lhe presenteei com um sorriso antes de continuar meus distraídos passos de espectador.

Um espectador faminto que era obcecado por cada maldito passo que ela dava.

Dobrei o pescoço, ainda atento, e mais outro segundo seus passos encontraram Fabian. Arqueei as sobrancelhas, curioso.

Essa mulher criava um mistério a cada dia, superava todas as expectativas que eu criava para os seus próximos passos e destruía as barreiras do meu autocontrole que lutava todos os dias para montar. Ela mexia com meu ego, balançava-o de uma forma cruel e perversa, fazendo-me entrar em um espiral maníaco de busca só para poder estar mais alguns segundos perto da energia sedutora dela.

Saboreei o líquido em minha boca antes de ele queimar minha garganta novamente. Estava com sede.

Sede dela.

Augusta.

A mulher que me quebrou em estilhaços e que não estampava um único indício de arrependimento. A mulher que não demonstrava nada, não se eu não a pressiona-se. O que eu fazia com uma perversa vontade. Mesmo que isso me destruísse um pouco, porque ver os seus olhos contradizendo sua boca me rachava de novo. Me comia vivo. Fazia a raiva florescer em um desespero genuíno de perda. De descontrole. De ódio.

Eu odiava isso, odiava o lugar que ela tinha nos colocado. Odiava a forma como Augusta nos fazia remar em um mar de ondas violentas em que não havia nenhum resquício de terra à vista.

E eu não podia fazer nada. Não por enquanto.

Então esperei mais uma vez, outra vez, enquanto ela pintava e bordava no seu reino de mentiras. Brincava com nossos sentimentos e fugia quando sua máscara ameaçava cair. Porque eu não me importava com a

merda das suas palavras mentirosas, mesmo que cortasse mais um pouco do fio que nos restava.

Ou pelo menos eu não devia me importar, porque quando Augusta me deu sua mão para que eu pusesse o anel no seu dedo, a maldita luz vermelha apitou em minha cabeça. Algo tinha mudado, seu olhar manso me avisou.

Ouvi Martinez nos parabenizar e sabia o que viria a seguir. Eu tinha me preparado. Tinha ensaiado palavras saudosas e significativas que alfinetariam quem quer que fosse que estava por trás de tudo. Eu só não esperava que ela também estivesse.

Porra.

Imparcial, arrastei a cadeira para me levantar, não olhando duas vezes para minha direita quando Augusta fez o mesmo. Ela não era de ficar calada, mas também não esperava que agradecesse por algo que, em suas palavras, ela repudiava e se negava a aceitar até a morte.

E foi o gesto em seus lábios e a posição da sua mão que me antecedeu que ela ia dizer algo. E foi aí que a luz vermelha fez sentido.

Se Augusta quisesse acabar com esse noivado, ela não teria nenhuma dificuldade. Não precisava de plateia ou de um show. Augusta tentava se enganar tomando atitudes diferentes em busca de justificar algo que tentava a todo custo esconder. Algo que eu tentava a todo custo descobrir.

Mas ela ainda era uma mulher com um orgulho muito grande, eu sabia bem disso, então isso seria pouco. Destruir um noivado assim era pouco. Novamente tinha algo mais.

E aquele momento foi mais um entre muitos em que eu quis saber exatamente o que aconteceria a seguir. Porque teria poupado a minha cara de idiota quando palavras doces demais eram despejadas de seus lábios carnudos.

— Boa noite, amigos! — Seus lábios se repuxaram em um sorriso fácil e seus olhos procuraram os meus, uma piscadela suspeita enfeitou seus olhos claros antes de sua atenção voltar para as pessoas presentes ali. — Creio que essas palavras seriam de Dominic, certo? — Seria, mas ninguém ia falar isso. Não quando continuei quieto, esperando. Esperando ansioso como sua boca nos condenaria de alguma forma. — Espero que estejam curtindo nosso evento, pois ele acontecerá apenas *uma* vez.

Risadinhas foram ouvidas, identificando o duplo sentido das palavras. Arqueei as sobrancelhas, cerrando os olhos para a mulher ao meu lado. Ousada. Augusta estava profetizando que nenhum de nós dois iria noivar novamente. Apertei os lábios para não emitir nenhum barulho. Ela era pior.

Me vi apegado a cada palavra que saía de sua boca.

— Estou feliz que estejam aqui nos honrando e presenciando a união dos nossos impérios. Sei que esse momento foi sonhado não só por nós dois, mas por vocês também, vocês fizeram parte de nós e do nosso amadurecimento dentro da sociedade. Acompanharam nossos passos desde que decidimos ficar juntos, desde que o anúncio foi feito, e digo com clareza que os anos de espera valeram a pena. Valeram porque não há outro homem no mundo que gostaria de dividir isso. Dividir a minha vida. Construir um novo império que será tão glorioso quanto o que já temos, um império *incapaz* de ruir. E claro… — Seus lábios se abriram e decorei cada segundo. — Quem tentar contra ele, vai se afundar. Porque digo com certeza que esse vai ser o maior casamento que Bash já viveu. Brindamos em nossa honra!

Então, levantou sua taça já cheia.

E em nenhum momento sua voz vacilou.

Queria saber em qual parte parei de respirar.

Porra.

Acreditei em todas as suas palavras, principalmente as últimas que trouxe ofegos altos e burburinhos extasiados.

Porra.

Magnífica. Ninguém ousou contestar. E um olhar interrogativo me fez limpar a garganta e pintar um sorriso cruel nos lábios.

Eu não tinha nada a acrescentar, estava impressionado com suas palavras e não era louco de contradizê-la. Não. Mas isso não importava, porque ainda estavam esperando a minha voz. O *meu* sim.

Saboreei o álcool, deixando que ele agisse como arma em meu organismo. Aprumei o corpo em uma posição dominante, espreitando a mulher que também esperava uma resposta minha.

— Sabemos do peso de nossos sobrenomes, mas não seremos subjugados por ele. — Me direcionei à mulher que mantinha uma posição impecável. Seu olhar e sua expressão corporal sempre falaram melhor que

sua boca. — Não há outra pessoa que escolheria para dividir a minha vida. E que o ano comece e termine em abundância!

— E afortunados sejam aqueles mais astutos, que produzem em rocha sem deixar o outro cair — todos responderam sem vacilar.

Palmas foram ouvidas e mais algumas palavras de honra foram ditas por Martinez.

E quando não éramos mais o centro, segurei seu olhar por alguns segundos, esquecendo os burburinhos ao nosso redor. A temperatura subindo drasticamente. As palavras ditas ganhando peso e nos assustando como um bicho-papão debaixo da cama.

Pelo menos, *me* assustando, porque trinquei o maxilar quando Augusta desfez o momento e empertigou o queixo, trazendo aquela ironia ardilosa que seus olhos despejavam quando algo não saía como ela queria.

— Preciso de um ar.

E eu concordei quando ela disse que iria até o jardim.

É claro que eu concordei.

Concordei porque também precisava de um ar.

Precisava muito.

Não levei muitos minutos para alcançar o labirinto de galhas vivas que tinha sido reformado na lateral da mansão. O corredor verde estava iluminado por arandelas e postes médios, que conferiam uma iluminação bonita ao jardim.

Augusta estava sentada na borda do chafariz, que tinha no meio do labirinto, e passava os dedos por cima da água iluminada por leds que enchiam o círculo de pedra.

Parei por um momento antes de meus passos serem notados.

— Gostou do meu discurso? — Sua voz melódica me alcançou.

— Poderia ter dito que estava apaixonada.

— Você gostaria de ter ouvido isso?

Era um jogo, seu discurso me disse que eu teria que ter muito cuidado com as minhas próximas palavras, porque elas seriam decisivas para o rumo da nossa interação.

— Não.

Augusta arqueou as sobrancelhas, moldando um perfeito rosto cheio de deboche.

— Uma resposta inteligente.

— Paixão é muito raso — provoquei.

— Então, até os sentimentos têm que ser dignos de serem sentidos por você? — Diversão escorria de seus lábios cheios. E uma memória distante, dos seus lábios em mim, me atravessou.

Cerrei os olhos. Perigo gritava entre nós, e mandei a autopreservação se lascar. Foda-se, estava sedento fazia semanas. Semanas que Augusta provocava, mas não cedia. E semanas era muito tempo. Muito mesmo.

— Estamos em paz hoje?

— Não sei, me diz você. — O brilho de desejo salpicou seus olhos, bombardeando sangue diretamente para o meu pau. — Qual bandeira devemos levantar?

Repensei minhas palavras. Estava muito fácil. Nossos embates nunca eram fáceis, o processo de levá-la para cama sempre foi o mais demorado. Quando disse que sabia o tamanho do seu orgulho, eu sabia mesmo. Porque Augusta era teimosa e não cedia. Não quando uma guerra extensa era travada.

— Que tal a bandeira da verdade? — provoquei. Se Augusta estava disposta a ceder tão fácil, algo devia estar errado.

Sua cara amarga logo se transformou em uma carranca.

— Está deixando uma oportunidade passar?

— Oportunidade de te ter? — ri divertido, recebendo um olhar desafiador.

— Sim? — Dobrou o pescoço como se estivesse dizendo o óbvio. — Está escolhendo as palavras erradas, *Nic*.

— Eu sempre achei que as verdades deveriam ser mais valorizadas — alfinetei, me aproximando mais.

— Qual a cor dessa bandeira? — perguntou, levantando o rosto para me encarar melhor.

— Vermelha. — Com um pequeno laço branco na frente, quis completar.

— Essa não é a cor da guerra?

— Verdades e guerras podem causar o mesmo estrago.

— Está indo para o caminho errado, volte três casas — estalou a língua e se levantou, fazendo menção de partir.

Mas segurei seu braço quando seu corpo atravessou o meu. Não me importei de fechar os olhos e saborear a presença que fazia todo o meu corpo formigar. Puta que pariu, que merda do caralho.

— Eu acho que estou cruzando o caminho certo — sussurrei na lateral do seu rosto e vi seu corpo ficar tenso. E o *meu* corpo maldito amou isso.

— Dominic.

— Augusta.

Então entramos em um jogo mortal, onde tudo que eu procurava estava ali, bem ali na minha frente e eu só precisava... Tirar. Saber. Ouvir. Ter a certeza.

Mas ela não me daria isso e eu *ainda* não sabia o porquê. Era a merda do jogo infinito que nunca acabava.

— O que mudou?

— Sobre?

— Você *deseja* a coroa.

Eu podia ver em seus olhos um novo desafio. Ela estava disposta.

Augusta sabia que eu ainda esperava uma explicação, mesmo que a razão pesasse em proporções gigantescas para deixá-la todas as vezes. Mas eu não conseguia... Simplesmente não conseguia. E era nesse momento que deixava o ódio me embalar. Porque era melhor ter seu ódio e suas palavras afiadas do que não ter nada.

Em um cerrar de olhos, suas palmas me empurraram para tomar o lugar onde ela estava há poucos segundos. E não me importei em sentar na borda da pedra que rodeava a fonte do jardim. Sabia muito bem até onde podíamos ir. E mesmo sabendo que tinha um aviso de perigo ali, estava animado para descobrir aonde iríamos e o que faríamos.

Muito animado. Sentia-me pesado, e meu sangue corria somente em um sentido. Buscando uma coisa. Ela.

— Você ainda está tentando me salvar? — Suas mãos alcançaram meus ombros e suas pernas rodearam as minhas, me colocando entre elas. Seu vestido subiu com a posição do seu corpo, e antes que minhas mãos alcançassem suas coxas, seu olhar foi muito claro. *Não se atreva*. E meu sangue correu como nunca quando Augusta montou em minhas pernas e o calor das suas dobras me fez trincar o maxilar.

Não tinha pano ali.

Augusta estava sem a maldita calcinha.

Engoli em seco.

Apertei a pedra gelada em minhas mãos.

— Estou. — Desviei a atenção da sua pele descoberta, encarando seu rosto. Seus lábios cheios ainda pintavam deboche. Eu queria pintá-los de porra.

— Desista.

Augusta se ajeitou em meu colo, chegando mais perto, sentando em cima do meu pau, me provocando. Suas unhas me apertaram por cima da camisa.

Meu coração queria sair pela boca.

Talvez se ele saísse tudo pararia de ruir.

— Estou chegando perto?

Eu queria muito pôr minhas mãos nela, quase podia sentir a pele macia escorrendo em minhas palmas. Minhas palmas de encontro a sua pele macia. Porra. Isso parecia um caralho de bom.

— Desista.

Ainda em cima do meu colo, Augusta raspou o nariz em meu pescoço, arrepiando minha pele. O maldito efeito. Suas unhas estavam firmes em meus ombros e lutei contra minhas próprias mãos para não agarrá-la e marcá-la com elas. Porra, eu gostaria muito disso. Gosto mesmo de marcá-la, como ela sempre faz.

Mantive as mãos firmes na pedra.

Era o nosso jogo, quando um começava o ataque o outro tinha que manter a posição, pois se você revidasse, estaria entregando jogo. Mostrava que era fraco. Que não conseguia resistir. E eu conseguia, tinha um autocontrole muito bom. Pelo menos em tese, ou quando estávamos em público.

Augusta era boa em não mostrar fraquezas e eu tinha aprendido muito bem a procurar onde ela as escondia.

Como a porra de um maníaco. Um maníaco que sabia como receber um ótimo boquete no final da noite. Porque era assim que terminávamos quando ninguém estava vendo. Era nosso segredo sujo que ela amava esconder. *É divertido*, mordi os lábios com a sua voz na minha cabeça.

Ela não podia falar, e eu não podia tocar.

Regras do caralho.

Regras que eu gostava demais.

Regras que me levavam para dentro dela.

Augusta aproveitou do meu momento de distração e beijou abaixo da minha orelha. Não me importei em abrir os olhos. Porra. Poderia me

enfiar nela bem ali…

— Vai para o McCall hoje — ordenei com a voz rouca o nosso código secreto. Estava embriagado dela, sentia seu perfume doce por toda parte.

— Para outro interrogatório?

— Não é um interrogatório quando uma das partes não responde.

Abri os olhos, sendo presenteado pelas íris cor de mel que estavam escuras pela falta de luz.

Augusta estudou meu rosto, e devagar soprou minha boca, seu hálito quente roçando meus lábios sedentos. Esperei. Seu cheiro me embriagava e a expectativa de seus próximos passos deixava minhas bolas pesadas. Quase podia sentir o gosto da sua boca.

Quase.

Engoli em seco quando seus lábios rastejaram pela minha bochecha, por cima da minha barba recém-feita, abaixo novamente da minha orelha, minha nuca. Rastros molhados esquentavam meu pescoço. Estava em chamas. Augusta balançou os quadris, roçando a boceta no meu pau coberto.

Eu gozaria ali sem problemas, não me importaria de entrar para o recorde de orgasmos mais rápidos só porque uma maldita mulher estava me provocando e eu não podia tocá-la.

Só porque todos os meus sentidos estavam concentrados no meu pau, e na sua língua molhada que castigava lentamente a minha pele. Porra. Merda do caralho. Não voltaríamos para o rito, pouco me importava as regras idiotas que Augusta tinha criado…

Sua boca beijou meu queixo, seus olhos salpicados de desejo e trapaça. Fechei os olhos na esperança falha de beijar a sua boca.

— Te vejo no rito, amor, vamos fazer um bom show.

E fácil assim, me deixou no meio do jardim, sentado na beirada do chafariz, esperando pela sua boca que não veio.

E que por muito tempo nunca viria.



O rito era mais uma brincadeira que se tornou tradição nos últimos tempos.

Nos tempos antigos, havia um rito sagrado em que durante uma temporada, algumas mulheres cortejavam o príncipe, mostrando seus dotes, valores, criatividade e atividade em prol de provar que eram dignas de um bom casamento. Patético.

Hoje, essas atividades são inteiramente voltadas para o QueenKey, a garota que levará a chave da cidade por um ano.

Entretanto, com a evolução dos tempos, *graças ao Pai*, a modernidade de trazer alguma disputa antes de algum casamento permaneceu. Mesmo que não fosse verdadeiramente uma disputa, mas sim sobre o quanto os noivos se conheciam. *Excitante*.

Os burburinhos animados soaram pelo salão enquanto um acorde animado soava do piano. Fui até os gêmeos, que cochichavam animados com Zaki na base das escadas.

Cerrei os olhos quando pude ouvir as palavras por cima do barulho. Como estava vindo por uma das portas laterais da mansão, eles estavam de costas para mim e não me viram.

— Vocês só provam a idiotice de vocês apostando assim. — Era a voz de Zaki.

— Seria burrice não apostar — Chris se defendeu e caminhei preguiçosamente, parando em uma das estantes que ficava encostada na parede, para colocar bebida em meu copo. Virei de costas enquanto o enchia de bourbon e tentava ouvir a conversa dos babacas.

— Você sabe que Dominic vai saber que é ela, mesmo se tivesse todos os sentidos tapados — Charles desdenhou, provavelmente revirando os olhos.

— E você precisaria convencê-la de que precisa vencer uma aposta para que ela faça Dominic perder — Zaki soltou a ideia, divertindo-se.

— Isso não é um problema — Christoph se defendeu de novo.

Chuck e Zaki gargalharam.

— Tudo bem, irmão, nós entendemos suas limitações cerebrais e te acolhemos. — A voz de Zaki se elevou e soube que nada do que estavam falando era para se levar a sério.

Os babacas riram mais e aguardei mais um pouco para revelar minha presença.

— Vocês estão com inveja que eu sou o preferido *dela* — Chris se defendeu com convicção nas palavras.

— Está mais louco do que imaginava se acha que Augusta nutre sentimentos bonitos por nós. Ela nos suporta, é diferente. — Eu podia facilmente concordar com Chuck.

— Mas não falei que ela gosta de nós, disse que gosta de mim. E outra, tenho certeza que se eu pedisse para ela...

Revirei os olhos, não querendo ouvir um monólogo de Christoph Nikosi.

— Como preferido dela, não devia gastar tanta saliva se defendendo — cortei a conversa que já estava indo longe demais.

Ignorei seus olhos arregalados.

— Essa obsessão de vocês é questionável — ofereci a garrafa que levava em mãos e eles aceitaram de bom grado.

— Só mais um item para uma longa lista — Zaki cantou e tomou o vidro da minha mão, despejando o líquido nos copos vazios.

— Pronto para provar o que todo mundo está cansado de saber? — Chris provocou, apertando meus ombros em um gesto encorajador.

Ri pelo nariz, dando de ombros.

— Não posso evitar.

— É claro que não — murmurou e me empurrou para o centro do salão.

O líquido que enchia meu copo desceu queimando, acionando cada partícula de adrenalina no meu corpo.

Fui para onde uma cadeira com estofado branco estava posicionada. Os burburinhos eram altos e não fiz questão de prestar atenção sobre o que falavam, apenas me acomodei no lugar que tinha braçadeiras douradas. Estiquei os braços por cima da madeira, depois afundei meus dedos na mesma, firmando o corpo. Me sentia ansioso com a expectativa.

Não estava nervoso pelo risco de errar, mas sim de provar que nem mesmo com os olhos fechados deixaria de reconhecê-la.

Isso me deixava animado para caralho.

Uma breve explicação foi dada, dizendo que era só uma brincadeira de distração. Mas todos ali sabiam que era muito mais que apenas uma dinâmica.

Era mais sobre desafio e posse. Já vi homens pagarem para que não deixassem eles errarem, ou que dessem dicas discretas para que sua honra permanecesse intacta.

Eu não tinha pagado ninguém, e isso não passou despercebido para os homens ali presentes. Quase podia ouvir o tom zombeteiro de suas apostas.

— Pronto? — A voz feminina me despertou, era Alana, uma das amigas de Augusta.

Balancei a cabeça afirmando, e dando uma última olhada nas pessoas ao meu redor, deixei que vendasse meus olhos. Não tentei enxergar através de alguma fresta, ou mexi o rosto para que a venda se ajustasse mais. Ao invés disso, investi nos meus outros sentidos, principalmente no olfato.

Porque eu ia identificá-la, era quase um instinto corporal, senti a eletricidade de sua pele em contato com a minha, e digamos que não precisava tocá-la para saber que era ela, então era quase impossível errar.

Porém, entrei na brincadeira, ainda com os olhos vendados, sorri abertamente sabendo que todos os meus movimentos eram observados. Que os meus gestos eram significativos.

A primeira mão veio. Ter unhas grandes não era identidade, embora o sabor de ter as pontiagudas unhas de Augusta em contato com a minha pele fosse algo totalmente saboroso, não podia identificá-la assim. Soltei a mão macia e gelada, com nenhum tipo de joia presente.

— Não — disse simples, e a próxima veio.

A segunda mão tinha dedos finos e era quente, o seu perfume me era familiar, porém, meu trabalho ali não era adivinhar de quem a mão era, era identificar qual era a *dela*.

A terceira mão era um pouco mais grossa, e mesmo com a maciez de uma mão feminina, sentia pequenos calos na palma. A quarta mão era gelada e pequena, na quinta tentaram se aproveitar do momento e uma mão masculina foi me oferecida. Dei um belo apertão e logo risadas estouraram pelo salão.

Foram treze mãos no total, e nenhuma era de Augusta.

— Está pronto para escolher?

— Ainda não.

— Está com dúvidas? — zombou. Não consegui identificar a voz masculina, poderia ser de um dos Cheffts que ajudavam na organização.

— Nenhuma dessas mãos é de Augusta.

Não obtive resposta, e sabia que alguém estava rodeando a cadeira que estava sentado, rindo da dinâmica. Como todos ao nosso redor.

Para eles era divertido, para mim era caça. Relaxei no banco. Tinha todo tempo.

— Comece de novo, e dessa vez com a minha noiva, por favor.

Então novamente o tato pela mão certa começou. Fiz questão de estudar todas as mãos, sentir cada pegada. Algumas mãos fugiam rápido do meu toque, outras tremiam, outras se aproveitavam. Mas sabia que nenhuma delas era ela. Nenhuma tinha o seu perfume.

Na nona mão, eu tomei o meu tempo. Os dedos estavam sem anéis e as unhas curtas. Uma risada baixa saiu de meus lábios em diversão. Senti-a macia e seus dedos longos e gelados. Passei os meus em cada dobra dos seus, em cada junta e linha, e em uma pequena cicatriz que se amontoava na parte de cima. Havia passado tempo suficiente com as nossas mãos grudadas para não identificar o fio de reconhecimento que o calor de nossas palmas trazia.

Em um passo cego, abracei o corpo na minha frente, trazendo-o para o meu colo. Um suspiro alto saiu de seus lábios.

— *Minha* noiva.

Palmas soaram com alguns assobios que desconfiava ser dos nossos amigos. Tirei a venda, sendo saudado por uma carranca.

— Babaca — sussurrou. — Não poderia entrar na brincadeira?

— Não quando você está em jogo.

— É só uma brincadeira. — Augusta revirou os olhos, fazendo menção de levantar.

— Uma brincadeira que te fez cortar as unhas só para não ser identificada?

— Achei que um obstáculo deixaria as coisas mais legais.

— Não há obstáculos que eu não pule quando se trata do que quero — tentei soar significativo, calmo. Para que minhas palavras entrassem como uma faca certeira.

— Ridículo.

Prendi meus braços ao seu redor, recebendo um olhar mortal.

— Me deixa sair. Já acabou.

Adorei seu rosto, percebendo que algumas sardas ainda davam sinal por baixo da maquiagem.

— Não.

— Não é hora disso.

— Somos oficialmente noivos, podemos estar apaixonados — provoquei, recebendo um maxilar travado.

Mas ironia pintou seus lábios em um sorriso fácil. Aguardei ansioso por suas palavras. A ansiedade comendo a raiva que ameaçava se instalar.

— A sua cegueira irá te matar.

— Talvez mate. — Seus olhos me encararam. E mergulhei no mel assombroso que eles despejavam. — Está sem calcinha.

Um sorriso diabólico pintou seus lábios.

— Estou.

Travei o maxilar.

— Não queria ter ouvido isso.

— Eu não quero muitas coisas, e nem por isso…

— Devia pôr uma calcinha.

— Não.

Subi minhas mãos mais pra cima, e segurei seu quadril quando ela tentou se levantar.

— *Devia* pôr uma calcinha.

— Se não o quê? Vai levantar o meu vestido para que todos saibam?

Sorri perverso, deixando que ela visse todas as minhas intenções através dos meus olhos.

— Claro que não.

Augusta estremeceu.

— Eu vou me enfiar dentro de você para que todos saibam o quão molhada a sua boceta está apenas por estar sentada no colo do seu noivo.

As coxas de Augusta se fecharam fortemente e aproximei meu rosto do seu, inalando mais do seu cheiro gostoso.

— Você não é louco — rangeu os dentes e passei minhas mãos por sua coxa, exposta pela fenda.

— A gente pode testar a minha sanidade e ver quantas pessoas ficariam na sala ao notar minha mão dentro de você.

Sua respiração ficou pesada.

A minha também.

A minha ereção cutucando o tecido grosso da calça, me irritando por me deixar levar por situações como essa. Porra. Eu a queria. Porra, queria muito estar dentro dela. A pré-sensação me deixava louco.

— Dominic…

— Augusta…

Ódio brilhou em suas íris claras e uma satisfação genuína me abraçou. Perfeito. Augusta engoliu em seco, travando o maxilar. Nossos olhos em um combate eterno.

— Está concentrado demais no que não pode ter e está se esquecendo do que realmente importa.

— O que realmente importa?

Observei seu rosto vidrado, ansioso pelo veneno que sairia da sua boca.

— Eu sou a vilã da sua história, *Nic*, e vilãs não merecem ser salvas. Não quando ela quer colocar em jogo a cabeça do rei.

24

O COMEÇO

AUGUSTA VENDETTA

6 anos atrás

— Está nervosa?

— Um pouco.

Eu estava na casa de Dominic pela primeira vez, e uma sensação estranha me cutucava, fazendo-me ficar cautelosa com cada passo. O nosso ano havia acabado e estávamos de férias, um mês longe dos muros do Instituto, e no próximo ano não voltaríamos para o distrito, já começaríamos outro semestre aqui mesmo em Bash.

Estava empolgada, sei que tudo mudaria, a rotina, a convivência com a minha família, principalmente com um namorado ao meu lado. E não estava reclamando, na verdade, estava amando!

O que não impediu que eu criasse ideias na cabeça antes de saber que o lugar que Dominic queria me levar era a sua casa. Estamos na primeira semana de férias, e quando recebi uma mensagem sua, foi impossível não pensar *demais* nos *porquês*.

A mansão Clifford era linda, linda mesmo. Tinha uma extensa entrada rodeada por árvores grandes e perfeitamente podadas no formato

redondo. Estávamos no hall de entrada e Dominic segurava minhas mãos com firmeza, como se quisesse me passar toda a confiança do mundo. E eu a aceitei.

— Não fique nervosa, você já conhece Fred, e você não tem nada a temer com meu irmão.

— Eu conheço de vista, nunca conversei com Frederico — expliquei, cortando-o. Já tinha visto seu avô em alguns eventos, até mesmo já o vi saindo do escritório do meu pai. Mas era diferente, não me sentia obrigada a conversar ou algo do tipo, ele só estava ali, e agora… bem, o velho não poderia ser tão ruim assim, certo?

— Mas não há nada o que temer, vem… — Fui arrastada para uma escadaria em caracol.

— Você diz isso porque não é você. — Apertei sua mão quando chegamos a um corredor largo. Podia se ver uma grande janela de vidro no final.

— Quando for a minha vez, espero receber palavras de conforto.

— Quer ir na minha casa?

— Você não quer que eu vá?

— Nunca pensei muito sobre isso. — Na verdade, tinha pensado, sim, muito aliás. Todas as vezes que sentava na mesa de jantar imaginava como seria ter Dominic ao meu lado.

— Mentirosa — cantou e ri quando paramos em uma porta fechada. Dominic apontou para os ouvidos e agucei os meus para ouvir o que vinha atrás da porta.

Era o acústico de um piano, sorri. Era o meu som favorito.

Ele bateu na porta levemente, e entramos no cômodo, sendo recebidos por um largo sorriso de um menino sentado no estreito banco do piano. Sorri em reflexo, Dominic tinha me falado de seu irmão com tanto entusiasmo que sentia que já o conhecia, sem nem mesmo trocar uma palavra.

— Oi, Damian! — Acenei com a mão, mas Dominic me empurrou para dentro do cômodo, fechando a porta atrás de nós.

— Levante, Damian, vem abraçar Augusta. — Era uma voz de ordem, mas incrivelmente carinhosa, como se fosse um tom certo que seu irmão acatou rapidamente.

Observei atenta a interação dos irmãos à minha frente, porque antes de Damian me abraçar, ele abraçou carinhosamente o mais velho.

— Damian ama abraços — Dominic me disse antes de seu irmão mais novo estudar meu rosto atentamente, apertar minhas bochechas e abraçar meus ombros apertados. Não contive a risada, e fiquei feliz pelo carinho.

— Você é bonita, a namorada do meu irmão é bonita.

Arqueei as sobrancelhas.

— Então, Dominic esteve falando sobre mim?

— Ele fala muito sobre você, Augusta — disse em uma fala arrastada, balançando a cabeça e seus olhos brilharam. — Ele disse que você também toca. Toca piano.

Cerrei os olhos para um Dominic observador.

— Eu toco só um pouco.

— Um pouco profissional — Dominic replicou, provocando, e revirei os olhos.

— Pare com isso, quando eu estiver na minha própria orquestra me diga isso — brinquei e fui para a banqueta que ficava em frente ao piano. — Posso me sentar?

Damian balançou a cabeça e senti que estava apreensivo. Limpei a garganta, espelhando meu melhor sorriso, pois não queria que ele se sentisse desconfortável em seu próprio lar.

— Me mostre o que você sabe e eu te acompanho — dei a sugestão que logo foi acatada por um Damian sorridente.

Dominic tinha me contado sobre a condição de seu irmão, e eu fiquei feliz em ouvir a paciência em sua voz e o quão por dentro ele parecia estar no assunto. Eu não sabia muito sobre a Síndrome de Down, só sabia o que mostrava a pesquisa rápida do Google. O que não tinha me ajudado muito, pois passar a tarde com Damian tinha sido bem diferente. Acompanhei os irmãos em uma breve rotina e fiquei mais do que feliz em ver como Damian buscava bastante autonomia para fazer as coisas sozinho. Era até engraçado ver a pequena briga deles.

E quando seus longos dedos começaram a dedilhar rápido nas teclas do piano, não pude deixar de elogiá-lo e ficar feliz com seu esforço. Damian irradiava uma felicidade genuína e gostosa de presenciar.

Dominic havia me contado que quando se mudaram para Bash, a evolução cognitiva de seu irmão foi gritante. E eu entendia que era por causa dos melhores tratamentos e especialistas que foram contratados para

se dedicar a ele. E eu fiquei feliz por eles, porque os irmãos emanavam paz, e a paz era sempre bem-vinda.

— Acho que foi a canção mais linda que ouvi — Dominic sussurrou, e virei meu rosto para encontrar seus olhos petróleos sorrindo para mim.

Estávamos em seu quarto, deitados lado a lado em sua cama. E sentia-me incrivelmente confortável em estar nos braços dele.

— Era só Avicii.

— Quero que toque para mim para sempre.

Ri pelo nariz.

— Então, devia me ouvir tocar Tiersen ou Beethoven, não que esteja me gabando, mas ficará ainda mais vidrado!

Dominic riu e acompanhei seu movimento. Seus braços me aconchegaram e dedilharam os meus em um carinho distraído.

— Acho que está tarde. — E estava, minha mãe já havia me ligado falando sobre o horário de voltar para casa.

— Sim, está.

Mas nenhum de nós deu o primeiro passo e se levantou. Então, aproveitei mais alguns minutos embriagada em seu cheiro gostoso, e no prazer de ter alguém do meu lado. Ou como Dominic sempre dizia: um time, o prazer de ter um time e poder contar com ele.

— Um dia dormiremos juntos, e não terá ninguém para nos atrapalhar. — Balancei a cabeça, concordando. Acreditava nisso.

Dominic era resolvido com as suas vontades, e é claro que não nos poupou de uma conversa vergonhosa sobre sexo. — Pelo menos para mim, porque as vezes Dominic não tinha muito tato nas palavras. E quando digo *conversa vergonhosa*, não ouso dizer ser pelo ato em si, mas sim todas as questões que se davam através do ato.

Por exemplo, eu nunca tinha conversado sobre menstruação com outra pessoa que não fosse minhas irmãs e minha mãe, e ter um Dominic interessado em *como aliviar minhas cólicas menstruais* foi estranho.

Depois de alguns minutos, descemos. Me despedi de Damian e estava prestes a chamar o motorista para me levar para casa quando Frederico Clifford apontou no hall. Ainda não o tinha visto, e tinha agradecido bastante por isso. Não que tivesse medo ou algo contra ele, só ainda não me sentia… à vontade em sua presença. Essa era uma colocação perfeita.

— Augusta Vendetta, que prazer tê-la em nossa casa — ele foi rápido e logo se apressou a chegar mais perto.

— Também estou feliz por ter vindo — respondi e apertei com força a mão de Dominic.

— Estive com seu pai esses dias — continuou animado e franzi o cenho. Frederico Clifford estava puxando assunto?

— Ah, certo… — limpei a garganta, me forçando a ir embora. — Vou dizer que te vi, ele deve gostar.

— Oh, sim, diga que mandei abraços.

— Claro…

E em um simples e animado aperto de mão, o avô de Dominic se despediu e apressei-me a procurar meu rumo de casa.

— Não foi um bicho de sete cabeças — Dominic sussurrou.

— Mas foi estranho — respondi.

Dominic beijou minha bochecha, me puxando mais para si, a medida que andávamos para o hall. Já tinha mandado uma mensagem para Keven e ele dizia estar por perto. Então, esperamos pelo motorista.

— Já decidiu o que vamos fazer nas férias?

Sorri, eu tinha começado a montar um cronograma do que faríamos.

— Talvez. — Balancei os ombros de um jeito divertido.

Mas antes de cruzarmos a porta, um homem grisalho e de olhos grandes e claros nos saudou. Eu já tinha o visto em alguns eventos, muitas vezes estava acompanhando o senhor Clifford.

— Olá, crianças — falou em uma voz forte, e Dominic o cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Martinez, deve conhecer Augusta — disse animado, e sorri.

Dominic gostava desse homem, e fiquei feliz por ele ter mais uma pessoa que o auxiliasse nesse meio.

— Olá, Augusta! — Martinez acenou com a cabeça e me olhou de um modo analítico. — Bem-vinda à família.

Tentei não me mexer, mamãe tinha me falado sobre expressões corporais na semana passada, e como se mexer em um momento como esse diria tudo sobre você. E ninguém precisava saber como ainda era insegura.

Então, mantive o sorriso leve e apertei a mão de Dominic.

— Obrigada. — Fui sucinta.

Eu sabia que Dominic tinha contado à sua família que estávamos namorando, e não fiquei surpresa pela sua fala. Só que foi estranho.

Balancei a cabeça.

Acho que conhecer sua família me fez realmente perceber que tínhamos algo sério. Me despedi de Dominic quando o carro chegou e sorri para a tela do celular após alguns minutos. Ele havia me mandado um print da página do YouTube onde estava escutando Beethoven.

"Não é tão mal quanto imaginei", era a mensagem logo abaixo da imagem.

Ri comigo mesma, minha irmã tinha dito que finalmente minhas obsessões haviam mudado… Mas acho que tinha sorte de poder ter as duas coisas ao mesmo tempo. Sorri feliz.

Eu tinha o melhor namorado do mundo.

25

COLAR

DOMINIC CLIFFORD

— Isso me parece *caro* — Zaki palpitou por cima do meu ombro enquanto eu folheava a revista com fotos das joias que seriam leiloadas nesta noite.

Eu concordava com ele, eram joias caras e raras que faziam parte de gerações de valores e tradições.

Estávamos de volta ao Salão Dourado, porém, com uma nova estética. O lugar parecia menos espaçoso, e diria ser culpa dos painéis enormes e cortinas brancas que usaram para fazer uma breve separação de movimentos. Também havia algo como uma baixa plataforma retangular encostada em uma das paredes, como um palco.

Todo ano, as garotas que estavam fazendo parte do QueenKey ajudavam no evento beneficente que promovia uma alta quantia de dinheiro vivo em poucas horas. Era um leilão de joias onde garotas eram expostas em lindos colares enquanto homens mal-intencionados davam lances. Perverso e nojento. Mas era o melhor jeito de ter dinheiro fácil.

— Deixa eu ver — Fabian tomou a revista das minhas mãos sem aviso e fez uma careta ao contar a quantidade de zeros em cada peça. — Puta merda, vocês não brincam em serviço.

Os idiotas dos meus amigos riram e fizeram piadinhas sobre *brincar em serviço*. Claro que fizeram.

Revirei os olhos um pouco irritado, tinha dias que a minha paciência não era das melhores. E hoje era um dia desses.

Fabian parecia se enturmar muito fácil com os meninos, e agradeci por isso. Não poderia escolher entre um e outro. É como escolher entre passado e presente, e eu não achava certo. Achava que os dois tinham que se complementar, não causar discórdia.

— Para de balançar essa perna, porra — Chuck chiou, ele estava sentado na banqueta alta de frente para um balcão improvisado, que continha diversas bebidas.

— Agora não posso mais me expressar?

— Ele está *nervosinho* — Zaki zombou.

— O meu punho também fica bastante nervoso quando está em ação. — Revirei os olhos, bebericando o copo.

— Ele está nervosinho — Christoph copiou Zaki, afinando a voz. Bufei e concentrei-me na porta dupla que entravam e saíam pessoas demais.

— O que perdi? — Fabian perguntou curioso, desfazendo da revista.

— Não sabe? — Zaki fez suspense, alterando a voz novamente.

Eu não tinha amigos.

— Deixa eu te pôr a par, *amigo.* — Chuck se animou, colocando o braço nos ombros de Fabian, que arqueou as sobrancelhas curioso. — Certo, hipoteticamente, você não perdeu nada, porque na cabeça *deles* não há nada.

— Deles? — Fabian me olhou e desviei os olhos, nem um pouco incomodado com o tom interrogatório.

— Eles mesmos — Zaki mostrou os dentes como se ele se preparasse para dizer a novidade do momento. — O nosso casal que fala que não é casal, mas agora são definitivamente um.

— E…? — Fabian provavelmente ainda tentava entender. Não fiz questão de ajudar a explicar, eles já iriam cavar minha cova de qualquer maneira.

— Essa é a parte divertida — Zaki gargalhou.

— Eles fingem que não tem — Christoph afirmou, se juntando a Zaki que parecia muito satisfeito em me expor. — Mas já encontrei peças de roupas suficientes onde não devia.

— Como sabe que é de Augusta? — perguntei, querendo realmente saber.

— Está nos falando que *outra* mulher está visitando a sua cama? — Zaki interrogou com seus olhos julgadores.

— Não coloque palavras em minha boca.

— Enfim, praticamente eles se pegam, mas fingem que não.

Fabian cerrou os olhos curiosos. Ninguém além deles sabia, porque meus amigos eram piores que esposas galinhas, eles eram obcecados em saber o que o outro estava aprontando.

— Então, quando diz que sua relação com Augusta é complicada, está se referindo a isso?

— Quando ele diz que é complicada, ele quer dizer que eles são duas pessoas que fingem que não estão juntos por seis anos e agem como completos opostos na frente de todos — Chuck alfinetou com um sorriso satisfeito. Bufei.

Fabian arqueou as sobrancelhas, provavelmente juntando informações que eu tinha lhe oferecido com a dos meus "amigos" presentes.

— E por que ele está nervosinho?

— Alguém aqui não teve um encontro romântico às escondidas. — Chuck balançou as sobrancelhas.

Fabian sorriu abertamente.

— Estão me dizendo que eles agem como dois adolescentes?

Revirei os olhos, pra que inimigos? Claro que eles riram. Muito. Gargalharam, na verdade. O jeito que Fabian trazia essa situação parecia ridícula.

E eu não estava irritado pela noite passada não termos nos encontrado, mas porque fazia semanas que Augusta estava fugindo.

— E não vamos falar das mensagens… — Christoph começou e levantei-me do banco.

— Ok, já podem parar de falar sobre mim, entretenimento suficiente. Essa é minha deixa. Hora dos negócios.

E é claro que caíram em uma gargalhada mista. Revirei os olhos, ainda irritado, e puxei Fabian para longe, levando-o para perto de uma estante decorada. Com ele, eu ainda não tinha terminado de conversar.

Tinha mais o que fazer do que ficar lamentando a minha falta de sexo.

— Você não me disse isso — Fabian brincou com o copo caminhando ao meu lado.

— O quê?

— Que não estavam *juntos*.

Parei abruptamente, colocando a mão livre em seu ombro direito. Estávamos afastados da muvuca, mas não escondidos.

— Mas não estamos, é só um contrato. — Olhei em seus olhos com firmeza e ele balançou a cabeça sério. Estávamos sendo observados, então chamar atenção para um assunto assim não era o objetivo. Por mais que a cidade soubesse o que nos tinha acontecido, ainda não sabiam a verdade.

Os jornais e websites do dia 14 de agosto de 2022 foram os mais vendidos e vistos do ano. *Uma lamentável tragédia, Bash está em luto por vocês.* A frase que fazia meu sangue ferver. Eu queria ter posto fogo na gráfica *também*.

A memória de uma Augusta ensanguentada e coberta pelo fogo, na nossa antiga casa, também em chamas, foi o que me fez viver nos últimos meses. Porque as suas palavras dizendo *"a culpa é minha, a culpa é minha"* não me ajudaram a ser coerente e analisar o que estava acontecendo naquele momento. Eu só queria tirá-la dali. Queria tirar sua dor, mesmo que isso fosse impossível naquela altura do campeonato.

Eu não acreditei quando disse que era culpada por nos tirar a felicidade, que era culpada por nos destruir. Mas acreditei quando disse que queria morrer, que precisava sumir. E eu não podia deixar. Porque eu faria de tudo por ela. Faria de tudo para ela. Inclusive, viver uma relação quebrada que ela se recusava a consertar.

E foi quando percebi que ela era boa em guardar as coisas e esconder segredos. A sua recuperação me disse tudo o que seus lábios não disseram. Suas ações sempre gritando mais alto que seus pensamentos.

Eu comecei com as perguntas e ela com as mentiras. Seus exames sumiram, como móveis e objetos queimados em nossa casa. Augusta não tinha causado o incêndio e eu sabia disso. Ela estava escondendo algo, porque a minha intuição gritava dentro do meu corpo, embora não tivesse evidência alguma.

Porque logo Augusta, que não gostava de nada escondido, escondia até mesmo o mínimo sorriso.

Pisquei aturdido, desviando meus pensamentos pesados demais para um Fabian que balançava a cabeça como se entendesse algo.

— Ok…

Abri a boca, buscando uma resposta coerente que fizesse sentido para estarmos emocionalmente quebrados e carnalmente necessitados. Porque era isso que explicava quando estava no mesmo local que ela, não importava a merda que estivesse rolando.

Eu realmente não ligava em admitir que era fascinado pelo sexo com Augusta, mas não sabia se Fabian queria ouvir isso.

Depois de alguns segundos, ele levantou as mãos em rendição.

— Então, qual o plano hoje?

Sorri perverso.

— Extrair informações.

— Como?

— Junte dois inimigos e verá a verdadeira amizade florescer.

Fabian gargalhou. Muito. Também tive que rir, porque era ridículo. Mas eu conhecia Augusta *demais.*

— O que te faz pensar que ela irá me considerar um aliado? Ela não devia *ter você* como um?

Dei de ombros.

— Ela já tem e *todos* sabem disso.

— Ainda não respondeu à pergunta do como *eu* serei seu aliado?

Fabian estava mesmo indignado. Quase desacreditado. Mas eu confiava em seu bom coração, mesmo que suas palavras afiadas machucassem muito mais do que poderia.

— Lealdade — disse simples, voltando para o centro, onde as pessoas já se organizavam para o leilão.

— Jura?

— Ficará surpreso quando descobrir *quem são* suas melhores amigas.

Fabian cerrou os olhos como se tentasse lembrar das vezes que viu Augusta com alguém. Ri pelo nariz.

— Então, acha que ela me verá como aliado e irá confiar em mim todos os seus segredos?

— Não, mas você pode ser uma boa desculpa para quando ela precisar acusar alguém.

— Eu sou a moeda de troca?

— Sim.

— Obrigado por avisar, amigo — zombou.

— Temos que aproveitar a oportunidade. Agora, vamos que nossa missão acabou de chegar. — Empurrei seu ombro, deixando nossos copos em uma das bandejas de prata.

Caminhamos até o hall de entrada onde uma pequena comoção de pessoas se agitava. Uma voz ao microfone sobrepôs a música agitada que embalava o lugar, anunciando o começo do leilão.

Esperei alguns segundos.

E não esperei muito.

Porque lá estava ela, trajando um vestido com mangas longas preto que cobria seu corpo até os joelhos, com uma gola larga, que mostrava os ombros. O único problema era que a porra do vestido era praticamente transparente, via sua pele quase toda. Engoli em seco, secando cada centímetro de pele exposta.

Certo… Eu não a odiava, pelo menos não tanto. Pelo menos não quando ela nos afastava. Pelo menos não quando vestia um vestido que mostrava mais do que o necessário de sua pele beijada pelo sol.

Eu queria beijá-la também. Como o sol, em todas as partes de seu corpo. As marquinhas brancas e finas em seu ombro me fizeram cerrar o punho, imaginando como estaria *embaixo.*

Em momentos como esse, eu deixava a raiva de lado e apreciava deliciosamente o êxtase que sua proximidade me trazia.

— Escorreu um pouco de baba aqui, irmão. — Fabian indicou o canto da boca e empurrou meu ombro.

Inferno.

Augusta portava um largo sorriso, como se tivesse o mundo em suas mãos. E talvez tivesse mesmo, porque eu daria a ela.

Nos aproximamos.

Vislumbrei a mão esquerda cheia de anéis cumprimentando alguém que não me importei em ver. Faltava uma joia no seu anelar.

Estava enganado, ainda sentia raiva sim. Raiva porque não podia tomá-la bem aqui.

— Se soubesse que seria tão bem recebida no hall, tinha demorado mais — esse foi o seu cumprimento sutil para Fabian, que não se abalou, apenas a olhou distraído.

— Achei que era um bom momento para começarmos o *nosso* trabalho. — Augusta franziu o cenho, dobrando o pescoço. Depois me direcionou seus afiados olhos, ignorando Fabian.

— Agora estamos trabalhando juntos? — Seu tom era irônico, e estava banhado em ácido. Não demorei muito encarando seu rosto, não queria me lembrar o porquê tinha ficado extremamente irritado e frustrado por meus planos não terem seguido conforme tinha planejado.

Seria só mais uma frustração à enorme lista.

— Temos um acordo. — Me mantive impassível, sem dar nenhuma brecha ao meu descontentamento. Augusta gargalhou e não se importou em nos deixar para trás, Fabian me olhou divertido e acenou indo para outro rumo. — Três cabeças pensam melhor que uma. — Acompanhei seus passos com agilidade.

— Minha cabeça pensa melhor que três. — Augusta não me olhou, mas sabia que tinha revirado os olhos, desfazendo do assunto.

— Concordamos em pôr Fabian.

— Não estou a fim de ver a cara de vocês mais do que sou obrigada. — Virou o rosto para o lado me presenteando com um sorriso falso.

— Você concordou — afirmei.

— Concordei, mas não disse que iria fazer parte. Eu só preciso estar na reunião e dizer sim, certo?

Seus olhos foram como adagas e virei seu corpo, deixando-nos frente a frente. Inspirei seu perfume gostoso e subi minhas mãos para sua cintura, puxando-a para junto de mim. Esmagando nós dois em uma proximidade que apenas sussurros eram suficientes.

— Cadê o seu anel?

— Acho que esqueci em casa.

Augusta cerrou os olhos, finalmente me encarando. O calor dos seus olhos foi bem-vindo, como o repuxar perverso nos seus lábios. Meu aperto foi mais forte, pois senti sua respiração falhar. Seu rosto estava longe de sentir algum pingo de culpa, e o sentimento amargo da raiva se apoderava dentro de mim, pelo vazio que inundou seus olhos, jogando para fora o resquício de razão que me mantinha são.

— Quer algo grande o suficiente?

Minha pergunta a fez franzir o cenho por segundos e aguardei paciente os seus lábios vermelhos me presentearem com o pior deles.

Mas ela não respondeu, apenas pegou a taça cheia que lhe foi oferecida, e sorriu diabolicamente.

— Me marque como sua.



O lugar já estava bastante cheio e Augusta tinha sumido, não me prestei a procurá-la porque sabia que logo a encontraria. *Eu sempre a encontrava.*

E eu precisava de um tempo.

As tabelas de valores iniciais sobre as joias também já tinham sido anunciadas e pelo que tinha entendido, só estavam esperando uma das modelos chegarem. — Foi o que me disseram quando fui saber o porquê da demora da merda do evento começar.

O burburinho de reclamação já estava chegando aos meus ouvidos e sabia que a última coisa que os investidores presentes gostavam era da demora. Então fiz o que pude para apaziguar o estresse; dei uma ordem direta e grossa para que arrumassem qualquer pessoa, pois não tinha tempo para enrolação e atrasos.

Eu tinha um pequeno palpite que ouviria muito sobre o modo como tratei as organizadoras do evento. Sendo que elas eram amigas e escudeiras fiéis de Augusta e provavelmente a minha situação com ela não melhoraria, pelo menos não hoje.

Mas eu tinha resolvido o meu problema, porque após alguns segundos, a voz grave de Alana no microfone anunciou o início do leilão.

Perfeito. Cerrei os olhos quando vi a cena mais bizarra possível, o maldito Nikolai com a mão firme no pulso de Apolline. Não pensei dois segundos antes de falar.

— Está tudo bem aqui?

Olhos arregalados me saudaram e Nikolai debochou com um assovio baixo.

— Chegou quem não devia.

Franzi o cenho.

— Atrapalho algo?

— Sim.

— Não.

Falaram juntos e olhei para Polly em busca de respostas. Não era porque não gostava do seu ex, chato, que não me importava em como o seu

futuro estava indo de mal a pior. Era como trocar seis por meia dúzia, com uma pequena diferença de validade.

Eu estava sabendo sobre o possível acordo nupcial entre as duas famílias, e isso não me fez feliz. Apolline era uma amiga querida que não merecia ser fadada a tão pouco por seu pai.

Nikolai e eu tínhamos nos desentendido vezes o suficiente no Instituto, e não fazíamos questão de esconder quão incomodados ficávamos quando nos encontrávamos.

Estalei a língua.

— Não gosto de te ver rondando o meu espaço.

Nikolai riu em deboche.

— O salão é para todos, pelo que eu saiba.

Foi a minha vez de rir.

— Todas as pessoas que *eu* permitir entrar.

— Cuidado para não deixar entrar pessoas demais — debochou.

— Você devia ter cuidado onde pisa, Nikolai. Eu não me importo quem é o seu pai.

Estalou a língua em outro deboche:

— Vejo que o reinado subiu rápido à cabeça.

— Você não sabe como…

— Ok, isso pode parar por aqui. — A voz de Apolline Phillips quebrou a tensão, e desviei os olhos para um rosto trincado. — Não preciso de um defensor e muito menos de um *marido* — a última palavra foi direcionada a Nikolai, como se fosse parte de alguma discussão recente. O mesmo se manteve imparcial.

— Vou me certificar de que algumas coisas não se repitam. — Tentei ser o mais ácido possível.

— É claro que vai.

Apolline bufou alto e deu um passo para trás, se esquivando. Ela era uma mulher alta, diria que um pouco mais do que Augusta, e pouquíssimo menor que eu.

— Ah! Façam-me o favor! Cuidem de suas próprias coisas!!

E com isso partiu, como um furacão. Sem dizer mais nada. Eu sabia que ela podia se cuidar, mas isso não significava que ninguém podia ajudar.

Nikolai, ainda sorrindo em deboche, apontou para a frente, onde o leilão rolava a todo vapor.

— Devia *mesmo* cuidar das suas coisas.

Travei o maxilar, querendo descobrir o sentido da frase, o que não demorou muito quando cerrei os olhos, sentindo meu sangue ferver quando a iluminação do palco me mostrou o que *realmente* estava acontecendo.

Cerrei os punhos.

Porra.

Augusta estava no maldito palco com a porcaria de uma joia no pescoço, pronta para ser a próxima mulher com o lance mais caro da noite.

Fechei os olhos, engolindo uma profunda respiração.

Uma risada vazia preencheu meus lábios.

Essa era a sua resposta. É claro que Augusta ainda estava jogando, ela tinha acabado de declarar isso.

Ela queria ser marcada.

Sabia que meus passos estavam sendo observados, como minhas próximas reações.

Eu gostaria muito de arrancá-la dali de cima, fazer um grande show, agir como um homem das cavernas e rugir *com* quem tinha deixado isso acontecer. *Com* quem tinha deixado a minha noiva subir naquela merda de palco para acabar de vez com o meu juízo. Eu gostaria de colocar a culpa em alguém pelas suas atitudes. Isso era muito mais fácil do que engolir que essa cena era algum tipo de vingança e provocação. Eu soube disso no momento que bati meus olhos nela.

Provavelmente entraríamos em uma espiral de disputa eterna e não estava muito apto a compartilhar esse lado de Augusta. E eu até poderia puni-la, como levantar a porra do seu vestido e lhe dar várias palmadas na bunda.

Talvez eu não fosse tão evoluído assim.

Porra.

Eu queria mesmo seguir meus pensamentos. Queria mais ainda terminar algo que estava inacabado há dias.

Ainda assim, me obriguei a manter cautela.

Peguei um novo copo com líquido transparente pela metade, levando meu tempo até me aproximar do palco de fato.

— Não sabia que estava disposta a usar uma coleira.

Eu sabia que ela tinha ouvido, seu arquear de sobrancelhas me disse isso. O repuxar de seus lábios foi um aviso.

— Talvez eu esteja a procura de uma.

Sorri.

— Se eu soubesse que preferia uma coleira a um anel, tinha invertido os papéis.

— Talvez eu não esteja apta a compartilhar meus segredos mais sujos.

Trinquei o maxilar.

— O que está fazendo aí?

— Expondo uma bela joia — veneno puro saía dos seus lábios.

— Desce daí.

— Não.

— Augusta-

— Você mandou que *qualquer* pessoa substituísse a modelo que não pode vir — alfinetou e prendi os lábios

Porém, não parei.

— Devo levar isso como resposta? Porque eu não vou parar da próxima vez. E eu vou lhe arrancar tudo.

Augusta ficou calada, e vi sua respiração acelerar. Suas mãos cerraram em punhos e sabia que estava pensando.

Eu podia tirá-la dali, *podia mesmo* acabar com o evento e mandar todos para casa. Primeiro porque o salão era meu, e por isso éramos sempre os anfitriões, cedíamos há décadas o espaço para eventos do nosso meio, mas a propriedade não deixava de ser nossa. E segundo, eu não me importava de ligar o modo surtado e pegar o que queria.

Mas eu quis dar rédeas de um controle que não tinha para minha querida noiva que não usava a porra do anel.

— É só comprar o colar.

Sorri sem mostrar os dentes

Compraria o colar e a foderia com ele.

26

LANCE DE OURO

AUGUSTA VENDETTA

Eu sabia *exatamente* onde estava me metendo quando me ofereci para ser a substituta e usar um dos colares mais caros da noite. Sabia dos riscos e que provavelmente seria outra atitude merda que tomaria. Sabia mesmo. Mas eu já estava em um estágio que não ligava muito para as consequências e só pensava no aqui e agora.

Estava pensando muito no agora. Muito mesmo.

Como *agora* que sentia todo o meu corpo em chamas e a minha cabeça pensava em qualquer coisa, menos em ser coerente. Menos em ser a mulher que tinha colocado uma faca no pescoço do rei.

Queria receber tudo o que Dominic me prometia a cada plaquinha de lances que não era ele que levantava.

Eu senti o seu ódio, senti o que estava prometido desde o maldito noivado. Senti que daquela vez ele não me pouparia. E estava feliz com isso, porque era exatamente o que desejava. Era exatamente o que procurava.

Merda, eu devia parar, devia ficar quieta e seguir o plano. Devia ficar longe e manter a minha boca fechada porque era sempre um risco ficar

perto demais dele. Mas eu não conseguia resistir. Não conseguia não o provocar. Não conseguia não testar seus sentimentos por mim.

Dominic não deu o primeiro lance.

Nem o segundo.

Na verdade, os lances sobre o colar que usava subiam rapidamente e eu não me assustava com isso. Eu tinha noção do que era ter a oportunidade de ter mais do que três minutos na minha presença, porque a chance de um parceiro ou um investimento sempre batia na porta, o que não deveria me incomodar.

Mas me incomodou.

Eu não queria que outra pessoa desse lance, não mesmo. Na verdade, isso me irritou exageradamente. Dominic não estava dando nenhum lance, ele estava somente ali sentado na banqueta alta, me observando com plena atenção enquanto vários lances eram dirigidos ao colar que eu usava, o colar que a sua noiva usava.

Merda, eu era sua noiva, por que ele não estava fazendo nada?

Agora eu também estava com raiva. Muita, na verdade. Sentia-me borbulhando. Raiva porque Dominic não estava comprando o maldito colar que estava em meu pescoço. Era para ele estar com raiva. Idiota prepotente.

Merda.

Esperei mais um lance, quase trezentos mil pelo colar de pérolas. Todos pareciam muito animados e alheios à minha guerra interna. Alheios ao cão de guarda que tinha plantado uma cadeira no centro do salão, quase encostado na plataforma que estávamos. Mudei o peso do meu corpo de perna. Ansiosa. De repente, estava ansiosa para que tudo acabasse logo.

A plaquinha de um novo lance foi levantada e curiosa para ver quem era, franzi o cenho para um Nikolai que olhava fixamente para Dominic, que já não tinha o sorriso sarcástico nos lábios.

Agora Dominic não parecia ser tão evoluído assim, porque sua expressão tinha mudado e algo bom não viria. Engoli em seco quando a ansiedade me comeu e a última plaquinha de lance foi dada. Aplausos e murmúrios surpresos se espalharam. Ele acabou com o jogo.

Dominic tinha dado o último lance.

Um lance de quinhentos mil.

Merda. Eu não estava tão certa quanto às minhas ações de segundos atrás, não mesmo. O olhar de promessa que recebi quando Dominic subiu ao palco para receber a peça me disse isso. Um sorriso largo banhou seu

rosto e meu pescoço pegou fogo quando seus dedos rasparam a pele por baixo do colar.

— É um belo colar, espero que sirva como uma boa coleira, já que um simples anel de noivado não é suficiente.

Engoli em seco, meus olhos estavam vidrados nos seus movimentos. No leve roçar dos seus dedos em meu pescoço. Eu estava tão fodida.

Mantive-me parada, enquanto meu noivo agradecia pela joia. Eu podia fazer isso, ficar alguns minutos parada pensando nos meus próximos passos. Parecia uma atitude inteligente.

Alana logo anunciou o valor arrecadado e agradeceu aos representantes pelas joias doadas. Dominic tomou o lugar à minha direita, amassando meus quadris com os seus, e permaneci parada, ouvindo as lindas palavras de Alana, que me pareceram muito mais interessantes do que encarar o problema ao lado. Um problema que eu mesma tinha criado.

O que não deu muito certo. Os dedos de Dominic apertaram minha cintura e mantive meus olhos no público. Eu ainda não estava pronta para descer da plataforma. Ainda não podia. E Dominic notou isso.

— Uma hora vai ter que descer daqui — sussurrou no meu ouvido, e senti seus lábios molhados demorando ali. — E quando descer… — sua risada foi ácida. — Vou estar esperando.

E eu acreditei nele.



— Acha que isso vai funcionar para sempre?

— Para sempre não, mas o suficiente.

Polly terminou de colocar as identificações nas últimas duas caixinhas que portavam umas das joias leiloadas na noite.

— É em momentos como esse que temo pela nossa sociedade.

— Não estou fazendo nada de mais.

Cerrei os olhos, desviando a atenção da última joia que ainda não estava embalada para encarar o seu rosto divertido. O que ela achava bagunçado, eu achava perigoso.

— Pelo menos não sou eu que fico me escondendo do meu próprio noivo nos bastidores do evento — continuou.

— Eu não estou me escondendo, estou guardando as joias.

Poderia ter solicitado para qualquer uma das meninas fazer isso, mas me pareceu uma ótima oportunidade de sair do palco e ter que guardar as peças leiloadas. Eu tinha um rumo e tinha que cumpri-lo. Não ia ficar à mercê de ser abordada a qualquer momento.

E, bem, embalá-las para serem entregues aos seus donos não estava sendo ruim, só a que estava usando que não tinha guardado, pois, bem… Eu era a dona.

— E precisa de mim?

— Duas pessoas trabalham melhor que uma.

— Admite que estou como escudo humano. — Eu não sabia se ter Polly ali adiantaria alguma coisa, mas já era uma distração para um escape rápido se eu precisasse fugir de abordagens desagradáveis de pessoas que não queria ver agora. Principalmente depois do pequeno show que demos.

Eu sabia que a conta ia chegar.

— Eu odeio você. — Apontei o indicador em acusação, e foi a vez de Polly revirar os olhos. — Ok, agora podemos ir.

Tranquei a sala que era mantida como um espaço privado e vigiei mais uma vez o corredor antes de seguir para o salão, onde ainda se ouvia um número considerável de pessoas.

— Vou ficar com a chave da sala onde as joias estão, mande me procurar para que eu faça a retirada.

— Sim, senhora — debochou e coloquei a chave por dentro do decote. — Estou dispensada dos meus serviços de segurança?

— Engraçadinha. — Entrelacei nossos braços, Apolline ainda era alguns centímetros mais alta do que eu, e como os saltos no pé eram recorrentes, nossa altura sempre entrava em harmonia.

Uma música ambiente nos saudou no segundo piso e logo alcancei a localização do meu intitulado noivo. Dominic estava conversando com uma mulher de vestido vermelho brilhante e saltos agulha, arqueei as sobrancelhas para a interação íntima demais.

Karen Smith. Amargura encheu minha boca, e travei a mandíbula tentando amaciar meu coração que começava a disparar em ansiedade. Uma atitude de merda para uma cena de merda era o que eu faria. Idiotas do caralho. Cerrei os punhos, deixando a raiva me dominar.

Estalei a língua me virando para Polly:

— Na verdade, tenho mais um serviço para essa noite.

Surpresa, por eu continuar um assunto que já deveria ter passado, a fez cerrar os olhos desconfiada quando mirou o meu foco.

— O que está pensando?

Fingi um sorriso inocente:

— Apenas fale para Dominic que estou esperando por ele na sala de recepção.



Esperar não fez bem para minha imaginação, muito menos para minha raiva. Imaginei perversas formas de afogar Dominic na pia do banheiro. Acho que não tinha se passado mais de cinco minutos que vi Polly falando com Dominic, mas ele não precisava mais do que isso para me encontrar. Que merda.

Do lado de dentro do banheiro privado, que estava no mesmo corredor que a sala onde tinha colocado as joias há pouco, onde também tinha mais três portas destinadas à recepção e salas reservadas, eu escutava com atenção os barulhos do corredor. Me sentia uma criança fazendo arte. Suspirei. Foda-se o que estava parecendo, queria esganar Dominic.

Um leve arrastar de passos me fez entreabrir a porta. Lá estava ele. Esperei que entrasse no cômodo para seguir o plano. Eu até tinha pensado em trancar e deixá-lo ali até que tudo acabasse, mas sabia que ele também tinha as chaves, então não resolveria muita coisa. Resolvi ir para o meu segundo plano, provavelmente o mais falho, mas que iria me satisfazer, por ora.

Dominic entrou e segui logo atrás. Seus olhos logo me captaram quando fechei a porta atrás de mim. Não tinha muitos móveis; apenas um armário de madeira que cobria uma parede, sofá branco de três lugares, dois *puffs*, e uma mesa de vidro. Eram salas usadas para uma reunião rápida, um lugar de recepção ou descanso, não tinha uma função específica.

— Você chama e eu venho — estalou a língua.

Arqueei as sobrancelhas em uma acusação.

— Demorou.

— Estava contando os minutos?

— Você não? — Foi a vez dele arquear as sobrancelhas. — Ou estava ocupado *demais*?

E não demorou muito para Dominic perceber sobre o que eu estava insinuando. Um sorriso nada amigável pintou seus lábios.

— Isso é algum tipo de ataque?

— Por que seria?

Dominic caminhou a passos distraídos para uma cadeira que estava perto do sofá, sentando. Arrastei meus pés para perto, diminuindo o espaço entre nós.

— Está sempre armando algo.

Estalei a língua, sorrindo

— Eu só gosto de relembrar algumas coisas. — Mordi o lábio inferior, apoiando minhas mãos em seus ombros.

— Quais coisas? — Seus olhos eram fatais, e me senti anestesiada por receber sua intensidade direto no ventre.

— Algumas coisas sobre tocar em corpos alheios.

Dominic engoliu em seco, e dessa vez sussurrou:

— Eu preciso que seja mais clara.

Sorri diabolicamente.

— E eu preciso que entenda que se não for eu, ninguém tocará em você.

A sua risada baixa fez meus pés se encolherem. Nossos rostos estavam muito perto, e sua mão foi ágil em me puxar para baixo. Para o seu colo.

— É?

Minha respiração ficou pesada. Balancei a cabeça, sendo presa pela intensidade do rio petróleo, que fazia minhas pernas se esfregarem uma na outra.

— Isso me soa um pouco possessivo — sussurrou.

— Eu não me importo — soprei seus lábios e senti suas mãos serpentearem em minha cintura, depois minhas coxas.

— Isso é um sim?

— Você vai descobrir.

E suas mãos não perderem tempo, senti seus dedos dedilharem minhas costas e a tensão se acumulou no meu ventre. Queria me esfregar em Dominic sem pudor, sem nada. Queria montá-lo e dar fim a agonia que já ameaçava transbordar no meio das minhas pernas.

— Mas você sabe as regras — sussurrei com dificuldade e logo suas mãos deixaram meu corpo. Meus lábios repuxaram em um sorriso

malicioso. — Vamos brincar…

Beijei seu pescoço, sua nuca, suas bochechas, e me levantei devagar passando minhas mãos por seus braços que tentavam ficar estáticos. Passei a mão por eles, levando-os para trás do seu corpo.

Dominic cerrou os olhos para o meu movimento, mas não disse nada, apenas observou atento enquanto amarrava seus pulsos com uma gravata que tinha achado no armário. Sabia que não seguraria Dominic, mas devia ser o suficiente para o conter por alguns segundos. O tecido podia ser fraco, mas o nó era perfeitamente bom.

Passei minhas mãos por seus quadris, pela sua ereção, suas coxas, e subi raspando as unhas em sua barriga. Rebolei em seu colo e Dominic fechou os olhos quando lambi toda a extensão do seu pescoço, provocando arrepios e uma ereção que cutucava descaradamente minha bunda. Soprei sua boca e passei a língua por cima dos seus lábios.

— Gosta da sensação, noivo? — Coloquei a mão sobre o seu pau e o apertei. Seu sorriso sacana foi a resposta. — Gostaria da minha boca nele? — Dominic grunhiu arrepiando os pelinhos do meu braço.

Os orbes pretos pegaram fogo.

— Me chupa — era um tom de ordem, e eu faria como uma boa moça se não estivesse com raiva. — Me mostra como essa boca mentirosa pode ser boa, bruxa.

As batidas do meu coração doeram e trinquei o maxilar com fúria.

— Eu podia fazer isso, amor. Seria *tão* bom — sussurrei, lambendo o seu maxilar. — Eu provaria *tudo* como uma boa garota.

— Faça.

Passei o polegar por seus lábios molhados e sorri.

— Da próxima vez que pensar em querer outra mulher, ficará sem o pau.

Então saí do seu colo e me apressei a abrir a porta. Segundos. Segundos para ele perceber que não íamos finalizar. Segundos para ele abrir os olhos e me prometer coisas que não sabia explicar, somente sentir direto na minha boceta.

Dominic não demorou a arrastar sua cadeira e se livrar do nó, mas eu já estava fechando a porta na sua cara. Sabia que não ia conseguir trancar como tinha pretendido, mas ele ficaria doido e eu me retiraria, deixando que surtasse *sozinho*.

Saí depressa, indo direto para o meu lugar de origem por falta de tempo, mas não consegui fechar a porta do banheiro quando um sapato masculino impediu o movimento.

Dominic tinha corrido? Arregalei os olhos.

— Por acaso está correndo de mim, bruxa?

Sua voz estava mais rouca que o normal, e perceber isso fez com que segundos fossem o suficiente para Dominic adentrar o banheiro.

— Por que eu correria de você? — Percebi que a minha voz estava falha, como o meu coração acelerado que avançava em uma expectativa fodida.

— Talvez porque tentou me trancar em alguma sala vazia?

Engoli em seco, tomando ciência do espaço entre nós. Dominic fechou a porta. Estávamos sozinhos, trancados em um banheiro.

Inspirei inconscientemente o seu perfume.

— Pense o que quiser.

Dominic riu, uma risada sem som e encharcada de intenções. O meu coração corria em um desenfrear incontrolável, e de repente semanas de promessas e provocações pesaram, eu soube que não podia correr, não de Dominic.

Não da sensação de querer estar perto e me consumir por inteira. E percebi novamente que queria demais isso. Deixar o corpo dominar a mente e afogar-me nele o suficiente para não precisar ser coerente.

Ergui o queixo.

— Então me foder em um banheiro será o suficiente?

Sua risada reverberou e ali eu soube que o meu corpo pegaria fogo ao menor toque de seus dedos. Era sempre assim, não importava quanto tempo passasse, o meu corpo ainda era totalmente rendido por ele.

— Claro que não, mas…

Engoli em seco, muito concentrada em seus passos. O banheiro não era tão grande assim, na verdade, agora ele parecia muito pequeno. Muito mesmo.

— Mas não consegue deixar passar *uma boa* oportunidade. — E eu não queria que ele deixasse.

Então novamente Dominic riu e tive que me esforçar para não apertar minhas coxas uma na outra. Porra, eu iria arrancar esse maldito sorrisinho.

— Ainda está fugindo… — cantou, estalando a língua. Inconscientemente, meus passos foram para trás e a pedra fria recebeu meus quadris. Apertei com força o mármore. Maldita expectativa.

— E você ainda está correndo atrás. — Seu corpo estava muito perto do meu, seus braços me prenderam e não tentei fugir. Hoje eu não queria fugir, mas poderia fingir por mais alguns minutos.

— Perdeu a coragem?

Engoli em seco e sua respiração mesclava junto à minha.

Minha respiração estava pesada, e Dominic não teve dó quando apertou meus quadris. Não mesmo, pois senti o seu aperto não só na minha cintura, mas diretamente no meio das minhas pernas.

— Não me fale que perdeu a língua também… Ela é *tão* boa.

Mordi os lábios, prestando muita atenção em cada palavra que saía de sua boca.

— Já jogamos a noite toda, ainda quer continuar? — As mãos de Dominic vagaram pelo meu corpo, traçando as minhas costas cobertas pelo tule preto. Arquejei pelo contato, a respiração cada vez mais alta e dificultosa.

— Talvez — sussurrei e senti que por pouco a minha voz não saía. — Talvez eu ainda esteja decidindo…

Dominic enfiou a mão em meus cabelos, direcionando meu rosto para o seu. Engoli em seco.

— Então é melhor decidir rápido, porque não temos muito tempo amor.

E sem qualquer aviso, tomou minha boca, me deixando sem reação.

A sua língua passou pelo meu lábio inferior, acariciando cada molécula existente no meu corpo. Fazia tempo. Tanto tempo. Eu fugia dos beijos de Dominic, fugia da vontade iminente de querer me afogar neles, porque seus beijos molhados e quentes faziam qualquer barreira dentro de mim ruir. Quebrar. Estilhaçar. Derreter.

Eu estava derretendo, o carinho da sua língua estava sendo sentido em cada maldito átomo do meu corpo.

Eu estava em chamas.

Retribuí o beijo, descontando cada frustração que tinha se acumulado durante a semana. Beijar seus lábios era gostoso pra caralho, a maciez me fazia salivar por mais, e a ânsia em devorar cada pedacinho que era cedido a mim me deixava tonta. Porque eu queria mais e mais e mais.

Estava me perdendo em seus lábios. Me perdendo dentro do sabor de casa que a sua língua me trazia, cada vez que um canto da minha boca era explorado.

Suspirei quando Dominic mordeu meus lábios inchados.

Senti o aperto em meu cabelo mais forte e esfreguei minhas pernas em reflexo. Sua ereção se fazendo notar. A mão livre de Dominic levantou meu vestido e arfei em sua boca.

— Que beijo gostoso, pequena bruxa — sua voz sussurrada fez meus pelinhos arrepiarem. — Será que a sua boceta é tão gulosa quanto a sua boca?

Balancei minhas pernas, inquieta, a sua mão serpenteava meus quadris, provocando meus sentidos e me levando à loucura. Eu queria seus dedos dentro de mim, não fora me provocando.

— Não vai falar nada? — Um tom divertido pintava sua voz, e quase bufei quando seus dedos passaram por cima da minha calcinha.

— Não estou com paciência para… — Dominic afastou a calcinha, lambuzando dois dedos na minha vagina molhada. Enfiei minhas unhas sem dó em seus braços — provocações.

— Então, hoje seremos produtivos? — O tom de afronta não abandonou sua voz e Dominic não encontrou resistência quando afastei mais minhas pernas para que ele entrasse sem nenhuma dificuldade.

Eu queria falar, mas temia pela minha voz, estava embriagada o suficiente para dizer ou fazer qualquer coisa que ele pedisse. E ele sabia disso. Sabia tanto que seu sorriso perverso brilhou no meu íntimo e senti as minhas entranhas entrarem em colapso.

— Poderíamos ser produtivos se você falasse menos — Dominic riu. Merda, ele estava rindo enquanto eu queria um orgasmo. Fechei os olhos. Suas mãos me seguravam de todas as formas possíveis. Ele sempre me segurava.

— Eu tenho dívidas a cobrar, amor. — Sua voz rouca se infiltrou em mim, do mesmo jeito que a sua maldita mão provocava entrar.

— E eu tenho lugares a aliviar. — Minha voz quase não saiu. — Então, eu peço que pegue essas dívidas e enfie elas no meio do seu-

Arfei quando Dominic calou a minha boca com a sua novamente, e dois dedos invadiram sem dó a minha boceta. Não sabia dizer onde mais me afligia. Se nos seus dedos entrando cada vez mais em mim, fazendo-me

pingar e queimar por mais, ou na sua boca que me tirava o ar, sugava tudo de mim, inclusive meus pensamentos.

Porque tudo que eu era, era ele. Dele. De Dominic. Dominic Clifford.

Com apenas um toque todo o meu mundo colidia, liquefazia, como um toque psíquico, onde todo meu ser se derretia ao menor contato. Porque, no fundo, eu sabia, sabia que Dominic não faria nada menos que o que eu queria. O que nós queríamos.

Sentia a minha boceta latejar quando seu polegar pressionava meu clitóris, apertando tudo em mim. Inclusive a minha mente.

Com Dominic introduzindo mais um dedo, gemi em seus lábios, rebolando e esfregando na sua mão, buscando com afinco minha libertação. Queria o seu pau, não a sua mão, mas no momento estava perdida pela possessão do seu corpo contra o meu.

Os beijos de Dominic desceram pelo meu colo, subindo na minha garganta e parando no meu ouvido.

— Quero te ver somente com esse colar no corpo.

Eu também queria.

Dominic desceu a gola do tule, e o tecido chiou com a pressão.

— Meu vestido…

— Seu vestido já cumpriu sua missão de me deixar louco.

Mas Dominic entendeu que não seria tão simples arrancar a roupa de mim, e seus olhos cerraram em uma malícia descarada.

— Mas posso lidar com isso mais tarde quando você não precisar de uma roupa para ir embora.

Ele apertou meus seios por cima do tule, e quase gritei desesperada quando mordeu a pele que não estava coberta pelo corpete. Seus dedos cruéis torceram dentro de mim, me tirando espasmos e gemidos.

Eu estava perto, muito perto do abismo de prazer que pegava fogo e queimava meu corpo dos pés à cabeça. Enfiei minha mão no cabelo de Dominic, apertando com força sua nuca, tentando me segurar em algo concreto. Porque o meu ser estava caindo e flutuando cada vez mais alto. Dominic não reclamou quando minhas unhas deixaram marcas no seu bíceps, ou quando mordi a sua mão no meu pescoço que me paralisava no lugar.

Seus dedos tentando conter minha respiração e minhas unhas tentando contra sua pele, que ficará vermelha e marcada com toda certeza.

Então bateram na porta e quase gritei novamente. Porra.

— Dominic? — O próprio mordeu meus lábios e apertou meu corpo contra si, paralisando por completo sua mão na minha boceta. Apertei minhas pernas. — Dominic? — chamou de novo e esfreguei as pernas, buscando atrito.

— Sim? — Uma voz rouca e firme soou, e fuzilei seus olhos em uma ordem clara. Era para ele calar a merda da boca e continuar o serviço. Então seu polegar circulou lentamente o meu clitóris e os dedinhos dos meus pés retorceram.

— Que bom que está aqui. — A voz era familiar, mas não me esforcei para identificar. — Acho que a sua noiva foi embora, e precisamos entregar as joias. E como você tem todas as chaves, pensei se poderia abrir para nós.

A chave. Merda.

— Ah, claro, claro. Só um minuto que já irei.

— Um minuto? — sussurrei e tenho certeza que saiu como um grito. Mas Dominic voltou a movimentar seus dedos e a onda potente que ameaçava me engolir fez tremer o meu corpo todo.

— Sem problemas, estarei esperando aqui.

— O QUÊ? — Dominic tampou minha boca com a mão que não estava dentro de mim e tentei morder sua palma quando diversão perpetuou pelos seus olhos petróleos. Eu já estava ficando irritada. Irritada por não conseguir a merda do orgasmo.

— Shiii! — Fez sinal com o dedo indicador sobre os lábios e fuzilei esse dedo que estava me mandando calar a boca. Algo em seu rosto brilhou. — Lembre-se de que há alguém nos escutando…

Com o coração batendo forte e acelerado, observei Dominic arrastar sua mão livre pelo meu pescoço, descendo pelo meu corpo e parando na minha coxa. Engoli em seco quando seus joelhos foram ao chão, e paralisei fascinada pelos seus olhos que me diziam quão gostoso estava, e quão faminto Dominic se sentia pelo meu corpo. Faminto por me tomar tudo. E eu daria para ele.

Dominic terminou de tirar a minha calcinha, e apertei minhas pernas de modo inconsciente, buscando atrito quando sua mão me abandonou. Fui repreendida com um tapinha na minha intimidade, e logo ele soprou a pele sensível.

Estava gotejando, sentia meu líquido escorrendo pelas minhas pernas e só mais um pouco transbordaria.

Fiquei feliz que ele não brincou comigo e lambeu toda a minha intimidade, causando colapsos no meu organismo por ter a melhor boca tão perto de mim. E fiquei ainda mais feliz quando seus dedos castigaram mais ainda minha boceta molhada e faminta.

Dominic chupou minha boceta e senti como se estivesse chupando minha boca. E do jeito que apertava minha coxa, podia provar seu desejo de engolir e devorar cada maldita parte do meu corpo. Porque eu queria o dele. Queria chupá-lo e beijá-lo até que estivesse exausta. Até que nada e nem ninguém assombrasse a minha mente.

Era gostoso, intenso e via meu mundo girando e girando e girando.

Todo meu corpo tremeu e eu precisava de apoio, mordi com intensidade a minha mão quando me sentia torcer por sua língua gostosa. Meu fôlego estava indo embora e tudo se tornou distorcido.

Gemi seu nome e o seu aperto me jogou do precipício.

Uma ânsia violenta de prazer me atingiu, e eu soube que estava caindo. Me despedaçando. O êxtase me embriagou, me arrastando em uma nuvem leve e feliz.

Parecia paz. Quase. Isso era o céu.

Ainda com cada fibra do meu corpo tremendo e sensível, Dominic continuou me acariciando com a sua língua. Depois beijou todas as minhas dobras, o interior das minhas coxas e cheirou a minha pele.

Um brilho de vitória lampejava seus olhos quando meu noivo visitou todas as partes do meu corpo e chegou até a minha boca, me beijando, me deixando totalmente mole e fraca.

— Que gostoso, bruxa — sussurrou nos meus lábios, sorrindo satisfeito, então pegou minha calcinha e pôs dentro do bolso. — Isso fica comigo.

Engoli em seco, ainda anestesiada da sua boca. Sua expressão era tranquila e nenhum rastro do Dominic cruel que tinha criado estava ali.

Eu quis abraçá-lo. Quis afundar meu rosto em seu peito e pedir desculpas por destruir seu coração. Estava com saudades. Porque por mais que nossos corpos estivessem juntos, nossas almas estavam mais distantes do que nunca.

Então a raiva me embalou. E não soube identificar se estava brava por ter deixado Dominic ir embora ou por ter pensado que o momento

duraria para sempre.

27

APRESENTAÇÃO

AUGUSTA VENDETTA

5 anos atrás

— Você tem certeza que quer fazer isso?

Dominic encarou meus olhos, me dando uma última chance. Franzi o cenho e passei os dedos por suas sobrancelhas, também franzidas.

— Pelo amor de Deus, pare com isso, não estamos indo roubar nenhum banco.

Dominic levantou as mãos em rendição, desistindo de vez.

— Você que manda. — Caminhei na frente, decidida a pôr em prática tudo que a minha mãe reclamava no meu ouvido sobre *postura*. Hoje seríamos o entretenimento da noite, todos os olhares estariam em nós.

É claro que eu queria fazer isso, esperei malditos anos por esse momento e estava ansiosa por ter um namorado ao meu lado. Ansiosa para um caralho. Era a primeira vez que íamos nos apresentar como um *casal*, pelo menos, oficialmente, já que nunca nos desgrudamos nos bailes.

Já estávamos na metade do ano letivo, e as coisas estavam mais… intensas. Para não dizer loucas. Dominic acompanhava a turma com rapidez e sempre estudamos juntos. Ele não tinha medo de ir atrás de respostas. Eu

gostava disso. Gostava da sua persistência e coragem para encarar tudo sem medo de errar.

Aos dezenove anos, tínhamos idade suficiente para beber socialmente, já podíamos estar em grupos sociais de adultos. Isso significava que nenhum adulto teria *filtro* em suas conversas ou palavras, não sei se isso me assustava ou deixava feliz por não precisar *fingir* que não tinha ouvido determinadas conversas atrás da porta. Antes de completarmos dezoito anos, éramos crianças, agora somos adultos. Ou em parte. Isso soava estranho, em comparação não via nenhuma mudança em mim mesma.

Ao contrário de Dominic, que a cada tempo que passava, me apaixonava novamente por cada detalhe diferente. Ele estava se tornando *realmente* um homem e isso fazia minhas bochechas aquecerem cada vez mais, e deixava minha mente viajar pela ideia de nós dois juntos.

Para infelicidade ou felicidade das minhas amigas, ainda era virgem. Isso não me incomodava, Dominic não me pressionava e sentia que poderia manter para sempre nossa relação sem sexo que ela nunca esfriaria. Mas muitas, *muitas* vezes não conseguia não me deixar levar. Éramos quentes. Beijar Dominic era quente, e não podíamos evitar mãos bobas e salientes rolando entre nós. Então, pensamentos de *nós dois juntos* começaram a ser frequentes, meu desejo por mais era *frequente.*

Eu estava pronta, mas não sabia como falar.

Agarrei a mão de Dominic, esperando que nossas mãos ficassem assim pelo resto da noite, e entramos no Salão Dourado que estava impecável com seus lustres gigantes, pintura elegante e uma organização dos deuses.

— Sinistro — Dominic sussurrou no meu ouvido e apertei sua mão quando fomos saudados pelo prefeito, Wilson. Sua esposa apertou meus ombros, me desejando boa-sorte.

— Eu diria diferente.

— Nossos significados de diferente são *diferentes* — Dominic riu no meu ouvido e o arrepio delicioso na nuca foi bem-vindo. — Mas certamente nunca irei me acostumar com isso.

— A gente se acostuma com tudo, com coisas boas e ruins. E tenho certeza que ser a pessoa mais importante da festa é definitivamente uma das coisas boas.

— Mas não deixa de ser estranho — sussurrou e concordei com um leve sorriso.

— Meus pombinhos apaixonados — Martinez veio até nós e seguimos seus passos, depois de ele ter acenado com a cabeça para uma mesa com mais dois casais. Os dois homens eram também membros da G5

Martinez exercia muitas vezes o papel de tutor de Dominic, apesar de seu avô fazer questão de estar presente em grande parte das atividades do neto, o homem sempre arranjava um jeito de estar *mais* presente. Eu ficava feliz por Dominic ter alguém que o orientasse, apesar de ele querer de forma intensa que eu fizesse parte dessa orientação.

Para infelicidade dele e minha alegria, eu tinha uma mãe presente, então grande parte das coisas que ele me dizia, saía pelo outro ouvido. Sentia que às vezes Martinez queria me controlar, e a minha mãe estava me fazendo uma mulher que buscava pelo controle. Era difícil aceitar mais do que a ordem dos meus genitores. Meus pais que não me ouçam, mas era *parcialmente* grata pela dureza na nossa criação.

— Vejo que está se ambientando e se moldando cada dia mais aqui. Não tem outra palavra a não ser orgulho. — Garcia, um homem careca e já na casa dos quarenta, sorriu.

— Eu faço o que posso — Dominic, com sua fala humilde, respondeu. E arqueei as sobrancelhas, encarando os quatro rostos que nos observavam atentamente.

— Dominic é brilhante em tudo que faz — completei com um doce sorriso para o meu namorado, que olhou para mim com os olhos também brilhando.

— Com a melhor ao meu lado, não há como errar — sua declaração fez algumas sobrancelhas arquearem, como se uma conversa interna fosse revelada. Meu coração saltou e apertei as mãos de Dominic, tensa.

— Com certeza você tem uma muralha ao seu lado, Dom — Gonzales disse rindo, insinuando algo que não consegui pegar.

— Uma Vendetta pode ser uma pedra no seu sapato ou a sua melhor chance de uma noite agradável — Martinez poderia estar falando da minha mãe, e nojo me embalou, me despistando da minha concentração na nossa conversa.

Ninguém liga se os seus sentimentos estão sendo feridos, a voz da minha mãe ecoa, e o nó na minha garganta se desenrola.

— É o peso de ser uma Vendetta — forço um sorriso e as mãos de Dominic apertam as minhas, me dizendo que ele está ali.

Mas eles ignoram a minha apreensão e uma mulher ao lado de Gonzales, Clara, de cabelos escuros e olhos grandes, despeja seus planos em cima de nós:

— Esse final de semana seria perfeito para receber vocês em nossa casa, deviam aproveitar que é feriado.

— Isso é uma ótima ideia, Clara — Martinez sorriu para nós, querendo nossa aprovação.

— Sim, aposto que Francesca gostaria de ter você lá. — Ela era tia de Fran e não me lembrava da última vez que a minha amiga tinha falado sobre ela.

— Isso é perfeito, irei providenciar logo a chegada de vocês — Martinez se empolgou, tomando nossa decisão, e algo amargo encheu minha boca.

Então, em um rompante, a nossa presença já estava mais do que marcada sem termos dito nada. Franzi o cenho. Aposto que seria bom passar o fim de semana com Dominic na casa do lago. Mas eu não era muito adepta a ordens, e Martinez parecia querer exercer isso sempre que nos via.

— A gente não vai. — Tentei ser simpática. *Tentei*.

A cara dele não foi muito boa, e quase me senti mal por Dominic. Que, por sinal, se mantinha calado e observando tudo. Pelo menos estava ao meu lado, esperava.

— Como?

— Tenho um concerto nesse final de semana e a minha mãe não me deixaria perder por nada. — Isso foi horrível. Mas não era uma mentira, meus pais não me deixavam viajar sozinha. *Minha casa, minhas regras*, palavras deles. Não que isso me impedisse de sair e fazer as minhas coisas, mas pareceu a desculpa perfeita no momento.

Martinez zombou.

— Não se preocupe com isso, irei conversar com Marcella e tenho certeza que vocês irão fazer uma ótima viagem-

— Não se incomode, mando notícias antes de quinta.

Pronto. Arrastei Dominic para longe, assim que seus passos cederam ao meu lado. Ser arrastada por um primeiro convite não estava nos meus planos.

— Uau, posso ter um segundo para anotar esse *passo*?

— Não seja ridículo — suspirei audivelmente. O nervosismo passando assim que estávamos fora de alcance. — Desculpa, eu fui horrível, Martinez é sua família e-

— Ei, não precisa se explicar — e ali estava, aquele tom doce que eu tinha aprendido a amar. Sua mão passou por minhas bochechas. — Tudo bem, às vezes eu também me irrito com ele.

A culpa ameaçou se instalar. Não queria ser um empecilho em suas relações.

— Mas aposto que não se exalta na frente de qualquer pessoa ou é mal-educado — falo um pouco rabugenta e um sorriso cresce.

— Não pode me culpar por eu ser uma pessoa genial sobre o controle de emoções.

— Você devia me ajudar nas minhas emoções, somos mãos duplas, esqueceu?

— Ah, claro que não, como poderia esquecer das nossas mãos duplas? — Seu tom de malícia não passou batido e seus olhos me prenderam por segundos. E fácil assim, eu ficava quente, esquecia dos meus problemas, bastava *seu* olhar para tudo ficar bem.

Limpei a garganta, querendo ao mesmo tempo falar que estava pronta para o nosso próximo passo e prolongar a conversa sobre como a situação me incomodava.

Fui pelo caminho mais fácil.

— Não sei, algo me incomoda sempre que suas ordens chegam até nós. — Passei meus braços pelos dele e iniciei uma caminhada lenta pelo salão. Avistei meus pais logo à frente e meu coração bateu mais vezes que o necessário. Isso era tão estranho, eu com um garoto e eles no mesmo lugar.

— Consegue me dizer o que exatamente?

— Não. — Estava um pouco frustrada, era como um sexto sentido.

— Então, quando souber me conta, estarei aqui para te escutar — seu sorriso abriu o enxame em meu estômago.

— Ok — sussurrei, sabendo que ele ouviu. A poucos passos já poderíamos ouvir o que meus pais conversavam.

— Então temos um concerto esse final de semana? — Dominic continuou o assunto e ri pelo nariz.

— Se passar algumas horas dentro do meu quarto de música *valer* — zombei. — Então, sim.

O máximo que poderia fazer parecido com a desculpa que dei era o que sempre fazíamos: passar algumas horas sozinhos ao som dos meus compositores favoritos.

— Eu adoraria te ver tocar para mim.

— E eu amaria poder tocar para você.

Algo implícito e silencioso nos sondou, seus olhos me estudando e traduzindo um milhão de indiretas que minha boca queria soltar. Queria tanto beijá-lo. Queria que a sua boca beijasse todos os pedaços do meu corpo. Suspirei quando seu sorriso mudou. Não era inocente e nem gentil. Tinha algo perverso que fez meu ventre se contrair. Minha respiração engatou e pisquei saindo do transe dos seus olhos. Não sei como, mas senti que ele sabia da minha decisão.

— Senhor e senhora Vendetta — Dominic cumprimentou meus pais e a minha mãe beijou a minha bochecha.

— Dominic — meu pai abriu um largo sorriso para o meu namorado depois de beijar a minha testa. *Lá vamos nós*.

— Senhor.

— Me chame de Marllon, já conversamos sobre isso.

— Claro, claro, irei me atentar.

— Fizeram uma boa entrada. — Esse era o seu jeito de dizer que estávamos indo pelo caminho certo. Pelo menos, a minha recente falta de educação ainda não estava circulando pelo salão.

— É mais fácil quando estamos atrás dos holofotes.

— Com certeza.

— Como andam as tarefas? Seguiu o que disse sobre organizar os nomes fantasias separados da razão social?

— Sim, com certeza ficou mais fácil procurar clientes com o modelo de planilha que me passou.

— Augusta também usava essa tabela para decorar geograficamente os pontos de Stilk, não é, filha?

Sorri por falta do que falar. Dominic tinha conquistado meu pai e não podia fazer nada a respeito. Não que eu quisesse, porque isso com certeza tinha que servir para algo futuramente. Quando ele foi até minha casa para anunciarmos nosso namoro, achei que ia ter um infarto.

Ele estava nervoso e nossos papéis foram trocados, suas emoções estavam afloradas enquanto as minhas permaneciam decididas. Eu já estava namorando Dominic, meus pais me viam com ele e era suficiente para tirar

suas próprias conclusões, então assumir para eles era mais simbólico do que uma verdadeira permissão, nada mudaria.

Mas Dominic levou essa parte muito a sério, disse que tinha que ganhar a minha honra pelo meu pai, e que era importante ganhar sua confiança. Eu achei fofo, mas apressei o jantar o mais rápido possível e fiz um comunicado digno de Oscar.

E, desde então, Dominic fazia questão de coisas bobas e simples quando se tratava de mim, e por mais que meu pai nunca admitisse, ele estava atento a tudo e, de certa forma, fazia com que uma aliança natural se formasse.

— ... É claro, se o senhor *deixar*.

Interrompi meus pensamentos quando senti o olhar pesado do meu pai. Ele estava me perguntando algo e eu não sabia o que era. Merda, sobre o que eles estavam conversando? Franzi o cenho, tinha perdido algo. Algo grande. Porque Dominic sorria alegremente como se a própria Beyoncé estivesse lhe dando um beijo.

— Desculpa? — Os olhos do meu pai estavam à espera e um aperto na minha mão me alertou que era algo importante.

— Dominic estava me dizendo que gostaria de levá-la a Tangáaras. — Suas sobrancelhas arquearam. — Você gostaria de ir?

Ai, merda, como perdi essa conversa? Ele não estava duvidando do convite de Dominic, estava duvidando do meu *querer* ir. Limpei a garganta. Eu não era muito fã de *roça*.

— Eu tenho cara de que gostaria de ir? — Arqueei as sobrancelhas e um repuxar de lábios do meu pai me disse que estava no caminho certo. Dominic, que somente esperava minhas próximas palavras, tinha um olhar cuidadoso. — Porém, adoraria e não negaria jamais conhecer o lugar que Dominic cresceu. Mesmo que tenha que usar repelentes a cada dez minutos.

Dominic riu ao meu lado e sua risada ecoou dentro do meu coração.

— Prometo não fazer nada que estrague sua experiência no campo.

Dessa vez foi a vez dos meus pais rirem e eu soube que a última coisa que ele estava pensando era que eu estaria um final de semana sozinha com Dominic. Com certeza ele sabia a filha que tinha.

— Eu espero ser recompensada por isso — brinquei, já fazendo mentalmente minhas malas com tudo que iria precisar. Podia sentir a empolgação e toda aventura derramar pelo meu corpo. Iria passar o final de semana sozinha com Dominic e isso bastava.

— Você vai, eu prometo.
E eu acreditei em suas palavras como nunca.

28

INFERNO

AUGUSTA VENDETTA

Se existia um inferno, eu estava nele.

Estava queimando amargamente.

Na verdade, acho que podia sentir no meu físico os pecados sendo expurgados. Ou a *falta deles*, no caso. Porque eu queria muito cometer um pecado mortal, tipo assassinato, pois estava a ponto de pegar fogo.

Quente, eu realmente me sentia queimar ao ponto de sair fumaça, e nem era pelo sol escaldante que tentava penetrar minha pele exposta, mas sim pela maldita vista que fazia metade da arquibancada suspirar.

Merda.

Eu devia fazer algo.

Devia fazer algo com urgência. Era *meu* noivo, merda. O meu maldito noivo em cima do seu cavalo favorito chamando mais atenção do que no campo de corrida onde deveríamos depositar toda a nossa concentração. Mas, naquele momento, não fazia diferença nosso dinheiro rodar em cima de quatro patas.

Não para metade das mulheres ali presentes.

Cerrei o punho. Terminei de beber toda a minha água com gás. Soltei um longo suspiro.

— Eu odeio cavalos. — Minha voz saiu baixa, mas ainda assim clara, pois minhas duas amigas viraram seus pescoços em minha direção.

Era domingo e estávamos no *Speak Jockey* Clube, eu tinha decidido que seria uma manhã diferente, por isso, nada melhor do que garotas apostando em cavalos. Era divertido e gostava da animação da arquibancada, a torcida sobre qual animal levaria a melhor. Mas, de novo, hoje parecia quente demais e a ideia inicial escorria de minhas mãos, pois essa visão horrorosa não estava nos meus planos.

— Deveríamos tomar mais água — Chiara respondeu sem dar importância para a minha fala, e indicou o quiosque que ficava no mesmo piso da arena. Alana franziu o cenho para mim. — O clima parece que vai piorar.

Só estávamos nós três aqui em cima, as outras meninas ainda não tinham chegado.

— Pelo amor de Deus, não. — Alana abanou o rosto com a mão. — Como é possível um outono fazer tanto calor? Ainda faltam meses para o verão.

— Provavelmente irá chover, Bash tem o clima mais estranho do mundo. — Dei de ombros.

— Concordo. — Chiara piscou para mim. — Mas não é disso que estou falando.

Alana seguiu seu olhar, e eu segui o dela. Dominic.

— Oh, agora entendi. — Seus olhos caramelos me instigaram com diversão. — Devia ir lá.

— E dar esse gostinho a ele? Nem pensar.

— Mas isso não é surpresa para ninguém, amiga, então ninguém ligaria de você ir — pontuou, colocando de volta seus óculos de sol verde, que combinava com seu *look* do dia. Ao contrário de Apolline, que gostava de cores extremamente vivas, Chiara optava muitas vezes por cores pastéis e mais neutras. Ou que casavam com o ambiente em si.

— O que não é surpresa? — Franzi o cenho para as duas, que trocaram sorrisinhos significativos, sem se importarem se eu iria compreender ou não.

Intimidade era uma coisa fodida.

— O porquê de você ir lá, óbvio.

Alana deu de ombros como se não tivesse nada a discordar da fala de Chiara. Bufei. Se não era surpresa para ninguém eu querer me intrometer

na proximidade de Dominic com outra mulher, por que diabos elas se aproximavam? Por acaso não sabiam que ele era noivo?

— E por que não é surpresa eu ir lá?

Alana revirou os olhos.

— Perguntas idiotas recebem respostas idiotas, Augusta.

Levantei as mãos em rendição. Estava enrolando. Não precisava de um motivo para ir atrás de Dominic, mas ainda estava… Mexida. Às vezes, minha consciência era minha pior inimiga, pois o despertar de memórias causadas por ele me fazia baixar a guarda. E isso era péssimo, porque eu não podia baixar a guarda. Se eu bambeasse por alguns segundos, seria pega no mesmo momento. E eu não podia ser pega.

E estar com Dominic me deixava vulnerável. Bufei, irritada. Estar com Dominic me causava raiva. Raiva porque eu não podia estar com ele. Não ainda.

Eu não estava com raiva por Dominic não ter me procurado depois da cena no banheiro do Salão Dourado, nem por *não* ter me mandado nenhuma mensagem provocativa. Só achava inconveniente não respeitarem a porra de um noivado entre duas pessoas. Porra. E daí que não estava usando o maldito anel? Eu não precisava de um anel para provar alguma coisa.

Eu não precisava de um contrato.

— Um desperdício — Alana chiou e cerrei os olhos para onde ela estava olhando. Arqueei as sobrancelhas.

Fabian estava de costas.

— Sério?

— Ele parece meio bruto, mas não posso negar que é um colírio.

Quase ri. Não estava surpresa com a reação, Fabian realmente era um homem bonito, mas…

— Não perca seu tempo, o homem é uma parede para relacionamentos. É mais fácil nevar em Bash do que esse homem ser gentil com alguém.

Uma vez Dominic me contou sobre Fabian, na intenção de amenizar a rixa entre nós e nos aproximar amigavelmente. Não adiantou, ser grosso com as pessoas não tinha justificativa.

— Mas quem está falando em relacionamento sério? *Cruzes* — Chiara abriu um leque branco que tinha trazido dentro da bolsa e franzi o

cenho, estranhando o objeto. — E não duvido que neve em Bash, da última vez que fez tanto calor assim choveu granizo.

Isso era verdade, o clima estranho da cidade nos fazia ficar espertos com qualquer clima exagerado. Dizem que uma vez nevou em Bash, eu acho que é um mito, pois nunca vi, e achava difícil um dia isso acontecer, por mais que o clima pudesse mudar drasticamente.

— Acho que as meninas chegaram — disse sem ter nenhuma certeza. — Vamos nos reunir na tenda lá embaixo para que elas façam águas de coco chegarem a nós com frequência.

— E aonde você vai?

— Resolver algumas pendências antes.

— Parece que nosso domingo acabou de melhorar. — Chiara bateu palminhas e fiz cara feia para as minhas duas amigas que ficaram para trás, não se importando em me acompanhar.

Pus-me a andar decidida a eliminar um dos pensamentos que tinha me acordado logo cedo.

— Já te indicaram terapia de casal? — foi a primeira coisa que Fabian falou.

— Faltamos na primeira sessão.

— Isso explica muita coisa.

— Só não o fato de você querer se intrometer tanto em assuntos que não são seus — eu disse.

Mas Fabian não se abalou, e um repuxar de lábios me disse que ele estava pronto para qualquer alfinetada que eu pudesse dar.

Então a mudança de assunto foi esperada.

— Já pensou no que *vamos* falar amanhã?

— Era para eu pensar? Achei que o interessado aqui era você.

— Veja bem, agora que estamos do mesmo lado, posso ser legal e escutar o que diz.

— Agora está interessado no que eu digo?

— Um pouco.

— Devo me preocupar?

— Talvez.

Arqueei as sobrancelhas em desafio e Fabian ficou atento, notei que ele parecia interessado nas minhas palavras. Era um amigo leal, isso eu nunca poderei discordar. Então, por hoje eu poderia ser… simpática. Essa era uma palavra muito boa, eu poderia ser um poço de simpatia.

— Veja bem… Acha mesmo que pode convencê-los a te deixar entrar?

— Eu só preciso de uma brecha.

Amanhã teríamos uma reunião com os Cheffts, e era a oportunidade perfeita para indicarmos Fabian. Ou pelo menos apoiar a ideia. Eu sabia o peso das minhas palavras como herdeira e posição principal na Stilk, depois do meu pai, mas não acreditava muito que convenceria qualquer um da AAB a apoiar uma ideia que já foi recusada uma vez. Mas, bem, Dominic acredita que poderia fazer isso.

— Acha que pode ir contra eles? — Diversão pintou meus lábios.

— Eu não sou burro a esse ponto.

— Mas, então? O que é importante o suficiente para que você esteja se jogando na cova dos leões de propósito?

— Algumas guerras são vencidas sem nem mesmo terem começado… E, bem… Se *não pode ir contra seus inimigos, se junte a eles.*

Um bolo invisível desceu queimando minha garganta, e respirei devagar para que lágrimas não se fizessem presentes. Meus olhos arderam e trinquei o maxilar.

Soltei o ar pela boca.

— Você lembra do que eu disse? Não está em vantagem pisando em terrenos desconhecidos.

— Pois bem, pense comigo, eu tenho a melhor aliada que alguém poderia sonhar.

Franzi o cenho.

— Quem?

Seu sorriso foi estranho e algo como *família* pousou em seu semblante.

— Você.



— Não há uma regra para homens comprometidos ficarem perambulando por aí como se fossem solteiros?

Cruzei os braços, esperando alguma resposta do homem que descia do cavalo e entregava as rédeas para o funcionário que cuidava dos estábulos.

Dominic estava paramentado com as vestes de montaria, e passeei meus olhos por bons segundos pelo seu corpo. Lindo, não tinha como não prestar atenção e não suspirar com ele trajando essa merda de roupa. Poderia colocar fogo nela, se não gostasse tanto da visão.

— É sempre bom lembrar os bons modos. Bom dia, minha bela noiva, já tomou café da manhã?

Dominic pegou a curta sombrinha amarela que eu usava para tapar o sol e segurou, colocando nós dois dentro de um casulo pequeno.

— Devia ter lembrado dos modos quando deixava *aquelazinhas* subirem em cima de você — alfinetei sem medo, querendo que ele soubesse que estava assistindo ao show grátis que dava para metade da arquibancada ver.

— Estavam me perguntando sobre a sociedade e como funcionava.

— E não tinha outra pessoa?

Mas Dominic não respondeu, apenas deu de ombros como se isso não importasse, e continuou caminhando cumprimentando algumas pessoas que passavam.

— Falou com Fabian?

Não respondi de imediato, esperando que seus olhos encontrassem os meus.

— Falei com ele.

— E?

— Por que sinto que está forçando nossa proximidade de novo?

— Somos uma equipe, equipes são próximas.

— Você entendeu o que eu disse, Dominic.

Dominic não respondeu.

— Não era só um maldito “concordo”? — perguntei novamente. — Achei que você tinha dito algo parecido. Inclusive, já posso cobrar a minha parte do acordo?

Seus lábios se repuxaram em malícia e mordi a língua para não mencionar algo sobre a noite do leilão. Eu não queria, na realidade, lembrar, já que foi difícil o suficiente recuperar minha dignidade depois que Dominic a colocou no bolso e me deu as costas.

Eu não queria lembrar que tive que redobrar a atenção para ver se a minha fuga com Dominic no banheiro não tinha sido vista por ninguém.

— Você pode cobrar quando quiser.

— Não sei se isso me conforta. Ainda não decidi o que tirarei de você, mas me parece um pouco arriscado, contando que farei minha parte amanhã.

Dominic não se abalou, seus olhos petróleo estavam intensos e não consegui desviá-los quando sua língua molhou seus lábios

— Não há muita coisa que eu não faria por você, você sabe.

Mas também não respondi, porque sabia amargamente desse fato. E eu não tinha pensado em nada, por enquanto estar dentro dos seus planos era o suficiente. Estar perto era suficiente.

Parei no caminho e me virei para o meu intitulado noivo, o guarda-chuva fazendo um casulo no meio daquele sol rachando.

— Vocês são meio suicidas?

— Meio não.

— Você, eu entendo o porquê disso tudo, mas ele? Por acaso ele acha que é uma viagem para Disney?

— Fabian sabe onde está se metendo.

— Se metendo em algo que não é assunto dele, só porque alguém que ele gosta pediu?

— É o que as famílias fazem.

Eu não queria admitir, mas tinha medo por eles. Não tinha muita fé no que fosse que estivessem aprontando. Eu conhecia o pior lado, e sabia que não era simples, e depositar um ato de fé em algo invisível era suicídio. Era matar não só eu, mas eles também.

Eu já tinha tudo que precisava e não tinha mais motivos para ficar perto. Mas, infelizmente, e mais uma vez, tinha sido fraca, estava quase cedendo de novo, e jurava que dessa vez não ia conseguir subir as minhas barreiras. Eu estava ficando cansada.

Então, por mais que não confiasse nadinha em Fabian e Dominic, permiti que mais um dia fosse bom para mim e resolvi deixar os problemas de amanhã para amanhã.

— Estou curiosa para a reunião, recebi o e-mail do convite. Confesso que fiquei surpresa, sua classe masculina deve estar soltando fogo por terem uma mulher presente.

— Não posso evitar ser o preferido.

— Não acho que truques psicológicos possam dar esse nome.

— Acha que usei truques para convencê-los?

— Não tenho dúvidas.

Era hora de ir embora, tinha dito o que queria e estava tudo bem. Virei meu corpo, parando nossa caminhada.

— Espero que tenha avisado a Fabian sobre os leões.

— Está preocupada com ele?

— Não distorça minhas palavras. Eu não quero ser a causa de mais uma atitude mal pensada.

— Não seja má, há pessoas que fazem pior e nem ao menos sentem remorsos.

Dominic não esperou minha resposta, pois no próximo segundo, seus passos já não estavam mais junto dos meus e o aperto cruel no coração dilatou como a maldita ferida aberta que era.

Raiva me encheu. Dominic havia me deixado mais uma vez como uma lembrança amarga de que o meu orgulho não iria ganhá-lo. Fitei as minhas amigas, que conversavam animadas em um quiosque, dando orientação para nossas debutantes que passariam o dia conosco hoje.

A amargura quis ditar as regras dos meus próximos passos, e eu deixei.

Cerrei os punhos, andando apressada em direção à garota de cabelos castanhos, que mexia no celular ao invés de estar na roda com as outras debutantes. Seus orbes verdes me alcançaram antes que a distância encurtasse entre nós.

Sorri.

— Karen Smith.

— Augusta Vendetta. — Seus lábios se puxaram falsamente e sua voz era baixa.

— Algum problema? Você parece preocupada com o celular. — Apontei o objeto.

— Tudo bem por aqui.

Cruzei as minhas mãos, rodando o anel de noivado no meu dedo.

— Gosta de estar entre as *minhas* damas?

Seus olhos cerraram e sua postura ficou rígida.

— Gosto.

— Gosta de estar perto de Dominic Clifford também?

Ela se calou, me observando com atenção.

— As minhas amigas falaram que você perguntaria sobre ele. — Suas sobrancelhas arquearam e eu vi um toque de diversão em seu rosto. — *Isso* é uma briga por homem?

Ri falsamente.

— Antes fosse. Quero dizer que você *vacilou*. Sabe quantas mulheres chegam perto de Dominic assim?

— Muitas? — zombou.

— Somente uma.

Ela sorriu sem dentes.

— Parece que algo está sendo desvendado — me desafiou, se levantando e guardando o celular na bolsa pequena. Suas vestimentas nada elegantes e totalmente casuais. Prontas para um embate ou uma fuga rápida.

Karen era a maldita mulher que tentava desvendar meus segredos.

Merda, queria pôr a mão nessa mulher há eras e tinha a oportunidade perfeita. Mesmo que fosse para amaciar o meu ego. Mesmo que fosse a oportunidade errada.

— Vai me matar igual a todos que tentaram te expor? — zombou, se entregando fácil.

Estreitei os olhos. Ela queria ser descoberta?

— Eles foram *embora* quando chegaram perto demais da verdade.

Mas isso não a amedrontou, pois sua resposta foi rápida, deixando-me *satisfeita.*

— Eles eram fracos.

Arqueei as sobrancelhas

— E você é forte o suficiente?

— Estou motivada.

— Não é apenas um trabalho, então? — sondei curiosa.

— Quer *roubar* os meus segredos também?

Estalei a língua.

Eu não tinha *sumido* com os outros investigadores que tentavam ir atrás do passado Clifford, eu só chegava tarde demais sabendo que Martinez já tinha dado um fim neles.

— Você tem um ponto.

— Eu tenho vários, Senhorita Vendetta. Eu só preciso de um tempo.

Sua expressão era tranquila, e algo me dizia que ela queria que eu a perguntasse. Como se *eu* tivesse caído em sua armadilha.

— Eu vi a gravação do dia 14 — o tom da sua voz havia mudado e cerrei os olhos com o coração engasgado.

A sua fala me pegando desprevenida.

— Qual gravação?

— Eu consegui recuperar o vídeo armazenado na nuvem do condomínio. Ele tinha sido apagado, mas a magia da internet faz coisas surreais.

— O que tinha nesse vídeo? — Um arrepio percorreu minha pele.

Seus olhos me fitaram e eu vi aquele sentimento que havia decorado nos rostos desconhecidos em todos os primeiros meses, depois que saí do hospital.

— Eu vi como *ele* te machucou.

Engoli em seco com a respiração dolorosa.

— Não quero a sua pena — rangi os dentes com raiva.

— E não terá.

— Então por que está me falando isso?

A mulher que estava investigando o passado Clifford se calou novamente.

— Eu sinto muito.

Eu também sentia. Mas isso não importava. Não naquele momento. Mordi os dentes com as palavras entaladas.

— Como fez a primeira dama te colocar entre as minhas debutantes?

A mulher à minha frente titubeou me dando a resposta fácil demais novamente.

— O prefeito me devia um favor

O senhor Wilson poderia mesmo dever favor para metade da cidade. Mas isso não poderia acontecer de novo. Não era qualquer pessoa que entrava no meu ciclo.

— O quanto está disposta a lutar pela sua vida?

Um sorriso ladino me saudou.

— O suficiente.

— Bom, então é hora da gente ter uma conversinha, amiga. Você acabou de ganhar um precioso tempo *comigo*.



O PRIMEIRO SINAL

AUGUSTA VENDETTA

4 anos atrás

O problema de ultrapassar a barreira do sexo com seu namorado era que depois da primeira vez, nada é igual. E isso quer dizer que sempre que havia uma brecha, estávamos grudados um no outro. Literalmente, grudados.

Como esperei tanto tempo por isso?

Os beijos de Dominic pareciam *mais* quentes do que nunca, incendiando a minha pele e me marcando da forma *mais* profunda possível. Isso era incrível. Sexo com Dominic era incrível. Acho que tinha outra coisa favorita na vida. A mistura de sentimentos com prazer era fodidamente fantástica.

Tive que morder minha própria mão quando passos pesados foram ouvidos de longe, estava vindo alguém. E esse alguém não parecia feliz. Não quando praticamente derrubou a porta do quarto de Dominic com o punho, pois achei que a porta iria cair.

Minha boca foi tampada com agilidade por sua mão quando uma risada alta quis sair dos meus lábios.

— Não fala nada — sussurrou, alcançando um lençol e jogando atrás de suas costas, nos cobrindo em um casulo. Eu queria rir. Mas Dominic mexeu os quadris, arrancando-me um suspiro e um gemido ao mesmo tempo. Seu pênis encaixado dentro de mim com precisão. Agora não estava mais engraçado.

Mais um gemido abafado saiu dos meus lábios quando Dominic beijou meu pescoço, molhando e lambendo aquela região, e encarou meus olhos, nos conectando.

Mordi sua mão querendo liberdade.

— Você devia atender — conversamos em sussurros, ignorando o fato da sua cama ficar muito próxima da porta.

— Você acha que sou louco?

— Um pouco.

Dominic passou a língua nos meus lábios, me aquecendo ainda mais. Seus beijos eram tão gostosos, ficaria o beijando a vida toda.

No final de semana, que era para eu ter passado todos os dias no lugar onde Dominic foi criado, passamos os dois primeiros no seu quarto e dois na fazenda. Eu não me sentia culpada por ter dito meias verdades para a minha mãe, foi por uma *boa* causa.

Eu duvidava dela não saber o que estávamos fazendo quando passávamos algumas horas juntos fora dos olhares de qualquer um deles. E acho que parte da sua preocupação era sanada por ter Dominic todo tempo debaixo do seu teto. *Se* essa preocupação existisse, já que ela fez o favor de ter a maldita conversa sobre sexo quando eu tinha ainda 15 anos.

— Porra, amor, você é perfeita, eu amo você.

Amor, eu simplesmente era apaixonada em como ele me chamava. Escreveria uma composição inteira com essa palavra. Sorri feliz, beijando o seu queixo.

— Eu também amo você, Nic.

Dominic levantou para descartar a camisinha e fiquei olhando a sua bunda *redondinha*, a intimidade que havíamos criado às vezes me assustava. Em especial, quando se tratava do *meu* corpo, já que ele sempre foi um dos motivos que me fazia retesar quando imaginava a possibilidade de qualquer homem me ver nua.

Meu corpo nunca foi igual ao das minhas amigas, ou da maioria das meninas da minha idade, e várias vezes precisava me policiar sobre meus próprios pensamentos maldosos comigo mesma. Em uma sociedade onde a

estética era o seu carro chefe, é difícil não se deixar influenciar pelas más línguas.

Mas com Dominic era fácil, simples assim, ele amava tudo que eu tinha, inclusive os meus excessos. E não tinha restrição de falar sobre saúde e atividades físicas frequentes. Eu particularmente odiava acordar cedo e ter que exercitar meus músculos doloridos pela rotina.

A minha mãe amava, e me acompanhava arrastando minhas irmãs.

— Te espero lá embaixo — Dominic beijou minha bochecha e foi atrás do motivo da insistência em sua porta. Me deixando com as bochechas quentes depois de ter me limpado e beijado todo o meu corpo.

Tomei um banho e coloquei roupas limpas, e me lembrei da primeira vez que ele insistiu para que tomássemos banho juntos. Eu não gostava, mas ele fazia questão de lavar meu cabelo, então eu acabava cedendo depois de barganhar sobre algo que queria fazer e ele não.

Borrifei algumas vezes o perfume que Dominic usava pós-banho em mim, me embriagando no cheiro gostoso que era, querendo senti-lo por mais tempo. Aproveitei e vesti seu moletom que estava jogado no chão. Ótimo. Parti em passos rápidos, querendo chegar logo a Dominic. Íamos a um recital.

A mansão era enorme e andar por esses corredores ainda era estranho, pois uma sensação de vazio me inundava sempre que passava pelas portas fechadas. Dominic tinha me dado um tour completo na primeira vez que vim aqui, e de todos os cômodos, o escritório com um grande cofre era o que mais tinha chamado atenção.

Bem… ele tinha me levado ali e havíamos nos beijado em cima da mesa do seu avô. Eu não me orgulho disso, porém, também não me arrependo. Fiquei dias pensando como seria estar no escritório do meu pai com ele.

Quando comecei a descer o último lance de escadas para chegar finalmente ao térreo, meu coração palpitou ao ouvir vozes próximas, talvez fosse Dominic que estivesse me esperando. Às vezes, ele fazia isso, ficava ali plantado me observando descer as malditas escadas, eram muitos degraus e eu não podia pegar o elevador de acesso.

Tinha feito uma aposta com Dominic sobre usar as escadas a meu favor, e se caso usasse o elevador como vantagem, teria que lhe dar algo… e bem, não *pretendia* perder. Então iria subir e descer os infinitos degraus

Apressei o passo, faltando menos de dez degraus para chegar ao térreo.

— Você tem certeza que as coordenadas falam somente isso?

Parei de repente, não era a voz de Dominic.

— Sim, a latitude e longitude são os mesmos dados. É um mapa *cego*. Como se entregasse exatamente os mesmos passos, não importa a direção.

As vozes eram conhecidas, mas não conseguia identificar. Era um tom de raiva, mas baixo.

— Estranho, David disse que estava perto. Como se tivesse achado o lugar e ele parecia ter falado a verdade depois de engolir o próprio sangue.

Arregalei os olhos com a respiração presa, meu coração acelerando enquanto tentava entender o contexto grotesco da fala. A dor cortando meu peito e sangrando novamente pelas lembranças de Francesca em prantos. Mal podia respirar ao ver seu rosto transbordando de dor.

Saber que seus pais tinham sido vítimas de uma invasão à fábrica, e ouvir *alguém* falando tão *normalmente* sobre eles, fez meus pelinhos se arrepiarem. Foi uma tragédia, a fábrica de fármacos pegou fogo depois de um curto-circuito, matando sessenta e sete pessoas que estavam trabalhando, inclusive os pais de Francesca.

Não poderia ser o mesmo David, pois o que eu conhecia havia morrido em um incêndio, e o que eles estavam falando parecia que tinham visto morrer e não feito nada a respeito.

— Não fala alto, se alguém te ouve tripudiar com a morte dele, pode desconfiar.

— Não seja tolo.

— Então não seja *tão* confiante.

— Tanto faz. Solicitou a planta das propriedades mais antigas de Bash? Talvez nos ajude.

— Já está sendo providenciado.

— Pelo menos para isso vocês prestam.

Uma pausa, fiquei dividida entre terminar de descer as escadas ou subir novamente e mandar uma mensagem para Dominic perguntando onde ele estava. A certeza que não devia estar ouvindo essa conversa me amedrontou. Eu certamente não queria saber de nada daquilo; uma coisa que tinha aprendido era que saber demais te dava uma vantagem muito boa

em um jogo ou te matava. Eu não estava jogando e com certeza não queria morrer.

Eu ouvia, sim, muitas conversas alheias atrás da porta, isso não negava, mas parecia diferente. Uma vontade de chorar me apertou e antes que eu pudesse subir novamente as escadas, uma nova voz mais fraca soou:

— E a execução da coroa? Sabe que mesmo encontrando o *tesouro*, ainda não tem direito sobre ele.

Algo em mim gelou, todos os meus músculos se contraíram.

— Essa coroa é minha, e ninguém vai tomá-la. Nem mesmo o novo *principezinho* que Bash tanto ama.

— Já tem algo em mente? *Ele* está cada dia mais forte e influente dentro da AAB.

— Eu ainda acho arriscado.

— Ela é minha por direito. Então vamos continuar a porra do legado que nos foi deixado, entendeu?

— Você não cansa? Há anos estamos fazendo a mesma coisa, limpando a grama do nosso sapato. — Uma voz grave e baixa demais, disse pela primeira vez.

— Eu já disse, eu quero o que é *meu* por direito e ninguém vai-

— Amor, estava te procurando. — Pulei de susto quando braços familiares me cercaram. Meu coração quase saindo pela boca e as vozes no fim da escada sumindo. — Achei que ainda estava lá em cima.

Sorri nervosa com seu beijo na minha bochecha.

— Eu também estava te procurando.

Dominic segurou minha mão e terminamos de descer as escadas com meu coração desenfreado de medo, me lembrando do que tinha ouvido minutos atrás. Provavelmente tinham parado de falar por ter ouvido Dominic me chamar. O que me fez ficar ainda mais receosa ao imaginar que poderiam ter ouvido a minha voz.

Não havia ninguém lá embaixo e por um momento pensei poder ser uma ilusão. Embora a voz não me fosse estranha, não sabia quem estava no final da escada.

— Meu avô quer conversar com nós dois — Dominic sorriu, me puxando para a sala.

— Sobre o quê? — inquiri, curiosa. Ainda era estranho Frederico Clifford me incluir em seus assuntos.

— Acho que tenho um baile para planejar, e você vai ser a anfitriã mais gostosa de Bash — sorriu sacana e revirei os olhos.

— Não jogue suas responsabilidades para mim, espertinho — zombei, porque amava planejar festas e nunca negaria um pedido seu.

— Todo rei precisa de uma rainha, hum? Estamos só compartilhando o peso da coroa.

Ri das palavras simples, mas que, no fundo, tinha um peso complexo demais para levarmos a sério naquele momento.

— Se isso foi um pedido de socorro, tenho que te dizer que ele foi péssimo — gargalhei, mas Dominic encarou meu rosto deslumbrado.

— Você aceita ser a minha rainha, Augusta?

Eu não estava mais rindo, a intensidade de Dominic tinha me atingido de novo. Droga, eu o amava demais. Todo meu coração era seu. Eu faria qualquer coisa por ele.

— Será um prazer desfrutar os mais belos prazeres da coroa, meu rei.

Dominic cerrou os olhos, empurrando-me para deitar no sofá, e cercou-me com seus braços que ficavam cada dia mais fortes. Entrar para o time de polo estava mexendo com a minha cabeça e hormônios. Então, beijando meu pescoço e bochecha, molhou meus lábios com a língua, e sussurrou-me que eu *poderia ser tudo, inclusive rainha de Bash se eu quisesse*.

E eu amaria ser sua rainha.

Durante dias quis contar ao meu pai ou a Dominic sobre o que tinha ouvido, mas do que adiantaria? Eu não sabia quem era, e eu não tinha o poder de acusar alguém sem sair impune. Perguntei a Dominic quem estava na casa dele naquele dia, e ele só me disse *os de sempre*. E eu com certeza ainda não era louca de acusar alguém do seu círculo de algo que não fazia ideia.

Comecei a pensar no tio David com mais frequência, tentando assimilar as informações. Até reli as notícias e sondei por alto sobre o que as pessoas achavam, para ver se algo fazia sentido. Então perguntei a Francesca sobre a morte de seus pais, e insisti para mexermos nas coisas da sua família. Eu devia ter enlouquecido, quase tinha a perdido com a tragédia, e estava procurando algo sem saber o que era, machucando-a no processo.

Por ora, deixei a questão à parte e, nos meses que se seguiram, foi como se nunca tivesse ouvido a conversa. O que foi uma surpresa pra mim quando a mesma voz que ouvi bateu na minha porta, cobrando algo que eu não fazia ideia de como havia me metido.



REI E RAINHA

AUGUSTA VENDETTA

Um caminho de mentiras é um caminho perigoso. Ele te corrói de dentro para fora, como uma erva daninha se infiltrando nas raízes do seu ser, te mudando e te coagindo a tudo aquilo que um dia você prometeu nunca fazer.

Eu estava cansada. Novamente, estava no meu limite, mas a diferença era que ninguém podia me puxar de volta. Nem mesmo Dominic. As minhas mentiras tinham me corrompido de uma forma perversa, me levando a duvidar se ainda poderíamos ter um fim.

Então as suas palavras de ataque viraram poeira, eu já não era mais capaz de controlar parte das minhas ações inconsequentes.

Dois toques na porta me dispersaram, tinha pedido para Fanny me chamar quando todos tivessem chegado. Seria uma longa tarde.

— Entra, Fanny.

A porta se abriu.

E não era Fanny.

Quem me dera! Porque até o maldito Leonardo, que não desistiu de aumentar o valor do imóvel, era mais desejável no momento.

Aprumei a coluna e soltei o ar devagar.

Sem brechas.

O meu maldito pesadelo estava na minha sala.

Um sorriso falso.

— Andou sumida. — Sua voz não tinha emoção, e o homem à minha frente não pediu licença para entrar.

Somente caminhou a passos lentos em um modo arrogante, como se contasse os passos até a cadeira à minha frente, que chiou quando foi empurrada. Seus braços se abriram em uma posição confortável ao se sentar. Como se fosse a porra do dono.

— Estou onde é necessário. — Minha voz emanava tédio, embora esperasse que o meu coração acelerado não saísse pela minha boca.

— Se trancar no banheiro com Dominic é necessário?

— Eu não sei do que está falando.

— Não sei se lembra, mas temos um acordo, ou Augusta Vendetta não é mais uma mulher de palavra? Estar fodendo com Dominic frita seus miolos?

— Cala a boca, verme.

— Agora a rainha tem garras?

Revi minhas palavras.

Meus braços, que estavam apoiados na mesa, pesaram, e minhas mãos pareciam nuas e ridículas diante da sua análise rápida. Contorci as unhas dentro da minha palma, sentindo-me encurralada. Seus olhos frios estavam à procura do mínimo resquício de medo. O ceifador farejava em busca de uma mínima reação errada.

— E covarde demais para usar o anel também pelo que vejo.

— E ainda continua saindo merda da sua boca — a firmeza das minhas palavras fizeram seus olhos brilharam com algo que revirou meu café da manhã.

— Então *você* estará hoje na reunião, conseguiu o que queria, *hum*? Um lugar na mesa. Deve estar orgulhosa.

— Talvez. — Dei de ombros, não querendo afirmar nada. Ainda com medo do que poderia sair de sua boca. Mesmo que as minhas reações corporais lutassem para dizer o contrário.

— Então é verdade? — Sua pergunta foi longe, podendo cobrir qualquer coisa.

— Muitas coisas são verdade. — Encostei minhas costas na cadeira e escondi o punho cerrado por baixo da mesa.

— Não seja burra, o idiota caipira quer um lugar na mesa?

Cerrei os olhos. O seu tom demonstrando um interesse que desconhecia a razão.

— Não é você que sabe de tudo?

Sua risada foi cruel quando se inclinou para a frente, despejando mais verdades.

— Eu sei de tudo, isso inclui você ainda não ter dado um fim na puta que ronda Dominic.

— Você poderia fazer isso.

— Mas não seria tão divertido quanto ver você se afogar no seu próprio desespero.

Engoli em seco, tomando goladas necessárias para manter as minhas mãos e as minhas pernas quietas. *Se não pode ir contra, desvie.*

— Tem medo do *caipira* ganhar? — voltei ao assunto principal, querendo tempo para pensar nos meus próximos passos.

— Claro que não, mas vai ser interessante vê-lo falhar.

Cerrei os olhos.

— Acha que um caipira não dá conta do recado?

— Eu não acho, eu tenho certeza.

— Talvez ele só precise de uma pessoa que saiba empunhá-lo.

Uma risada forçada e alta irrompeu a sala.

— E quem seria essa pessoa? Você? — Desafio traçou seus olhos claros. — Não acho que seja burra para pensar que pode me desafiar de novo. Você não pode salvá-lo e peço que tire essa ideia ridícula de achar que por ser uma Vendetta pode *empunhar* qualquer pessoa.

Ele tinha raiva de mim

Não era novidade que a raiva que direcionava a mim tinha um motivo, ou melhor, nome e sobrenome. Dominic Clifford. Porque tirei Dominic dele, tirei Dominic do controle constante que *ele* tentava impor em nós. Então, *ele* achava que a minha má influência era como uma mão treinada que empunharia qualquer lâmina a fazer o mais perfeito corte.

Eu não o respondi, e isso foi a sua deixa.

— Mas nada disso importa, nenhum de vocês vai estar aqui para contar a história. — Seu tom foi amargo e ouvi a cadeira protestar quando seu pé afastou a madeira. — E eu só espero que esteja ciente de que seu

tempo tá acabando… — Mandei mais goles de ar para dentro, tendo plena ciência que poderia a qualquer momento desmaiar se prendesse meus pulmões por mais alguns segundos. — Eu não me importo com a merda que você está fazendo na cabeça de Dominic, eu não me importo com qualquer coisa relacionado a vocês, eu só quero o que é meu.

Algo frio subiu pelas minhas costas e afundei minhas unhas na palma não querendo expor as minhas mãos trêmulas. A minha frequência cardíaca aumentando em proporções absurdas. O que esse homem poderia fazer comigo aqui? Alguém o viu entrar?

— O que você quer? — perguntei temerosa.

— Você sabe.

— Eu sei, então não preciso que me recorde. — Ri pelo nariz, sem uma resposta exata do que fazer, com uma verdadeira vontade de virar a mesa em cima dele. Ele estava cobrando a minha maldita promessa.

— Exatamente porque você *sabe* que estou me perguntando o motivo de não estarmos agindo.

— Ainda estou dentro do prazo.

— Sim, mas você também *está* deixando rastros, pare de encontrá-lo e faça o que foi mandado. — Raiva encharcou suas palavras.

— Tem medo de que seu precioso Dominic descubra? — Arrisquei um mero deboche, que não foi bem recebido.

— Medo? — Uma risada sombria pintou seu rosto maduro e familiar. — Uma hora ou outra essa negação de que pode ficar perto dele e não contar a verdade pode se tornar uma coisa perigosa, *bela* Augusta, e não, não queremos ver o que faço quando as coisas não saem do meu jeito.

O gosto amargo da culpa por ainda pintar mentiras que estavam me levando para longe de Dominic se misturava em uma névoa densa de medo, onde sentia minhas mãos frias e trêmulas.

— Você não vai machucá-lo — fraquejei a voz em um pedido.

— E estou cumprindo com a minha palavra, não vê?

Cerrei os punhos.

Era mentira. Meu pesadelo nunca me deixaria livre, e provavelmente me mataria no baile. Suas palavras eram como as minhas mentiras, varias peneiras tentando tapar o sol. Postergando algo inevitável enquanto a verdade queimava viva a pele exposta.

— Tic tac tic tac, não há lugar para dois reis nesta cidade, e o tempo não perdoa quem faz más escolhas na hora errada.

O pesadelo que assombra meus sonhos sorriu pra mim, antes de se levantar e partir para a sala que eu também estaria em alguns minutos.

Porra, porra, porra.

Eu sempre odiei ordens, e não era hoje que o maldito iria me dar uma.



Tenho certeza que o meu rosto demonstrava tudo aquilo que eu não ia falar, na verdade, o silêncio da sala era quase ensurdecedor quando entrei. Eu não sabia se esperavam algo a mais ou se estavam falando de mim e por isso pararam de falar. Mas eu segui o meu próprio protocolo de entrada, e não demonstrei estar perdida ou curiosa com o clima do ambiente.

Os longos minutos que percorri da minha sala até aqui foram significativos, voltei atrás na minha própria decisão mais vezes do que podia admitir. Não gostava de sentir inseguranças nas minhas escolhas e odiava ter que me questionar.

Sentei-me ao lado de Dominic, que me olhou intrigado quando selei seus lábios com os meus. Sorri, mostrando que hoje não seria um dia fácil.

— Podemos começar? — Todos os pescoços giraram em minha direção assim que minha voz firme chegou em seus ouvidos. Em seguida, foi uma grande mistura de mãos, papéis e iPads se movendo para todo lado até que estivessem prontos para me acompanhar.

— Trigésima reunião da Associação Aristocrática de Bash *aberta* — Martinez começou sem muito interesse, mas seguiu religiosamente o protocolo da reunião. — Nenhum voto requisitado poderá ser revogado ou mudado e nenhuma pauta aberta poderá ser postergada. Sendo assim, temos até o final para eleger ou aceitar qualquer cláusula presente, sem chance de qualquer influência, ou votos terceiros, reforçando que toda decisão antes tomada será obrigatoriamente discutida.

— Acordado — todos nós falamos.

— E lembrando que hoje, como foi decidido por prévia, Dominic terá o voto em peso desde que sua futura esposa Augusta entre em consenso. Sabemos que esse tipo de voto é dado somente depois do casamento, mas como os termos já foram assinados entre ambos por lei

declarada nessa associação, será aceito a opinião e revogação de ambos desde que estejam coerentes e corretos quanto ao assunto.

A velocidade que o meu pescoço girou diria que me causaria um grande torcicolo mais tarde. Mas a tranquilidade que Dominic harmonizava em seu rosto me calou antes mesmo que meus pensamentos tomassem forma.

Eu não tinha assinado a merda do contrato ainda. Na verdade, estava realmente me perguntando o porquê do meu pai ter parado de insistir nas últimas semanas… Franzi o cenho. Ele não faria isso. Não mesmo. Não teria como assinarem por mim de alguma forma.

Senti um braço quente nos meus ombros quando endireitei a coluna, e preferi não olhar novamente para o meu intitulado noivo. Pois sabia que meus olhos diriam coisas demais e estávamos em público.

Observei todos na mesa, éramos pelo menos vinte. Todo o G5 estava aqui, o prefeito Wilson, o tenente Sullivan, alguns executivos regionais e dez Cheffts representantes. De mulher, só havia eu e duas executivas. Fred não estava, e provavelmente por isso eu fui uma boa desculpa para poder estar com Dominic aqui.

— Que a reunião comece — Dominic afirmou.

Soltei o ar lentamente dos pulmões, abrindo o arquivo de pautas que tinha sido enviado junto ao e-mail de notificação da reunião.

— Pois bem, vamos à primeira pauta. Terminais polidutos. — Claro que seria. — As novas bombas não foram computadas e a transportação ainda não está dentro do nosso *regulamento*.

— Isso não seria assunto empresarial? — cortei antes que Garcia seguisse com o pensamento alto. Dentro do seu regulamento significava dentro das suas vistas.

Meu pai tinha me dito sobre isso. Eu entendia que éramos uma associação e que dependíamos uns dos outros, mas não tínhamos que estar dentro *diretamente* da empresa uns dos outros. A Stilk crescia cada vez mais durante os anos, e os olhos cobiçosos andavam juntamente querendo adentrar nosso patrimônio.

O estado por si só já tinha uma grande parcela nos nossos empreendimentos, e a presidência que hoje era ocupada pelo meu pai era cada dia mais observada. Eu sabia que eles queriam mudar a política secular que existia na nossa família, mas só não sabia o *quanto*.

— Não quando o território que vocês usam é de nosso domínio — Davis, o mais velho do grupo, contrapôs. E cerrei a mandíbula.

— Então posso contar com vocês para o balanço no final do ano, certo? Já que estão tão interessados para onde está sendo enviado nosso produto. Vocês vão contribuir com o balanço territorial? Bash ficaria feliz em ver suas mãos saírem dos seus bolsos cheios.

Seus olhos me desafiaram e me mantive firme, quando se tratava de disponibilizar recurso, o G5 era sempre péssimo nisso. Eles só queriam ganhar e nunca, *jamais, dar.*

— A Stilk está em dia com a associação, mas solicitarei um técnico para os terminais — Dominic cortou o clima e eu o fuzilei. Ninguém iria vistoriar a minha verdade.

Mas Dominic ignorou meu olhar, mantendo sua posição implacável. Se já na primeira cláusula estamos em desacordo, como será a última?

Peguei o copo com água que tinha visto Dominic colocar para mim.

— Segunda pauta, parece que temos uma nova indicação?

Olhei para Fabian pela primeira vez, ele estava como executivo na mesa, embora o polo que representasse não estivesse dentro da cidade de Bash, por ser um pequeno distrito. Mas Dominic tinha assinado um termo de autorização para ele, e bem… Dominic, mesmo sem um contrato nupcial, tinha peso nas decisões pelo seu sobrenome.

— Apresente-se — Martinez falou e meu estômago revirou quando um olhar de malícia foi direcionado a Fabian. Qualquer palavra errada e ele estaria fora da sala.

Fabian limpou a garganta e torci silenciosamente para que ele não vacilasse.

— Fabiano Honorio, representante da Coop e requerente à posição de Chefft dentro da Associação Aristocrática de Bash — Fabian falou firme e cruzei as mãos sobre a mesa, interessada. — Como está no artigo 76 dos termos em anexo, ainda tenho direito a revogar a minha recusa desde que tenha votos maiores que nove.

— Pedido de fala concedido — Dominic responde com uma voz forte e firme, e remexo no meu assento inquieta, quando sinto sua mão roçar a minha coxa.

Fabian olha pra mim, depois para todos na mesa, e ali vejo algo que me faz respeitá-lo mais. Ele não está com medo e sei que não irá vacilar, seu olhar é puro desafio e soberba, como se soubesse que iria ganhar antes

mesmo de começar sua defesa. Ele era ótimo quando não estava utilizando *isso* contra mim.

— Bem, quero esclarecer que o motivo da minha recusa no primeiro convite foi inteiramente ligada ao benefício das minhas terras. Eu, como gestor principal da Coop, tive que priorizar uma boa produção, então me desculpem por não pedir desculpas ao escolher o *meu povo*. Entretanto, vi como uma boa escolha, agora que estamos estruturados. Temos gráficos suficientes para não sofrermos alterações com o conjunto.

— Por que iria querer fazer parte de uma associação se, hipoteticamente, já tem a sua?

— Um homem de negócios nunca está satisfeito com um caminho só. Possibilidades, é claro.

— Estaria disposto a ceder terras para a senhorita Vendetta? — Martinez provocou, e soube que isso era um teste. Fabian me negou isso todas as vezes que quis investir nas suas terras, e todos da AAB sabiam disso.

— Eu estaria disposto a negociar com Marllon e Augusta Vendetta.

Olhei para Dominic que se mantinha concentrado em Fabian, depois seus olhos me acharam e me disseram o que eu tinha formulado alguns dias atrás. Fabian faria de tudo por Dominic, inclusive mexer na sua maior riqueza para poder dar o que ele quisesse.

— Justificativa aceita — meu noivo declarou, e desviei o olhar quando ele destampou a pequena garrafa que estava à nossa frente e encheu novamente meu copo de água com gás.

Ele me queria a qualquer custo.

— E vamos à votação — Hernandez chamou e o clima tenso foi rapidamente substituído por agitação, e com certeza não esperávamos a próxima cena a seguir.

Porque, como se quisessem se livrar de uma praga, começaram rapidamente a falar vários “não”, um seguido do outro, como pequenos botões apertados estourando todos ao mesmo tempo, até que toda mesa tivesse expressado seu desgosto.

Sorri. Não que eu esperasse nada menos que uma negativa.

Só faltavam eu e Dominic para votar e claramente tínhamos perdido a batalha se considerássemos a regra que uma vez dito o voto, ele não poderia ser revogado. Mas ainda assim éramos dois e felizmente ainda

pensávamos igual, pois seu corpo relaxado e a mão idiota se infiltrando entre as minhas coxas, me disse isso.

Dobrei o cotovelo, passando as mãos no cabelo. A ansiedade me dando boas-vindas com o medo do rumo que a reunião poderia tomar.

— Acha que um voto meu fará diferença? — Dominic disse.

E cerrei os olhos com o coração na boca, surpresa quando sua mão fez carinho na minha coxa coberta pelo tecido, me pegando totalmente desprevenida. Engoli em seco. Eu usava uma saia midi que ia até a canela, e contava com isso para me salvar dos seus dedos.

— Eu gosto de pensar em segundas chances — disse, complementando sua fala.

— Isso é uma afronta conosco, não importa se há alguma regra. É a nossa *honra*. — A voz de Davis sobressaiu entre os murmúrios.

— Eu acho interessante você falar de honra quando faz sua esposa conviver com a sua amante bem debaixo da própria casa, Davis — Dominic atacou e eu quis estapear sua cara; esse, com certeza, não era o melhor caminho quando se quer um *sim* de alguém.

— Estamos trazendo assuntos pessoais? — Martinez bradou em desafio.

— É claro que não — arrisquei apaziguar. — Só acreditamos que Fabian seria um bom aliado financeiramente para nós.

— Não sei se lembra, mas o *caipira* nos disse um grande não — um dos Cheffts apontou. Caio, se não me engano.

— E agora está oferecendo seu ouro, e sua justificativa foi acatada — defendi nosso ponto.

— Dominic aceitou porque é seu amigo, não porque foi coerente.

— Está discutindo a minha *palavra*, Martinez? — Dominic perguntou arisco.

— De forma alguma. Porém, como membro mais próximo, peço que nos ouça primeiro.

— Irei escutar a minha *esposa* primeiro — minha respiração estagnou por um segundo antes que meus pensamentos se formassem para a defesa de Fabian.

Eu não iria *olhá-lo*. Merda, não. Não estava casada com Dominic, mas se eu tivesse hipoteticamente assinado o termo, em lei poderíamos estar.

Respira, Augusta, não olhe para *ele*. Não olhe para o seu pesadelo, quando você tem que levantar argumentos válidos para o melhor amigo do seu… marido? Meu Deus, isso era confuso. Merda, merda, merda. Não tinha noção do peso da palavra até Dominic proferi-la.

Limpei a garganta, que não precisava ser limpa.

— Fabian trouxe argumentos válidos e não há motivos para negar seu pedido, vendo que já *havíamos* feito o convite uma vez e o seu *não,* não foi arquivado em ata ou documento legível. Eu olhei seus gráficos e a sua produção está muito acima da média que pedimos para um representante, então o meu voto é sim.

Mesmo que eu dissesse sim, ainda precisaríamos de um dos membros do G5 ou uma boa porcentagem dos *Chefft* para que Dominic tivesse uma escolha. Então, a menos que nove representantes revogassem seu não, Fabian não entraria.

— Mais alguém? — Dominic perguntou e essa seria a bendita hora que poderíamos ter a chance de pôr Fabian para dentro. Mas alguns minutos se passaram e ninguém ousou voltar atrás. A baixa risada de Dominic estremeceu meu corpo, seus lábios roçaram minhas bochechas.

Ele não estava feliz, Dominic estava pronto para revidar, sua calma fingida despertou cada molécula do meu corpo. Da última vez que ele não conseguiu o que queria, a cidade de Bash quase entrou em crise após Dominic bloquear todas as transações de moeda virtual.

— Bem, vocês têm muito azar em não terem retrocedido com a perfeita justificativa de Augusta.

— Não somos obrigados a concordar só porque você não gostou da decisão *geral* — um dos *Chefft* arriscou, e eu o achei corajoso.

— Concordo com você, Laion.

Concorda? Olhei para Fabian, que parecia tão *calmo* quanto seu amigo.

— Mas como intitulado maior em hierarquia, posso nomeá-lo ao G5.

Cabeças rolam para lá e para cá, inclusive a minha. Que porra Dominic estava fazendo?

— Você não pode nomear um apoiador só porque tem um contrato nupcial — ralhou Martinez e prendi a respiração. — E caso não se lembre, a regra do G5 são cinco membros, não seis. Então, você *ainda* não pode nomear alguém.

— Eu sei disso, e por isso estou expulsando Gonzales por traição — a fala veio simples, como um pedido por um copo d'água.

O quê? Vários arquejos se deram na mesa, e todos os olhares se voltaram para Gonzales. *Que porra Dominic estava fazendo?*

— Do que está falando, Dominic? — Gonzales perguntou tranquilo, com uma calma que duvidava ter, mas ele ainda tinha que manter o tom baixo e a civilidade. Soltei o ar pela boca quando seu olhar me cortou.

Dominic então encostou na cadeira e pôs a mão no colo, como se fosse explicar algo longo e sem nenhuma complexidade, enquanto todos aguardavam suas próximas palavras para o rumo final da reunião.

Como a porra de um rei.

— Gonzales está fora do G5 por roubar dados e vendê-los a *terceirizados*. Não somos inimigos, mas não é aceitável compartilhar dados de nenhum cliente com empresas fronteiriças, ainda mais quando se vende em benefício próprio. E como está no pacto da AAB, nenhum membro estará fora das punições escritas na ata de regulamento oficial. Exceto se vocês queiram contestar fatos comprovados. E se tiverem a fim de acobertar um roubo descarado, vão em frente e estão todos fora da AAB.

Merda, merda, merda. O quê? Dominic estava atacando. A minha respiração ficou presa enquanto ouvia as palavras decisórias que antecipavam nosso final.

— Veja bem, eu realmente não gostaria de estar trazendo esse assunto na mesa, mas situações drásticas pedem medidas à altura.

— Você não está falando sério, só porque não aceitamos o caipira, está desfazendo o grupo? — Martinez bufou de raiva e eu senti tudo o que ele poderia fazer de agora em diante.

— Estou fortalecendo vocês, ninguém é digno de estar cem por cento no poder a vida toda, uma hora a roda tinha que girar. E, bem, ela acabou de rodar.

E com essa fala, Dominic deixa a sala, como se não tivesse despejado várias merdas secretas na frente de todos. Porra, tínhamos acabado de colocar Fabian como membro oficial do G5, e nem estávamos casados.

Tudo iria desmoronar.

E a mensagem que apitou no meu celular quando saí da sala, me disse exatamente isso.

Pesadelo: *Um contrato assinado?*

Pesadelo: *Parece que vamos eliminar um rei mais cedo. Seu tempo acabou.*



POR FAVOR

DOMINIC CLIFFORD

— O que você fez? — A raiva exalava em cada poro do seu rosto, sua respiração pesada e o seu maxilar travado me mostrava que hoje eu não iria vencer essa guerra.

Relaxei na cadeira, comendo seu corpo com os olhos, seu peito subia e descia pela posição favorável em que estava, com as costas inclinadas e os braços firmes. Estreitei os olhos quando seus lábios torceram, formando um bico que queria *muito* morder.

— Do que exatamente estamos falando? — Eu não devia fazer esse tipo de pergunta, não quando as sardas salpicadas em seu rosto estavam mais evidentes do que o normal. A coloração me lembrava da sua pele pós-orgasmo.

— Não finja. — A raiva retumbava por cada letra, me aquecendo de uma forma sádica.

— Quer uma brecha? — Eu poderia lhe dar uma trégua, apesar do seu rosto querer tudo, menos paz.

— Uma brecha — afirmou, balançando a cabeça e ofereci a cadeira ao seu lado com uma mão estendida

— Ok. Então senta.

Augusta se sentou e engoli a surpresa da rapidez em que ela acatou o pedido. Algo estava prestes a acontecer, sua resposta rápida me lembrou o primeiro dia em que ela saiu do hospital.

Segui seu olhar quando repousou no pequeno quadro em cima da minha mesa. Duas pessoas jovens demais, que ainda não conheciam o quão amarga a vida poderia ser.

— Eu não assinei nenhum contrato. — Sua voz era controlada e percebi que ela tinha começado pelo mais fácil.

— Eu sei.

— Então por que na merda da reunião Martinez disse que eu tinha?

— Porque ele acha que você assinou.

Augusta franziu o cenho, pensamentos que nunca seriam compartilhados comigo passando em sua mente.

— Ah, claro, porque você não precisa provar que assinei algo sendo que *não assinei*.

— Não.

A minha resposta fez seus olhos encontrarem os meus. E ali eu vi. E a vi. Augusta parecia machucada, e não podia fazer nada. Não podia porque ela não deixava. Observei seu corpo rígido, que expressava uma dureza que naquele momento ela não tinha. Ela parecia frágil e o seu olhar perdido me disse que a sua falta de palavras seria nossa morte. Augusta buscava as palavras certas para nos machucar novamente. Mais uma vez.

— Me conte o que você fez.

— Eu não fiz nada, os papéis estavam na mesa o tempo todo, só não tiveram a curiosidade de abrir.

— Está me dizendo que só porque falou que estava assinado, Martinez aceitou sem olhar nada?

— Eu não disse que estava assinado, disse apenas que os papéis estavam na mesa e não neguei nada quando ele *afirmou* que você tinha assinado os papéis.

Uma respiração e Augusta tomou seu tempo, achei que alívio tinha pintado seu semblante, mas seus olhos se fecharam por segundos antes de abri-los e florescer outra onda de raiva. E dessa vez parecia destruir ainda mais seu lindo rosto.

— Porque *ninguém* ia questionar se você estava falando a verdade. — Seu tom continha veneno e esperei em silêncio, deixando que ela

concluísse seus próprios pensamentos.

Augusta sempre foi assim, entrava com certa frequência em uma espiral de pensamentos que a fazia muitas vezes parar, mas eu era paciente. Gostava de ver suas engrenagens a todo vapor, calculando cada palavra proferida por seus lábios carnudos.

— Você deveria ser a primeira a saber que ninguém me questiona, bruxa.

Arqueei as sobrancelhas, querendo tirar dela tudo que conseguisse, mesmo sabendo que ela não compartilhava mais nada comigo como fazia antes.

Seus olhos queimaram cada molécula exposta do meu rosto e vi a máscara prateada cobrir o seu em uma dureza questionável.

— Precisa de uma distração?

— Não.

— Então por que veio até *mim*?

— Hoje foi um dia difícil e eu ainda sou uma *cadela* porque a única pessoa que desejo contar sobre o meu dia é você. — Sua voz parecia sofrida, embora eu soubesse que todas as suas palavras eram muito bem intencionadas.

— Você pode falar.

— Uma ordem?

— Se for preciso para tirar as mentiras da sua boca.

Uma risada fraca escapou por seus lábios, chamando a minha atenção para eles.

— Eu não devia estar aqui. — Augusta pareceria cansada, mesmo que o seu tom não fraquejasse por um segundo.

— Você está onde quer, porque *ninguém* lhe diz aonde você pode ir — provoquei, com um tom um pouco mais duro, cheio de segundas intenções. — Eu te dei tudo.

— Você me deu tudo e ainda assim não é o suficiente — soou sincera.

Arrancar a verdade de Augusta era como querer passar entre paredes de pedra, impossível. Eu gostava de pensar que uma parte daquela menina ainda estava ali, em algum lugar, talvez pedindo por ajuda silenciosamente, ou talvez se fechando cada vez mais por achar que era melhor *assim*.

Teimosa, Augusta era uma mulher teimosa, que não se importava em pagar as consequências dos seus atos.

— Eu pensei em uma coisa.

— Você sempre está pensando em algo.

— Não, eu pensei em uma coisa que você pode me dar. Você me prometeu tudo e estou pronta para cobrar o meu pedido. Quero você.

Não pude esconder a surpresa, realmente não estava esperando por *isso*. Algo denso cobriu os seus olhos e a garota por quem tinha me apaixonado uma vida atrás apareceu. Me remexi inquieto. Tentei não pensar muito no que suas palavras significavam.

— Você não quer *isso*.

— Eu *quero*, como o ar que respiro.

Minha respiração ficou pesada, absorvendo todas as intenções do seu olhar. Porra, eu poderia colocá-la de quatro em cima dessa mesa e tirar *tudo* dela. Eu sabia, no entanto, que suas palavras não eram de toda verdade, eram da boca para fora. Augusta estava fugindo. Eu a conhecia bem demais.

No entanto, uma ideia maníaca passou por meus lábios.

— Você vai me dizer a verdade hoje?

— Eu posso te dizer uma.

— Qualquer uma?

— Qualquer uma.

— Então, vamos fazer isso — desafiei, certo das minhas palavras, me levantando e ficando ao seu lado. Meu olhar firme e decidido transformando o ar em algo pesado e fatal. Se não fosse por suas mentiras, eu também poderia arrancar as suas roupas bem ali, nada importava.

A boca de Augusta se separou em um arquejo surpreso, e suas sobrancelhas arquearam, seus olhos queimando minha mão estendida.

— Agora? — saiu mais como um sussurro.

— Sim. Qual lugar mais seguro para fazer sexo do que dentro de um banco?

Augusta olhou ao seu redor como se estivesse calculando algo. Uma risada sem graça abandonou seus lábios. E ela se levantou, me olhando desconfiada. Segurei suas duas mãos, pousando-as na mesa, na mesma posição que ela chegou alguns minutos atrás.

— Já desistiu? — Curvei seus ombros, para que a posição ficasse perfeita. Amava vê-la de costas.

— Você quer que eu desista? — sua voz não era mais um sussurro, havia algo como incerteza e curiosidade.

— Você devia ser a última pessoa a me questionar sobre *querer* você — sussurrei no seu ouvido, e Augusta remexeu inquieta, fechando os olhos sem sair da posição que eu tinha a colocado. — Eu a foderia sem problema nenhum aqui nessa mesa, e garantiria que seria muito bom.

E poderia ser um dia fodidamente bom, se não fosse por sua obediência rápida.

— Estou pensando — vacilou.

— Quer que eu a convença? — sorri malicioso.

— Não!

Tsc, tsc, resposta rápida.

— Então não quer?

— Quero.

Tsc, tsc.

Uma risada baixa saiu por meus lábios, a diversão e malícia se afogando no poço amargo de traições e mentiras. Afastei as duas cadeiras que estavam atrás da mesa, sentando em uma e relaxando o corpo.

— Você está com muita dúvida, amor, sente-se, não conversamos por igual quando um está em pé.

Augusta não pensou muito e fez o que pedi novamente, ainda com a cabeça longe e os movimentos muito rápidos. Estudei seu rosto sem pressa. O que tínhamos nos tornado? Era a pergunta que mais me fazia. Estava tudo errado. Cada maldita frase.

Então esperei que ela falasse, porque por mais cruel que ela esteja sendo com nós dois, não consigo negá-la. Não consigo não estar aqui para ela. Não consigo não fazer tudo por ela. Porque Augusta é a bendita mulher que suga todo meu ar, e arranca todas as minhas estruturas, não importa o tempo que passe

Ela, que sempre me questionou do meu bom autocontrole, mal sabe que, quando se trata dela, nada importa.

Porque era tudo por ela.

— Eu sinto saudades. — Sua voz era fraca e o meu coração deu um salto ao perceber por onde sua mente vagava. — Às vezes, sinto que não consigo respirar o suficiente e ainda estou na *nossa* casa. Acho que nunca conseguirei tirar da memória o *meu* sangue. E água nenhuma será o suficiente para limpá-lo das minhas mãos.

— Você não teve culpa.

— Eu tive — implorou, e eu odiava que ela fizesse isso. Odiava quando ela se afundava em culpa e tomava toda amargura, julgando ser merecedora da dor. Eu odiava essa merda. Odiava que ela estivesse fazendo novamente isso com a gente.

Então, com um suspiro que fez todo meu interior latejar, eu deixei. Abri mão do resquício de autopreservação e deixei que a mulher que ainda amava me partisse de novo. Porque era isso que ela ia fazer. Me partir ao meio.

— Tem sido uma grande confusão desde que fui parar naquele hospital, desde que *perdi* o nosso filho. Eu sinto muito por não ter sido justa com você, mas eu… — um suspiro sem graça saiu junto com uma risada nasalada. — Sinceramente? Não me arrependo, sou egoísta ao ponto de não me arrepender por ter roubado de você o direito de ir embora.

— Augusta…

— Por favor, só me deixe… Falar.

— Não há como devolver palavras uma vez que são ditas.

— Eu sei, e é por isso que estou aqui.

— Outro término?

Mas ela não me respondeu, ao invés disso, molhou os lábios e mergulhou nos meus olhos.

Eu vi verdade neles, e algo estava se partindo dentro de mim.

De novo.

Meu coração estava se partindo de novo.

Porque ela estava fazendo errado, de novo.

— Eu sinto muito por ter te puxado para a minha bagunça. Porque depois que saí do hospital, eu só queria… você. Mas não era direito meu tê-lo, não depois que eu também tirei algo de você. O que me leva a lembrar quão ruim fomos nesse jogo. Preciso reconhecer, é difícil não queimar no fogo quando você está tão perto da beira. Mas eu estava sufocando de novo, mesmo longe do fogo. Mesmo longe de casa. Mesmo longe de você. Eu fui ruim, mas não me arrependo de ter te levado à minha ruína, porque você parece lidar muito melhor com os desastres do que eu.

Era verdade, acabamos caindo no jogo vicioso entre nos machucar e fingir que nada estava acontecendo. Nas primeiras semanas, quando Augusta fez suas malas e foi para casa do seu pai, fingi aceitar que ela só precisava de um tempo para digerir a tragédia, já que não tinha nada que eu

não faria para arrancar a dor nos seus olhos sempre que a pegava me olhando.

Na segunda semana, quando pensei que ela voltaria para mim, parou de responder minhas mensagens e começou a me evitar a todo custo.

Na terceira, o primeiro escândalo saiu, sua foto com outro homem jantando em um restaurante qualquer desencadeou a nossa primeira briga feia, quando apareci no mesmo lugar e a arranquei de lá como um maldito homem das cavernas.

Na quarta, eu já tinha me embebedado de raiva, as palavras venenosas que eram despejadas de sua boca entravam como veneno no meu coração, sempre que nos encontrávamos. Então, comecei a atingir direto no seu orgulho, fazia com que ela quisesse algo, desejar algo, só para tirar de suas mãos e tomar. Grande parte das nossas *ações em comum* foram jogadas no lixo.

Eu não tinha limite, e Augusta muito menos. Não quando se tratava de ferirmos um ao outro, era o que nos sustentava.

E foi na quinta semana, quando estivemos no nosso primeiro baile aberto, que as coisas desandaram de vez. Ouvimos *sinto muito* mais vezes do que qualquer pessoa aguentaria. E a gente já não estava mais pensando no incêndio, porque entre nós, não se tratava de sentimento, e sim de quem iria ceder primeiro. Quem iria *se partir* primeiro.

E esse foi o nosso erro, achar que algum de nós iria quebrar. Porque já estávamos despedaçados, e não se quebra algo que já está em estilhaços.

— Foi minha escolha.

— Não, eu não te dei escolhas. Eu exigi de você algo que não estava te dando.

Augusta achava que só ela precisava disso, de ter a certeza que ainda podíamos ser um do outro. Mas o que ela não aceitava, era que eu também precisava me alimentar do nosso caos para me manter são, para manter o restante das nossas metades.

— Na noite do incêndio, antes de você ir para o banco, eu tinha assinado o nosso contrato nupcial. — Sua voz se quebrou, e os seus olhos, que eram sempre duros e famintos, replicaram a vermelhidão das duas sardas. Minha garganta queimou antes dos meus olhos também arderem.

— E cadê esse contrato?

— Queimou junto com a casa.

— Por que está me dizendo isso?

— Porque quero que pare.

— Parar com o quê, exatamente?

Augusta me olhou. E o mel doce e atrevido que vivia ali tinha ido embora. Eu podia ouvir os estilhaços trincados entre nós novamente, podia tocar fisicamente o resto dos nossos corações que estavam sendo derramados pelo chão.

— Pare de tentar me achar, porque você não vai gostar do que irá encontrar.

— E se eu não parar?

Augusta trincou o maxilar e eu soube que o pior viria.

— Esses últimos onze meses foram *horríveis*, mas não posso culpar outra pessoa que não eu. Porque fui eu, foram *minhas* escolhas. Não posso deixar que continue com isso, que se afunde mais nisso quando a culpa é toda minha. Eu não posso dizer *como* começou o fogo, mas eu poderia ter feito algo mais rápido, saído mais rápido da nossa casa. Eu sinto muito, Dominic.

Agora foi a minha vez de soltar o ar pelo nariz. Me sentia cansado. Quase farto demais para sentir os meus membros protestarem pela posição estática que havia ficado desde que Augusta tinha começado a falar.

— Por que você não quer falar a verdade?

— Porque não há verdades há contar.

— Está me dizendo que estou louco? Está me dizendo que tudo que vivemos e todas as palavras trocadas eram falsas? Está me dizendo que estou atrás de *nada*? Me explica por que escondeu seus exames de mim, me explica por que *nossa* casa pegou fogo com os protetores ligados? Me explica por que não pude te ver no hospital? Me explica por que passamos a ser *nada* depois de eu ter te pedido em casamento dias antes do incêndio?

Com uma lufada de ar, senti suas mãos pegarem as minhas, seus olhos imploravam por algo silencioso. E eu senti o corte de suas palavras em todo lugar do meu corpo.

— *Eu o matei, Nic*. E não há o que procurar. Eu só estava envergonhada demais para olhar no seu rosto e ter que admitir que não fui *forte* para salvá-lo. Desculpe, por ser egoísta demais e não conseguir deixar você ir embora quando eu deveria ser a primeira a ter partido. Desculpe, por não ser o suficiente para você. Eu sinto muito, Dominic, eu sinto muito por ter demorado tanto para te libertar. Desculpe, por não ter sido suficiente e salvado *nosso* filho.

Engoli em seco, travando o maxilar e fechando os olhos. Essa porra não estava acontecendo. Porra.

Novamente, aquele sentimento de que algo está errado demais me engoliu, tomando meus sentidos. Ela estava mentindo, porra. Eu precisava de ar. Precisava sair. Precisava de ar no meu cérebro. A fumaça entrava em cada poro do meu corpo, liquefazendo minhas estruturas e me entorpecendo.

Era demais, sempre demais. Augusta não pegava leve, não quando se tratava de *destruir.*

Balancei a cabeça, me livrando das suas mãos. Minha voz saiu um fiasco cheio de névoa cinza.

— Você não tá fazendo isso de *novo*, porra.

Lutei para manter minha voz, mas o tom firme não a fez recuar. Nunca fez.

— A dor é menor quando se arranca o band-aid de uma vez.

Meus ouvidos zumbiram.

— Que porra de *band-aid*, Augusta? Que porra estamos arrancando quando uma ferida nunca foi fechada? Você não quis fechar essa ferida, e ela está fedendo. Fedendo como as malditas mentiras que saem da sua boca.

— Não vou implorar para que acredite em mim, mas essa é a verdade.

— Verdade?

Uma risada de desespero me levou. Fechei os olhos, vendo somente a porra do fogo no meu organismo.

— Você quer a verdade? — Uma nuvem de raiva adentrava o espaço. E eu permiti ser inundado por esse sentimento cruel, que drenava todas as minhas forças. Que sugava a minha própria sanidade.

— Não. — Augusta limpou o rosto, se levantando. Eu estava no meio da sala, então para ir embora, ela tinha que passar por mim.

Porra, ela estava se levantando para ir embora.

— Covarde demais para ouvir.

— Eu nunca disse que era corajosa o suficiente para *te* ouvir falar.

Meu coração dava galopadas fortes, e quando Augusta se aproximou, senti o nosso ar indo embora. Junto com sua respiração acelerada que fazia seu peito subir e descer.

— Então é assim? — Encarei seus olhos, desvendando mais mentiras. O ar esquentando e arrancando cada gota saudável da minha pele.

— Vai desistir?

— Sim. — A respiração de Augusta estava pesada, e seus lábios entreabertos me disseram que respirar pelo nariz não era suficiente para acalmar seu coração. — Mas dessa vez não haverá volta, eu me certificarei disso.

— Ok — sussurrei para os meros trinta centímetros que nos restava.

— Ok? — Sua voz fraquejou, engolindo em seco.

— Você está fazendo uma péssima escolha.

— Provavelmente. — Seus olhos estavam na minha boca e cerrei os punhos antes de avançar minha mão em seus cabelos, infiltrando meus dedos em suas mechas, deixando seu rosto perfeitamente alinhado com o meu.

— Eu não quero uma despedida — sussurrei.

— Não é uma despedida.

Péssimas decisões são frutos de desespero, e quando se tratava de Augusta, eu entrava em desespero. Ela era meu ar. A minha melhor amiga. A pessoa que sempre esteve aqui por mim. Eu duvidava que isso mudaria, mas algo fazia com que ela distorcesse suas promessas, julgando-nos fracos e insuficientes.

E eu sabia ser a porra de um egoísta por trocar uma respiração por um beijo dela, trocar o meu coração pela vida dela. Eu era obcecado por essa mulher, e *nada* me faria ir embora. Não importava o quanto ela fechasse a porta na minha cara.

— Me diga quantas mentiras saíram da sua boca, bruxa, e eu direi quantas delas você pagará o preço.

Então avancei em sua boca, arrancando todos os suspiros quentes dos seus lábios carnudos.

O beijo com Augusta sempre era diferente, não importava o tempo que passasse, ele tinha sabor de lar, era doce, me dava água na boca só por saber que devoraria cada canto gostoso da sua alma.

Puxei feroz seus lábios, chupando e provando cada mentira formada ali. Augusta protestou quando puxei sua língua, chupando-a e a deixando sem ar. Eu queria tudo dessa mulher. Até mesmo o nada.

Agarrei sua cintura com o braço livre, não desgrudando a outra mão dos seus cabelos, e empurrei seu corpo junto com o meu para a mesa que estávamos poucos minutos atrás. Separei nossas bocas, puxando seu lábio

inferior e o mordendo. Provar de sua boca nunca seria suficiente, eu queria sempre mais e mais e mais.

Encarei os seus olhos castanhos, totalmente derretidos e entregues.

— Fala.

Por mais louco de desejo que eu estivesse por ela, Augusta ainda tinha que dar sinal verde. Eu não queria que isso se tornasse algo sujo. Foi a nossa promessa, por mais raivosos que estivéssemos um com outro, nunca ultrapassaríamos esse limite. Por pior que tudo se transformasse, ainda estaríamos nos *amando* enquanto fodia cada molécula de Augusta.

— Eu *quero* isso.

— As palavras *certas*.

Augusta engoliu em seco, e sua respiração falha tremeu seu corpo, e apertei mais meu punho em seu cabelo, para que ela não desviasse o olhar. E se caso qualquer resquício de dúvida aparecesse, eu veria, então tudo acabaria.

— Você ama ver meu ego indo para o lixo.

— Amo.

Um brilho de desafio a cobriu, e o doce dos seus olhos se misturou ao sensual, a luxúria preenchendo cada expressão do seu rosto.

— Eu odeio você — sussurrou.

— Eu amo te ver me odiar. — Virei seu corpo, deixando que sua bunda sentisse o quanto eu a queira. Que ela sentisse o quão duro estava só por imaginar a sua boceta esmagando o meu pau. — Está pronta para dizer?

Abri o zíper na lateral direita do seu vestido, expondo metade do seu corpo, e todo meu corpo se animou com a ideia de lamber cada pedacinho dela. Augusta era gostosa e passaria minha vida toda a adorando. *Magnífica*.

Subi o vestido devagar por suas pernas, expondo sua bunda e quase *babando* na visão sensual que ela entregava. A calcinha de hoje era um pedaço de renda azul.

Engoli em seco. Era minha cor favorita.

— Por que sempre faz isso? — Sua voz era falha, prova de que as minhas mãos ágeis pelo seu corpo surtiam efeito. Levantei mais o vestido e apalpei sua bunda, apertando e ameaçando vagar pelo caminho mais estreito.

Seu corpo respondeu rápido quando suas pernas inquietas balançaram, e sua cabeça quis sair do controle da minha mão quando

terminei de passar o vestido por ela.

— Só quero lembrar a nós dois que *isso* é real.

— Eu odeio você.

— Não me culpe por querer nos salvar das nossas próprias merdas.

Augusta se inclinou, sustentando-se nos seus dois braços sobre a mesa.

— Dominic — miou, e alcancei a fina alça da sua calcinha, puxando-a para baixo, deixando-a na metade das pernas. Porra, uma visão perfeita. A foderia bem assim. Passei os dedos pelo fecho do sutiã, querendo arrancá-lo dali também.

— Sim, amor?

— Por favor… — Sua voz era falha e meu pau correspondia a cada tom desesperado e ansioso que proferia.

— Por favor, o quê, amor?

Augusta xingou algo inaudível, e virei seu rosto para trás, para que eu pudesse ver a verdade nele.

— Canalha.

— Essas não são as palavras *certas*.

Outro xingamento, e alcancei novamente suas nádegas, provocando-a sem provar *ainda* da sua boceta que eu *sabia* que estava molhada. Porra, estava testando minha sanidade. Abri o fecho do seu sutiã, liberando seus seios perfeitos. Minha boca salivou. Gostosa da porra.

Augusta estava nua e de costas para mim, e dedilhei as minhas mãos pelas suas costas, cóccix, na parte da frente das suas coxas, sua barriga, entre os seus seios, seu pescoço… Provocando arrepios por todo seu corpo. Meus movimentos eram lentos e suas pernas mexiam inquietas. Porra, estava quente, queria me libertar. Queria tirar tudo e me enfiar nela profundamente até que as malditas proteções do banco ruíssem com seus gritos de prazer.

Augusta aproveitava cada maldito segundo que minhas mãos a adoravam. Ela estava saboreando o misto de sensações que os meus dedos lhe davam sem ao menos estar dentro dela. Augusta devia estar tão molhada, porra, porra, porra. Se essa mulher não falasse as malditas palavras, eu iria enlouquecer.

— Eu odeio você — sussurrou quando abriu os olhos com um brilho decidido.

— Eu não me importo de ser odiado por você, desde que ao final do dia, esteja gozando lindamente no meu pau. — Quase podia sentir seu gosto na minha língua. — Está pronta para dizer?

— Vá para o inferno, merda — Augusta ralhou quando decidi ser mais ousado e dedilhar meus dedos entre suas dobras, próximo da sua boceta.

— A visão do inferno parece boa daqui. Deliciosa, na verdade.

Então um toque perverso saudou o mel e apertei sua bunda quando seus lábios repuxaram as malditas palavras que sempre me *destruíam*.

— *Me fode, Dominic.* Eu quero ser fodida por você, merda.

Engoli em seco, nunca era igual ouvir essa palavra da sua boca. Quase me tirava o ar. Porra. Apertei seu corpo contra o meu, querendo me fundir a ela de qualquer jeito.

— Vamos fazer um bom trabalho aqui, *amor*.

O coração palpitava e quase estava gozando nas calças, então fiz um ótimo serviço em tirar as minhas próprias roupas com a velocidade da luz. Eu queria muito me enfiar *logo* nela, mas a vontade de provar seu gosto gritou mais alto quando alcancei sua boceta por trás, inchada e faminta, tão escorregadia.

Meus dedos não tiveram empecilho algum para me afundar ali e provar o quão pronta ela já estava. Augusta estava pingando sem termos *realmente* começado.

— Porra! — Inclinei mais o corpo de Augusta, querendo uma visão completa da sua boceta. Apertei sua cintura, ajoelhando atrás dela. Um banquete. Augusta era meu banquete, que eu devoraria.

Mas uma lufada alta me fez olhar para cima, e Augusta tinha o semblante um pouco irritado, suas sardas mais evidentes.

— Eu não quero que me chupe, porra, quero que me foda. Quero ser fodida, Dominic. Forte. Eu preciso disso *agora*.

Passei meus dedos por dentro da sua bunda, recebendo um leve tremor. Augusta estava se contendo.

— Quando vai aprender que as coisas não são do seu jeito? — ri nasalado. — Amor, lá fora você pode se sentar na minha cadeira se quiser, mas aqui — uma risada rouca me tomou. — Aqui, são as minhas regras, e você goza quando eu quiser.

— Vá para o inferno! — Sua voz irritadiça me animou, fazendo-me ir com mais sede ao pote.

— A visão do inferno continua boa.

Acho que Augusta ia continuar reclamando e bufando alto, mas um grito agudo saiu por seus lábios quando alcancei seus lábios molhados com a minha boca. Caralho, porra, melhor, muito melhor que a maldita expectativa.

Afastei mais suas pernas quando ela inclinou mais o corpo, ficando totalmente aberta pra mim, seus seios provavelmente colados nos papéis bagunçados da minha mesa. Notas marcadas pelo calor do seu corpo.

Eu estava faminto. E devorava sua boceta molhada e quente, me lambuzando e sendo embriagado no seu líquido que parecia nunca me deixar satisfeito. Porque sempre queria mais e mais e mais e mais. Com uma mão livre, comecei a me masturbar, imaginando suas paredes quentes e apertadas cobrindo todo meu pau, molhando-o e o engolindo gostoso, roubando a porra do meu equilíbrio.

— Porra.

Augusta estava rebolando na minha língua, e podia ouvir seus xingamentos e gritos contidos ecoando pela sala. Eu queria que ela se libertasse e gritasse.

— Dominic…

— Sim, amor?

— *Mais.*

O pedido da *minha* mulher era uma ordem. Introduzi três dedos em Augusta, arrancando-lhe gritos mais altos. Música para os meus ouvidos. Augusta rebolou, rebolou e rebolou. Em movimentos desesperados, ela estava em busca do seu prazer quase transbordando. Perfeito.

Levantei do chão, ainda masturbando meu pau e com os dedos dentro dela. Mas diminuí a velocidade, sentindo que suas paredes internas apertavam cada vez mais.

Comi seu corpo com os olhos, suas costas salpicadas com sardas e perfeitamente sensuais me deixavam louco, amava vê-la assim, disposta e entregue a qualquer coisa que *eu* quisesse fazer.

Puxei a mão de dentro dela, saindo com eles completamente molhados.

— Você não fez isso! — gritou com raiva, me olhando com todo o ódio possível no rosto.

— Ainda não aprendeu?

— Dominic… — ameaçou, pronta para se virar e provavelmente me *agredir*.

Mas firmei seu corpo na minha frente, apertando sua cintura.

— Shii, fica quietinha, amor, não queremos interromper esse *momento* tão importante.

— Que porra de momento, Dominic? Seu…! Aahh!

Enfiei meu pau todo em sua boceta, fechando os olhos e apertando seu corpo contra o meu. Caralho, caralho, caralho. Seu canal vaginal apertando meu pau, me fazendo sentir as ondulações presentes. Porra, porra, porra. Meu pau estava sendo massacrado.

Eu estava no paraíso.

— Esse momento — sussurrei no seu ouvido, beijando sua nuca, ainda sem me mexer. Precisava de um momento. — Está sentindo, amor? Meu pau inteiro dentro de você? Consigo sentir suas paredes se alargando para recebê-lo.

Sua respiração irregular estava alta. Augusta estava de olhos fechados, e apalpei seus peitos com uma mão, cravando a outra na sua cintura. Queria ela assim, bem colada ao meu corpo. Não queria nenhum espaço entre nós.

— Porra! — Augusta me olhou e a luxúria e amor transbordaram. Porra, eu poderia chorar com essa visão.

— Está pronta? — Apertei o bico do seu peito, castigando-o, e tirando lentamente meu pau de dentro dela. Eram movimentos mínimos, estava matando as saudades de estar dentro dela.

— Se você não se mexer, vai me matar antes de me fazer gozar.

Linda e gostosa.

Mordi seu ombro, rodeando meu braço na sua cintura, e escorregando a mão na sua boceta, sentindo meu pau bem entalado ali. Perfeito.

— Sempre com pressa… Se segure, amor, eu não pretendo *parar* até que *verdades* saiam da sua linda boca.

Eu não esperei que Augusta falasse algo, ou ao menos reagisse. Naquele momento, eu só queria devorá-la.

Enganchei meus dedos em seus cabelos, abaixando seu tronco novamente, suas mãos ansiosas agarraram a borda da mesa. Sorri. Era bom mesmo ela se segurar, porque não tive dó quando comecei os movimentos fortes dentro dela.

Augusta conteve boa parte dos seus gemidos no começo, mordendo a mão, ou tapando a boca. Com os anos, percebi que não podia tirar isso dela, porque ela se soltava aos poucos. Seus gritos e gemidos vinham aos poucos, na mesma medida que seu controle ia para os ares. Sempre assim. E eu amava assistir. Amava vê-la lutar contra suas próprias reações. Contra seus próprios gritos de prazer.

Augusta me consumia, e eu me deixava ser consumido. Me deixava afogar em cada gota de prazer que ela me dava.

Meu pau ia fundo, conquistando e marcando todo lugar possível. Queria foder ela toda, todos os lugares possíveis. Passei os dedos na sua outra entrada, sentindo seu corpo responder a pequenos solavancos enquanto ia buscar sem dó o nosso prazer, ali era um bom lugar. Me enfiaria ali também.

Augusta não protestou quando introduzi um dedo no seu ânus, embora eu não tivesse dando-lhe tempo de respirar, com todo bom trabalho que estava fazendo ela gritar, agora sem nenhum pudor.

Augusta gemia e rebolava forte, arrebitando a bunda e nos levando a outra profundidade dentro dela. Deliciosa da porra. Ela estava toda aberta para mim. Essa mulher era minha, só minha. Eu a levaria para o altar nem que fosse a última coisa que fizesse nessa Terra. Colocaria uma coroa na cabeça dela e a foderia todos os dias da nossa vida.

— *DOMINIC!*

— Sim, amor?

Eu estava suado para caralho, minha bolas estavam pesadas e eu sentia que ia explodir a qualquer momento. Eu queria explodir dentro dela. Queria que Augusta e eu explodíssemos juntos. Porra. Mas ainda queria sua *outra* entrada.

Augusta soluçava e eu me alimentava do seu prazer. Meus gemidos se misturando com os dela.

— Merda, eu vou gozar. Porra, Nic.

Augusta me empurrava querendo libertação. E fiz o meu melhor, levantando mais sua bunda, acelerando mais os movimentos e vendo meu pau entrando e saindo de sua boceta pingando. Visão do paraíso.

— Eu posso te dar *isso*, amor.

Levei a mão para sua barriga, sentindo-a contraída, igual à minha, e desci, apertando seu clitóris, arrancando *mais* gritos de Augusta. Foder

dentro de um banco tinha suas vantagens, o lugar mais seguro, o lugar que *ninguém* ouvia você falar. O lugar perfeito para fazer sua mulher gritar.

— Ai, meu Deus.

O corpo de Augusta tremia, e a segurei quando seu corpo ameaçou ir de encontro com a mesa. Seus espasmos a fazendo fechar as pernas e encolher o corpo, com seu gozo sendo derramado no meu pau.

Aproveitei o momento para beijar suas costas e tirei lentamente meu pau ainda duro pra caralho de dentro dela. Augusta recobrava os sentidos aos poucos, gemendo e miando meu nome e dizendo que eu era seu inferno.

Ri pelo nariz, pincelando a ponta do meu pau na sua bunda. A entrada totalmente receptiva por sua posição, me convidando a provar um pedaço do paraíso poucas vezes visitado.

— Dominic. — Sua voz tinha um toque de pergunta, como se soubesse a resposta, mas tinha receio de perguntar.

— Sim?

— Você não gozou.

— Não.

Uma pausa.

Um gemido.

— Inferno, homem. Eu odeio você.

Ri nasalado, massageando suas nádegas, seu corpo completamente ativo, respondendo a cada *mínimo* toque.

— Você perdeu a nossa aposta, esqueceu?

— Como poderia? — Seus olhos fatais pós-orgasmo me encontraram. Suas sardas vermelhas, como me lembrava.

— E você ainda não disse a *nossa* verdade

— Verdade?

— Sim — desafiei, me posicionando na sua bunda, louco para meter fundo.

— Você tá brincando comigo? — Um vislumbre de raiva passou por seus olhos, ameaçando transformar seu rosto, e sorri quando vi seus punhos cerrados.

— Sim.

Seus olhos pegaram fogo.

Perfeito.

Prendi a respiração ao sentir tudo em mim ser apertado quando me enfiei sem dó dentro de Augusta. Porra, era demais. Eu com certeza ia gozar com qualquer movimento.

Seus olhos destilaram ódio em resposta.

— Pegar você com raiva sempre vai ser a minha melhor arma.

— Idiota do caralho! — Fiquei alguns segundos parados, até que sua raiva passasse e eu pudesse fazer os movimentos necessários. Puta merda, provavelmente eu morreria se ficasse quieto sentindo meu pau ser *tão* apertado assim.

Mas ainda assim, era sobre ela, não podia ultrapassar limites. Se Augusta me recusasse, não poderia fazer nada a não ser recolher meu pau e gozar na minha própria mão.

Engoli em seco.

— Amor?

— Você é um idiota! — Eu quis rir, mas fiquei com medo de gozar se relaxasse qualquer milímetro.

— Posso ser um idiota me mexendo?

Augusta me presenteou com um olhar mortal e, puta que pariu, eu iria gozar com esse olhar. Ia mesmo.

Respirei fundo e enrosquei meu braço em sua cintura, deixando-a parada, e fui ao encontro do seu clitóris, rodando meu polegar lentamente.

Uma jogada arriscada, mas que valia a pena. Meu pau estava pedindo arrego, coitado.

Augusta tentou balançar o quadril e firmei mais o meu braço, então ela arfou e mordeu os lábios, gemendo baixinho. Sua resposta, mas eu ainda gostava de vê-la falar.

— Fica quietinha assim, amor, não queremos incidentes desnecessários.

— Qual o maior incidente do que me abrir por inteira? — Eu quis rir, mas novamente o movimento era arriscado demais para o meu pau.

— Você se sente assim? — Soprei sua pele. — Você me sente te rasgar por inteira?

Meus movimentos em seu clitóris aumentaram, a deixando sem ar.

— Porra, sim, sim, sim. Eu sinto você em *todo* lugar. Porra, sim… — arquejou manhosa.

— Amor? — provoquei.

— Amor é o ca-caralho, Dominic! Mexa-aa-se merda, eu vou morrer.

Isso era bom, saber que ela morreria de prazer com o meu pau enterrado nela.

— Vamos morrer juntos, linda.

Comecei novamente com movimentos de vai e vem, mas dessa vez, mais lento e com cuidado. Augusta estava chamando pelo meu nome novamente, e parecia mais desesperada. Eu ficava feliz em saber que não era só eu que estava ficando louco com o nosso sexo.

Dei-lhe tapas que ficariam marcados, e ver sua bunda vermelha com os meus dedos gravados, fez algo dentro de mim rugir.

Que se foda.

— Se for demais pra você, *grite*, amor.

Meti forte e firme na sua bunda, arrancando gritos dela e gemidos meus. Isso era insano. Porra. Eu estava pegando fogo de prazer, sentia o clima nos envolver a níveis máximos, queimando e nos deixando à flor da pele.

Porra, porra, porra.

Augusta estava gozando novamente, e dessa vez, ela não impediu nenhum grito ou gemido dentro de si. Puta que pariu, eu amava ouvi-la. Augusta rebolava no meu pau, como se tivesse uma missão a cumprir, e não consegui resistir nem mais um minuto quando sua boca começou *a falar.*

— Porra, Dominic, isso é muito gostoso, porra, porra, porra. Eu amo você, eu amo…

Eu estava gozando, forte e quente.

Bombiei até que meu pau ficasse mole, até que tudo em mim desmoronasse. Até que não restasse nada, somente ela. Augusta terminou de deitar sobre a mesa e tirei meu pau dela, vendo minha porra derramar pela sua bunda.

Exausto.

Estava exausto, mas faria exatamente tudo de novo. Eu faria. A foderia de novo. Só precisava de alguns segundos.

Segundos preciosos.

Segundos que poderiam mudar *tudo.*

Que tinha mudado. Eu a observei, seu corpo lindo, brilhando, me convidando a beijá-lo até que nossos problemas tivessem sido resolvidos.

Mas não seria o suficiente. Não hoje.

No primeiro minuto, eu ouvi sua respiração falhar. No segundo, seu arrastar de pés procurando suas roupas.

Me sentia vazio. Oco.

Augusta estava na minha frente, seus olhos procurando os meus. Sua mão indo ao encontro do meu rosto.

— Nic. — Esse tom era horrível em sua boca. Quase azedo.

— Não fala.

— Eu não mudei de opinião.

Eu sabia que não, ela *nunca* havia mudado em todos esses meses que ficamos separados, e não era agora que mudaria. Não agora que ela tinha tudo.

Eu não queria deixar a raiva me invadir, mas ainda estava inflamado pelo nosso sexo. Ainda estava embriagado pelo seu cheiro, e receber sua recusa *novamente* me fez partir.

Eu estava *partindo* no meio. De novo. A ferida estava infeccionada.

— Saia! — Minha voz foi dura e fatal, queria machucá-la como estava sendo machucado. Augusta estava partindo mais uma vez. Quantas vezes ela iria embora antes de verdadeiramente ficar?

— Nic. — Seus olhos esperaram por mais e travei o maxilar.

— Você tem *até* a coroação para resolver as suas merdas.

— Nic.

— E reze para eu não te achar antes, bruxa, porque da próxima vez, você não vai embora.

Não consegui encarar seus olhos e virei o rosto. Não querendo esconder o quão *magoado* eu estava. E foi o suficiente para sua covardia.

Porque antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, a mulher que mais uma vez tinha quebrado o meu coração, foi embora, deixando a nossa aliança em cima da mesa. Deixando novamente o anel que tinha dado para ela, uma semana antes do incêndio.

O ar denso me embalou, tirando minha racionalidade e deixando o mais puro instinto primitivo de sobrevivência.

A porta se fechou com um baque.

Augusta tinha ido embora mais uma vez, tinha me colocado para fora da sua vida mais uma vez. Respirei fundo, estava farto disso. Dessa camada densa e misteriosa que assombrava minha cabeça sempre que tentava esclarecer.

Uma raiva genuína envenenou meu sangue, tirando meu ar, deixando-me respirar somente pela sobrevivência. Augusta tinha levado meu ar novamente. Porra.

Eu precisava pensar. O ar tinha ido embora.

Fechei os olhos, buscando uma solução. Revisando todas as armas que ainda tinha. O ar sensual transformando-se em guerra, o cheiro de sexo se misturando ao perfume da dor.

Soquei a mesa, estremecendo os objetos *ainda* restantes, objetos que sobreviveram à loucura de Augusta.

Merda.

Alguém bateu na porta

Ainda pelado, andei atrás de uma calça e blusa, e fui até a porta, recebendo uma carta amarela sem remetente.

Encarei o envelope sem saber muito o que pensar, curiosidade e apreensão me tomando ao mesmo tempo.

Rasguei a ponta do papel grosso e tirei um branco todo escrito à mão com letras bagunçadas. Franzi o cenho, lendo o primeiro parágrafo.

Se você recebeu isso, algo aconteceu comigo e fui descoberta.

Você me avisou que eu estaria em perigo e sendo observada, pois bem, acho que entrei sem querer na cova dos lobos.

Primeiro, quero que saiba que são três cartas, dividi as informações.

Segundo, os registros de entrada e saída do seu condomínio foram trocados naquele dia, então, sim, isso quer dizer que alguém esteve em sua casa antes do incêndio.

Terceiro, consegui o resultado dos exames deletados, o incêndio não foi causador do aborto, o bebê morreu antes da casa entrar em combustão.

E quarto, esqueça Gonzales, Martinez troca mensagens com Augusta há quase um ano.

E, tarde demais, eu percebi algo, Augusta não tinha perguntado de ninguém mais sobre o contrato. Somente sobre Martinez. Porra, eu não poderia acreditar nessa merda.

De fato, Augusta tinha dito alguma verdade. Ela tinha entregado nossos corações para o inimigo e não se arrependia disso.



LINGUAGEM CORPORAL

AUGUSTA VENDETTA

PASSADO

— Sabe uma coisa sobre o tango? — Dominic chamou minha atenção, me tirando dos meus pensamentos.

Estávamos muito perto, sua mão na minha lombar e minha mão direita com a sua esquerda, esticadas em um passo tradicional da dança. Estávamos ensaiando para o baile final do aniversário da cidade, onde uma debutante seria coroada a QueenKey do ano.

Eu tinha ganhado o último ano com Dominic, então esse ano seríamos nós a abrir a pista para as debutantes. Estava animada, amava dançar com ele.

— Hum? — Encarei seus olhos atentos, que sugavam cada pedacinho de mim.

— Você tem que confiar completamente no seu parceiro — o sorriso de Dominic era provocante, como um galanteador querendo levar sua dama para cama.

Arqueei as sobrancelhas, aceitando o desafio.

— Ah, é? E quem te disse isso?

— Bom. — Sua mão, que estava na minha lombar, desceu, apalpando a minha bunda e fazendo nossos corpos grudarem mais. Seu sorriso aumentou e fiquei deslumbrada com a visão. — Eu andei lendo algumas coisas sobre linguagem corporal.

— Você anda lendo bastante nos últimos dias — soprei, quase em um sussurro, sentindo o clima gostoso que Dominic trazia.

— Eu preciso estar por dentro de tudo. — Piscou e beijou minha bochecha, sem perder o ritmo dos nossos pés.

— Ah, eu sei — brinquei. — Você quer estar por dentro de tudo, não é?

Dominic gargalhou, me fazendo rir também.

— O que posso fazer se eu tenho a namorada mais gostosa e linda do mundo?

Arqueei as sobrancelhas.

— Você não tem medo da morte, né?

— Se eu preciso morrer para estar dentro de-

— Dominic — reclamei, calando sua boca com a minha.

Ele riu e mordeu meus lábios, acariciando meu cabelo.

— Vai se arrepender de não ter perdido para mim antes, quando eu ganhar a aposta.

Dominic provocou meus lábios, passando a língua por eles e os chupando. Arfei, querendo mais.

— Você não vai ganhar — disse firme. Nem a pau ia ceder.

— Uma hora você vai ceder — riu, como se lesse meus pensamentos e passou a mão pelo meu pescoço, inclinando minha cabeça para cima. — E eu já disse que sou paciente.

Meu ventre se contraiu, meus dedinhos ciscando dentro do sapato. Amava como Dominic mexia comigo e desfazia meu corpo somente com algumas palavras e toques.

— Um safado incurável — sussurrei nos seus lábios e Dominic me beijou, sugando todo meu ar. — Mas agora fiquei curiosa, sobre o que o meu corpo diz.

— Está curiosa?

Um sorriso travesso brotou nos seus lábios, e dobrei o pescoço, querendo saber. Ele estava muito engraçadinho nos últimos dias, cheio de sorrisos e abraços. Não reclamava nunca.

— Claro — e estava mesmo. Queria lhe contar algumas coisas sobre o meu corpo, mas não sabia como dizer.

— Fala.

— Precisa me prometer que não vai sair correndo

— Para onde eu iria se o único lugar que quero estar é aqui?

Seu semblante era doce, e quis beijar cada expressão do seu rosto, cada pedacinho. Dominic era lindo, e me apaixonava por ele a cada vez que o olhava.

— Dominic?

— Tão apressada.

Ele sorriu e olhou seriamente nos meus olhos, como se segurasse o mundo nas mãos e quisesse me dar.

— Pronta?

Balancei a cabeça, nada preparada para suas próximas palavras.

— Eu amo você, Augusta, amo como seu corpo responde a cada singelo toque dos meus dedos, amo que suas palavras de amor possam curar todas as minhas feridas, amo que o seu olhar preenche cada vazio que a minha alma grita, amo que você não tem medo de defender o nosso amor, e amo principalmente que o *seu* corpo agora está transbordando o nosso amor.

Lágrimas salpicaram meus olhos e mal pude respirar com todas as emoções explodindo de uma só vez. Algo quente se espalhava pelo meu peito, me acalmando e, ao mesmo tempo, me agitando. Como ele…?

— Não vai falar nada?

— O que você quer que eu diga? — Arregalei os olhos, um pouco desesperada.

— Que me ama também?

— Você quer que eu fale que te amo?

Meus olhos corriam desesperadamente pelas suas feições, em busca de uma simples rejeição e falhando em todas as vezes, pois Dominic parecia ainda mais doce com seu sorriso largo e olhos brilhando. Que merda ele estava pensando? Por que estava tão feliz?

— Bem, essa não é a palavra que desejava ouvir hoje, mas se ainda não estiver pronta para admitir para nós, está tudo bem pra mim.

— Por que sinto que está radiante?

— Porque estou.

— Não está assustado?

— Não.

Dominic ainda mantinha nossos corpos juntos e seus braços agora me rodeavam em um casulo.

— Estamos falando sobre a mesma coisa?

Meu coração tinha disparado. Fazia duas semanas que estava tentando digerir essa notícia, e em nenhum momento tinha me sentindo feliz por mim, mas, incrivelmente patética, estava começando a ficar feliz por Dominic.

Dominic arqueou as sobrancelhas e me abraçou, deixando que meus ouvidos escutassem seu coração, enquanto suas mãos vagavam livres pelo meu corpo, até pararem sobre minha barriga. Meu coração acelerado dava cambalhotas… ok, ok, estávamos falando sobre o mesmo assunto.

— Escute nossos corações — sussurrou e as lágrimas, que só ameaçavam, caíram uma a uma, borrando minhas inseguranças. — Agora eles batem como um só. Não há nada nesse mundo que me faça ficar longe de vocês, amor. Estamos nessa juntos. Pra sempre.

As comportas se abriram e me senti fraca, estava chorando pelas duas semanas que passei me repreendendo e dizendo para mim mesma que tinha falhado comigo mesma, e quando pensei que ia cair, Dominic estava lá, me abraçando e sendo meu mundo.

Me esperando dizer as duas palavras que mudariam nossas vidas por completo.



Dominic tinha ido ao seu quarto buscar uma *surpresa*, eu arriscava a dizer que ele queria me dar um tempo. Estava um poço de sensibilidade.

Então, aguardei-o voltar e quando pensei em me levantar para *bisbilhotar*, ele voltou.

— Ok, você foi muito rápido, duvido que foi pelas escadas — zombei quando escutei a porta sendo fechada novamente. Virei-me da poltrona, querendo vê-lo. Duvidava mesmo que em tão pouco tempo ele tivesse ido ao seu quarto e voltado. — Ou você realmente está empenhado em-

Calei a minha boca, não era Dominic ali.

— Martinez? Achei que também estava viajando.

O homem caminhou pelo escritório e permaneci sentada, curiosa para saber qual a próxima merda que iria ditar. Ultimamente nossa comunicação era a base de ordens e revirar de olhos. Ele claramente tentando me intimidar e eu claramente revirando os olhos e fazendo *tudo* ao contrário. Às vezes, o via rindo de algo que falei, outras só balançando a cabeça como se eu fosse uma criança cansativa, mas nenhuma das vezes achava que suas reações eram por gostar de mim. E estava tudo bem, eu aqui e ele o mais longe possível.

— Estava.

— E o que o fez voltar? Espera, tenho que te falar que todos nós gostaríamos que sua viagem durasse *mais*.

— Dois pirralhos loucos por um momento sozinhos, achei que usasse seu tempo melhor, você parecia mais esperta.

— Não me chame de burra por querer passar o tempo com o meu namorado.

— Você não é burra por isso.

Abri a boca indignada.

— Está mesmo me chamando de burra?

— Bem, aparentemente não, já que se observarmos a posição que seu pai está te colocando na Stilk não diria isso, porque uma coisa na vida que sei é que Marllon não é burro. Então, algo em você ele viu, agora a pergunta é, você vê algo em você? Ou é burra o suficiente para não enxergar o óbvio?

Eu não queria cair em mais das suas conversas chatas cheias de terceiras intenções que não me levariam a nada, mas me convenci que Dominic iria entrar por aquela porta a qualquer momento e me tiraria desse pesadelo.

— Martinez, não enrola, não tenho paciência para falas de duplo sentido. E não estou a fim de decifrar suas palavras.

— Uma mente preguiçosa também?

— Eu não me importo — estava ficando chato isso. — Fale o que tem para falar e siga seu caminho, tenho mais o que fazer.

Martinez riu e peguei na minha barriga por instinto.

— Tenho uma proposta para você.

— Tem? Sou todo ouvidos — debochei. — Mas você sabe ouvir *não*, certo?

Martinez coçou a barba.

— Bem, eu não costumo receber *nãos*, mas seria uma experiência interessante de ouvir.

— Pois bem, então prepare-se para o seu primeiro. — Relaxei no banco, contando os minutos para Dominic entrar por aquela porta. Eu iria procurá-lo se nos próximos minutos Martinez continuasse enchendo meu saco.

— Eu andei te observando, garota, e observando com quem falava nos últimos meses. Você vacilou.

— Sobre o que está falando?

— Você fez muitas perguntas sobre os pais da sua amiga.

Franzi o cenho.

— Como assim?

— Sei que era você que estava na escada naquele dia, e bem, fiquei um pouco surpreso por não abrir a boca para a primeira pessoa que encontrou.

Meu Deus, a lembrança me cortou como uma faca. Eu tinha desistido do que eu tinha imaginado ouvir. Nunca mais ouvi nada sobre, e olha que tinha me atentado bastante para ouvir conversas de duplo sentido.

Um sorriso nojento se abriu, fazendo meu estômago se revirar.

A voz familiar, como não pensei nisso antes?

Algo metálico inundou minha língua. Era ele na escada.

— O que você fez com o pai de Francesca?

— Acreditaria em mim se eu dissesse que estou surpreso por não negar que estava ouvindo conversas que não devia?

— Não sou do tipo que esconde as coisas.

— Espero que não fique decepcionado consigo mesma quando perceber que esconder coisas poderá salvar sua vida.

Arqueei as sobrancelhas.

— Está me ameaçando?

— De forma alguma ameaçaria a herdeira mais cobiçada de Bash.

— Então que merda está falando? Se queria que eu soubesse que sabe que ouvi sua conversa, por que demorou tanto tempo para me procurar?

— Uma coisa que tenho de sobra é paciência, e não estava no momento certo.

— Momento certo? Esperou o momento certo para vir me confirmar que tinha matado o pai de Francesca?

— Eu não matei, David.

— Então dizer que o viu engolir o próprio sangue e não ter feito nada não é matá-lo?

— Você tem um ponto.

— Eu tenho vários pontos — desafiei. — E acredito que esteja aqui para me oferecer algo em troca do sigilo da informação, hum?

— Tem algo que eu possa te oferecer em troca do seu sigilo? — perguntou cuidadoso.

Pensei querendo fazer suspense, mas, no fundo, ele e eu sabíamos que nada me compraria, eu já tinha tudo que precisava.

— Foi o que pensei — concluiu.

— Então o que vai fazer? Me matar também?

— Tenho algo melhor em mente.

Martinez titubeou, me oferecendo silêncios e dúvidas.

— Fale logo o que quer, Martinez.

— Case-se comigo.

— O quê?

Acho que ia vomitar, e nem era pela gravidez.

— Devemos discutir sobre sua surdez?

Pisquei repetidas vezes, querendo enxergar as palavras despejadas.

— Acho que acabei de ouvir o maior absurdo da minha vida. — Eu iria vomitar na sua cara. Ri de nervoso.

— Normal entrar em choque quando uma proposta dessa aparece, não se sinta envergonhada pela notícia.

A última coisa que estava era com vergonha, porra, queria despejar meu almoço todo ali. Precisava sair dali, estava ficando louca. Eu não era burra, era louca. Isso fazia muito mais sentido.

— O meu sigilo não devia me beneficiar? Por que iria me casar se a única com vantagem aqui sou eu?

— Acho que irá repensar quando perceber que o seu sigilo não significa nada para mim, mas seu nome…

Eu estava ficando tonta, precisava sair daqui.

— Você não tem uma *esposa*? — Ameacei levantar, mas senti minhas pernas fracas. A ameaça de cair e Martinez ter que me pegar me assombrou. O cenário pareceu mudar drasticamente.

— Pessoas são descartáveis.

— Trocaria sua esposa por mim?

— Não trocaria por você, mas, sim, por qualquer uma que encurtasse o meu caminho.

Algo martelou no fundo da minha mente e não soube identificar o quê.

— Nada do que você falou faz sentido, vou fingir que isso nunca aconteceu e você pode ir embora agora mesmo.

Martinez riu novamente, agora mudando de posição e sentando na mesa que há pouco tempo Dominic ocupava.

— Achar suas ações burras não significa que não consegue identificar uma boa oportunidade.

— Você se casaria com uma mulher burra, então? — Decidi que só precisava de tempo para que ele acabasse com sua ladainha e fosse embora.

— Eu me casaria com qualquer pessoa se ela me desse acesso ao poder. Mas você poderia se casar com o meu filho, se te fizesse feliz.

Eu ainda estava no escuro, Martinez despejava informações enquanto eu apenas tentava escapar. Perguntar e saber mais, não era a melhor escolha, mas eu precisava saber o porquê dessa loucura toda. Ele não me odiava? Porra.

— Acho que vai ter que ser mais claro, a minha linha de sucessão não substitui a primeira família, eu não sou uma família fundadora. E até onde entendi, você quer poder, e eu não posso te dar isso.

Seu querer por controle total em Dominic começava a fazer sentido. A vida toda esteve tentando controlar a vida dos Clifford, sempre perto demais.

— E como disse, eu não sou importante. Meu sangue é tão impuro quanto o seu.

— Bem, não se você estiver carregando um sangue Clifford na barriga.

Porra…?

Eu senti cada fibra se partir em mim, meu corpo gelando e a visão deturpando aos poucos. Não, ele não poderia saber. Ninguém sabia.

Dominic desconfiava e confirmou isso agora há pouco, mas ele não iria contar para qualquer pessoa, somente suposições… Mas Martinez não era qualquer pessoa para ele.

— Engraçado como as coisas mudam em segundos, e como estamos finalmente falando a mesma língua, tenho que te alertar de algo, um Clifford só vive o suficiente para *me* manter entretido, e creio que não

vá querer que esse bebê na sua barriga morra antes mesmo de ver a luz do dia.

Dor, eu estava sentindo dor. Mal podia respirar. Martinez não estava me ameaçando, estava ameaçando o meu… filho.

Eu mal tinha parado para aceitar a notícia da gravidez quando Martinez ameaçava tirá-lo de mim.

Loucura é muito pouco para o meu estado mental colapsar. Nunca quis tanto chorar na minha vida.

— Não tem mais respostas afiadas? — riu, uma risada seca e maldosa. — Imaginei.

— Acha que se casando comigo e sendo *pai* de um Clifford, terá direito à linha direta de Bash? Você nunca será rei.

Isso não o abalou, pois algo maldoso nublou suas palavras seguintes:

— Eu só quero o que é meu por direito. O que há muito tempo os Clifford tiraram de mim.

Minha respiração estava engasgada e silêncio foi tudo que consegui emitir.

— Pense, criança, porque logo o ceifador virá cobrar a dívida que as suas palavras desesperadas irão sussurrar.

Então, Martinez saiu pela porta, me deixando totalmente sem chão. Que porra tinha acontecido? Porra, porra, porra.

Quase gritei quando a porta se abriu de novo, achando que era Martinez. Mas era somente Dominic, com um sorriso sereno e cheio de desculpas.

— Amor? Está tudo bem? Está pálida. Precisa de algo? Desculpa a demora, Martinez chegou e me pediu para levar algumas pastas suas ao seu quarto.

Sua voz soou preocupada demais, e meu estômago embrulhou por todos os motivos possíveis, menos pelas palavras que proferi no segundo seguinte.

— Amor?

— Estou grávida.



ENCRUZILHADA

DOMINIC CLIFFORD

Raiva. Eu a sentia penetrar em cada poro do meu corpo, nublando a minha visão e fazendo a minha racionalidade ir para o lixo. Tudo parecia ter ido para os ares, como uma grande explosão, espalhando cacos fatais onde você tentava correr para não ser acertado e falhava em todas as vezes.

Meu avô me avisou que não seria bonito, ele me falou que poderia ser um jogo perigoso. Porra. Mas nunca deixava de doer.

Alguém tinha estado na nossa casa no dia do incêndio. Tinha outra pessoa na nossa casa além de Augusta. Augusta tinha omitido informações da noite do incêndio. Alguém esteve com Augusta antes do incêndio. Martinez.

Porra.

Martinez.

A lembrança do fogo castigou minha pele, me fazendo lembrar que tudo era real, e que a perda ainda me comia vivo todos os dias.

Porra, as palavras escritas não saíam da minha cabeça. Martinez? Ele estava ameaçando Augusta? Martinez era o ceifador? Eu não conseguia respirar.

As informações se embaralhavam perdidas em minha mente, tentando encaixar peças de um quebra-cabeça incompleto, um quebra-cabeça que parecia mais extenso a cada merda de dia.

As informações de Karen eram vagas demais, isso com certeza era um teste de paciência. Um teste que havia se prolongado por quase um ano.

Se Augusta não perdeu o bebê no incêndio, o que porra tinha acontecido? Eu sabia que as palavras de que *ela* tinha causado o incêndio e matado *o nosso bebê, eram* de *culpa*. Uma culpa que era alimentada somente por ela no meio das mentiras que me contava, porque eu nunca a culpei por nada, Augusta nunca teve culpa de nada.

Mesmo que ela tivesse me dito que eu nunca a perdoaria pelo que fez.

Mas ela também nunca me disse o que fez.

Ela nunca me disse o que verdadeiramente aconteceu.

— Acha que vai conseguir resolver tudo com as próprias mãos? — Fabian apontou amargurado, lendo a carta que eu tinha recebido há três noites.

Três fodidas noites.

Eu desconfiava que alguém a estava pressionando, ainda mais que tinha plena ciência que tudo isso tinha acontecido por causa do meu sobrenome.

As palavras do meu avô soavam cada vez mais fortes, e o nome de Martinez passava como lâmina. Martinez seria o culpado por tudo que tinha nos acontecido?

Porra. Eu sabia que Gonzales estava com planos fora da AAB, e um dos nossos planos era derrubá-lo, e possivelmente achar nosso traidor. O que tinha parecido dar certo quando Karen trouxe informações sobre ele e de que ele estava jogando em dois tabuleiros.

Mas ver o nome de Martinez? Algo ruía dentro de mim em descrença. Meu avô assim que viu seu nome na carta se retirou, disse que precisava pensar. Eu gostaria de saber no que ele estava *pensando*, nessas horas sua cabeça funcionava melhor do que a minha.

Então, a única coisa que sabia fazer era olhar fixamente para as letras miúdas no papel já amassado. Porra, eu ia ficar louco. Se já não estava.

— As minhas mãos parecem ótimas e prontas para fazerem o que eu quiser.

Fabian revirou os olhos, desfazendo do meu nervosismo, e a raiva borbulhou mais ainda no meu sangue.

— Você não vai matar ninguém hoje, Dominic. Na verdade, nem hoje, nem amanhã.

A sua frieza me fez querer estourar e jogar todas as merdas possíveis em cima dele. Porra, Fabian estava testando minha paciência?

— Como você quer que eu fique, porra? Eu te falei a merda que poderia ser! Eu te contei sobre a minha mãe e a maldição de sempre estar na mira fatal do poder! Porra, por que você está tão calmo?

Apertei as duas mãos na nuca, tentando passar um ar calmo para meus pulmões. Caralho. Eu sempre fui bom em controlar meus impulsos, mas quando se tratava de Augusta… Porra. O que tinha acontecido naquela noite que a assustou tanto? Eu queria falar com ela e obrigá-la a responder a todas as minhas perguntas de vez, sem mais tempo para jogos.

Eu fui paciente, esperei, aguardei enquanto ela pintava e bordava em cima dos nossos corações. Porque queria que ela me dissesse o que estava planejando todo esse tempo, queria que ela tivesse confiança o suficiente para contar comigo. Mas porra, seu medo assombrava seus olhos mais vezes do que poderia contar. E nenhuma das vezes tive coragem de forçá-la a me dizer mais do que estava pronta. Mas porra, doía saber que ela parecia nunca estar pronta. Ela tinha desistido de vez de nós?

Porra, Martinez? Tinha crescido e aprendido a ter ele no meu círculo íntimo. Meu avô confiava nele. Eu confiava nele.

Estávamos em um fodida encruzilhada. Quando comecei com as investigações, tive que explicar sempre em que *pé* estávamos, que investigar o acidente de Augusta era também investigar *nosso* inimigo. Porque ao mesmo tempo que o incidente com Augusta poderia cruzar com o do meu pai, ainda estávamos falando sobre uma ameaça que percorria a família há anos, e que de alguma forma foi despertada quando Augusta entrou em nossas vidas.

Porra, meu coração sangrava. Precisava vê-la. Precisava saber onde ela estava. Porque mesmo distantes, nunca deixei de vê-la, nunca deixei meus olhos irem para longe demais dela.

— Porra, não acredito que Karen está morta.

Pensei alto, chamando atenção de Fabian, que agora parecia muito interessado na pasta amarela que estava na mesa.

— Como sabe que ela está morta?

— Acho que as cartas não teriam chegado até mim se ela ainda estivesse viva. E Karen também não responde minhas mensagens nem ligações.

— Ela pode estar ocupada em alguma missão, se ela tivesse morta, seu corpo teria aparecido.

— E por que as cartas chegaram até mim assim? Por que bem no dia que ela me entregaria as provas de quem estava por trás das ameaças, ela some?

— Cara, ela é uma profissional que sabe o que faz.

Balancei a cabeça negativamente. Por que Fabian estava tão calmo?

— A polícia me disse que como ela faz parte da equipe, isso segue sendo um procedimento interno e não pode me dar mais detalhes sobre sua busca. Mas, pelo menos, me disseram que estão cientes do seu desaparecimento.

— E isso fez você pensar que ela está morta?

— Foi a primeira resposta que tive ao saber que tinha desaparecido. Para mim, é o que mais faz sentido — bufei fadigado. — Ou eu devo estar ficando louco.

— Hum — Fabian voltou a ler mais e mais o documento em sua mão. Estava ficando irritado com a sua calma. — Isso porque todos os investigadores que você contratou sumiram misteriosamente. E essa não seria surpresa também, certo?

Balancei a cabeça, concordando, lendo por cima do seu ombro o que tanto lhe interessava. Era a pasta amarela onde regia a linhagem das famílias fundadoras. Todos os contratos eram baseados nesse documento.

— Você disse antes que Augusta que estava fazendo isso?

Meu peito doeu com a menção de seu nome e a lembrança do nosso último encontro. Estava doido para ir atrás dela para acabarmos de vez com esse mistério, tinha lhe dado tempo para que arrumasse sua própria bagunça, e agora iria puxá-la completamente do embaralhado de mentiras que ela mesma tinha criado.

Porque eu faria isso, logo desmancharia cada *nó* que Augusta tinha criado entre a gente e confirmaria o que nós dois sempre soubemos.

— Sim.

— E por que não seria ela novamente? Augusta poderia muito bem tê-la subornado novamente para esconder o culpado — Fabian disse indiferente, como se Augusta fosse realmente a vilã.

Fiquei calado, todas as vezes que eu chegava perto demais da verdade algo acontecia, e por muito tempo achei que poderia ser coisa da minha cabeça em achar que poderia ter um possível vilão quando era somente Augusta querendo distância. Que ela tinha sido machucada demais com a perda do nosso bebê e que não conseguia continuar com *nós*.

E eu até entenderia por outra visão, talvez, a sua rejeição. Se o histórico de tragédia não rondasse os Cliffords. Mas acontece que todas as vezes que estávamos juntos ela me dizia tudo, menos que queria distância de mim. E isso me machucava para um caralho.

— Karen não parecia uma mulher que poderia ser subornada — pensei alto.

— Todo mundo pode ser subornado, basta ter um preço.

Ri nasalado, sem nenhum pingo de graça.

— Acho que já não sei mais o que pensar. Eu só preciso de respostas, e sempre que estou muito perto, ela é tirada de mim — passei a mão no cabelo, bagunçando-o, e tentando misturar meus pensamentos para ver se algum poderia fazer sentido.

— Por que Augusta insiste tanto em não deixar que desmascaremos o seu ameaçador? Ou melhor, ela sabe quem é Martinez? — alfinetou, trazendo a informação que estava me corroendo desde que recebi a carta de Karen.

— Porque se Martinez realmente tiver algo a ver com tudo isso, como ela suportaria estar sempre no mesmo ambiente que ele e não *surtar*? — continuou, trazendo outra pergunta que martelava em minha cabeça.

— Sinceramente? Nada mais faz sentido nessa merda. A noite do incêndio ainda é um mistério, pois não sabemos o que aconteceu de fato. E a única pessoa que pode nos falar luta amargamente para esconder.

— Acha que Martinez pode ter ameaçado sua vida?

Esse pensamento era uma completa loucura, mas o ponto de Fabian, por mais que fosse doloroso, era algo a se pensar. Mesmo que eu não conseguisse assemelhar seu nome a toda essa merda. Eu não duvidava, mas uma parte de mim ainda lutava em negação por achar que ele seria capaz de algo contra mim.

— A única coisa que tenho certeza é que preciso saber o quanto Martinez está envolvido, e quem está envolvido com ele. Preciso saber se todos do G5 são seus cúmplices. Porque as coisas estão prestes a ficar muito feias.

A raiva pintou e bordou antes que eu soltasse uma longa respiração. Parecia que eu tinha andado para trás e não para frente com as minhas dúvidas.

— O que você disse mesmo sobre as famílias fundadoras? Sobre as uniões de poder e o pacto? — Fabian perguntou, fechando a pasta com um W na capa. Ali também estavam as primeiras cláusulas regidas por nossos familiares, como as regras nupciais que seguíamos.

— Você fala o poder de peso? — Fabian acenou com a cabeça e franzi o cenho. — Para haver mudança nupcial do contrato original é preciso dois sangues reais. Mas o que isso tem a ver com o incêndio?

— Só estou tentando entender alguma merda de motivação que não estamos vendo.

— Desista, já pensei em todas as possibilidades, nunca consegui achar o motivo real por trás das ameaças.

Ele bufou.

— Então voltamos para o início, o que fez Augusta ficar com tanto medo que a fez esconder quem esteve com ela na noite do incêndio?

O gosto amargo de fúria inundou minha boca

— Eu ainda não sei, mas irei descobrir. E quando descobrir, ninguém irá me parar. Nem mesmo a porra do Martinez.

A minha pele fervia por me sentir cego.

Fabian se calou, mas depois de alguns segundos em silêncio, seu semblante relaxou, me fazendo cerrar os olhos.

— E achou que trazer um caipira que nem eu ia te ajudar em algo? — ele não zombava, mas a voz provocativa era nítida. Eu sabia que ele queria aliviar o clima.

— Eu precisava de alguém que me fosse familiar, e que não *mentisse* para mim.

Fabian arqueou as sobrancelhas, nada crente.

— Você só queria incomodar Augusta de alguma forma e falhou.

Dei de ombros.

— Dá na mesma.

A presença de Fabian nunca foi para um fim contratual, não que ele fosse uma pessoa menos importante do que qualquer um de nós, pois diria que sua conta bancária é tão recheada quanto qualquer uma das nossas. Fabian tinha sua própria cooperativa, lucrava e beneficiava rios de dinheiro em sua própria terra sem nenhum serviço terceirizado.

A AAB ganharia mais com sua presença do que o próprio Fabian.

— Você sabe que nunca daria minhas terras para uma Vendetta, né?

Revirei os olhos sem paciência para suas inimizades sem fundamentos, eu não entraria nessa discussão de novo. Uma Vendetta já era o suficiente para ocupar todo meu tempo e preocupações.

Meu celular apitou com a nova mensagem.

Era de casa.

A segunda carta que Karen tinha me dito havia chegado. Levantei rapidamente do meu assento.

— Onde está indo? — Fabian perguntou, curioso com a minha repentina movimentação.

— Outra carta.

Então apenas peguei meu casaco e saí.

Cheguei em casa em tempo recorde.

Era um pen drive.

O maldito pen drive.

Eu queria destruir o pen drive.

Porra. Eu ia matar Martinez.

A raiva salpicou mais uma vez em um milhão de pedaços.

Porra. Eu iria caçá-lo.

Peguei meu casaco. Mas não fui muito longe, porque meu avô apareceu no final do corredor.

A raiva salpicou cada fibra molecular. Minha garganta se fechando e o meu coração se dilacerando mais uma vez em um milhão de pedaços.

— Precisamos conversar

Então ouvi, e o restante de esperança que bombeava dentro do meu coração foi destruído.

34

PADRINHO

DOMINIC CLIFFORD

PASSADO

— Cara, você não vai acreditar — anunciei eufórico, sem esperar um cumprimento, louco para despejar toda a informação que por semanas desconfiava.

— Fala — Fabian respondeu animado, compartilhando da minha felicidade sem ao menos saber do que se tratava.

— Puta que pariu, cara, eu queria fazer suspense mas não consigo segurar a droga da informação…

— Dominic, diga de uma vez caralho, está correndo com meu tempo, o sol não dá trégua a ninguém, nem mesmo ao principezinho que insiste-

— Eu vou ser pai!

— Caralho, o quê?

— Augusta está grávida.

— O quê?

— Vou ser PAI, Augusta está grávida e não sei muito bem se a minha reação está certa mas nesse momento sinto meu coração explodindo

não sei muito bem se ainda consegui diretrizes mas penso-

— Dominc, para e respira caralho, não estou entendendo nada — sua voz era alta e percebi que também estava gritando. Olhei ao meu redor, vendo Augusta sentada no sofá me observando.

— Cara, parabéns, não acredito. Sério, você vai ser o melhor pai do mundo

Respirei fundo e sorri para a mulher que amava, seu rosto concentrado, provavelmente tentando adivinhar o que Fabian falava no meu ouvido. Ultimamente, pegava ela me observando constantemente.

— Acho que eu precisava ouvir isso — continuei a conversa pelo telefone. — Ser pai ainda parece uma coisa muito irreal.

Fabian riu alto e acompanhei sua risada.

— Daqui uns dia será tão normal quanto respirar, você verá! — o entusiasmo em sua voz me fez vibrar novamente. — Porra cara, você vai ser PAI! Estou feliz pra caralho por você, irmão!

— Não comemore cedo, tem mais uma coisa.

— Gêmeos?

— Não, quer dizer, nem sei se isso é possível.

— O que é então, fala de uma vez!

— Você vai ser nosso padrinho, quer dizer, padrinho do nosso bebê!

— Caramba, acho que meu coração parou. Augusta está sabendo disso?

— Claro que sim — revirei os olhos, eles não tinham se dado muito bem desde quando Augusta confirmou ser a herdeira da Stilk, a empresa que queria suas terras.

— Você esta falando sério? Eu preciso ouvi-la dizer sim, duvido que a sua mulher tenha aceito uma coisa dessas.

— Não seja dramático.

— Não estamos falando da mesma pessoa.

Revirei os olhos novamente e me aproximei de Augusta, que agora tinha um olhar curioso sobre o meu celular. Coloquei a chamada no viva-voz e acenei para que ela falasse.

Augusta fez careta ao cerrar os olhos para mim, mostrando que não queria falar.

— Alô? Tem alguém ainda?

Augusta respirou fundo e me sentei ao seu lado, rindo em seu cabelo e colocando o celular em sua mão.

— Tem — sua voz brava me tirou uma gargalhada e deitei no sofá, puxando seu corpo para frente do meu, abraçando ela de lado. Respirei o perfume do seu cabelo recém lavado por mim. — O que Dominic não pode falar que precisa de mim?

A ligação calou.

— Augusta?

— Esse ainda é o meu nome.

— Você está no viva-voz — falei mais alto, rindo da cara de Augusta. Beijei seu pescoço delicioso.

— Dominic, seu filho da puta, o que pensa está fazendo me colocando de frente com o diabo?

— Eu ainda estou ouvindo — Augusta reclamou e cerrou novamente os olhos pra mim. — É assim que deseja conquistar um dos postos mais importante na vida do meu filho?

— Merda — Fabian ralhou e enfiei a mão dentro da blusa de Augusta, fazendo carinho na sua barriga e passando os dedos por cima do bojo do seu sutiã. — Então, Dominic não está louco?

— A decisão foi nossa, queremos você como padrinho do nosso filho.

A ligação ficou muda e os olhos de Augusta me alcançaram, eles estavam leves e seu sorriso completou a alegria que seu rosto estampava. Augusta era tão linda, me apaixonava por ela novamente toda vez que chegava perto.

— Não me culpe por estar radiante agora, merda, meu Deus, eu quero muito ser o padrinho. Caralho, isso realmente está acontecendo. Não sei o que dizer.

— Era só dizer um sim — Augusta afirmou e sua voz não tinha desprezo ou qualquer coisa do tipo. Ela queria isso tanto quanto eu, havíamos conversado horas sobre, e ninguém era mais perfeito que Fabian. Miriam, sua irmã mais velha, seria nossa madrinha.

Essa escolha foi uma decisão totalmente arriscada, levando em conta que nossos amigos iriam surtar ao saber que nenhum deles seria escolhido.

— Eu estou dizendo sim!

Gargalhei alto da sua resposta, trazendo Augusta para mais perto de mim e soltando sua mão do celular.

— Ótimo, que bom que agora estamos todos resolvidos — falei, me despedindo. — Mas agora os pais do bebê têm assuntos de pais para resolver, e estamos nos despedindo. Fica com De-

— Não! Espera.

— O quê? Estamos felizes que você aceitou mas precisamos desligar, tenho certeza que você não quer ouvir nossa conversa-

Augusta me beliscou, me repreendendo.

— É importante.

— Cinco segundos.

Eu ia desligar na primeira palavra que ele falasse.

— Quem é a madrinha?

Sua voz ecoou na sala e Augusta arqueou as sobrancelhas.

— Não se preocupe, a madrinha do nosso filho será o menor dos seus problemas, devia se preocupar com a mã- — Augusta me beliscou novamente e encerrei a ligação, não conseguindo ouvir o que Fabian tinha falado por último.

— Ai, esse realmente doeu — passei a mão pelo braço que ela havia beliscado.

— É para você parar de falar demais.

— E desde quando eu falo demais? — arqueei as sobrancelhas em um sorriso travesso, provocando-a.

— E quando foi que não? — sua expressão desafiadora fazia efeito diretamente no meu pau.

Levei meus braços ao seu redor, abraçando seu corpo, trazendo ela para mais perto de mim. Estávamos os dois deitados e enrolados no sofá da nossa casa.

Nossa casa.

— Está feliz? — Augusta se remexeu, arrumando seu corpo de lado, e passou as mãos pelo meu rosto. Beijei seus dedos e suas mãos.

Augusta balançou a cabeça e sorriu, também me abraçando.

— Muito.

Respirei seu perfume mais uma vez, me embriagando no seu cheiro doce e viciante. Augusta pegou minha mão esquerda e cruzou nossos dedos.

— Muito ao ponto de brilhar? — beijei seu nariz, depois suas sardas.

— Estou feliz ao ponto de não saber onde começa ou termina. Estou embriagada de felicidade.

Sorri feliz e beijei sua boca gostosa. Amava beijar Augusta, isso era uma das minhas coisas favoritas da vida. Levei a mão à sua barriga, fazendo carinho ali. Estava perdidamente apaixonado pela ideia e sensação de ter um filho meu na barriga de Augusta. Chegava a ser inacreditável. Como uma realidade muito boa que não queria acordar nunca.

Porra, seria pai.

Me pegava diariamente obcecado em cuidar dela e ninar o seu corpo até que ela se sentisse bem. Virei maníaco em adorá-la. Como uma devoção diária, em que ela era a primeira pessoa do dia a qual conversava e a última na qual sonhava.

Descobri que era muito mais apaixonado por Augusta quando começamos a morar juntos, a ideia de compartilhar uma vida com ela me deixava excitado.

Essa mulher me deixaria louco.

Augusta ficou muito assustada quando soube que estava grávida, e eu me esforcei para ser a pessoa que ela precisava. A pessoa que diria a ela as palavras certas, e não deixaria dúvidas referente ao nosso futuro.

Me esforcei, esperando que ela não sentisse o peso de fazer parte da família Clifford.

Eu havia sentido esse peso assim que Augusta chorou nos meus braços me perguntando se não éramos novos demais para ser pais. E talvez não éramos de fato novos demais para ser pais, mas talvez éramos novos demais para pagar por erros que não eram nossos.

Então, disse que não, disse que éramos as duas pessoas mais abençoadas por termos gerado uma vida, era o que minha mãe diria. E foi o que o meu avô me falou quando eu lhe contei entusiasmado, esperando meus “parabéns” que descobri depois que nunca viria.

Meu avô, é claro, previu meu destino.

Tentei tranquilizar seu coração, dizendo que éramos um só, e era assim que ela devia se sentir. Por que eu me sentia assim, completo. Augusta me completava. E ela me disse que eu a completava também.

Então nada mais importava.

Nem as palavras severas do meu avô me alertando.

As malditas palavras.

Ele me disse que agora eu tinha cruzado uma linha perigosa, tinha cruzado a linha perversa que era gerar outro Clifford.

E eu briguei com ele porque não queria ouvi-lo, não queria acreditar em suas palavras. Não queria acreditar na ideia de que não poderíamos ser um casal normal.

Mas meu avô sabia mais do que eu, e infelizmente paguei pra ver quando quis proteger Augusta da minha própria família.

Um dia éramos uma linda história de amor, mas no outro, era somente eu, e o maldito sobrenome que carregava.

35

FERIDA

AUGUSTA VENDETTA

Parada na soleira do quarto de Miriam me encontrava refém das minhas palavras.

— O que aconteceu?

— Eu fiz de novo — murmurei, chorosa. — Eu sou um monstro, Mi.

— Vem cá, deita comigo — essas palavras foram o suficiente para o meu desabamento final.

Dentro do quarto de Miriam, enfiei-me debaixo das suas cobertas por minutos ou horas, deixando que ela me abraçasse e mexesse no meu cabelo. Sentia lágrimas salgadas descerem pelo meu rosto.

Minhas bochechas ardiam, minha garganta queimava, e meu peito doía se apertando cada segundo mais. Era quase insuportável respirar.

— A gente sempre soube que uma hora ia dar errado — ela sussurrou, alisando minha cabeça.

Tinha acabado de sair do banco com Dominic, e sentia tudo e nada ao mesmo tempo. A vontade de desabar todas as verdades em seu colo

sendo demolida pela sede de vingar o próprio orgulho. Uma cadela mentirosa e cruel.

Dói perceber que tinha me tornado a pessoa horrível que tanto temia. Ter me tornado a pessoa cega que só pensava em destruir sem me importar com os danos emocionais. Com o meu próprio emocional. Porque era *eu* a primeira pessoa que queria machucar.

Nunca foi fácil encontrá-lo e ter que dizer adeus ao mesmo tempo. Olhar em seus olhos e perceber que não era digna do seu coração por ter feito péssimas escolhas, e mesmo assim não ter indício de querer voltar atrás.

— Eu não consigo parar.

Seus olhos eram dóceis quando me acharam depois de tempos em silêncio.

— Eu não consigo parar de mentir, porque as mentiras são tudo que tenho.

Pensar que depois da verdade poderia não ter *nada* me partia. Há tanto tempo estava montada em um trono falso que temia encontrar o vazio que tinha construído ao longo dos meses.

Eu tinha mentido para Dominic

Eu tinha mentido para o meu pesadelo.

Eu tinha mentido para minha família.

Eu tinha mentido para mim mesma.

Eu estava viciada.

Viciada na sensação de que mentindo eu não teria que enfrentar a dor real. Que mentindo não teria que lembrar que era vazia, oca, podre. Não teria que lembrar que tinha perdido um bebê e isso me assustava mais do que deveria.

— Se eu parar de mentir vou perdê-lo — era o que eu achava. Porque Dominic iria embora quando visse o coração amargo que tinha dentro de mim.

— Não, se você parar de mentir você vai viver, Augusta.

— Como tem tanta certeza que vou viver ?

— Tem um ano que você está afastando todos que te amam porque acha que não merece tê-los. Você não tem mais para onde ir. Não tem mais o que destruir quando o nada te sobra.

Respirei dolorosamente, me sentando na cama. Funguei.

Outra mentira, sempre tinha algo para destruir. Sempre teria um coração para se partir. Como o dela naquele momento. Miriam era verdadeira e eu era mentirosa.

— Vocês nunca se deram um verdadeiro tempo de respirar. Nunca pararam para realmente falar sobre seu acidente. Talvez o fim seja o ideal para vocês. Ninguém pode recomeçar uma história pela metade. Ela tem que ser escrita de novo. Não dá para viver uma história quebrada, Augusta. Não assim. Vocês precisam de tempo.

Então aqui estava a falsa verdade. Miriam sabia do aborto, sabia que eu mentia para Dominic para afastá-lo. Sabia que estava atrás de um culpado. Mas não sabia o principal, que o vilão ali não era ele que me pressionava e partia a minha alma todas as vezes que me via.

Era eu.

Ao contrário do que minha irmã pensa, *eu* que nunca deixei Dominic respirar. *Eu* que batia em sua porta toda vez que achava que ele estava farto de mim e tinha desistido de lutar. *Eu* que tinha o abandonado e não deixava ele partir.

Miriam pegou as minhas mãos.

— Eu odeio te ver assim — suas palavras eram firmes. — Talvez esteja na hora de parar. Você não precisa estar no controle de tudo.

Engoli em seco, prevendo o rumo da nossa conversa.

— Eu gosto de onde estou — suspirei as palavras, o clima choroso indo embora.

Sua mandíbula cerrou, e vi que ela queria soltar suas palavras amargas como toda vez fazia. Não era a primeira vez que me lamentava pelos meus desastres. E não era a primeira que ela me via afogar nas minhas mentiras.

Mas um longo suspiro se deu quando uma risada baixa e sem graça saiu por seus lábios.

— Você e o papai precisam parar — sussurrou. — *Você* precisa parar. Você consegue ver o quanto nem confia em si mesma? Consegue ver que é incapaz de dar um passo para frente sem dar quatro para trás?

— Eu não posso desistir.

— Se não está disposta a desistir então não lamente. Não faça da sua perda seu mundo quando seu coração bate por vingança, não por culpa.

— Miriam…

— Pare.

— Eu não vim aqui para ser acusada — engoli em seco, ela nunca teve pena de jogar verdades na minha cara.

— Veio aqui para que eu apoiasse suas mentiras? Eu já te falei, isso não vai acontecer. Se estivesse tão partida não continuaria com essa merda de vingança.

— Você não entende que…

— Você perdeu uma criança! Caramba, Augusta! Você perdeu algo e ao invés de querer trabalhar isso, usa *isso* para machucar as pessoas. Está em negação achando que não te afeta, achando que pode ter o controle sobre isso.

— Não é bem assim — meus lábios tremeram e tudo em mim ardia.

— Você faz isso com a gente, você faz isso com *Dominic*, achando que tem controle sobre seus sentimentos. Você faz isso com as pessoas ao seu redor. Você as usa. Usa uma dor que não quer sentir.

— Mi — as lágrimas estavam de volta.

— Você nem consegue falar sobre, Augusta. Você nem consegue *pensar*. Isso precisa parar, a sua negação precisa sumir, porque só assim conseguirá fazer as pazes com a verdade. Com a *sua* verdade.

Mais lágrimas desceram e o meu peito sangrava.

— Tenho medo dele desistir de mim.

— Mas ele está no seu direito, você não pode ser egoísta a esse ponto.

Mas eu era.

— Acha que depois do fim há o quê?

Suas semelhantes íris me acolheram, toda a muralha sumindo como poeira.

— Acho que você vai ter que andar mais alguns passos para descobrir.

Mas então todas as lágrimas se foram quando meu pai apontou no quarto com o semblante duro. Seus orbes escaneando a nossa posição na cama.

— *Ainda* quer a localização da mina?

Isso era ele perguntando se eu tinha desistido.

Engoli o bolo na minha garganta, construindo a minha muralha mais uma vez. Miriam aguardou minha resposta.

Partida.

Eu sentia que parte de mim tinha sido arrancada sem qualquer aviso.

De novo.

Merda.

Tinha sido pior do que eu imaginava, *muito pior*, sair por aquela porta, tinha doído muito mais do que eu poderia suportar. Muito mais do que planejei segurar. Eu tinha feito errado de novo.

As minhas palavras ecoavam agressivas na minha cabeça, como uma risada maldosa que tem intenção perversa de me fazer quebrar.

Porque tinha acontecido de novo. Só que dessa vez a carga das minhas mentiras eram tão explícitas que cortava. Queimava. Jogava veneno nas feridas abertas que apodreciam sem nenhuma chance de cura.

Sem nenhuma chance de esperança.

Dominic tinha razão, não tinha como arrancar o band-aid de uma ferida podre que nunca foi lavada.

A ferida que era eu, a ferida que se chamava Augusta. Eu podia reconhecer a gravidade das minhas ações, mesmo que ainda não estivesse disposta a voltar atrás.

Dominic durante meses passou ao lado da verdade, e por mais que minha boca e o meu coração gritassem para despejar o rio de segredos que eu escondia, não conseguia. Não conseguia abrir mão de uma perfeita chance de o destruir.

De destruir o meu *pesadelo*.

Só por isso que aceitei toda essa merda, era somente por isso que castigava impiedosamente nossos corações. Eu tinha uma chance, e agarraria ela com todas as minhas forças.

E nada entraria no meu caminho.

Nada.

Nem mesmo o meu coração em frangalhos que sangrava a cada batida errada provocada naquele momento.

— Sim.



DIA DOS PAIS

AUGUSTA VENDETTA

Há um ano…

DOMINGO, 14 de AGOSTO

Olhava para a minha mão constantemente, intrigada e desacreditada que tinha dito *sim* para Dominic Clifford e iria mesmo me casar com a pessoa que amava. Não alguém aleatório que o meu pai tinha escolhido por causa de negócios, mas uma pessoa que eu estava apaixonada.

Senhor, eu estava noiva e mal podia conter a alegria dentro do meu peito. Eu iria casar. CASAR. Estaria casada em alguns meses.

Suspirei, acariciando minha barriga.

Eu ia casar e estava grávida.

Aos vinte e três anos.

Sem pressão. Não era como se eu tivesse quize anos e estivesse na pré- adolescência, mesmo que me sentisse uma. O que as pessoas iriam pensar? Porra. Sem pressão.

A minha gravidez já não era segredo, e por mais que tivéssemos tentado manter a informação entre família até que nosso contrato nupcial

fosse reconhecido, Bash inteira já estava sabendo. Os olhares sobre mim e Dominic tinham mudado. Sobre mim, especificamente.

Minha família, os Vendettas, sempre teve uma influência muito grande pelos olhos da mídia, no entanto, nunca saímos das vistas da sociedade. Mas agora estávamos falando dos Cliffords, uma das últimas famílias fundadoras que estava prestes a aumentar o seu legado.

Eu iria dar conta.

Sorri para a caixinha verde que tinha guardado secretamente por uma semana. Queria fazer uma surpresa para Dominic, aproveitar o seu primeiro domingo de Dia dos Pais para revelar que nosso bebê seria um lindo menino, já que ele descobriu a minha gravidez primeiro que eu. Inclusive, esse era um assunto que sempre discutíamos, sobre quem percebeu primeiro que eu estava grávida.

Dominic sempre querendo estar dois passos na minha frente, até com o meu próprio corpo. Mas no fundo, depois do meu orgulho, eu admitia que ele percebeu a mudança do meu corpo primeiro que eu. Porque ele sempre foi bom demais em me desvendar apenas me observando.

Olhei para o contrato que Dominic tinha deixado em cima da escrivaninha depois de ter me explicado os termos regentes. Era o nosso contrato nupcial, o contrato que me faria oficialmente Clifford. O contrato que parecia ter um peso invisível em minhas mãos.

Rodei o anel no dedo, lendo as últimas cláusulas do contrato de vinte sete páginas.

Já tínhamos conversado diversas vezes sobre essa decisão, pois ela não abrigava somente uma coroa e uma vida regada a privilégios. Ela exigia comportamentos específicos, posições irredutíveis e uma linha emocional inabalável.

Eu seria a primeira família, e tinha ouvido histórias demais da nossa cidade para não saber onde estava pisando.

Eu não queria pensar nos últimos meses, pois a ameaça explícita de Martinez fez meus miolos fritarem para entender o que raios ele estava fazendo. Eu não ia negar que fiquei assustada para caralho com a situação, principalmente depois que ele possivelmente confessou sobre o tio David.

Merda, Francesca não conversava comigo fazia dias, depois que ela foi embora de Bash tudo parecia estranho demais. Porque já não éramos três, éramos somente duas e um luto. Eu queria poder lhe dar amanhã

felicidade, arrancar a sua dor que parecia consumir toda sua vida ao ponto de não querer estar nos mesmo lugares que os seus pais estiveram.

Francesca não queria mais estar em Bash, e eu não poderia, nem se tivesse esse poder, proibi-la de viver o luto da maneira que quisesse. Mesmo que fosse longe de nós. Longe de tudo que tinha crescido. Respirei com o peito apertado, algumas vezes tinha me sentido culpada por tudo na minha vida parecer estar prosperando quando ela tinha acabado de perder tudo.

Eu tentei falar com ela sobre Martinez, mas um peso de culpa arrastava seu rosto sempre que passava perto do assunto que era seus pais. O que me fez resguardar mais uma vez o assunto, que comia meus pensamentos vezes demais. Eu pensava que a atitude de Martinez não fosse nada além de medo de perder seu garoto de ouro, e que o seu ódio por mim se dava a algum desentendimento entre minha família e ele. Uma coisa que eu não tinha nada a ver e não procuraria saber. Porque já tinha entretenimento demais na minha vida para buscar brigas do passado.

O que não impediu que depois daquele dia na casa de Dominic, no escritório, achasse realmente que Martinez poderia me matar no dias seguintes, e eu até tinha evitado ir até a mansão Clifford para não encontrá-lo, pois eu realmente tinha ficado assustada e com medo com sua conversa. Perguntei algumas vezes a Dominic sobre o que ele achava de Martinez, mas sua resposta era sempre muito positiva e talvez eu tenha errado em me retrair e não contar sobre a ameaça.

Porque aquilo tinha sido uma ameaça, disso eu não tinha dúvidas, e olhar para esse contrato nupcial me faz perceber que um detalhe como esse não pudesse ser deixado de lado.

§Fica resguardado também toda vida que tiver entrelaçada ao sobrenome Clifford como sinônimo de proteção e precaução por todo abuso de poder que não deverá ser regido diante as pautas citadas no artigo 23.

Essa era a última cláusula. Dominic tinha razão em querer assegurar seu sobrenome, mesmo que ele não tivesse ideia do que já havia acontecido.

Então, ali no quartinho do nosso esperado filho, eu decidi que contaria o que tinha acontecido mesmo que doesse saber que a sua própria família tinha ameaçado seu filho.

Mandei-lhe uma mensagem perguntando que horas chegaria em casa.

Essa sensação era boa, nossa casa, tudo parecia se encaixar em seu devido lugar. A minha alma estava completa com a de Dominic.

A campainha tocou e estranhei o barulho, não era Dominic pois ele tinha acabado de me responder por mensagem e não estava esperando ninguém. O condômino que nossa casa ficava era fechado, então eu também era avisada sempre que tínhamos visita. Fechei a porta do quarto do bebê e desci as escadas largas, indo até a porta.

Ainda não tínhamos decorado o quarto, era apenas um cômodo vazio com uma cômoda de madeira, mas adorávamos passar horas ali, sonhando acordados com o nosso futuro.

A casa não tinha ninguém, as duas mulheres que tinha contratado para ajudar na organização da casa estavam de folga, e também tínhamos almoçado na casa dos meus pais e Dominic tinha ido até a casa do seu avô levar Damian, que também havia passado o início do dia conosco. Sorri feliz lembrando do seu rosto quando contamos sobre o bebê, o seu sorriso puro e verdadeiro fizeram-me perceber como ele seria amado.

Abri a porta.

Meu coração saltou de surpresa.

Era Martinez.

O que ele estava fazendo aqui?

— Martinez?

Então ele sorriu como um diabo que estava prestes a cobrar uma dívida.

— Boa noite *bela* Augusta

— O que está fazendo aqui? — fui rude.

— Bom, estava passando por perto e achei que seria uma boa ideia visitar a realeza e desejar feliz Dia dos Pais ao nosso amado rei.

Fiquei na soleira da porta em uma tentativa de bloquear a entrada com o corpo, o que não era algo possível já que a porta era quatro de mim, mas esperava que ele entendesse a mensagem de que eu não iria convidá-lo para entrar na minha casa.

— Você não foi avisado na portaria — me mantive firme, mostrando que não iria ceder a nenhuma ameaça. — E como Dominic não está aqui para recebê-ló, não é bem-vindo na minha casa.

— Sempre tão espinhenta — zombou de mim, e vislumbrei a rua atrás dele, ninguém passava por lá.

— Não faço questão de ser educada e boa com quem me ameaça e acha que pode mandar na minha vida.

— Oh, então a memória está fresca, hum? Achei que precisaria relembra-lá.

— Como esquecer algo tão mesquinho? Tem certeza que ama Dominic? Isso não me parece amor.

Ele riu, despreocupado.

— Você não contou para seu pai, contou? Da nossa conversinha.

Não respondi.

Talvez eu ainda esteja em negação pelo ocorrido e não queira acreditar no fato de que Martinez tenha ameaçado nosso bebê. Esse cara era louco? Mas eu iria contar. Pois, apesar de três semanas terem se passado, nada de estranho tinha me ocorrido quando nos encontramos no Salão Dourado.

E talvez a minha felicidade excessiva com a mudança de casa, noivado e ser mãe tenha me distraído para pistas óbvias que não me atentaram que algo estava para acontecer.

— O que quer aqui, Martinez?

— Precisamos conversar novamente, acho que você não entendeu bem o meu aviso.

A raiva trovejou em mim. Quem ele pensava que era? Queria-o fora daqui, não toleraria ameaças contra meu filho.

— Pena que você não é bem-vindo aqui — eu realmente não me importava em bater a porta em sua cara. Ligaria para Dominic e para segurança do lugar. Que merda é essa que estava acontecendo? Meu celular estava em cima da cômoda no quarto do nosso bebê. Eu só precisava despachar Martinez.

Fui ao gancho da porta de madeira para fechá-la sem nenhuma culpa no ato. Minha próxima missão seria tirar Martinez do seu posto de apoiador. Seu reinado acabaria logo.

— Uma noite infeliz para você, Martinez!

Quase respirei aliviada quando a porta quase se fechou.

Merda. Quase.

Porque o pé de Martinez interrompeu a ação e uma força do outro lado empurrou meu corpo para trás, abrindo a porta totalmente de novo.

Quê?

A ação foi rápida demais para meus olhos desprevenidos, pois quando me dei conta de que Martinez tinha barrado a porta, seu corpo já estava dentro da minha casa e a minha respiração estava muito acelerada pela pressão das suas mãos em meu pescoço.

— O que pensa que está fazendo? — horrorizada, tentei tirar a sua mão de mim. — Tira as mãos de mim seu porco!

— Estou reforçando meu aviso, vadia — Martinez apertou com mais força, e senti o ar dos meus pulmões faltar. Que porra estava acontecendo?

Analisei rápido a posição dos seus pés, e com um fôlego, apertei minhas unhas em seus braços e chutei sua barriga com meu joelho.

Seu aperto soltou de imediato.

Coloquei a mão no coração e na barriga em um modo de proteção e saí de perto dele, tossindo. Minha preocupação se estendendo não só por mim, mas pelo meu filho também.

Então eu entendi porque estudávamos naquela merda de escola de base militar quando Martinez veio para cima de mim querendo me derrubar e meu reflexo corporal me desviou para outro lado novamente. Deixando meu corpo alerta do perigo à frente.

— Por acaso está louco? — gritei, o fôlego sendo cortado quando minha atenção era multiplicada para diversos pontos da casa.

Martinez bloqueava a passagem, e eu poderia correr para o fundo e sair para rua ou subir em busca do meu celular e chamar socorro. Eu não era nem louca de enfrentar um homem sozinha. Por mais que tivesse aulas de defesa pessoal. Isso era loucura. Tudo ainda parecia uma loucura que não conseguia explicar ou digerir.

Minha cabeça lutava a milhões para tentar entender a merda que estava acontecendo.

— Eu só estou aqui para reparar mais um erro do destino, criança — sua voz não tinha emoção, e algo me disse que reparar um erro tinha tudo ligado com tirar a minha vida. Ele ia me matar.

Porra, Martinez tinha vindo me matar, provavelmente sabia que não encontraria Dominic aqui.

Fui para trás do sofá, querendo distância, e Martinez avançou, ainda mais rápido que eu. Empurrando meu corpo e me jogando contra a mesa de vidro, que bateu com tudo no meu quadril, fazendo-me chiar de dor.

— Você é um merda que está tentando ser Deus — cuspi com raiva, não conseguindo levantar a tempo quando Martinez acertou o primeiro murro no meu rosto, atingindo meu olho e nariz, me deixando tonta, sangrando meu nariz e fazendo tudo queimar quando colocou o pé no meu pescoço, me imobilizando.

Tentei tirar o seu pé de mim, sem sucesso.

Comecei a engasgar com o ar restrito aos meus pulmões novamente, e arregalei os olhos quando a força do seu pé em mim aumentou, e o corpo de Martinez abaixou. Ele estava investindo sem dó.

— Vadia desgraçada, se tivesse pegado o meu aviso de primeira, isso nunca estaria acontecendo.

— Vai se foder.

Tentei usar a força dos meus braços, sem sucesso novamente. Meu coração saía pela boca por meu desespero e medo.

— Alguém tem que pagar quando as coisas não saem do meu jeito.

Eu ainda não conseguia entender sua motivação.

— Isso tudo é por causa do pai de Francesca? — ele não me mataria só porque ouvi sua conversa, certo?

Martinez riu sem ceder o pé, e flexionei minha perna para chutá-lo.

— Não é motivo suficiente? Afinal, posso estar encrencado se decidir abrir a boca.

— Então irá matar todo mundo que entrar no seu caminho?

— Isso não me parece ruim.

Martinez levantou a cabeça, e eu previ que ele iria me chutar.

— Está cometendo um erro, Martinez — respirei com dificuldade.

— O seu erro foi não ter me ouvido antes, vadia.

— Não, o meu erro foi nunca ter pensado em te tirado da AAB antes.

Martinez gargalhou zombando, e aproveitei seu impasse para força das minhas pernas para me livrar do seu agarre, chutando o meio das suas pernas, desequilibrando-o.

O que pareceu pegá-lo de surpresa.

— Desgraçada.

Adrenalina corria por todo meu corpo, me fazendo agir sem pensar muito, porque a única coisa que queria era distância dele. Precisava sair daqui.

Então corri para a cozinha em busca de algo para acertá-lo. Eu também poderia sair correndo e ir até a guarita pedir ajuda. Isso parecia perfeito. Levei a mão na maçaneta para abri-la.

Ela não abriu.

Minha fuga não durou muito, a mão grosseira alcançou meu cabelo, me fazendo tropeçar para trás e derrubar as panelas que estavam no balcão enquanto tentava me equilibrar.

Martinez tentou socar meu rosto novamente, mas fui mais rápida e levei a minha mão em punho para acertá-lo primeiro, com a faca que tinha alcançado. Eu não era tão ágil assim, mas acontece que para salvar a nossa vida nos tornamos o que menos esperamos ser.

Meu pulso doeu.

A parte direita do rosto de Martinez sangrou.

Minha respiração engrenou em um sopro de sobrevivência.

— Assassino — gritei, desesperada. E fugi para cima, para procurar socorro. Ligaria para portaria, não tinha tempo para pensar onde a chave estava.

Eu estava com medo, estava assustada. Queria correr o mais longe possível. Porque eu não era forte o suficiente para tudo o que me aconteceria a seguir.

Porque eu só queria fugir.

Fugir parecia uma palavra aliviadora.

Fugir era a última palavra que me socorreria agora.

Subi as escadas correndo, indo em busca do meu celular. Isso não podia estar acontecendo. Merda. Meu pulso doía, minha mão doía, minhas pernas tremiam e eu sabia que tinha que ser forte não só por mim. Mas por ele. Pelo meu bebê.

Mas o último degrau não foi o último que eu pisei, pois uma mão grosseira segurou meu tornozelo me fazendo cair com tudo para frente, sem dar tempo para meus reflexos segurarem meu corpo. Merda. Martinez chutou meu corpo e puxei minha perna do seu aperto, rolando para frente, vendo o vislumbre da sua boca cortada. Um sorriso horrendo pintou ali, me dizendo que ele não ia parar. Ele não ia parar enquanto não me matasse.

E naquele momento eu tive certeza que iria morrer.

Eu iria morrer sem contar para Dominic que nosso bebê era um menino.

Eu iria morrer sem Dominic saber que, em papel, estávamos casados.

Se eu morresse, nosso bebê morreria.

O desespero me embalou e corri até o final do corredor, mas os passos fortes de Martinez estavam na minha cola. Toda distância que eu corria não era suficiente para me livrar dele.

— Garota burra, onde pensa que vai? Você não tem saída.

Eu sabia disso, e essa ciência me perturbou.

— Por que está fazendo isso? Por que matou o tio David? Eu não tenho provas nenhuma contra você, eu perderia antes mesmo de tentar — minha voz era fraca, e meu cérebro exigia informações. — Qual o motivo disso?

Martinez pareceu pensar antes de rir diabolicamente. Desgraçado.

— Bom, pessoas mortas não contam história, não é mesmo?

Ele já estava contando com a minha morte. Olhei para o quarto intacto do bebê, se eu pulasse a janela provavelmente me machucaria muito mas chegaria viva, eram dois andares. Cerrei os punhos, provavelmente também colocaria em risco a vida do bebê.

Ficar aqui não só colocaria a vida de nós dois em risco, como estaríamos mortos.

Minha respiração estava pesada, sentia as batidas do meu coração por todo meu corpo.

Voltei a encará-ló, seus passos estavam mais próximos.

— Você quer saber por que está morrendo?

Trinquei o maxilar.

— Saber o motivo é importante para não cometer o mesmo erro de novo... Ou não.

— Você é um assassino.

— Eu cumpro promessas.

— Promessas? — meu coração acelerado me dava ânsia. Todo meu corpo repudiava o misto de emoções que embalavam no meu estômago. — Me matar é uma promessa?

— Você foi um pequeno efeito colateral — ele pareceu pensar em algo antes de dar mais passos em minha direção. Eu estava em pé, mas era a mesma sensação de estar no chão. Me sentia pesada e exausta. A adrenalina comia toda minha energia.

— Há um certo detalhe a se observar sobre os Clifford, não? — voltou a dizer e avistei a vela que tinha deixado acesa. Uma luz, eu precisava de uma luz. — Ou acha que eles são os únicos sobreviventes por uma dádiva?

— Do que você está falando? — sussurrei.

— Não me decepcione, Augusta, pense comigo. Você sabe a história das famílias fundadoras, hum? Não deve ser difícil.

Eu não estava entendendo. O que Martinez tinha a ver com os fundadores? Tentava lembrar de algo que pudesse fazer sentido, por que eles seriam os únicos sobreviventes? Eu não sabia como tinha sido o fim das outras famílias fundadoras, mas não seria Martinez a matar todos, seria? Isso não fazia sentido. Por qual motivo?

Minha cabeça doía.

— Está me dizendo que é um ceifador do sangue real? — arrisquei a dizer um pensamento totalmente sem sentido para mim. Pois já não estava conseguindo identificar o que era loucura e o que era real. Porque tudo parecia um maldito pesadelo.

Mas consegui ver algo brilhar em seus olhos, como um despertar.

— Isso me parece certeiro.

— O quê?

Horror me invadiu.

— Você está me dizendo que tem um plano maldito em matar todo os fundadores dessa cidade?

— Quando você põe assim não me soa divertido.

Fechei os olhos, tentando juntar as informações que tinha.

— Tio David não era de família fundadora, por que o matou?

— Ele tinha algo que eu queria — disse simples.

— O que seria tão valioso que você não tem?

Isso era curioso e eu poderia tentar adivinhar se a pressão pela minha vida não vibrasse com tanto fervor. Pisquei rápido me lembrando de coordenadas.

— Tio David estava com algo seu? — minha cabeça latejou. — Por que você precisaria de uma mala?

Mas Martinez não me respondeu, e afastei meus passos, entrando no quarto ainda não decorado.

— Fim de papo — recuei mais ainda, chegando a poucos passos da janela. Ele estava me cercando.

— Me diz! — esganicei a voz, querendo arrancar mais tempo. — O que o tio David tinha que precisou morrer por isso?

Martinez cerrou os punhos e eu soube que ele partiria em direção a minha morte sem nenhuma piedade.

Eu estava com medo. Merda. Eu só queria sair daqui.

Martinez respirou pesado e passou a mão no corte que não parava de sair sangue. Isso ficaria uma horrorosa cicatriz.

— O querido David escondia debaixo das asas uma importante informação por anos e nunca pensou em revelar o mapa que levava ao meu tesouro, então... — seu sorriso não chegou aos olhos. — Bem, ele teve o fim que mereceu.

— Tesouro?

— Mora em Bash há tanto tempo e não sabe qual foi nossa principal fonte de exportação?

— As minas de ouro? — o quê?! Não podia ser, tudo isso por causa de localizações?

Merda, localizações onde possivelmente estava uma mina recheada de ouro e artigos históricos.

Não consegui completar meu raciocínio, os passos de Martinez me ameaçaram e avancei para janela sem saber como seria meu fim. Só sabia que não podia ficar aqui.

— Reze para morrer garota.

E eu rezei, não para morrer, mas por uma segunda chance.

Por uma segunda chance para me vingar.

Porque agora.... Agora tudo que eu sentia era uma necessidade absurda de correr.

Eu vi a morte na minha frente e ela parecia terrivelmente assustadora.

Meu estômago embrulhava e a ânsia subia querendo me liquefazer.

Era tudo ou nada.

Martinez viu o que eu ia fazer então riu. Ele riu da minha fuga.

Bati minha perna na parede desesperada para passar pela janela um pouco alta, e quando vi a rua em uma altura nada agradável… gritei de dor.

Tudo tinha acabado de se tornar nada.

Meu coro cabeludo doeu pelo puxão, e me defendi arranhando seu rosto e braços. Não tinha força para chutá-lo de novo porque minha perna estava pendida do outro lado.

Gritei para que me soltasse e ele riu novamente, como se meus esforços não fossem nada. Martinez puxou meu cabelo para baixo e por causa da dor, fui para cima da sua mão querendo libertação. Mas foi o suficiente para que eu caísse no chão novamente e começasse a lutar pela minha vida.

Esperneei, criando distância, chutando sua mão, braço, tudo que via pela frente, e comecei a jogar tudo que estava ao meu redor nele. Derrubando tudo que pudesse me dar segundos de distância.

Louco, Martinez era louco. Ele não parou.

Derrubei a cômoda nele, deixando cair o contrato assinado e a caixinha verde.

Fui para porta novamente e me senti como um animal refém de um predador selvagem.

Derrubei a vela quando passei e pensei que isso poderia causar um estrago na casa.

Mas eu não tinha tempo. Tinha milésimos antes que Martinez colocasse as mãos em mim novamente.

O que foi um pensamento completamente antecipado, porque percebi que ele era muito mais forte, mesmo machucado. Mesmo com o rosto sangrando e provavelmente com o corpo dolorido pelas minhas ações. Ele ainda era mais forte. Eu nunca pensei que venceria na força com ele, por isso tentei fugir... Por isso tinha tentado ao máximo evitar os próximos passos.

Porque sabia que não sairia viva.

Não depois de não correr o suficiente, não gritar o suficiente, não ter força o suficiente.

Eu estava cansada.

Tão cansada.

Martinez socou o meu rosto pela última vez, e dessa vez quando caí, senti pavor e as lágrimas já não tinham controle.

O medo me consumia.

Tudo doía, até as malditas lágrimas doíam.

Levei a mão à barriga quando previ sua próxima ação.

Um chute no meu rosto, um chute nas minhas costelas.

Um chute na minha barriga.

E depois, todos os movimentos novamente e repetidamente até que tudo que eu respirasse era sangue. E as minhas lágrimas eram tudo que eu

conseguia ver. Tudo que eu podia sentir.

Então a cena que nunca mais sairia da minha mente se formou, dilacerando todo meu coração, arrebentando todas as minhas amarras, machucando e destruindo tudo que um dia eu pensei ser.

Eu vi sangue novamente. Um sangue diferente. O meu sangue. O meu sangue escorria pelas minhas pernas e inundava o chão.

O ar estava indo embora, o vácuo estava me preenchendo. Eu tinha desaprendido a respirar.

Tudo doía. Absolutamente tudo.

Eu estava sendo partida viva. Eu estava vendo a minha própria imagem se partir.

Dobrei o meu corpo querendo me proteger, querendo proteger o meu bebê. Porque o meu bebê era tudo que importava. Era tudo que eu respirava.

Tudo doía tanto. Tanto. Tanto.

Respirava pela boca um ar que não chegava aos meus pulmões.

— Eu desejo a sua morte, Martinez — minha voz era engasgada, grogue. Eu já não tinha tanta certeza se sobreviveria. Mas sabia que o meu pesadelo ainda estava ali. Uma luz forte vislumbrou no canto do meu olho. — *Eu vou matá-lo.*

Então eu soube o que era a luz forte no fundo da minha vista embaralhada. Porque o fedor de fumaça preencheu o quarto. Mais lágrimas desceram pelo meu rosto. Os meus soluços já não eram audíveis, pois minha voz tinha ido embora, e tudo que sobrava eram sussurros quebrados.

— Eu sinceramente espero que morra, pois não vai querer sobreviver a mim, Augusta.

E ali eu realmente queria morrer, nunca tinha desejado tanto a morte como naquele dia. Eu não sabia dizer onde a dor começava ou terminava. Eu não sabia dizer quais as partes do meu corpo sentia.

Meu choro ardia, rasgava, arranhava tudo que existia dentro de mim. Eu estava sufocando.

Então tudo ficou preto, e a última coisa que me lembro foi do rio petróleo repleto de luz me dizendo que tudo ficaria bem.

37

ANCESTRAIS

DOMINIC CLIFFORD

Poucas coisas me deixavam com medo na vida, poucas coisas me assustavam.

Porque eu já tinha passado pelo meu maior medo na adolescência, que foi perder a minha mãe. Eu tinha a perdido e a saudade moía meu peito todos os dias.

Mas naquele dia, o medo e o pavor foram tudo que eu conseguia sentir. Foram tudo que eu conseguia digerir.

Vinte e seis ligações não atendidas e um pressentimento ruim.

Um aperto no coração e mais trinta e oito ligações perdidas.

Eu não soube dizer como eu tinha chegado até lá, eu não sabia dizer como tinha conseguido ficar de pé ao deparar com tanto fogo.

A nossa casa estava pegando fogo. Ela estava em chamas. O calor exultante queimava minha pele a poucos metros de distância.

Uma sirene.

Ela parecia longe demais. Atrasada demais.

Eu que devia estar atrasado por não ter chegado antes.

A nossa casa estava pegando fogo.

Uma última ligação, uma última chance, então, tudo que eu via era fogo.

Fogo.

O maldito fogo.

E agora eu sentia o fogo correr pelo meu sangue como naquele dia. Como naquele maldito dia!

Porra.

Meus olhos queimavam a tela.

A primeira respiração foi engasgada, doída. Tudo em mim estava se partindo de novo. Eu não podia acreditar no que estava vendo.

A segunda respiração foi pesada. Agoniante. Eu estava lá de novo. Estava vendo Augusta desmaiada de novo. Eu mal conseguia respirar enquanto a imagem que tinha acabado de receber em um pen drive rodava em looping na tela do computador.

Ânsia.

Raiva.

A confirmação da imagem fez o meu sangue gelar.

— Isso é algum tipo de brincadeira?

— Acha que brincaria com você sobre esse tipo de situação?

— Então por que merda parece que estamos caminhando para trás?

Meu avô se calou e eu lhe mostrei o vídeo que tinha recebido da entrada da nossa casa, Martinez empurrando a porta quando Augusta tentou fechar.

Porra, por que ela tinha escondido isso esse tempo todo? Martinez era o culpado pelo incêndio? Martinez era o culpado pela morte do nosso filho?

Porra, sentia-me enjoado. Traído. Eu mal conseguia identificar qual sentimento me destruía mais.

— Nic — meu avô me chamou, e continuei encarando fixamente a tela pegando cada detalhe da cena, decorando cada expressão. Como um maldito maníaco obecado. — Dominic!

Olhei para ele, esperando seu comando.

— Você não vence nada assim.

Ri amargo.

— Vencer o quê? Eu não tenho o que vencer.

— Dominic — o seu tom me repreendendo me irritou e me esforcei para não elevar o tom, mas foi quase impossível.

Eu estava com raiva. Raiva porque me sentia um maldito impotente.

— O quê?! Estávamos atrás de um culpado? Achamos o culpado. E bem, agora basta saber por que caralho Augusta senta à mesa com o maldito traidor.

Amargura encheu a minha boca. Porra.

As provas chegaram até mim, todas de uma vez. As gravações perdidas da noite do incêndio, os laudos médicos dizendo sobre o aborto agressivo, e o nome de um dos destinatários das mensagens que ela recebia. Ver tudo doeu mais do que eu poderia imaginar, feriu mais do que eu poderia suportar. Porque também chegaram outras informações, a imagem de Augusta em encontros fechados com Martinez estava ali.

E posso dizer que as últimas imagens me machucaram mais do que devia, porque era como se ela soubesse de tudo e mesmo assim decidiu esconder.

Me sentia desolado, a garganta seca e o coração sangrando.

— Não sabemos o que de fato está acontecendo, só temos suposições — meu avô tentou apaziguar. Mas ri amargo, desacreditado. Ele sempre fazia isso, tentava criar soluções para os meus problemas.

Principalmente agora, ele tinha tomado as minhas dores, as dores que senti com a perda de Augusta.

Passamos meses atrás de pistas que ligavam Augusta ao incêndio, mas sempre batíamos de frente com um belo muro que ela própria construía. Porque seu nome estava em todos os rastros, todas as transações, tudo que envolvia o acidente ela tinha tomado a frente, como se realmente não tivesse outra pessoa na casa. Como se Martinez não tivesse entrado na nossa própria casa.

Que porra de sangue frio era esse?

Porra, que merda era essa que a sugava para esse buraco sujo e sem vida? Eu sabia que nada de bom vinha de onde ela estava, porque tudo que envolvia a AAB era podre e sujo, tínhamos aprendido isso muito novos, e acreditava que ela não tinha esquecido as lições do instituto.

Porra, ela estava metida em um buraco cheio de urubus e carnes podres.

— Preciso saber se entendeu o que eu disse — meu avô voltou a falar. — É uma linha, precisamos segui-la para conseguirmos a resposta. Preste atenção.

Seu tom brando me fazia salpicar de raiva, porque ele continuava tentando explicar o seu ponto que para mim não fazia sentido. Tudo só virava uma grande bola de neve. Mas merda, sua lucidez parecia melhor que a minha.

Balancei a cabeça, meus pensamentos não indo muito longe. A imagem de Augusta machucada fixada na minha cabeça. Martinez a tinha machucado. Porra. O que merda eles estavam fazendo? Que merda Augusta estava fazendo? Isso martelava alto na minha cabeça.

— Sobre o ceifador? Bem, nada mais me assusta. E pensar que uma fixação pelo poder atravessa gerações não me deixa mais animado. Me deixa a impressão de loucura.

A histórias dos fundadores ia muito além do que exportações e pactos de sangue, pois não só tínhamos um ceifador vingativo, como também uma possível obsessão por uma mina abandonada. Isso era o que meu avô tinha complementado.

Na história dos fundadores, há uma quinta pessoa que não é citada, é a pessoa que prometeu vingar todos os malditos fundadores por causa de uma traição. Eu nunca encontrei relatos desse acontecimento nos arquivos, mas meu avô, que ouviu do seu pai, repassa relatos muito claros sobre esse quinto fundador ter tentado usurpar toda a região que estava acontecendo a escavação, causando atrito entre a população na época.

E por causa disso o lugar foi escondido em um mapa cego, onde somente a uma pessoa foi confiado o segredo: à irmã mais nova de Hélio Franco. E desde então esse quinto fundador tenta achar a mina perdida, passando seu próprio legado para os seus filhos e netos.

— Não é poder, é um legado de anos que nunca foi desvendado — falou sério, sem nenhuma brecha. Como um contador de histórias.

— Isso me parece patético — e realmente parecia. Augusta tinha me contado a história dos fundadores, e passamos tempo suficiente na mansão Willians para criar hipóteses que não passavam de histórias de adolescentes.

Passei a mão nos cabelos, me esforçando para prestar atenção em suas palavras, minha cabeça querendo saber onde Augusta estava.

— E dizer que nossas vidas correm perigo frequentemente por causa de historiadores zangados é quase como uma afronta.

— É por isso que existem os contratos nupciais, é por isso que somos tão rigorosos quando se trata da união de um sangue real.

Ri nasalado.

— Ainda continua sendo irreal e não fazendo sentido.

Eu não era um incrédulo, acreditava fielmente em Deus e tinha os meus momentos de oração, mas dizer que uma vingança poderia atravessa séculos de gerações parecia história de terror contada para crianças que faziam arte.

Era como se contos folclóricos se tornassem reais.

— Mas isso justificaria as ações de Augusta — meu avô foi direto roubando toda a minha atenção, levando a conversa muito mais longe.

— Como? — parecia que ele tinha finalmente chegado ao ponto onde queria, depois de me relembrar de toda história de Bash.

— As ações dela, por qual motivo ela estaria trabalhando com Martinez? Ou isso não é o ponto que estamos querendo chegar? Ou realmente acha que ela é a vilã da história?

Cerrei o maxilar, franzindo o cenho. O assunto correndo para outros lados.

— Acha que ela estaria atrás de uma mina escondida? Isso não me parece algo que ela faria. Ela é fã de histórias, mas não ao ponto de ser uma historiadora fanática — ela nunca negou sua paixão pelas histórias de Bash, afinal, tinha crescido ouvindo e se moldando a elas. Mas eram só histórias.

Histórias que agora estavam ditando o nosso futuro, porra.

— E ainda não consigo entender a ligação entre o incêndio e a vingança de Martinez contra os fundadores. Se é realmente ele que está por trás do rosto ceifador, por que Augusta se encontraria com seu agressor? E como não poderíamos saber quem era ele desde sempre? Como você não poderia saber?

Meu avô engoliu em seco.

— Há mais coisas ocultas em nossos bailes do que poderei dizer, Dominic, e eu nunca tive a oportunidade de ter um neto antes, com certeza a presença de Augusta provavelmente ativou algum gatilho que o fez se sentir atacado.

Isso era loucura, uma grande merda alucinante.

Eu acreditei quando ele disse que nossos pescoços estariam sempre na ponta da faca, acreditei quando disse que o incêndio de Augusta poderia ter algo a ver com nosso sobrenome, mas achava que era pelo poder, pela coroa. Mas não, é tudo por causa de uma maldita localização e histórias mal resolvidas.

— E o que motiva Martinez, ou quem quer que esteja por trás, a achar que ainda há algo para ser encontrado três séculos depois?

— Enquanto tiver um De Martino vivo, o segredo será velado.

— Está me dizendo que David e Leonara De Martino morreram por carregarem um segredo hereditário? — arqueei as sobrancelhas.

— Não só porque carregavam um segredo hereditário, mas porque possuíam o mapa com as localizações geográficas da mina.

— Então tudo isso é por causa de uma mina perdida?

— Não uma qualquer, é a mina de ouro que os fundadores de Bash exportaram.

Meu avô me olhava atento, esperando a minha reação, mas a minha cabeça estava cheia e preocupada demais para ir mais além.

— Mas ainda não faz sentido nenhum do porque *ela* nunca o entregou. Augusta sabia que acreditaríamos nela sem nenhuma prova. Ela não precisava de provas. Porra, por que merda Augusta está metida nisso?

Um silêncio incômodo nos saudou.

Queríamos uma resposta, mas não propriamente a verdade. A ansiedade comia minha respiração, fazendo meu coração disparar.

— Ou... — sua voz foi falha, chamando minha atenção, como se pensasse alto. — Ela pode não estar o acobertando. Pode ter algo que não estamos pegando, algo não está sendo contado

Pensei nas minhas palavras, se ela ainda não tivesse o mundo em seus pés, eu compraria para ela.

— Acha que Augusta sabe sobre as histórias? Acha que ela pode saber algo sobre a mina?

Minha boca amargou. Não conseguia assimilar tudo isso. Não conseguia assimilar as imagens da câmera com seu sorriso falso e sua melhor postura nos bailes.

Eu odiava estar por fora da sua vida, odiava estar por fora dos seus pensamentos. Augusta realmente tinha se tornado a rainha das mentiras, como uma vez tinha me dito.

Meu avô ficou em silêncio e uma maldita palavra pairou entre nós. Seus olhos cansados me alcançaram novamente. Algo se partiu dentro de mim.

O que realmente tinha acontecido na noite do incêndio? A impotência me arrastou, a raiva salpicando cada molécula da minha pele. O ar lutava em meu pulso.

Fitei o senhor que tinha muita mais idade que eu, mas que também tinha muito mais sabedoria.

— Eu penso... Eu penso que alguém muito maior está por trás da verdade. Alguém que a está ajudando talvez. Sabemos que o seu pai a acoberta em muitas coisas. Mas ainda sim ela teria que ter um conhecimento muito específico para saber o que procurar. Um conhecimento que só os antigos têm. O que vem outra questão, como Marllon sabe?

— Augusta sempre gostou de histórias — tentei justificar algo que não sabia.

— Mas essa não é qualquer história — seu tom abrandou e levantei meus olhos para onde meu avô olhava. O mesmo quadro que tinha na mansão Willians tinha aqui, em um formato menor. O quadro original. — É a história de Bash. É a história de Augusta.

Encarei o quadro que tinha os quatro homens que diziam ter fundado Bash. A vida pode ser uma bela merda quando ela quer. Uma merda capaz de te levar de volta para o abismo de confusões que você tanto lutava para sair.

Meses de dúvida, meses esperando por uma resposta que parecia estar na minha cara o tempo todo.

Todos os últimos meses passavam pela minha cabeça. Eu achava que nosso inimigo estava perto, mas não debaixo da minha casa e jantando na mesma mesa que eu. Porrra.

Eu estava amargurado.

Eu sempre soube que eles não tinham se dado bem, mas não que Martinez seria capaz de fazer mal à Augusta por causa de um passado distante.

Martinez também estava envolvido na morte do meu pai?

Porra.

Porra.

Porra, Martinez? Seu nome soava amargo na minha boca.

Algo maldoso me embalou, eu tinha um plano para Martinez, e o faria pagar por machucar quem eu amo. Por matar vidas que não eram dele por direito. Desmascarar seu reinado seria minha vitória. Comigo ele não teria vez, não importava o que Augusta planejava, isso teria que parar. Eu não deixaria que ela se afunda-se nisso.

Mas, primeiro tinha que arrumar uma bagunça que por tempo demais deixei se estender.

Augusta tinha entrado em uma briga que não era dela, eu não sabia como ela se encontrou nesta encruzilhada, mas sabia que tinha que buscá-la. Eu a tiraria de lá. Se ela não quisesse vir por bem, eu a forçaria a sair de onde quer que estivesse.

Porque ela não se esconderia por muito tempo.

Eu ia achá-la.

E depois a levaria para casa

38

PESADELO

AUGUSTA VENDETTA

PASSADO

O teto branco foi a primeira coisa que vi. Depois me senti presa nos braços. Então, a consciência me pegou primeiro que a minha percepção.

Viva. Eu estava viva.

Sentia dores em todos os lugares possíveis, sentia minha pele superaquecer e pontadas vivas despertarem no meu ventre.

Merda, eu estava viva.

Minha respiração doía, minha boca estava seca. Sentia a respiração entrar e sair rasgando dos meus pulmões, como lâminas afiadas. Eu não queria respirar. Eu não podia estar viva.

O medo me assombrou

A lembrança me atacou.

A intensidade do meu pavor fez o barulho da máquina ao meu lado apitar.

Merda. Eu estava *viva*.

O desespero me sobressaltou quando ouvi meus próprios batimentos cardíacos na máquina. Um batimento. O meu batimento. Um

batimento. Respirar estava difícil.

Tentei levantar minhas mãos, elas estavam presas. Merda.

Eu sentia dores, minha barriga estava doendo. Meu ventre estava doendo. Todo meu corpo estava pulsando e eu não sabia onde doía mais.

Martinez tinha me chutado, eu tinha sangrado. Minha respiração doeu mais ainda. Havia tanto sangue… Eu estava embargada no meu próprio sangue. Quanto tempo tinha se passado?

Eu queria sentir o meu bebê. Eu queria sentir qualquer coisa que não fosse o vazio infinito que ameaçava me engolir.

A merda do barulho da máquina não parou de apitar, e eu queria arrancar todos os fios que me ligavam ao aparelho barulhento. Aquele barulho tinha que parar. Eu tinha que sair. Eu queria ver a minha imagem. Queria ver o restante da Augusta que tinha sobrado.

Fechei os olhos com as lágrimas ardendo meu rosto sensível. Meu coração doía pra caralho, o choro descia como milhões de agulhas na garganta.

A porta se abriu e a primeira enfermeira veio me ver. Eu só ouvia o meu batimento cardíaco. A enfermeira sorriu para mim.

Eu tinha perdido o meu bebê, ela não precisou me dizer. As lágrimas mancharam a imagem do seu rosto.

Fiquei calada enquanto ela conferia as máquinas, e logo depois soltava minhas mãos presas. O anel ainda estava ali na minha mão avermelhada com um cateter preso. As lágrimas voltaram a descer e dessa vez não impedi os soluços. Tudo queimava como o inferno dentro de mim. Me sentia desamparada.

A enfermeira disse que o meu namorado estava louco para me ver, e eu acreditei nela. Porque estava louca para vê-lo. Estava louca para contar tudo a ele porque mal conseguia respirar com toda cena martelando na minha cabeça. Eu só queria Dominic, eu só queria que ele me dissesse que tudo ficaria bem. Porque tudo que eu queria era tê-lo por perto, mesmo que as coisas não estivessem nada bem. Não importava, eu o queria. Eu queria respirar o mesmo ar que ele. Dominic faria isso por mim, deixaria que eu respirasse seu ar por alguns minutos até que o meu pulmão enchesse completamente.

Então ela se foi, e a porta se abriu.

E não foi Dominic que entrou por aquela porta.

As lágrimas caíram dos meus olhos antes mesmo que sua boca despejasse ameaças contra mim. Contra Dominic novamente. Porra, não era para ele estar aqui, esse momento não era dele, nunca devia ter sido.

Porra, eu precisava do meu ar e ele foi tirado de mim. Outra vez.

Martinez foi implacável, e dessa vez ele não precisou me tocar para fazer um estrago na minha alma, para rasgá-la de uma forma perversa e vingativa. Naquele dia, quando ele me disse que eu me arrependeria de ter sobrevivido, eu acreditei.

E naquele dia, somente naquele dia, eu acreditei em todas as suas palavras, acreditei porque quase tinha morrido por suas mãos, as minhas mãos trêmulas não paravam de tocar a minha coxa de medo. E eu desejei, só naquele dia, ter morrido, porque sentia que tinha entrado em algo muito maior do que tinha planejado.

Eu tinha entrado em uma guerra com a morte.

Tinha entrado na toca do lobo sem querer. Tinha me tornado a ovelha acuada que esperava sem saber o dia do seu abate.

Naquele dia, Martinez tinha se tornado meu pesadelo.

Naquele dia, por questão de minutos entre uma visita e outra, eu tinha mudado a minha decisão. Porque a morte tinha entrado por aquela porta de uma forma diferente e eu já não sabia mais em quem acreditar.

Naquele dia, tudo mudou. Passado e presente em uma mesma sala causando sensações desafiadoras capazes de destruir qualquer coração cheio de esperança.

Naquele dia, diante do medo, eu decidi que Martinez seria o culpado e ele precisava pagar. Eu o faria pagar.

Então, a sala ficou vazia.

Então, Dominic finalmente entrou, e a coragem que eu achei que tinha havia ido para o ralo. De repente, eu só sabia chorar.

Chorar porque ele era a pessoa que eu mais amava na vida.

Chorar porque eu nunca esconderia nada dele.

Chorar porque não poderia dar a ele a honra de ser mãe de um filho dele.

Chorar porque ele era a pessoa mais incrível que tinha conhecido na vida.

Chorar porque eu tinha sido destruída.

Chorar porque teria que nos destruir da forma mais perversa possível.

Chorar porque de alguma forma, eu me sentia suja.

Chorar porque talvez eu não fosse merecedora dele.

Chorar porque tinha começado uma contagem regressiva para o nosso fim.

Chorar porque, para ficar com ele, teria que pôr a merda do espaço entre nós.

Chorar porque quando ele perguntou o que tinha acontecido, eu tive que mentir pela primeira vez e isso me destruiu.



Eu demorei a sair do hospital, fiquei internada quase um mês por conta da minha lenta recuperação e péssimas respostas emocionais. Nada ajudava, estava me corroendo de dentro para fora, estava me afogando aos poucos em uma depressão sem saída, na qual a cada vez que buscava respostas dignas das minhas perguntas só me sentia mais perdida.

Minhas perguntas não estavam sendo respondidas. Meus sentimentos estavam confusos e eu sentia me afogar me afogar e me afogar.

Então eu me afoguei, me remoendo em culpa e dizendo para mim mesma que não era capaz de sobreviver, eu experimentei a amargura mais profunda de perder um filho. Porque a dor não era só física, e não era só sobre os riscos que tinha corrido e a pequena cirurgia que tive que fazer. Era sobre impotência, vazio. Eu me sentia perdida nos meus próprios sentimentos.

Nada parecia fazer sentido e apenas uma palavra assombrava meus pensamentos.

E eu relutei durante um mês.

Um mês que tinha impedido qualquer pessoa de entrar no meu quarto de hospital. Isolada e sozinha por um mês. Eu não queria ver ninguém, eu não queria receber lamentos ou ter que explicar coisas que nem eu mesma tinha respostas. Eu não queria aceitar que eu teria que mudar.

Então o ciclo fechou e os meus globos melhoraram, e eu saí do hospital com a decisão que mudaria tudo.

Na primeira semana, eu fui atrás de informações, eu fui atrás do passado que pareceria muito vivo entre nós. Porque tinha que entender porque ficar perto do sobrenome Clifford tinha se tornado a minha morte.

Na segunda semana, tudo piorou, eu não parava de pensar naquela noite pois estava completamente obcecada pela minha dor. E foi quando esbarrei com Martinez pela primeira vez depois que ele tinha ido ao hospital que percebi que não estava com medo dele. Estava com medo de mim, do que poderia ter me tornado. Eu tinha que saber de tudo, então eu fui atrás dele com uma ameaça.

Na terceira semana, eu me destruí. Descobri que Martinez tinha uma longa lista de mortes em suas mãos e não estava nada disposto a se arrepender. Foi quando percebi que ele ia fazer de novo, de novo e de novo.

Então na quarta semana eu entendi Para destruí-lo eu teria que me destruir junto, eu teria que ferir os meus próprios sentimentos.

E tudo começou quando o primeiro investigador começou a farejar e eu tive que provar o quão longe estava disposta a lidar com a verdade. Porque o meu melhor jeito de lidar com a verdade foi contando belas mentiras em torno da vingança lenta que estava construindo ao redor de Martinez.

Porque eu poderia até morrer com esse desejo de vingança, mas eu faria o favor de levá-lo junto comigo.

39

PASTA AMARELA

AUGUSTA VENDETTA

Juntei as mãos em cima da mesa quando o homem de chapéu preto se sentou na mesa de um restaurante popular que ficava centralizado no centro de Bash.

— Dominic está te procurando — reto e grosso.

— Mentira.

Dominic não estava me procurando, dele eu só recebia silêncio desde que deixei seu escritório, e *isso* estava me perturbando. O nosso último encontro dilatava cada corte que as minhas próprias palavras causaram.

— E você não se importa com o sofrimento dele?

— Ele não pode ficar perto de mim.

Seu arquear de sobrancelhas foi claro, sua expressão desacreditada acompanhando suas palavras. Fabian era expressivo demais.

— Bem que desconfiei que o lado tóxico da relação sempre tinha sido você — balancei a cabeça incrédula pelo desaforo.

— Sério isso? Essas são as primeiras palavras que saem da sua boca quando me vê?

— Você mente e eu odeio pessoas mentirosas.

Fabian não cedeu um segundo usando todas as palavras para me atacar. Arqueei as sobrancelhas, pensando se me arrependeria ou não dessa decisão.

— Já estou arrependida de estar aqui — alfinetei sincera

— A mensagem dizia para não contar a Dominic, e *isso* me cheira a mentira. Uma que não vou participar.

— Contou a ele que mandei mensagem? — perguntei tensa. Foi um risco mandar mensagem para Fabian, um risco enorme dele trazer Dominic até aqui e tudo ir por água abaixo. Eu ainda não podia vê-lo, pois sabia que ele me arrancaria todas as verdades, porque eu não negaria a ele.

E eu ainda não podia arriscar ser descoberta por Martinez.

Mas ainda assim o receio me comia, ele era fiel a Dominic, não a mim. E mesmo se fosse, nunca o faria escolher entre a verdade e a mentira.

— Se eu tivesse contato ele estaria aqui, hum? — seu tom ácido me fez retesar.

— Você contou ou não?

Fabian bufou.

— Ele não me perguntou nada então eu não disse nada — respirei um pouco mais devagar. — Mas não pense que não irei contar a ele.

Eu sabia disso, mesmo assim valia a pena arriscar. Fabian era um bom aliado.

— E não é como se você tivesse me mandado mensagem em algum momento da vida. Aliás, fiquei muito surpreso. Acho que essa é a primeira mensagem que recebi de Augusta Vendetta na vida.

Algo doeu em mim. Uma lembrança. Merda, eu nunca tinha lhe mandado alguma mensagem, mas nunca iria esquecer da *sua* mensagem enquanto estava internada.

Limpei a garganta.

— Supere isso.

— Estou superando, sou ótimo nisso, devia aprender comigo, aliás.

Cerrei os olhos

— Vai à merda.

— Me chamou aqui para distribuir xingamentos gratuitos?

Bufei. Nunca teríamos uma conversa normal. E isso me faria rir em outras circunstâncias se eu não tivesse pressa em arrumar a minha bagunça.

Retomei o tom sério e direto.

— Claro que não

— Então?

Tomei um último fôlego antes de começar a dizer, pois sabia que ele não ia facilitar para mim.

— Como se fosse fácil — resmunguei baixo, sabendo que Fabian tinha ouvido.

— Pode começar falando por que está sumida e por que deixa Dominic doido e não permite ele te ajudar nas suas merdas. Ele não devia ser o amor da sua vida?

— É mais complicado do que parece.

— Agora nada parece complicado, você está aí e tudo que vejo é alguém tentando fugir e se afogando em mentiras.

Apertei minhas mãos uma na outra, não querendo me arrepender de ter chamado ele. Soltei uma risada da minha própria desgraça. Eles eram iguais.

— Já pensou que fugir pode sempre ser a melhor opção? As pessoas morrem porque tentam ser heróis.

Mas Fabian me olhou incrédulo, balançando a cabeça.

— Eu sempre apostei minhas fichas que você não era do tipo que *fugia* dos problemas — desafiou, falando sobre tudo que aconteceu depois do incêndio. Ele lembrava da minha constante fuga em esconder a verdade de Dominic. Porque ele sabia de tudo, Dominic tinha contado a ele.

Então eu quis rir da situação, porque era uma merda a se pensar que bastava alguém acertar um ponto exato para desmanchar toda sua muralha.

— Eu não sou tão forte assim — soei sincera. Porque eu não era, era uma medrosa tentando amargamente ser forte e falhando todas as vezes.

— É ou não quer?

— Não te chamei para falar sobre meus medos.

— Então me chamou para quê? Para saber como Dominic está? — Fabian estava atacando de forma cruel com suas palavras. Mas decidi que não iria cair nessa pilha. Eu precisava de algo.

— Não, eu preciso que pegue a pasta amarela para mim. Está no escritório de Dominic. E leve na coroação. Vamos fazer uma troca.

— E por que eu faria isso? Pegue você mesma.

— Não posso.

— Que pena.

— Eu não posso vê-lo

— Acha que ele vai te pressionar a falar?

Não era *isso*.

Mas naquele momento senti o meu coração claro para meu emocional. Faltavam cinco dias para o dia quatorze, e eu sabia que não teria como escapar desta data. Não teríamos como evitar, e eu previa que seria tão avassalador como um ano atrás.

— Ou melhor, acha que Dominic não sabe sobre Martinez?

Arqueei surpresa, não. Ainda não, merda. Como…

Karen. Maldita.

Merda. Ela tinha dado informações antes de eu entregá-la?

Talvez por isso *seu* silêncio absurdo. Dominic sabia sobre Martinez. O quanto ele sabia?

Não que Dominic fosse obrigado a me mandar mensagem, mas era como um conforto ter as malditas mensagens que abalavam meu dia. Era como um sinal que ele ainda estava tentando.

Significa que ele não tinha desistido.

Encostei na cadeira tomando um fôlego. Se Dominic sabia de Martinez, então sabia que ele esteve em nossa casa na noite do incêndio.

Minha respiração doeu e senti meu peito se partindo em pedaços minúsculos incapazes de serem restaurados. Era uma dor intocável.

Merda. O desespero me assolou querendo destruir o resto de controle que ainda tinha.

Dominic não iria me procurar, não quando ele já sabia de tudo. Não quando ele já sabia quem tinha me machucado. Não quando sabia que eu sabia que era meu agressor e mesmo assim não delatei.

— O que Dominic sabe? — minha voz era branda, quase falha. Com medo de ouvir suas palavras. — O que Karen disse?

Fabian me olhou e analisou meu rosto que provavelmente estava em frangalhos. Uma risada baixa vinda dele deixou-me atenta.

— Como sabe dela? — perguntou em um tom baixo, não era curiosidade, era mais como preocupação. E percebi o meu erro.

— Eu apenas sei, não peça mais que isso.

Foi a vez dele cerrar os olhos.

— Você a matou? — soltei um suspiro pelo nariz, o clima tenso se quebrando.

— Seria muito ruim se eu tivesse?

Fabian deu de ombros aliviando sua postura.

— Acho que tiraria seu posto de medrosa.

Batuquei os dedos na mesa como uma mania ansiosa. Algo parecia ter mudado ali.

Um dia Dominic me disse que não sabia explicar o sentimento que tinha por Fabian, não sabia explicar o quão familiar ele tinha se tornado ao ponto de querer confiar a proteção do nosso filho. De confiar um sacramento que era tão importante para ele.

Então naquele momento eu entendi, era o mesmo que eu sentia com as minhas irmãs. Um sentimento fraternal que não tinha como explicar. Não importava a raiva que você sentia daquela pessoa, você tinha aprendido a amar e a proteger ela independente dos seus erros.

Fabian queria fazer isso comigo.

— Você pode fazer a troca?

— Você vai voltar para casa?

Engoli em seco.

— Eu vou voltar para casa — disse firme, porque era uma coisa que queria. Porém, no entanto... — Eu vou voltar para casa depois que vingar e honrar a minha casa.

Então ele apenas acenou e não disse mais nada.

E não precisava.

Fabian tinha conseguido mexer com eles, o que tinha ficado muito feliz e satisfeita por saber que ele estava lidando bem com isso. Com a ameaça de Gonzales fora, Fabian se infiltrou exatamente como Dominic planejava. Porque eles se recusaram a ter um novo membro, e isso fazia com que os apoiadores perdessem força, o que automaticamente me beneficiava porque Martinez já não tinha tanta força dentro da AAB.

E sem força política, ele não era nada.

Eu juntei amargamente cada dia após Martinez ter entrado pela porta da minha casa, contei e engoli cada desaforo, cada ameaça. Cada olhar. Eu aprendi minha lição da forma mais dolorosa possível e machuquei o meu coração mais vezes que suportei. Eu me tornei um muro, uma lápide afiada que sabia muito bem quais armas usar.

Martinez não só tinha ameaçado a vida de Dominic e matado o meu filho, ele tinha entrado na minha casa e roubado a minha honra. Roubado um sonho que ansiava viver.

Um sonho que custaria caro para ele.

Tão caro quanto sua fé de que iria encontrar a maldita mina que estava enterrada em Bash há séculos.

Eu não quis acreditar quando os fatos sobre a família fundadora chegaram aos meus olhos. O fato de que essa cidade tinha sido construída em cima de sangue e mortes, e que alguém sentia o direito de tirar uma vida por causa de uma crença implantada em gerações.

Porque era nisso que Martinez acreditava, em uma crença de que seus antepassados tinham sido enxotados de suas próprias histórias.

Então tinha decidido que também tiraria os sonhos dele, mesmo que eu também perdesse um pouco de mim no caminho. Porque valeria a pena, valeria a pena ver tudo que ele um dia acreditou estava sendo destruído.

Eu iria destruir a maldita mina e deixaria Bash saber o quanto sangue poderia ser derramado por uma única lágrima.

Um ano. Foi um ano vivendo nas sombras das mentiras.

Um ano do início do meu desastre.

Eu não tinha feito as melhores escolhas, muito menos os melhores caminhos. Escolhi as mentiras ao meu coração, escolhi me esconder ao invés de trazer à tona tudo que tinha vivido.

Escolhi que não iria apenas sobreviver.

Depois que acordei naquele hospital tinha tomado a decisão mais dolorosa da minha vida. Um coração em troca de uma vida.

Eu não me considerava rancorosa ou qualquer coisa do tipo, mas confesso que a amargura de estar rodeada por um mar de sangues e vinganças me equilibrou. Me fez perceber que o meu coração não estava blindado o suficiente e que eu não era suficiente para me proteger, quem diria proteger Dominic.

E por mais que sentisse que ele pudesse me dar o mundo na hora que eu quisesse, eu tinha que fazer isso não só por ele, mas por mim também.

Então tomei a decisão por mim, por nós. Porque eu não poderia viver à mercê de um passado que se sentia no direito de ditar as regras do futuro. Que se sentia no direito de matar e ameaçar quem amava apenas porque era conveniente.

Eu estava sendo moldada, e bem, estava pronta para destruir a maldita mina.



SEGREDOS

AUGUSTA VENDETTA

A primeira regra das mentiras era que você tinha que ser a primeira a acreditar nelas. Você tinha que ser a primeira a comprová-la e arriscar tudo que tinha para provar um ponto que não existia.

Bem, isso me parecia fácil, ou deveria ser depois de tantos meses ensaiando as mesmas palavras. As mesmas ações. Não importando o que acontecia ou quem se machucava, você tinha que se manter forte. E chegava um momento que tudo explodia, e que nada e nem ninguém poderia te ajudar, a não ser você mesmo.

Ainda assim, tinha decidido *mentir uma última vez*, como um vício que te sobrecarregava sugando todas as verdade que você detinha. Esperando por um fim certeiro que te arrancaria de lá a qualquer instante.

Eu tinha que ser mais uma vez a vítima do pesadelo que achava ter direito sobre a minha vida.

— Suas mentiras irão te matar — sua voz era afiada, como uma lâmina pronta para fazer seu melhor corte. E naquele momento eu admirei sua coragem, porque ela parecia estar tranquila.

— Acha que eu ligo pra isso? — respondi irônica.

— Eu acho que você liga para muitas coisas, mas é uma vaca medrosa.

— Bem, pelo menos não sou eu que estou presa porque fui burra o suficiente para meter o nariz onde não devia, *Karen* — seu queixo tremeu e sorri satisfeita. — E pessoas burras morrem cedo.

Mas isso não a amedrontou, pois sua resposta foi rápida, deixando-me *satisfeita*.

— Como eu iria saber que me convidar para um drink seria um jeito de entregar a minha cabeça? Isso não pareceu um bom jeito de começar uma amizade.

Seu nariz empinado não abaixou, e cerrei os olhos para seus punhos fechados. Sua boca machucada dizia completamente o contrário do seu corpo. Ela estava presa naquela merda de cadeira há alguns dias, e mesmo assim tentava manter uma posição calma e tranquila.

Cerrei os olhos atenta às suas palavras, batucando os dedos na mesa na qual estava escorada.

— Está com medo?

— Eu tenho cara de que estou com medo?

Ri nasalado.

— Devia tomar cuidado com suas palavras — minha voz saiu firme, como um aviso. E travei o maxilar quando ouvi a trinca da porta estalar.

O maldito abriu a porta, deixando o ambiente tenso.

Cacete. Cerrei os punhos controlando a respiração, o meu coração querendo dar sinais desesperados que eu não poderia entregar. Nenhuma quantidade de mês seria suficiente para me acostumar com a sua presença. O fogo, a raiva, a dor, tudo virava um montinho que eu mal conseguia controlar.

Era quase impossível respirar perto de Martinez. Era como estar com a morte. Era como sucumbir ao terror gravado em minha mente.

Eu odiava vê-lo. Odiava estar no mesmo ambiente que ele. Eu preferia a morte cem vezes ao encarar seu rosto monstruoso. Porque era isso que ele era pra mim, um monstro. Um monstro que tentava me matar todos os dias. Um monstro que eu tinha nojo e queria correr.

— Conhecendo melhor nossa amiga? — Martinez perguntou rígido.

Olhos de Karen arregalaram, ela tinha toda razão para contrair o seu corpo. O meu estava a um passo do colapso.

— Vai matá-la? — perguntei, olhando para a investigadora.

— Você quer a vadia morta? — riu maldoso sem responder de fato minha pergunta, e também não me dei ao trabalho de contrapor.

Não queria olhá-lo, temia vomitar.

— Como se eu decidisse alguma merda — ri sem um pingo de graça.

— O que faz aqui, Augusta?

— Queria vê-la.

— Queria ver a sua debutante? — debochou, me fazendo trincar o maxilar. — Ficaram amigas agora? Ou veio fazer o serviço sujo?

— Queria saber por que cartas estão chegando para Dominic.

Eu devia calar a minha boca, mas eu *precisava* que Martinez soubesse

— Que tipo de cartas? — sua voz soou alarmada, e eu soube que o destino de Karen não era bonito.

— Dominic sabe que você tentou me matar porque cartas *dela* estão o incomodando — acusei, jogando a culpa para Karen.

Ainda não tinha digerido essa informação. Saber que não existia mais nenhum segredo que nos afastava me perturbou.

— Você *ainda* está despejando mentiras, espiã?

— Não é mentira quando se tem provas para revelar o merda que você é — Karen cuspiu as palavras, e uma pequena diversão saudou seus lábios.

Eu diria que ela era uma mulher de grande coragem. Mas nem sempre a coragem te salvava.

— O que estava escrito na carta?

— Não sei, se eu soubesse não estaria aqui nessa imundice.

Eu vi o semblante de Martinez mudar, e sabia que tinha atingido algo ao implantar imprevistos em sua cabeça. Ponto.

— Saia — sua raiva espumou e eu não pensei duas vezes antes de partir.

— De qualquer jeito, ela não é da minha conta e eu não me importo, só queria avisar que Dominic sabe.

Poderia ser uma grande mentira, mas não era. Porque quanto mais você era machucada, menor as coisas ao seu redor tinham importância.

Eu era uma vadia por deixar ela ser machucada, mas não era como se eu pudesse fazer algo por ela. Porque fazia parte do plano colocar ela

perto de Martinez e. bem, tinha feito a minha parte.

Eu tinha entregado Karen para Martinez como tinha combinado com a *própria* antes dela entrar no bar e ser levada por homens a mando dele.

Deixei-me convencer quando ela me disse que se eu a colocasse perto do meu pesadelo, me daria o que eu queria. Porque a espiã tinha um plano muito bem elaborado para me contar quando nos encontramos, e eu me perguntei qual era a sua real motivação com Martinez. Ou melhor, como sabia o que *eu* queria.

Eu já tinha tudo que precisava, e ela era apenas uma pessoa querendo antecipar meu caminho, ameaçando contar tudo a Dominic antes dele realmente precisar saber. Ou pelo menos estar preparada, já que Dominic saber a verdade significava meu fim. Significava que não teria mais nada entre nós e ele poderia me deixar.

Porque a verdade uma hora chegaria, e eu só precisava estar pronta o suficiente para encará-la.

Então ela me disse que manteria a boca fechada desde que eu a entregasse. E isso foi uma tarefa fácil demais, dar mais munição a Martinez deixando que ele achasse que nada o pararia.

Ela era uma investigadora que estava disposta a lutar e eu era uma mulher que gostava de tirar proveito.

Karen de alguma forma sabia da história de Bash, e isso me assombrou por alguns dias. O que devia explicar por que ela ainda estava viva. Então barganhei os meus segredos por sua própria morte, porque era isso que ela estava fazendo se enfiando na podridão de Martinez.

Saí depressa, abandonando a sala que a espiã estava, sem culpa nenhuma. Não dava para salvar todo mundo, principalmente quando não conseguia salvar nem a mim mesma.

Manti os passos firmes sabendo quem encontraria no final do corredor. A casa velha que demorei a encontrar ficava distante do centro de Bash, estava na parte leste, onde provavelmente havia mais pessoas como ele do que gostaria.

Aquela região fedia a podridão, e não me sentia à vontade em nenhum segundo por andar por essas ruas.

O barulho dos meus saltos foi o aviso da minha chegada à sala composta por uma mesa grande no meio e várias cadeiras ao redor.

— Gostou do que viu? — Gonzales perguntou, não se dando o trabalho de levantar os olhos para mim.

Não respondi, apenas passei o olho nos papéis que eles mexiam em cima da mesa. Estava regendo cláusulas e tinha gráficos com uma grande quantidade de zeros.

— Ou já está pronta para sair correndo e contar para o papai? — Gonzales voltou a me importunar. — Eu aposto que você gostaria de contar a ele — insinuou amargurado, e eu sabia que ele estava fazendo de propósito, testando minha paciência e os meus pontos fracos.

Havia mais dois homens que eu desconhecia o nome, mas conhecia bem demais os rostos. Gonzales armava com Martinez, e isso me deixou perturbada ao saber que essas pessoas eram do círculo íntimo de Dominic, e eu me senti muito mal e enjoada ao saber que não poderia fazer nada.

Não até a coroação.

Ainda me perguntava como tinha chegado aqui, e o quão podre tinha me tornado para fazer sala com os urubus. Embora tivesse a resposta na ponta da língua todas as vezes.

Destruí-los.

— Eu realmente gostaria de saber como seria ver sua bunda sendo lixada da Associação... Oh espere, você não está mais na associação — lembrei-o da última reunião e o seu maxilar travou.

— Cuidado com suas palavras, criança — era uma ameaça clara, como tudo que saía de sua boca.

Só mais uma para a saca enorme que tinha acumulado durante os meses.

— Estou tendo — abri um sorriso sem dentes.

— Bem, não parece, pois novamente estamos limpando um deslize seu.

Ri pelo nariz sem um pingo de graça. Estavam falando de Karen. Porque tudo de errado que acontecia era minha culpa.

— Não me importo.

Rodiei a mesa, parando na soleira da porta que dava para o hall principal. Já tinha feito tudo que precisava e estava pronta para partir. Ainda tinha que encontrar meu pai.

— Pois devia, você andou sumida e Martinez não está feliz com o resultado da mesa.

— Não é culpa minha se Dominic trouxe à mesa seu segredinho sujo — que eu tinha amado, ver a cara de Gonzales foi impagável. Mesmo que outra pessoa poderia sofrer as consequências por deixá-lo infeliz.

— Mas é culpa sua não fazer nada para impedi-lo — a voz de Martinez saltou na entrada que vinha do corredor, a mesma que eu tinha passado.

O leve tremor do meu corpo passou despercebido quando cruzei os braços, minhas unhas arranhando a pele por cima da manga.

— Acha que tenho controle sobre ele?

— Não é você que fode com ele?

— Não.

— Devia começar a acreditar mais nas suas mentiras, garota, talvez algo começasse a dar certo — Martinez desfez das minhas palavras sentando na mesa e abrindo o notebook.

Cerrei o punho e mordi a língua.

— Bom, deve estar feliz agora que não há mais ameaças.

O homem à minha frente sorriu enquanto eu despejava meu humor amargo em cima dele sem nenhum remorso.

— Você sabe o que me fará feliz.

— Então eu devo morrer antes que eu me rebaixe ao seu sobrenome.

Ele me olhou com desdém, e eu não cedi minha postura. Me transformando em um muro sólido e vazio, onde a última coisa que me importava era se as minhas palavras estavam machucando alguém.

Na verdade, naquele momento, eu queria mais do que tudo que ele fosse machucado. Ele era louco, eu nunca me casaria com um porco.

Respirei lentamente, sem medo ou receio do que minhas palavras poderiam me causar.

— Fiz tudo que você pediu, me devolva meus exames.

— Fez?

— Os documentos das propriedades de Bash também estão todos aí.

— Estão?

— Não tente jogar comigo novamente, Martinez, você não vencerá.

Seu sorriso diabólico me fez trincar o maxilar.

— Vencer algo que já está ganho? Me admira você achar que ainda há alguma guerra para vencer.

— Não vou discutir, só quis avisar que Dominic sabe, e agora não tenho mais controle sobre nada.

— Você nunca quer discutir, hum?

— Não me trate como se fôssemos amigos, porque não somos.

— Sempre com pressa.

— Sempre querendo distância de você.

— Tsc — estalou a língua e seu corpo escorou na cadeira relaxado, como se quisesse prolongar um assunto que eu já achava ter terminado. — Mas você assinou o contrato, e isso não estava no nosso combinado. Ou esqueceu o que me prometeu?

Ri sem graça, sem querer dar muitas respostas, mas ainda assim desejando muito ver sua cara ao descobrir a verdade.

— Eu não assinei nada — disse simples, precisando que ele soubesse disso também. — Ou se esqueceu que o único contrato que assinei você queimou junto comigo?

Essas palavras doíam como fel, porque eram a prova de que só uma parte de mim tinha sobrevivido. Martinez cerrou os olhos como se quisesse detectar uma mentira minha. Fiquei tensa, querendo ir embora o mais rápido possível.

Não importava quanto tempo passasse, o medo daquela noite era muito maior que a raiva e o nojo que se acumulava em cada parte do meu corpo.

Eu desejava a morte para Martinez.

— Devia ler os papéis que passa pela sua mão — arrisquei um deboche, que foi muito bem-vindo pelas minhas mãos nervosas que coçavam em busca de ação.

Mas Martinez não me respondeu, preferindo não tentar discutir que provavelmente Dominic tinha o feito de palhaço. Mas não importava.

Seu silêncio me confirmou que provavelmente algo tinha passado de sua vista, e ele não iria ser idiota para me admitir isso. Mesmo que eu tivesse insinuado.

— Falta a pasta amarela — pontuou pensativo e cerrei os punhos.

— Não tem como.

— Eu quero a pasta amarela.

— Busque-a.

Martinez fechou os olhos, espalmando a mão na mesa. Todos me observavam. Todos esperando a garota ser queimada novamente.

— Traga a pasta amarela para mim, é uma ordem.

Engoli em seco, tudo se rasgando dentro de mim mais uma vez. Tudo se despedaçando.

Mais um dia. Até a coroação.

— E ainda não terminamos, ou esqueceu que você tem uma promessa a cumprir? — sorriu maldoso.

Silêncio.

Um suspiro.

Outra ameaça.

A minha partida nunca foi tão rápida.

O medo ainda tão vivo quanto um ano atrás.

Sem responder, me virei, deixando mais uma vez a toca do lobo.

Há guerras que não há como perdê-las, ou você ganha ou você morre.

E dessa vez, eu não queria morrer.



MEIA-NOITE

AUGUSTA VENDETTA

Dominic sabia da verdade.

Dominic sabia sobre Martinez.

Dominic não me procurou.

Dois dias para o baile final e um total silêncio do outro lado da linha.

Isso estava acabando comigo, sentia-me sozinha mais do que nunca. E a única culpada por isso era eu mesma. Talvez ele tenha cansado de esperar.

Talvez nada disso valesse a pena.

— Você não devia sair — Apolline tentou me convencer do contrário, seu tom de preocupação pesando mais que as últimas quinhentas vezes.

— Eu preciso sair — minha resposta era simples, e aproveitei o espelho para passar um batom escuro, marcando bem meus lábios. Uma perfeita máscara. Saí do closet procurando meus sapatos, provavelmente meus pés estariam destruídos amanhã pela escolha de salto.

Mas naquele momento eu não ligava. A dor parecia uma droga tentadora que eu ansiava experimentar naquela noite.

— Amiga, você não pode sair assim.

— Não só posso como vou.

— Augusta.

— Esse ainda é o meu nome.

— Você não vai sair.

— Que dia ótimo para reforçar que em mim ninguém *manda* — cantarolei a última palavra, e conferi meu rosto, irreconhecível por mim. Eu não era essa mulher, mas estava pouco me fodendo.

Estava pouco me fodendo para qualquer coisa hoje. Nada importava o suficiente.

Hoje não.

Apolline respirou fundo e vi pelo reflexo do espelho ela passar a mão no rosto e olhar para o teto.

— Francesca te prenderia até seu juízo voltar — sua resposta não foi bem-vinda por mim, porque meu peito já estava doendo demais para uma perda, agora lembrar de duas?

— Oh que *peninha*, ela não está! Olha que maravilha, abandonadas pela melhor amiga sem direito a satisfação. Olha outra coisa que eu não me *importo* — minha voz ácida fez ela bufar e tentei lembrar a última vez que tinha falado com Francesca. Ela provavelmente estava enfiada em algum barco no meio do nada à beira mar. É o que ela falou que faria antes de partir meses atrás.

Ri amarga, os pais de Francesca mortos era outra merda que eu tinha me enfiado. O que todos fariam ao descobrir que nossos lutos foram inválidos? Eu realmente era uma cadela traidora.

— Ok, já entendi, está impossível de conversar com você agora — Apolline saltou da minha cama e ajeitou o vestido dourado no corpo. — Você venceu. Onde está pensando em ir?

Eu queria ir para qualquer lugar que não fosse a minha própria cabeça. Eu queria ir para qualquer lugar que não me lembrasse a sensação de estar sufocando. Porque ela viria.

Então sorri para minha própria imagem no espelho.

— Vamos para o centro de Bash.

****

O lugar cheio era uma boate qualquer, sentia meu corpo quente e a abertura nas costas do meu vestido não parecia suficiente para diminuir o calor que incendiava meu corpo. Merda, sentia minha cabeça zonza com o som alto e o grave infinito da música que não parava um só segundo.

Estava eufórica.

Mas isso era bom.

Não tinha bebido muito, mas os drinks tinham sido suficientes para que minha mente voasse para longe, me tirando do chão, me levando para longe onde ninguém conseguiria me alcançar.

Remexi meu corpo sendo levada para o meio do salão, sendo engolida por rostos desconhecidos na esperança de parar qualquer resquício de dor que ameaçava se instalar.

Faltavam duas horas.

Alana veio dançar comigo e me acompanhou quando busquei mais um drink. Depois Chiara chegou junto com Isla, e vi Nina de braços cruzados com Polly. Ela tinha chamado as meninas para me fazer companhia, porque eu disse a ela que ainda me sentia sozinha e ela me abraçou. Acho que só eu estava bebendo.

Talvez eu nunca me sentisse completa de novo.

Sentia saudades de Francesca.

Eu não estava bêbada o suficiente.

Uma hora.

Eu estava dançando de novo, muito mais eufórica dessa vez. A pista também estava mais cheia e a minha respiração entrecortada tirava todo meu fôlego.

Estava sendo amassada, corpos desconhecidos colados ao meu. Eu não ligava para nada disso. Eu só não queria sentir.

Porque me sentia a pessoa mais miserável ali. A pessoa mais impotente.

Eu era feia por dentro, tinha apodrecido junto com as minhas mentiras.

Então continuei a dançar e o balanço do meu corpo chamou atenção, eu sentia olhos desconhecidos em mim, olhos com más intenções. Olhos que não eram os *dele*. Eu estava *o* perdendo.

Balancei a cabeça, acompanhando o grave da música, e passei a mão pelo meu corpo totalmente embriagada pelo momento.

Estava perdendo.

Perdi as minhas amigas de vista no meio da multidão, mas não parei de dançar.

Um rosto estranho estava se mexendo na minha frente, franzi o cenho, mas não parei de dançar. Ele estava dançando comigo e eu não me importei. Porque nada importava. E as consequências daquela brecha logo vieram preencher todo o vazio dentro de mim.

Aquela pessoa estranha me ofereceu um copo de bebida e um sorriso bonito, eu neguei com um balançar de cabeça. Mas não foi o suficiente, ele me ofereceu de novo e dessa vez fiz questão de bater a mão no copo e derramar o líquido no chão, sem paciência alguma de ficar recusando *macho*.

Mas o homem não desistiu, e se aproximou mais de mim com o mesmo sorriso bonito. Ele era loiro, alto e parecia ter um ótimo porte físico. Cerrei os olhos, parando de dançar. Curiosa com suas próximas ações. E o homem quase cumpriu o que queria. Quase. Porque eu sabia que ele ia tentar me beijar.

E segundo…

— É serio isso, porra?

Dominic estava ali. Ou uma versão muito zangada, porque seu olhar era impiedoso comigo, como se estivesse gritando em seus pensamentos.

Parei eufórica, ansiosa por suas ações. Meu coração corria acelerado e a minha respiração saía pela boca.

— Saia.

Gelo. Sua voz estava gelada. O estranho saiu, seu olhar me castigou e eu senti que poderia cair ali mesmo.

— Continue dançando — ordenou e o crepitar agudo acendeu meu corpo novamente.

Então continuei dançando porque poderíamos ser duas pessoas distantes, mas ele ainda continuava sendo a pessoa que mais confiava no mundo. E ele seria a única pessoa que eu confiaria nessa noite.

Dominic continuou parado me olhando, sem me tocar ou falar. Somente ali, me segurando com o olhar. Meu mundo tinha sido reduzido, e eu não consegui traduzir suas expressões, ele estava distante e eu sabia exatamente a causa disso.

Continuei dançando, o calor inebriando cada fibra, fazendo-me saltar e gritar de ansiedade. Meu coração acelerado tentando acompanhar toda a confusão de sentimentos que estava prestes a estourar.

— Que horas são? — perguntei alto, provavelmente gastando todas as minhas cordas vocais.

Dominic levantou o pulso e cerrou os olhos para os pequenos ponteiros. Seu olhar atento me prendeu novamente

— Meia-noite — seus lábios gesticularam.

Minha garganta queimou, a onda de sentimentos me pegando desprevenida e fazendo doer cada pedacinho em mim.

Meia-noite.

Meio-noite já era o dia que ele tinha morrido.

Meia-noite e já fazia um ano desde que meu coração tinha sido destruído.

Meio-noite e Dominic estava bem ali na minha frente, me segurando.

Meia-noite e eu ainda sentia meu peito se abrir e arder e rasgar e queimar e sangrar e lutar contra a fumaça que lutava para entrar.

Merda, ainda estava doendo para caralho.

Merda, Dominic estava bem aqui na minha frente, assistindo a parte mais feia e frágil se esparramar em frangalhos. Então olhei em seus olhos, e o rio escuro me esquentou, acolhendo tudo em mim, inclusive a minha fragilidade que ameaçava se esparramar pelo chão.

Eu precisava disso. Precisava dele. Só por hoje. Não importava que ele me mandasse embora depois.

— Ainda está doendo — gritei alto para um Dominic que ainda estava com os braços cruzados na minha frente, me observando, sem se incomodar com as pessoas nos empurrando. Sem se importar em estarmos em um lugar tão sujo como esse. — E eu quero mais drinks!

Uma dose de álcool parecia a resposta certa.

Dominic ofereceu sua mão direita que aceitei instantaneamente, então ele saiu me puxando e abrindo caminho para que passássemos até chegar ao bar do outro lado. Dominic me sentou no banco estreito.

— Qual você quer? — perguntou sério, atento a cada detalhe meu, como se quisesse absorver cada nó que estava sendo torcido dentro de mim. E ali senti uma tensão que fez minha respiração falhar. Ele não estava sorrindo.

— Qualquer um.

— Uma dose de whisky, por favor — falou para o barman que acatou seu pedido rapidamente. Arqueei as sobrancelhas.

— Eu não gosto de whisky.

— Não é para você gostar.

Então percebi que ainda estava muito sã, pois a raiva queimou meu peito por ter Dominic tão perto e tão grosso.

A bebida ficou pronta.

— Bebe tudo.

Ele mandou e engoli em seco, piscando rápido e engolindo todo líquido que me foi oferecido. Era horrível, queimou tudo dentro de mim, quis cuspir no chão o ácido que queimava minha boca e fazia amargo o doce que os drinks tinham me proporcionado.

— Horrível — fechei os olhos com meus ouvidos zunindo pela música muito alta. Abri os olhos e Dominic me encarava profundamente. — Você não vai beber?

— Eu bebo de você — sua voz era impassível, não deixava brechas para brincadeiras e atropelava tudo e todos que ameaçavam chegar muito perto. Ele estava chateado.

Ele estava chateado e mesmo assim estava aqui.

— Como? — abri um sorriso nada sincero, mas cheio de maldade. Iria testá-lo porque era o que fazia de melhor. — Da sua boca.

A frase saiu como uma promessa.

— Para isso você teria que me beijar, e você não vai me beijar — apontei frustrada.

Mas Dominic não me respondeu, então pediu novamente ao barman para que colocasse mais whisky no meu copo já vazio.

— Bebe.

— Vai me embebedar? — alfinetei, pegando o copo e bebendo de novo.

Horrível pra porra, mas dessa vez quis cuspi menos. Virei o pescoço, procurando minhas amigas na pista, e ainda conseguia enxergar elas com perfeição. Tudo ainda parecia normal.

— Você disse que queria álcool, estou apenas te dando.

— Eu falei que queria drinks!

— Drinks são leves demais.

Cerrei os olhos. O desafio claro. O desafio que eu queria pagar para ver. E novamente percebi que não importava com o que ele me desse, nunca seria o suficiente para me fazer esquecer. Mas hoje eu queria tentar.

— Não me dê banho — avisei brava e isso fez seus lábios abrirem para um sorriso finalmente.

— Estou anotando seus pedidos, não se preocupe, sou ótimo com memória.

Então seu rosto sério foi se transformando em um rosto sacana cheio de segundas intenções no decorrer da noite.

Pelo menos para mim parecia que seu rosto estava relaxado. Ou eu que deveria estar mais relaxada.

Porque Dominic me deu mais outro copo.

E depois mais outro.

E outro.

Ele me deu limão com sal, e franzi o cenho percebendo que isso era muito bom.

Depois tomei duas garrafinhas de água.

Acho também que bebi água de coco, mas isso não fazia sentido nenhum. Minha mente estava embaraçada e não sabia mais o que estava bebendo.

As minhas amigas vieram para perto de mim, então todas nós estávamos debruçadas no balcão rindo muito. Sequer lembrava o motivo. Mas lembrava de ter meu corpo muito quente e uma vontade constante de enfiar as mãos no cabelo de Dominic, que não se deslocava um segundo do meu lado ouvindo todas as merdas que saíam da minha boca.

Estava feliz e tudo era leve. Tudo tinha se tornado simples e sem drama.

— Eu preciso ir ao banheiro — cochichei e Dominic assentiu, segurando minha cintura e me guiando.

Estava tão aérea que só depois de muito andar que reparei no fato de que era Dominic quem estava abrindo caminho entre as pessoas dançando até pararmos numa porta preta escrita “restrito funcionários”.

— Por que estamos aqui?

— Eu não consigo te ver no banheiro feminino.

Ver era igual ajudar. Ele queria ver se eu não me espatifaria sem o seu braço forte me segurando.

Dei de ombros.

— Não sabia que conhecia aqui.

— Eu não conheço. Só paguei para que pudéssemos usar um banheiro que não estivesse cheio de gente.

— Isso faz muito sentido.

Apertei seu braço quando tudo ficou escuro depois que a porta se fechou, nos deixando para dentro. Dominic ligou a lanterna do seu celular e me perguntei onde estaria o meu.

— Onde está meu telefone? — procurei no meu decote, não encontrando nada.

— Está comigo. Precisa dele agora?

— Pode ficar com você.

Quis falar que a única pessoa que ligaria estava bem aqui, mas mordi os lábios. Depois de andarmos por um estreito corredor, Dominic parou em frente a uma *portinha* branca.

— Acho que é aqui.

— Você vai entrar comigo? — abri um sorriso forçado tirando uma risada dele.

— Estamos na fase *engraçadinha* agora?

— Estou apenas conferindo

— Conferindo se ainda lembro do seu pedido?

Não respondi e entrei no pequeno quadrado para fazer xixi.

Abri a porta alguns minutos depois.

— Preciso de ajuda — virei meu corpo, deixando que ele visse o zíper do vestido aberto, mostrando toda minha coluna, inclusive a minha calcinha.

Prendi a respiração quando seus dedos tocaram minha pele sensível, procurando o zíper e subindo-o lentamente. Minha pele parecia sempre sensível ao toque dos seus dedos, podia senti-lo em todo meu corpo, como uma carícia na alma, delicada, leve e completamente erótica.

— Esse vestido é novo.

E ele era.

— Não, eu só o usei poucas vezes.

Dominic riu e eu ainda estava de costas para ele, sua mão travada nas minhas costas.

— Eu não perguntei, amor.

Dei um passo para frente.

— Vamos voltar.

Dominic não protestou e fizemos o mesmo caminho de volta, seu braço nunca me deixando.

A música voltou a estourar nossos tímpanos

— Quer voltar a beber? — perguntou no meu ouvido, e ignorei os arrepios por todo meu corpo.

— Não, eu quero voltar a dançar.

Dominic assentiu e soltou meu braço testando meu equilíbrio, e observei atenta a inspeção que ele fez no meu corpo antes de colocar as mãos no bolso e seguir fielmente ao meu lado, enquanto eu começava a me mexer novamente para dentro da pista.

Eu sabia que ele não iria embora, e eu também não queria que fosse. Então deixei que o álcool alcançasse todo meu organismo enquanto mexia meus quadris no ritmo da música.

Mãos nos quadris, mãos nas coxas, mãos nos cabelos, mãos na barriga. Movimentos constantes.

Quadris para direita e esquerda. Subindo e descendo. Rebolando e dançando.

Tudo isso sob o olhar de Dominic.

Me sentia quente.

Eu não sabia a situação dos meus pés, mas não arriscaria olhar para eles, porque olhar para cima estava muito mais lindo. Sim, ah, as luzes neons, as luzes vermelhas, luzes azuis.

A mistura do ambiente com a música me deixava em êxtase. O olhar de Dominic me deixava em êxtase.

Estava excitada e queria que ele beijasse todo meu corpo, até que tudo em mim fosse saciado.

Então, continuei dançando.

Pulando.

Liberando tudo que estava dentro de mim sem precisar abrir a boca. Pelo menos, não agora. Porque quando abrisse, a última coisa que sairia seria palavras.

O ritmo havia mudado para uma batida eletrônica. Procurei minhas amigas mas nenhuma delas estava mais lá. Acho que tinha perdido noção do tempo.

Minha boca estava seca, e quando pedi por mais bebidas, Dominic me fez ingerir a mesma quantidade de água quanto tinha tomado de álcool enquanto dançava loucamente sob seu olhar.

— Cadê Apolline? — gritei, mas sentia minha voz rouca.

— Foi embora com Alana.

Assenti, isso era bom. Ela não tinha ido sozinha.

— Que horas são?

— Quatro e dezesseis.

Arregalei os olhos, e virei o pescoço percebendo que tinha menos pessoas do que quando cheguei.

Muito menos.

Dominic percebeu meu olhar.

— Hoje é segunda-feira, a maioria das pessoas precisam trabalhar.

Já era segunda. Ainda tínhamos um dia todo pela frente até ele acabar.

— Eu não quero ir embora, Nic — minha voz saiu desesperada, e os movimentos do meu corpo cessaram. Dominic se aproximou do meu corpo com cautela, diminuindo a distância segura que estávamos.

Sua mão me alcançou, segurando meu pescoço com posse e olhando nos meus olhos.

— Eu não estou te chamando para ir embora.

— Mas não podemos ficar aqui — minha voz saía manhosa e totalmente rendida pelo cansaço. Cansada de fugir.

— Para onde você quer ir?

Mordi os lábios, meu coração falando mais alto que minha razão.

Fazia um ano.

— Eu quero ir pra casa — sussurrei. — Estou com saudades de casa.



O caminho não era longe, e as ruas tão conhecidas por mim fizeram meu estômago se revirar cada vez que chegava mais perto. Não sabia muito o que pensar, e o silêncio dentro do carro de Dominic me corroía cada vez que uma lembrança de nós dois nesse mesmo banco me atingia.

Eu não devia ter entrado no seu carro.

Não devia ter aceitado sua mão.

Mas me sentia tão cansada que, por hoje, tinha decidido que não me importaria em ser a Augusta de um ano atrás. Mesmo que doesse. Mesmo

que a saudade me comesse.

Porque ele também tinha perdido alguém.

Não era só eu. E eu não podia ser egoísta. Não com ele.

No entanto, Dominic não entrou onde achei que íamos. Ele não entrou no nosso antigo condomínio, ele seguiu reto, pegando uma rota diferente.

— Aonde estamos indo? — sussurrei no meio do silêncio, já tinha amanhecido o suficiente para o carro ser invadido pela luz do dia. Seu rosto estava tenso.

— Não se cura uma alma onde ela foi machucada.

Respirar tinha se tornado difícil. Confiava cegamente nele, e não queria destrinchar sua frase tão certeira. Porque a noite tinha acabado, e com ela todo encanto que tinha tentado derramar nas minhas mentiras. A verdade estava batendo na porta sem pedir licença.

Dominic *sabia*, seus olhos me disseram isso a noite toda. Seus olhos que sempre me esquentaram e arrancaram o melhor de mim, estavam frios. Decepcionados. Seu sorriso não chegava aos seus olhos. As suas palavras não faziam *jus* aos seus pensamentos.

Ele estava sofrendo por minha causa, e isso me destruiu.

Tê-lo distante me destruiu.

Eu não tinha deixado ele viver o luto depois do incêndio, não tinha deixado que a informação assentasse em nossos corações. Porque eu fui a cadela que o arrastou para confusão de sentimentos que tinha me tornado. Pensando que se eu não lembrasse, seria como não existir. Seria como esquecer a dor.

O nosso bebê era uma ferida aberta.

Uma ferida aberta que foi inflamada por um ano e que estava prestes a sangrar.

Dominic parou o carro, e a casa era completamente diferente da que tínhamos construído. Era bem menor, estreita, como se estivesse sendo espremida. Havia degraus de madeira e um grande vidro que fazia a divisão da casa.

— Quer entrar? — sua voz firme e decidida não tinha receio, fiquei feliz por não pisar em ovos comigo.

— Quero.

Então descemos do carro e entramos na casa em silêncio. Uma familiaridade desconhecida me atingiu. Engoli em seco, com vontade de

chorar.

— Está dormindo aqui? — perguntei depois de alguns minutos. O silêncio ecoando dolorosamente.

— Não. É a primeira vez que entro também.

— Então que lugar é esse?

Dominic demorou alguns segundos para responder.

— É uma herança que recebi em troca de uma dívida.

Balancei a cabeça, ainda aérea com a situação. Sentia meu estômago embrulhar e provavelmente o mal estar me comeria pelo resto do dia. Estava cansada da noite mas ainda não queria dormir. Parecia injusto deixar o tempo passar. Parecia injusto não sentir.

Latidos fortes ecoaram atrás de mim, e um Oscar agitado correu até mim, lambendo todo meu rosto quando me abaixei para recebê-lo. Sentei no chão, aproveitando para descansar meus pés, e Oscar apoiou as patas na minha barriga. Terminei de deitar, pegando sua pata e brincando com seu focinho.

Oscar tinha sido um presente de Dominic quando saí do hospital, eu sabia que ele estava arrasado pela nossa perda, sabia que estava ainda mais arrasado quando travei a nossa batalha. Mas, mesmo assim, ele estava lá com o coração sangrando, dizendo que Oscar seria uma boa companhia e não queria que eu ficasse sozinha.

Então, mesmo com a faca no pescoço, eu fiz Oscar ser *nosso*, não meu. Porque também estava desesperadamente atrás de um resquício nosso.

Oscar deitou no meu peito depois que alisei seu pelo macio. Olhei para o teto que não tinha nada familiar mas que, ao mesmo tempo, me trazia conforto saber que outra pessoa também estava ali.

Engoli em seco.

Não importava onde estávamos, *ele* sempre seria minha casa.

— Quer subir? — sua voz me chamou.

— Quero.

— Vou te mostrar a casa — Dominic estendeu as mãos para que eu levantasse do chão e caminhou na minha frente.

Oscar passou por mim para cheirar a mão dele e dei um sorriso fraco. Ainda parecíamos os mesmos, mesmo que tudo tivesse mudado desastrosamente.

Então subimos as escadas estreitas, e a dor começou a ruir e atravessar a barreira que o álcool tinha criado. Me sentia fraca. Meu pés

doíam.

A cada degrau, sentia meu coração sangrar mais um pouco. Eu não sabia o motivo mas sabia que a minha ruína estava próxima, a casa não tinha nenhuma semelhança com a outra, mas sentia como se estivesse naquele dia.

O corredor tinha saída para quatro portas e minha respiração travou quando paramos em frente a uma de madeira.

— Quer tomar um banho?

Dominic girou a maçaneta, era um banheiro.

— Quero — tinha me tornado um robô, replicando suas ações.

Dominic foi na frente novamente e segui seus passos. O banheiro não era tão grande, mas tinha uma banheira e um chuveiro espaçoso. Esperei.

A torneira da banheira foi aberta.

— Entra na banheira.

Olhei para mão de Dominic, que estava apoiada na alavanca. Meus olhos começaram a lacrimejar. Cansados. Doloridos. Eu queria respirar.

Dominic ligou a torneira e a água espirrou com velocidade para dentro da banheira.

Quando estivermos só nós dois não haverá jogo.

Minha garganta estava apertada, e meus olhos começavam a escorrer lágrimas soltas que ardiam.

— Abre o zíper para mim.

Virei meu corpo para Dominic, que ainda mantinha o rosto sério. Respirei fundo, fungando e tentando manter os pedaços que estavam ameaçando cair. Fechei os olhos.

Seus movimentos não tinham malícia, e os dedos delicados, que mais cedo arrepiaram minha pele, dessa vez me confortaram. O toque era gentil e me aqueceu da forma mais íntima possível.

— Pronto

E eu entrei.

E as lágrimas já não eram gotas, eram uma enxurrada explodindo a barreira das memórias. Destruindo e afundando toda a sanidade que tanto lutava para manter.

Eu estava sendo partida novamente. De novo, de novo, e de novo. Quase não podia respirar. Doía pra caralho. O meu peito estava sangrando.

— Eu não consigo respirar — solucei.

Então Dominic entrou comigo na banheira.

E eu corri em direção ao seu corpo.

Dominic me abraçou dentro da água, com roupa e tudo.

Sua respiração estava colada com a minha. Dominic estava me emprestando seu ar, ele estava respirando por nós dois. Porque a cada puxada de ar que preenchia meu peito, seu perfume me embalava, e as lágrimas que não paravam de escorrer já não doíam tanto. Era quase suportável.

— Não me deixe afogar.

— Nunca.

E em nenhum momento me senti sozinha. Porque Dominic estava ali, e isso para mim bastava.



EU ODEIO VOCÊ

AUGUSTA VENDETTA

— Tenho um presente para você — a voz mansa me fez despertar por completo do sono profundo que tinha entrado, depois de dormir nos braços de Dominic.

O clima seco e totalmente sem graça me abraçou, e eu fiquei agradecida por dores de cabeça não martelarem meu cérebro.

Já era noite, provavelmente tinha dormido o dia todo, logo depois de Dominic ter me lavado, me vestido e me posto para dormir. Senti meu estômago doer.

— Por que está me dando presentes?

— Ainda é segunda-feira. Ainda estamos em trégua.

— E por que está me dando presentes?

— Não preciso de um motivo específico para querer te dar presentes.

Cerrei os olhos, e me remexi na cama, estava apenas de calcinha e blusa. Meus cabelos eram um ninho de cachos. Passei os olhos pelo quarto. A leve estranheza de estar em um lugar diferente mas ao mesmo tempo confortável.

Sentei na beirada da cama estendendo a mão, e ele me entregou uma caixinha quadrada.

— Espero que sejam chocolates — disse um pouco mal-humorada, lembrando que Dominic sempre me presenteava com chocolates. E também estava com fome, não lembrava de ter comido antes de sair da casa do meu pai.

Analisei a caixinha quadrada que ocupava as minhas duas palmas.

Dominic esperou que eu abrisse o presente.

Era um globo de cristal em miniatura.

Franzi o cenho, lendo o nome de todos os países e continentes em destaques.

— Não entendo o motivo de um globo — olhei para Dominic, esperando uma resposta. O objeto era lindo, e eu apreciei quão delicado era.

Seus olhos frios e duros relaxam o suficiente para fazer meu coração acelerar.

— Colocarei o mundo em suas mãos toda vez que achar que ele irá te devorar, amor.

Encarei o globo, minha garganta apertando e dando sinais que minhas emoções não deixariam passar o simples ato. Meus olhos se encheram de água, minha boca tremeu e a avalanche que achei ter cessado estava logo ali à espreita.

Seus passos cuidadosos chegaram até mim, e me senti como um cristal trincado. A cama afundou com seu peso, mãos gentis seguraram meu queixo e enxugaram minhas lágrimas.

— Não faça isso, meu amor, não se torture tanto — o carinho em sua voz me partiu. As lágrimas escorreram novamente, mas com um peso completamente diferente.

Encarei seus olhos, querendo me envolver completamente em seu colo. Não tinha outro lugar que eu desejava estar e sabia o que tinha que fazer.

— Que horas são? — sussurrei.

— Sete.

Balancei a cabeça, procurando as palavras, e seus olhos acompanharam a inquietação dos meus dedos envolta do cristal. Ele estava esperando, desde o momento na boate ele estava esperando que eu falasse.

— Podemos ser Augusta e Dominic até o fim da noite? — a minha pergunta tirou dele uma longa respiração. Ele poderia interrogar agora e eu

não iria ter como negar as respostas. Mas o medo ainda gritava mais alto e eu tinha que juntar coragem o suficiente para olhar para a verdade.

A verdade que nos afastaria.

Mas sua posição relaxada continuava lá, o semblante concentrado e os olhos atentos, como se previsse o meu pedido.

— Está com fome? — perguntou, e balancei a cabeça, estava faminta. — Fique aqui, vou buscar algo.

Então ele se levantou e eu esperei que voltasse. E quando voltou, saboreei toda a comida que ele tinha trazido em silêncio. Seus olhos atentos a cada mastigada e os meus a cada mínimo movimento que sua boca dava.

Ainda sentia frieza do seu lado, o gelo de seus olhos não tinha derretido, o silêncio que odiava permanecia reinando, e isso começava a me incomodar. Porque tê-lo ali naquela maneira não estava sendo fácil. Era como ver e não poder pegar.

— Eu não tenho presentes para você — passei a mão no cabelo, e coloquei a bandeja na mesinha ao lado da cama.

— Você não precisa me dar nada — e eu sabia disso. E não me sentia obrigada a devolver qualquer coisa que fosse, porque nunca foi assim.

A noite passada não pesava, parecia ser um evento distante de duas almas pedindo socorro. Dominic chorou quando fomos deitar, essa lembrança fez meu coração sangrar, pois suas lágrimas se misturaram com as minhas, e um peso vivo era dividido entre nós.

Porém, agora sentia meu coração vazio e a minha pele fria. Eu o queria perto, queria respirar o mesmo ar que ele novamente. Eu sabia que ainda existia um abismo entre nós. Sabia que enquanto não cedesse, nunca teríamos a chance de voltar para quem éramos. Havíamos nos machucado demais no último ano.

Mas, naquele momento, esses fatos não pareceram suficientes para que meus sentimentos se aquietassem e deixassem minha razão falar mais alto. Pois ele estava com raiva de mim, e isso provavelmente seria uma péssima ideia.

Mas eu o queria mais que tudo. Uma última vez.

Arrastei meus pés descalços pelo quarto, indo até o batente da porta onde ele estava, indo atrás de algo que sabia exatamente onde encontrar. E seus olhos acompanharam atentamente meus passos. Me seguindo. Me

devorando. Me adorando. Sentia calafrios de expectativas por todo meu corpo.

— Mas eu quero te dar, *amor*.

Os olhos de Dominic escureceram, algo feroz tomando conta do seu semblante antes frio. Luxúria. Desejo. Fome. Seu olhar selvagem causando efeitos desastrosos diretamente na minha boceta. Soltei a respiração pela boca. *Isso* não era uma guerra.

— E o que você quer me dar? — sua voz sensual arrepiou meus pelinhos, aflorando meu desejo e incendiando toda minha pele.

Aproximei de Dominic, seus braços ainda cruzados, em uma pose defensiva, mas ainda podia ver as veias saltadas pelo esforço que devia estar fazendo. Peguei sua mão, desmanchando sua postura, e trazendo ela para o lado esquerdo do meu peito.

Sua mão era grande, cobria todo meu coração. Meu coração estava em suas mãos.

Suspirei baixinho, inalando seu cheiro gostoso, querendo fechar os olhos e me embriagar no sabor de casa que sua presença me dava.

Dominic subiu a mão pelo meu pescoço, indo para a nuca, e me puxando para perto do seu rosto. Seus olhos escuros me comiam de pertinho.

— E o que você quer me dar, *amor*? — sua voz não tinha delicadeza, havia mais desejo do que sentimento. Porque a sua mágoa estava explícita ali, como se mesmo querendo sair por aquela porta e me deixar, não conseguisse resistir.

Ele ia ser mal comigo, e essa ciência afetou todo meu sistema de uma forma perversa e sensual.

Soltei o ar pela boca.

— *Amor* — sussurrei quase implorando, não sabendo decifrar se era um pedido ou uma resposta.

O que pareceu ser suficiente para Dominic, já que suas mãos subiram para meus cabelos, entrelaçando-os nos seus dedos. E desceu seu rosto até meu pescoço, cheirando-o dolorosamente e depois beijando todo meu colo.

Respirava pesadamente, sentindo seus lábios quentes e molhados fazerem estragos bem no meu centro.

— Já que quer tanto me dar algo, *amor*, eu também *quero* algo — os dedinhos do meu pé dobraram, enquanto meu ventre se contraiu com a

imagem de nós dois pela casa. Merda. Estava molhada.

Dominic estava me estragando novamente, com toda sua devoção e sensualidade. Eu nunca tive olhos para outra pessoa a não ser ele. Porque sempre foi ele. Dominic.

— O que quer? — arrisquei, estava ansiosa para beijá-lo.

Meu coração disparou quando um sorriso sacana brotou em seus lábios.

— Vamos testar uma coisa.

Observo atentamente seus passos cautelosos, como um predador, puxando minha mão e me levando para dentro do closet que eu ainda não havia arriscado entrar. Não era grande e fiquei tentada a abrir as gavetas e descobrir o que tinha ali.

Respirei pesado, a expectativa pesando cada centímetro do meu corpo.

— O que está procurando? — Dominic abriu algumas gavetas, procurando algo.

— Algo novo… — cerrei os olhos quando ele alcançou uma pequena gaveta branca.

— O que há dentro dessa gaveta?

Dominic abriu um largo sorriso, tirando da gaveta o objeto vermelho em formato oval. Estreitei os olhos.

— Transformou a gaveta num mini *sexshop*? — seus olhos brilharam. — Achei que nunca tinha entrado aqui. — alfinetei.

— E nunca tinha entrado, só fui até a porta para deixar Oscar ontem — Dominic elaborou um largo sorriso que fez o meu sangue esquentar. — Não preciso entrar para saber o que quero dentro, linda.

Era um desafio, seu sorriso traiçoeiro me dizia para testá-lo.

— Você não vai por um vibrador em mim, Dominic — a rapidez da minha resposta e firmeza me condenaram.

— Por que não? — arqueou as sobrancelhas, curioso. — Te deixa *irritadinha*, pequena bruxa? — seu deboche fez meu rosto queimar. Merda.

Tinha ficado extremamente irritada e furiosa da última vez que ele tinha colocado um vibrador em mim.

— Nic…

— Está me negando algo? — Dominic fez bico com seus lábios carnudos, e meu coração deu um salto ao perceber que seus passos estavam se arrastando devagar. Como um leão espiando seu cordeiro.

Afastei meus pés para trás, esbarrando na parede do closet. Tinha ficado encurralada. Meu coração disparou, todo o meu corpo ciente demais do nosso espaço. Da nossa *falta* de espaço. Porque Dominic agora estava colado em mim, seus dois braços me cercaram, me prendendo entre o espelho do closet e o seu corpo.

Inclinei a cabeça para cima, prendendo seus olhos nos meus, meu coração querendo sair pela boca e toda minha pele se arrepiando, sensível e sedenta por um toque seu. Então abri um sorriso selvagem, cheio de malícia e segundas intenções

— Vá para o inferno, amor.

Dominic riu baixo, descendo seus olhos para meus lábios, e enrolando seus dedos no meu cabelo. Molhei os lábios, apertando minhas coxas umas nas outras. Seus lábios rasparam os meus, lambendo e me instigando a abri-los. Estava salivando de desejo.

— Deixa eu te mostrar como o gosto do inferno pode ser bom, pequena bruxa.

Então, em um arquejo, Dominic atacou a minha boca, beijando, marcando e delineando cada pedaço do meu ser com sua língua. A outra mão tinha descido para minha bunda, me apertando contra seu corpo, me mostrando como ele me queria.

Arqueei, gemi, praguejei, suspirei.

O beijo de Dominic era tão bom. O aperto em meu cabelo era firme, possessivo. Mostrando que ele não ia me largar, não ia me deixar ir embora enquanto não tirasse tudo de mim.

E eu daria a ele. Daria tudo a Dominic. Ele era o ar que eu respirava, era a textura onde eu pegava, era a voz que eu ouvia, era tudo. Sentia Dominic em todas as partes do meu corpo com somente um beijo. Um beijo. Seu beijo era minha ruína.

Dominic era minha ruína.

E eu me arruinaria mil vezes só para poder beijá-lo novamente.

Quando nossos pulmões pediram por ar, seus beijos desceram para meu pescoço, chupando-o e mordendo a pele sensível.

Minha respiração falhava e a minha boceta latejava em ânsia pelos seus beijos. Sua mão ágil afastou minhas pernas, que lutavam uma com a outra em busca de atrito, e arrastou para baixo a minha calcinha que se encontrava em um estado deplorável.

— Tão molhada — sussurrou ao lambuzar os dedos na minha boceta, me fazendo gemer. Seus olhos alcançaram os meus, me mostrando que ele não teria pressa, e sua boca veio para perto da minha, sussurrando como o cafajeste que era. — Eu vou fazer ser bom, amor — seus olhos brilharam e demorei dois segundos para entender o que ele estava fazendo.

— Merda, Dominic — gemi alto, mordendo os lábios ao sentir a merda do vibrador no meu clitóris. Levei minhas duas mãos aos seus ombros, apertando e afundando minhas unhas em sua blusa que já estava toda amassada por mim.

A mão que estava em meus cabelos firmou meu corpo no espelho, suas mãos me segurando totalmente. Eu estava presa.

— Merda, odeio você, Nic — a minha fala o fez sorrir, e ele levou o vibrador para dentro de mim, aumentando as vibrações. A porra do objeto terminava de desestruturar o que Dominic tinha começado. Merda, me sentia balançada em todo lugar. Mordi os dentes para não gritar.

Fechei os olhos com meu corpo esquentando, minhas pernas dobrando e tentando achar mais atrito para aliviar o que tanto me incomodava. Tombei a cabeça, saboreando todo meu corpo entrar em combustão. Os dedos de Dominic não me deixaram, e levantei os braços o ajudando a tirar minha blusa.

Estava completamente nua.

E sedenta.

— Linda — o brilho nos olhos de Dominic fazia meu coração disparar. — Você é perfeita, amor. Perfeita para mim.

Então Dominic levou os dedos molhados à boca, chupando e me deixando com água na boca, mas depois ele levou os mesmos dedos à minha boca, fazendo com que eu os chupasse igual. Espremi meus dedos dos pés quando o objeto tremendo dentro de mim me trouxe espasmos que fazia a minha pele arrepiar. Porra. Eu o queria tanto.

— Quero que chupe meu pau assim — sua voz não era mais um sussurro e o seu sorriso diabólico terminou de quebrar toda a sanidade que tentava manter. Minha respiração falhava miseravelmente. — Agora — ordenou.

E eu obedientemente me ajoelhei, salivando quando puxava seus shorts para baixo, liberando toda sua extensão grossa e cheia de veias. Merda. Dominic era tão gostoso, eu também queria devorá-lo por inteiro, do mesmo jeito que ele fazia comigo.

Mordi os lábios quando mais um espasmo arrepiou meu corpo por inteiro, me avisando que estava muito perto de um orgasmo. Olhei pra cima cheia de expectativas e tesão, pegando seu pau e bombeando com a mão lentamente.

Observei o rosto de Dominic tenso, seu maxilar estava travado e sabia que ele estava segurando seu controle em um fio que, a qualquer momento, se romperia.

Passei a língua na cabeça do seu pau, rodeando meus lábios e soprando onde seu líquido pré-enjaculatório ameaçava derramar. Lambi ali, sem pressa, delicadamente, provando seu gosto e mostrando que eu o queria tanto quanto ele. Tive que apertar suas coxas, afundando minhas unhas em sua pele interna quando mais outro tremor tomou meu corpo.

— E nem pense em gozar ainda, bruxa — sua voz mandona me fez cerrar os olhos em um brilho raivoso quando suas mãos puxaram meus cabelos para trás, enrolando-os nas mãos firmes, e obrigando minha cabeça a ficar posicionada novamente na frente do seu pau, quase enfiando dentro da minha boca.

Lancei um olhar de morte. Dominic sempre querendo mandar em tudo.

Ignorei sua provocação, voltando a apertar seu pau, fazendo com que um grunhido alto saísse da sua boca, então sorri passando meus lábios molhados por toda extensão, lambendo suas veias, raspando os dentes, antes de abocanhar por completo o pedaço de carne que sempre fazia estragos terríveis dentro de mim.

O aperto no meu cabelo se intensificou, como as vibrações dentro de mim, então cada vez que sentia que meu corpo ia chegando perto do limite, chupava Dominic com mais gosto. Mais intensidade. Queria devorá-ló, pegar tudo dele, como ele sempre pegava de mim. Minha saliva lambuzava seu pau, e eu me esforçava para que conseguisse provar todas as partes de sua extensão.

Sedenta, queria mais, mais e mais. Sentia meu corpo quente, dolorido, necessitado. Meus olhos lacrimejaram quando Dominic se perdeu no momento e prensou minha cabeça na porta do closet, estocando sem dó na minha boca. Então recebi tudo que podia sem reclamar, porque em parte estava louca para saciar algo em mim, e na outra, estava tão perdida em meio ao tesão que já não sabia qual era meu limite.

Dominic gemeu alto, apertando mais meus cabelos, e pensei que ele iria gozar quando tirou o pau da minha boca, levando minha cabeça para cima, abrindo o sorriso safado e perverso que tanto amava.

— Gulosa, devorando todo meu pau, amor — eu sabia que meu rosto estava vermelho, provavelmente minhas sardas estavam completamente salpicadas e expostas pelo momento. Apertei suas coxas automaticamente quando a pressão no meu ventre ameaçou a rachar. Eu iria gozar a qualquer momento.

Dominic puxou meu corpo para cima, levando meu rosto bem pertinho do seu. Minha respiração irregular tremeu entre nós dois quando Dominic puxou meu lábio inferior, respirando o ar que eu respirava, e sussurrando na minha boca.

— Eu amo como te deixo vermelha não importa quanto tempo passe.

Mas eu já não tinha noção das minhas próprias ações, e estava desesperada para matar o desejo crescente dentro de mim.

— Dominic… — solucei o seu nome, começando a ficar irritada. A raiva crepitando em minha pele e fazendo meu sangue correr mais quente pela adrenalina. — Eu preciso de você.

Gemi quando mais um espasmo me atingiu, roubando meu ar.

— Se você não fizer algo agora, eu vou fazer — o aviso de raiva em minha voz fez seus olhos amaciarem. Pois seus lábios chuparam os meus antes das suas mãos virarem meu corpo, me colocando de frente para o espelho.

— Estamos quase lá, amor — o sussurro da sua voz em meu ouvido arrepiou meu corpo todo, e vislumbrei a minha imagem no espelho.

Eu realmente estava vermelha, meu cabelo desordenado e minha boca inchada.

— Coloca a mão na parede — relutei com meu próprio corpo que implorava para responder aos estímulos. — As duas.

Obedeci sua ordem e fechei os olhos, tombando a cabeça para baixo. Humilhada.

Humilhada e excitada.

Ele fazia questão de quebrar o meu ego, destruir a minha soberania antes de me dar o que queria.

— Por que fechou o olho? Abra-o, quero que veja tudo. Quero que veja quão entregue está.

Olhei para ele de imediato, desesperada. Sentia meu líquido escorrer pelas minhas pernas. Eu era uma negação. Odiava saber que quanto mais era calada, mais excitada ficava. E ele sabia disso.

— Oh está aí, esse olhar — sorriu sacana. — Não me negue nada, eu quero tudo. Até os olhares de ódio. Eu os amo mais que qualquer coisa.

Com o coração na boca, segurei os tremores que percorriam meu corpo. A leve vibração agora fazia mais estragos que nunca. Mordi os lábios.

— Eu odeio você, quero te estrangular.

— Eu amo você, quero fodê-la.

Lancei um olhar de morte. Eu sabia que não podia vencer essa batalha, e amava perder. Mas não significava que deixaria as coisas fáceis para ele.

— Dominic… — choraminguei, me entregando. — Por favor…

— Sempre é um prazer te ver implorar, amor.

Dominic passou os dedos por minhas costas, minha coluna, e ia me inclinando na medida em que afastava minhas pernas.

— Deixei me ver… — então enfiou os longos dedos em mim, puxando o objeto de lá, e com ele um suspiro alto e sofrido meu. Porra, tudo apertava. Queria Dominic dentro de mim. Não sabia como estava aguentando tanto, com mais um toque desmoronaria bem aqui. — Isso me parece bem molhado, amor, acho que vou precisar ver de perto…

Dobrei os dedinhos do pé quando senti o ar quente da sua boca na minha boceta. Merda, eu iria gozar antes dele entrar todo em mim. E eu o queria muito dentro de mim. Como respirar.

Querer Dominic era como respirar.

— Eu prometi que ia ser bom, amor, não posso te decepcionar.

— Dominic — minha voz era falha, e eu não consegui terminar meu raciocínio porque a boca dele estava em mim, nos meus lábios, na minha boceta, em todo lugar. Engoli em seco, mordendo os lábios, minhas pernas tremendo. Estava caindo. E tive certeza que minhas pernas não se dobraram em exaustão porque Dominic apertou minhas coxas, com o rosto no meio delas, provando e chupando todo gozo que saía de mim.

— Merda, Dominic — encostei a testa no espelho fechando os olhos. Tudo em mim estava quente, e eu era puro sopros e gemidos e xingamentos e manhas. Meu corpo todo tremia em espasmos arrepiantes que fazia toda minha coluna arquear.

Meu Deus. Dominic continuou me chupando enquanto meus neurônios tomavam ciência da avalanche de emoções que tinha provado.

Abri os olhos. Dominic estava no meio das minhas pernas, observando minha imagem pelo espelho. Seu olhar de adoração fez meu coração retumbar alto.

— Mulher linda, mulher gostosa, mulher completamente minha.

Dominic beijou a parte interna das minhas coxas, depois subiu para minha coluna, passeando as mãos pelas minhas curvas e apertando tudo em mim. Então sua boca sussurrou no meu ouvido, como um segredo sujo e totalmente obsceno.

— Melhor segurar firme, amor — e esse foi seu aviso totalmente atrasado, porque Dominic agarrou minha perna direita e rodeou meu pescoço com a mão esquerda, se enfiando completamente duro e forte dentro de mim, esticando minhas paredes internas.

Gemi alto.

Merda.

Sentia Dominic por inteiro. Grosso e gostoso, acertando diretamente onde incomodava. Onde coçava, onde pedia para ser explorado. Merda, isso era tão bom. Eu queria chorar.

— Dominic — gemi seu nome, tentando recuperar o fôlego.

Mas ele não me deu tempo, pois, pelo nosso reflexo no espelho, vi o brilho perverso do seu olhar no meu corpo, ele estava observando seu pau entrar na minha boceta como um sádico feliz, que assistia encantado a uma obra perfeita esculpida unicamente para ele.

Eu deveria ser isso para ele, porque Dominic era para mim. A obra mais linda que já tinha visto em toda minha vida.

Estava perdendo o equilíbrio, os solavancos fortes e rápidos fazia minha mente mergulhar nas nuvens, poderia voar a qualquer momento.

— Dominic — disse manhosa e alcancei sua mão que estava no meu pescoço, querendo apoio. Encontrei seus olhos pelo espelho, não conseguindo raciocinar palavras suficientes, pois minha voz era somente gemidos e manhas em seu nome.

Seus movimentos diminuíram a velocidade, agora ele entrava e saía lentamente, causando arrepios por toda minha pela pela lentidão e intensidade que senti seu pau dentro de mim.

Meu ventre se contraía e espremia meus dedos no chão, engasgando com meu próprio ar, querendo me segurar e tentando apertar qualquer coisa

que podia. O fio da minha racionalidade estava se perdendo novamente.

Era um movimento gostoso para caramba. E as minhas paredes internas se apertavam ainda mais quando rebolava em busca de mais atrito.

Minha respiração descia pela minha traqueia completamente falhada.

Dominic então parou os movimentos, e gemi em protesto.

— O que você vai fazzz- aaah…

Dominic virou o meu corpo, sorrindo diabolicamente, e veio para cima de mim, me devorando com seus olhos ferozmente. Seus lábios beijando minhas bochechas.

— Eu preciso te adorar mais um pouco antes que tudo acabe.

E ele fez exatamente isso.

Nos virando de lado para o espelho, Dominic sustentou minha perna novamente, mas dessa vez eu estava vendo a minha própria boceta melada, brilhando e inchada.

— Olha como somos perfeitos, amor — sussurrou no meu ouvido e me mostrou como éramos perfeitos juntos.

Engoli em seco, sentindo e vendo ele entrar todo e completo em mim novamente. Era demais, iria gozar de novo bem ali, vendo seu pau enterrado em mim. Gemi alto com a velocidade aumentando, todo meu corpo se espremendo e lutando contra algo que me demoliria a qualquer instante.

Suspirei com a imagem erótica e com o aperto que sentia na minha boceta.

Quente, forte, rápido, gostoso.

Gritei quando seus lábios alcançaram os meus, mordendo e chupando minha alma.

Meu corpo tremeu e minhas pernas vacilaram quando senti o líquido quente bombear dentro de mim.

Eu estava gozando.

Dominic estava gozando.

Éramos um completo caos de desespero e respirações falhas, e eu não sabia onde um pensamento começava ou terminava. Porque tudo que eu era, era Dominic naquele momento. Sensível, carnal e completamente vulnerável. Eu o amava mais que tudo na vida, eu era dele por completo, e faria um milhão de escolhas ruins se no final do dia pudesse vê-lo

novamente. Mesmo que fosse através de destilação de ódio e um muro influenciável de pedras.

Dominic era um pedaço da minha alma, e não há nada que não faria para que ela permanecesse viva.

43

SE ESQUIVAR

DOMINIC CLIFFORD

Sua pele era macia como seda, sua respiração lenta fazia subir e descer os seus ombros nus que estavam um pouco avermelhados. Rastejei os dedos por suas costas expostas, encaixando a minha mão na curva da sua bunda.

Linda para caralho. As sardas em suas costas faziam com que o desenho do seu corpo se tornasse perfeito. Eu amava seu corpo, amava o encaixe perfeito que ele era junto com o meu.

Continuei rastejando os dedos por sua pele nua, salpicada de sardas e brilhante, chegando ao seu cabelo desgrenhado e cheio de cachos. Limpei seu rosto dos fios soltos, colocando eles para trás para olhar seus lábios cheios e vermelhos, as sardas salpicadas que amava e olhos que insistiam em estar fechados.

Augusta já estava acordada, mas fingia dormir com um rosto sereno que me fazia querer beijá-la para sempre. Fomos dormir tarde, exaustos, sedentos por um descanso, mas ambos com medo do último suspiro.

— Há quanto tempo está acordado? — sua voz rouca pelo sono despertou o silêncio que o quarto se encontrava pela manhã.

— Há alguns minutos — respondi enquanto observava sua respiração subir e descer. Seus olhos ainda fechados.

— Mentiroso, você não dormiu.

Ri nasalado.

— Você tem razão, eu não dormi. Fiquei esperando quando iria embora.

O silêncio que previ da sua parte veio, e fiquei observando enquanto Augusta abria os olhos por inteiro, colocando as duas mãos debaixo do rosto.

— E funcionou?

— Você ainda está aqui.

— Eu ainda estou aqui.

Seu rosto estava relaxado, com um brilho que me lembrava quando estávamos na faculdade, e me perguntei se hoje ela também iria fugir.

— Até quando?

— Isso você decidirá — sussurrou e dei uma risada amarga, me sentando. Augusta copiou meus movimentos e levantou da cama, completamente nua, em busca de uma blusa.

Pelo jeito, iríamos começar *sem* café da manhã.

Observei seu corpo, completamente hipnotizado enquanto ela passava minha blusa pelos braços, e depois ia atrás da sua calcinha no closet.

— Então me levar para cama não foi mais um jeito de fugir? — indaguei quando ela copiou a mesma posição que eu estava no batente da porta na noite passada.

Continuei na mesma posição, sentado com o lençol enrolado na cintura, sem me incomodar de estar pelado para a conversa que viria.

— Não — Augusta mordeu os lábios. — Na verdade, nunca foi. E eu nunca quis fugir, não de verdade.

— Então agora não precisa mais fugir? — eu sabia que meu tom não estava sendo amigável, apesar de manter a voz baixa e controlada.

Merda. Naquele momento eu não me importava em demonstrar quão puto estava com a situação. Porque queria resolver toda essa merda, mas temia que ela fugisse novamente. Como em todas as outras vezes

Augusta fitou meus olhos e vi algo se quebrar ali, seus orbes não tinham a dureza que há tantos meses ela tentou estampar. E sim apreensão pelo resultado das suas palavras que viriam.

— Estou aqui para me redimir. Sem mentiras.

Ri amargo.

— Sem mentiras? Me explica em que pé estamos, está difícil de acompanhar toda essa merda.

Mas Augusta não vacilou em suas palavras, o desafio e a coragem estampados em seus olhos. Eu a queria mais que tudo, queria derrubar o pilar de mentiras que existia entre nós. E não desistiria até que todos os pontos tivessem sido amarrados. Mas ainda o peso de palavras afiadas e ações mal pensadas se infiltrava em meu peito, me dizendo que não seria fácil derrubar essa muralha.

— Eu não posso dizer em que pé estamos quando a errada da história sou eu, eu não posso dizer que está tudo bem quando eu fiz a única coisa que você me pediu para não fazer. Eu não posso dizer em que pé estamos quando segredos ainda me sobrecarregam.

Fiquei em silêncio, eu também perguntaria um milhão de coisas se isso nos fizesse ficar bem, mesmo que soubesse a maioria das respostas. Mas, naquele momento, precisava ouvi-la, ela tinha que me dizer.

— Só me diz, valeu a pena?

Seu rosto franziu em dúvida mas vi seus lábios tremerem com uma resposta que estava estampada em seus olhos.

— Sim.

Minha respiração engatou em um sopro forte. Meu sangue esquentando rapidamente fazendo com que todo meu corpo endurecesse. Ela não se arrependia de nada. Algo amargo inundou a minha boca.

— Então o que mudou? Se não se arrepende por que ainda está aqui? O dia treze já acabou e acho que não precisa mais de mim.

Minhas palavras rasgaram o ambiente, e o clima mudou drasticamente. Não era mais um jogo, agora tratávamos da verdade. Pura e feia.

— Eu não estava mais te sentindo — sussurrou e ri amargo, completamente desarmado.

Eu nunca quis machucá-la e nunca faria algo do tipo na minha vida, mas não consegui parar meus pensamentos quando a raiva crepitou em mim.

— E agora você está me sentindo? É por isso que sempre cedia? É por isso que sempre me dizia *sim* sabendo que não era o melhor caminho? Por que queria me sentir?

— Eu não estou falando que estou certa.

— Então qual a justificativa, cacete? — inquiri.

— Não há justificativas, há somente uma pessoa egoísta que não queria que você fosse embora — sua voz era sincera, e uma coisa que sabia muito bem era que ela não tinha medo de falar o que sentia ou queria.

Mas *isso* ainda não era nada, porque eu queria tudo dela.

— E por que eu iria embora?

Seus olhos ganharam um brilho natural e um sorriso de canto de boca irônico.

— Você não vai facilitar, né? — perguntou em um suspiro.

— Você dá conta — respondi em desafio e Augusta descruzou os braços, desistindo da posição, e caminhou até mim, ficando em pé e totalmente exposta.

— Você quer tudo?

— Tudo.

— Sem mentiras?

— Me mostre seu lado mais feio e eu direi quais partes de mim resistiram.

Augusta se sentou na cama ao meu lado, nos igualando e dobrando as pernas em uma posição vulnerável. Então chamou meus olhos e por alguns segundos, ela mergulhou em pensamentos, abrindo duas vezes a boca antes de finalmente falar:

— Eu ouvi algo que não deveria e quando percebi o meu erro, já era tarde demais — sussurrou, encarando as próprias mãos abertas que estavam em suas coxas. Depois as fechou em punhos, levando o olhar para mim novamente, e esse olhar cortou o meu coração. — Não tarde demais para te contar, mas tarde demais para não querer dar a minha vida pela sua sem pensar duas vezes.

Travei o maxilar.

— O que você fez?

— Eu fui uma pessoa ruim, Nic, não consegui ter o coração bom como o seu e deixar que o tempo curasse minhas feridas. Não consegui ver o veneno disfarçado de vinho em uma taça bonita e não provar. Eu não consegui ver Martinez querer te matar e não querer matá-lo primeiro.

Engoli em seco, ela tinha dito o nome do merda do Martinez, e aquela raiva que achei que tinha controlado salpicou no meu sangue, fazendo as batidas do meu coração acelerarem. Algo estava se partindo de

novo e os olhos de Augusta me disseram que ela não iria parar, ela iria terminar de rasgar os nossos corações.

Como uma luta oculta de quem seria mais cruel e quem conseguiria sobreviver a mais uma queda. Merda. Estávamos afogando.

— Eu nunca te pedi para morrer por mim — a amargura degustou cada palavra.

— Você queria que eu te assistisse morrer e chorasse no seu velório? — alfinetou.

— Não seja tão radical, isso nunca aconteceria.

— Radical? — sua voz subiu cheia de raiva. Então uma risada maldosa cobriu seus lábios. — Me pergunte o que aconteceu na noite do incêndio.

— Agora vai me contar? Um ano depois? — ironia enxergava o ar e me perguntei onde iríamos terminar se nossos corações estavam cheios de mágoas guardadas. A raiva salpicava nossas palavras de uma maneira cruel.

Eu queria mais que tudo saber o que tinha acontecido com ela, mas de repente, todas as palavras tornaram-se erradas e sem sentido.

— Me pergunte — desafiou, querendo me quebrar, a distância entre nós curta demais para um acesso de raiva. Mas nenhum de nós também parecia querer ir para outro lugar.

— Por que Martinez estava na nossa casa antes dela pegar fogo?

— Ele foi la para me matar — meu coração estava sangrando e respirar ardia como fogo. Porra caralho, a raiva nublando cada ponto cego. Engoli em seco.

— E ele conseguiu?

Seus olhos tremeram e a raiva parecia não ser suficiente para afiar suas palavras. Minha respiração irregular avisava que estar na ponta do precipício era um ato de loucura, não coragem.

— Você está sendo cruel — sussurrou mas eu não parei, tínhamos que rasgar o véu da mentira.

— Ele conseguiu?

— Dominic…

— Conseguiu?

— Não — seus olhos eram cheios de fogo quando responderam: — Ele não conseguiu me matar, cacete.

Augusta se calou, e por mais que tivéssemos milhões de coisas para pôr na mesa, o ressoar de batidas fracas de nossos corações ainda sobrevivia

à guerra das nossas próprias palavras.

— Está doendo? — perguntei exigente, com raiva, chamando seus olhos. Querendo que ela visse todo o estrago que éramos. Querendo que ela viesse todo o estrago que *eu* era sem ela. O estrago que *ela* tinha causado.

— Idiota — murmurou cheia de raiva também, com o olhar fatal e a respiração irregular.

— Está doendo? — eu precisava ouvir, mesmo que seus olhos transbordassem o líquido amargo que era nossos corações. — Me diz o quanto dói, Augusta!

— Sim — trincou a mandíbula, desfazendo tudo. Derramando tudo que era. — E não seria capaz de dizer onde começa ou termina a dor, ainda que admitisse mil vezes quais partes doem mais. Então você não vai conseguir me afastar assim. Hoje eu não vou embora.

Augusta engoliu em seco, a mágoa passando por seus olhos e inundando o nosso ar. Mas ainda assim não desistiu da batalha.

A mulher mais forte que já tinha visto na vida.

— Então agora me diz como sobreviveu ao meu sobrenome. E depois veremos o que sobra — o meu tom ácido não deixou que o clima leve se assentasse.

Ainda estávamos na defensiva, nossos corações estavam correndo em direções opostas.

— Martinez precisava de um ano — começou sem nenhuma restrição, seus olhos eram firmes quando sua voz quebrou o ar.

— Um ano longe de mim? — ironizei, com a raiva crepitando.

— Ele precisava de um ano para matar *toda* família Clifford — seu tom era quebrado e carregado de amargura, suas palavras fortes demais para uma simples frase. Seus olhos me acharam.

— E por que um ano?

— Porque só depois de um ano outro ataque contra a família fundadora não seria considerado caso direto para uma investigação.

Cerrei os olhos, prestando atenção em cada palavra.

— Eu disse que tinha assinado o contrato, mas eu também o li naquela tarde quando me contou que não seria leve o peso da coroa.

— Mas foi queimado — disse ríspido, querendo lembrá-la do nosso último encontro no banco.

Seus queixo tremeu, a coragem escapulindo.

— Mas eu não precisava assinar um contrato para estar sob os olhos dos fundadores.

Cerrei os olhos, algo se partindo ali naquele quarto. Porra, todo meu sangue fervia de impotência. Não precisava de um contrato quando ela carregava a porra do meu sangue. Seus olhos machucados e prontos para travarem uma batalha subiram um escudo de emoções, me atacando e mostrando que não ligava o quão ruim toda merda era, ela continuaria a cavar a cova dos nossos corações.

— Você estava esperando um filho meu.

— Estava.

— E havia provas no hospital quando você foi internada.

— Tinha.

Uma respiração dolorosa expandia meus pulmões. Abaixei a cabeça, encarando minhas mãos. Merda. A ferida aberta doendo demais para que qualquer um de nós respirasse direito. A confusão nublou minha mente, eu parecia saber nada e tudo ao mesmo tempo. Me sentia perdido. O coração sangrando e estilhaçando todas as partes bonitas que a mentira tinha pintado.

— Eu te contarei tudo, Nic, confessarei todo o meu egoísmo e o quão suja posso ter me tornado em busca de uma vingança. Porque foi isso que fui atrás, *vingança*.

Sua voz se estilhaçou, e senti sua mão na minha, colocando-a em cima do seu peito como tinha feito na noite passada.

— Todas as minhas ações durante o último ano foram frutos da raiva que sentia toda vez que te olhava e via que eu daria mil vezes a minha vida pela sua, mesmo que isso significasse ter o seu olhar de raiva. Eu preferia *isso* mil vezes a te ver em um caixão.

Ainda estava com semblante fechado, e a informação de meses estava ali sendo jogada, como uma poeira velha. *Vingança.* O tempo todo era isso.

Então, ela fez algo que não esperava, ainda com minha mão em seu coração, Augusta se ajoelhou na minha frente, e eu vi o seu coração se partir pelos seus olhos. Ela estava arrancando seu coração e me dando, como fiz todas as vezes no último ano.

Lágrimas encheram meus olhos, desmanchando todo meu corpo, fazendo-me uma merda líquida. Eu não era merecedor dela. Eu não era

merecedor de Augusta quando ela, sem medo nenhum, desnudou a sua alma. Porra.

Sua alma transparente demais. Sua alma machucada demais. Sua alma linda para um caralho. Sua alma que mesmo machucada ainda tinha força para ir à batalha. Sua alma totalmente despida aqui na minha frente porque estava cansada de lutar.

— Então te pedirei desculpas por todas as vezes que parti o seu coração, Nic, eu pedirei desculpas por todas as vezes que achei que daria conta sozinha. Eu pedirei desculpas por ter sido a pior noiva do mundo, eu pedirei mil desculpas e passarei por cima do meu orgulho se isso fizer você não sair do meu lado, mas… só não me peça para pedir desculpas por trocar o meu coração pela sua vida. Porque é isso que você é, Nic, minha vida, e eu faria qualquer coisa por você.

Seus olhos me sugaram em uma intensidade muito bem conhecida por mim, fazendo nossos mundos colidirem e se mesclarem como dois laços infinitos. Porra. Estávamos nos afundando juntos.

Então, uma coisa que tinha visto somente uma vez brilhou em seu rosto. *Mãe*, Augusta tinha se tornado mãe e isso tinha sido tirado dela. Era a vingança de uma mãe, não de uma mulher, e naquele momento eu vi que nada seria suficiente para explicar como a perda do bebê tinha lhe mudado. E eu não poderia de forma alguma culpá-la por querer se vingar de algo que foi lhe tirado.

O cansaço me venceu, e uma respiração pesada estremeceu todo o meu corpo. Peguei sua mão que estava em meu coração e a levei aos meus lábios.

Minha Augusta, minha namorada, minha noiva, minha mulher, a mãe do meu filho. Eu daria minha vida por ela mil vezes sem precisar saber quais pecados cometeu.

— Vem aqui — sussurrei e lágrimas desceram desesperadamente de seus olhos. Puxei seu corpo, sentando ela no meu colo. Respirei seu perfume e limpei seu rosto vermelho. Sua pele estava quente.

— Nic, não *vá* embora — chorou, desmoronando tudo que eu era. — Porque se você se for, nada valerá a pena.

Sua respiração era falha e me parti novamente por ser a pessoa que estava a fazendo sofrer.

— Eu não vou, amor — sussurrei em seus lábios, arrumando seu cabelo. — Sempre estarei aqui.

As lágrimas voltaram aos seus olhos e abracei seu corpo até que todos os tremores fossem embora.



Eu não estava surpreso por suas palavras, apesar das possibilidades me dizendo sempre que Augusta fazia o que *fazia* porque queria, não por estar sendo coagida. Mas algo ainda não se encaixava.

Augusta me espiou atrás do balcão com os olhos estreitos e ansiosos. Descemos para tomar café da manhã depois que lavamos o seu rosto inchado. Os movimentos dela tinham se tornado cuidadosos, e eu odiei por ela ter se colocado nessa posição. Como se pisasse em ovos.

Esperei que mastigasse o biscoito para o nosso segundo round.

— Se Martinez não podia me matar, por que continuou longe? — sussurrei, querendo entender. Esse sempre foi o ponto de tudo, esse sempre foi o *porquê* do motivo das nossas brigas e provocações infinitas. — Por que ainda continua se esquivando?

Augusta mordeu os lábios e a única coisa que vi em seu rosto foi a cruel e pura sinceridade de uma alma ferida.

— Porque por mais que fosse tentador estar com você, por mais que doesse cada fibra do meu coração ficar longe de você, eu não poderia fazer isso comigo mesma. Não se tratava mais de nós, Nic, eu tinha que fazer isso por mim. Porque quando Martinez matou o nosso filho, ele também me matou. Ele matou a *nossa* família.

Engoli em seco, respirando pesadamente.

— Eu senti tanto medo… — sussurrou, contando. — Eu senti o pavor comer o meu sangue naquela noite, e quando vi seus olhos desesperados me encontrarem no hospital, me senti impotente. Senti que nunca seria o suficiente. Martinez nunca pararia.

— Então uniu-se ao inimigo? — estremeci, com medo da resposta. — Porque tudo que ainda vejo é que não fui o suficiente para você. Como se eu não fosse acreditar em qualquer coisa que você falasse! Iríamos nos casar, e não sei se lembra mas *nos* casamos *somente* com quem estamos dispostos a dar a vida.

Eu sabia que não estava dando trégua, mas ainda não conseguia aceitar essa merda toda.

— Eu lhe ofereci um acordo — murmurou.

— O quê? — a surpresa me pegando desprevenido.

— Eu precisava saber o que ele escondia, então dei-lhe meus exames de gravidez se me deixasse fazer parte do que quer que ele estivesse fazendo. Meu exame era o contrato que tinha sido queimado.

— Augusta… — meu peito ardeu. Porra, isso era uma merda fodida. Não podia acreditar.

— Então ele exigiu só uma coisa.

— Que ficasse longe? — a loucura tinha me atingido pois uma risada amarga gritava pedindo socorro.

— Sim — balançou a cabeça, receosa.

— Porra. Isso não faz sentido!

Augusta dobrou a cabeça, mexendo no prato vazio.

— E não faz mesmo, mas por meses pensei que esse pedido seria somente para que ele não saísse perdendo ou algo assim. Já que eu o tinha praticamente ameaçado.

— E você não viu *mal* em se separar de mim? — disse ácido, não conseguindo controlar meu tom. — Não viu mal em nos partir?

— Eu nunca disse que tinha uma justificativa plausível.

Cerrei a mandíbula e ela continuou falando:

— Ele precisava que estivéssemos separados até a noite dos fundadores.

— Por quê? — eu realmente estava curioso para saber, porque todas as informações que tinha não pareciam valer de alguma coisa.

Seus olhos abaixaram um pouco, como se temesse dizer as próximas palavras.

— Por que não podíamos ficar juntos? — insisti, dando a volta no balcão e parando na sua frente. Ela ainda estava sentada no banco alto, e vi sua respiração engatar. E diria em outro momento que ela estava envergonhada.

— Por alguns meses, pensei que na cabeça dele não teria como eu engravidar novamente se estivesse longe de você.

Seus olhos me encontraram como se buscassem apoio. Nunca mais falamos sobre isso, apesar de nunca termos transado com camisinha desde que ela tinha ficado grávida. Eu sabia que ela não tomava remédio ou algo do tipo, como tinha ciência que éramos únicos um do outro mesmo com a distância. Isso nunca pareceu um problema para mim.

— Então? — falei em um tom mais baixo.

— Então me lembrei que ele tinha feito o mesmo pedido no dia em que conversamos pela primeira vez sobre eu estar grávida.

Não tinha sido só uma vez que Martinez a ameaçou, e essa percepção partiu a porra do meu coração novamente. Merda. Fechei os olhos por alguns segundos.

— Ainda continua uma merda tudo isso — procurei seus olhos. — Onde isso tudo para? Quais são as verdades e quais são as mentiras? O barco só afunda.

Augusta não me respondeu e o silêncio me disse que ela não se arrependia de não ter me contado qualquer merda que tivesse acontecido.

— É o que venho tentando descobrir há meses. E não há muito mais que você já não saiba. Eu sei que andou muito *bem* informado — sua voz saiu irônica na última frase, fazendo-me arquear as sobrancelhas.

Cerquei seu corpo com os meus braços, segurando a borda do balcão e fazendo seus olhos me encontrarem. Seus olhos tinham desafios. Me desafiavam a chegar mais perto.

— Onde está Karen?

— Essa não é uma boa hora para perguntar de outra mulher, Dominic — murmurou azeda.

— Por que não? Preciso saber se ela está viva.

Augusta balançou a cabeça.

— Não é uma boa hora quando ainda estou lutando para ser a única mulher aqui. E sim, ela está viva.

Raspei o nariz no seu pescoço, inalando seu cheiro.

— Você nunca precisa lutar, você sabe — sussurrei no seu ouvido segurando cabelo. — Eu te mostrei ontem que você é a única mulher que se ajoelha para me matar.

Augusta suspirou pela boca, fechando os olhos, sua testa encostando no meu peito nu.

— Ainda assim, não há nada arrumado aqui — sua voz baixa soprou no meu peito. — Eu não estou conseguindo arrumar a minha bagunça.

Segurei seu pescoço para encontrar seus olhos.

— Quem está te ajudando? — perguntei e ela ficou pálida, seus olhos escapando dos meus. Levei minha mão para trás da sua nuca, entranhando em seus cabelos. — Mais mentiras?

— Não é uma mentira — suspirou baixo, como se quisesse me contar um segredo e cerrei os olhos. — Essa informação pode mudar o rumo das nossas histórias completamente.

Fiquei calado, estudando seu rosto.

— Mas, como disse, sem mentiras. Você saberá tudo que descobri nos últimos meses. Sem mais espaços entre nós.

— Você acha que ainda temos salvação? — sussurrei cansado, não queria mais discutir.

Eu estava com raiva, e sabia que as batidas do meu coração estavam sangrando a cada maldita respiração. Provavelmente estávamos mais quebrados do que poderíamos dizer, o olhar machucado, a voz sussurrada, a posição defensiva. Tudo isso nos dizia que mesmo que as verdades estivessem sendo expostas, a recuperação de um coração não era costurado com desculpas.

E Augusta também viu como o buraco que tínhamos cavado estava fundo demais.

Um longa respiração, depois de alguns segundos em silêncio.

— Sim — sussurrou como um segredo.

— Então eu preciso que me mostre o quão ruim foi todos esses últimos meses, e depois, vamos ao baile dos fundadores coroar a rainha de Bash.

44

TRONO

DOMINIC CLIFFORD

Martinez tinha matado meu pai.
Martinez tinha matado meu filho.
Martinez tentou matar Augusta.
Martinez queria matar meu avô.
Martinez iria me matar.
Martinez era o ceifador.

Tudo sangrava, desde a minha primeira respiração até a última batida do meu coração.

Eu tinha alimentado a raiva para o ceifador dia após dia desde que soube da existência da maldição, mas saber quem era, e como ele tinha machucado as pessoas que amo, parecia pior. Me lembrava de todas as vezes que ele tinha sido meu amigo. Todas as vezes que tinha substituído o meu pai.

A raiva crepitou me cegando. O gosto da traição era amargo. A sua traição era amarga. Ela doía. Porque Martinez era parte da minha família. Ele era minha família. Tudo se tornava pior quando me lembrava que todas

as informações que precisava eu dava. Eu lhe dei acesso a tudo que eu amava. Eu dei-lhe acesso a Augusta.

Travei o maxilar com os punhos cerrados. Porra.

— Vai matá-lo? — embora a pergunta tenha sido pacífica, o tom de Fabian me dizia que ele concordava com qualquer coisa que eu propusesse.

— Acho que preciso apaziguar alguns demônios que atormentaram os meus últimos meses.

A raiva acumulada de meses crepitava no meu sangue, como um combustível inflamável.

— *Acha* que *só* Martinez que está por trás disso?

— Sinceramente? Hoje eu não me importo com quem a feriu, todos eles irão pagar. Eu só quero que isso acabe.

E era o que eu mais desejava, vê Augusta mais cedo inflamou a mais genuína raiva dentro de mim. Nada importava a não ser ela. E isso terminaria essa noite.

— Então o que você está pensando especificamente para essa noite?

— Não podemos sujar nossas mãos, então deixaremos que ele se enforque sozinho. Sabemos que muitos Cheffts ainda o apoiam, então convencê-los do contrário seria impossível. Vemos isso na última reunião da AAB.

— Então? — inquiriu, impaciente.

— Martinez vai tentar me virar contra os Cheffts, alegando que eu menti sobre o contrato com Augusta e usei o poder para mexer na hierarquia. Isso seria prova suficiente para que eu não mereça a coroa. E como meu avô estaria sem sucessor, um regente teria que usurpar o trono. E Martinez teria sua chance perfeita.

— E não foi o que você fez? — zombou divertido. — Enganou eles?

— *Eu não enganei ninguém* — Fabian arqueou as sobrancelhas, mas não prossegui com sua dúvida explícita. Continuei: — Então usaremos a sua própria ganância contra ele mesmo e teremos menos um pião na jogada.

— Acha que vai ser fácil?

— Mexer em séculos de tradição é como declarar loucura, mas acredito que mexer com o G5 é algo. Não sei se todos estão apoiando Martinez.

Era o que pensava, já que essa maldição era por causa da loucura do poder. Ou melhor, da ilusão. Porque ninguém obtinha o poder para ele sozinho, sempre haveria uma segunda ou terceira pessoa para influenciar na tomada de decisão.

E também não era só a maldita perseguição ao sobrenome, era sobre destruir uma vida que não tinha nada a ver com toda essa merda. Como o meu pai, embora nunca tenha sentido uma ligação com ele, eu podia fazer isso pela minha mãe.

Eu podia fazer isso pelo meu sangue.

— E depois? Iniciaremos a caça ao tesouro?

— Se isso for realmente verdade, quem sabe? Não temos nada a perder. — coloquei só mais um *pouquinho* do líquido âmbar para aumentar a coragem. — Augusta vai chegar em alguns minutos e poderemos dar início ao rito.

A ansiedade moía meu coração, tinha deixado ela na casa do seu pai antes de partir com a promessa de nos encontrarmos no baile. Bem, ela não me deixou buscá-la e não posso dizer que não fiquei chateado com a negativa. Apesar das desculpas, ainda tinha algo muito frágil que nos ligava.

Estávamos contratualmente casados, então eu poderia assumir o posto do meu avô.

— Aliás, onde ela está? Vocês não deviam ficar sempre colados depois da reconciliação?

Reconciliação, quase ri com a palavra. O nosso encontro estava muito mais para uma batalha de corações partidos do que união de paz.

— Só porque falamos a verdade não significa que está tudo bem.

Meu avô me encarou com a merda das suas sobrancelhas grossas julgadoras. Mas somente Fabian se arriscou.

— Então ainda estamos na parte delicada da história?

— Estamos na parte eliminar o inimigo e depois vemos o que vai sobrar dos restos.

Era o que tinha ficado explícito depois dela me contar os planos de Martinez. Fabian cerrou os olhos, nada satisfeito.

— Ainda acha que ela esconde algo?

— Não — falei sincero, porque sabia que Augusta tinha sido sincera quando me disse antes de partirmos que não havia nada mais que eu

já não soubesse. — Mas tenho medo quando ela diz que não pensaria duas vezes antes de dar a sua vida.

— Ah certo, *isso*. Qual o problema de pessoas apaixonadas, dispostas sempre a darem sua vida?

— Ninguém vai dar a vida por ninguém aqui.

Eu esperava que ela tivesse entendido essa parte.

— E a pasta amarela? Por que Augusta queria ela?

Sorri.

— Para Martinez ou algo assim.

— Ela deu a pasta para ele?

— Irá entregar.

— E estamos bem com isso?

— Sim.

— Sim? Cacete! Estamos de volta com as respostas curtas? — se irritou.

Revirei os olhos.

Meu avô limpou a garganta.

— Isso foi uma ação inteligente? — sua voz rouca e baixa tinha dúvidas.

— Provavelmente, não.

O seu olhar de dúvida se transformou em cautela, e eu soube que iria ouvir.

— E por que Augusta está com essa pasta? — continuou com os olhos em mim

— Não foi eu que a entreguei — dei de ombros, fugindo, e Fabian arqueou as sobrancelhas.

— Então agora a culpa é minha?

— Eu nunca disse isso.

Fabian cerrou os olhos, desconfiado.

— Por que ela me pediu para pegar a maldita pasta se poderia ter pegado?

— Um ato de confiança? — disse sugestivo e os dois homens na sala cruzaram os braços, curiosos. O clima antes pesado se transformando em algo mais subjetivo.

Fabian tinha que entregar a pasta para Augusta, não eu. Porque pelas minhas mãos ela sairia corrompida, segundo Martinez. E ele tinha total razão. Augusta estava sendo vigiada, então se Martinez a visse se

encontrar comigo provavelmente tiraria Augusta do quer que fosse que ela tinha se envolvido.

Aliás, esse esquema tinha sido a primeira coisa que tínhamos conversado, porque eu não aceitava de jeito nenhum que ela permanecesse nisso. Ela teria que romper com essa loucura imediatamente, não importava que tipo de vingança estava planejando.

— Vocês estão de segredos — afirmou o meu amigo, desconfiado, e ri nasalado. Era um bom ponto.

— *Vocês*? — inquiri, desviando.

— Não finja que não entendeu, você e Augusta, há algo.

Sorri malicioso.

— Eu diria que essa conversa já está abatida também.

Meu avô riu, o que chamou minha atenção. Seus olhos bem atentos a mim. Mas Fabian não insistiu, só me olhou com aquele rosto sério e sem paciência. Fiquei pensando que se fosse Zack, ele extrairia tudo até saber o horário que tinha saído de casa.

— Nessa altura do campeonato e ainda estamos de segredo? — Fabian inquiriu, mas eu sabia que era só uma provocação.

— Nunca estivemos de segredo — respondi sem paciência e meu avô ficou calado, apenas observando.

— Então essa noite será como? Executar o inimigo e depois? Final feliz?

— Essa são boas palavras — ri nasalado. — Mas, sinceramente? Eu acho que só saberei essa resposta depois de hoje. Não quero construir esperanças que não tenho certeza que serão sanadas.

O silêncio invadiu o clima e pensei no dia de merda que tinha tido.

Eu não estava chateado e nem com raiva dela, embora o amargo das suas ações doesse em cada parte do meu corpo. Eu sabia que ainda teríamos longas conversas até que tudo que sobrasse fosse o rio de sentimentos sem nenhuma sombra traiçoeira dos últimos meses.

Porque em palavras estava tudo bem entre mim e Augusta, mas em ações? Eu não sabia dizer. Augusta não ia desistir da sua vingança mesmo que isso a destruísse, e naquele momento, eu não poderia fazer nada a não ser pegar a sua mão e ir tão longe nisso quanto ela precisava.

Então, quando digo que sem esperanças, eu digo que a dúvida sobre como seremos depois do rito é um total mistério.

Meu celular apitou, e a mensagem com seu nome brilhou na tela.

— Augusta chegou — avisei, me preparando para ir ao seu encontro. Fabian assentiu e meu avô encarou a porta fechada.

— Dominic, antes de ir, quero conversar com você a sós.

Fabian nos deixou. Olhei para ele desconfiado.

— Sente-se aqui — mandou.

— O que o senhor quer? Deseja me falar novamente que a sua vida não tem valia?

Fred não riu dessa vez, o seu rosto sério me fez bufar e desistir. Sentei-me na poltrona à sua frente.

— Sim?

— Já ouviu que vaso ruim não quebra? — arqueei as sobrancelhas, sempre pensei nessa frase mas nunca achei que o meu avô a diria.

— Agora estamos falando em ditos populares?

— Há muito tempo que estou na mira deles, Dom — seu tom era sério e cerrei a mandíbula, tenso.

— Eu devia ficar tranquilo?

— Quero que não tema pela minha vida e deixe as coisas correrem como devem ser.

— Eu não estou ouvindo isso — me indignei. — Isso de novo? Está tão disposto a morrer assim?

Quando contei parte da conversa com Augusta e os planos para nós essa noite, ele tinha ficado quieto. Como se quisesse aceitar a informação.

— Sei que não está feliz com toda a situação

— Está falando para eu deixá-lo morrer? É isso?

— Eu não vou morrer, Dominic, pare com isso — sua voz rouca estava irritada. — Está com medo da morte?

— Não.

— Então por que a teme?

Cerrei os olhos.

— Por que *você* não a teme? — devolvi a pergunta e ele bufou, como se tivesse cansado. E talvez ele realmente estivesse.

Um longa respiração veio dele.

— Eu já vivi o suficiente, Dominic, não posso cobrar do destino mais do que ele pode me dar.

— Eu espero que essa merda não seja uma despedida — falei ríspido e Frederico balançou a cabeça.

— Ainda há muita coisa para vivermos, garoto. Não será agora que vou morrer, ainda quero ver se realmente consegue segurar o peso da coroa — riu amargo, mas não conseguia ver graça nas suas palavras.

Então o silêncio veio e os meus pensamentos foram diretos para Augusta.

A noite de hoje era um mistério que estava ansioso para desvendar. Eu não sabia como seria o final, mas com certeza sabia que terminaria partido como toda essa loucura começou um ano atrás.

— Você não disse muito sobre sua conversa com Augusta — quebrou o silêncio por fim e passei a mão nos cabelos, querendo descontar a frustração.

— Não tenho muito o que dizer — nada que os relacionava era necessário dizer. Outra respiração longa do meu avô. Uma risada nasalada.

— Não precisa me contar — pensou alto, não olhando nos meus olhos. — Eu só peço que… Não desista, Dominic.

— E eu desistiria de que, exatamente? — desafiei, não querendo trazer o assunto Augusta.

— Quer um conselho?

— Tenho escolha?

— Não lamente pela história de vocês, filho. Encare-a de frente, sem medo. Uma das únicas coisas que não podemos comprar é um novo coração, ou apagar da memória o nosso passado. Mas podemos fazer recomeços, podemos decidir nos dar uma nova chance. E vocês podem fazer isso, passaram por coisas suficientes para deixar tudo acabar assim. E serão a peça principal da Associação em algumas horas. — suspirou se levantando e colocando a mão no meu ombro. — Então não lamente.

As palavras do meu avô moeram o meu peito e fiquei em silêncio enquanto todas as possibilidades giravam em minha mente. Saí do cômodo médio que tinha no térreo da mansão sem lhe responder.

A raiva era uma emoção crescente, estava perturbado e a insegurança do que sobraria de nós me comia. Eu a amava, e por pior que tenhamos sido um com o outro no último ano, ainda estávamos dispostos a continuar. Era o que tínhamos combinado quando saímos de casa.

A ansiedade por vê-la quase me comeu antes de olhares curiosos se voltarem para a porta central. Engoli em seco com a visão.

Augusta estava em um vestido vinho marcando todas as suas curvas. Delineando toda minha razão e loucura por saber que ela era minha.

Seu rosto estava impassível, e toda a muralha que havia usado comigo em todos os últimos meses tinha se tornado uma máscara perfeita. Porque já não era uma mentira, era a sua armadura. Então ali eu vi a mulher por quem era apaixonado. Vi a garota que tinha despertado todos os meus sentidos anos atrás. A minha Augusta. A minha rainha.

Bem, Augusta tinha chegado e daríamos fim ao nosso pesadelo.

45

FIM DE JOGO

AUGUSTA VENDETTA

Ser burra tinha o deixado vivo durante um ano.

Não que eu achasse que Martinez *não* fosse realmente matá-lo a sangue frio igual tinha *tentado* fazer comigo. Mas, há muitas formas de machucar alguém antes de realmente o *destruir*. E há muitas formas de destruir alguém sem ao menos tocá-ló.

Eu sabia que tinha ferido Dominic, e não tinha ideia de como refazer a nossa história.

Eu não sabia como seria nosso fim, não sabia se sobreviveríamos até o final da noite. Pois por mais que tivéssemos mergulhado no caminho da verdade, as sequelas das mentiras eram feias

Seja minha rainha hoje a noite, amor.

A mensagem brilhou no celular e um frio na barriga me embargou enquanto o carro parava em frente à mansão Willians. Guardei o celular na bolsa sabendo que ela não seria revistada.

Uma última jogada. Uma última mentira. Eu tinha lhe prometido. Um sorriso falso.

Encarei a entrada como se ela fosse um monstro, olhares curiosos sempre me observando.

— Nunca achei que seria negado pelo meu próprio sangue — a voz masculina e familiar me assustou, e virei-me para encarar o homem que há alguns meses não via.

— Meu Deus, tio Alek! — quase gritei surpresa, vendo o homem alto de cabelos castanhos cruzar os braços. — Não sabia que tinha chegado.

Eu realmente estava surpresa, pensei que viria para o fim do ano ou Natal.

— Se tivesse presente na Stilk essa semana, saberia — provocou e não pude retribuir o sorriso que me deu. Eu sabia que era um comentário inocente, mas esse comentário me partiu, porque tudo ainda parecia *normal* enquanto todo o meu mundo ruía aos poucos.

— Tinha coisas mais importantes a fazer.

— Imagino — Aleksander Vendetta arqueou as sobrancelhas em uma clara descrença. Mas ele sabia que não ia me explicar, então me ofereceu o braço esquerdo em um convite. — Ainda sou bom nisso.

— Em tentar *xeretar* a vida alheia?

Tio Alek riu.

— A vida da minha sobrinha não é alheia, e não, ainda sou bom em ser um ótimo cavaleiro.

Cerrei os olhos, divertida.

— Devo esperar seu nome na lista de acompanhantes ano que vem?

— Quando tiver uma dama a minha altura, quem sabe — zombou, mas eu o fuzilei no mesmo instante.

— Difícil alguma das minhas damas chegarem à sua altura quando elas precisariam *descer* vários degraus.

Sorri satisfeita recebendo um entortar de boca, nada feliz.

— Ei, ainda sou o mais velho aqui — ralhou. — E o seu tio!

— Não fale algo se não dá conta da resposta, eu nunca o deixaria brincar com minhas garotas.

— Pelo menos algo não mudou por aqui — sua resposta foi seca e não ousei olhá-lo. Apenas segui seus passos enquanto era guiada para o centro do salão.

Às vezes era fácil esquecer que Aleksander era meu tio e não um amigo rabugento mais velho.

— Então, como está a chegada do advogado oficial da AAB?

— Você também saberia se estivesse na empresa essa semana.

— Eu não vou ser perdoada pelo meu sumiço?

— Claro que não — disse sério, querendo passar uma braveza que comigo não tinha vez. — Uma CEO nunca abandona sua cadeira!

Revirei os olhos.

— Como está o Canadá?

Paramos no meio do salão e os murmúrios que antes eram baixos, aumentaram. Senti os olhares pesados em mim, e diria que o homem à minha frente seria o segundo alvo a ser comentado da noite.

Vi que seus pensamentos vagaram antes de responder à pergunta simples:

— Quente.

Arqueei as sobrancelhas

— Achei que odiasse o calor.

— Foi por isso mesmo que fui embora.

— O frio em Bash só chega daqui três meses — comentei, curiosa com suas desculpas.

— Não faça perguntas difíceis, sobrinha.

Arqueei as sobrancelhas, divertida.

— Tio Alek, está de *rolo*?

— Tios não contam sua vida para seus sobrinhos — me cortou e eu me senti diretamente motivada a descobrir o que escondia.

E tinha até montado uma resposta que o deixaria irritado, mas o silêncio gerado ao meu redor foi nítido demais para não perceber a mudança de clima.

Tio Alek arqueou as sobrancelhas para algo atrás de mim, e eu sabia bem o que tinha causado esse efeito no salão.

Ou melhor, quem.

— Acho que o dono da festa chegou — zombou sem me olhar, e desisti de resistir a qualquer coisa que ainda me prendia para buscá-lo do outro lado do salão com meus olhos.

Não foi difícil achá-lo.

Nunca era.

Seus orbes petróleo me acharam primeiro, e seus passos acompanharam sua decisão precisa. Dominic estava vindo até mim. E o maldito frio na barriga estava ali, arrepiando toda minha espinha e fazendo a merda da minha respiração engasgar.

Merda, estava com saudades disso. Saudade da sensação de primeiro encontro que ele me trazia sempre que o via. Dominic era lindo e

não conseguia deixar de suspirar baixinho todas as vezes que o encontrava.

Seus passos pararam a poucos centímetros, e seus olhos devoraram cada pedaço de mim. Estava aquecida em todas as partes do corpo.

— Augusta — meu nome soou como uma oração em seus lábios e soltei a respiração pela boca.

— Dominic — respondi, suspirando quando seu braço passou ao redor da minha cintura, me pegando de surpresa. Engoli em seco olhando em seus olhos.

— Pronta para conquistar o mundo mais uma vez, amor? — sua voz era sensual e cheia de malícia.

Empertiguei o queixo, sorrindo sem mostrar os dentes.

— Não é uma má ideia — sussurrei em tom de desafio e um limpar de garganta soou atrás de mim.

— Fico *encantado* que vocês ainda curtem esse show público — tio Alek ralhou mal-humorado, e virei o rosto arqueando as sobrancelhas.

— Não era você que tinha dito que a minha vida era da sua conta?

— Acabei de decidir que não é mais.

Tentei afastar Dominic mas o seu braço continuou firme em mim, sua mão em contato diretamente com minhas costas nua. Olhei para o seu braço que me prendia, mas seu olhar já não estava em mim.

— Aleksander Vendetta — seu tom cortês arrancou uma risada sincera do do meu tio.

— Nosso amado, Dom — tio Alek retribuiu o tom e ambos riram de seus cumprimentos.

— Isso me soa formal.

— Você me disse que eu teria que ser formal quando esse dia chegasse — Tio Alek zombou. — Já posso parabenizá-lo pela coroa?

Mordi a língua evitando formalizar meus pensamentos, e fiquei os longos minutos ali pensando como seria realmente péssimo se virássemos *exs*. Revirei os olhos para meus próprios pensamentos.

Eu não sabia dizer quando essa afinidade começou, se levarmos em conta que Dominic havia conquistado a minha família toda quando começamos a namorar. Engoli em seco, respirando dolorosamente. A minha família tinha virado *a sua* família. E uma coisa que nunca poderia controlar era o afeto que os Vendettas tinham por Dominic.

Eu uma vez pensei que por meu pai não ter tido um filho homem, a sua obsessão por um filho tivesse passado para ele. Porque fazia muito

sentido a facilidade em que Dominic se familiarizou com os irmãos Vendetta.

— É realmente *legal* vê como vocês se gostam — ironizei, interrompendo a conversa. Dei um sorriso falso. — Mas eu gosto de seguir cronogramas, então se me dão licença

Vi que o tio Alek não tinha entendido o porque tinha interrompido sua conversa para me despedir, sendo que eu poderia apenas sair como fazia toda vez que estava farta de um lugar. Mas eu tinha que avisar para que eu fosse solta do aperto de posse na minha cintura.

Dominic não queria me largar porque ele sabia aonde eu iria.

Então seu olhar foi mortal quando dei um passo para frente e seu braço caiu ao lado do seu corpo. Eu ainda não tinha desistido, e por alguns segundos fiquei com medo da nossa conversa mais cedo não ter sido suficiente.

Um frio na barriga me embargou quando seu olhar emitiu calor para todo o meu corpo com uma profundidade quente e sensual.

— Rapazes — disse antes de sair e deixar mais uma vez Dominic para trás.

A última vez, prometi.

Avistei meus pais de longe, que mantiveram o semblante neutro ao me verem. Os olhos do meu pai demoraram segundos a mais que o da minha mãe, e esperei que me chamasse. Mas ele se manteve quieto ao lado dela. Sem mais conselhos. Era somente eu.

Suspirei mais uma vez, enchendo-me de coragem, mirei a escadaria vazia que levava ao segundo andar, a qualquer momento Martinez apareceria e eu teria que lhe entregar a pasta amarela colocando em prática nosso plano. Estava ansiosa e queria que os minutos passassem mais rápido.

Mas enquanto reunia coragem para seguir para o segundo andar, um Fabian distraído apareceu do meu lado, cerrando os olhos para onde eu mirava.

— O nosso rei não está ali — me alfinetou — Ou está procurando outra pessoa?

Analisei sua postura relaxada, mas ainda sem olhar seu rosto, e voltei minha atenção para o baile dançante que acontecia.

Estreitei os olhos e dobrei o pescoço olhando para ele.

— Há algo que você gostaria de falar?

Fabian levantou as mãos.

— Longe de mim, só estou interpretando meu papel.

— De conselheiro do rei?

— Bom queria mesmo estar, mas as coisas não parecem ser tão práticas assim.

— Já se passaram três semanas, Gonzales não abandonou seu posto?

Eu sabia que o G5 não tinha mexido uma vírgula de suas bundas, mas a curiosidade me pegou ao ver Fabian inquieto.

— O problema não é esse, o problema é que parece que o *hiato* chega para todos. E não tem G5 quando somente *um* está disponível. Pelas regras, não há conselho se não tiver três ou mais presentes ou inscritos.

Fabian despejava as informações rápido demais.

— Espera — franzi o cenho querendo entender o que tinha ouvido. — Você está me dizendo que não há mais G5?

— Algo assim.

— Não vai me dizer?

— Uma informação por outra.

Ri pelo nariz.

— Você despeja informações assim, e eu quero algo em troca?

— Só estava te inteirando sobre as últimas notícias já que não vem à sociedade há alguns dias.

— Então fique com suas informações.

— Cadê o espírito de curiosidade?

— Morreu.

Fabian me olhou indignado e mantive o rosto sério.

— Gonzales se recusa a assinar a ata final. E está forçando todos os Cheffts a levantarem uma nova pauta para que seja perdoado.

Franzi o cenho.

— Foi marcado uma nova reunião?

— Estão esperando a coroação. Por mais que o G5 insista, a palavra do senhor Clifford ainda os assusta. Eles esperam pela aprovação.

— Bom, acho melhor sermos perfeitos essa noite.

Fabian assentiu e ficou calado.

— Eu preciso saber de uma coisa — disse suave, finalmente despejando o que o atormentava.

— O que quer?

Encarei seus olhos que não me diziam nada.

— Por que me escolheu para ser padrinho?

Eu poderia negar e simplesmente sair, mas algo me cortou, uma lembrança em que Fabian ia até a *nossa* casa me atingiu. Ele foi nos visitar quando Dominic contou que eu estava grávida, Dominic já o considerava padrinho do nosso filho sem nem ao mesmo sabermos o sexo.

Fabian foi me visitar na casa do meu pai, quando tinha saído do hospital.

— Você criou Dominic, e eu não pensaria em outra pessoa para cuidar e educar tão bem do meu filho se não sobrevivêssemos — Fabian engoliu em seco e pensei nas palavras que havia dito.

Era verdade e estava satisfeita com isso. Por mais que as coisas tivessem dado tão errado para mim, ainda era feliz com a decisão de o ter chamado para fazer parte da minha família.

— Obrigado — ele disse, e o olhei surpresa pela palavra. Não era algo que eu estava acostumada a ouvir de sua boca.

Acenei com a cabeça em uma singela despedida.



— Apolline está mal — fui interrompida pela segunda vez na noite enquanto esparava o maldito ceifador chegar. Já estava ficando irritada com a espera. Todos os cenários desastrosos já passavam pela minha cabeça incessantemente enquanto as expectativas ameaçavam comer a minha coragem.

Olhei para Nina, que tinha me dito que Polly estava no banheiro do terceiro andar, e fui atrás da minha amiga para saber o que tinha lhe acontecido.

Mas nada me preparou para encontrá-la sentada no chão totalmente bêbada. O seu olhar partiu o meu coração quando sua cabeça pendeu para o lado em um gesto de derrota.

— Quantas taças bebeu?

— Esssa é uma perguunta interessaaante — Polly falava pausadamente olhando para suas mãos cheias de anéis.

— O suficiente pelo visto — franzi o cenho. Não me lembrava de ter visto ela assim há muito tempo. Polly não gostava de bebidas alcoólicas e dificilmente ficava alterada. Acho que essa era a segunda vez na vida que

tinha visto ela assim. A primeira foi quando os irmãos De Martini nos deixou.

— Se eeeu *tivesse* bêba-da não estaria em cima de um salto de quinzzee ceeentímetro — ela tentou se levantar, mas empurrei seu corpo para se sentar de novo. Havia algo errado.

— Apolline? — inquiri. — O que aconteceu?

Ela riu sem graça e aguardei que sua mente lenta pelo álcool formasse algo coerente. A resposta veio amarga e sem rodeio:

— Está marcado — levantou os olhos para mim. — A porra do casamento foi marcado. Daqui dois meses — choramingou e seus olhos me procuraram desesperada.

— Ah merda.

Durante os últimos meses havia ficado desatenta à sua história, embora ela também não tivesse me reclamado de nada. Achei que a história com Nikolai tinha cessado. Eu não tinha ouvido ninguém do meio comentar. Deveria ser algo em segredo. O que não fazia sentido. Por que logo agora?

— Você ficou sabendo agora?

Balançou a cabeça negativamente.

— Tem algumas horas — murmurou chorosa. — Martinez estava com o meu pai a tarde toda. E o contrato foi assinado entre nossas famílias. Eu achei que poderia fazer isso, ser forte igual a você e olhar na cara de Nikolai. Mas não consigo. Não consigo estar no salão agora. Eu odeio o meu pai.

Fiquei tensa. Merda. Martinez estava agindo. Merda. Meu coração disparou e tentei acalmá-lo respirando pela boca.

— Fique aqui, vou procurar algo para colocarmos na sua corrente sanguínea e depois darei um jeito na sua bagunça.

Apolline fez um barulho estranho com a boca e franzi o cenho para sua situação. A verdade sobre casamentos de conveniência na nossa sociedade nunca nos foi escondido, mas viver isso parecia mais amargo do que deveria. Por isso, apesar de geralmente funcionar, algumas pessoas yentam escapar disso com afinco. Como Polly. Afinal, os sentimentos eram a única coisa válida que tínhamos, já que tudo podia ser comprado.

— Espera — sua voz grogue me parou na porta. — Chama a Alana.

— Está trocando sua melhor amiga? — brinquei, mas ela não respondeu de imediato. Franzi o cenho, esperando sua resposta.

Apolline bufou revirando os olhos.

— Quer que eu minta ou fale a verdade? — seus olhos se fecharam e ela encostou a cabeça na parede.

Cerrei os olhos desconfiada.

— A verdade.

Um longo suspiro saiu de seus lábios e eu diria que sua mente estava passeando em caminhos passados.

— Eu acho que você tem algo mais importante a fazer hoje à noite e não acho que mereça as reclamações de uma amiga solitária. Eu só me sinto… sozinha. Parece que perdi vocês duas de uma vez e às vezes não consigo lidar com isso.

Seus olhos se abriram e uma tristeza que não soube explicar estava ali. Não era sobre estar se casando forçado, era outra coisa.

Voltei a me aproximar e seus olhos acompanharam meus passos como um gato acuado.

— Desculpa por ter te deixado sozinha todo esse tempo — soei sincera. Porque também sentia que tinha a abandonado.

— Tudo bem, a gente pode consertar isso — um bocejo a pegou no meio da palavra e seus olhos ficaram baixos, fixados novamente em suas mãos. Ela sempre olhava para os dedos cheios de anéis. — Eu tenho saudades de como éramos antes, tenho saudades de como era fácil, tenho saudades *dele*. — engoli em seco, escutando. — Acho que ver você e Dominic juntos de novo me fez lembrar de como era antes *deles* partirem. Desculpa, não é culpa de vocês, eu só…

E o meu coração se partiu ao ver seu sofrimento. Porque sabia qual era aquela sensação, e não ficava feliz por ela me dizer que nada tinha sido superado. Então eu dei a ela o mesmo abraço que Dominic tinha me dado algumas horas atrás. Um abraço de casa. Um abraço de que tudo ficaria bem por mais defeituosos que fôssemos.

Então fiquei mais alguns minutos antes de mandar uma mensagem para as meninas em um “help” gigante no grupo que tínhamos de mensagem. Cuidaria de Polly e depois procuraria Martinez para acabar com tudo. Não poderia ser mais refém dos seus ataques.

Martinez estava avisando que destruiria as pessoas que amo. Enchi-me de raiva enquanto marchava pelo corredor, fúria consumia meus passos com pressa. Eu poderia fazer isso. Poderia confrontá-lo.

O corredor largo estava vazio, e os meus saltos estavam mastigando o assoalho. Ouvi o estalo de uma porta se abrindo, e o meu coração soltou prevendo o perigo. Meus passos foram cautelosos para o rumo da escada. Mas antes que eu percebesse, uma mão masculina tapou a minha boca, me puxando para um cômodo escuro e fechado, me deixando totalmente sem reação.

46

COROAÇÃO

AUGUSTA VENDETTA

Estava escuro e ouvi o barulho da tranca quando a mão abandonou minha boca e desceu para base do meu pescoço. Merda, não não não não, meu coração já pulava desesperado por uma saída, desesperado por estar coberta pelo breu escuro e ter sido pega de surpresa. Merda.

Mas quando levantei os braços para me defender, seu perfume chegou ao meu sistema, me paralisando, e merda, eu não sabia se isso era pior ou melhor que algum estranho tentando me estrangular.

— Dominic — sussurrei e um suspiro aliviado abandonou meu peito. — Merda, Nic, o que está fazendo? Está louco?

Sua respiração estava no meu rosto e a minha própria estava pesada. Não fazia ideia de onde ele estava, mas senti seus olhos me queimando. Quase podia sentir meu rosto pegar fogo.

— Eu preciso de um minuto — sussurrou rouco e inclinei meu pescoço para o lado quando seu nariz passou por ele, me inalando. O aperto da sua mão na minha garganta fez meu ventre contrair e todos os pelinhos do meu corpo lhe darem boas-vindas. — Você demorou aqui em cima — beijou o meu pescoço, me arrancando um suspiro.

— Acho que também preciso de um tempo — sussurrei, fechando os olhos, mesmo com a escuridão nos abraçando. Adorando a sensação de tê-lo tão perto. Senti o seu peito no meu.

— Você estava indo confrontá-lo — afirmou

— Eu te falei que iria entregar a pasta para Martinez hoje.

— Você ficará sozinha com ele — seu tom duro me cortou. — Não quero que encontre com ele.

Suspirei, inalando seu cheiro gostoso.

— Eu preciso. Eu preciso fazer isso — mantive minhas palavras firmes e Dominic passou a mão pelo meu rosto.

— Eu sei, mas isso não melhora em nada as minhas aflições.

Então, por um momento deixei-me ser fraca, porque com ele eu poderia ser. Com Dominic eu poderia ser quem eu quisesse, pois ele me aceitaria de todas as formas. As feias e as bonitas.

— Me sinto fraca e burra por ter ficado longe por tanto tempo — sussurrei ainda baixo, confortada pelo momento. Então lembrei de mais cedo — Tenho medo de não ficarmos juntos depois de tudo. Tenho medo de não ter valido a pena. Tenho medo de fracassar. Tenho medo de Martinez vencer.

Dominic ficou em silêncio por alguns segundos, antes de encostar sua testa na minha e sussurrar como uma sinfonia doce e cheia de agudos, fazendo meus olhos encherem de água.

— Eu odeio o que você fez todos esses meses, amor, e não posso dizer que foi a melhor escolha na nossa vida…

Então a luz do cômodo se acendeu, machucando meus olhos, e percebi que tinha sido ele a ligar. Seus olhos me encontraram pela primeira vez na noite e uma mistura de emoções embolaram no meu ventre. Sua mão agarrou minha nuca me mantendo firme ali. Meu coração saltava pela boca.

— No entanto… Você não é fraca por sentir medo ou querer desistir quando até o meu coração pede para que corremos daqui e deixemos tudo para trás sem nenhum receio. Você não é fraca por sobreviver. E sim forte demais por ter coragem de levar a sua honra até o fim. Você é a pessoa mais corajosa que conheço, linda. E eu não tenho dúvidas que será implacável.

— Nic — minha garganta queimou e a minha respiração disparou contra as batidas do meu coração.

— E não há outra pessoa mais perfeita para ser a rainha de Bash, eu nunca escolheria outra pessoa, amor. — beijou as minhas bochechas. —

Então você vai voltar para aquela porra de baile, vai dançar comigo, vai fingir que está tudo normal, vai sorrir para quem te machucou, vai dar a cartada final e quando essa noite terminar, eu vou te levar para casa e você não vai embora nunca mais.

Seus olhos sorriram e um sopro leve espantou todo meu receio. Ainda éramos Dominic e Augusta. Mesmo com partes quebradas, ainda éramos nós.

E uma certeza se acentuou em meu peito. Poderíamos ter sido as piores pessoas uma para outra nos últimos meses, mas isso não significava que deixaríamos de ser nós. Não significava que não gostaríamos de continuar sendo o pior um para o outro.

Experimentamos o amor mais puro, mas também o mais feio, e a certeza de que mesmo conhecendo o pior lado um do outro ainda queríamos ficar, era assustador. Porque eu o amava de todo meu coração e não conseguia imaginar qualquer futuro sem ele.

Eu não queria um futuro sem ele.

Eu acreditava que precisava ficar longe dele para que nenhuma merda o atingisse. Eu não queria que ele visse quão feia eu era por dentro. Não queria que Dominic se casasse com a pior versão da mulher que um dia ele tinha amado.

Mas não teve jeito, eu o transformei na minha pior versão e trouxe o pior de nós dois quando tentei nos separar.

Então agora eu sabia, precisei de um ano para perceber que nem o mais terrível desastre ficaria entre nós. Nem mesmo a dor. Nem mesmo as mentiras. Éramos Dominic e Augusta, e nada ficaria no nosso caminho.

Então marchei em direção à morte, e dessa vez ela não ia me pegar.



Estava no salão principal, e dessa vez todos os olhares estavam em mim sem nenhum pudor. Cada movimento era observado, cada gesto, cada fala. Eu era o centro das atenções naquela noite.

Eu e Dominic.

O casal de honra desde que decidimos que podíamos ser bons juntos.

— Quero saber a cor da sua calcinha no final da noite, bruxa — Dominic disse baixinho no meu ouvido enquanto fuzilava a roda que ia se formando ao nosso redor.

Avistei meu pai ao lado do senhor Clifford, ele estava em uma posição impassível, que dizia que aquele não era o melhor momento de falar com ele.

— Ficará decepcionado ao perceber que não terá nada a ser descoberto no final da noite — Dominic franziu o cenho em dúvida, mas depois cerrou o maxilar, fechando completamente o semblante.

— Você está sem? — perguntou horrorizado.

— Você sabe que não gosto que meus vestidos fiquem marcando.

Meu noivo rangeu os dentes, fuzilando meu corpo, desacreditado. Como se tentasse ver através do pano.

— Vamos logo com esse rito então — sussurrou mal-humorado e comprimi os lábios para não rir.

Sua mão pegou a minha com posse e acompanhei seus passos até ficarmos ao lado de Frederico. Martinez não estava ali, e entendi a posição do meu pai quando sua voz soou alta e mortal dando início ao rito de coroação.

Meu pai estava sendo a voz do senhor Clifford naquela noite. Ele era o familiar mais próximo masculino por causa do contrato entre nossas famílias.

Lembrei-me da vez que Dominic tinha sido apresentado à sociedade pela primeira vez, como o príncipe, e como agora estava sendo nomeado como rei. E eu estava ali novamente. Registrando mais um momento.

Senti meus ombros tensos e a pressão dos acontecimentos da noite comer cada resquício de tranquilidade que tentava buscar.

Meu pai começou a ler o documento oficial da Associação Aristocrática de Bash:

— Pelas regras estabelecidas no pacto de fundadores, é elegível que se passe a coroa para o próximo herdeiro legítimo desde que ele tenha um contrato pré estabelecido com outro sobrenome legítimo ou passível de negociação matrimonial. É elegível também que siga tradicionalmente os ritos familiares a partir de um contrato selado…

Uma longa e extensa cláusulas de contratos foram lidas, pois toda vez que se mudava algo na hierarquia de Bash, todo o livro dos fundadores

tinha que ser dito em voz alta para todos ouvirem. Para que todos concordassem.

Cantamos o hino oficial da cidade logo em seguida e juramos a bandeira.

Frederico Clifford foi o primeiro a ir até a base das escadas, onde a torre da bandeira estava, e fez reverência à sua pátria colocando a mão no peito e a outra na barra.

Depois foi Dominic, depois Damian, depois eu.

E assim seguiu os representantes de cada degrau na pirâmide com suas famílias. Demorou quase uma hora para que todos fizessem o juramento.

— O poder é justo, entretanto exigente. Não há espaço para arrependimentos, uma vez jurado, uma vez comprometido. Então se abre espaço para terminar um legado e se iniciar um novo.

Dominic se pôs ao lado do seu avô no centro, e Fred estendeu sua mão direita colocando no ombro esquerdo de Dominic.

Era um gesto simples, mas que arrancou uma atenção meticulosa de todos ali. O legado estava sendo passado. Depois dali Frederico não seria mais o primeiro na linha, todos a partir daquele momento se portariam a Dominic e somente a ele.

— Você é o meu herdeiro, Dominic — Frederico disse. — Tudo que é meu, é seu, inclusive o meu trono.

Um silêncio respeitoso os saudou, e em um modo figurado eu diria que aquela era a hora perfeita para se pôr uma coroa dourada em sua cabeça.

— Agora vamos às promessas — meu pai continuou, nos guiando perante o livro dos fundadores. Fui até o centro onde antes estava Fred, ficando no seu lugar. Dominic pegou as minhas mãos geladas. — O poder só é tomado quando dois impérios estão dispostos e uma vez que o contrato nupcial for assinado, o selo da promessa será derramado. Assim, pelo poder instituído nas leis dos fundadores, é justo que se comprometa com o sangue real, abdicando-o em razão de estar ligado à proteção dos fundadores. Se apresentem.

Um frio na barriga me saudou quando os olhares curiosos *me* acharam. Expirei pela boca, querendo acalmar meu coração. Procurei os olhos de Dominic que me aqueceram, me deixando menos nervosa. Suas mãos apertaram as minhas e me senti quente.

Meu pai, que guiava o rito, esticou em sua mão o contrato nupcial reconhecido pelo conselho nos últimos dias.

— Augusta Vendetta Ashilla, pela promessa de sangue, você reivindica o seu nome para se tornar única e exclusiva, dedicando sua vida ao sobrenome Clifford?

A busca pelo controle da minha respiração foi a fio. A adrenalina me sugou, me deixando agitada. Dominic me olhava atentamente, e não ousei escapulir do rio que me confortava.

— Prometo — disse firme. Afastando todos os meus medos. Estava realmente acontecendo.

— Pelo poder instalado no livro dos fundadores, e pela prova contratual reconhecida pelas duas assinaturas presentes, Dominic Clifford ocupa a maior cadeira na mesa. Vida longa ao rei e rainha de Bash — meu pai disse em um rompante alto. — Que os afortunados sejam os mais astutos!

— E que produzem em rocha sem deixar o outro cair — a plateia presente foi como um coral.

Então em um singelo gesto, eu *vi* um leve inclinar de cabeças de todos ali. E todos os pelinhos do meu corpo se arrepiaram.

Devoção.

Respeito.

Meu coração parecia sair pela boca.

Eu estava vidrada em suas ações. Deslumbrada.

— Vê amor? — Dominic sussurrou no meu ouvido e eu não tive coragem de desviar o olhar das pessoas na nossa frente. — Vê como o mundo é todo seu, minha rainha?

Dobrei o pescoço, me deparando com a expressão no seu rosto que, arriscava a dizer, era a mesma da minha.

Adoração.

Excitação.

Queria beijá-lo.

Eu iria beijá-lo.

Sua mão encontrou a minha me puxando para a valsa. E eu fui. Porque era dele. Era completamente entregue a ele. Eu o amava e faria qualquer coisa por ele. Dominic era meu ar. E não há nada que eu não faria por ele.

Juntei nossos rosto me embriagando no seu cheiro. Seu braço me segurando no lugar. Me mostrando que o meu lugar era ali, perto do seu coração.

Então mais uma vez e a última, eu tive que ser arrancada dali para marchar em direção a morte, quando o ceifador chegou cobrando sua dívida.



EXILADO

AUGUSTA VENDETTA

Subi as escadas determinada, encontraria o meu pesadelo e tudo acabaria. Eu estava pronta para isso, tinha o peso de um ano cobrando uma dívida grande demais. E a ansiedade me comia enquanto os degraus se desenrolaram e a minha bolsa pesou.

— Cadê a pasta? — Martinez perguntou sem rodeios quando atravessei a soleira da porta.

Adentrei o cômodo cautelosa, odiava todas as vezes que tinha que olhar para sua cara e lembrar que ele tinha tentando me matar a sangue frio. Cerrei os olhos ao redor da sala quase vazia, tendo somente uma estante de madeira que ocupava toda uma parede com livros antigos.

— Aqui — estendi a ata revestida por um plástico amarelo e Martinez olhou desconfiado, pegando o objeto de brochura. — O que vai fazer com ela?

— Não é da sua conta — disse ríspido. — Está pronta para ver o rei morto?

— Farei o que me foi pedido e nada mais — mantive a posição firme, sem tremer as mãos ou vacilar com a respiração acelerada.

Martinez dobrou o pescoço e sorriu maldoso. Percebi seus passos lentos em minha direção que logo pararam.

— Não brinque comigo, você irá perder — ameaçou. — Não pense por um segundo que está um passo à frente, porque não é verdade. E se pensa em fazer alguma coisa contra mim, desista.

Trinquei o maxilar com a raiva consumindo toda minha pele. Estava farta dos seus joguinhos.

— O que te faz pensar que iria te enganar? Pelo que me lembro, você me fez mentir. Você que tentou me matar. Você está jogando, eu só quero a minha liberdade. Eu quero Dominic vivo como prometeu.

Martinez estalou a língua como se parecesse decepcionado.

— Você me decepciona assim, *bela* Augusta.

O nojo das suas palavras fez meu estômago embrulhar.

— Estou farta, só quero que me deixe em paz. Foi um ano sendo cúmplice das suas artimanhas.

— Um ano se passou e você ainda continua viva — debochou amargo. — É uma dádiva, não?

— Está admirado?

— Eu diria curioso, achei que tentaria me matar nesse um ano. Acho que criei uma expectativa falha, porque vi o quão fraca você continua sendo.

— Eu sou fraca por não tentar te matar nesse um ano? — ri amarga. — Uau, isso realmente me fez pensar sobre a minha inteligência — ironizei.

— Você jogou meu tempo fora. Acha que estar perto dos seus inimigos te levou a algo? Achei que você enlouqueceria ao ponto de deixar que Dominic morresse só pelo sabor da revanche. Mas você ainda não fez nada, e tenho que dizer que estou terrivelmente decepcionado.

— Eu nunca me misturaria com a podridão. Nunca seria como você.

Martinez soltou uma risada sem nenhum pingo de graça.

— Acha que não sei o que pensou esse tempo todo? Você queria buscar um ponto fraco meu e falhou de novo Augusta, eu te dei uma chance de ser igual a mim e você a negou todas as vezes que se recusou a sujar suas mãos. Você é tão suja quanto *eu*, você se acha melhor sendo que mentiu esse tempo todo como uma covarde de merda.

A raiva crepitou no meu âmago e mordi a língua com um olhar mortal. A respiração irregular querendo me desestabilizar. Martinez estava querendo me desestabilizar. Mexer com o meu psicológico como tinha feito todos esses meses.

Hoje não. Hoje ele não ia me destruir.

— Você está enganado, Martinez, eu não tentei ser melhor do que você. Eu não tentei ser uma coisa que eu já sou. Você não é nada, é somente um homem solitário que tenta se apegar ao passado atrás de um lugar que não existe. Se eu sou fraca por não sujar as minhas mãos, você é um tolo por acreditar que um lugar escondido resolverá todos os seus problemas.

Ele gargalhou.

— Ah criança… Você não aprendeu nada! No final dessa noite vou matar você e Dominic como fiz com o bebê de vocês um ano atrás — minha espinha gelou quando despejou veneno puro, inflamando minhas feridas e fazendo minha respiração falhar. — E você novamente não fará nada, porque é uma covarde.

Uma raiva obscura me encheu, cegando-me de uma forma infernal. Dei um passo para trás me sentindo em chamas, eu iria destruí-lo essa noite, não importava o que sobraria de mim, eu iria vingar as minhas feridas.

Então percebi que dar o que ele queria não seria o suficiente, ele queria corrigir o erro de meses atrás. O erro de me deixar viva. Ele queria um embate. Ele queria que eu reagisse a tudo que ele tinha me tirado. Porque eu não o tinha dado nada, ele não merecia nada, nem minha raiva, nem minhas lágrimas, nem o meu confronto. Em todos esses meses, eu só lhe dei frieza. Eu fui a sua vítima perfeita.

Com uma voz fria e totalmente diferente que estava acostumada a brandar, empertiguei-me nas palavras amargas:

— Sabe por que esperei por tanto tempo para reagir?

— Covardia? — zombou.

— Você quer a coroa que eu ganhei sem muito esforço, você quer a devoção que as pessoas têm por mim. Você é uma nada, Martinez — despejei toda a fúria que tinha. — Espero que seja feliz dentro de um caixão.

— Vai me matar?

— Eu não sujaria minhas mãos com você.

— Fraca. Decepcionante. Patética.

Martinez riu e algo se partiu dentro de mim. Eu queria despejar tudo. Eu precisava disso. Eu sempre soube que sua intenção não era me manter viva, na verdade, ele nunca quis manter nenhum de nós dois vivos, e a troca da localização era só uma forma de me manter por perto enquanto seu momento chegasse.

— Não. Eu só fiquei perto de você por achar que ia conseguir algo que valesse a pena, que valesse o *meu* tempo. Só que por você ser um grande merda Martinez, não vale o risco. Você não merece nada que venha de mim! Mas ao contrário de você, eu sim consigo o que quero. E descobri exatamente o que estava procurando.

— Você não sabe de nada — seu tom vacilou..

— Não? Acha que sou burra para não saber que ainda procura a maldita mina? Acha que me esqueci das suas malditas palavras quando estava correndo atrás de mim para me matar?

— Você sabe onde está a mina? — sorri sem dentes. — Por que está falando isso agora? São palavras vazias.

— Por que escolhi esse dia para te falar isso? Porque queria que você visse que eu tenho tudo que você nunca vai ter. Uma coroa. Uma cidade. Uma família. Você é sozinho, Martinez, tornar-se ceifador te deixou solitário. Nem o seu filho te suporta.

Mas ao contrário da raiva que esperava explodir dele, recebi um brilho maldoso no olhar. Como se estivesse gostando de ser atacado, e isso fez meu estômago embrulhar.

— Bom, estou feliz que tenha mostrado suas garras, bela Augusta, isso me mostra que vai conseguir provar sua coragem no final da noite.

Meu olhar de horror não passou despercebido, e engoli em seco, atônita.

— Eu não me importo com suas ameaças vazias, eu não me importo se agora resolveu agir. Você ainda me deve uma promessa e eu não vou parar enquanto ela não for cumprida. Eu não vou parar até que o último Clifford esteja morto.

Como um milhão de facas. Foi pior do que planejei. Suas palavras amargas cortando todo meu peito, tentando invalidar todas as minhas esperanças.

— Eu quero a cabeça de Frederico Clifford ao final da noite, e você vai me dar ela — ordenou, fazendo meu estômago embrulhar. — Só assim não matarei Dominic, foi o nosso acordo. Você fez um acordo com a morte.

Mas Martinez não sabia que as mentiras eram tudo que eu tinha, e eu não tinha nada mais a oferecer senão elas. E eu não me importava em quebrar promessas. Eu não me importava em ser uma mentirosa.

Então decidi que não poderia esperar até o final da coroação, não poderia deixar que ele tentasse mais uma vez matar a minha família para só assim intervir. Eu não poderia deixá-lo ir embora mais uma vez com a falsa vitória. Eu não poderia esperar pela sua sentença.

— Eu não vou matar Frederico Clifford, e isso acaba aqui. Não irei mais ouvir as suas ameaças. Se quiser, faça você mesmo, como fez com todos os outros Clifford. Como fez com o tio David na fábrica.

— É um péssimo momento para agir, Augusta, não é porque a mansão está cheia que não posso tentar te matar de novo. Como você mesmo sabe, eu deveria corrigir esse meu erro trágico. Te deixar viver foi um erro.

Mas em uma ação rápida, alcancei a minha bolsa:

— Você tem razão, Martinez, não é porque a mansão está cheia que não posso te matar. E não, me deixar viver *não* foi um erro. Foi a *sua* morte.

Então estendi a arma que tinha guardado comigo há uma ano, a arma que tinha tirado as perguntas mais inquestionáveis de mim. Que tinha arrancado a minha coragem, me pressionando se eu teria mesmo coragem de matá-lo.

Os passos de Martinez vacilaram para trás e eu avancei dois, atingida pela cegueira, sentindo todo meu corpo em equilíbrio com a minha mente. Eu *queria* isso. Eu queria matá-lo.

A minha mão não tremeu. E a dureza do meu braço inflamou a minha coragem. Um fôlego. Mordi os dentes. Todo sangue perdido encharcando a minha razão. Ouvia os meus próprios gritos. Ouvia o meu próprio desespero.

— Você não merece viver, Martinez.

Seu olhar foi cuidadoso. Ele parecia não estar com medo, pois se manteve quieto, aguardando que eu atirasse.

— Vai me matar? — sua voz não emitia emoção.

— Vou — e as minhas palavras eram tudo que eu tinha.

Então eu senti que tinha tudo nas mãos, apesar de Martinez demonstrar uma posição imponente, quem estava com a morte era eu. A sua soberba em achar que eu não ia reagir o cegou. O levou para longe dos meus objetivos. Martinez estava encurralado. Eu estava no controle.

— Sem negociações dessa vez?

A raiva salpicou minha língua selvagem.

— Você me deu escolha quando matou o meu bebê?

Seu pescoço dobrou e eu me perguntei se o seu olhar tinha ido até a porta. Seus passos vacilaram.

— Então *agora* você é igual a mim? — as palavras cheias de veneno não me atingiram.

— Não, agora *você* está igual a mim. Correndo como um rato.

Martinez soltou uma gargalhada forçada. E talvez eu estivesse atordoada demais para notar qualquer reação diferente do seu corpo em defesa.

— Eu duvido que atire, são ameaças vazias. Como a localização da maldita mina que você *não sabe*. Está blefando. Como tudo que faz. Está mentindo.

Destravei a arma e o barulho estalou entre nós.

— Ainda duvida?

Martinez ficou quieto e aquele era o momento perfeito. Todas as lembranças me arrebataram, e eu me vi realizar o desejo que tanto reguei ao longo dos meses. Martinez estava ali, eu podia arrancar dele a mesma coisa que fez comigo. A vida. Ele tinha tirado uma vida de mim sem pestanejar.

Senti a raiva nascer genuína e fatal no meu âmago. Eu poderia fazer isso.

Mas depois…

Tudo era nada. Matar Martinez tinha se transformado em nada. Porque ele iria deixar esse mundo com todas as mortes que tinha acumulado para trás. Depois da sua morte, tudo que sobraria era nada. Eu iria ficar sem nada. Eu apodreceria.

Travei o maxilar ainda com a mão muito firme.

Eu não podia matá-lo, eu não queria me tornar como *ele*. A vingança não iria me tomar. *Eu* iria domá-la. E eu poderia ser pior, matá-lo não era suficiente. Eu tinha que tirar tudo dele. Como ele tentou fazer comigo.

Então, eu abaixei a arma.

Martinez riu em deboche.

— Viu? Patética. Tem tudo em mãos e está jogando a oportunidade fora novamente. Como fez todo o último ano. Esteve perto da morte e não

quis pegá-la. Você me decepciona, Augusta. Você não é uma Vendetta, porque os Vendettas não se acovardam. Eles vão até o fim.

Eu não tinha mais nada para falar. O vazio me abraçou, me devastando. Era o fim.

Então fiquei estática quando seus passos vieram para a minha direção, e eu me senti como um ano atrás. Como uma lembrança. Como um pesadelo Prendi a respiração. Martinez marchou pisando duro. O meu coração disparou, agitando todo meu corpo. Eu achei que ele iria me tocar.

Mas a porta já estava aberta, com policiais fardados prontos para levarem Martinez. Karen Smith estava ali.

— Como ousam… — mas as suas mãos já estavam algemadas. — Tirem a mão de mim!

— Martinez Reaper, você está sendo condenado — Karen puxou um pergaminho preto, lendo: — Cláusula quatro, parágrafo dezesseis. Todo aquele que tentar contra o sangue real tomará para si a punição mortal do pacto de fidelidade.

O rosto de descrença de Martinez foi o que precisava para dar singelos passo para fora do quarto. Dominic estava ali parado, encarando Martinez com uma expressão indecifrável.

— Vocês não podem fazer isso — Martinez tentou se soltar mas foi levado. A confusão estampada em seu rosto. E eu vi quando seu olhar encontrou Dominic, e foi como se algo se partisse bem ali.

Dominic se manteve estático, totalmente impassível. E o meu coração sangrou. Martinez era sua família. Dominic estava sendo partido de novo e isso me machucou.

Acompanhei com os olhos eles descerem as escadas no final do corredor. O peso invisível da dor ainda presente entre nós quando eu me aproximei de Dominic. Busquei seu rosto com medo do que iria encontrar ali, porque a verdade estava sendo exposta. Sua mão alcançou o meu pescoço, no mesmo movimento que tinha feito minutos atrás.

— Tudo bem? — perguntei.

“Tudo bem” eu li em seus lábios. Mas não estava tudo bem. Todos os seus pedaços estavam ali. Todos os *nossos* pedaços estavam ali, prontos para se partir de novo.

— Está pronta? — perguntou e engoli em seco. Balancei a cabeça.

— Vamos fazer isso.

Dominic pegou minha mão e andamos pelo corredor atrás do movimento, e o burburinho incessante disparou em algum lugar do salão no final da escada. A minha conversa com Martinez havia sido exposta, enquanto ele proferia palavras de ameaças, todos no salão ouvia. Martinez estava sendo exposto.

Ninguém nunca soube o que de fato havia acontecido comigo, mas em um rompante a cidade inteira estava sabendo. A cidade inteira estava sabendo que Martinez havia tentando matar Augusta. Martinez tinha matado o nosso filho.

Todos olhavam o para o ceifador contido pelos policiais. Sua expressão rompia em raiva.

— Traidor! — a primeira voz desconhecida cortou o silêncio acusatório, fazendo meu coração disparar.

— Mataram o filho da rainha!

— Martinez, o traidor!

E várias vozes em coro começaram a apontar seu erro. Minha garganta secou, o choro querendo derrubar a barreira dura que tinha construído nos últimos meses, que estava por um fio.

Três rostos decepcionados surgiram no meio da roda que tinha se formado ao redor de Martinez. Era Davis, Hernandez e Garcia, seus rostos impassíveis e sem expressão. Então apenas balançaram suas cabeças, sem dizerem uma palavra e viraram as costas. Observei o rosto de Martinez que pareceu mais furioso.

— Você acha que isso acabou, Augusta? — a sua raiva foi direcionada a mim, arrancando-me um suspiro. — Você é muito burra em achar que me tirando dará fim a séculos de trabalho. Isso não é um fim — ameaçou, sem se importar quem ouvia.

— Eu não me importo se é um fim ou não, o meu objetivo era te destruir, mas eu não iria pôr as minhas mãos em você. Não quando posso deixar você me ver usurpar tudo o que você um dia quis.

Seus olhos me prometeram vingança. Mas ele não ia ter. Estava tudo terminado.

Então um silêncio absurdo se deu enquanto ele era carregado para fora da mansão.

Martinez tinha recebido como punição a morte.

O CASAMENTO

AUGUSTA VENDETTA

A verdade tinha sabor de casa.

E casa tinha sabor de Dominic.

Suspirei baixinho quando sua mão alcançou a minha, levando aos lábios. Ele estava dirigindo enquanto eu adorava a cidade através do vidro escuro do seu Jeep e sorri ao pensar que manusear o seu carro era uma das coisas que ele não abria mão. Ele não era muito fã de motoristas guiando seu caminho.

Dominic mantinha um semblante sério e concentrado no trânsito e eu admirava cada pedacinho do seu rosto que era iluminado por alguns reflexos externos.

— Você está amargo — acusei, porque sua cara não era das melhores há alguns dias.

— Eu não gosto de termos que sair de casa.

Estreitei os olhos, desconfiada.

— Por que não quer sair de casa? — não me lembrava de Dominic ser tão caseiro. Na verdade, ele sempre gostou de estar em lugares diferentes.

— Quer que eu liste?

— Por favor, *futuro marido*.

O sorriso de Nic expandiu e prensei os lábios, satisfeita por desfazer sua carranca.

— Bom, depois da coroação, me sinto sem tempo, eu realmente não acreditei que teria minha bunda alugada por tantas horas. Meu avô está adorando me ver lutar com os Cheffts

— Você estava ansioso para isso, não reclame. Abrace a coroa enquanto ela ainda é leve. E segundo?

Dominic cerrou os olhos para minha resposta quando paramos no último sinal antes de chegarmos ao salão dourado.

— Eu achei que ao voltarmos a morar juntos te veria mais, mas você está sempre sendo tirada dos meus braços. Isso é a pior parte. Estou terrivelmente decepcionado e com saudades — disse, emburrado. — Não estamos conseguindo ter *nossos encontros.*

— Não seja mimado, Nic, estamos todas as noites na mesma cama. E temos tempo, sim. Estamos saindo toda semana para um lugar diferente desde que me convidou para ter *encontros* — zombei a última palavra, arrancando um fuzilar de olhos petróleo.

Estávamos tendo encontros românticos há alguns meses porque Dominic disse que *tínhamos* que nos reconquistar. Eu não contrapus em nenhum momento, eu amava cada detalhe nosso e estava me apaixonando cada vez mais pela nossa nova versão. Dominic cuidava e amava cada momento que tínhamos, e ficava mais disposta a amá-lo e cuidar dele.

O estrago que tínhamos feito um no outro era algo, e estavamos trabalhando para curar as nossas feridas.

— Amor, temos um casamento em andamento. Tudo que menos temos é tempo.

— Eu me sinto cheia de tempo, isso é falta de organização — acusei e Dominic me olhou horrorizado.

— Está me dizendo que suas tarefas na Stilk estão fáceis?

— Eu sou uma pessoa organizada.

Chegamos ao salão dourado onde iria ocorrer o noivado de Polly.

— Estou dizendo que a organização é a chave de tudo.

— Tudo bem, senhora organizada — Dominic saiu do carro primeiro, abrindo a porta para mim em seguida, e aceitei sua mão sendo guiada para o saguão dourado.

Tiramos uma foto juntos marcando nossa presença, e aceitamos as boas-vindas das recepcionistas sorridentes. Não deveríamos dar cumprimentos a ninguém, pois éramos o rei e a rainha, tínhamos que ser saudados, não o contrário. Então caminhamos para nossos acentos marcados sem sermos interrompidos.

O salão estava incrivelmente cheio, não sabia de onde havia surgido tantos convidados em tão pouco tempo de preparo. Mas eu previa que metade daquelas pessoas não eram seus parentes reais, e só estavam ali por um motivo: negócios. Assistindo mais um império sendo feito.

Nessa noite a família honrada era de Polly, então sua mãe, seu pai e Nikolai, que já estavam ali, ocupariam as cadeiras próximas ao centro.

Abri o aplicativo de mensagem lendo os oito recados que Polly tinha mandado no último minuto. Ela estava bufando de raiva pelo seu noivado. E eu me encontrava um poço de frustração por não conseguir fazer nada. Seu pai estava sendo irredutível nos últimos meses.

— Polly terá um infarto — sussurrei para Dominic, que montou uma posição dominante em sua cadeira, com os cotovelos apoiado no braço.

— Seu destino para homens não é muito bom — se inclinou para cochichar no meu ouvido e fechei a cara quando ele beijou minha bochecha. — E não venha me dizer que gostava de Maximillian. Um frouxo que se acovardou quando as coisas ficaram feias.

— Ele é um bom irmão — tentei defender, mesmo que de forma falha.

— Os irmãos De Martino não são exemplos de fraternidade, amor.

Arqueei as sobrancelhas, a mesa sendo preenchida rapidamente depois que sentamos. Dominic aceitou o copo que foi servido pela metade com whisky.

— Mas só estou trazendo fatos — continuou depois que não o respondi. — E pelo que me lembre, vocês poderiam estar casados hoje. Já é motivo para eu não gostar dele.

Revirei os olhos, o assunto antigo demais para dar importância.

— Ele é melhor que Nikolai.

— Qualquer pessoa é melhor que um *Reaper*.

O peso do sobrenome pairou entre nós e Nic desviou a atenção, sendo entretido por Carl, que começava destrinchar um assunto sobre a AAB.

Martinez foi exilado, mas isso não significava que Polly estava livre do seu destino. Nikolai, que parecia aéreo a toda situação, pediu condolências depois que Dominic tinha proibido sua entrada no salão dourado. O que tinha me causado uma grande surpresa.

A pedido de Carl Phillips, Dominic teve que aceitar sua volta aos bailes, pois não havia nada que o impedisse de frequentar os eventos. E Dominic era rei, não podia proibir sem uma pauta concreta só porque *queria*. Suas ações eram frequentemente monitoradas. Apesar disso, não fazia metade das ordens que lhe eram dirigidas.

Nikolai tinha negado saber sobre todo plano arquitetado do seu pai, e diante do conselho seu pedido foi aceito pois seu histórico era limpo. Ele parecia sincero, apesar de estar destruindo a vida da minha amiga.

O G5 agora tinha virado G3, Gonzales não conseguiu sua restituição e Martinez estava preso. A data do seu julgamento ainda não tinha sido marcada, e isso era muitas vezes motivo de discussão na AAB.

O tio Alek tinha chegado em um bom momento, ele sabia, pois a saída de dois apoiadores mexeu com a Associação, e as águas foram divididas, pois alguns Cheffts se afastaram. E vimos a influência que Martinez tinha entre eles.

Um aperto na minha coxa direita roubou a minha atenção, e notei que a nossa mesa já estava cheia.

Meu coração se partiu quando uma Polly silenciosa sentou à mesa não olhando para ninguém. A maquiagem em seu rosto não escondeu suas bochechas inchadas e olhos fundos. Eu queria fazer algo, *qualquer* coisa. Mas eu não podia. Não conseguia. Interferir em um casamento estava além do meu alcance.

Então Dominic levantou, fazendo os primeiros cumprimentos. Saudando os noivos presentes e dizendo como éramos fortalecidos pelo pacto nupcial. Eram palavras bonitas, e eu amava ouvi-lo falar. Amava seus discursos e não perdia um. Mas naquela noite tudo parecia ruim. Tudo parecia errado. As suas palavras não pareciam verdadeiras.

Polly estava vazia e isso me perturbava.

Assim que Dominic apresentou os noivos oficializando o compromisso, um silêncio absurdo pesou sobre o salão e, como uma manada, todos os olhares foram em direção ao saguão.

Os de Nic me encontraram e arqueei as sobrancelhas, querendo saber o que tinha acontecido, e levantei da cadeira para seguir o seu olhar.

Suspiros altos.

Então uma risada.

Uma risada que por muito tempo achei que não ia mais ouvir.

Uma figura alta e loira se prostrou na porta do salão, e ouvi cada um de nós perder o fôlego. De longe também consegui ver um sorriso perverso, com mil intenções para cada um de nós. Uma vingança dolorosa e particular para cada um que ajudou a foder a sua vida.

— Eu tenho uma pergunta — ele caminhou alguns passos, entrando no salão. Todos os olhares atentos. — Não é errado uma pessoa se casar

duas vezes?

E ninguém ousou respondê-lo. Maximilian De Martini estava ali… bem, acho que o nosso inferno estava realmente começando. Porque onde Max estava, Francesca também estava. E que Deus nos ajudasse, a cidade de Bash estava prestes a enfrentar o maior furacão da Costa.

FIM.

AGRADECIMENTOS

Se eu *nunca* achei que escreveria notas iniciais, um agradecimento é o auge para quem desistiu de cada capítulos no mínimo dez vezes antes de escrevê-lo.

Escrever esse livro não foi fácil, foi mais difícil do que esperava. Porque não era só sobre escrever várias palavras em um dia e estava satisfeita com o que me propus a entregar. Era lutar contra a minha própria mente, lutar contra as minhas próprias críticas comigo mesma. Era sobre ser menos maldosa comigo e me dar mais crédito naquilo que almejava.

Então publicar esse livro é muito mais do que um sonho, é provar para uma garota de quinze anos que tudo valeu a pena. Que ela ainda continua viva, que ela ainda pode conquistar o mundo.

Primeiro eu gostaria de dedicar um parágrafo inteiro a Deus, eu sou uma pessoa movida pela fé, e não poderia deixar de agradecer imensamente todas as maravilhas que Ele tem feito na minha vida nos últimos meses.

Antes de voltar a escrever e decidir de fato que iria me arriscar e fazer a minha primeira publicação em 2024, eu tive que abrir mão de muitas coisas para que eu percebesse que esse era o melhor caminho que eu deveria tomar.

E bem, abrir mão e dizer não muitas vezes me feriu. Me perguntava se tudo que estava passando valeria a pena, se eu me valeria.

Eu sou muito grata e feliz pelas minhas escolhas, e acredito que Deus está sempre ali pertinho de mim me dando toda força e ânimo que eu preciso para conquistar todas as coisas que quero.

Segundo é um parágrafo todinho para minha mãe… Jesus, o que eu seria sem essa mulher maravilhosa que me apoia nas minhas pequenas batalhas? Eu tenho certeza que nada seria igual se eu não tivesse o seu sim,

se eu não tivesse as suas palavras de conforto e incentivo me dizendo que eu poderia sim continuar. Acho que é imensurável o que essa mulher tem feito por mim nos últimos meses. Obrigada mãe, por ser a melhor mãe do mundo!

E claro, não poderia deixar de escrever algumas linhas especialmente para meus irmãos. Eu amo tanto vocês, vocês são tudo para mim, eu amo ser amada por vocês e amo ainda mais ser irmã de vocês. Obrigada por me fazerem felizes e serem o meu respiro fresco.

Para minhas leitoras do wattpad! Foi uma das experiências mais incríveis que tive. Vocês foram essenciais para o meu processo de descoberta e aceitação de que eu poderia talvez ser boa com as palavras. Obrigada por serem a luz no meu dia, obrigada por me falarem palavras de conforto, obrigada por terem paciência comigo em longos dois anos de bloqueio criativo e insegurança, obrigada por me deixarem ser a autora favorita de vocês!

Esse com certeza é a maior conquista para um autor, perceber que a sua obra pode mexer com as suas emoções e ver que de alguma forma aquele texto pode te mudar.

Um agradecimento especial a Yasmin, obrigada amiga por ter feito tanto por mim. Obrigada por ter falado que meu paragrafo estava ruim e que eu precisava melhorar.

Obrigada Evelyn por estar comigo nesses últimos dias e cuidar do meu livro com tanto carinho.

As minhas lindas amigas, Leonor, Yasmin e Isadora, eu amo vocês e amo tudo que a gente é. Obrigada por me apoiarem e serem a minha equipe. Obrigada por serem as minhas pessoas.

Um carinho especial a minha design, as minhas parceiras maravilhosas e a todas aquelas que fizeram de alguma forma, parte desse lançamento.

Estou orgulhosa de mim, estou orgulhosa do que conquistei até aqui. E bem, se você leu até o último capítulo, sabe que isso não é uma despedida, e sim um *em breve.*